

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LINGUÍSTICA

ANTÔNIO TADEU GOMES DE AZEVEDO

ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO –
ASLNMAT: SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINÂMICAS

Cáceres – MT

2015

ANTÔNIO TADEU GOMES DE AZEVEDO

**ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO –
ASLNMAT: SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINÂMICAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística, sob orientação da Prof^ª Dr.^a Valéria Faria Cardoso.

Cáceres – MT

2015

ANTÔNIO TADEU GOMES DE AZEVEDO

**ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO –
ASLNMAT: SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINÂMICAS**

BANCA EXAMINADORA

PROF^ª. DR^ª. VALÉRIA FARIA CARDOSO

UNEMAT - ORIENTADORA

PROF. DR. MANOEL MOURIVALDO SANTIAGO ALMEIDA

USP

PROF. DR. JOSÉ LEONILDO LIMA

UNEMAT

PROF. DR^ª. CÁSSIA REGINA TOMANIN

UNEMAT

(SUPLENTE)

Aprovada em: ____/____/____.

Dedico este trabalho, resultado de muito esforço:

Às mulheres especiais que fazem parte de minha vida;

Minha mãe, Purcina, que há mais de 30 anos se foi, mas deixou uma saudade enorme porque sempre significou o melhor exemplo de dignidade e amor;

Minha esposa, Silvinha, que tem sido um exemplo vivo de dedicação, luta e companheirismo, razão de um projeto de vida, e

Minhas filhas, Tadiana e Tassiana, que este trabalho lhes sirva de inspiração.

AGRADECIMENTOS

Os mais sinceros agradecimentos:

Aos brasileiros que, excluídos em suas regiões de origem, migraram para o norte do estado de Mato Grosso na busca do tão sonhado pedaço de chão para criar com decência seus filhos;

Aos colaboradores, que muitas vezes assustados confundiam-me como alguém do governo e com razão, ficavam com receio de dar informações; mas que, após os devidos esclarecimentos, abriam seus arquivos na memória e falavam de coração aberto;

À querida professora, orientadora, Dr^a Valéria Faria Cardoso, que apesar das distâncias sempre esteve presente neste trabalho e sempre me inspirou como ser humano, como professora e como pesquisadora;

Aos professores, do Mestrado em Linguística, pelas palavras de estímulo e importantes contribuições na minha formação e pelo bom exemplo profissional e de vida.

Aos colegas do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), que de uma maneira ou outra contribuíram nesta pesquisa, principalmente permitindo a utilização do Questionário Semântico Lexical(QSL) nesta pesquisa;

Aos colegas da UNEMAT - Campus Universitário de Sinop, que com muita expectativa torciam pela realização desta pesquisa;

Aos colegas de turma “Linguística 2014” pelas vivências, trocas de experiências, incentivos e exemplos de vida;

À banca examinadora que dedicou parte de seu tempo para ler, comentar e avaliar este trabalho, Prof. Dr. José Leonildo Lima e Prof. Dr. Manoel Mourivaldo Santiago- Almeida.

À Silvinha, minha querida esposa e companheira que juntos decidimos enfrentar esta etapa tão importante na nossa vida.

A CAPES\FAPEMAT pelo apoio financeiro.

RESUMO

A região Norte do Estado de Mato Grosso, popularmente denominada “Nortão” é formada por 20 municípios e tem importância significativa para o desenvolvimento desse Estado. A presente dissertação resulta de uma pesquisa que objetivou descrever o contexto linguístico de contato de muitos falares do Português Brasileiro em uma região de recente ocupação pelo processo migratório interno ocorrido a partir de meados do século XX. Antenor Nascentes (1953), em sua proposta de divisão dialetal do Brasil, considerou o Norte de Mato Grosso e o Norte de Goiás, linguisticamente, como “território incharacterístico”. Atualmente, as transformações geradas pelos processos migratórios têm provocado uma nova fotografia sociolinguística dessas regiões em termos culturais, linguísticos e econômicos. Para a realização dessa pesquisa seguiu-se os pressupostos teórico-metodológicos da Dialectologia Pluridimensional e Contatual (RADTKE; THUN, 1996; 2005), para a elaboração dos cartogramas com dados topostáticos e topodinâmicos, contemplando as dimensões diatópica, diagenérica (dois homens e duas mulheres para cada grupo em cada localidade), diageracional (faixa etária I - 18 a 30 anos – e faixa etária II - 31 a 65 anos) e diafásica (questionários linguísticos e temas para discursos semidirigidos). A rede de pontos é formada por 05 localidades: Alta Floresta, Colíder, Guarantã do Norte, Peixoto de Azevedo e Sinop e em cada uma delas foram realizadas 04 entrevistas, para cada grupo de migrante que constitui a população daquela localidade, totalizando 72 entrevistas, com pluralidade simultânea de informantes. Os dados coletados a partir da aplicação do Questionário Semântico-Lexical (QSL/ALiB) em entrevistas gravadas foram transcritos e armazenados em um banco de dados elaborado no programa Excel, gerando base para o tratamento das informações no formato de quadros, gráficos, tabelas e cartogramas. Para cada questão gerou-se um cartograma linguístico, que além de revelar a norma semântico-lexical no Norte mato-grossense, mostrou-se um conjunto de fotografias sociolinguísticas da distribuição diatópica e da influência topodinâmica deste espaço geográfico, social, histórico e cultural.

Palavras-chave: Dialectologia. Geolinguística. Atlas Linguístico do Norte de Mato Grosso. Variantes do Português.

ABSTRACT

The north of the state of Mato Grosso, popularly called "Nortão" consists of 20 municipalities has a significant importance for the development of this state. This dissertation is the result of a research that aimed to describe the linguistic context of contact for many dialects of Brazilian Portuguese in a region of recent occupation by the internal migration process occurred from the mid-twentieth century. Antenor Nascentes (1953), in its proposal for dialectal division of Brazil, considered the north of Mato Grosso and the north of Goiás, linguistically, as "uncharacteristic territory". Currently, due to the transformations generated by the migration processes, has led to a new photography sociolinguistic these regions in cultural, linguistic and economic terms. For this research followed the theoretical and methodological assumptions of Dialetologia Pluridimensional and contactual (RADTKE; THUN, 1996; 2005), for the preparation of charts with topostáticos and topodinâmicos data and contemplating the dimensions: diatopical; diagenérica (two men and two women for each group in each location); diageracional (age group I - 18 to 30 - and age II - 31-65 years) and diafásica (linguistic questionnaires and themes for semidirigidos speeches). The network of points is made up of 05 localities: Alta Floresta, Colíder, North Guarantã, Peixoto de Azevedo and Sinop and each were conducted 04 interviews for each migrant group which is the population of that locality, totaling 72 interviews, with simultaneous plurality of informants. The data collected from the application of Semantic-Lexical Questionnaire (QSL / Alib) in recorded interviews were transcribed and stored in a database prepared in Excel, creating the basis for the processing of information in the format tables, graphs, tables and cartograms. For each question was generated a linguistic cartogram, which in addition to revealing the lexical-semantic rule in Mato Grosso Nortão, proved to be a set of photographs of the sociolinguistic diatopical distribution and topodinâmica influence of geographic, social, historical and cultural space.

Keywords: Dialectology. Geolinguística. Atlas Nortão the Language of Mato Grosso. Portuguese variants.

LISTA DE MAPAS

MAPA 01 -O Norte de Mato Grosso no Território Incaracterístico de Nascentes....	30
MAPA 02 - Municípios criados no estado de Mato Grosso de 1719 a 1950	45
MAPA 03 - Municípios do Norte do estado de Mato Grosso	51
MAPA 04 - Pontos de inquérito e grupos de migrantes	52
MAPA 05 – Cartograma linguístico 001 – CÓRREGO	88
MAPA 06 – Representação do cartograma linguístico 001 – CÓRREGO, por grupo de migrantes.	89

LISTA DE QUADROS

QUADRO 01 – Migração no Norte de MT, população por local de nascimento	51
QUADRO 02 – Pontos de inquérito e população de 1991 a 2014	52
QUADRO 03 - Grupos quanto à origem por pontos de inquéritos	65
QUADRO 04 - Número de informantes por origem em cada ponto de inquérito	66
QUADRO 05 - Colaboradores entrevistados no Ponto 01 – Alta Floresta	67
QUADRO 06 – Colaboradores entrevistados no Ponto 02 – Colíder	67
QUADRO 07 – Colaboradores entrevistados - Ponto 03 – Guarantã do Norte	68
QUADRO 08 – Colaboradores entrevistados - Ponto 04 – Peixoto de Azevedo	68
QUADRO 09 – Colaboradores entrevistados - Ponto 05 – Sinop	69
QUADRO 10 - Lexias de uso frequente por cada grupo (linguístico) do objeto “córrego”	85
QUADRO 11 – Frequência de uso das variantes x origem dos informantes – parâmetro topodinâmico.....	85
QUADRO 12 - Diversidade linguística no Norte do estado de Mato Grosso, variação semântico-lexical, frequência absoluta e relativa de uso e conhecimento linguístico.....	87
QUADRO 13 – Objeto, questões, respostas, frequência absoluta e frequência relativa. Campo semântico: acidentes geográficos.	326
QUADRO 14 – Objeto, questões, respostas, frequência absoluta e frequência relativa.Campo semântico: fenômenos atmosféricos.	329
QUADRO 15 – Objeto, questões, respostas, frequência absoluta e frequência relativa. Campo semântico: astros e tempo.	333
QUADRO 16 – Objeto, questões, respostas, frequência absoluta e frequência relativa. Campo semântico: flora.	337
QUADRO 17 – Objeto, questões, respostas, frequência absoluta e frequência relativa. Campo semântico: atividades agropastoris.	339
QUADRO 18 – Objeto, questões, respostas, frequência absoluta e frequência relativa. Campo semântico: fauna.	344
QUADRO 19 – Objeto, questões, respostas, frequência absoluta e frequência relativa. Campo semântico: corpo humano.	351
QUADRO 20 – Objeto, questões, respostas, frequência absoluta e frequência	

relativa. Campo semântico: cultura e convívio.	358
QUADRO 21 – Objeto, questões, respostas, frequência absoluta e frequência relativa. Campo semântico: ciclos da vida.	361
QUADRO 22 – Objeto, questões, respostas, frequência absoluta e frequência relativa. Campo semântico: religião e crenças.	366
QUADRO 23 – Objeto, questões, respostas, frequência absoluta e frequência relativa. Campo semântico: festas e divertimentos.	368
QUADRO 24 – Objeto, questões, respostas, frequência absoluta e frequência relativa. Campo semântico: habitação.	374
QUADRO 25 – Objeto, questões, respostas, frequência absoluta e frequência relativa. Campo semântico: alimentação e cozinha.	375
QUADRO 26 – Objeto, questões, respostas, frequência absoluta e frequência relativa. Campo semântico: vestuário.	378
QUADRO 27 – Objeto, questões, respostas, frequência absoluta e frequência relativa. Campo semântico: vida urbana.	380

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 01 – Migrantes por local de nascimento - Alta Floresta	54
GRÁFICO 02 – Migrantes por local de nascimento - Guarantã do Norte	55
GRÁFICO 03 – Migrantes por local de nascimento - Peixoto de Azevedo	57
GRÁFICO 04 – Migrantes por local de nascimento – Sinop	59
GRÁFICO 05 – Migrantes por local de nascimento – Colíder	60

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ABRALIN – Associação Brasileira de Linguística
ADDU – Atlas Diatópico e Diastrático do Uruguai
AF – Alta Floresta
ALEA – Atlas Linguístico-etnográfico de Andaluzia
ALEAR – Atlas Linguístico-etnográfico de Aragão
ALEICan – Atlas Linguístico-etnográfico das Ilhas Canárias
ALEMur – Atlas Linguístico-etnográfico de Múrcia
ALENR – Atlas Linguístico-etnográfico de Navarra e Rioja
ALiB – Atlas Linguístico do Brasil
ALiMAT – Atlas Linguístico do Estado de Mato Grosso
ALiMA – Atlas Linguístico do Maranhão
ALPI – Atlas Linguístico da Península Ibérica
BR – Brasil
BR 163 – Rodovia Federal 163
CAC – Cooperativa Agrícola de Cotia
CL – Carta Linguística
CLI – Carta Linguística de Identificação
CO – Colíder
COPERCANA – Cooperativa Agrária de Canarana
COTREL – Cooperativa Tritícola de Erechim
GN – Guarantã do Norte
GO – Estado de Goiás
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INDECO – Integração, Desenvolvimento e Colonização
INTERMAT – Instituto de Terras de Mato Grosso
LP – Língua Portuguesa
MA – Estado do Maranhão
MEC – Ministério da Educação e Cultura
MG – Estado de Minas Gerais
MS – Estado de Mato Grosso do Sul
MT – Estado de Mato Grosso

NERU – Núcleo de Estudos Regionais e Urbanos de Mato Grosso

PA – Estado do Pará

PAC – Projeto de Assentamento Conjunto

PB – Português Brasileiro

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

PE – Português Europeu

PND – Plano de Desenvolvimento Nacional

PZ – Peixoto de Azevedo

QSL – Questionário Semântico-Lexical

RS – Estado do Rio Grande do Sul

SEPLAN – Secretaria de Planejamento do Estado de Mato Grosso

SI – Sinop

SINOP – Sociedade Imobiliária do Noroeste do Paraná

SP – Estado de São Paulo

SPDGL – Sistema de Processamento de dados Geolinguísticos

SUDAM – Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia

TRE – Tribunal Regional Eleitoral

SUMÁRIO

RESUMO

ABSTRACT

LISTA DE MAPAS

LISTA DE QUADROS

LISTA DE GRÁFICOS

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

INTRODUÇÃO	22
1 GEOLINGUÍSTICA: BREVE HISTÓRICO DO SURGIMENTO DA GEOGRAFIA LINGUÍSTICA	26
1.1 Da Dialektologia e da Geolinguística	26
1.2 A Geografia Linguística no Brasil	30
2 O NORTE DO ESTADO DE MATO GROSSO	40
2.1 História de ocupação do estado de Mato Grosso	40
2.2 Aspectos geoeconômicos, históricos e demográfico dos municípios	52
2.2.1 Município de Alta Floresta	54
2.2.2 Município de Guarantã do Norte	56
2.2.3 Município de Peixoto de Azevedo.....	58
2.2.4 Município de Sinop	60
2.2.5 Município de Colíder	61
3. PESQUISA GEOLINGUÍSTICA: MÉTODO E PROCEDIMENTOS	64
3.1 Do Atlas Semântico-Lexical do Norte do Mato Grosso: suas influências topodinâmicas	64
3.2 Seleção dos pontos de inquérito e dos colaboradores	67
3.3 Questionário Semântico-Lexical – QSL do ALiB	72
3.4 Relatório das atividades de campo	73
3.5 Transcrição e organização dos dados	74
3.6 Da descrição dos dados semânticos-lexicais	75
3.7 Dos cartogramas	77
4 VARIAÇÕES SEMÂNTICO-LEXICAIS	78
4.1 Língua, léxico, lexis e variação	78
4.2 O estudo do léxico em um contexto multidialetal	84

4.3 Um esboço de descrição do dado semântico-lexical do objeto córrego	86
5 ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO	92
5.1 CARTOGRAMAS AUXILIARES DE IDENTIFICAÇÃO	92
CI001- Norte de Mato Grosso no Território Incaracterístico	93
CI002 - Correntes migratórias para o Norte de Mato Grosso.....	94
CI003 - Região Norte do estado de Mato Grosso: municípios	95
CI004 - Migração por origem geográfica	96
CI005 - Migração por local de nascimento	97
CI006 - Migrantes mineiros do Norte de Mato Grosso	98
CI007 - Migrantes paulistas no Norte de Mato Grosso	99
CI008 - Migrantes maranhenses no Norte de Mato Grosso	100
CI009 - Migrantes paranaenses no Norte de Mato Grosso	101
CI010 - Migrantes catarinenses no Norte de Mato Grosso	102
CI011- Migrantes gaúchos no Norte de Mato Grosso	103
5.2 CARTOGRAMAS LINGUÍSTICOS: SEMÂNTICOS-LEXICAIS	104
5.2.1 Campo semântico: acidentes geográficos (QSL 01 a 07)	104
CL 001 – Córrego	105
CL 002 – Pinguela	106
CL 003 – Foz	167
CL 004 – Redemoinho de água	108
CL 005 – Onda de rio	109
CL 006 – Onda de mar	110
CL 007 – Terra umedecida pela chuva	111
5.2.2 Campo semântico: fenômenos atmosféricos (QSL 08 a 20)	112
CL 008 – Redemoinho de vento	113
CL 009 – Relâmpago	114
CL 010 – Raio	115
CL 011 – Trovão	116
CL 012 – Temporal	117
CL 013 – Nomes para temporal.....	118
CL 014 – Tromba d’água.....	119
CL 015 – Garoa	120
CL 016 – Chuva de pedra.....	121
CL 017 – Arco-íris.....	122

CL 018 – Orvalho	123
CL 019 – Nevoeiro	124
CL 020 – Estiar / compor o tempo	125
CL 021 – Nascer do sol	126
CL 022 – Pôr do sol.....	127
5.2.3 Campo semântico: astros e tempo (QSL 21 a 36)	128
CL 023 – Alvorada	129
CL 024 – Crepúsculo.....	130
CL 025 – Estrela matutina	131
CL 026 – Estrela vespertina	132
CL 027 – Estrela cadente.....	133
CL 028 – Via Láctea.....	134
CL 029 – Amanhecer.....	135
CL 030 – Entardecer.....	136
CL 031 – Anoitecer	137
CL 034 – Ontem	138
CL 035 – Anteontem	139
CL 036 – Trasantontem	140
5.2.4 Campo semântico: flora (QSL 37 a 42)	141
CL 037 – Tangerina / mexerica	142
CL 038 – Amendoim	143
CL 039 – Camomila	144
CL 040 – Penca	145
CL 041 – Banana dupla	146
CL 042 – Parte terminal da inflorescência da bananeira.....	147
5.2.5 Campo semântico: atividades agropastoris (QSL 43 a 65).....	148
CL 043 – Espiga	149
CL 044 – Sabugo	150
CL 045 – Soca / touceira	151
CL 046 – Girassol	152
CL 047 – Vagem do feijão	153
CL 048 – Moinha	154
CL 049 – Mandioca / aipim	155
CL 050 – Mandioca	156

CL 051 – Carrinho de mão	157
CL 052 – Hastes do carrinho de mão	158
CL 053 – Cangalha.....	159
CL 054 – Cangalha para carga	160
CL 055 – Jacá.....	161
CL 056 – Bolsa.....	162
CL 057 – Canga.....	163
CL 058 – Borrego.....	164
CL 059 – Cordeiro.....	165
CL 060 – Fêmea que está para criar	166
CL 061 – Perda da cria	167
CL 062 – Égua velha	168
CL 063 - Trabalhador de enxada em roça alheia.....	169
CL 064 – Picada	170
CL 065 – Trilho	171
5.2.6 Campo semântico: fauna (QSL 66 a 91).....	172
CL 066 – Urubu.....	173
CL 067 – Colibri.....	174
CL 068 – João-de-barro	175
CL 069 – Galinha-d’angola	176
CL 070 – Papagaio	177
CL 071 – Sura.....	178
CL 072 – Cotó	179
CL 073 – Gambá	180
CL 074 – Patas dianteiras do cavalo.....	181
CL 075 – Crina do pescoço	182
CL 076 – Crina da cauda	183
CL 077 – Lombo	184
CL 078 – Anca.....	185
CL 079 – Chifre.....	186
CL 080 – Um só chifre	187
CL 081 – Cabra sem chifre.....	188
CL 082 – Boi sem chifre	189
CL 083 – Úbere	190

CL 084 – Rabo.....	191
CL 085 – Manco	192
CL 086 – Mosca varejeira	193
CL 087 – Sanguessuga	194
CL 088 – Libélula.....	195
CL 089 – Bicho da fruta	196
CL 090 – Coro	197
CL 091 – Pernilongo	198
5.2.7 Campo semântico: corpo humano (QSL 92 a 123).....	199
CL 092 – Pálpebras	200
CL 093 – Nuca.....	201
CL 094 – Pomo-de-adão.....	202
CL 095 – Clavícula.....	203
CL 096 – Seios	204
CL 097 – Útero	205
CL 098 – Calcanhar.....	206
CL 099 – Tornozelo.....	207
CL 100 – Rótula	208
CL 101 – Cócegas	209
CL 102 – Dentes caninos.....	210
CL 103 – Dentes do siso.....	211
CL 104 – Dentes molares	212
CL 105 – Desdentado	213
CL 106 – Fanhoso	214
CL 107 – Cisco.....	215
CL 108 – Cego de um olho.....	216
CL 109 – Vesgo.....	217
CL 110 – Míope.....	218
CL 111 – Terçol.....	219
CL 112 – Conjuntivite	220
CL 113 – Catarata.....	221
CL 114 – Soluço.....	222
CL 115 – Meleca	223
CL 116 – Corcunda	224

CL 117 – Canhoto	225
CL 118 – Perneteta	226
CL 119 – Manco	227
CL 120 – Pessoas de pernas arqueadas	228
CL 121 – Axila	229
CL 122 – Cheiro nas axilas.....	230
CL 123 – Vomitar.....	231
5.2.8 Campo semântico: cultura e convívio (QSL 124 a 129)	232
CL 124 – Pessoa tagarela.....	233
CL 125 – Pessoa pouco inteligente.....	234
CL 126 – Pessoa sovina.....	235
CL 127 – Mal pagador.....	236
CL 128 – Assassino pago	237
CL 129 – Posseiro	238
5.2.9 Campo semântico: ciclos da vida (QSL 130 a 148).....	239
CL 130 – Menstruação	240
CL 131 – Entrar na menopausa	241
CL 132 – Parteira.....	242
CL 133 – Dar à luz	243
CL 134 – Gêmeos	244
CL 135 – Aborto.....	245
CL 136 – Abortar.....	246
CL 137 – Ama-de-leite	247
CL 138 – Irmão de leite.....	248
CL 139 – Filho adotivo.....	249
CL 140 – Filho mais moço	250
CL 141 – Menino.....	251
CL 142 – Menina.....	252
CL 143 – Acompanhante dos namorados.....	253
CL 144 – Marido enganado	254
CL 145 – Prostituta.....	255
CL 146 – Defunto.....	256
CL 147 – Madrasta	257
CL 148 – Xará	258

5.2.10 Campo semântico: religiões e crenças (QSL 149 a 157).....	259
CL 149 – Diabo	260
CL 150 – Fantasma.....	261
CL 151 – Feitiço	262
CL 152 – Amuleto	263
CL 153 – Benzedeira	264
CL 154 – Benzedor.....	265
CL 155 – Curandeiro	266
CL 156 – Medalha	267
CL 157 – Presépio	268
5.2.11 Campo semântico: festas e divertimentos (QSL 158 a 176).....	269
CL 158 – Cambalhota.....	270
CL 159 – Bolinha de gude.....	271
CL 160 – Estilingue.....	272
CL 161 – Papagaio de papel.....	273
CL 162 – Pipa.....	274
CL 163 – Esconde-esconde	275
CL 164 – Cabra-cega.....	276
CL 165 – Pega-pega	277
CL 166 – Ferrolho	278
CL 167 – Chicote-queimado.....	279
CL 168 – Gangorra.....	280
CL 169 – Balanço.....	281
CL 170 – Amarelinha	282
CL 171 – Pessoa que age com desonestidade no jogo	283
CL 172 – Pessoa que tem sorte no jogo.....	284
CL 173 – Pessoa sem sorte no jogo.....	285
CL 174 – Bom jogador	286
CL 175 – Mau jogador	287
CL 176 – Pessoa que dança muito bem.....	288
5.2.12 Campo semântico: habitação (QSL 177 a 182).....	289
CL 177 – Tramela.....	290
CL 178 – Veneziana	291
CL 179 – Fuligem.....	292

CL 180 – Isqueiro	293
CL 181 – Lanterna	294
CL 182 – Borrvalho	295
5.2.13 Campo semântico: alimentação e cozinha (QSL 183 a 190)	296
CL 183 – Carne moída	297
CL 184 – Empanturrado	298
CL 185 – Glutão	299
CL 186 – Bêbado	300
CL 187 – Cigarro de palha	301
CL 188 – Toco de cigarro	302
CL 189 – Aguardente	303
CL 190 – Bodega	304
5.2.14 Campo semântico: vestuário (QSL 191 a 196)	305
CL 191 – Sutiã	306
CL 192 – Cueca	307
CL 193 – Calcinha	308
CL 194 – Ruge	309
CL 195 – Grampo com pressão	310
CL 196 – Grampo sem pressão	311
5.2.15 Campo semântico: vida urbana (QSL 197 a 208)	312
CL 197 – Sinaleiro	313
CL 198 – Lombada	314
CL 199 – Calçada / passeio	315
CL 200 – Meio-fio	316
CL 201 – Rotatória	317
CL 202 – Lote / terreno	318
CL 203 – Bala / confeito	319
CL 204 – Pão francês	320
CL 205 – Pão bengala	321
CL 206 – Ônibus urbano	322
CL 207 – Ônibus interurbano	323
CL 208 – Ponto / parada de ônibus	324

6 TRATAMENTO DOS DADOS SEMÂNTICO-LEXICAIS	325
6.1 DA FREQUÊNCIA ABSOLUTA E RELATIVA DAS LEXIAS	325
6.1.1 Descrição do campo semântico acidentes geográficos	326
6.1.2 Descrição do campo semântico fenômenos atmosféricos	328
6.1.3 Descrição do campo semântico astros e tempo	333
6.1.4 Descrição do campo semântico flora	337
6.1.5 Descrição do campo semântico atividades agropastoris	338
6.1.6 Descrição do campo semântico fauna	344
6.1.7 Descrição do campo semântico corpo humano	350
6.1.8 Descrição do campo semântico cultura e convívio	358
6.1.9 Descrição do campo semântico ciclos da vida	361
6.1.10 Descrição do campo semântico religião e crenças	365
6.1.11 Descrição do campo semântico festas e divertimentos	368
6.1.12 Descrição do campo semântico habitação	374
6.1.13 Descrição do campo semântico alimentação e cozinha	375
6.1.14 Descrição do campo semântico vestuário	378
6.1.15 Descrição do campo semântico vida urbana	380
CONSIDERAÇÕES FINAIS	384
REFERÊNCIAS	388

INTRODUÇÃO

A diversidade e a variabilidade linguística do Português Brasileiro é um tema que tem gerado um conjunto muito significativo de pesquisas linguísticas que buscam retratar essa realidade da língua como um sistema aberto, heterogêneo, dinâmico e funcional. É interessante destacar que ao estudar a linguagem, o falar de uma comunidade também se estuda a sua história, a sua cultura, as experiências vividas, as visões de mundo, os sentidos. Por isso, para estudar a língua portuguesa é fundamental a superação do ‘mito da homogeneidade e da uniformidade’ e da crença que ‘o Brasil é um país monolíngue’.

Para Altenhofen e Broch (2001) é fundamental para a educação, para a linguística e para todas as pesquisas linguísticas que estão por acontecer, que se considere os contatos do português com outras línguas de imigração como o espanhol, o italiano, o japonês, o alemão, entre outras. Assim como não se ignore que mais de uma dezena de línguas africanas e acima de duas centenas de línguas indígenas ajudaram a formar esta sociedade plurilíngue e multidialetal. Por isso, a admissão do plurilinguismo como norma, e não como exceção, é o caminho para os novos estudos da linguagem.

Também nas pesquisas geolinguísticas e sociolinguísticas novos parâmetros, novas dimensões e fatores linguísticos, ou não, passaram a caracterizar os estudos da linguagem que buscam explicações para a diferenciação linguística entre os usuários de uma mesma língua Thun (1998; 2009).

A região Norte do Estado de Mato Grosso, popularmente denominada “Nortão”, formada por 20 municípios tem uma importância significativa para uma pesquisa que objetiva descrever o contexto linguístico de contato de muitos falares do Português Brasileiro em uma região de recente ocupação pelo processo migratório interno, iniciado a partir de meados do século XX. Destacamos que Antenor Nascentes (1953) considerou o Norte de Mato Grosso e o Norte de Goiás como “território incharacterístico” linguisticamente, na sua proposta de divisão dialetal do Brasil. Ele acreditava que esta região era muito pouco habitada naquela época o que dificultava a sua ‘caracterização’. Mas, atualmente, devido ao processo migratório interno, que tem provocado um novo desenho dessa região, em termos culturais, linguísticos e econômicos, espera-se que este trabalho refletirá não somente a história de migração para o Nortão de Mato Grosso, mas também retratará uma variedade do Português Brasileiro (PB) que se forma pela confluência social, cultural e história, caracterizando assim, geolinguisticamente, esta região.

Para a realização desta pesquisa seguiu-se os pressupostos teórico-metodológicos da Dialetoologia Pluridimensional¹ e Contatual a partir de H. Thun (1998; 2009) e Radtke & Thun (1996). Nesta perspectiva, trabalhou-se na elaboração dos cartogramas com dados topostáticos e topodinâmicos.

Para a coleta dos dados contemplou-se as dimensões diatópica (parâmetros topostático e parâmetro topodinâmico), diagenérica (dois homens e duas mulheres para cada grupo em cada localidade), diageracional (faixa etária I - 18 a 30 anos – e faixa etária II - 31 a 65 anos) e diafásica (questionários linguísticos e temas para discursos semidirigidos). Neste trabalho, as dimensões diagenérica, diageracional e diafásica não foram expressas nos cartogramas.

A rede de pontos é formada por 05 localidades: Alta Floresta, Colíder, Guarantã do Norte, Peixoto de Azevedo e Sinop. Em cada uma delas foram realizadas 04 entrevistas, para cada grupo de migrante que constitui a população da localidade, totalizando 72 entrevistas, com pluralidade simultânea de informantes.

Os dados coletados a partir das entrevistas, com a aplicação do QSL, foram transcritos e armazenados em um banco de dados elaborado no programa Excel, gerando base para o tratamento das informações no formato de quadros, gráficos, tabelas e cartogramas.

Para cada questão gerou-se um cartograma linguístico, que além de revelar a norma semântico-lexical no Norte mato-grossense, mostrou-se um conjunto de fotografias geolinguísticas da distribuição diatópica e da influência topodinâmica desse espaço geográfico, social, histórico e cultural.

Esta pesquisa tem como objetivo geral conceber uma fotografia semântico-lexical da região Norte do estado de Mato Grosso com base na Geolinguística com vista à composição de um Atlas Semântico-Lexical do Norte de Mato Grosso. Os objetivos específicos são: a) elaborar banco de dados linguísticos; b) retratar os dados semântico-lexicais sob o parâmetro diatópico (geográfico) do Norte mato-grossense; c) retratar os dados semântico-lexicais sob o parâmetro topodinâmico (migrante) do Norte mato-grossense; e) construir um quadro da diversidade semântico-lexical do Norte mato-grossense; e f) contribuir para a caracterização da região “incharacterística” do Centro-Oeste brasileiro e para os estudos geolinguísticos para o português.

No Capítulo I fez-se uma abordagem histórico do surgimento da Geolinguística, tomando como ponto de partida o final do século XIX, período importante para situar os estudos dialetológicos no contexto dos estudos linguísticos. Também, retratando a

¹ Para H. Thun, a dialetoologia pluridimensional é o estudo da variação no espaço antropogeográfico, por isso se chama também geolinguística pluridimensional.

Dialetologia e explicitando que esta tem duas diretrizes, dois caminhos, no exame dos estudos linguísticos que se mostram nos estudos dialetais: a perspectiva diatópica, mais tradicional e a sociolinguística que traz inovações para esta área de pesquisa. Além disso, focou-se no desenvolvimento da Geolinguística no Brasil e sua contribuição para os estudos linguísticos através dos projetos de atlas regionais e nacional.

O Capítulo II ocupou-se da caracterização do espaço estudado, expondo de maneira sucinta o processo de ocupação do estado de Mato Grosso, desde o início da colonização portuguesa até a origem dos grupos migratórios territorializados nessa região. Esta é uma descrição essencial para compreender a gama de diversidade linguística do PB e das características da multiculturalidade e do multilinguismo que caracterizam este espaço. Ainda, neste capítulo, apresenta-se alguns aspectos geoeconômicos, históricos e populacionais dos municípios, pontos de inquérito, que fazem parte da região que, popularmente, denominou-se de "Nortão" e que neste trabalho, chamamos de região Norte do Estado de Mato Grosso, espaço histórico e social dessa investigação. Também é nessa região que a Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) desenvolve programas de formação do professorado das redes públicas de ensino, através de suas unidades regionais: Sinop, Colíder e Alta Floresta.

No Capítulo III tem-se como objetivo discutir conceitos pertinentes ao campo da pesquisa geolinguística pluridimensional em contextos de migração, pela razão de constituírem a base dos estudos sobre topodinâmica e territorialização de novas minorias no espaço pluridimensional social e geográfico. Neste modelo de pesquisa geolinguística pluridimensional incluem-se os procedimentos de delimitação de dimensões e parâmetros que permitam a execução da pesquisa a partir dos objetivos traçados. Por isso, o presente estudo se propõe a contribuir com os estudos pluridimensionais de contatos multivarietais, envolvendo territórios (geográficos e linguísticos) formados em recentes processos de migração.

No capítulo IV buscou-se uma reflexão teórica e conceitual necessária para o desenvolvimento das análises relativas à variação semântico-lexical, definindo conceitos e referências de reflexão.

No capítulo V mostrou-se um atlas com 11 cartogramas auxiliares de identificação e 206 cartogramas semântico-lexicais, seguidos das considerações finais e referências bibliográficas.

No capítulo VI os dados semântico-lexicais estão apresentados por campo semântico, de acordo com a divisão manifestada no QSL, versão usada nesta pesquisa. Fez-se uma descrição com análise quantitativa, considerando a frequência relativa e a frequência absoluta das ocorrências de cada lexia, em cada questão/pergunta feita, em relação às variáveis linguísticas consideradas na pesquisa. Nos quadros organizados por campo semântico, as lexias trazem a quantidade de vezes que estas foram usadas pelos falantes (entrevistados), independentemente do grupo ao qual representam, durante a aplicação do questionário.

1 GEOLINGUÍSTICA: BREVE HISTÓRICO DO SURGIMENTO DA GEOGRAFIA LINGUÍSTICA

1.1 Da Dialetoлогия e da Geolinguística

Para tratar da Dialetoлогия, tomamos como ponto de partida o final do século XIX, período importante para situar os estudos dialetológicos no contexto dos estudos linguísticos. Período em que as investigações no campo da linguagem se desenvolviam por meio de métodos históricos comparativos. Os estudos comparatistas visavam, inicialmente, reconstituir a protolíngua do indo-europeu. Com o desenvolvimento desses estudos, foi surgindo o interesse também em analisar os dialetos, considerados, então, como fontes de conhecimento do modo como se teriam operado as transformações em fases anteriores as línguas. Foi assim que os estudos sistemáticos das variações de natureza geográfica formalizaram-se no final do século XIX.

Os neogramáticos contribuíram para os estudos linguísticos do final do século XIX. Partiam do princípio de que as alterações fonéticas obedeciam a leis rígidas e estas não admitiam exceções. Foi com os estudos comparados entre as línguas românicas e germânicas que nasceu a escola de neogramáticos. Estes passaram a entender a língua como processo resultante da coletividade. E é nessa visão pioneira, neste contexto de estudos da linguagem, que Saussure se apoia para conceber a língua em sua dimensão social, vindo mais tarde a romper e contestar as ideias do grupo. Por outro lado, suas teorias geraram polêmicas em países como a Alemanha, a Itália e a França e motivaram pesquisas dialetais que acabaram por refutar em grande parte essas teorias (CAMACHO, p. 65, 2013).

Dentre os países citados, foi na França que a Dialetoлогия teve maior destaque. No ano de 1881, ela passou a fazer parte do currículo regular da *École Pratique des Hautes Études*, de Paris. Ganham impulso os estudos dialetológicos pelo ideal da valorização das manifestações populares (usos, crenças, costumes, falares) e pela evolução histórica das formas linguísticas.

Antes de falarmos da Geolinguística é muito importante tecermos algumas considerações sobre a Dialetoлогия como ramo de estudos linguísticos encarregado dos diferentes usos que fazem a língua ser diversificada e heterogênea. Como afirma Cardoso (2010), a Dialetoлогия tem duas diretrizes, dois caminhos, no exame dos estudos linguísticos que se mostram nos estudos dialetais: a perspectiva diatópica, mais tradicional e a sociolinguística que traz inovações para esta área de pesquisa.

A Dialetologia é um ramo dos estudos linguísticos que tem por tarefa identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica (CARDOSO, 2010, p. 15).

Atribui-se o início da Geografia Linguística à primeira ideia de registrar em mapas as diferenças dialetais, surgidas na Alemanha, em 1876, quando Georg Wenker enviou uma lista de frases escritas em alemão culto, padrão para professores das escolas do Norte daquele país pedindo que devolvessem transcritas de acordo com o dialeto local. Com esse trabalho pretendia provar a existência de limites dialetais e também a existência dos próprios dialetos alemães. Mas foi através da obra de Jules Gilliéron, o *Atlas Linguistique de la France* (1902 - 1910), que a cartografia linguística tomou força e se espalhou pela Europa e Estados Unidos, através do próprio Gilliéron e seus seguidores, como afirma Cardoso (2010):

Se Wenker abre caminho para uma pesquisa diatópica ampla, permitindo, assim, a intercomparação de dados, o mérito de consolidar definitivamente o método de recolha dos dialetos geográficos vai recair sobre Jules Gilliéron, que, em 1887, inicia a coleta de dados para o *Atlas Linguistique de la France*, realizado com a ajuda do Ministère de l'Instruction Publique, e publicado em Paris de 1902 a 1910 (CARDOSO, 2010, p. 42).

Além de servir como marco inicial para os estudos da Geografia Linguística, a obra de Gilliéron (op. cit.) abriu novos caminhos e perspectivas para as investigações da linguagem. Foi a partir do Atlas Linguístico da França que Gilliéron abandonou os estudos fonéticos como único meio de estudar e conhecer as palavras e passou a estudá-las a partir de sua relação com as coisas. Como assinala Alvar, “[...] la fonética no le interesará más que como medio para conocer la de las palabras” (ALVAR, 1991, p. 58).

Para o desenvolvimento dessa obra também apareceu outro colaborador muito importante neste tipo de investigação, o inquiridor Edmond Edmont, caixeiro viajante, que teve um papel fundamental sendo o primeiro entrevistador treinado para aplicar os questionários desse tipo de pesquisa. Como colaborador de Gilliéron, percorreu toda a França, 639 localidades, durante 04 anos, de bicicleta e de trem, para selecionar os informantes, aplicar os questionários e transcrever as entrevistas.

O sucesso do trabalho de Gilliéron influenciou outros pesquisadores. Por exemplo, seus discípulos, Karl Jaberg e Jakob Jud, passaram do projeto francês a dirigir seus próprios projetos sobre os dialetos italianos da Itália e do sul da Suíça. Em 1931, Jacob Jud e Poul

Scheurmeier foram para os Estados Unidos treinar os inquiridores para o Atlas Linguístico dos Estados Unidos e Canadá².

O trabalho desenvolvido por Gilliéron e seu colaborador Edmond Edmont passou a ser reconhecido pelos sociolinguistas ao mesmo tempo em que servia de exemplo para outros pesquisadores, com afirmam Chambers e Trudgill:

La encuesta francesa de Gilliéron ha influido enormemente, y debido a la eficacia del proyecto desde sus comienzos hasta su publicación y también a la calidad de sus resultados, se ha convertido en piedra de toque para cualquier encuesta posterior (CHAMBERS e TRUDGILL, 1994, p. 41).

A partir de então, muitos projetos de Geografia Linguística se desenvolveram em toda a Europa. Dentre os quais, citamos o ALPI – Atlas Linguístico da Península Ibérica, correspondente à Espanha e a Portugal, iniciado em 1936 por Navarro Tomás, interrompido pela guerra civil e retomado a partir de 1946 por uma equipe de pesquisadores espanhóis e portugueses. Foi encerrado em 1954, mas não chegou a ser publicado devido a dispersão dos dados, uma vez que parte foi sistematizada na Espanha e parte nos Estados Unidos. Com o vai e vem dos dados, partes do trabalho se extraviaram. Por outro lado, pouco se interessou em publicar os resultados do ALPI porque outras iniciativas na Geografia Linguística já estavam sendo desenvolvidas na produção de atlas linguísticos regionais, considerados mais analíticos e profundos que os nacionais. Embora a Geografia Linguística tendo início na França, encontrou terreno fértil na Espanha. Como afirma Cardoso (2010),

Firma-se, assim, a geografia linguística como método por excelência da dialetologia e vai se incumbir de recolher de forma sistemática o testemunho das diferentes realidades dialetais refletidas nos espaços considerados (CARDOSO, 2010, p. 46).

Não podemos negar que a Geografia Linguística³, que embora tenha nascido como método específico da Dialetologia, teve um crescimento razoável, da década de 1930 à década de 1970, com a realização de muitas pesquisas nessas áreas e a publicação de vários atlas regionais e nacionais. Mesmo assim, muitos projetos não produziram os resultados esperados

² Foram as cartas linguísticas do Atlas Linguístico dos Estados Unidos e Canadá - LANE sobre as peculiaridades da fala dos moradores da ilha de Martha's Vineyard que inspiraram Labov para desenvolvimento de sua pesquisa naquela comunidade.

³ Neste período, muitos linguistas consideravam a Dialetologia apenas sob o aspecto geográfico, confundindo o método de registrar em mapa as variações linguísticas com o campo de estudos dialetológicos. O que provocara certa reação em Rossi, 1967, p. 92: “A Dialetologia não se resume aos Atlas Linguísticos, [...] estão tomando a parte pelo todo.” Cardoso, 2010, p. 47.

e vários anos de pesquisa não resultaram em quase nada. Esse insucesso, associado ao interesse dos pesquisadores por outras áreas da Linguística, fez com que a Geografia Linguística sofresse certa estagnação.

Na América Latina, nota-se que a Geolinguística⁴ começa a se firmar como uma verdadeira ciência da variação linguística e passa a incorporar novos parâmetros, como o diageracional, o diassexual, o diafásico, a topodinâmica, o saber linguístico nos atlas e outros. Conta também com o advento da informática que auxiliou as muitas tentativas de desenvolvimento de ferramentas que auxiliam o pesquisador na elaboração dos cartogramas e banco de dados.

Não podemos negar que essas ferramentas possibilitam ao linguista desenvolver cada etapa de seu projeto, sem a necessidade de terceirizar algumas fases ou atividades, como a cartografia e entre outros. Estas ferramentas possibilitam ao linguista o desenvolvimento de todas as fases de seu trabalho sem a dependência de outros profissionais (informática, cartografia) para determinadas etapas e atividades de sua investigação.

O avanço dos estudos nessa área contribuiu para o surgimento de caminhos ou correntes distintas no interior da Dialetoлогия, como afirmam Thun e Radke:

O estado atual da Geolinguística Românica permite distinguir duas correntes claramente delineáveis. Por um lado, a Geolinguística persiste num caminho já experimentado de uma ciência que delega a si a descrição de dialetos de base como objetivo primordial e que define como tarefa sua o acúmulo de um máximo de projetos similares, com o objetivo de obter uma ótima densidade de dados. Por outro lado, pode-se perceber de maneira insistente uma tendência de enriquecer esta aspiração tradicional como um modelo variacional de maior alcance metodológico e que considere novas possibilidades da técnica de levantamento de dados (RADKE e THUN, 1998, p. 49).

Acreditamos que na América Latina essa tendência inovadora está criando raízes, isso devido ao ressurgimento da Geolinguística com grandes projetos, como é o caso do ADDU – Atlas Diatópico e Diastrático do Uruguai e o ALiB – Atlas Linguístico do Brasil e outros em menor extensão, regionais, mas de igual valor para os estudos linguísticos.

Altenhofen (2011) reforça a ideia em que há um vasto campo inexplorado e um tempo a ser recuperado devido à falta de estudos do contato linguístico dos recém-chegados

⁴ A partir das contribuições da Sociolinguística para os estudos da Dialetoлогия foi necessária uma mudança de nomenclatura nos estudos dialetológicos passando a utilizar o termo Geolinguística para o método de representar nos cartogramas linguísticos outros parâmetros e dimensões. Assim, o termo Geografia Linguística permaneceu com o sentido mais restrito ao método tradicional da Dialetoлогия que trata apenas do parâmetro diatópico.

românicos e da população ameríndia⁵ anterior e outros pontos como o processo de hispanização e luzitanização que podem ser estudados aqui e melhor compreender a velha romanização da Europa, o processo de migração interno, de uma região para outra, o êxodo rural, o reassentamento de colonos, a abertura das fronteiras de muitos países, enfim, a própria globalização da economia. Isso gera novos temas como a territorialização das línguas e dos falares, as relações das minorias neste contexto e o contato linguístico multi, pluri ou transvarietal⁶. São fatores que de uma forma ou outra têm relação com os fatos e fenômenos linguísticos desta contemporaneidade.

1.1 A Geolinguística no Brasil

Segundo Cardoso (2010), o início dos estudos dialetais no Brasil foi a partir da contribuição do Visconde da Pedra Branca, Domingos Borges de Barros, ao *Atlas Ethnographique du Globe*, de Aldriem Balbi, publicado em 1826 e que se encontra em algumas bibliotecas da Europa. Mas, foi no início da década de 1950, mais precisamente no ano de 1952, que surgiu a primeira manifestação para a elaboração de um atlas linguístico do Brasil, quando através do Decreto n.º 30.643, de 20 de março de 1952, no seu Art. 3.º, determina como principal finalidade da Comissão de Filologia da Casa de Rui Barbosa a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil. Esta determinação foi regulamentada pela Portaria n.º 536, de 26 de maio do mesmo ano, a qual, ao baixar instruções referentes à execução do decreto de criação do Centro de Pesquisas Casa de Rui Barbosa, estabeleceu como finalidade principal, entre as pesquisas a serem planejadas, a própria elaboração do Atlas Linguístico do Brasil (Cardoso, 2010).

Embora a ideia tenha nascido por força da lei, somente ganhou impulso e corpo com a participação e experiência de filólogos como Serafim da Silva Neto, Celso Cunha, Antenor Nascentes e outros, que já eram pesquisadores da Língua Portuguesa falada no Brasil e gozavam de prestígio acadêmico no país e no exterior. A ideia de elaborar um atlas nacional passou a ser defendida e divulgada nos principais eventos da área, por ocasião do III Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, realizado em Lisboa, em 1957. Serafim da Silva

⁵Ver sobre o Guarani em o Atlas Linguístico Guarani-Românico (por **Wolf Dietrich y Haralambos Symeonidis – 2009**) **Vol.1**

⁶ Utilizei o termo “transvarietal” na tentativa de criar uma denominação para o fenômeno linguístico em que muitos falares se misturam em um novo território. Sendo que todos são migrantes e seus modos de falar se misturam e buscam nova territorialização compartilhada.

Neto e Celso Cunha defenderam a necessidade de elaboração de atlas linguísticos regionais, como caminho para se chegar ao nacional (AGUILERA, 2005).

Partindo do princípio que a primeira tentativa explícita, objetivando a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil, tem como marco o ano de 1952 e a participação ativa de Serafim da Silva Neto, Celso Cunha e Antenor Nascentes, podemos destacar as principais ideias, tanto do decreto quanto dos filólogos: primeiro, a ideia de produzir-se um atlas linguístico do Brasil; segundo, a concepção de que tal tarefa só teria viabilidade a partir da elaboração de atlas por região; e terceiro, a tentativa de criar princípios gerais, parâmetros nacionais, para, se uniformizar, tornar as ações mais coordenadas em todas as regiões (CARDOSO, 2010).

Antenor Nascentes, visando a consolidação e operacionalização do projeto, dá passos concretos e decisivos com a publicação das *Bases para a elaboração do atlas linguístico do Brasil* (1958, 1961), obra em dois volumes, na qual fornece diretrizes gerais para a escolha de localidades, a seleção de informantes e para a elaboração do questionário linguístico, e propõe, muito claramente, a elaboração de atlas regionais, dando como exemplo as experiências desenvolvidas nos Estados Unidos.

MAPA 01 - O Norte de Mato Grosso no Território Incaracterístico de Antenor Nascentes



Fonte: Mapa de Antenor Nascentes (1953) com adaptações feita pelo autor.

Neste sentido, Nascentes considerava o português falado no Brasil como um dialeto do português de Portugal e divide esse dialeto em dois subdialeto: o subdialeto do sul e o subdialeto do Norte. Também divide o subdialeto do Norte em duas variantes: a amazônica e

a nordestina; e o subdialeto do sul em três variantes: a fluminense, a mineira e a sulista. Além dessas, ele destacou uma vasta área no coração do Brasil, abrangendo parte Norte de Goiás e de Mato Grosso denominado “Território Incaracterístico”. Ver mapa 01.

Quando se explicitou, pela primeira vez, o desejo de elaboração de um atlas linguístico brasileiro, a Europa estava com a Geolinguística bem desenvolvida, devido à produção de alguns atlas como o Atlas Linguistique de la France (1902-1912), Linguistischer Atlas des Dakorumänischen Sprachgebietes (1912), Atlas Linguistique de la Corse (1923-1939), Deutscher Sprachatlas (1926), Sprach und Sachatlas Italiens und der Südschweiz (1928-1940) e muitos outros de cunho regional desenvolvidos na França, na Espanha, na Alemanha, na Itália e noutros países. Nesta mesma época, pesquisadores da Espanha e de Portugal tentavam elaborar o ALPI - Atlas Linguístico da Península Ibérica, iniciado em 1936 por Navarro Tomás e interrompido pela guerra civil. Em 1947 foi retomado pelos espanhóis L. Rodriguez-Castelhana, M. Sanches Guarner e F. de B. Mool e pelos portugueses L. Lindley Cintra, A. N. de Gusmão e A. Otero, o que mais tarde serviria como ligação e inspiração para o desenvolvimento do Atlas Linguístico do Brasil.

Segundo Cardoso (1989), quando os filólogos brasileiros apresentaram e defenderam a ideia de elaboração de um Atlas Linguístico do Brasil a situação do país era a seguinte: a população, segundo o censo de 1950, era um pouco mais de 50 milhões de habitantes, dos quais 63% se encontravam no campo e apenas 37% nas grandes cidades⁷. Os meios de comunicação de massa não eram tão de massa — rádio, televisão, telefone — tinham um perfil muito tímido e não atingiam boa parte da população. A extensão da rede de estradas de ferro em tráfego alcançava 36.681 km. As rodovias se estendiam por 341.035 km, sendo quase todas sem pavimentação. As empresas aéreas civis atingiam um percurso de 96.600.775 km e a navegação marítima e as fluviais apresentavam um movimento de 406 embarcações em tráfego.

Tais fatores favoreciam para que as comunidades, povoações e pequenas cidades permanecessem isoladas umas das outras e estas em relação aos grandes centros. Outra característica dessa época era a existência de grandes vazios demográficos⁸ no país como era o caso das regiões Centro-Oeste (Cerrado) e Norte (Amazônia), o que dificultava a realização de um projeto nacional, extenso, completo e confiável.

⁷Os dados estatísticos referidos foram extraídos do *Anuário Estatístico do Brasil — 1954. Ano XV*. Rio de Janeiro: IBGE-Conselho Nacional de Estatística, 1954

⁸ Eram considerados “vazios demográficos” devido à ausência de ocupação desse espaço geográfico pelos lusófonos, uma vez que as muitas tribos indígenas que habitavam a região já estavam confinadas no Parque Nacional do Xingu.

Outra questão que preocupava Antenor Nascentes e Serafim da Silva Neto para o desenvolvimento do projeto era a falta de pesquisadores nas diferentes regiões do Brasil, com condições para contribuir na elaboração do atlas nacional ou que pudessem desenvolver os atlas regionais. Tendo clara essa realidade, o que impedia que o desenvolvimento da Dialetoologia em todas as regiões do país, dificultando a coleta de dados nas regiões de difícil acesso, Serafim da Silva Neto que além de participar de eventos internacionais ministrou alguns cursos de Dialetoologia em várias universidades do país, nos estados de Minas Gerais, Amazonas, Rio Grande do Sul, Bahia entre outros, visando a formação de pesquisadores que viessem a ter interesse pelo tema para desenvolver as pesquisas nas mais diversas regiões. Contribuindo, dessa maneira para a formação de um grupo de pesquisadores na área (AGUILERA, 2005).

Mesmo com todo o esforço, os resultados foram insatisfatórios. Na Bahia e em Minas Gerais os atlas regionais surgiram antes da década de 1980. E assim, levando em conta a concepção inicial do projeto, podemos dizer que a ideia do atlas nacional não logrou êxito naquele momento, contribuindo de certa forma para o desaquecimento da Geografia Linguística no Brasil.

Decorridos mais de cinquenta anos, até final da década de 1990, o projeto do Atlas Linguístico do Brasil ainda não havia sido levado a cabo, devido a vários fatores, entre os quais a morte prematura de Antenor Nascentes, o principal incentivador do projeto, a falta de pesquisadores em Geolinguística e a ideia que circulava nas principais universidades brasileiras que ser dialetólogo era "ser arcaico", "ultrapassado" e "retrógrado". Isso contribuiu para afugentar muitos pesquisadores desse tema. Somados a isso, não faltaram exemplos de grandes projetos fracassados, sem êxito, principalmente, os ligados à Língua Portuguesa, ao ALPI e ao ALIB. Como menciona Oliveira (2005):

Até o final da década de 80, era complicado falar em dialetologia, em algumas universidades brasileiras, principalmente, onde são fortes as áreas do gerativismo, da análise do discurso, da sociolinguística, da aquisição da linguagem etc. As críticas eram as mais diversas e partiam, na maioria das vezes, de pesquisadores conceituados, normalmente com atividades acadêmicas, principalmente no eixo Rio-São Paulo, com viagens constantes ao exterior e, em algumas circunstâncias, embalados por algum modismo em alta, oriundos de universidades europeias ou americanas (OLIVEIRA, 2005, p. 383)

Aguilera (1998), ao falar da Geolinguística, expressa seu otimismo com aquilo que se fez na Dialetoologia brasileira. É bom ressaltar que no momento atual há algo de novo nesta

área, com muitas experiências consolidadas através de pesquisas desenvolvidas e atlas publicados. Na segunda metade do século XX, publicam-se os primeiros atlas linguísticos regionais do Brasil — o Atlas Prévio dos Falares Baianos — APFB (1963), coordenado por Nelson Rossi; o Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais — EALMG (1977), coordenado por Mário Zágari; o Atlas Linguístico da Paraíba — ALPB (1984), coordenado pela Maria da Silva Aragão; o Atlas Linguístico de Sergipe — ALS (1987), coordenado pela Carlota Ferreira e o Atlas Linguístico do Paraná - ALPR (1994) coordenado pela Vanderci de Andrade Aguilera.

O APFB – Atlas Prévio dos Falares Baianos, publicado em 1963, sob a coordenação de Nelson Rossi, se constitui em um marco nos estudos da Geolinguística no Brasil. Pesquisaram-se 50 localidades, aplicando questionários de 164 questões para 99 informantes de 25 a 80 anos, de ambos os sexos.

O segundo Atlas publicado foi o EALMG – Esboço do Atlas Linguístico de Minas Gerais, publicado em 1977, como resultado do trabalho de um grupo de pesquisadores da Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais, sob a coordenação de Mário Zágari. Pesquisaram-se 116 municípios, aplicando um questionário de 415 questões para 83 informantes, de ambos os sexos, com idade entre 30 e 50 anos.

O terceiro atlas publicado foi o ALPB – Atlas Linguístico da Paraíba, publicado em 1982, resultado de um trabalho em equipe, coordenado por Maria do Socorro Aragão e Cleuza Pereira Barreto de Menezes. Os questionários com 877 questões foram aplicados em 25 municípios, para 107 informantes, com idade entre 30 a 75 anos, de ambos os sexos.

O ALS – Atlas Linguístico de Sergipe é considerado uma espécie de extensão do APFB devido ao fato de que algumas pessoas da equipe também fizeram parte de ambas as equipes e muitos mapas foram elaborados juntos com o da Bahia. O ALS foi coordenado por Carlota Ferreira, da Universidade Federal da Bahia. Aplicaram um questionário de 700 questões, em 15 municípios, para 30 informantes com idade entre 25 a 65 anos.

O último atlas regional publicado no Brasil, antes da retomada do projeto ALIB, foi o ALPR – Atlas Linguístico do Paraná, apresentado como tese de doutoramento de Vanderci de Andrade Aguilera e depois publicado em 1994 pelo Governo do estado do Paraná. Aplicou um questionário com 325 questões, em 65 localidades, para 130 informantes com idade entre 25 a 65 anos, de ambos os sexos.

Para Aguilera (1998), o cenário da Geolinguística no Brasil é animador, pois além desses atlas já publicados outros, se encontram em andamento outros regionais, como: o Atlas Linguístico do Ceará, o Atlas Linguístico de São Paulo, o Atlas Linguístico e Etnográfico da

Região Sul, o Atlas Etnolinguístico dos Pescadores do Estado do Rio de Janeiro, o Atlas Linguístico do Acre, o Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul e o Atlas Linguístico do Estado de Mato Grosso. Também devemos considerar que nos programas de pós-graduação também começam a aparecer a Geolinguística como linha de pesquisa que se consolida e marca posição. Pois, são muitas as teses de doutoramentos e dissertações de mestrados que vêm tratando de questões fonético-fonológicas, morfossintáticas, lexicais e semânticas do PB.

Nos anos de 1950, a realidade brasileira impunha limitações para as pesquisas dialetais, com enfoque diatópico. Mas o Brasil dos contrastes que se tornaram cada vez mais visíveis, as diferenças que já eram imensas, acentuaram-se durante o período da “Ditadura Militar” e nas décadas de 1980 e 1990. Para Aguilera, os muitos “brasis” dentro de um mesmo país são notórios e para muitos é revoltante. Manifesta-se também na linguagem, no choque de culturas e muitas vezes aquilo que é diferente torna-se discriminatório, ou pela intolerância ou pelo desrespeito.

Por outro lado, o país mudou muito nesses últimos 60 anos, principalmente nas duas últimas décadas, mais precisamente a partir da virada do século XX. A população cresceu, migrou para os grandes centros urbanos e para as novas fronteiras agrícolas no Centro-Oeste e na Amazônia. As transformações sociais, econômicas, políticas e estruturais foram profundas. O rádio e a televisão invadiram quase todas as casas. A escola pública foi garantida para todas as crianças de 07 a 14 anos e com isso o analfabetismo diminuiu. Inúmeras estradas cortaram o país de leste a oeste e de norte a sul, com o objetivo de ocupar e integrar o país. A rede de telefonia chegou nos mais longínquos lugares. Várias universidades foram criadas. A industrialização mudou a cara e a vida nas grandes cidades. A mecanização da agricultura expulsou milhares de agricultores de suas terras. A mobilidade da população se tornou mais acentuada. O computador passou a ser um bem de consumo para milhares de brasileiros e as redes sociais encurtaram o caminho para muitas informações e debates (AGUILERA, 2005).

Se por um lado alguns linguistas defendem que já se dispõe de estudos preliminares, passíveis de instrumentar um trabalho maior, por outro ainda se padece da ausência de dados linguísticos que permitam traçar uma divisão dialetal do Brasil. Conta-se com a divisão proposta por Nascentes (1953) que, fundamentada em dados linguísticos — a realização das vogais médias pretônicas e a entoação — ainda carrega em si muito de geográfico, basicamente intuitivo, e pode comprometer os rumos de um projeto nacional, se os pesquisadores não fizerem uma leitura adequada das mudanças que ocorreram no Brasil ao longo destas últimas décadas.

Assim, partindo deste princípio, um grupo de pesquisadores brasileiros, com experiência na elaboração de atlas regionais estão propondo como tarefa da Dialectologia brasileira, através do projeto ALiB - Atlas Linguístico do Brasil⁹, a realização de um atlas linguístico amplo e geral do Brasil, sob a coordenação de um comitê científico, inicialmente, composto por Suzana Cardoso (UFBA), Jacira Mota (UFBA), Maria do Socorro Aragão (UFCE), Vanderci de Andrade Aguilera (UEL), Mário Zágari (UFJF) e Walter Koch (UFRGS). Mais tarde, com a notícia da elaboração do Projeto ALiB, outros pesquisadores passaram a aderir ao grupo.

Cardoso (1998) aponta como justificativa para o desenvolvimento de tal projeto, levando a cabo a proposta de Antenor Nascentes, as razões de ordem linguística *stricto sensu*, de ordem social, de ordem histórica, e, ainda, relacionadas à política de ensino da língua materna e à própria política de entendimento da diversidade de usos da língua. São razões que justificam o esforço nacional, com participação das universidades e pesquisadores de todas as regiões, garantindo assim, além do amparo institucional, o engajamento pessoal de cada membro da grande equipe que passou a constituir-se a partir da elaboração e da implementação deste audacioso projeto.

A realização de um atlas linguístico do Brasil terá, entre outros méritos, o de permitir que se tracem isoglossas definidoras de áreas dialetais que propiciarão o estabelecimento de uma divisão dialetal do Brasil de base eminentemente linguística. Porém, permanecer durante décadas tendo como referencial apenas a divisão dialetal estabelecida por Antenor Nascentes e outros filólogos é negar o avanço da Geolinguística, o dinamismo da língua e a mobilidade da população. É bom lembrar que, segundo o IBGE, censo 1991, 43% da população brasileira não residem mais no município onde nasceram e esse número tende a aumentar devido à mobilidade da população brasileira.

Para o Comitê Científico do Projeto ALiB, outro fator que merece destaque e que justifica a realização de um atlas do Brasil, relaciona-se ao ensino da língua materna. Para ele, é preciso ter-se a visão da multidimensionalidade da língua no país, não apenas para efeitos de precisar e demarcar espaços geolinguísticos, mas para que se possa também contribuir, de forma direta, para um melhor equacionamento entre a realidade de cada área, sendo o ensino da língua materna uma das principais beneficiadas. Isto é, é necessária uma política de ensino

⁹ Segundo Cardoso (2010), a retomada da ideia de elaboração do Atlas Linguístico do Brasil se deu por ocasião da realização do Seminário *Caminhos e perspectivas para a Geolinguística no Brasil*, realizado em novembro de 1996, com a participação de pesquisadores de diferentes regiões e com o assessoramento do Prof. Michel Contini da Universidade de Grenoble – França.

da língua materna que respeite o multiculturalismo e a diversidade linguística dos falantes nas suas múltiplas dimensões: geográfica, etária, sexual, social, cultural e outras.

Do ponto de vista histórico, o conhecimento da realidade linguística do país, das variadas áreas a serem identificadas e das diferenças que opõem determinadas regiões a outras pode trazer aportes de relevância para aprofundar, entre outras questões, aquelas relativas à natureza do povoamento do Brasil, às repercussões do processo de migração, à relação com áreas linguístico-geográficas de Portugal e aos reflexos das línguas indígenas e africanas na constituição do português do Brasil. Assim como a relação do português com as línguas de migração, marginalizadas durante muitas décadas também podem ser objetos de investigação nesse ramo da Linguística (ALTENHOFEN, 2011).

Acredita-se que o Atlas Linguístico do Brasil constituir-se-á em substancial contribuição para o entendimento da língua e de suas variantes, eliminando visões distorcidas que privilegiam a variante culta e estigmatizam as demais. Também, o reconhecimento e o respeito às várias línguas africanas, europeias, orientais e indígenas faladas aqui, podem ser objetos de estudos. Para isso, é importante o fomento de muitos projetos de estudos no campo da linguística contatual (MELLO, ALTENHOFEN E RASO, 2011).

Entende-se que os necessários estudos preliminares de caráter geral já realizados indicam o cumprimento dessa etapa preliminar. São muitos os atlas linguísticos regionais e microrregionais já publicados, e estão em andamento mais outros tantos. Por outro lado, estudos de caráter monográfico sobre áreas específicas ou sobre regiões vêm aflorando nos programas de pós-graduação, sob a forma de dissertações de mestrado e teses de doutorado, aos quais se acrescenta um considerável rol de comunicações em congressos e reuniões científicas que abordam, sob diferentes perspectivas, a temática da diversidade linguística no Brasil. É interessante observar que muitas universidades que careciam de tradição nas pesquisas dialetológicas ou geolinguísticas passaram a incluir esta linha de pesquisa nos seus programas de mestrado e doutorado, muitas vezes dando outras roupagens na disciplina através do diálogo com outras áreas.

Cardoso (2012) destaca a importância do corpus do ALiB para o desenvolvimento das pesquisas geolinguísticas e para a formação de novos pesquisadores:

A utilização do corpus ALiB na produção de teses de doutorado e dissertações de mestrado orientadas por membros do Comitê Nacional do Projeto vem abrindo uma outra linha de tratamento dos dados. Para ilustrar, citam-se a Dissertação de Mestrado de Vanessa Yida, ‘Alimentação e Cozinha no Brasil’, orientada por Vanderci de Andrade Aguilera e [...] (CARDOSO, 2012, p. 27)

Os estudos dialetológicos no Brasil atingiram uma posição de destaque no cenário das pesquisas linguísticas a partir da publicação dos volumes I e II do Atlas Linguístico do Brasil, ocorrido no *III CIDS – Congresso Internacional de Dialectologia e Sociolinguística: variação, atitudes e ensino*, realizado pela UEL- Universidade Estadual de Londrina-PR, no período de 07 a 10 de outubro de 2014. Podemos também incluir neste marco vários trabalhos desenvolvidos por iniciativa de muitos pesquisadores que passaram a desenvolver seus projetos regionais a partir da aprovação e desenvolvimento do projeto nacional e principalmente pelo clima favorável ao surgimento de tantos outros projetos de pesquisas em forma de dissertações e teses que serão impulsionados pelo Projeto ALiB.

É nesse contexto que a Geolinguística de Mato Grosso encontra-se inserida, além das teses e monografias regionais que buscam um diálogo com o projeto ALiB, um grupo de pesquisadores está desenvolvendo um projeto estadual, o ALiMAT – *Atlas Linguístico de Mato Grosso*, que se encontra com dados coletados em fase de sistematização. E, mais recentemente, com a criação de um núcleo de pesquisas geolinguísticas, através do Projeto DIVALIN – *Diversidade e Variação Linguística no Estado de Mato Grosso*, institucionalizado na UNEMAT – Campus de Sinop, reúne pesquisadores que desenvolvem suas pesquisas sobre a diversidade e variação linguística no estado de Mato Grosso.

Também podemos incluir neste rol o Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul (ALMS), publicado em 2007. Organizado por Dercir Pedro de Oliveira, com o apoio do CNPq/Capes. Editado pela Editora da UFMS, Campo Grande - MS. No ALMS, os pesquisadores oferecem cartas fonéticas, semântico-lexicais e morfossintáticas.

Não poderia deixar de citar algumas pesquisas que têm contribuído para o desenvolvimento dos estudos linguísticos em Mato Grosso. Por exemplo: as contribuições de Manoel Mourivaldo Santiago-Almeida para os estudos dialetais mato-grossenses ultrapassam os limites de suas publicações sobre o “falar cuiabano” e o “falar caipira”, se refletem nos textos de dissertações e teses de seus orientandos. É o caso de Wanderléia S. C. Viola em sua dissertação de mestrado que registra a variação dialetal do município de Guiratinga (MT) (VIOLA, 2010) e Neusa Inês Philippsen que na sua tese de doutoramento traz uma reflexão sobre a língua portuguesa falada em quatro cidades do Norte mato-grossense, através de uma pesquisa descritiva, interpretativa e reflexiva que analisa o caráter multidialetal que constitui o léxico dessa região (PHILPPSEN, 2013).

Outro trabalho importante para os estudos sociolinguísticos mato-grossenses é o de José Leonildo Lima que na sua tese de doutoramento apresenta uma discussão acerca dos

aspectos morfossintáticos da variação na concordância do gênero gramatical no falar cuiabano (LIMA, 2007).

Tal cenário apresenta-se como uma razão contundente para justificar e impor o esforço coletivo de pesquisadores brasileiros na elaboração do Atlas Linguístico do Brasil. Neste sentido, espera-se que o Atlas Semântico-Lexical do Norte do Estado de Mato Grosso nos dê experiência para participar das equipes estadual e nacional. Esperamos também que esse sirva como instrumento de reflexão para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil, no tocante à inclusão dos migrantes como representantes significativos na formação das variedades do português brasileiro, principalmente através do intenso contato dialetal a que diariamente estão submetidos. E que o “território incharacterístico” passe a integrar o cenário das pesquisas linguísticas como espaço de contato linguístico multidialetal.

2 O NORTE DO ESTADO DE MATO GROSSO

Este capítulo vai ocupar-se da caracterização do espaço estudado, expondo de maneira sucinta o processo de ocupação do estado de Mato Grosso, desde o início da colonização portuguesa até a origem dos grupos migratórios territorializados nesta região. Este é um procedimento essencial para compreender a gama de diversidade linguística do Português Brasileiro e dos aspectos da multiculturalidade e multilinguísticas que caracterizam este espaço.

2.1 História da ocupação do estado de Mato Grosso

A história de ocupação do estado de Mato Grosso pelos europeus (portugueses e espanhóis) não foi diferente do que ocorrera no Brasil. Iniciou-se ainda no século XVI, no ano de 1524, quando o português Aleixo Garcia, acompanhado de alguns brancos (europeus) e uma centena de índios atravessou o Rio Paraná e entrou nas terras mato-grossenses, que ainda pertenciam ao domínio espanhol devido ao Tratado de Tordesilhas¹⁰, em busca de grandes riquezas e novos horizontes.

A busca pela riqueza, pelo poder e pela sobrevivência marcou a história deste país e em Mato Grosso não poderia ser diferente, como afirma a historiadora Croci:

A história inteira do Brasil é caracterizada pelo deslocamento de pessoas: da colonização ao tráfico de escravo, das migrações transoceânicas àquelas internas. A identidade nacional, mesmo através de muitas contradições, construiu-se, queira-se ou não, na ideia de uma sociedade multiétnica. (CROCI, 2011, p. 73)

Na tentativa de expandir o território português para o Oeste, arrecadar mais impostos e riquezas para a corte, capturar índios e descobrir minas de ouro, a capitania de São Paulo dá os primeiros passos para a ocupação do estado de Mato Grosso. A partir daí, vários grupos de bandeirantes paulistas avançam para o Oeste, descobrem ouro, dizem índios, fundam vilas e iniciam todo o processo de ocupação dessa região, que se estende pelos vales do Rio Cuiabá, Coxipó e Guaporé.

¹⁰ Tordesilhas foi um tratado de limites firmado entre Portugal e Espanha, em 1494, dois anos após o descobrimento da América. Com este tratado ficou estabelecido que as novas terras que se situassem a 360 milhas ao Leste das Ilhas de Cabo Verde pertenceriam a Portugal e as terras situadas do lado Oeste, isto é, após as 360 milhas pertenceriam à Espanha (SIQUEIRA, 2009, p.107).

Os primeiros bandeirantes¹¹ instalam-se às margens do Rio Cuiabá e fundam a primeira vila - Vila Real do Nosso Senhor Bom Jesus de Cuiabá. Mais tarde avançam pelo vale do Rio Guaporé e por ordem da Coroa Portuguesa fundam Vila Bela da Santíssima Trindade em 1752, com o objetivo de impedir o avanço dos espanhóis, consolidando assim os limites da colônia portuguesa no território mato-grossense. Na década seguinte, rumam em direção ao Pantanal e nas margens do Rio Paraguai fundam a Vila de São Luís de Cáceres.

A história da ocupação e povoamento do espaço físico que constitui hoje o estado de Mato Grosso está estreitamente relacionada com as diversas fases econômicas, principalmente as relacionadas à exploração de ouro e diamante, desde os primeiros bandeirantes até a recente ocupação do Cerrado e da Floresta Amazônica.

Para Ferreira (2001), foi em 1722 que ocorreu a descoberta de uma dos veios auríferos mais importantes da região e a posterior propagação do fato fez com que a migração oriunda de todas as partes da colônia tornasse intensa. Fato que fez de Cuiabá, no período de 1722 a 1726, uma das mais populosas cidades do país. Andrezza e Nadalin (2011) confirmam:

[...] De início, o núcleo desses deslocamentos populacionais, partindo de diversos locais da costa, era constituído por uma população “aventureira”, acompanhando ou precedido por bandeirantes de “guerra” ou de “povoamento”. Mais tarde, já ultrapassada a linha demarcatória de Tordesilhas, cada vez mais os migrantes eram constituídos de grupos que se dirigiam ao “sertão” para buscar novos horizontes. (ANDREAZZA e NADALIN, 2011, p. 57)

A notícia de descoberta de grandes minas, no século XVIII, atraiu a vinda espontânea de novos colonos portugueses, seduzidos pela possibilidade de riqueza com a mineração, o que favoreceu a ocupação de regiões mais remotas como Goiás e Mato Grosso. E, sobretudo demandou uma vertiginosa importação de africanos. (ANDREAZZA e NADALIN, 2011, p. 57)

Logo em seguida, por volta de 1730, essas minas e veios de ouro entravam em decadência e o caos econômico se estabeleceu na região, pois os alimentos não eram produzidos ali, tudo o que se comia vinha de São Paulo, transportados por animais. Com isso, a população, para não morrer de fome, passou a cultivar a terra e a incorporação da atividade agrícola na Capitania de Mato Grosso tornou-se responsável pela transformação de uma população nômade em sedentária. Foi desta forma que muitos garimpeiros passaram a ser agricultores, fato este que favoreceu o surgimento de muitos núcleos populacionais.

¹¹ As primeiras bandeiras eram expedições pequenas, contendo algumas dezenas de homens e até mesmo centenas. No auge das bandeiras, no século XVII, algumas bandeiras chegaram a conter milhares de integrantes, eram verdadeiros exércitos que cruzavam o interior do continente (VOLPATO, 1986).

O embate não ocorreu apenas sob o aspecto econômico (descoberta de minas, conquista de territórios, apreensão de indígenas), mas também sob o aspecto cultural e linguístico, como afirma Mello (2011):

Com o descobrimento de pedras e metais preciosos em Minas Gerais no final do século XVIII, evento este devido aos paulistas falantes da língua geral, a coroa portuguesa imediatamente apercebeu-se do potencial da região e da necessidade de controlá-la. Os paulistas foram combatidos e vencidos na conhecida Guerra dos Emboabas, e com a partida deles, sua língua perdeu utilidade e prestígio, e substituída massivamente pelo português, trazido com grandes levas de aventureiros portugueses e também através de brasileiros que se deslocaram para a região em busca de riquezas. Neste cenário, a língua franca adotada foi o português, em suas variantes, falado por pessoas de diferentes proveniências, competências linguísticas e etnias. (MELLO, 2011, p. 181)

Foi em 1748 que o Rei de Portugal D. João V criou a Capitania de Mato Grosso, desmembrada da Capitania de São Paulo. A Capitania de Mato Grosso abrangia um território tão vasto, o equivalente aos estados de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Tocantins, Goiás e Rondônia. Mas, segundo Ferreira (2001), foi somente a partir da assinatura do Tratado de Madrid, em 1750, que o território mato-grossense passou a ser oficialmente da Coroa Portuguesa.

O período de 1772 a 1798 foi decisivo para o país e, conseqüentemente, para a Capitania de Mato Grosso, que devido ao alargamento da fronteira ocidental do estado, estendendo-se desde o vale do Guaporé até às margens do rio Paraguai, possibilitou a criação de alguns núcleos populacionais.

Como resultado da política impetrada por Portugal, no sentido de impedir que os espanhóis ocupassem as terras mato-grossenses, fortaleceu o surgimento de importantes povoados como Vila Maria do Paraguai e Nossa Senhora da Conceição de Albuquerque, hoje Cárceres e Corumbá e, ainda a consolidação da linha divisória dos domínios de Portugal através da fixação de limites da porção oeste da colônia.

Isso possibilitou certo desenvolvimento da região, como a implementação dos meios de comunicação através da abertura de estradas e o fortalecimento da navegação que concorreu para a interiorização do povoamento da capitania, tanto em áreas propícias à mineração quanto naquelas cujo solo favorecia a introdução de uma agricultura e uma pecuária. Esta, mesmo sendo embrionária, considerando aquela época, já sinalizava para uma grande perspectiva para o desenvolvimento de Mato Grosso.

Com a família real instalada, fixada no Brasil, a língua portuguesa passou a ser exigida pela Coroa em todo o território português, em um processo de disputas e imposições sobre as outras línguas de imigração: as línguas europeias e as africanas, assim como, sobre as línguas indígenas, nativas do Brasil. Para Mello (2011), a presença da família real nas terras brasileiras fez um contraponto com a influência dos jesuítas no tocante aos usos linguísticos.

Retomando o valor social da língua portuguesa no Brasil, podemos concluir que houve uma crescente difusão e valorização do português nos tempos da colônia até a era imperial. Se no início do processo de ocupação das terras descobertas Portugal permitiu e incentivou a presença dos jesuítas no Brasil, com o seu papel catequista marcado pelo uso de línguas indígenas no processo de cristianização dos povos nativos, tal cenário muda radicalmente ao longo dos séculos. (MELLO, 2011, p. 180)

Após a independência do Brasil, o Imperador D. Pedro I, em 1823, elevou a Capitania de Mato Grosso à categoria de Província. Neste mesmo ato foi desmembrada desta a Província de Goiás. Dentre os muitos fatos que contribuíram para a ocupação territorial, gostaríamos de citar a guerra entre Brasil e Paraguai, da qual se tornou palco a província de Mato Grosso. Conflito que só foi resolvido, temporariamente, em 1850 com o Tratado de Aliança Militar celebrado pela diplomacia dos dois países.

Para garantir a ocupação dos territórios vazios, o Império editou a Lei nº 601, de 18 de setembro de 1850¹², numa tentativa de organizar a distribuição de terras imperiais que até então acontecia através de concessão de sesmarias¹³. Com o Estatuto da Terra do Império estabeleceu-se o processo de compra em hasta pública¹⁴. Na prática não mudou muita coisa porque somente os ricos continuaram a tomar posse das terras, porque só eles tinham

¹² Com a Lei de 1850, termina o regime jurídico das posses no Brasil. A Lei, embora reconhecesse a aquisição da propriedade pela “posse com cultura efetiva”, cuidou de corrigir os excessos havidos, fugindo de decretar uma expropriação em massa, cujos efeitos seriam imprevisíveis. A ocupação de terras devolutas foi, então, inequivocamente proibida e o dano traduzido pela derrubada de matos e queimadas, qualificada como crime punível com multa e pena de dois a seis meses de prisão. FAUSTO, B. *História do Brasil*. São Paulo, Edusp, 2001

¹³ A Sesmaria era a concessão de terras no Brasil pelo governo português com o intuito de desenvolver a agricultura, a criação de gado e, mais tarde, o extrativismo vegetal, tendo se expandido à cultura do café e do cacau. Ao mesmo tempo, servia a povoar o território e a recompensar nobres, navegadores ou militares por serviços prestados à coroa portuguesa. A sesmaria representava a exploração econômica da terra de maneira rápida, tendo fundamentado a organização social e do trabalho desenvolvida no Brasil, assim como o latifúndio monocultor e escravagista. FAUSTO, B. *História do Brasil*. São Paulo, Edusp, 2001

¹⁴ A lei n. 601, de 18 de setembro de 1850, amplamente conhecida como lei de terras, foi o dispositivo legal que, pela primeira vez, buscou regulamentar a questão fundiária no império do Brasil. esse ato determinou que a única forma de acesso às terras devolutas da nação fosse através da compra ao estado em hasta pública, garantindo, entretanto, a revalidação das antigas sesmarias, que era até então a forma de doação da terra por parte do estado à iniciativa particular – prática existente desde os tempos coloniais – e das posses realizadas até aquele momento, desde que estas tivessem sido feitas de forma mansa e pacífica. CAVALCANTE, J. L. A Lei de Terras de 1850 e a reafirmação do poder básico do Estado sobre a terra. *Revista Histórica*, n. 2

condições para enfrentar a hasta pública. Com isso, o processo de concentração das terras nas mãos de poucos continuou, como sempre, com o aval da Coroa. Muitas sesmarias foram distribuídas, fortalecendo desta forma algumas famílias e com isso o indecente coronelismo e as famigeradas oligarquias, reforçando a exploração dos trabalhadores, escravos ou não e a concentração da renda (FAUSTO, 2001).

Mais tarde, devido aos danos sofridos pelas revoltas e guerras, as autoridades imperiais e, posteriormente, as republicanas, concederam, a quem tivesse interesse, terras para a colonização, visando uma maior ocupação das terras mato-grossenses. Milhares de hectares de terras foram repassados para grandes empresas e algumas delas desenvolveram empreendimentos de colonização. Com isso, grandes levas de migrantes gaúchos chegaram ao estado e passaram a desenvolver a agricultura ao sul e a pecuária na região pantaneira.

Quando Mato Grosso passa para o processo de colonização, com ocupação de suas terras por migrantes vindos de outras regiões do país, intensifica-se também os conflitos de classes, como explicita Croci:

O século XIX, pelo menos até os primeiros anos da década de 80, é, portanto, profundamente marcado pela colonização, em particular no Sul, e pelas migrações internas. A tradicional mobilidade dos sertanejos, atropelados pelas secas e pela modernização que desarticulou a microeconomia agropastoril, se transforma em migrações de massa, impondo as elites locais, a urgência de achar uma solução para o problema do controle e da submissão do proletariado rural que invadia a cena urbana, rompendo os vínculos tradicionais e ultrapassando a fronteira física e social do sertão. (CROCI, 2011, p. 82)

A economia do estado de Mato Grosso passou a ter novos pilares de sustentação. Saiu um pouco das mãos dos paulistas e mineiros, que exploravam a extração da poaia e do ouro e passou para as mãos dos migrantes sulistas, que de posse de uma boa fatia do poder econômico passaram a reivindicar o poder político acirrando a tensão e os conflitos internos.

As divergências não eram só econômicas e políticas, mas também linguísticas. O encontro de modos diferentes de falar o português, trazidos pelos imigrantes portugueses, como ‘o falar lisboeta’¹⁵, falado pelos migrantes paulistas que chegaram primeiro na região, através de monções e bandeiras e os sulistas, muitos de origem açoriana, que se instalaram no sul do estado para desenvolver a agricultura e a pecuária; além das línguas dos negros, inicialmente como escravos; as diversas línguas dos indígenas e a espanhola que entraram em contato ao longo da história desse estado, principalmente na fronteira com a Bolívia e o

¹⁵ Português falado pela Coroa Portuguesa ou altamente influenciado por ela.

Paraguai, passaram a coexistir em um mesmo espaço social. Assim, podemos afirmar que a diversidade linguística resultante do contato linguístico e dialetal vem ocorrendo desde o início da ocupação das terras mato-grossenses.

Com a Proclamação da República em 1889, a Província de Mato Grosso passou para a categoria de estado de Mato Grosso e abrangia a área que hoje são os estados de Mato Grosso, Rondônia e Mato Grosso do Sul. Durante o período da República, Mato Grosso tornou-se a maior unidade territorial brasileira, com cerca de 1.400.000 quilômetros quadrados. Mesmo assim, a maioria de sua extensão territorial era composta de grandes vazios demográficos, principalmente, as áreas de Cerrado, Pantanal e Floresta Amazônica. Inicialmente, esta área toda era o município de Cuiabá. De Cuiabá derivaram direta ou indiretamente todos os municípios da região a oeste dos rios Araguaia e Paraná, ao sul dos domínios do Grão-Pará.

Em 1943 foi criado pelo Governo Federal o Território Federal do Guaporé, que mais tarde passou a chamar-se de Rondônia em homenagem ao Marechal Cândido Rondon, militar responsável pela implantação das linhas de telégrafo nas terras mato-grossenses. Nessa década chegaram ao estado muitos migrantes oriundos do Rio Grande do Sul, que se instalavam nas regiões do pantanal e no sul do estado. Consequentemente, houve um desenvolvimento significativo da agricultura, no sul, e da pecuária, no Pantanal.

As terras mato-grossenses passaram a ser objeto de cobiça e especulação imobiliária devido ao seu valor e a radicação dos agricultores e pecuaristas na terra. Com isso os conflitos se tornaram mais intensos. Os que estavam radicados há mais tempo, oriundos de São Paulo, não aceitavam a participação dos sulistas na política e na organização da sociedade (SOUZA, 1990, p. 207).

Somados a esses conflitos, também havia implicações dissimuladas quanto à forma de falar. Isso porque desde o início da ocupação do Brasil havia uma determinação do Rei de Portugal para que se falasse a Língua Portuguesa como forma de também garantir o território ocupado. Para a Coroa Portuguesa, o português correto era o falado na região de Lisboa, além de culto e padrão era a forma prestigiada. Os paulistas tinham uma influência direta do falar lisboeta, enquanto que os sulistas carregavam na sua fala as marcas do português açoriano e isso gerou muitos conflitos linguísticos.

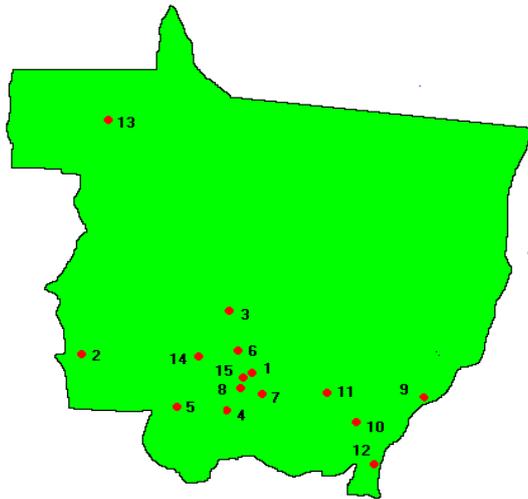
Com o desenvolvimento do sul do estado, principalmente, através da agricultura e pecuária, fez com que aumentasse a rivalidade entre os mato-grossenses e os migrantes sulistas. Essa rivalidade repercutia na política. Tanto que na década de 1930 foi criada a Liga Sul Mato-grossense que pressionava o governo para mudar a capital para Campo Grande ou criar um novo estado. A Liga, ao mesmo tempo que pressionava, negociava também com o

governo federal, ou melhor, com o governo militar para que um sulista fosse nomeado governador (SOUZA, 2007).

Com a nomeação de um sulista para o governo do estado de Mato Grosso, reivindicação atendida pelos militares, o processo de desmembramento foi acelerado. Em janeiro de 1977 foi criado o estado de Mato Grosso do Sul, com a capital em Campo Grande enquanto que o estado de Mato Grosso passou a ter a atual configuração, mantendo Cuiabá como capital do estado, conforme mapa abaixo.

Em 1950, o território que atualmente é o estado de Mato Grosso estava constituído por apenas 15 municípios, praticamente todos localizados no sul do estado. Interessa observar que o único município implantado no Norte do estado era o de Aripuanã. Com o novo estado ficaram as principais áreas agrícolas e de criação de gado. Por outro lado, o Norte do atual estado se constituía num grande vazio demográfico, apenas habitado por esparsas tribos indígenas e alguns caboclos que coletavam o látex dos seringais nativos¹⁶.

MAPA 02 - Municípios criados no estado de Mato Grosso de 1719 a 1950



Fonte: Mapa adaptado para esta pesquisa.

Os municípios que existiam, em 1950, são: 01 - Cuiabá (1726), 02 - Vila Bela da Santíssima Trindade (1752), 03 - Diamantino (1820), 04 - Poconé (1820), 05 - Cáceres (1850), 06 - Rosário Oeste (1861), 07 - Nossa Senhora do Livramento (1883), 08 - Santo

¹⁶ Acredita-se que esta teria sido a razão para Antenor Nascentes, em 1953, nomear como “Território Incaracterístico” esta região.

Antônio do Leverger (1899), 09 - Barra do Garças (1913), 10 - Guiratinga (1921), 11 - Poxoréo (1938), 12 - Alto Araguaia (1938), 13 - Aripuanã (1943), 14 - Barra do Bugres (1943) e 15 - Várzea Grande (1948).

Em 1977 o estado foi dividido. Apesar da diminuição da área, da população e das obrigações públicas, as dificuldades de gestão aumentaram devido à falta de recursos orçamentários. Para compensar essas perdas tanto o Governo Federal quanto o Governo Estadual passaram a incentivar o processo de migração para o Norte do estado¹⁷. Papéis preponderantes tiveram o Instituto de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), as colonizadoras privadas e as cooperativas agrícolas para a abertura de novas fronteiras agrícolas, que através de grandes projetos de colonização e assentamento de colonos promoveram o maior fluxo migratório ocorrido num país da América Latina.

Na sua história, o atual estado de Mato Grosso foi e está sendo ocupado por várias e sucessivas "invasões e correntes migratórias", motivadas por ciclos econômicos (do ouro, da borracha, da madeira, do gado), programas do Governo Federal, como os I Plano de Desenvolvimento Nacional (I PND) e II Plano de Desenvolvimento Nacional (II PND), projetos de colonização e reforma agrária e crises socioeconômicas, formando assim regiões muito distintas (Araguaia, Pantanal, Sul, Noroeste, Baixada Cuiabana, Médio Norte e Norte).

Outros fatores também tiveram papel importante na caracterização das peculiaridades regionais, tais como: modelo de exploração econômica, época de chegada dos migrantes, origem geográfica e étnica dos grupos, aspectos geográficos dos diferentes biomas (Pantanal, Cerrado e Floresta Amazônica), tipos de colonização (privada ou pública), distribuição fundiária (latifúndio, médias propriedades ou pequenos lotes rurais) e a relação com os diferentes grupos indígenas (convivência, exploração ou dizimação).

Nas últimas três décadas, um dos movimentos migratórios mais intensos e significativos ocorreu no Norte de Mato Grosso, região popularmente chamada de Nortão, situado na chamada "Amazônia Legal Mato-grossense"- área de floresta tropical, situada entre o "Cerrado" e a Serra do Cachimbo no sul do Pará. A imensa floresta da Amazônia Mato-grossense¹⁸ sofreu profundas transformações com a chegada de centenas de grupos oriundos, praticamente, de todas as regiões do país. Isso porque durante as décadas de 1970 e 1980 o

¹⁷Entre os anos 50 e 70, iniciam-se ações dirigidas de colonização, promovidas pelo governo estadual, dando início a um povoamento mais extensivo do território. Entretanto, é apenas a partir das décadas de 70 e 80, em função das políticas de integração nacional, implementadas pelo Governo Federal com o objetivo de anexar os grandes vazios demográficos ao processo produtivo brasileiro, que ocorre a ampliação e a incorporação das terras de Mato Grosso às atividades produtivas. (SEPLAN-MT, 2002)

¹⁸ A Amazônia Mato-grossense corresponde a uma grande área de floresta que se forma a partir do paralelo 13.

Governo Militar do Brasil "investiu" em programas de colonização em regiões da Amazônia e do Cerrado, que considerava desabitadas, sem respeitar as tribos indígenas que viviam ali, o impacto ecológico e social que ocorreria.

As ações do Governo Federal consistiam em distribuir, gratuitamente, grandes áreas de terras para empresas, cooperativas e sociedades imobiliárias interessadas em grandes projetos de colonização ou de implantação de atividades de agropecuárias. Estas realizavam suas ações de acordo com seu interesse econômico, sem a mínima preocupação social.

Os principais projetos desenvolvidos no Norte do estado são: o Projeto Gleba Celeste pela colonizadora Sociedade Imobiliária Noroeste do Paraná (SINOP), o Projeto Matupá pela colonizadora Cachimbo, o Projeto de Assentamento Conjunto de Peixoto de Azevedo (PAC - Peixoto de Azevedo) pelo INCRA e pela Cooperativa Tritícola Erexim Limitada (COTREL), o Projeto Terra Nova pela Cooperativa de Canarana (COPERCANA), o Projeto Marcelândia pela Colonizadora Maiká S.A., o projeto Alta Floresta pela Colonizadora INDECO S.A. e o Projeto Nova Galileia pela Colonizadora Líder e pelo INCRA.

Além disso, a exploração desenfreada das minas de ouro e da extração de madeiras contribuiu para a ocupação desordenada dessa região¹⁹. Para as indústrias madeireiras a matéria-prima estava ali, abundante e quase de graça. O ouro brotava da terra e a notícia de descobertas de novos veios de ouro aguçava a ganância tanto daqueles que tentavam fugir da pobreza quanto dos que buscavam acumular riquezas com facilidade. A grilagem de terras e a disputa por garimpos passaram a ser atividades do crime organizado, embora nunca admitido pelo governo (PICOLI, 2008).

Para isso, o Governo Federal abriu as grandes rodovias chamadas de "rodovias de integração nacional". Expulsou os índios e implantou vários projetos de colonização através do INCRA, das empresas colonizadoras e das cooperativas agrícolas. Com isso, procurava aliviar as tensões sociais existentes em quase todas as regiões do país, combater as reivindicações de reforma agrária e ocupar essas áreas para evitar a organização de "grupos de guerrilha" que começavam a surgir em vários países da América Latina, inclusive no Brasil (SANTOS, 2001).

¹⁹Neste período o processo de incorporação do território mato-grossense foi mais intenso, salientando-se o papel decisivo que desempenharam a abertura de rodovias e a implantação de núcleos de colonização. A grande maioria dos municípios surgidos a partir da década de 70 teve sua origem em projetos de colonização privados ou governamentais, sobretudo na porção Norte do estado. A melhoria das condições de acessibilidade propiciou a expansão das atividades de mineração, extração de madeira e a implantação da agropecuária. No contexto desse processo, ocorreu a consolidação das antigas cidades do Sul-Sudoeste e o surgimento de novos núcleos urbanos, principalmente na região Centro-Norte, com fluxos migratórios internos ao estado de Mato Grosso, oriundos de outras regiões do país (SEPLAN-MT, 2002).

Nessa época, a população marginalizada do chamado "milagre econômico brasileiro"²⁰ e fruto da "ditadura militar", começava a organizar-se enquanto movimentos sociais, sindicais e grupos, com o apoio de setores da Igreja Católica, partidos de esquerda e movimentos revolucionários.

Muitos grupos, como os desabrigados de suas terras devido à construção de usinas hidrelétricas, os colonos expulsos das reservas indígenas, os sem-terra, os migrantes nordestinos vítimas da seca, os desempregados dos grandes centros, os brasiguaios – brasileiros expulsos do Paraguai – passaram a ser alvo do governo no sentido de atraí-los para as áreas de colonização e reforma agrária que ocorria em toda a região amazônica, às margens das rodovias.

O Governo Federal, como afirma Santos (2001), tinha também como objetivo a ocupação da região amazônica, assentando os colonos em agrovilas ao longo das rodovia recém-abertas na região.

O objetivo maior, porém, não era apenas atrair migrantes para frente de trabalho, mas sim fixá-los na Amazônia legal. Para isso o Governo Federal projetou a criação de agrovilas que eram pequenas comunidades de agricultores, implantadas ao longo das rodovias e que deveriam receber toda a assistência do poder público, a começar pela doação de lotes de terra, equipamento e sementes para plantio (SANTOS, 2001, p. 12).

É interessante destacar que, para atrair os agricultores foi montada uma rede de propaganda, através dos colonizadores, do governo e dos meios de comunicação, que divulgava os projetos sobre a construção simbólica de um tipo de agricultor que era recrutado e selecionado para iniciar e garantir o sucesso dos programas, chamados de "colono modelo", "moderno", "pioneiro", "vencedor"²¹. Consequentemente, centenas de grupos de excluídos foram atraídos, manipulados e trazidos para a região que, além da ocupação de uma parte da terra, vários povoados e centros urbanos foram surgindo e com isso outras pessoas também migravam para esse "eldorado" (SANTOS, 1993).

Devido à intensa migração ocorrida nas últimas décadas o estado de Mato Grosso, que em 1950 possuía apenas 15 municípios, passou a ter 136 em 1988. Santos (1993), descreve aspectos da realidade de alguns municípios da região:

²⁰ Para Santos (2001), foi durante o governo "desenvolvimentista" de Juscelino Kubitschek (JK) e do governo militar que houve um acelerado crescimento da industrialização e da implantação de obras de infraestrutura. Por isso, chamou-se esse período de "milagre econômico brasileiro" como forma de exaltar os governos e encobrir a repressão policial.

²¹ SANTOS, J. V. T. dos. Matuchos: exclusão e luta do Sul para a Amazônia. Petrópolis: Vozes, 1993.

Nessa época, alguns municípios da região recebiam de dez a quinze mil migrantes por ano, as cidades tornavam-se um amontoado de barracos (casebres) e acirrava-se a luta pela posse da terra, surgiam então outros personagens: os grileiros - fazendeiros em busca de grandes área para a especulação, os posseiros - pequenos agricultores que buscavam um pedaço de terra para a subsistência os garimpeiros, os comerciantes, os madeireiros e as prostitutas (SANTOS, 1984, p. 97-98).

Por causa das grandes levas de migrantes, formou-se no Norte do estado de Mato Grosso uma sociedade tão diversificada cultural e linguisticamente, devido às origens dos grupos, à estratificação social resultante da rápida concentração da renda e do relativo isolamento da região em relação ao restante do país²². Isso constitui, principalmente no campo lexical, semântico, morfológico e fonológico, um vasto campo para as pesquisas sociolinguísticas, dialetológicas, geolinguísticas, linguísticas históricas, etnolinguísticas e outras.

Segundo Cox (2005), a diversidade cultural e linguística que ocorreu e ainda ocorre em Mato Grosso é resultante de sua colonização.

No curso de quase trezentos anos de esporádicos contatos com outras regiões do país, foi se engendrando na Baixada Cuiabana uma variedade de português diferente de outras faladas no Brasil. Os imigrantes que aqui chegaram nas décadas de 1950, 1960 e 1970, impelidos pela “marcha para o oeste”, incentivada pelo presidente Getúlio Vargas desde os anos quarenta, mobilizados pelo sonho e empresa espetacular de construção de Brasília durante o governo de JK, seduzidos pelas políticas públicas de incentivo ao povoamento do Brasil Central e da Amazônia e encorajados pela pavimentação das rodovias BR-163 e BR-364, ambas ligando Cuiabá aos grandes centros do país, depararam-se com brasileiros falantes de um português singular, pouco conhecido fora do estado de Mato Grosso (COX, 2005, p. 65).

A convivência desses grupos de origem geográfica distinta numa mesma comunidade linguística gerou novos conflitos, ou melhor, acirrou os antigos (Norte x Sul, Sudeste x Nordeste, Sul x Sudeste, Nordeste x Sul), isso tanto nos campos social e econômico quanto no linguístico e cultural. Cada grupo com seu “falar característico” procura, inicialmente, preservar sua

²² De um cenário linguístico aparentemente homogêneo, Mato Grosso se converteu, nesses tempos de intenso fluxo migratório, num cenário visivelmente heterogêneo. Escutam-se aqui não mais apenas as notas do falar cuiabano, mas também as do gaúcho, do paranaense, do catarinense, do goiano, do mineiro, do paulista, do nordestino entre outros brasileiros. As relações entre a variedade linguística local e as dos imigrantes estão longe de ser pacíficas. Aliás, tensão e conflito estão sempre presentes nos contextos onde diferenças linguísticas se entrecruzam, uma vez que as diferenças, via de regra, são hierarquizadas segundo o status socioeconômico de seus falantes (COX, 2005, p. 82).

identidade e/ou impor a sua cultura, ao mesmo tempo em que se estabelece uma rede de solidariedade, assimilando o modo de falar dos outros para interagir com o seu grupo social.

Diante dessa realidade social, histórica e linguística e tendo uma motivação necessária para o desenvolvimento do projeto do *Atlas Semântico-lexical do Nortão de Mato Grosso: suas influências topodinâmicas*, sentimos a necessidade de buscar um modelo compatível com os objetivos almejados e que ao mesmo tempo possibilitasse uma pesquisa relevante cientificamente, bem como que dialogue com outros projetos maiores, o ALiB - Atlas Linguístico do Brasil, o ALiMAT - Atlas Linguístico de Mato Grosso e outros que possibilitem o estabelecimento de relações, comparações ou confrontos.

Reforçamos que o estudo dessa diversidade, partindo da elaboração de um atlas linguístico, elaborando um conjunto de cartogramas em que se registram os traços fonéticos, semânticos-lexicais e morfossintáticos característicos de uma língua num determinado âmbito geográfico, de forma que pudesse contribuir para o entendimento do processo dialético, o reconhecimento das diferenças sociais e linguísticas, poderá contribuir para uma nova postura da escola diante do ensino da língua materna e do tratamento das diversidades. Por isso, acreditamos que esse trabalho traz uma grande contribuição para a linguística e para a educação.

Também acreditamos que a valorização e o respeito aos povos, às minorias, aos grupos sociais poderá começar pelo reconhecimento de seus modos de falar, seus aspectos linguísticos - que nada mais são que a revelação de seus sentimentos, seus desejos, suas emoções, suas experiências de vida.

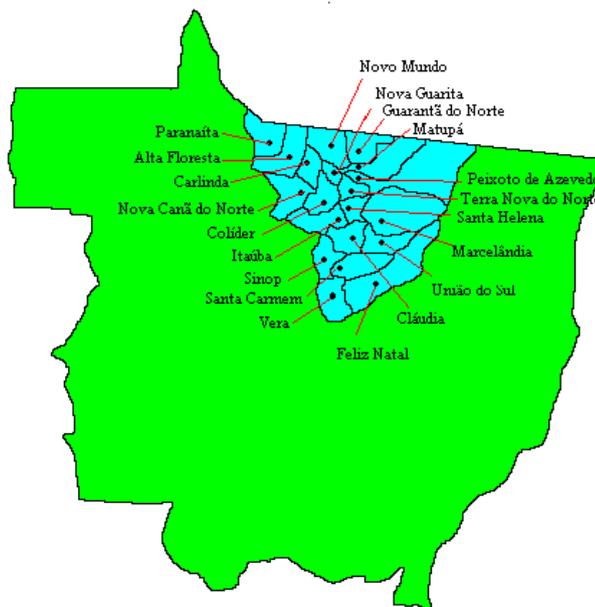
Importa também ressaltar a relevância e a pertinência dessa pesquisa não só para a Universidade do Estado de Mato Grosso, mas também para a comunidade científica, para a sociedade em geral e para as instituições escolares. A diversidade linguística que constitui o Norte do estado de Mato Grosso, produto das migrações ocorridas nas últimas décadas, fez com que este modelo de investigação se tornasse atípico. Estudar a fala de diversos grupos, de diferentes origens, não é algo comum na Geolinguística, mas é possível de ser realizado, como afirma Mello:

É fato que a língua portuguesa reina soberana na maior parte do território nacional, sendo utilizada como o principal veículo de comunicação pela população brasileira, pela mídia, pelos órgãos públicos, etc. Mas por detrás dessa estabilidade sincrônica do PB, esconde-se a diversidade dialetal e regional, os vários estratos socioculturais, a variabilidade dos registros e todas as outras complexidades próprias de uma língua utilizada como instrumento cultural por uma grande população, que ocupa uma vasta extensão territorial, em uma sociedade moderna. (MELLO, 2011, p.175)

Fazer um atlas linguístico que retrate as isoglossas léxicas de uma região recente e complexa, acreditamos que seja muito difícil, pois já tivemos de abandonar alguns caminhos para simplificar e tornar exequível este trabalho. Mesmo assim, enfatizar esses fatos históricos na elaboração do atlas linguístico é buscar a historicização dos dados linguísticos com os quais trabalharemos e, inscrevendo-os na rede constituinte da organização geográfica, social e cultural do falante norte-mato-grossense. Elaborar um atlas linguístico a partir dessa perspectiva é ir além da descrição, é mudar de postura, é considerar o falante pluridimensional, é considerar a língua pluridimensional.

2.2 Aspectos geoeconômicos, históricos e demográficos dos municípios²³

MAPA 03 - *Municípios do Norte do estado de Mato Grosso*



Fonte: Azevedo (2015)

Neste capítulo apresentaremos alguns aspectos geoeconômicos, históricos e populacionais dos municípios e pontos de inquérito que fazem parte da região que, popularmente, denominou-se de "Nortão" e que, neste trabalho, chamamos de Região Norte do Estado de Mato Grosso, espaço histórico e social dessa investigação. Também é nessa região que a UNEMAT – Universidade do Estado de Mato Grosso desenvolve programas de

²³ As informações foram obtidas a partir da Ficha de Identificação das Localidades (em anexo) e tem como objetivo a identificação e caracterização dos municípios que serviram como pontos de inquérito nesta investigação.

formação do professorado das redes públicas de ensino, através de suas unidades regionais de Sinop, de Colíder e de Alta Floresta.

A região que tratamos como “Nortão Mato-grossense” é formada por 20 municípios: Paranaíta, Alta Floresta, Carlinda, Novo Mundo, Guarantã do Norte, Nova Guarita, Terra Nova do Norte, Matupá, Peixoto de Azevedo, Santa Helena, Marcelândia, Cláudia, União do Sul, Santa Carmem, Feliz Natal, Vera, Sinop, Itaúba, Colíder e Nova Canaã do Norte.

QUADRO 01 - Migração no Norte de Mato Grosso, população por local de nascimento

POPULAÇÃO DO NORTE DE MATO GROSSO POR LOCAL DE NASCIMENTO									
PONTOS	MUNICÍPIOS	RS	SC	PR	SP	MG	MA	MT	OUTROS
<i>Alta Floresta</i>	<i>Alta Floresta</i>	-	-	38%	9%	7%	-	23%	23%
	Carlinda	-	-	39%	9%	7%	-	23%	23%
	Paranaíta	5%	-	42%	8%	5%	-	23%	17%
	Nova Canaã	-	-	35%	8%	7%	-	26%	24%
<i>Colíder</i>	<i>Colíder</i>	-	-	36%	12%	7%	-	25%	20%
	Itaúba	-	8%	31%	11%	6%	-	27%	17%
	Marcelândia	-	6%	34%	11%	-	-	22%	17%
	Santa Helena	-	8%	31%	11%	6%	-	27%	17%
<i>Guarantã do Norte</i>	<i>Guarantã do Norte</i>	11%	5%	28%	-	4%	8%	22%	22%
	Novo Mundo	11%	6%	27%	-	5%	8%	22%	21%
	Matupá	10%	9%	29%	5%	-	7%	20%	20%
<i>Peixoto de Azevedo</i>	<i>Peixoto de Azevedo</i>	3%	-	9%	3%	-	38%	27%	20%
	Terra Nova	26%	9%	26%	5%	-	-	25%	13%
	Nova Guarita	26%	9%	26%	5%	-	-	25%	13%
<i>Sinop</i>	<i>Sinop</i>	10%	10%	36%	7%	-	-	23%	14%
	Santa Carmem	11%	10%	37%	7%	-	-	23%	12%
	Cláudia	8%	12%	37%	8%	-	-	20%	15%
	Feliz Natal	11%	17%	32%	6%	-	-	23%	10%
	União Do Sul	8%	12%	37%	8%	-	-	20%	15%
	Vera	11%	17%	32%	6%	-	-	23%	10%

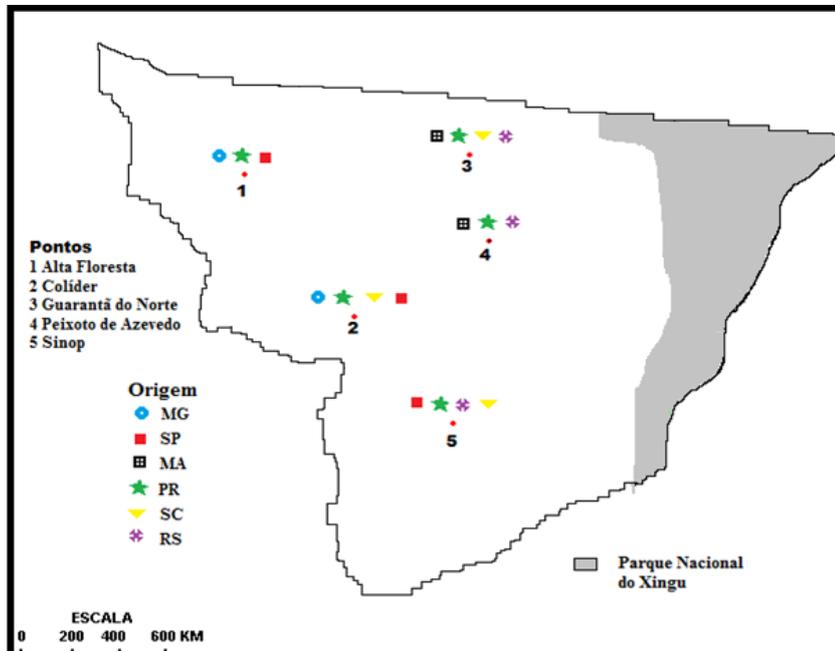
Para essa pesquisa definimos cinco (05) pontos de inquérito, que são: Alta Floresta, Colíder, Guarantã do Norte, Peixoto de Azevedo e Sinop, a partir dos grupos de migrantes que compõem a base populacional de cada município e a sua função representativa na microrregião.

QUADRO 02-Pontos de inquérito e população de 1991 a 2014

N.	Ponto	POPULAÇÃO			
		1991	2000	2010	2014
01	Alta Floresta	53.031	46.982	49.164	49.877
02	Colíder	29.930	28.051	30.763	31.707
03	Guarantã do Norte	18.130	28.200	32.216	33.632
04	Peixoto de Azevedo	35.816	26.156	30.812	32.464
05	Sinop	36.883	75.002	113.099	126.817

Fonte: IBGE, censos de 1991, 2000, 2010 e estimativa 2014.

MAPA 04 – Pontos de inquérito e grupos de migrantes



Fonte: Azevedo (2015)

Os dados apresentados foram coletados a partir da Ficha das Localidades, das informações do censo do IBGE 1991²⁴, de pesquisas bibliográficas e da história oral contada pelos informantes e por outras pessoas da localidade. Em alguns municípios não encontramos nenhuma palavra escrita sobre a sua história e a história que encontramos foi apenas a história oral. Mesmo assim, buscamos a confirmação das informações com outras pessoas da comunidade.

2.2.1 Município de Alta Floresta

A origem do nome do município de Alta Floresta foi devido a sua localização no coração da Amazônia Mato-grossense, floresta alta e densa. Daí o nome Alta Floresta.

O processo de colonização começou nos anos 1970, quando a Colonizadora Indeco S.A. - Integração, Desenvolvimento e Colonização, presidida pelo Sr. Ariosto da Riva, adquiriu mais de 800 mil hectares de terras públicas do Governo Militar para desenvolver um programa de colonização na Amazônia Mato-grossense. Toda a colonização deu-se através da atividade de comercialização das terras pela empresa que vendia os lotes urbanos e rurais aos migrantes atraídos para a região através da intensa propaganda veiculada na imprensa no Sul e Sudeste do país.

Em 1976 chegaram os primeiros moradores, os trabalhadores da empresa de colonização e colonos oriundas do Norte do Paraná e do oeste de São Paulo, atraídos pela propaganda sobre a fertilidade da terra, a possibilidade em desenvolver o cultivo do café e com isso enriquecer.

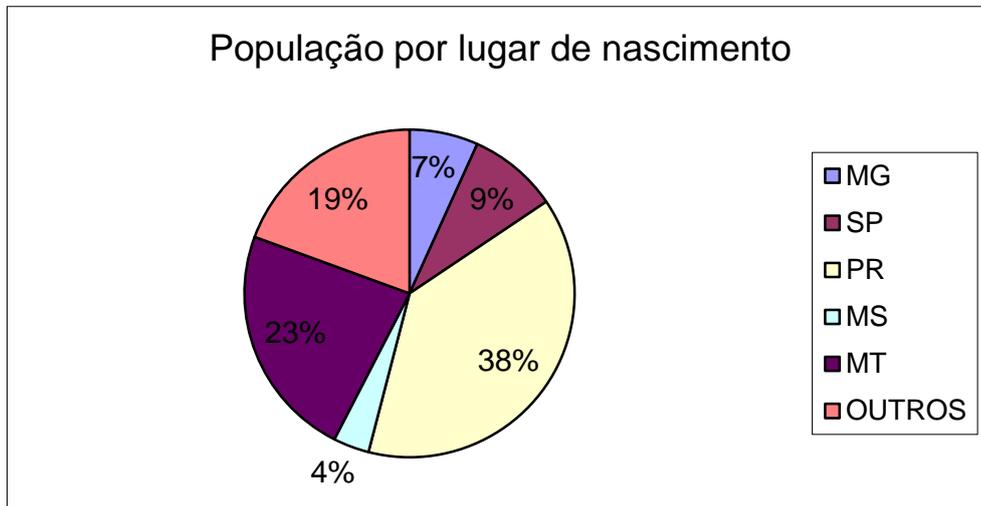
Dois anos depois, uma grande leva de migrantes do Norte e Nordeste do Brasil chegou à região atraída pela descoberta de garimpos de ouro e um clima de tensão estabeleceu-se na região. Por um lado os colonos tiveram suas terras invadidas, mas por outro havia certo contentamento dos comerciantes devido ao aumento das vendas e a circulação de dinheiro. Foi preciso muita negociação entre o colonizador, os garimpeiros e os colonos para não gerar um grande conflito armado.

As principais atividades econômicas são agricultura, pecuária, indústria madeireira, comércio e extração e comercialização de ouro. No entanto, nos anos 1980, com a descoberta

²⁴ A utilização dos dados do Censo do IBGE de 1991 se dá em razão da importância das informações da constituição da população do norte do estado de Mato Grosso logo após duas décadas de intenso fluxo migratório e sem um percentual muito elevado de filhos destes migrantes nascidos na região.

de ouro no vale do rio Teles Pires, Alta Floresta transformou-se no mais importante polo de produção e comercialização de ouro do Brasil.

GRÁFICO 01 – Migrantes por local de nascimento no município de Alta Floresta



Fonte: IBGE, Censo de 1991.

Com a decadência do ouro e, em consequência, o retorno de muitos migrantes para suas regiões de origem o modelo econômico do município passou por um processo de mudança. A agricultura, a pecuária, a indústria madeireira e o turismo ecológico estão se firmando enquanto fonte de renda.

Segundo o Censo de 1991 (IBGE), 77% dos habitantes do município são migrantes, contra 23% de nativos. Os migrantes são de origem diversificada: os paulistas representavam 9% da população, os mineiros 7%, os paranaenses 38%, os sul-mato-grossenses 4%, enquanto que 19% vieram de outros estados. Apenas 22% eram os nascidos no estado de Mato Grosso, majoritariamente, filhos dos diferentes grupos de migrantes, a maioria com idade inferior a 20 anos.

O município de Alta Floresta tem uma população de 49.877 habitantes, com um núcleo urbano bem desenvolvido e várias comunidades rurais, com área territorial de 9.310,27 quilômetros quadrados.

Sua emancipação política ocorreu através da Lei Estadual nº. 4.157, de 18 de dezembro de 1979, desmembrada do município de Chapada dos Guimarães.

2.2.2 Município de Guarantã do Norte

O nome de Guarantã do Norte tem sua origem no Tupi [gwãrã'tã], em que {gwarã} significa “madeira” e {(ã)'tã} quer dizer “dura, resistente”, madeira dura, uma espécie de árvore muito abundante na região, chamada Guarantã e Norte devido à posição geográfica e para diferenciar de outra cidade de mesmo nome no estado de São Paulo.

A história do município de Guarantã do Norte começou na década de 1970 com a abertura da BR 163. Foi através dessa importante rodovia que se permitiu a penetração e a ocupação de todo o Norte mato-grossense, a expulsão dos índios *Kreen Akarore* ou *Panarás* e a implantação do Projeto de Assentamento de Colonos (PAC) Peixoto de Azevedo, desenvolvido pelo Instituto de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) e do Projeto de Assentamento de Colonos Braço Sul pela COTREL - Cooperativa Tritícola Erechim Ltda.

Foi através desses projetos que incentivaram a ocupação da Floresta Amazônica, através da distribuição gratuita de terras para determinados grupos de agricultores que haviam sido expulsos das reservas indígenas na região Sul, os brasiguaios expulsos do Paraguai pelo governo de lá e os desabrigados devido a construção da hidrelétrica do Jacuí - RS.

Em Guarantã do Norte a colonização se deu de duas maneiras: oficial, pelo Governo Federal, através do Instituto de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) e pelo sistema cooperativo, por intermédio da Cooperativa Tritícola Erechim LTDA. (COTREL). Nos dois modelos ocorreu a "distribuição gratuita" de terra aos colonos.

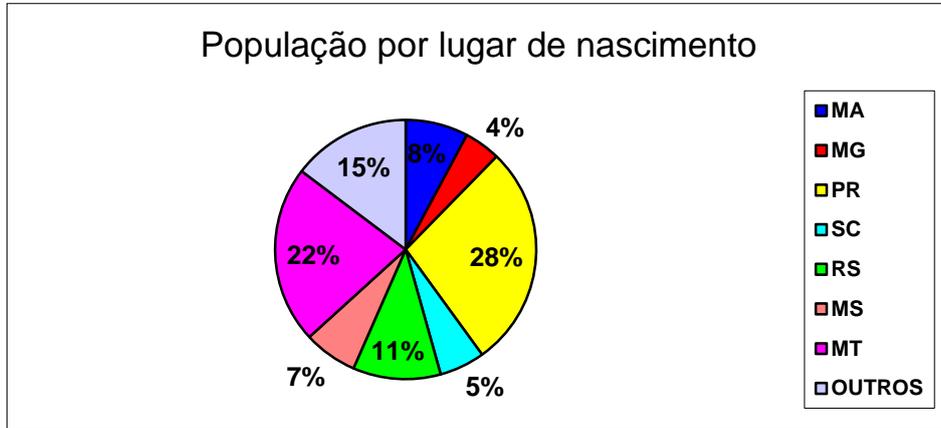
Segundo o Censo de 1991 (IBGE), 78% dos habitantes do município são migrantes, contra 22% de nativos. Os migrantes são de origem diversificada: os maranhenses representavam 8% da população, os mineiros 4%, os paranaenses 28%, os sul-mato-grossenses 7%, os catarinenses 5%, os gaúchos 11%, enquanto que 15% vieram de outros estados e apenas 22% eram os nascidos no estado de Mato Grosso, majoritariamente, filhos dos diferentes grupos de migrantes.

Os primeiros moradores que chegaram à região foram 400 famílias de gaúchos desabrigados pela formação do lago da barragem da hidrelétrica do Jacuí e 500 famílias de brasiguaios, brasileiros que viviam no Paraguai, expulsos daquele país por ordem do governo de lá.

No desenvolvimento do município de Guarantã do Norte, as principais atividades econômicas tiveram momentos distintos. Os primeiros colonos buscaram desenvolver a agricultura, mas com o descobrimento de minas de ouro a economia passou por um período de extração mineral e muitos colonos transformaram-se em garimpeiros. Com a queda do

preço do ouro a pecuária, o comércio, a extração vegetal (madeira) e a agricultura voltaram a ocupar espaço.

GRÁFICO 02 – Migrantes por local de nascimento no município de Guarantã do Norte



Fonte: IBGE, censo de 1991.

O município de Guarantã do Norte localiza-se a 750 km da capital do estado, tendo como principal acesso a Rodovia Federal BR 163. Tem uma população de 33.326 habitantes e uma área de 2.240,13 km². Sua emancipação política ocorreu em 1986, através da Lei nº 5.008, sendo desmembrado do município de Colíder.

2.2.3 Município de Peixoto de Azevedo

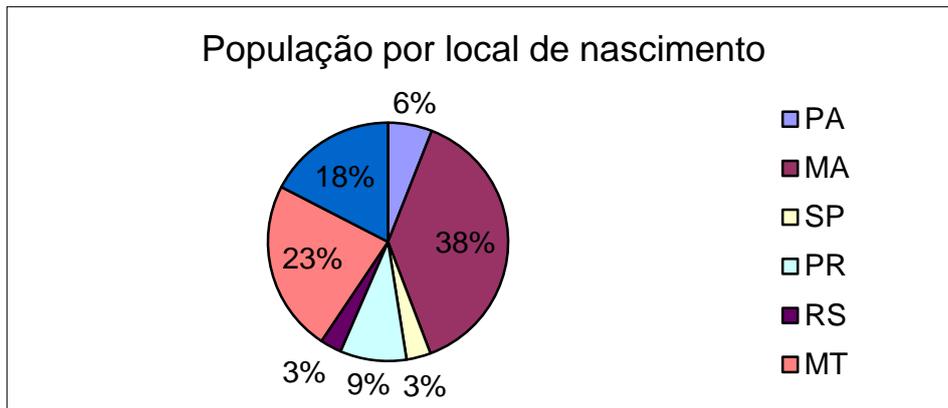
A origem do nome Peixoto de Azevedo é devido ao rio de mesmo nome, que se situa no limite com o município de Matupá. Foi o único município que surgiu, sem a presença de qualquer organização de instituições públicas ou privadas. Tanto a igreja quanto o INCRA e as empresas colonizadoras passaram a discriminar o imenso povoado que ali surgia. Segundo o relato de muitos sujeitos da pesquisa, para participarem de uma missa católica os moradores teriam que ir até a cidade de Matupá ou Terra Nova do Norte porque os padres não eram autorizados a realizar missas na igreja de Peixoto de Azevedo.

Com a abertura da Rodovia Federal BR 163, conhecida como a Cuiabá-MT/Santarém-PA, que desde os anos 1970 possibilitou a entrada de pessoas em busca de terras. Em 1973, os irmãos Barros chegaram à região para demarcar suas terras e iniciar a ocupação, criando

assim o primeiro aglomerado de casas, somado ao acampamento do Exército Brasileiro que abria a rodovia.

No ano de 1979, tornou-se pública a descoberta de veios de ouro que contribuiu para o surgimento de garimpos de ouro às margens do Rio Peixoto de Azevedo o que de imediato fez surgir muitos acampamentos de garimpeiros, pequenos comerciantes e muitas casas de prostituição num aglomerado desordenado e de crescente povoamento nos anos 1980.

GRÁFICO 03 – Migrantes por local de nascimento no município de Peixoto de Azevedo



Fonte: IBGE, censo de 1991.

Em 1991, no final de um intenso ciclo de migração, a formação da população do município de Peixoto de Azevedo estava assim constituída: os paraenses representavam 6%, os maranhenses 38%, os paulistas 3%, os paranaenses 9%, os gaúchos 3%, enquanto que 18% vieram de outros estados, apenas 23% eram os nascidos no estado de Mato Grosso, majoritariamente, filhos dos diferentes grupos de migrantes.

Outro fator que muito influenciou foi a expulsão dos garimpeiros do município de Apiacás e Alta Floresta pela Colonizadora INDECO, com o apoio dos colonos assentados, da Polícia Militar e de dezenas de jagunços contratados pelo colonizador.

Nesse conflito, segundo relatos dos moradores, os garimpeiros sofreram muitas humilhações. Chegaram a ser torturados por policiais militares e pistoleiros a mando do colonizador Ariosto da Riva. Muitos foram colocados nas caçambas de caminhões e trazidos, contra suas vontades, para o povoado que crescia às margens da rodovia BR 163, próximo ao Rio Peixoto de Azevedo. Esses primeiros moradores, na sua maioria, oriundos do Maranhão e do Pará estavam lançados à própria sorte, sem nenhuma ajuda ou apoio do estado. Passaram a buscar ouro no vale do Rio Peixoto de Azevedo, contando com a sorte e a força do trabalho.

A extração e a comercialização do ouro, o comércio, a prostituição, a venda indiscriminada de medicamentos foram a base da economia da cidade até 1990. Durante uma década o município esteve no auge da exploração do ouro, passando a ser o maior produtor de ouro do estado de Mato Grosso e um dos maiores do país. Com a desvalorização do ouro, no início do governo do presidente Collor de Melo, em 1989, o município entrou em decadência econômica, o que provocou a migração, ou melhor, o refluxo de aproximadamente metade de sua população para as regiões ou estados de origem.

A partir daí, com o enfraquecimento das minas de ouro, a economia rumou-se para a agricultura e a pecuária. Nos dias atuais, o município tenta implantar um novo modelo de atividade econômica, mas tem encontrado muitas dificuldades devido aos hábitos culturais da sua população, a concentração das terras em grandes latifúndios, a degradação dos rios e mananciais devido aos garimpos e à precária infraestrutura pública.

Ao contrário dos demais municípios, em Peixoto de Azevedo não houve qualquer tipo de assentamento de colonos. As terras pertencentes ao Governo Federal foram apossadas por grileiros e posseiros tanto da zona rural quanto da zona urbana. A ausência do estado e de qualquer tipo de política pública ou privada de ocupação e exploração do solo fez deste município um dos mais violentos do país. Isso tudo associado ao descaso com a saúde e a educação.

A população que no final dos anos 1980 alcançava a casa de 100.000 habitantes, devido ao refluxo migratório, hoje é de 32.464 habitantes.

A área do município é de 13.000 km². E o principal acesso é a Rodovia Federal BR 163, a distância da capital é de 700 quilômetros.

Sua emancipação política deu-se em 1986 pela Lei nº 4.999, de 13 de maio, através do desmembramento do município de Colíder. O município é sede da própria comarca.

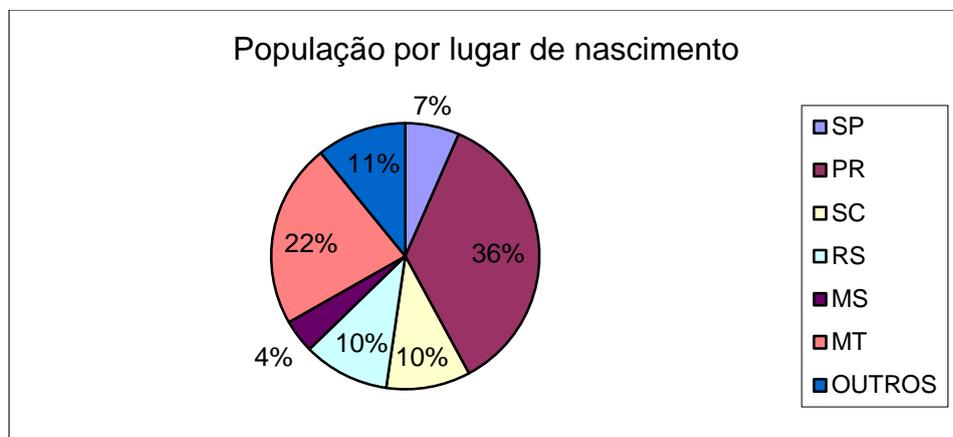
2.2.4 Município de Sinop

As origens desse município vêm do Núcleo de Colonização Celeste de Jorge Martins Phillip, com área inicial de 198 mil hectares. Em 1971, Ênio Pipino adquiriu esta área e começou em 1974 o processo de colonização com a venda dos lotes urbanos e rurais pela Colonizadora SINOP S.A., principalmente, para famílias oriundas da região Sul. Sua expansão foi intensa devido ao elevado investimento de propaganda do projeto, posição privilegiada às margens da BR 163 e altos financiamentos da Superintendência de

Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM) para as agropecuárias e indústrias madeireiras e o apoio explícito do Governo Militar da época.

O nome inicial do primeiro assentamento de colonos pela empresa colonizadora SINOP - Sociedade Imobiliária Noroeste do Paraná, foi o de Gleba Celeste, com sede na localidade de Vera. Devido ao sucesso dessa primeira etapa e a abertura da BR 163, a colonizadora implantou novos núcleos de povoamento. O novo núcleo urbano, implantado às margens da BR 163, na Gleba Celeste, passou a ser chamado de Sinop, mesmo nome da sigla da empresa colonizadora.

GRÁFICO 04 – Migrantes por local de nascimento no município de Sinop



Fonte: IBGE, censo de 1991.

O modelo de colonização foi o privado, através da venda de lotes urbanos e rurais pela Colonizadora. A participação do poder público foi através de grandes financiamentos às empresas madeireiras e agropecuárias. O núcleo de povoação foi planejado e dividido em lotes urbanos e rurais. Os lotes urbanos, subdivididos em residenciais, comerciais e Amazpopulação de 126.817 habitantes, sendo que mais de 90% reside na zona urbana. É o mais populoso município da região. Tem uma área atual, depois de várias subdivisões, de 3.142,06 km². Os principais acessos são as rodovias estaduais MT 420, 423 e 140 e a Rodovia Federal BR 163, a única pavimentada. Sua emancipação política ocorreu em 17 de dezembro de 1979, através da Lei nº. 4.156, sendo desmembrado do município de Chapada dos Guimarães, que se situa a mais de 600 km desta cidade. Como polo comercial, educacional e político Sinop é sede da comarca à qual pertence.

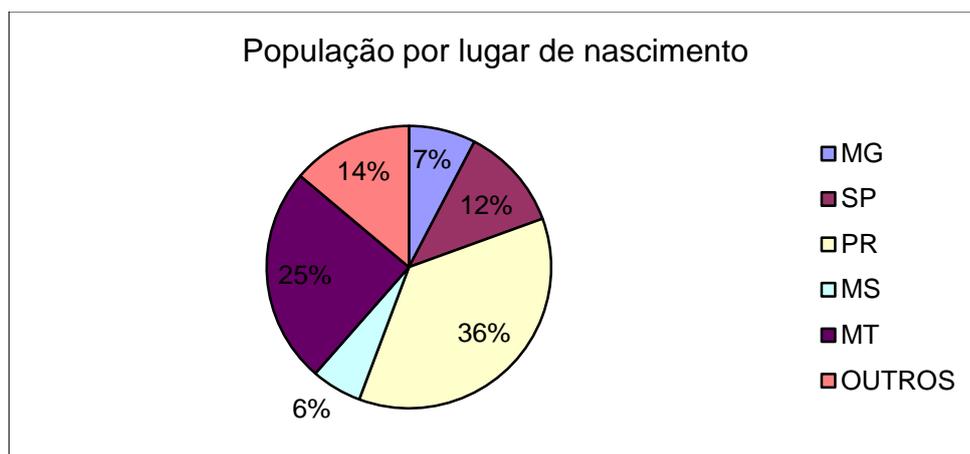
2.2.5 Município de Colíder

O nome do município teve origem na sigla da colonizadora que dominou a região - a Colonizadora Líder – Colíder. A cidade herdara o nome a partir da sigla da empresa colonizadora. Os colonizadores seguiram o mesmo exemplo de Sinop.

A ocupação se deu nos tempos do Governo Militar que distribuía recursos e dava incentivo fiscal para estes investimentos. Com isso, Raimundo Costa Filho, colonizador paranaense, vislumbrado com a possibilidade de obter recursos públicos, iniciou em 1973 a colonização da Gleba Cafezal. O objetivo principal foi o de atrair para cá as famílias que trabalhavam como arrendatários em grandes fazendas de café no estado do Paraná e virem a possibilidade de adquirir um pedaço de terra em Mato Grosso.

Segundo os dados do censo do IBGE de 1991, feito no final de um intenso ciclo de migração, a formação da população do município de Colíder estava assim constituída: os paulistas representavam 12% da população, os mineiros 7%, os paranaenses 36%, os sul-mato-grossenses 6%, enquanto que 14% vieram de outros estados, apenas 25% eram os nascidos no estado de Mato Grosso, majoritariamente, filhos dos diferentes grupos de migrantes.

GRÁFICO 05 – Migrantes por local de nascimento no município de Colíder



Fonte: IBGE, censo de 1991.

Com a chegada dos primeiros moradores oriundos do Norte do estado do Paraná, do oeste de São Paulo e sul de Minas Gerais, que ocuparam quase toda a área rural. De certa forma, surpreendendo positivamente o êxito do empreendimento imobiliário. Com o sucesso

desse empreendimento, o colonizador lançou um loteamento urbano e passou a chamar de Colíder.

A colonização em Colíder se deu de duas formas: primeiro, através da venda de lotes rurais por empresa privada, a Colonizadora Líder e, através da distribuição de terras pelo INCRA que passou a organizar o processo de assentamento, buscando aliviar as tensões causadas pelos conflitos por terras.

Em 1980, o IBGE registrou e publicou que Colíder - MT era o município que mais crescia no Brasil. Esta informação serviu como propaganda para a vinda de outras centenas de migrantes. E apesar de no início dos anos 1980 ter sido o maior município do Brasil em extensão territorial, atualmente sua área é de 4.166 km², devido os inúmeros desmembramentos ocorridos. Seu principal acesso é pela Rodovia Estadual MT 220.

As principais atividades econômicas no início da colonização foram a agricultura, a pecuária e a extração de madeira. Nos meados dos anos 1980, com a descoberta de minas de ouro fez com que muitos agricultores mudassem de atividade, mas com seu declínio a agricultura, a pecuária e o comércio passaram a ser, novamente, as principais atividades econômicas. O município de Colíder tem, atualmente, uma população de 31.515 habitantes, sendo que em torno de 35% ainda vivem em comunidades rurais. Sua emancipação política ocorreu pela Lei Estadual n.º 4.158, de 18 de dezembro de 1979, através de desmembramento do município de Chapada dos Guimarães. Como cidade polo regional, é sede da própria comarca.

3 PESQUISA GEOLINGUÍSTICA: MÉTODO E PROCEDIMENTOS

Este capítulo tem como objetivo discutir conceitos pertinentes ao campo da pesquisa geolinguística pluridimensional em contextos de migração, pela razão de constituírem a base dos estudos sobre topodinâmica e territorialização de novas minorias no espaço pluridimensional social e geográfico.

No modelo de pesquisa geolinguística pluridimensional incluem-se os procedimentos de delimitação de dimensões e parâmetros que permitam a execução da pesquisa a partir dos objetivos traçados. Por isso, o presente estudo se propõe a contribuir com os estudos pluridimensionais de contatos multivarietais, envolvendo territórios (geográficos e linguísticos) formados em recentes processos de migração.

3.1 Do Atlas Semântico-Lexical do Norte de Mato Grosso: suas influências topodinâmicas

O *Atlas Semântico-Lexical do Norte do Estado de Mato Grosso: suas influências topodinâmicas* surgiu como projeto de pesquisa devido a nossa inquietação diante de uma nova realidade que se mostrava naquela região. Devido às ações de colonização e reforma agrária, grande leva de migrantes, oriundos de diversas regiões do país, num espaço curto de tempo, passaram a ocupar a Amazônia Mato-grossense de forma muito intensa, principalmente, nas décadas de 1970 e 1980. Com isso, formou-se ali uma nova comunidade muito diversificada sob vários aspectos: econômico, histórico, social, cultural, étnico, linguístico, entre outros.

Nossa inquietação diante desta realidade vinha da atuação como professor, migrante, que também havia chegado na região, inicialmente em Guarantã do Norte, em 1986 e depois em Sinop, em 1991, vindo do estado do Rio Grande do Sul e percebia que nas salas de aulas, a diversidade se manifestava nos usos e nas atitudes linguísticas dos alunos e professores, revelando os muitos falares que ora interagiam, ora conflitavam-se numa interação de falas e vozes bem diversificadas.

Esse tema, além de regional, concreto²⁵, presente na vida cotidiana dos falantes, tem uma relevância pessoal para a nossa formação acadêmica, associada a uma importância

²⁵ Ao falar da concretude do tema refiro-me a ele estar no cotidiano das pessoas, fazer parte do senso comum, isso é, praticamente, todos os falantes percebem as diferenças e fazem julgamentos sobre seu falar e sobre os

científica para a universidade. Também, podemos destacar a importância social e pedagógica, no tocante aos dados obtidos, pois eles servirão de base para o desenvolvimento de teorias e materiais pedagógicos para ensino da língua materna.

Foi necessário então delimitar a extensão da diversidade a ser estudada. Dentre os critérios levados em conta estão: em primeiro, a extensão geográfica da área a ser pesquisada (o espaço geográfico); em segundo, o tempo disponível para a investigação; em terceiro, o suporte teórico e metodológico que desse conta deste desafio e em quarto a abrangência que esse tipo de pesquisa proporciona. Por isso decidimos estudar a variação lexical na fala dos migrantes oriundos de diferentes regiões do país que hoje compõem a população do Norte do estado de Mato Grosso, registrando em cartogramas e fazendo um levantamento do repertório léxico-semântico que passou a compor o falar nesta porção do “território incharacterístico”.

Definimos como objetivo principal a ser seguido o de conceber uma fotografia semântico-lexical da região Norte do estado de Mato Grosso com base na Geolinguística com vista à composição de um Atlas Semântico-Lexical do Norte de Mato Grosso, registrando em cartogramas as variantes diatópicas lexicais, relacionando-as com as influências topodinâmicas. Também, levantar e quantificar a população quanto a sua origem geográfica e a sua distribuição na região, relacionando variação lexical e os grupos de origem dos falantes.

Dessa maneira buscou-se retratar o parâmetro diatópico (topostático e topodinâmico) considerando as variantes linguísticas em relação a cada objeto ou variável e a procedência (local de nascimento) dos migrantes. Também definimos como importante a realização de um levantamento do repertório léxico-semântico a partir das informações dadas pelos sujeitos migrantes, os colaboradores.

A pesquisa está ancorada nos pressupostos teórico-metodológicos da Dialectologia Pluridimensional (THUN, 1991; 1995; 1998; 2005) para os cartogramas com dados topostáticos e topodinâmicos, e contempla as dimensões diatópica (parâmetros topostático e topodinâmico).

As dimensões diagenérica ou diassexual busca a coleta de informações linguísticas que caracterizam os homens e as mulheres (dois homens e duas mulheres para cada grupo em cada localidade); diageracional busca descobrir as variações nas falas dos mais novos, primeira geração em comparação com os mais velhos, segunda geração (faixa etária I - 18 a 30 anos – e faixa etária II - 31 a 65 anos) e diafásica compara o uso linguístico dos sujeito em situações

falares dos outros, caracterizando-os como: “bonito”, “cantado”, “diferente”, “esquisito”, “arrastado”, “enrolado”, “errado”, “certo”, entre outros.

de uso, respondendo a um questionário ou falando livremente sobre as histórias de vida (questionários linguísticos e temas para discursos semi-dirigidos) foram contempladas na coleta dos dados e serão disponibilizadas, em diversas formas, para futuros trabalhos acadêmicos.

Nesse trabalho de dissertação de mestrado, intitulado *Atlas Semântico-Lexical do Norte de Mato Grosso: suas influências topodinâmicas*, serão retratados nos cartogramas apenas a dimensão diatópica com ênfase nos parâmetros topostático (distribuição areal, espacial ou geográfica das variantes) e topodinâmico (usos das variantes linguística pelos diferentes grupos que passaram a ocupar esse território).

Quanto à dimensão diatópica, a rede de pontos é formada por 05 localidades: Alta Floresta, Colíder, Guarantã do Norte, Peixoto de Azevedo e Sinop. Em cada uma delas foram realizadas 04 entrevistas, para cada grupo de migrante que constitui a população da localidade, com pluralidade simultânea de informantes.

A elaboração do Atlas Semântico-Lexical do Norte de Mato Grosso foi pensado a partir de outros projetos já desenvolvidos como o ALERS e ALPR ou em andamento como o ALiB e ALiMAT, na Geolinguística brasileira. Os resultados alcançados devem dialogar com os resultados dos projetos acima citados e outros atlas regionais. Isso se torna possível quando se aplica os mesmos procedimentos metodológicos e os mesmos instrumentos de coleta de dados. Neste caso, buscou-se as mesmas orientações teóricas metodológicas dos projetos geolinguísticos brasileiros e optou-se pela aplicação do Questionário Semântico-Lexical - QSL do projeto ALiB.

O Norte mato-grossense situa-se no centro da área designada por Antenor Nascentes (1953) como “Território Incaracterístico”, grande faixa territorial que abrange toda a fronteira de Mato Grosso com os estados do Amazonas e Pará, além do Norte do estado de Goiás, como perímetros muito despovoados (naquela época), o que o impediu de distinguir os falares existentes.

Até meados do século XX, grande parte das regiões Centro-Oeste e Norte do Brasil era habitada somente por populações indígenas e formada por mata fechada, fatores que motivaram Antenor Nascentes (1953) a considerar o então Norte de Mato Grosso e o Norte de Goiás como “território incaracterístico” linguisticamente, na sua proposta de divisão dialetal do Brasil.

Atualmente, o processo migratório interno ocorrido no Brasil tem provocado um novo desenho dessas regiões, em termos culturais, linguísticos, econômicos e sociais. Ao considerar essa nova realidade, decidimos efetivar esta pesquisa visando a elaboração de um

atlas linguístico focando os aspectos semântico-lexicais existentes nessa região situada no coração no “território incaracterístico”.

3.2 Seleção dos pontos de inquérito e dos colaboradores

O corpus do Atlas Semântico-lexical do Norte de Mato Grosso constitui-se de documentação reunida a partir da recolhida de dados em 20 municípios, 20 pontos de inquérito, e respostas ao questionário semântico-lexical por 308 informantes colaboradores, sendo 154 informantes titulares e 154 informantes auxiliares.

Durante o recolhimento dos dados e, posteriormente, sua sistematização, notou-se que algumas localidades tinham muitas semelhanças por serem constituídas pelos mesmos grupos e estarem em um mesmo processo de colonização. Foi necessário o estabelecimento de critérios para a seleção dos pontos da pesquisa: a) apresentar certa polaridade na microrregião; b) ser composta pelos mesmos grupos de migrantes da microrregião; c) ter sido polo de irradiação da ocupação daquele espaço geográfico; e) apresentar identidade com a microrregião e f) compor a região estudada com aspectos comuns aos descritos na caracterização regional.

Dessa maneira, a manutenção de uma rede muito espessa de pontos gerava cartogramas muito carregados de informações repetidas. Foi então que se optou por escolher apenas cinco pontos de inquérito, cinco localidades que representassem toda a região pesquisada, considerando a influência regional do município e os grupos de migrantes que constituem sua população. Os cinco (05) pontos de inquérito são: 01- Alta Floresta; 02- Colíder; 03- Guarantã do Norte; 04- Peixoto de Azevedo e 05- Sinop, ver quadro abaixo.

QUADRO 03-*Grupos quanto à origem dos informantes por pontos de inquéritos*

N.	Ponto	ORIGEM DO INFORMANTE						Total
		MG	SP	MA	PR	SC	RS	
01	Alta Floresta	X	X		X			03
02	Colíder	X	X		X	X		04
03	Guarantã do Norte			X	X	X	X	04
04	Peixoto de Azevedo			X	X		X	03
05	Sinop		X		X	X	X	04
	Total	02	03	02	05	03	03	18

Fonte: Quadro elaborado pelo autor com dados do Censo de 1991²⁶.

²⁶ Os dados do Censo de 1991 mostram uma radiografia mais real do que foi a migração nas décadas de 1970 e 1980.

Para a análise da variação diageracional foram estabelecidas duas faixas etárias: uma mais jovem, de 18 a 30 anos e outra mais velha, de 31 a 65 anos, sendo 36 informantes da geração mais jovem e 36 da geração mais velha. Quanto à variação diassexual ou diagenérica, os informantes distribuem-se igualmente pelos dois gêneros, masculino e feminino, em cada localidade. Destes 36 são homens e 36 são mulheres.

Na realização das entrevistas considerou-se o procedimento da pluralidade simultânea, dois informantes respondendo concomitantemente ao questionário de forma interativa com o entrevistador.

Sobre o aspecto estrático, a prioridade foi pelos informantes no contexto social local, com endereço e profissão definidos, evitando os representantes daquela população flutuante que existe nestas regiões de recente processo de migração. Quanto à escolaridade, optou-se por sujeitos alfabetizados ou que tenham cursado até o 4º ano do ensino fundamental e na ausência destes, os que tenham cursado até o final do ensino fundamental. Com relação a este parâmetro, todos os 72 colaboradores tinham perfil semelhante, quanto ao parâmetro acima descrito.

QUADRO 04 -Número de informantes por origem em cada ponto de inquérito

N.	Ponto	ORIGEM DO INFORMANTE						Total
		MG	SP	MA	PR	SC	RS	
01	Alta Floresta	04	04	-	04	-	-	12
02	Colíder	04	04	-	04	04	-	16
03	Guarantã do Norte	-	-	04	04	04	04	16
04	Peixoto de Azevedo	-	-	04	04	-	04	12
05	Sinop	-	04	-	04	04	04	16
	Total	08	12	08	20	03	03	72

Fonte: Quadro elaborado pelo autor com dados do Censo de 1991.

Uma vez definidos os parâmetros, as dimensões e a descrição de cada variável linguística ou não da pesquisa é importante elaborar os critérios de escolha dos colaboradores informantes, sujeitos dessa investigação linguística, para se chegar aos resultados pretendidos, necessários para se atingir os objetivos.

Considerando que se trata de um trabalho de natureza geolinguística que busca retratar os parâmetros diatópicos e topodinâmicos de uma região em processo de ocupação, estabeleceu-se que os informantes devem ser naturais das regiões linguísticas de origem dos grupos que passaram a constituir a região pesquisada, que tenham saído de sua cidade natal e

tenham migrado para o Norte do estado de Mato Grosso, sem ter vivido em outra localidade, durante sua vida de migrante.

Quanto ao caráter topodinâmico ficou estabelecido que os grupos a serem pesquisados fossem seis: os mineiros, os paulistas, os maranhenses, os paranaenses, os catarinenses e os gaúchos. Através da ficha do informante, buscavam-se aqueles que tinham nascido nas regiões em que grande número de migrantes tinha vindo para esta região.

Os migrantes mineiros foram pesquisados em dois pontos, nos municípios de Colíder e Alta Floresta. Enquanto que os paulistas colaboraram em três pontos, nos municípios de Alta Floresta, Colíder e Sinop.

Os migrantes maranhenses participaram em dois pontos, nos municípios de Guarantã do Norte e Peixoto de Azevedo. Enquanto que os paranaenses, por estarem em todos os municípios da região, foram inquiridos em Alta Floresta, Colíder, Guarantã do Norte, Peixoto de Azevedo e Sinop.

Os migrantes catarinenses colaboraram em três pontos, nos municípios de Colíder, Guarantã do Norte e Sinop. Já os gaúchos participaram em três localidades, Guarantã do Norte, Peixoto de Azevedo e Sinop.

Nos quadros 05, 06, 07, 08 e 09 apresentamos uma descrição resumida dos colaboradores de acordo com o perfil estabelecido. Optou-se por apresentar apenas os colaboradores titulares, enquanto que os auxiliares, mesmo tendo uma participação ativa durante as entrevistas, não estão relacionados por terem o mesmo perfil e função auxiliar na pesquisa.

QUADRO 05 - Colaboradores entrevistados no Ponto 01 – Alta Floresta

NÚMERO DE COL.	LOCALIDADE	NÚMERO DO PONTO	SEXO	IDADE	ORIGEM (U. F.)	CÓDIGO COLABORADR
1. Col. Tit.	AF	01	M	F 01	PR	1MF1I+PR
2. Col. Tit.	AF	01	M	F 02	PR	1MF2I+PR
3. Col. Tit.	AF	01	F	F 01	PR	1FF1I+PR
4. Col. Tit.	AF	01	F	F 02	PR	1FF2I+PR
5. Col. Tit.	AF	01	M	F 01	SP	1MF1I+SP
6. Col. Tit.	AF	01	M	F 02	SP	1MF2I+SP
7. Col. Tit.	AF	01	F	F 01	SP	1FF1I+SP
8. Col. Tit.	AF	01	F	F 02	SP	1FF2I+SP
9. Col. Tit.	AF	01	M	F 01	MG	1MF1I+MG
10. Col. Tit.	AF	01	M	F 02	MG	1MF2I+MG
11. Col. Tit.	AF	01	F	F 01	MG	1FF1I+MG
12. Col. Tit.	AF	01	F	F 02	MG	1FF2I+MG

Fonte: Quadro elaborado pelo autor a partir dos parâmetros estabelecidos na pesquisa.

QUADRO 06 - Colaboradores entrevistados no Ponto 02 - Colíder

NÚMERO DE COL.	LOCALIDADE	NÚMERO DO PONTO	SEXO	IDADE	ORIGEM (U. F.)	CÓDIGO COLABORADR
13. Col. Tit.	CO	02	M	F 01	PR	2MF1I+PR
14. Col. Tit.	CO	02	M	F 02	PR	2MF2I+PR
15. Col. Tit.	CO	02	F	F 01	PR	2FF1I+PR
16. Col. Tit.	CO	02	F	F 02	PR	2FF2I+PR
17. Col. Tit.	CO	02	M	F 01	SP	2MF1I+SP
18. Col. Tit.	CO	02	M	F 02	SP	2MF2I+SP
19. Col. Tit.	CO	02	F	F 01	SP	2FF1I+SP
20. Col. Tit.	CO	02	F	F 02	SP	2FF2I+SP
21. Col. Tit.	CO	02	M	F 01	MG	2MF1I+MG
22. Col. Tit.	CO	02	M	F 02	MG	2MF2I+MG
23. Col. Tit.	CO	02	F	F 01	MG	2FF1I+MG
24. Col. Tit.	CO	02	F	F 02	MG	2FF2I+MG

Fonte: Quadro elaborado pelo autor a partir dos parâmetros estabelecidos na pesquisa.

QUADRO 07 - Colaboradores entrevistados no Ponto 03 – Guarantã do Norte

NÚMERO DE COL.	LOCALIDADE	NÚMERO DO PONTO	SEXO	IDADE	ORIGEM (U. F.)	CÓDIGO COLABORADR
25. Col. Tit.	GN	03	M	F 01	RS	3MF1I+RS
26. Col. Tit.	GN	03	M	F 02	RS	3MF2I+RS
27. Col. Tit.	GN	03	F	F 01	RS	3FF1I+RS
28. Col. Tit.	GN	03	F	F 02	RS	3FF2I+RS
29. Col. Tit.	GN	03	M	F 01	SC	3MF1I+SC
30. Col. Tit.	GN	03	M	F 02	SC	3MF2I+SC
31. Col. Tit.	GN	03	F	F 01	SC	3FF1I+SC
32. Col. Tit.	GN	03	F	F 02	SC	3FF2I+SC
33. Col. Tit.	GN	03	M	F 01	PR	3MF1I+PR
34. Col. Tit.	GN	03	M	F 02	PR	3MF2I+PR
35. Col. Tit.	GN	03	F	F 01	PR	3FF1I+PR
36. Col. Tit.	GN	03	F	F 02	PR	3FF2I+PR
37. Col. Tit.	GN	03	M	F 01	MG	3MF1I+MG
38. Col. Tit.	GN	03	M	F 02	MG	3MF2I+MG
39. Col. Tit.	GN	03	F	F 01	MG	3FF1I+MG
40. Col. Tit.	GN	03	F	F 02	MG	3FF2I+MG
41. Col. Tit.	GN	03	M	F 01	MA	3MF1I+MA
42. Col. Tit.	GN	03	M	F 02	MA	3MF2I+MA
43. Col. Tit.	GN	03	F	F 01	MA	3FF1I+MA
44. Col. Tit.	GN	03	F	F 02	MA	3FF2I+MA

Fonte: Quadro elaborado pelo autor a partir dos parâmetros estabelecidos na pesquisa.

QUADRO 08 - Colaboradores entrevistados no Ponto 04 – Peixoto de Azevedo

NÚMERO DE COL.	LOCALIDADE	NÚMERO DO PONTO	SEXO	IDADE	ORIGEM (U. F.)	CÓDIGO COLABORADR
45. Col. Tit.	PZ	04	M	F 01	PR	4MF1I+PR
46. Col. Tit.	PZ	04	M	F 02	PR	4MF2I+PR
47. Col. Tit.	PZ	04	F	F 01	PR	4FF1I+PR
48. Col. Tit.	PZ	04	F	F 02	PR	4FF2I+PR

49. Col. Tit.	PZ	04	M	F 01	MA	4MF1I+MA
50. Col. Tit.	PZ	04	M	F 02	MA	4MF2I+MA
51. Col. Tit.	PZ	04	F	F 01	MA	4FF1I+MA
52. Col. Tit.	PZ	04	F	F 02	MA	4FF2I+MA
53. Col. Tit.	PZ	04	M	F 01	RS	4MF1I+RS
54. Col. Tit.	PZ	04	M	F 02	RS	4MF2I+RS
55. Col. Tit.	PZ	04	F	F 01	RS	4FF1I+RS
56. Col. Tit.	PZ	04	F	F 02	RS	4FF2I+RS

Fonte: Quadro elaborado pelo autor a partir dos parâmetros estabelecidos na pesquisa.

QUADRO 09 - Colaboradores entrevistados no Ponto 05 - Sinop

NÚMERO DE COL.	LOCALIDADE	NÚMERO DO PONTO	SEXO	IDADE	ORIGEM (U. F.)	CÓDIGO COLABORADR
57. Col. Tit.	SI	05	M	F 01	RS	5MF1I+RS
58. Col. Tit.	SI	05	M	F 02	RS	5MF2I+RS
59. Col. Tit.	SI	05	F	F 01	RS	5FF1I+RS
60. Col. Tit.	SI	05	F	F 02	RS	5FF2I+RS
61. Col. Tit.	SI	05	M	F 01	SC	5MF1I+SC
62. Col. Tit.	SI	05	M	F 02	SC	5MF2I+SC
63. Col. Tit.	SI	05	F	F 01	SC	5FF1I+SC
64. Col. Tit.	SI	05	F	F 02	SC	5FF2I+SC
65. Col. Tit.	SI	05	M	F 01	PR	5MF1I+PR
66. Col. Tit.	SI	05	M	F 02	PR	5MF2I+PR
67. Col. Tit.	SI	05	F	F 01	PR	5FF1I+PR
68. Col. Tit.	SI	05	F	F 02	PR	5FF2I+PR
69. Col. Tit.	SI	05	M	F 01	SP	5MF1I+SP
70. Col. Tit.	SI	05	M	F 02	SP	5MF2I+SP
71. Col. Tit.	SI	05	F	F 01	SP	5FF1I+SP
72. Col. Tit.	SI	05	F	F 02	SP	5FF2I+SP

Fonte: Quadro elaborado pelo autor a partir dos parâmetros estabelecidos na pesquisa.

3.3 Questionário

A opção pela utilização de um questionário, o QSL (Questionário Semântico-lexical), versão 2001 (Anexo III), elaborado por uma equipe especializada, o Comitê Científico do Projeto ALiB e testado por um grupo significativo de pesquisadores em dois workshops²⁷ em que os questionários foram aplicados, analisados e implementados com a participação dos envolvidos nos eventos.

O Questionário Semântico-lexical - QSL utilizado foi a versão 2001, testado e aperfeiçoado durante o I e II Workshops, realizados em Salvador (1999) e em Londrina

²⁷O I Workshop foi realizado em Salvador, Bahia, no período de 6 a 10/setembro/1999, com trabalho de campo aplicado na localidade Praia do Forte; e o II, foi realizado em Londrina, Paraná, no período de 03 a 7/julho/2000, com trabalho de campo feito na localidade de Assaí.

(2000), com duzentas e oito questões, de orientação basicamente onomasiológica²⁸ e de interesse diatópico, tem por objetivo a documentação do registro coloquial do falante, “buscando as formas de emprego mais geral na localidade, sem priorizar regionalismos, arcaísmos ou linguagens especiais de grupos” (CARDOSO, 2013, p. 42).

Os itens do Questionário Semântico-lexical - QSL²⁹ se distribuem por quinze áreas semânticas, a saber: I - Acidentes Geográficos; II - Fenômenos Atmosféricos; III - Astros e Tempo; IV - Flora; V - Atividades Agropastoris; VI - Fauna; VII - Corpo Humano; VIII - Ciclos da Vida; IX - Convívio e Comportamento Social; X - Religião e Crenças; XI - Jogos e Diversões Infantis; XII - Habitação; XIII - Alimentação e Cozinha; XIV - Vestuário e Acessórios e XV - Vida Urbana.

No QSL objetivou-se documentar a riqueza sinonímica em razão dos aspectos geográficos (diatópicos) e de origem (topodinâmicos) que caracterizam esta região. Embora no questionário apresente-se uma ou mais possibilidades de lexias, “essas não restringem as respostas, mas servem tão somente para guiar os inquiridores na realização dos inquéritos” (CARDOSO, 2013, p.43).

3.4 Relatos da pesquisa de campo

A nossa primeira experiência como inquiridor, ou melhor, como aprendiz, se deu em razão da participação em dois workshops realizados pelo Projeto ALiB. O primeiro tratou sobre métodos e técnicas de trabalho de campo para preparação de inquiridores para o Projeto ALiB, realizado em Salvador, Bahia, no período de 6 a 10 de setembro de 1999, com trabalho de campo aplicado na localidade Praia do Forte. O segundo também foi sobre métodos e técnicas de trabalho de campo para preparação de inquiridores para o Projeto ALiB, realizado em Londrina - PR, no período de 03 a 07 de julho de 2000, com trabalho de campo feito na localidade de Assaí - PR.

Naquele mesmo ano, iniciamos a coleta dos dados, em um intenso trabalho de pesquisa de campo, todos os vinte municípios que formam a região Norte de Mato Grosso foram visitados mais de uma vez para o desenvolvimento dessa pesquisa. Em cada localidade fazia-se visitas às escolas públicas, às secretarias municipais de educação, às igrejas e

²⁸ A onomasiologia em um atlas linguístico consiste em identificar quais elementos da realidade extralinguística são relevantes para essa comunidade e como é que a mesma os nomeia.

²⁹ O QSL passou por nova testagem e avaliação no III Workshop realizado em 2001, em Salvador, em que foram excluídas 06 questões e 01 campo semântico.

associações de moradores para os primeiros contatos e preenchimento das Fichas das Localidades (Anexo I). Assim, professores, padres, pastores, secretários municipais, presidentes de associações de moradores, entre outros, se tornaram os primeiros colaboradores indiretos da pesquisa.

Em seguida, de posse das informações prévias do município e depois das informações das localidades, iniciavam-se os contatos visando a escolha e seleção dos colaboradores. Nessa etapa é muito importante ter-se uma boa receptividade dessas lideranças para que os caminhos sejam abertos até os primeiros informantes colaboradores em cada localidade. A partir desses colaboradores formava-se uma rede de informações e solidariedade que se ampliava a cada contato, a cada entrevista.

Nossa busca era por famílias ou grupos de migrantes de acordo com a origem e perfil estabelecidos no projeto. Sempre se perguntava sobre quais bairros ou comunidades se poderia encontrar famílias de gaúchos, de catarinenses, de paranaenses, de mineiros, entre outros, de acordo com os grupos de cada município. E a disposição para a ajuda revelava o aspecto solidário e espontâneo dos migrantes.

Essa fase da pesquisa é de fundamental importância, pois é nesse momento que o pesquisador deve ter o cuidado de seguir o plano traçado na pesquisa, como afirma Cardoso:

A recolha de dados, *in loco*, é feita a informantes cujo perfil deve permitir não só apurar a diferenciação de usos, como também dar destaque às variáveis consideradas relevantes para o objetivo que se visa alcançar com o trabalho. Assim, idade, gênero grau de escolaridade, profissão, inserção social constituem-se em variáveis que, na perseguição de aspectos socioculturais, a dialetologia busca controlar e identificar (CARDOSO, 2010, p. 19).

De posse das informações necessárias para a escolha dos colaboradores e uma vez estabelecidos os primeiros contatos fazia-se o preenchimento da primeira parte da Ficha do Informante (Anexo II). A partir daí combinava-se o dia da entrevista, sempre com a concordância prévia dos inquiridos. E quase todos os encontros combinados lá estavam os colaboradores e colaboradoras. Raras vezes mudaram-se as datas e locais das entrevistas.

No dia das entrevistas, ao fazer a apresentação das atividades que seriam desenvolvidas, novamente se pedia a permissão para os entrevistados para se gravar toda a entrevista e assim o consentimento era gravado no início de cada questionário.

Também, no final de cada aplicação de questionário, antes de desligar o gravador, fazia-se a pergunta se queriam ouvir as gravações e se queriam uma cópia das fitas. Quando

pediam para ouvir, sempre riam muito das falas e em poucos minutos pediam para parar que estava tudo certo. Entre todos os entrevistados nenhum solicitou cópia das fitas. Mas, quase que, unanimemente, expressavam interesse e muita curiosidade em conhecer o trabalho pronto.

3.5 Transcrição e organização dos dados

Para cada entrevista foi impresso um questionário, com espaço para anotações e transcrição das gravações. Após a aplicação dos questionários, quando possível, no mesmo dia, geralmente no período da noite, as gravações eram transcritas, grafematicamente, no próprio formulário de questões, utilizado em cada entrevista, o que facilitou o trabalho de sistematização e o arquivamento dos dados. Como afirma Cardoso (2010):

O trabalho de investigação com recolha de dados completa-se com a catalogação e o arquivamento dos materiais de campo. O controle de tais dados tem em vista assegurar a organização de um arquivo que garanta o fácil acesso aos materiais e a sua manutenção no curso do tempo (CARDOSO, 2010, p. 101).

Os dados transcritos passaram a ser organizados em quadros, tabelas, gráficos e cartogramas. Os cartogramas de identificação e os cartogramas linguísticos foram elaborados e adaptados a partir de estudos históricos e geográficos (os de identificação) e produzidos quase que artesanalmente no formato imagem, para em seguida serem copiados e colados em documentos no formato de texto.

Os gráficos e quadros que retratam a migração para a região foram elaborados a partir dos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no item referente à origem geográfica dos residentes de cada município da região que compõe o Norte de Mato Grosso, tomando como referência os dados do censo de 1991 sobre a migração.

Na busca de inovar os atlas linguísticos, apresentando outros fatores extralinguísticos, comumente não apresentados nos tradicionais, incluímos nas cartas de identificação os dados da migração ocorrida na região e nos cartogramas linguísticos os parâmetros espaciais (diatópicos) e os aspectos da mobilidade dos informantes (topodinâmicos), no formato de quadros e tabelas.

A técnica de obtenção de dados através de questionários aplicados simultaneamente a dois informantes traz como vantagem a explicitação do conhecimento linguístico com o fornecimento de várias respostas para um mesmo objeto.

3.6 Da descrição dos dados semântico-lexicais (por frequência)

Para a geração das planilhas foi utilizado como ferramenta programa Goldvarb 2001. Os dados semântico-lexicais foram codificados para serem lançados no programa, que gerou informações, diatópicas, topodinâmicas, diageracionais e diassexuais. Nesse programa é necessário transformar as informações obtidas nas entrevistas em códigos, de acordo com as variáveis e suas variantes linguísticas ou não para depois serem lançadas no programa para a geração de dados.

Também fez-se a utilização das ferramentas do programa Microsoft Excel para que os dados referentes à contagem das ocorrências gerando planilhas com as frequências absolutas e relativas das lexias estudadas.

A ideia de confeccionar quadros gerais para serem colocados como apêndice ao texto e ao atlas auxilia para que o usuário tenha uma visão geral e ampla desta pesquisa, pois além de possibilitar um registro geral dos dados contribui para se ter uma visão ampla, sem muita fragmentação das informações.

A apresentação das descrições dos resultados seguiu a ordem das questões e das áreas semânticas do QSL. A frequência absoluta, ou seja, os usos linguísticos reais estão expressos em números inteiros. Quanto à frequência relativa, os usos efetivos em percentuais, houve o arredondamento para números inteiros, devido ao uso do programa Goldvarb na sistematização dos dados.

Devido à limitação de nove variantes linguísticas, limite máximo que o programa Goldvarb processa, trabalhou-se com este limite nas questões com número mais elevado de lexias. Neste caso, todas as lexias utilizadas pelos informantes aparecem nos quadros gerais e as de maior frequência aparecem estatisticamente nos quadros e tabelas gerados a partir do programa Goldvarb.

Optou-se por apresentar nos cartogramas dois quadros que contribuem para a compreensão dos fenômenos sob os aspectos diatópicos e topodinâmicos. Acompanham cada cartograma linguístico “quadros de variantes” que detalham as realizações concretas das variantes e suas frequências absolutas (quantitativas) e relativas (percentuais), relacionando os parâmetros diatópicos com os aspectos topodinâmicos. “Sua finalidade consiste em fornecer aos usuários a possibilidade de complementação e conferências adicionais não previstas na cartografia” (ALTENHOFEN, 2011, p. 30).

Ao explicitar as variantes linguísticas do português nos cartogramas de um atlas semântico-lexical, enfatiza-se que, de certo modo, o atlas linguístico nada mais é do que a

apresentação de um corpus linguístico em forma de cartogramas, suprimidos por instrumentos de função similar como gráficos, listas, quadros de referência, ou ainda tabelas estatísticas.

Os dados coletados foram transcritos e armazenados em um banco de dados elaborado no programa Excel e no Goldvarb, a partir dos quais se extraíram as variantes que estão nos cartogramas.

O princípio básico que subjaz à elaboração das cartas linguísticas deste atlas é o de que sua função principal consiste acima de tudo em permitir a realização das variantes linguísticas no espaço, isto é, relações e tendências de projeção ou manutenção de uma variante ou área linguística no espaço geográfico. Buscou-se retratar através da cartografia a possibilidade de refletir e facilitar a visualização dessa tendência nos cartogramas. Mas ao projetar a comparação entre os grupos de migrantes é como se os cartogramas estivessem sobrepostos em seis (06) camadas de lexias, uma para cada grupo de migrante.

A cartografia dos dados busca a clareza de apresentação, com a utilização de símbolos e cores para facilitar a visualização. Acrescidos dos quadros que explicitam as frequências relativas e absolutas. Deixando para o usuário as possibilidades de realização de estudos deste com o atlas nacional ou deste com os diversos atlas regionais (estaduais) e outros que tenham como ponto comum o QSL – AliB.

3.7 Dos cartogramas

Os dados geolinguísticos foram cartografados em 206 mapas³⁰ semântico-lexicais. Apenas duas (02) questões não geraram mapas, as questões 32 (meses do ano) e 33 (meses com nomes especiais). Nos cartogramas semântico-lexicais registramos as lexias expressas nas respostas dos informantes, sendo um cartograma para cada questão do QSL. Contrariando muitos trabalhos desta área, não apresentamos apenas a primeira resposta (lexia) dada pelo informante, porque na coleta de dados através da pluralidade simultânea os falantes (colaboradores) revelam os seus usos saberes linguísticos, expressando muitas lexias.

Há nos cartogramas o registro muitas variantes fonéticas\fonológicas registradas como sendo lexias semânticas. Esses registros foram realizados intencionalmente para mostrar essas variantes, que não foram agrupadas pela razão de não pertencerem ao mesmo grupo de migrantes usuários daquela variante linguística.

³⁰ Os termos cartogramas, mapas ou cartas são utilizados neste trabalho como sinônimas.

Quanto à frequência absoluta e relativa, não optamos pela apresentação dos dados nos cartogramas, quadros e tabelas obedecendo uma ordem decrescente devido à utilização de vários grupos de informantes, pois uma lexia pode ter alto índice de frequência para um grupo e baixo para outro. Também não se utilizou uma padronização iconográfica para representar as lexias quanto à frequência, pela mesma razão. Optamos pela utilização de algumas cores, apenas para melhor efeito visual.

A utilização da pluralidade simultânea contribuiu para que não ocorressem abstenções. Mas, por outro lado, revelou-se o uso de muitas lexias devido ao grau de informalidade que esse tipo de procedimento em entrevista proporciona. Por conseguinte, não foi possível ficar apenas com a primeira resposta dada pelo colaborador titular, e nem foi essa a pretensão. Ao adotar a opção pela pluralidade simultânea, revelam-se algumas concepções defendidas: a questão da pluridimensionalidade geolinguística, a heterogeneidade da língua, a fala como interação linguística, o multiculturalismo, o multiculturalismo, a opção pelas lexias etc.

4 VARIAÇÕES SEMÂNTICA-LEXICAIS

Neste capítulo trataremos de conceitos fundamentais para o entendimento do processo de variação e mudança linguística. Partiu-se da definição do conceito de lexia como uma unidade léxica presente na memória lexical do falante que se manifesta no discurso; léxico como parte constituinte do sistema linguístico que se manifesta na fala ou no discurso e como elemento que integra a língua e a cultura de uma sociedade e variação na sua face mais explícita, a fala.

Mantendo na construção conceitual, um enfoque funcional da linguagem, enquanto interação verbal e social de sujeitos históricos e ideológicos.

Traz-se na segunda parte desse capítulo uma pequena contribuição na análise dos dados do Atlas Semântico-Lexical do Norte de Mato Grosso, realizando um desdobramento das informações do Cartograma Linguístico (CL 001) – CÓRREGO.

4.1 Língua, léxico, lexia e variação

Para Pottier (1972), o conceito de lexia se define como uma unidade léxica presente na memória lexical do falante que se manifesta no discurso. Ele admite, portanto, três variedades: a) as lexias simples: córrego, cigarro, tramela; b) as lexias compostas: arco-íris, esconde-esconde, João-de-barro; e c) as lexias complexas, também identificadas como unidades poliléxicas que se revelam sob vários aspectos, conforme sua estruturação sintática ou semântica, podendo assumir a função e o significado de uma única palavra como, por exemplo, guerra fria, complexo industrial, tomar medidas, plantão de vendas, fazer a barba. Além desses tipos principais, o autor ainda menciona a existência de lexias textuais como os hinos, as preces, os provérbios, entre outros.

A lexia constitui a unidade de significação já lexicalizada, pronta para o uso em um estado de língua delimitado, podendo articular relações, nomear objetos ou realidades, ou expressar noções, estados, ações, sentimentos, saberes etc. Na coleta de dados, quando se aplica um questionário para sujeitos que interagem entre si e com o entrevistador, o que temos é um conjunto de lexias, de todos os tipos disponíveis para a pesquisa (FERRAZ, 2011).

Foi por estes conceitos a opção pelo termo ‘lexia’, utilizado por Pottier, que destaca o caráter lexical que a expressão assume uma vez que seus elementos estivessem fixados. As lexias são, portanto, unidades lexicais complexas que o falante não constrói no momento da fala, mas tira do conjunto da sua memória lexical, assim como faz com as unidades simples.

Os itens lexicais que formam tais unidades encontram-se em processo de fixação e permanecerão na língua como uma unidade na língua graças à sua reprodutibilidade em bloco por parte dos falantes até ocorrer a sua convencionalização, o que provará que a combinação foi sancionada pelo uso (POTTIER, 1978).

O léxico de uma língua engloba o conjunto de signos linguísticos por meio dos quais o homem não só se expressa, mas comunica, significa e se constitui como sujeito histórico e social. É através do léxico que o homem cria novos conhecimentos e/ou assimila conhecimentos que outros homens criaram, não só na sua civilização, mas também em outras civilizações. Por isso, as categorizações e suas denominações linguísticas nunca devem ser analisadas fora de seus contextos etnográficos, seus cenários, seus personagens, na relação dos sujeitos com a história e a ideologia.

Os migrantes que vieram para esta região trouxeram o seu léxico, ou melhor, carregaram o léxico de seu grupo, com as marcas de suas histórias, suas experiências de vida e em um novo território começam a compartilhar com outros grupos que também chegaram carregados de valores, ideias, palavras e crenças.

Para se fazer um estudo semântico-lexical é importante que esta realização aconteça sob um enfoque funcional da linguagem. Pensar a linguagem como instrumento de interação verbal, social, empregada por seres humanos que buscam estabelecer relações de comunicação entre si é romper com conceitos que cristalizaram os estudos da linguagem a partir da estrutura e do sistema linguístico, apenas sob o aspecto da invariância. Por conseguinte, o léxico, como parte constituinte do sistema linguístico que se manifesta na fala ou no discurso, é o elemento que integra a língua e a cultura de uma sociedade, conforme afirma a Abbade:

Língua e cultura são indissociáveis. A língua de um povo é um de seus mais fortes retratos culturais. Essa língua é formada por palavras que se organizam em frases para formar o discurso. Cada palavra selecionada nesse processo acusa as características sociais, econômicas, etárias, culturais, etc. de quem as profere. Sabemos de onde é uma pessoa no momento em que ela fala, pois cada povo tem a sua língua e sua história. [...] A linguagem faz parte de sua história. Essa linguagem é expressa por palavras e essas palavras³¹ irão constituir o sistema lexical de uma língua e, conseqüentemente de um povo (ABBADE, 2012, p. 141).

³¹ A autora diz que “a palavra nomeia o mundo e as coisas desse mundo”. Também atribui um conceito para palavra: “A palavra é um termo genérico, tradicionalmente utilizado na língua, fazendo parte do vocabulário de todos os falantes, é uma unidade significativa que abrange as diversas significações do conteúdo linguístico. (ABBADE, 2012, p. 141)

É importante ter claro que é no real da língua que está o fenômeno da variação linguística, em sua face mais explícita, a fala, que por sua vez representa o conjunto de forças que se estabelecem no complexo jogo discursivo das interações sociais. Uma sociedade constituída por diferentes grupos com características ímpares e com diferentes manifestações que compreendem modos de pensar, organizar e interagir com a realidade, torna-se o espaço privilegiado para os estudos linguísticos por ser um panorama tão diversificado da realidade linguística ao retratar as marcas da história, da cultura e da organização social em que o falante está inserido.

É importante ter sempre claro que o léxico é o espaço de interação entre o indivíduo e a sociedade e que a língua é social, heterogênea, variável e indeterminada sob o ponto de vista semântico e sintático. Rompendo com o conceito Saussuriano de língua. Também, pensar que sua manifestação se realiza em contextos concretos, tais como a fala, o texto e o discurso.

Ao pensar a língua com caráter dinâmico e dialógico encontra um campo vasto e propício para aumentar as fronteiras do domínio do repertório linguístico de muitas sociedades no nível lexical. Principalmente quando todos os usuários desta língua ficam expostos ao contato multidialetal tendo a fala, o discurso como o meio de interação entre os membros desta nova comunidade que se forma.

Na conjunção de grupos homogêneos em uma sociedade heterogênea vem à tona o polimorfismo da fala que revela de maneira explícita os entrelaçamentos que os grupos tecem na sua história. Cada grupo revela na fala a capacidade de representar de diferentes formas a realidade em que vive. A fala resguarda nos seus traços mais diversos e específicos o presente e o passado, reconstruindo o trajeto dos grupos no espaço e no tempo. Por isso, o estudo da diversidade e da riqueza linguística encontra no campo lexical da língua terreno fértil para os registros, a identificação e o levantamento da variação e da mudança linguística. Assim, podemos encontrar nessa esfera uma grande variedade regional e sociocultural do português do Brasil.

Segundo Biderman (2001), o léxico se relaciona com o processo de nomeação e com a cognição da realidade. É nele que registramos a nomeação das coisas do mundo, manifestamos nosso conhecimento do universo:

O léxico de uma língua natural constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo. Ao dar nomes aos seres e objetos, o homem os classifica simultaneamente. Assim a nomeação da realidade pode ser considerada como uma etapa primeira no percurso científico do espírito

humano do conhecimento do universo. Ao reunir os objetos em grupos, identificando semelhanças e, inversamente, discriminando os traços distintivos que individualizam esses seres e os objetos em unidades diferentes, o homem foi estruturando o mundo que o cerca, rotulando essas entidades discriminadas. Foi esse processo de nomeação que gerou o léxico das línguas. [...] A geração do léxico se processou e se processa através de atos sucessivos de cognição da realidade e de categorização da experiência, cristalizada em signos linguísticos: as palavras (BIDERMAN, 2001, p. 13).

Ao considerar a linguagem como atividade social, histórica e cognitiva, admite-se que ela seja passível de quantificação, de análise e de observação. Dessa maneira, entender é sempre entender no contexto de uma relação com o outro situado numa cultura e num tempo histórico e esta relação sempre se acha marcada por uma ação, que é discursiva – é o homem usando concretamente a língua. Nessa perspectiva, desconstrói-se a ideia em que há uma relação direta entre linguagem e mundo. O homem discursivo usa a linguagem como uma atividade social designando o mundo por um sistema simbólico cuja semântica vai se construindo nos contextos, nas situações, nos discursos, enfim, no real da língua (ISQUERDO, 2001).

A autora fala, de maneira muito clara, sobre as implicações de se estudar uma língua, o seu léxico:

Partindo-se do princípio de que investigar uma língua é investigar também a cultura, considerando-se que o sistema linguístico, nomeadamente nível lexical, armazena e acumula as aquisições culturais representativas de uma sociedade, o estudo do léxico regional pode fornecer ao estudioso, dados que deixaram transparecer elementos significativos relacionados à história, ao sistema de vida, à visão de mundo de um determinado grupo. Deste modo, no exame de um léxico regional analisa-se e caracteriza-se não apenas a língua, mas também o fato cultural que nela se deixa transparecer. Essa perspectiva de análise favorece uma melhor compreensão do próprio homem e da sua maneira de ver e de representar o mundo (ISQUERDO, 2001, p. 91).

Podemos dizer que o léxico de uma língua é constituído da totalidade das palavras que ela possui (ILARI E BASSO, 2011). Através dele se permite verificar o grau de desenvolvimento social de um povo, porque mostra a quantidade e o tipo de conhecimentos que ele detém. O léxico é reflexo da vida sócio-econômico-cultural de um povo e, portanto, contém a cristalização de sua vida material e espiritual (BUSSE, 2010).

Dessa maneira, o léxico, impossível de ser capturado em sua totalidade, é uma grande reserva e/ou um grande banco de dados que caracteriza uma língua e é tão resistente quanto à gramática, porque as noções que ele expressa, de um lado, não são afetadas por

mudanças econômicas e sociais e, por outro, porque são de uso geral e coloquial (BIDERMAN, 2001). Esse acervo comum é o sustentáculo da estrutura léxica de uma língua. Paradoxalmente, muitos itens lexicais podem modificar-se mais ou menos rapidamente, porque refletem a vida socioeconômica de um povo nas situações de comunicação e de interação social. Mesmo assim, qualquer mudança é sempre muito lenta e passa, quase que necessariamente, pelo estágio da variação.

Para Biderman (2001), o léxico de uma língua é patrimônio de seus falantes, seus usuários:

[...] o léxico de uma língua natural pode ser identificado com o patrimônio vocabular de uma dada comunidade linguística ao longo de sua história. Assim, para as línguas de civilização, esse patrimônio constitui um tesouro cultural abstrato, ou seja, uma herança de signos lexicais herdados e de uma série de modelos categoriais para gerar novas palavras. Os modelos formais dos signos linguísticos preexistem, portanto, ao indivíduo (BIDERMAN, 2001, p. 14).

Embora as relações comunicativas venham presididas por regras relativamente estáveis, mas estas são constantemente reelaboradas, pois a produção de textos, de discurso ou de atos de fala é um processo criativo, na medida em que são construídas novas entidades que anteriormente não existiam. As palavras se mantêm do ponto de vista semântico, abertas e com limites indefinidos. A cada novo contexto, a cada nova situação de emprego de uma lexia, os sujeitos, usuários da língua, se deparam com o desafio de redefinir-lhe o sentido e o contexto sintagmático (BUSSE, 2010).

A face criativa da linguagem tem a ver com o seu caráter de atividade humana concretizada na fala, mesmo sendo parte de um saber coletivo presente nas tradições históricas e culturais de um povo, de uma comunidade linguística. A criatividade, associada às possibilidades de escolha pelos falantes, na linguagem cotidiana, representa uma grande vantagem, pois precisamente nessa fértil indecisão é que se tornam visíveis a riqueza e as possibilidades quase ilimitadas de uma linguagem usada para o diálogo. É nessa situação que as lexias se manifestam.

No ambiente social, muitas vezes multicultural, na construção do texto falado, os falantes estão constante e conscientemente empenhados em reduzir as imprecisões e incertezas, buscando formulações as mais possíveis precisas para as necessidades da mútua compreensão e para os objetivos da comunicação. É justamente esse empenho que instala na enunciação procedimentos que explicitam o trabalho da seleção lexical. O falante não escolhe uma lexia ou outra para si mesmo e, muito menos, faz de maneira aleatória e impensada.

O falante tem, no ato de comunicação, o objetivo de produzir os sentidos desejados. E assim, vai explicitando na sua fala as suas escolhas lexicais, na tentativa de construir com seu interlocutor uma proposta de intercompreensão. Isso é uma espécie de jogo entre os interlocutores que muitas vezes fazem as escolhas dos itens lexicais para estabelecer aproximações ou distanciamentos com os outros sujeitos, com os outros grupos. Como afirma Paim (2011):

Em síntese, diante do exposto, a seleção lexical não é uma tarefa unilateral do falante na procura da melhor formulação para transmitir a sua informação ao ouvinte. Ela consiste, isso sim, no trabalho do falante, determinado pelo ouvinte, em construir o sentido dos enunciados. E os sentidos são construídos em função de um fazer interpretativo do ouvinte. Também, do lado desse, não se verifica uma atuação isolada por meio da qual lhe caberia inferir de maneira isolada um conteúdo remetido pelo falante. A interpretação é construída pelo ouvinte na esteira das instruções – da proposta de compreensão – fornecidas pelo falante. O que implica dizer que, assim como o fazer atribuidor de sentidos é determinado pelo ouvinte, o fazer interpretativo é orientado pelo falante. E o processo da seleção lexical, particularmente na construção do texto falado, explica-se e estende-se nesse fazer convergente de produzir sentidos e de construir a compreensão. Assim, os sujeitos do discurso realizam suas operações epilinguísticas que precedem a realização concreta na fala (PAIM, 2001, p. 69).

Para ilustrar, segue um fragmento da entrevista realizada em Guarantã do Norte, na questão 01 – CÓRREGO. Obtivemos as lexias *sanga*, *corgo*, *córrego*, *grotá*, *igarapé*, *arroio* e *lajeado*... que revelam os contatos varietais, os usos linguísticos, as atitudes dos sujeitos e o conhecimento linguístico dos falantes.

Entrevistador: *Como vocês chamam aqui para um rio pequeno de uns dois metros de largura?*

Col. 01: *Isso depende de quem está comigo. Se for da minha família vou dizer “sanga” ou “córrego”. Mas se for um maranhense ou nordestino tenho que falar “igarapé” ou “corgo”.*

Col. 02: *Nós também chamamos de “grotá”, “arroio”, “lajeado”*

Col. 01: *No início, eu cheguei a achar que “grotá” fosse uma “sanga” que tinha ouro. Os garimpeiros tudo falavam “grotá”, “grotá”...*

Entrevistador: *No início?*

Col. 01: *É, quando chegamos aqui... em 1986... tinha garimpo pra todo lado.*

O processo de interação passa pela alternância de pertencimento do sujeito falante, ora tentando manter sua identidade com seu grupo, sua origem, sua história, ora cria redes de relações com outros sujeitos de outros grupos para estabelecer relações e construir uma nova comunidade linguística. Tomando emprestados os itens lexicais, as lexias de outros grupos e

na maioria das vezes sem se dar conta, passam a integrá-las na sua fala cotidiana, familiar. Aos poucos, aquilo que era diferente, estranho, já não o é mais, porque passou a fazer parte de seu repertório linguístico.

Mesmo assim, os sujeitos, em processo de interação, precisam estabelecer negociações, solidariedades e trocas no campo linguístico e cultural. É justamente nesse nível de análise da língua que pode haver a construção, a projeção e a manutenção da maneira como os falantes concebem o mundo no qual vivem, bem como a sua interação com todas as esferas da sociedade, adequando-se aos mais variados contextos das situações comunicativas. Através de suas atitudes linguísticas e, por conseguinte, entendendo também qual leitura os outros sujeitos e grupos fazem para conceberem o mundo e assim, criando imagens de como os outros percebem sua cultura e seu modo de falar, é que os falantes estabelecem suas relações sociais e linguísticas.

4.2 O estudo do léxico em um contexto multidialetal

Este estudo se justifica pelo fato de o léxico possibilitar a observação da leitura que uma comunidade faz de seu contexto e a preservação de parte da memória sócio-histórica e linguístico-cultural da comunidade de origem, além de possibilitar o registro e a documentação da diversidade lexical e geolinguística do português falado no Brasil, em distintas regiões geográficas. Por conseguinte, os migrantes, oriundos de diversas regiões (estados) do país, trazem no seu léxico as marcas de sua identidade, de sua cultura, de sua leitura de mundo e em um mesmo contexto, espaço social, passam a conviver com diferentes grupos que também, cada qual a seu modo, trazem suas marcas, seus valores, sua cultura e a partir de então passam a conviver juntos para formarem uma nova comunidade multidialetal e multicultural.

Para Isquierdo (2003), é sempre importante destacar as razões para se estudar a variação léxica. Primeiramente, partimos do conceito de léxico, saber partilhado que existe na consciência dos falantes de uma língua, constitui-se no acervo do saber vocabular de um grupo sociolinguístico-cultural.

O léxico é o acervo vocabular de uma língua, utilizado pelo homem para nomear a realidade ao seu redor, transmitir ideias e mesmo organizar seu pensamento. Esse repertório lexical reflete aspectos culturais da sociedade que o utiliza e seu estudo propicia não só um melhor conhecimento da língua em uso por um dado grupo social, com também fornece pistas sobre o modo de viver e de pensar desse mesmo grupo, além de fornecer subsídios para a

identificação de influências extralinguísticas e comportamentais incorporadas pelo acervo lexical de uma língua (ISQUERDO, 2014, p. 144).

O léxico se configura como o caminho de acesso ao discurso, representa a janela através da qual uma comunidade pode ver o mundo, uma vez que esse nível da língua é o que mais deixa transparecer os valores, as crenças, os hábitos e os costumes de uma comunidade, como também as inovações tecnológicas, as transformações socioeconômicas e políticas ocorridas numa sociedade.

Ao tratar da relação entre língua e sociedade, os estudos linguísticos tratam de experiências vividas pelos falantes no seu grupo social, como afirma o Oliveira:

Na formação de uma língua é preciso considerar a influência exercida pelo ambiente através da experiência social. Este contato entre língua e realidade irá determinar a linguagem como reflexo da realidade e, sobretudo, como força geradora da imagem de mundo que o indivíduo possui. De um modo geral, podemos considerar como princípio o fato de que um vocabulário é aceito como elemento da língua, a partir do momento em que ele passa a exprimir todos os valores de um determinado grupo social e, sobretudo, satisfazer suas necessidades de comunicação (OLIVEIRA, 2001, p. 109).

A realização deste trabalho também possibilita contribuir para o objetivo central que é o de conceber uma fotografia semântico-lexical da região Norte do estado de Mato Grosso com base na Geolinguística com vista à composição de um Atlas Semântico-Lexical do Norte de Mato Grosso, que também, contribuirá para descrever a realidade linguística de uma região do Brasil - o Norte do estado de Mato Grosso inserida no vasto “Território Incaracterístico” de Antenor Nascentes, mas que possui uma característica fundamental que é a sua diversidade, no que tange à língua portuguesa, com enfoque prioritário na identificação das diferenças diatópicas consideradas na perspectiva da Geolinguística.

Por isso, o conhecimento consciente de uma língua implica o reconhecimento dessa dinâmica diversificante, resultante do intenso processo migratório que vem ocorrendo desde o início da exploração das terras mato-grossenses e com mais intensidade a partir dos anos 1970 e que tem tornado a língua resistente à normalização pelo jogo de forças entre a tradição e as inovações que ocorrem no seu interior o que os torna eventualmente passageiras, mudando ao longo do tempo o modo como os falantes encaram os mesmos fatos linguísticos.

Quando se estuda as variedades linguísticas, principalmente, as decorrentes do processo migratório, torna-se importante fixar o próprio conceito de variedade. Podemos dizer que as variedades são conjuntos de elementos ou de padrões linguísticos associados a fatores

externos, sejam contextos situacionais, sejam profissionais, sociais ou geográficos (origem geográfica dos informantes) entre outros. Apresenta-se aqui a variação encontrada com a variável “córrego”, Questão 01 do QSL, conforme quadros e mapas que seguem.

4.3 Um esboço de descrição do dado semântico-lexical do objeto córrego

Objeto (variável): *Córrego*

Questão: *Como se chama aqui um rio pequeno de uns dois metros de largura?*

Respostas: *córrego, corgo, corguinho, rio, riozinho, grotta, sanga, lajeado, riacho, arroio, igarapé, lago, rio estreito, ribeirão.*

QUADRO 10 - Lexias de uso frequente por cada grupo (linguístico) do objeto “córrego”.

N.	OBJETO	MG	SP	MA	PR	SC	RS
01	CÓRREGO	· <i>corguinho</i> · <i>corgo</i> · <i>córrego</i> · <i>rio</i> · <i>grotta</i> · <i>riozinho</i>	· <i>córrego</i> · <i>riacho</i> · <i>ribeirão</i> · <i>grotta</i> · <i>corgo</i>	· <i>lago</i> · <i>igarapé</i> · <i>córrego</i> · <i>grotta</i> · <i>corgo</i>	· <i>córrego</i> · <i>corgo</i> · <i>rio</i> · <i>ribeirão</i> · <i>riacho</i> · <i>sanga</i> · <i>riozinho</i>	· <i>sanga</i> · <i>corgo</i> · <i>córrego</i> · <i>riozinho</i> · <i>rio estreito</i> · <i>arroio</i> · <i>rio</i>	· <i>sanga</i> · <i>lajeado</i> · <i>córrego</i> · <i>corgo</i> · <i>arroio</i> · <i>riacho</i>

No quadro acima nota-se a grande diversidade linguística manifestada no Norte do estado de Mato Grosso, através da variação semântico-lexical, considerando o aspecto diatópico/topodinâmico, quanto ao local de nascimento (estado de origem) dos informantes é numericamente elevado, com um número significativo de lexias de uso frequente por cada grupo (linguístico) ao utilizar o objeto “córrego”.

QUADRO 11- Frequência de uso das variantes x origem dos informantes – parâmetro topodinâmico.

	VARIANTES	MG	SP	MA	PR	SC	RS	FREQ. ABS.	FREQ. REL.
1	córrego	X	x	x	x	x	x	6	100,00%
2	corgo/corguinho	X	x	x	x	x	x	6	100,00%
3	sanga				x	x	x	3	50,00%
4	grotta	X	x	x				3	50,00%
5	riacho		x		x		x	3	50,00%
6	rio/riozinho	x			x	x		3	50,00%
7	arroio					x	x	2	33,33%
8	igarapé/lago			x				1	16,67%
09	lageado					x		1	16,67%
		05	04	04	06	07	05	31	

A ocorrência da lexia “córrego” deu-se entre todos os migrantes que ocupam o Nortão de Mato Grosso, resultando em 100% de frequência relativa e distribuição regular, o que indica ser esta lexia a **norma** também nesta região como propõe o QSL do ALiB. Quanto à lexia “corgo”, que teve 06 ocorrências e frequência relativa de 100%, pode-se observar que os colaboradores que as utilizam são de todas as regiões, apresentando uma concorrência direta com a lexia “córrego”.

As lexias “sanga”, “grota” e “riacho” têm 50% de ocorrência, porém a origem delas se divergem: “sanga” é falada por migrantes da região Sul, “grota” pelos migrantes de MG, SP e MA, e “riacho” por migrantes de SP, PR, RS. Os migrantes de SP, PR e MG também se expressam por meio das seguintes lexias: “rio” e “riberão”, com 33,33% de frequência relativa. Com menor frequência relativa (16, 67%) estão as lexias faladas por migrantes de MG, MA e SC. São elas: “corginho”, “lago”, “igarapé”, “riozinho”, “rio estreito” e “lageado”. Por fim, vale ressaltar a abundância de variantes semântico-lexicais que são empregadas nesta região do estado.

Também evidenciado no quadro abaixo (Quadro 12) que reúne as 320 realizações das variantes linguísticas da variável “córrego”, manifestadas nos usos linguísticos dos 72 informantes entrevistados, o alto número de variantes linguísticas trazidas pelos migrantes para essa região.

Tratou-se os dados semântico-lexicais apresentando as frequências absolutas e relativas. Na frequência absoluta os dados são quantitativos do total dos usos linguísticos das variantes dadas pelo total de informantes, ao passo que a frequência relativa aparece em duas colunas, uma em percentual, considerando o uso da variante em relação ao total de realizações e em peso ou valores relativos quanto aos usos linguísticos de todos os falantes entrevistados.

Reuniu-se todas as respostas dadas na Questão 01, pelo conjunto de informantes, de todos os seis (06) grupos de migrantes, também considerando a pluralidade simultânea, chegou-se a quantidade de 320 realização das lexias utilizadas nas respostas, com 12 variantes distintas da variável “córrego”, o que reforça o pressuposto de um elevado número de variação linguística existente nesta região, resultante de muitos fatores, principalmente os relacionados ao caráter diatópico topostático e topodinâmico.

Nesse sentido, no que diz respeito às denominações que receberam “as palavras objetos”, podem-se fazer algumas considerações preliminares: as designações enfocadas apresentam uma grande variação, possibilitando a visualização da diversidade lexical e

geolinguística do português falado no Brasil nesta região. As variantes lexicais usadas pelos falantes possuem várias estruturas, que podem ser lexias simples, compostas ou complexas. A temática da comparação “aqui *versus* lá”, “nos *versus* eles”, “passado *versus* presente” está manifestada na linguagem dos sujeitos. As escolhas lexicais ora são fontes reveladoras da identidade de seu grupo, ora expressam certa intencionalidade de interação com outros grupos.

Quadro 12 -Diversidade linguística no Norte do estado de Mato Grosso, variação semântico-lexical, frequência absoluta e relativa de uso e conhecimento linguístico.

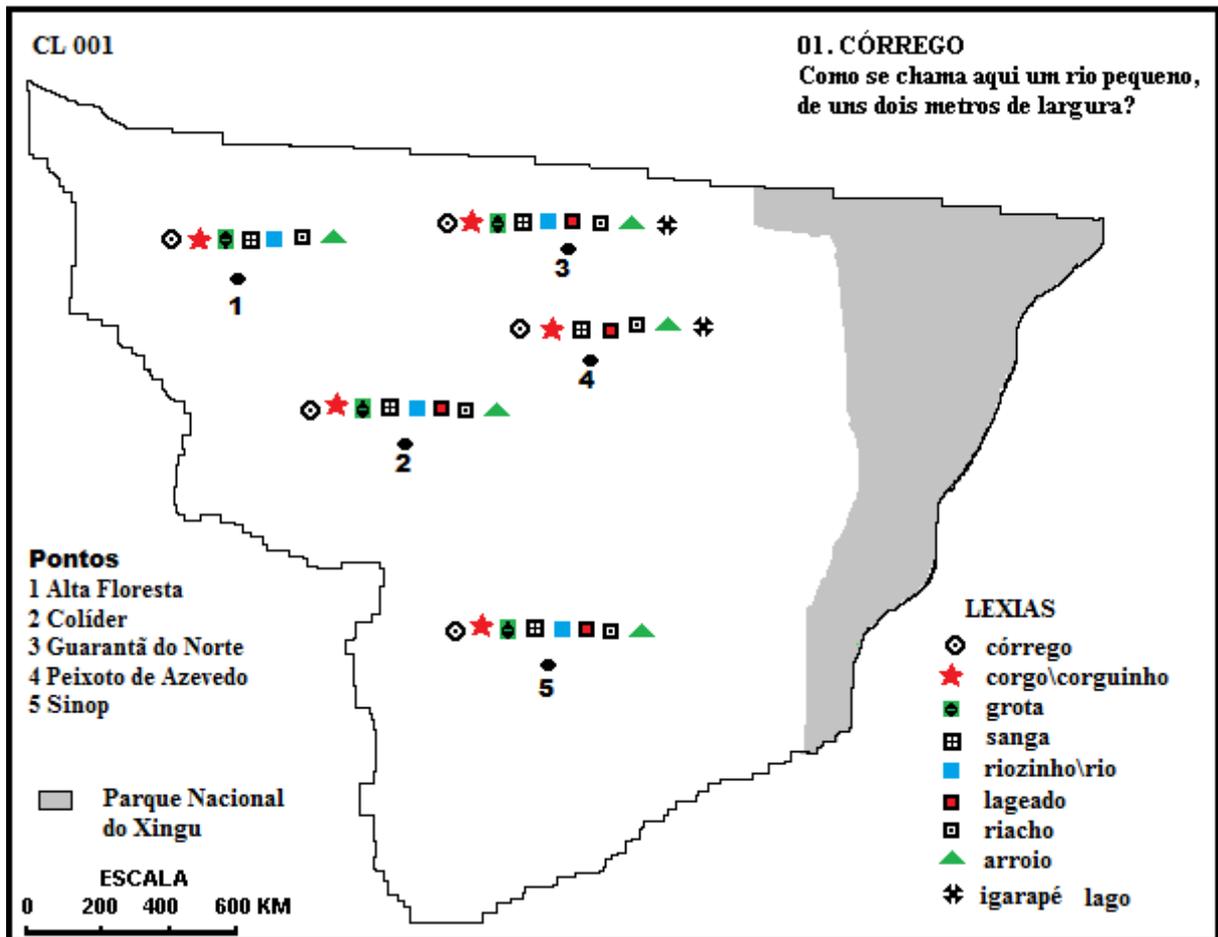
N.	OBJETO	PERGUNTA	RESPOSTAS	FREQ. ABS.	%	FREQ. REL
01	CÓRREGO	Como se chama aqui um rio pequeno de uns dois metros de largura?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>córrego</i> • <i>corgo /corguinho</i> • <i>rio/riozinho</i> • <i>grotá</i> • <i>sanga</i> • <i>lajeado</i> • <i>riacho</i> • <i>arroio</i> • <i>igarapé</i> • <i>lago</i> • <i>rio estreito</i> • <i>ribeirão</i> 	68 68 20 28 44 24 32 44 08 04 04 04	20% 20% 05% 08% 12% 06% 09% 12% 02% 01% 01% 01%	0,20 0,20 0,05 0,08 0,12 0,06 0,09 0,12 0,02 0,01 0,01 0,10
			12	320	100%	1,00

Partimos dos dados de apenas uma questão: *Como se chama aqui um rio pequeno de uns dois metros de largura?*, já pode se ter uma noção de que a análise do corpus possibilitará realizar o levantamento e a documentação da diversidade lexical do português falado no Norte de Mato Grosso, como parte do Português do Brasil. Seguindo os princípios da Geolinguística Pluridimensional registramos o conjunto de lexias realizadas por influência do parâmetro diatópico nas dimensões topostáticas e topodinâmicas.

A partir do corpus é possível elaborar um atlas linguístico regional, registrando em cartogramas pluridimensionais a diversidade linguística, no campo semântico-lexical, existente na região Norte de Mato Grosso. E a partir dele, ampliar em profundidade a análise da diversidade linguística fazendo a escolha de novos parâmetros, dimensões e critérios de descrição e análise.

No cartograma, representado no Mapa 05, apresenta-se uma distribuição diatópica, mostrando a realidade das variantes nos 05 pontos de inquérito, em uma representação aglutinativa dos dados topodinâmicos.

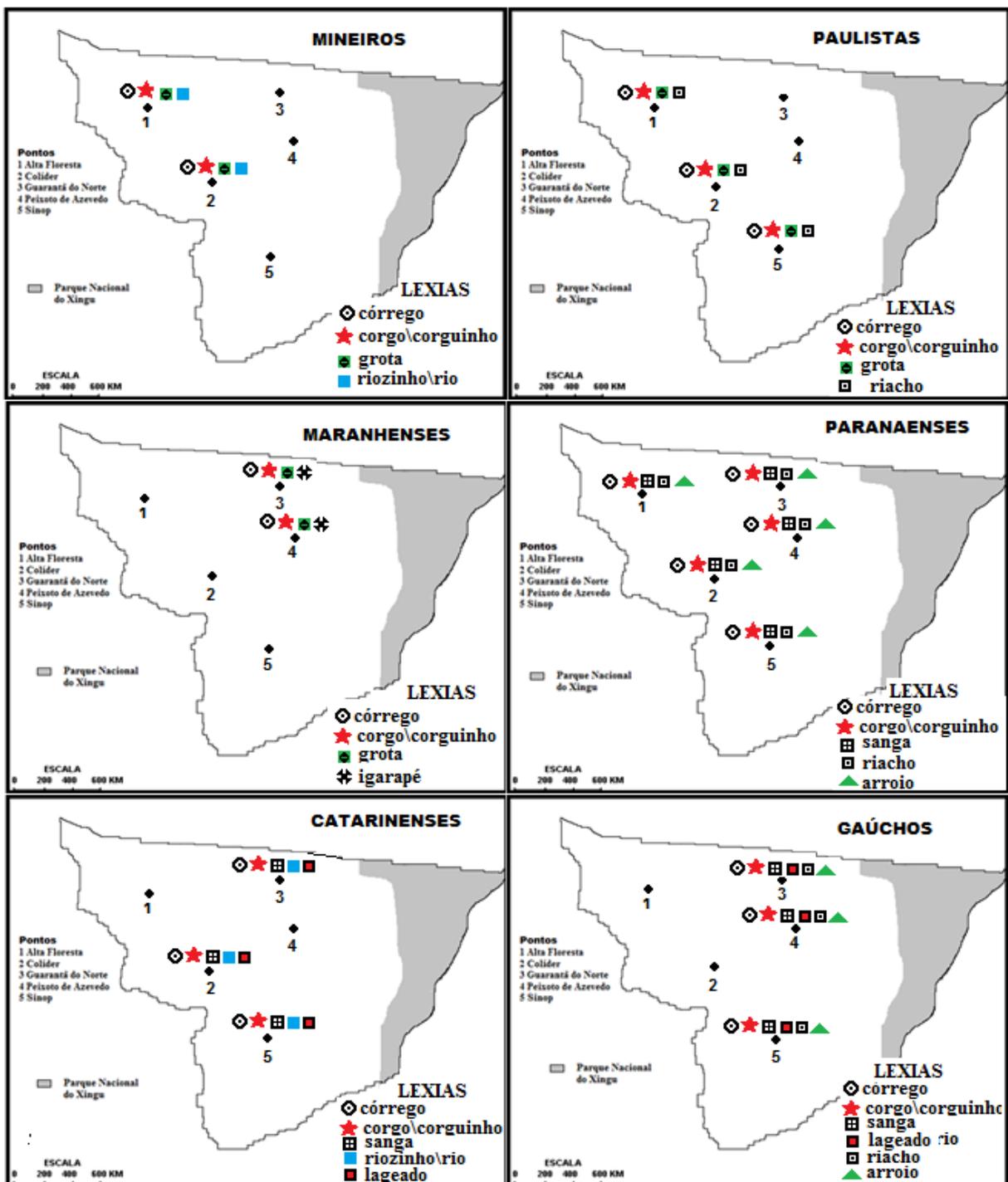
MAPA 05 – Cartograma Linguístico 001 - CÓRREGO



Pela visualização dos ícones, na distribuição geográfica das lexias (variantes linguísticas) dá para se ter uma ideia da diversidade linguística existente nessa região. Nos estudos linguísticos desenvolvidos até aqui, identificou-se o fenômeno de variação, associado a fatores extralinguísticos implicados na variação, dando ênfase para o caráter diatópico de dimensão topodinâmica.

O estudo da variação lexical objetiva explicar e explicitar o uso alternante das formas léxicas nas situações linguísticas e extralinguísticas determinadas. Sendo que as unidades lexicais de diferentes origens geolinguísticas que estiveram presentes em uma comunidade podem estar presente em outras em condições ou situações diversas. Ao mesmo tempo, busca-se identificar o léxico característico dos diferentes grupos sociais e as influências de um determinado grupo sobre o outro. As representações nos cartogramas, em uma primeira vista, parecem uma representação monodimensional mostrando a realidade diatópica dos fenômenos linguísticos.

MAPA 06 – Representação do Cartograma Linguístico 001 – CÓRREGO, por grupo de migrantes.



Mas em um exame mais profundo aparecem os dados topodinâmicos e em cada cartograma aparecem as representações linguísticas de seis grupos distintos de migrantes, como se cada cartograma do Atlas Semântico-Lexical do Norte de Mato Grosso, sob o

aspecto diatópico (diastrático e topodinâmico), apresentasse uma sobreposição de seis cartogramas, como nos mapas acima.

Em outros termos, pode-se dizer que conhecer o significado de uma palavra não é rigorosamente conhecer um fato, mas é conhecer a sua história e a sua identidade no grupo ou comunidade linguística. Por isso, quando um sujeito falante passa a fazer uso de palavras trazidas por outros grupos para esta nova comunidade, está mais que escolhendo um item lexical que está ali a sua disposição, está aceitando toda uma carga cultural que não é sua, mas que poderá ser.

A partir do corpus é possível elaborar um atlas linguístico regional, registrando em cartogramas pluridimensionais a diversidade linguística, no campo semântico-lexical, existente na região Norte de Mato Grosso. Assim como, ampliar em profundidade a diversidade linguística fazendo a escolha de novos parâmetros, dimensões e critérios para a descrição e análise dos dados linguísticos.

5 ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO – ASLNMAT - SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINÂMICAS

5.1 CARTAS DE IDENTIFICAÇÃO - CARTOGRAMAS AUXILIARES

CI001- Norte de Mato Grosso no Território Incaracterístico

CI002 - Correntes migratórias para o Norte de Mato Grosso

CI003 - Região Norte do estado de Mato Grosso: municípios

CI004 - Migração por origem geográfica

CI005 - Migração por local de nascimento

CI006 - Migrantes mineiros do Norte de Mato Grosso

CI007 - Migrantes paulistas do Norte de Mato Grosso

CI008 - Migrantes maranhenses do Norte de Mato Grosso

CI009 - Migrantes paranaenses no Norte de Mato Grosso

CI010 - Migrantes catarinenses no Norte de Mato Grosso

CI011- Migrantes gaúchos no Norte de Mato Grosso

**ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO– ASLNMAT:
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINÂMICAS**

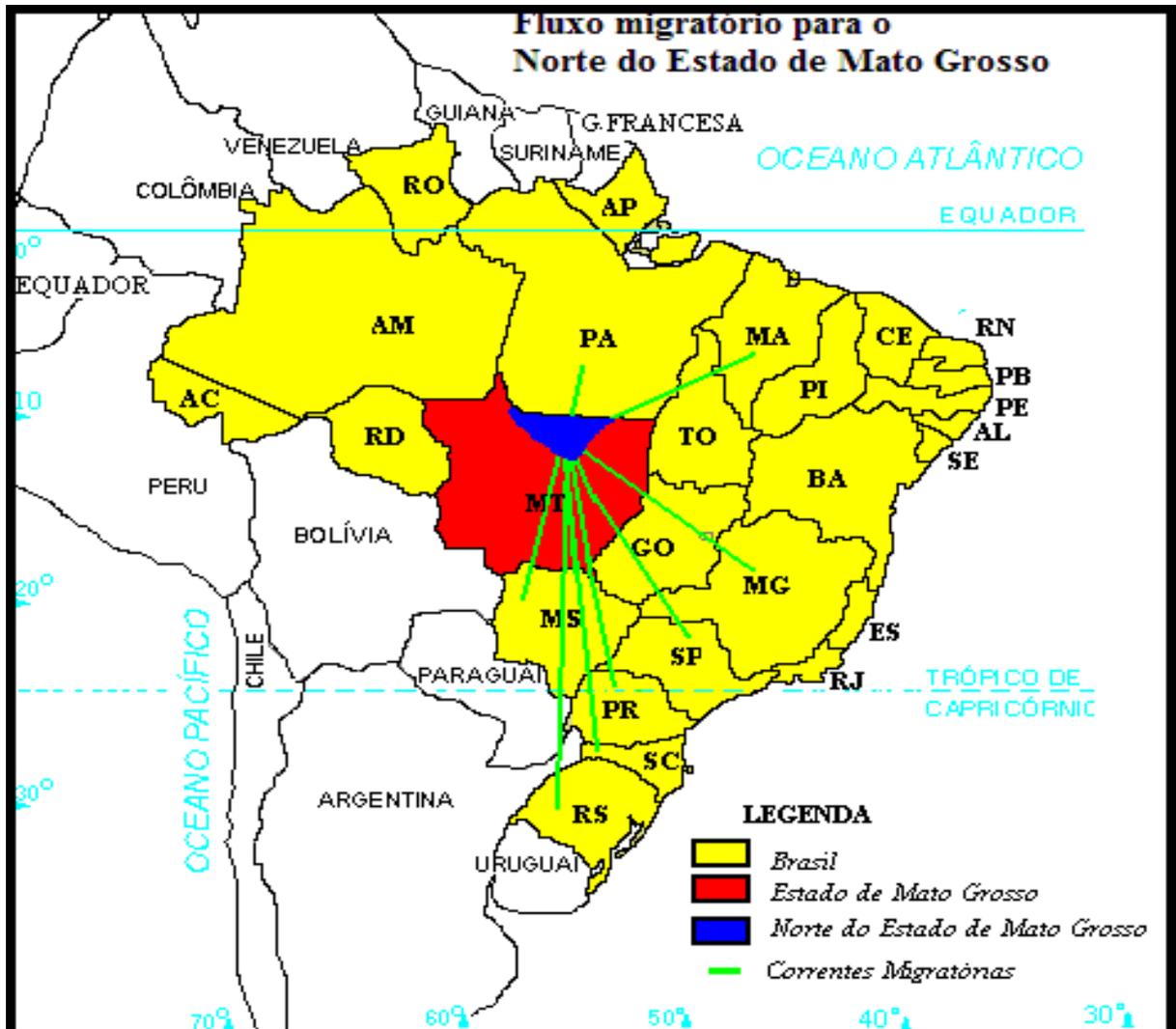
CI 001- Norte de Mato Grosso no Território Incaracterístico



Antenor Nascentes definiu a Divisão Dialetal do Brasil em grandes grupos de falares (subfalares): o Sul, o Fluminense, o Mineiro, o Baiano, o Nordestino e o Amazônico. Também, classificou uma grande região que abrange grande parte dos estados de Mato Grosso, Tocantins, Rondônia e Goiás como sendo um “Território Incaracterístico”, isto é, sem um falar ou subfalar característico, identificado ou definido.

ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT - SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINÂMICAS

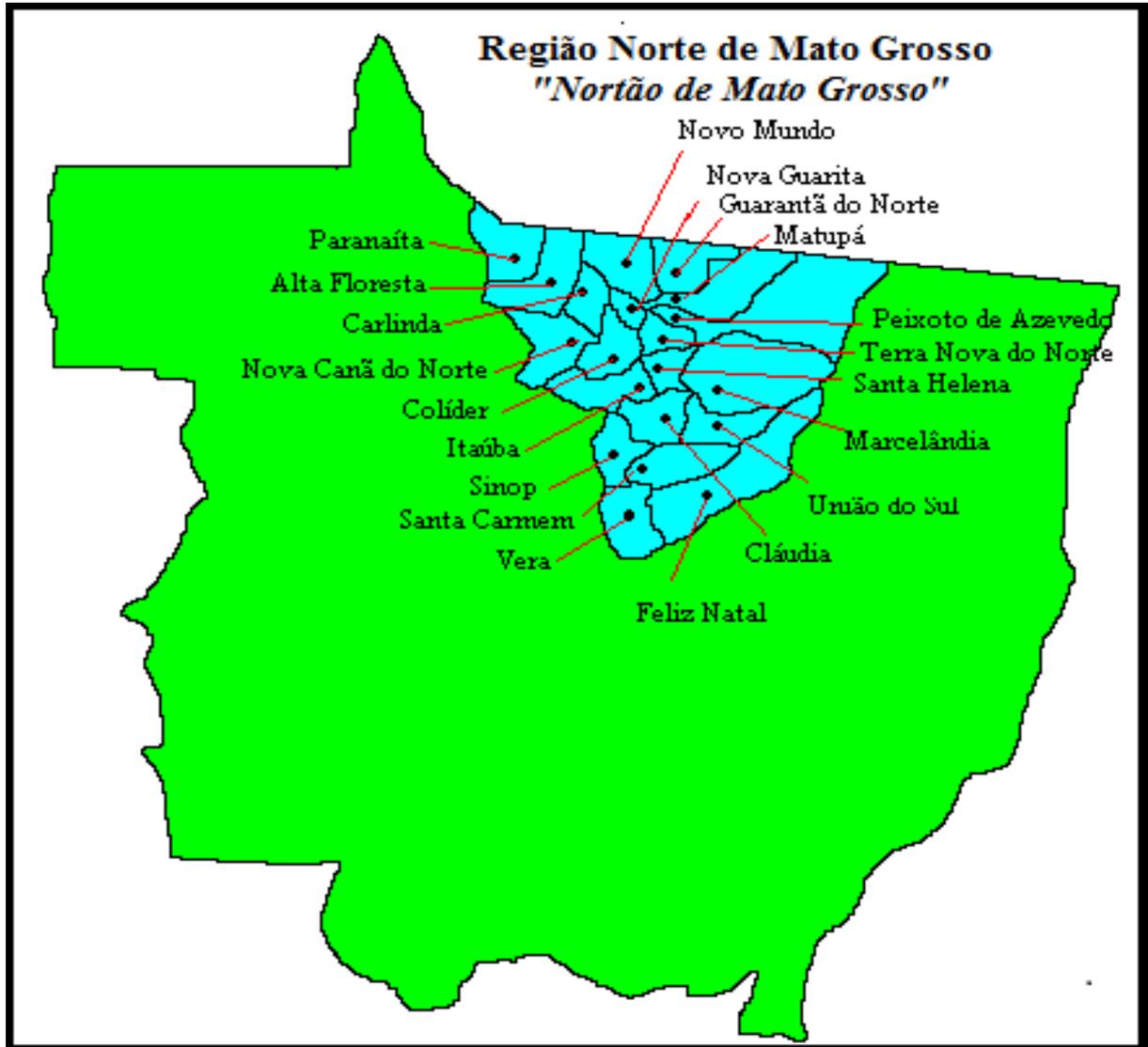
CI 002 - Correntes Migratórias para o Norte de Mato Grosso



Nas últimas três décadas, um dos movimentos migratórios mais intensos e significativos ocorreu no Norte de Mato Grosso, região popularmente chamada de “Nortão”. Área coberta pela floresta da Amazônia Mato-grossense sofreu profundas transformações com a chegada de centenas de grupos oriundos, praticamente, de todas as regiões do país. O governo militar do Brasil considerava esta área desabitada, desconsiderava as tribos indígenas que viviam ali e assim distribuiu, “doou” grandes áreas de terras para empresas, cooperativas e sociedades imobiliárias interessadas em grandes projetos de colonização ou de implantação de atividades agropecuárias. Com isso, no Norte do estado de Mato Grosso, vários projetos de colonização foram implantados e desenvolvidos por empresas privadas, cooperativas agrícolas e pelo Instituto de Colonização e Reforma Agrária – INCRA.

**ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT -
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINÂMICAS**

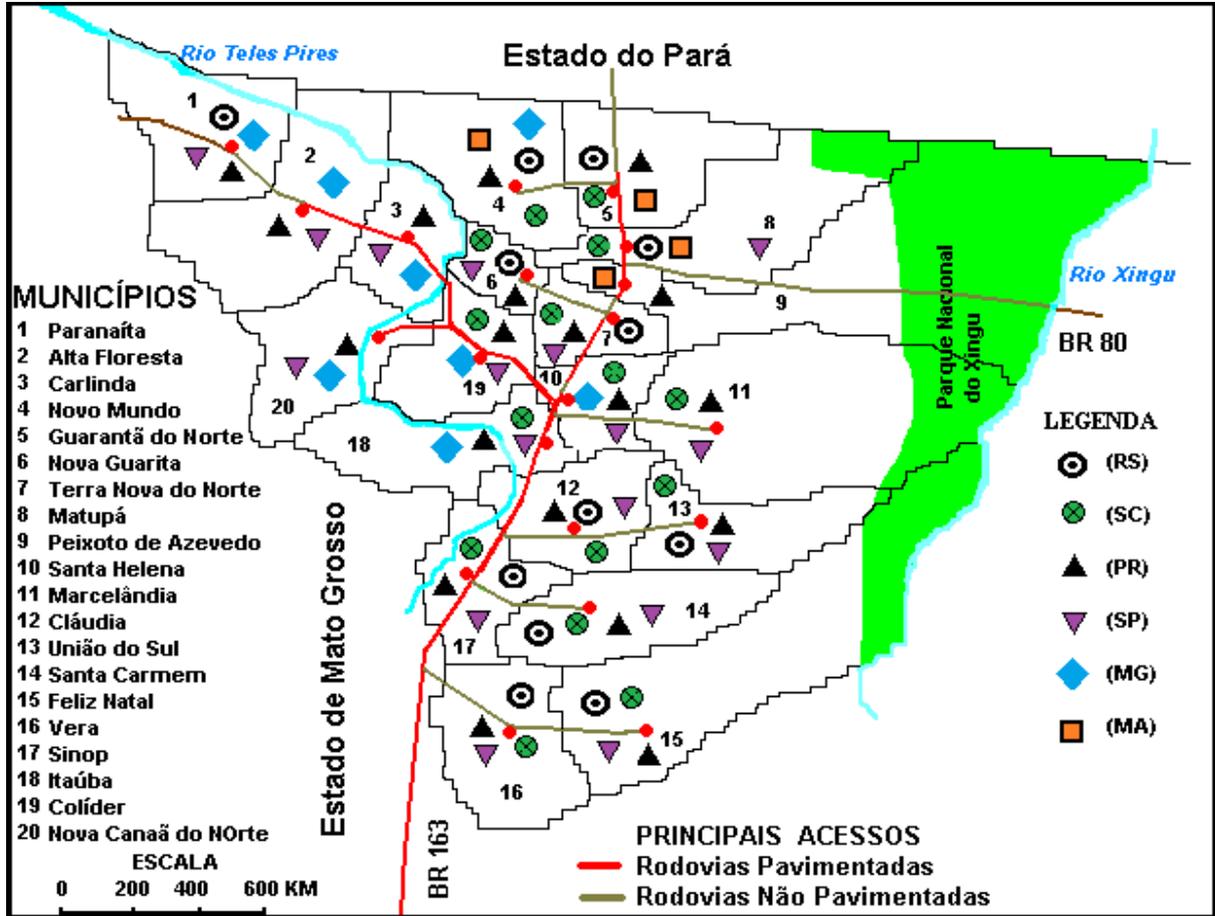
CI 003 - Região Norte do Estado de Mato Grosso: municípios



Nesta região foram desenvolvidos muitos projetos de colonização e reforma agrária: o Projeto Gleba Celeste pela Colonizadora SINOP S.A., o Projeto Matupá pela Colonizadora Cachimbo, o PAC - Peixoto de Azevedo pelo INCRA e pela Cooperativa Cotrel, o Projeto Terra Nova pela Cooperativa COPERCANA, o Projeto Marcelândia pela Colonizadora Maiká S.A., o projeto Alta Floresta pela Colonizadora INDECO S.A. e o Projeto Nova Galileia pela Colonizadora Líder e pelo INCRA. Assim surgiram os municípios de Paranaíta, Alta Floresta, Carlinda, Novo Mundo, Guarantã do Norte, Nova Guarita, Terra Nova do Norte, Matupá, Peixoto de Azevedo, Santa Helena, Marcelândia, Cláudia, União do Sul, Santa Carmem, Feliz Natal, Vera, Sinop, Itaúba, Colíder e Nova Canaã do Norte.

ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINÂMICAS

CI 004 - Migração por origem geográfica

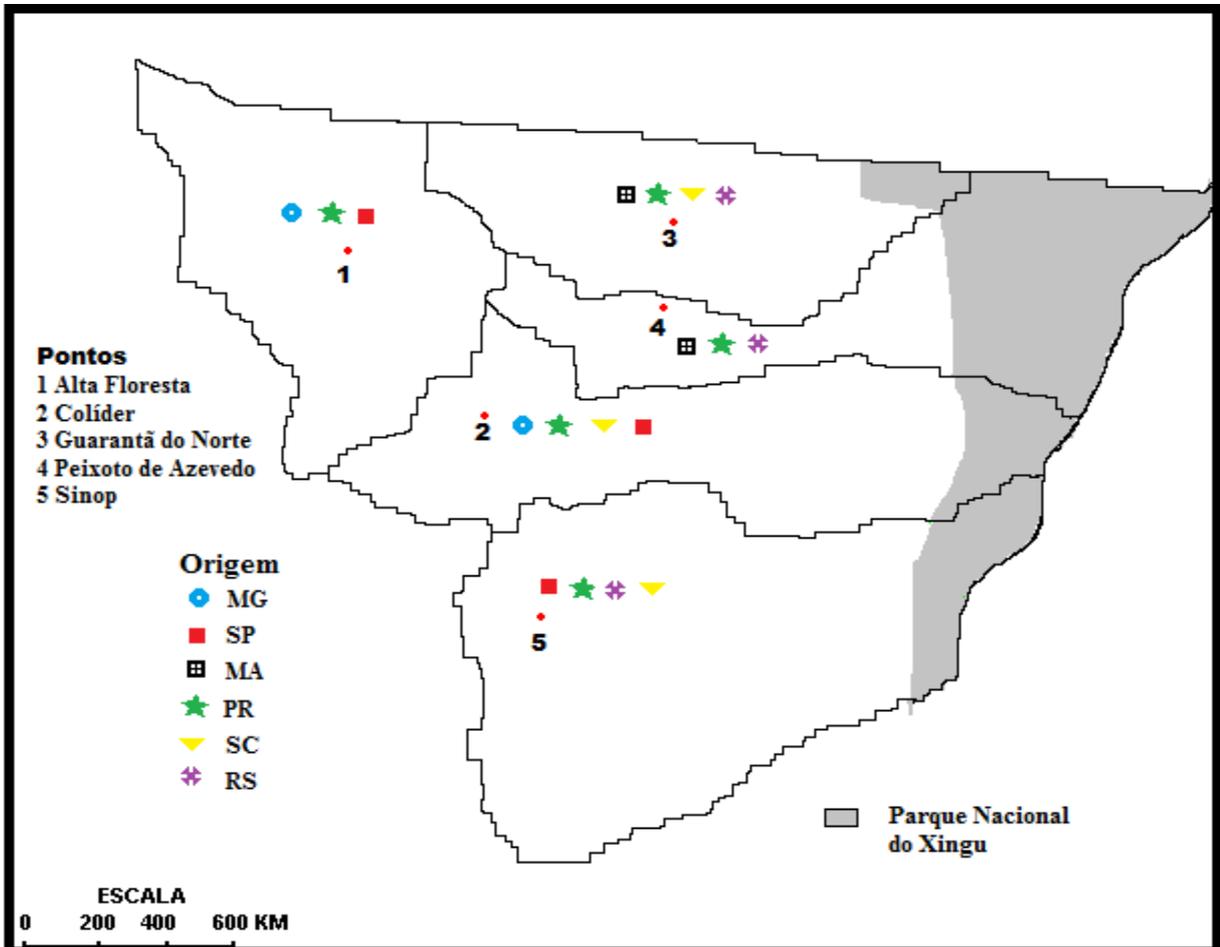


QUADRO 04 - Quadro da migração no Norte de Mato Grosso em percentuais.

REPRESENTAÇÃO DA POPULAÇÃO DO NORTE DO ESTADO DE MATO GROSSO POR LUGAR DE NASCIMENTO										
MUNICÍPIOS	ESTADOS DE ORIGEM									
	RS	SC	PR	SP	MG	MA	MS	PA	MT	OUTROS
Alta Floresta	-	-	39%	9%	7%	-	5%	-	23%	17%
Carlinda	-	-	39%	9%	7%	-	5%	-	23%	17%
Cláudia	8%	12%	37%	8%	-	-	5%	-	20%	10%
Colíder	-	-	35%	11%	7%	-	5%	-	24%	18%
Feliz Natal	11%	17%	32%	6%	-	-	5%	-	23%	5%
Guarantã Do Norte	11%	6%	27%	-	5%	8%	7%	-	22%	14%
Itaúba	-	8%	31%	11%	6%	-	6%	-	27%	11%
Marcelândia	-	6%	34%	11%	-	-	18%	-	22%	9%
Matupá	10%	9%	29%	5%	-	7%	6%	-	20%	14%
Nova Canaã	-	-	35%	8%	7%	-	6%	-	26%	18%
Nova Guarita	26%	9%	26%	5%	-	-	-	-	25%	13%
Novo Mundo	11%	6%	27%	-	5%	8%	7%	-	22%	14%
Paranaíta	5%	-	42%	8%	5%	-	-	-	23%	17%
Peixoto De Azevedo	-	-	9%	-	-	36%	-	6%	27%	6%
Santa Carmem	11%	10%	37%	7%	-	-	-	-	23%	12%
Santa Helena	-	8%	31%	11%	6%	-	6%	-	27%	11%
Sinop	11%	10%	37%	7%	-	-	-	-	23%	12%
Terra Nova	26%	9%	26%	5%	-	-	-	-	25%	13%
União Do Sul	8%	12%	37%	8%	-	-	5%	-	20%	10%
Vera	11%	17%	32%	6%	-	-	5%	-	23%	5%

ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT - SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINÂMICAS

CI 005 - Migração por local de nascimento

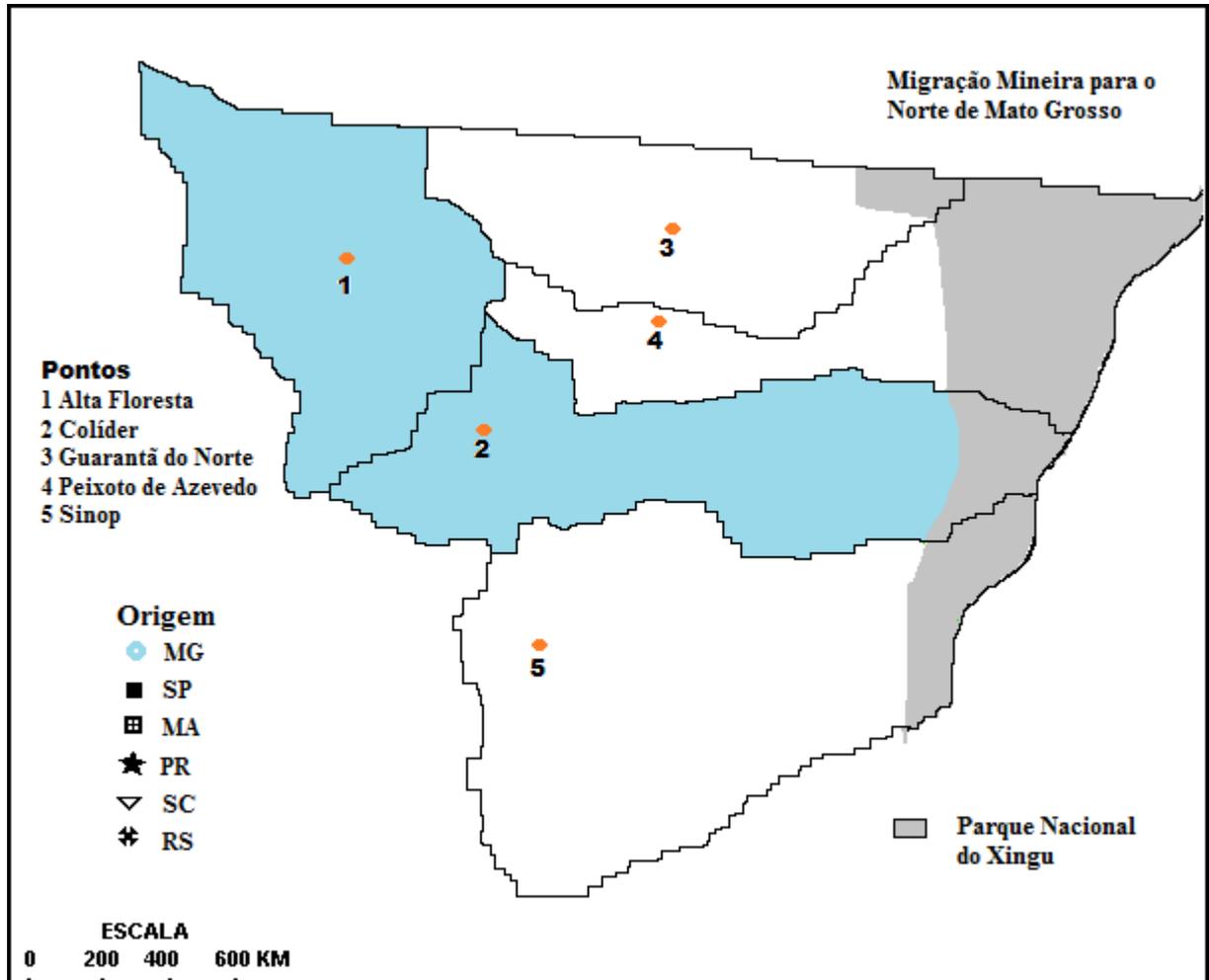


Com base nos dados da migração para o Norte do estado de Mato Grosso, conforme local de nascimento da população que passou a formar esta região, optamos por estudar seis grupos distintos: os mineiros, os paulistas, os maranhenses, os paranaenses, os catarinenses e os gaúchos.

A região “Norte do Estado de Mato Grosso” está organizada em cinco pontos de inquéritos: ponto 01 - Alta Floresta, ponto 02 – Colíder, ponto 03 - Guarantã do Norte, ponto 04 - Peixoto de Azevedo e ponto 05 – Sinop. Estes pontos abrangem 20 municípios: Paranaíta, Alta Floresta, Carlinda, Nova Canaã do Norte, Colíder, Nova Santa Helena, Itaúba, Marcelândia, Matupá, Guarantã do Norte, Novo Mundo, Terra Nova do Norte, Nova Guarita, Peixoto de Azevedo, Cláudia, Vera, Santa Carmem, Sinop, União do Sul e Feliz Natal.

ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT - SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINÂMICAS

CI 006 - Migrantes mineiros no Norte de Mato Grosso



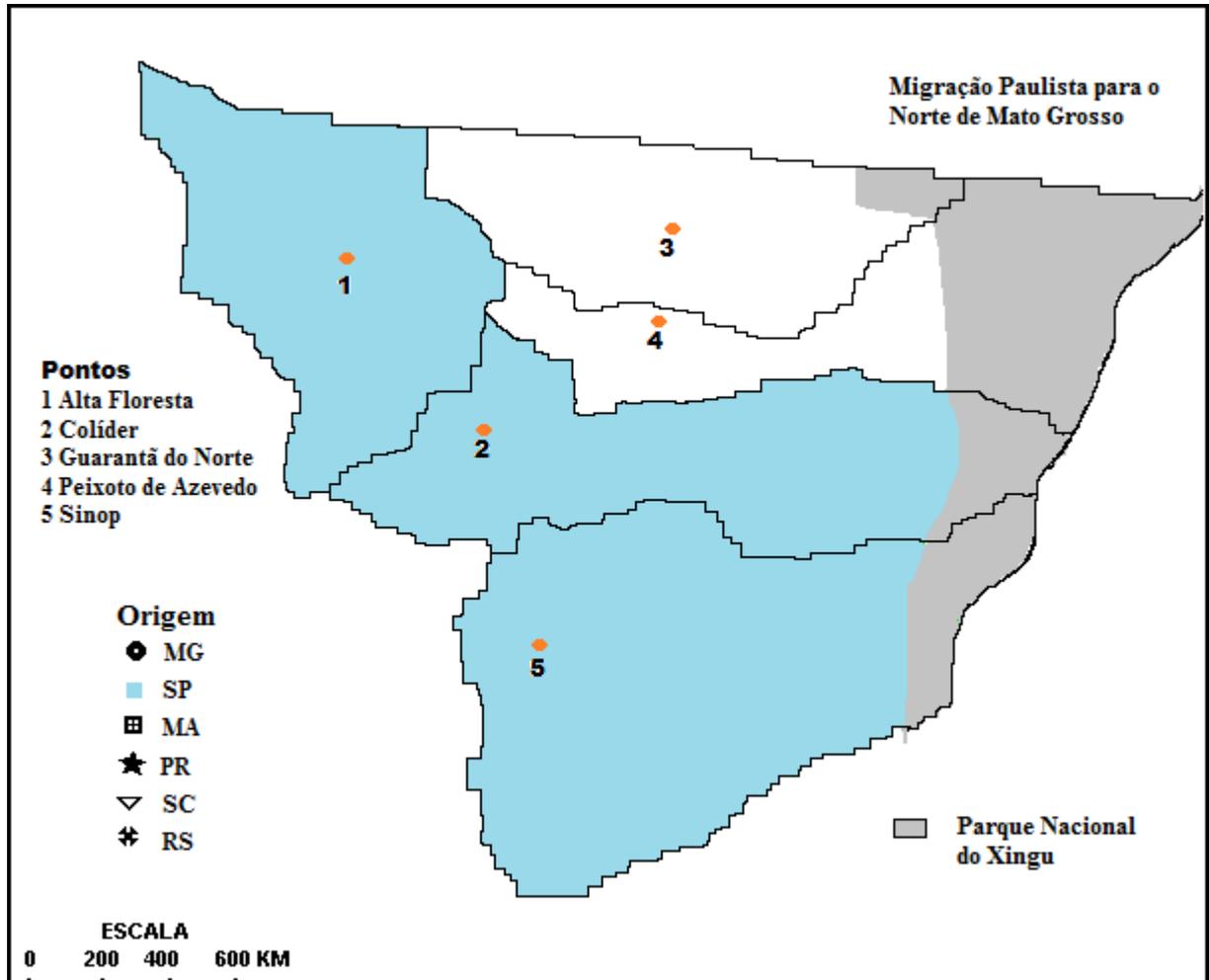
Os migrantes mineiros colaboraram na pesquisa em dois pontos de inquérito: Alta Floresta e 02 – Colíder. Esse ponto representa uma micro-região formada por 08 municípios: Paranaíta, Alta Floresta, Carlinda, Nova Canaã do Norte, Colíder, Nova Santa Helena, Itaúba e Marcelândia.

O ponto 01 - Alta Floresta engloba os municípios de Paranaíta, Alta Floresta, Carlinda e Nova Canaã do Norte. Os grupos pesquisados quanto ao local de nascimento (origem) são os mineiros, os paranaenses e os paulistas.

O ponto 02 - Colíder engloba os municípios de Colíder, Nova Santa Helena, Itaúba e Marcelândia. Os grupos pesquisados quanto ao local de nascimento (origem) são os mineiros, os paranaenses, os paulistas e os catarinenses.

ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT - SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINÂMICAS

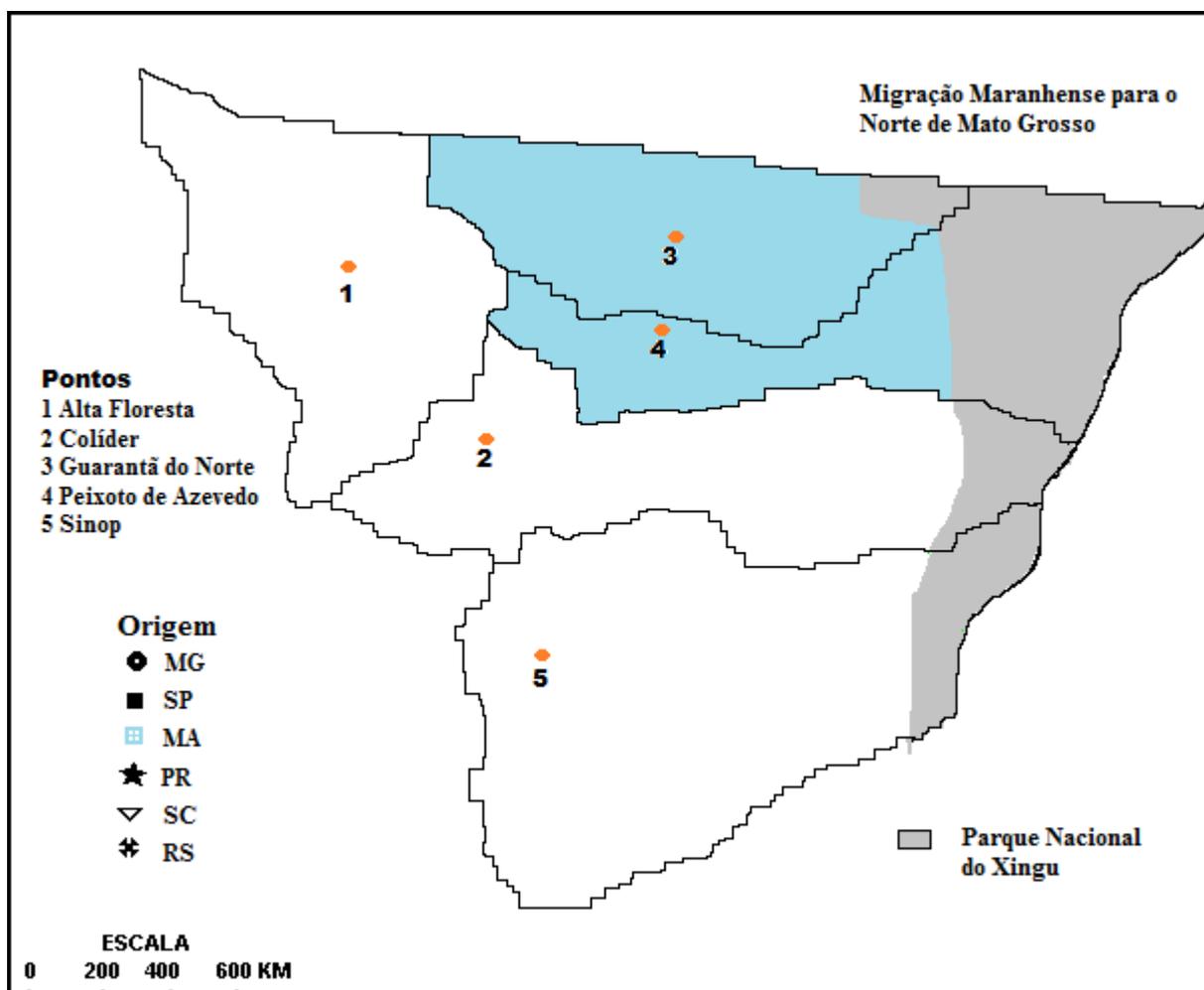
CI 007 - Migrantes paulistas no Norte de Mato Grosso



Os migrantes paulistas foram pesquisados em três pontos: 01- Alta Floresta, 02 - Colíder e 05 – Sinop. Esse ponto representa uma micro-região formada por 14 municípios: Paranaíta, Alta Floresta, Carlinda, Nova Canaã do Norte, Colíder, Nova Santa Helena, Itaúba, Marcelândia, Cláudia, Vera, Santa Carmem, Sinop, União do Sul e Feliz Natal. (FRASE INCOMPLETA.) O ponto 01 - Alta Floresta engloba os municípios de Paranaíta, Alta Floresta, Carlinda e Nova Canaã do Norte. Os grupos pesquisados quanto ao local de nascimento (origem) são os mineiros, os paranaenses e os paulistas. O ponto 02 - Colíder engloba os municípios de Colíder, Nova Santa Helena, Itaúba e Marcelândia. Os grupos pesquisados quanto ao local de nascimento (origem) são os mineiros, os paranaenses, os paulistas e os catarinenses. O ponto 05 - Sinop engloba os municípios de Cláudia, Vera, Santa Carmem, Sinop, União do Sul e Feliz Natal. Os grupos pesquisados quanto ao local de nascimento (origem) são os paulistas, os paranaenses, os gaúchos e os catarinenses.

ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT - SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINÂMICAS

CI 008 - Migrantes maranhenses no Norte de Mato Grosso



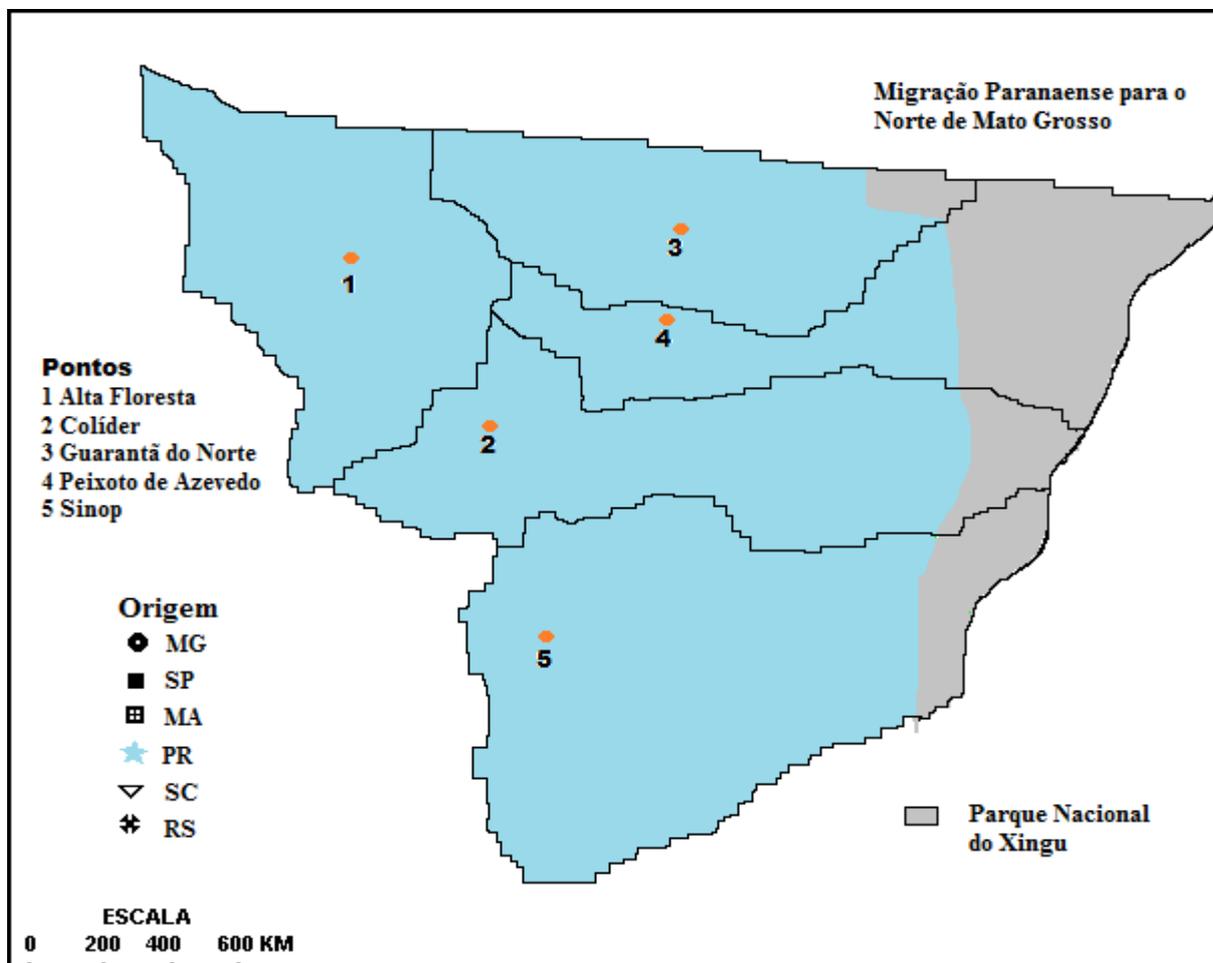
Os migrantes maranhenses compõem significativamente a população nos pontos: 03 - Guarantã do Norte e 04 - Peixoto de Azevedo. Esse ponto representa uma micro-região formada pelos municípios de Matupá, Guarantã do Norte, Novo Mundo, Terra Nova do Norte, Nova Guarita e Peixoto de Azevedo.

O ponto 03 - Guarantã do Norte engloba os municípios de Matupá, Guarantã do Norte e Novo Mundo. Os grupos pesquisados quanto ao local de nascimento (origem) são os maranhenses, os paranaenses, os gaúchos e os catarinenses.

O ponto 04 - Peixoto de Azevedo engloba os municípios de Terra Nova do Norte, Nova Guarita e Peixoto de Azevedo. Os grupos pesquisados quanto ao local de nascimento (origem) são os maranhenses, os paranaenses e os gaúchos.

ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT - SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINÂMICAS

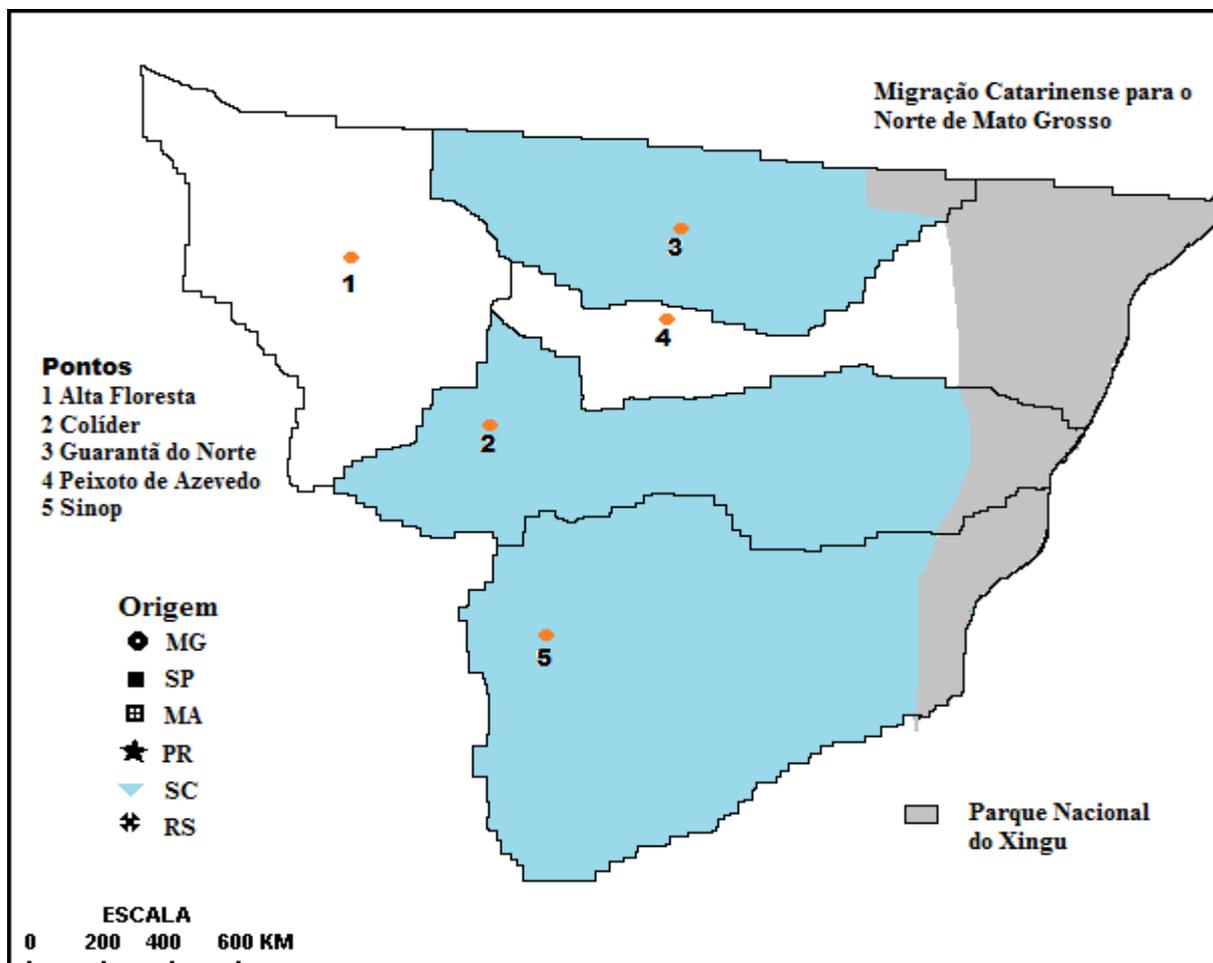
CI 009 - Migrantes paranaenses no Norte de Mato Grosso



Os migrantes paranaenses estão presentes nos cinco pontos de inquérito: 01- Alta Floresta, 02- Colíder, 03- Guarantã do Norte, 04- Peixoto de Azevedo e 05- Sinop, englobando os 20 municípios da região: Paranaíta, Alta Floresta, Carlinda, Nova Canaã do Norte, Colíder, Nova Santa Helena, Itaúba, Marcelândia, Matupá, Guarantã do Norte, Novo Mundo, Terra Nova do Norte, Nova Guarita, Peixoto de Azevedo, Cláudia, Vera, Santa Carmem, Sinop, União do Sul e Feliz Natal. O ponto 01 - Alta Floresta engloba os municípios de Paranaíta, Alta Floresta, Carlinda e Nova Canaã do Norte. O ponto 02 - Colíder engloba os municípios de Colíder, Nova Santa Helena, Itaúba e Marcelândia. O ponto 03 - Guarantã do Norte engloba os municípios de Matupá, Guarantã do Norte e Novo Mundo. O ponto 04 - Peixoto de Azevedo engloba os municípios de Terra Nova do Norte, Nova Guarita e Peixoto de Azevedo. O ponto 05 - Sinop engloba os municípios de Cláudia, Vera, Santa Carmem, Sinop, União do Sul e Feliz Natal.

ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT - SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINÂMICAS

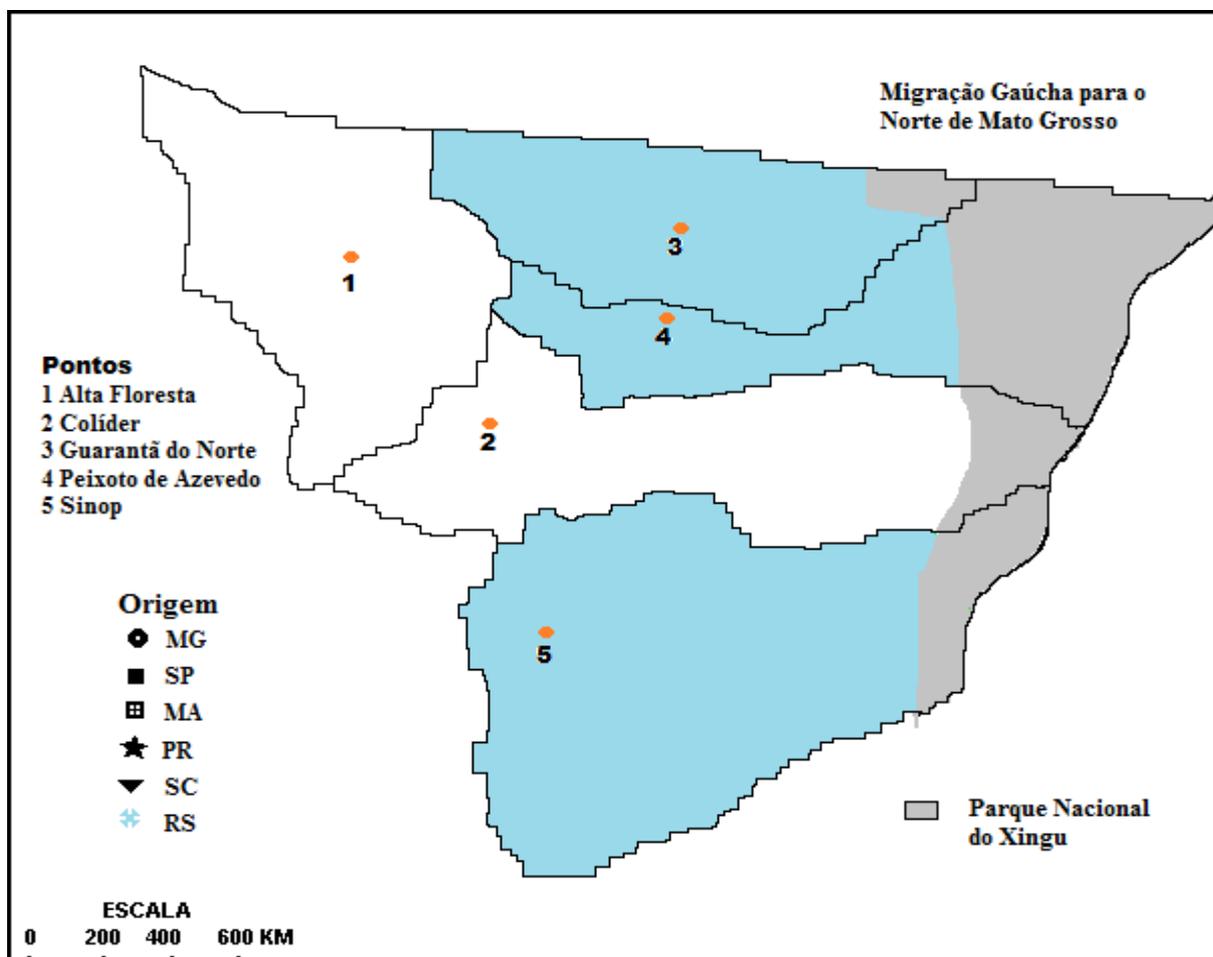
CI 010 - Migrantes catarinenses no Norte de Mato Grosso



Os migrantes catarinenses estão presentes em três pontos de investigação: 02- Colíder, 03- Guarantã do Norte e 05- Sinop, englobando os 13 municípios da região: Colíder, Nova Santa Helena, Itaúba, Marcelândia, Matupá, Guarantã do Norte, Novo Mundo, Cláudia, Vera, Santa Carmem, Sinop, União do Sul e Feliz Natal. O ponto 02 - Colíder engloba os municípios de Colíder, Nova Santa Helena, Itaúba e Marcelândia. Os grupos pesquisados quanto ao local de nascimento (origem) são os mineiros, os paranaenses, os paulistas e os catarinenses. O ponto 03 - Guarantã do Norte engloba os municípios de Matupá, Guarantã do Norte e Novo Mundo. Os grupos pesquisados quanto ao local de nascimento (origem) são os maranhenses, os paranaenses, os gaúchos e os catarinenses. O ponto 05 - Sinop engloba os municípios de Cláudia, Vera, Santa Carmem, Sinop, União do Sul e Feliz Natal. Os grupos pesquisados quanto ao local de nascimento (origem) são os paulistas, os paranaenses, os gaúchos e os catarinenses.

ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT - SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINÂMICAS

CI 011- Migrantes gaúchos no Norte de Mato Grosso



Os migrantes gaúchos estão presentes em três pontos de pesquisa: 03- Guarantã do Norte, 04- Peixoto de Azevedo e 05- Sinop, englobando os 12 municípios da região: Matupá, Guarantã do Norte, Novo Mundo, Terra Nova do Norte, Nova Guarita, Peixoto de Azevedo, Cláudia, Vera, Santa Carmem, Sinop, União do Sul e Feliz Natal. O ponto 03 - Guarantã do Norte engloba os municípios de Matupá, Guarantã do Norte e Novo Mundo. Os grupos pesquisados quanto ao local de nascimento (origem) são os maranhenses, os paranaenses, os gaúchos e os catarinenses. O ponto 04 - Peixoto de Azevedo engloba os municípios de Terra Nova do Norte, Nova Guarita e Peixoto de Azevedo. Os grupos pesquisados quanto ao local de nascimento (origem) são os maranhenses, os paranaenses e os gaúchos. O ponto 05 - Sinop engloba os municípios de Cláudia, Vera, Santa Carmem, Sinop, União do Sul e Feliz Natal. Os grupos pesquisados quanto ao local de nascimento (origem) são os paulistas, os paranaenses, os gaúchos e os catarinenses.

**ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO – ASLNMAT:
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINÂMICAS**

5.2 CARTOGRAMAS LINGUÍSTICOS:

5.2.1 CAMPO SEMÂNTICO: *ACIDENTES GEOGRÁFICOS*

CL 001 – CÓRREGO

CL 002 – PINGUELA

CL 003 – FOZ

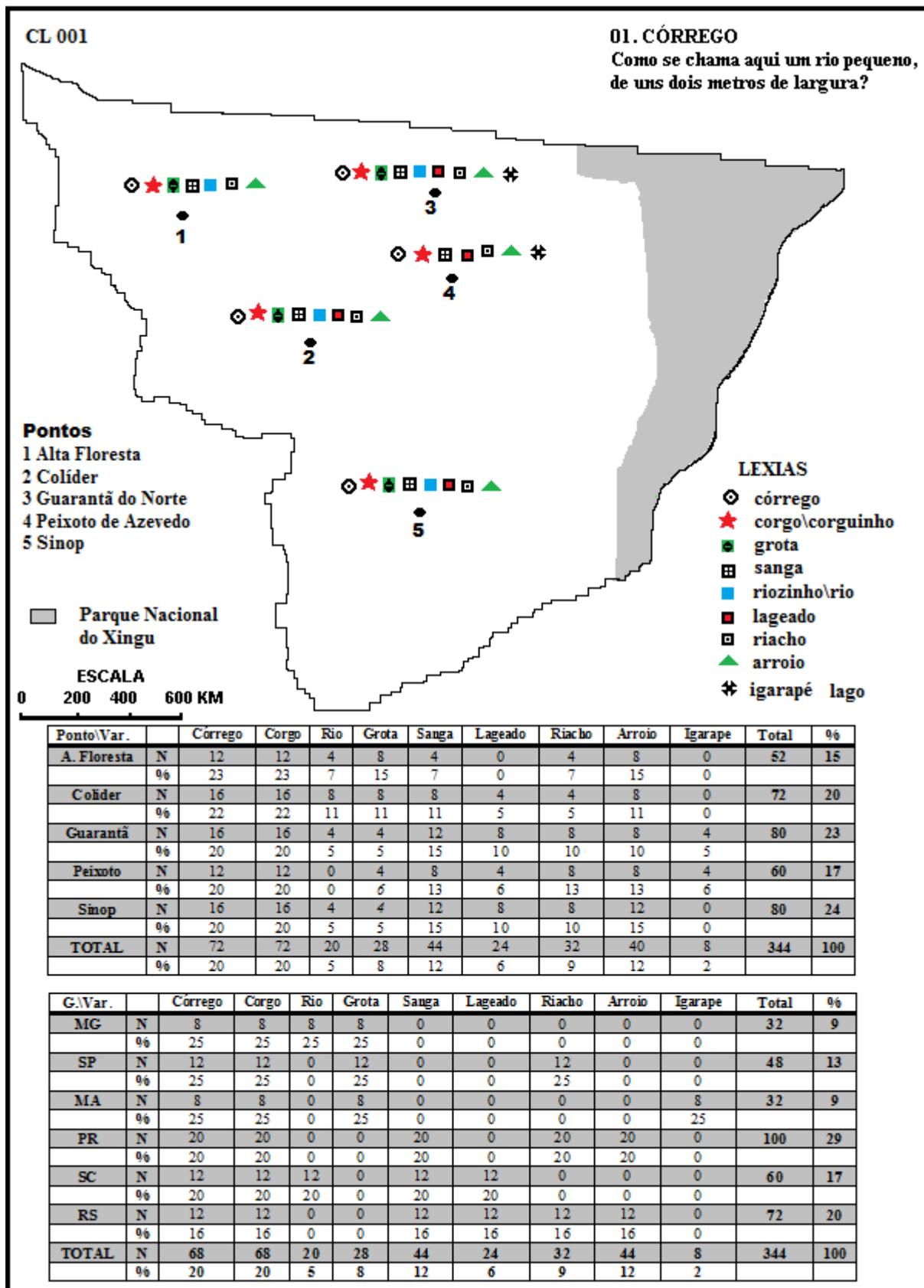
CL 004 – REDEMOINHO DE ÁGUA

CL 005 - ONDA DE RIO

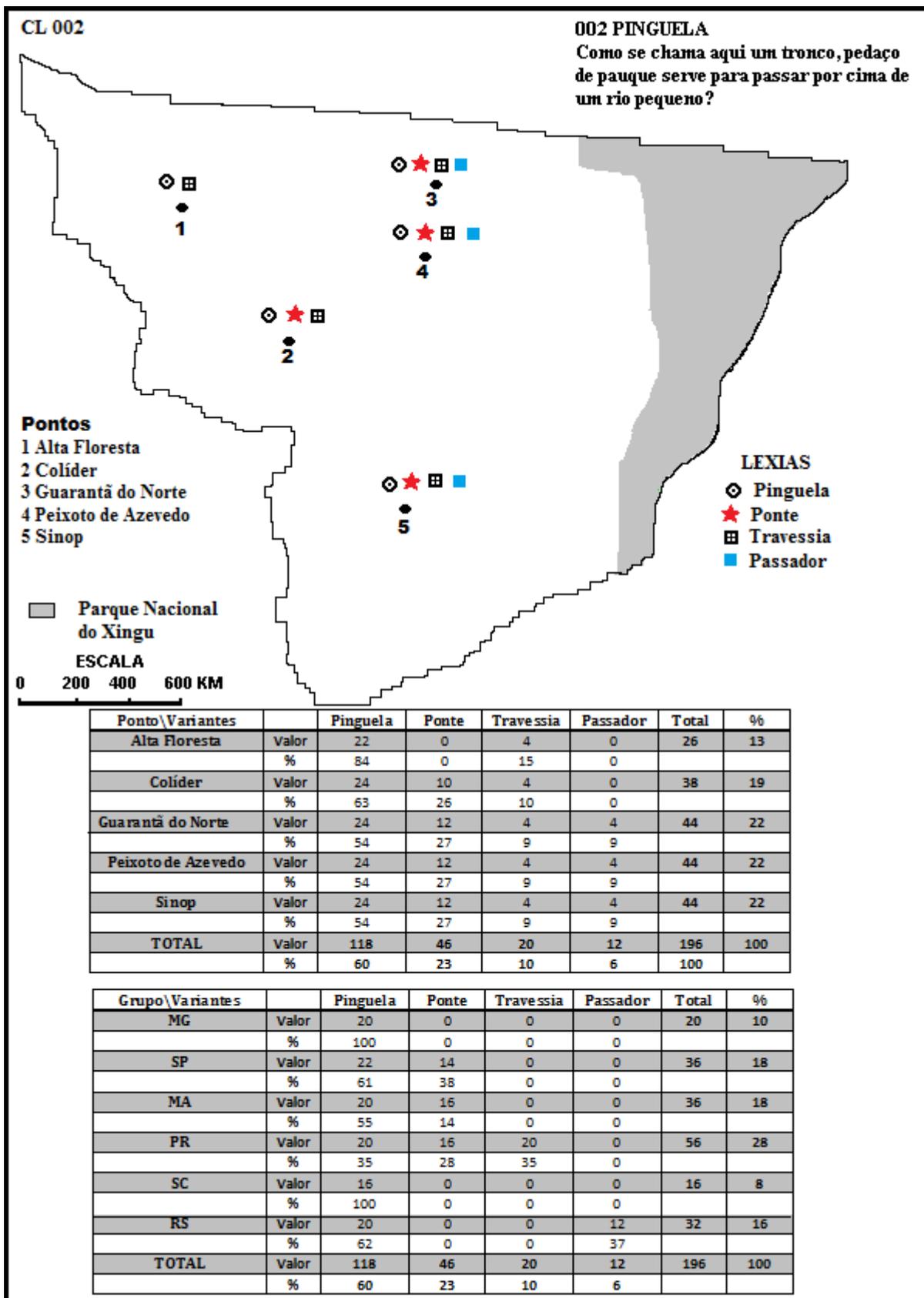
CL 006 – ONDA DE MAR

CL 007 – TERRA UMEDECIDA PELA CHUVA

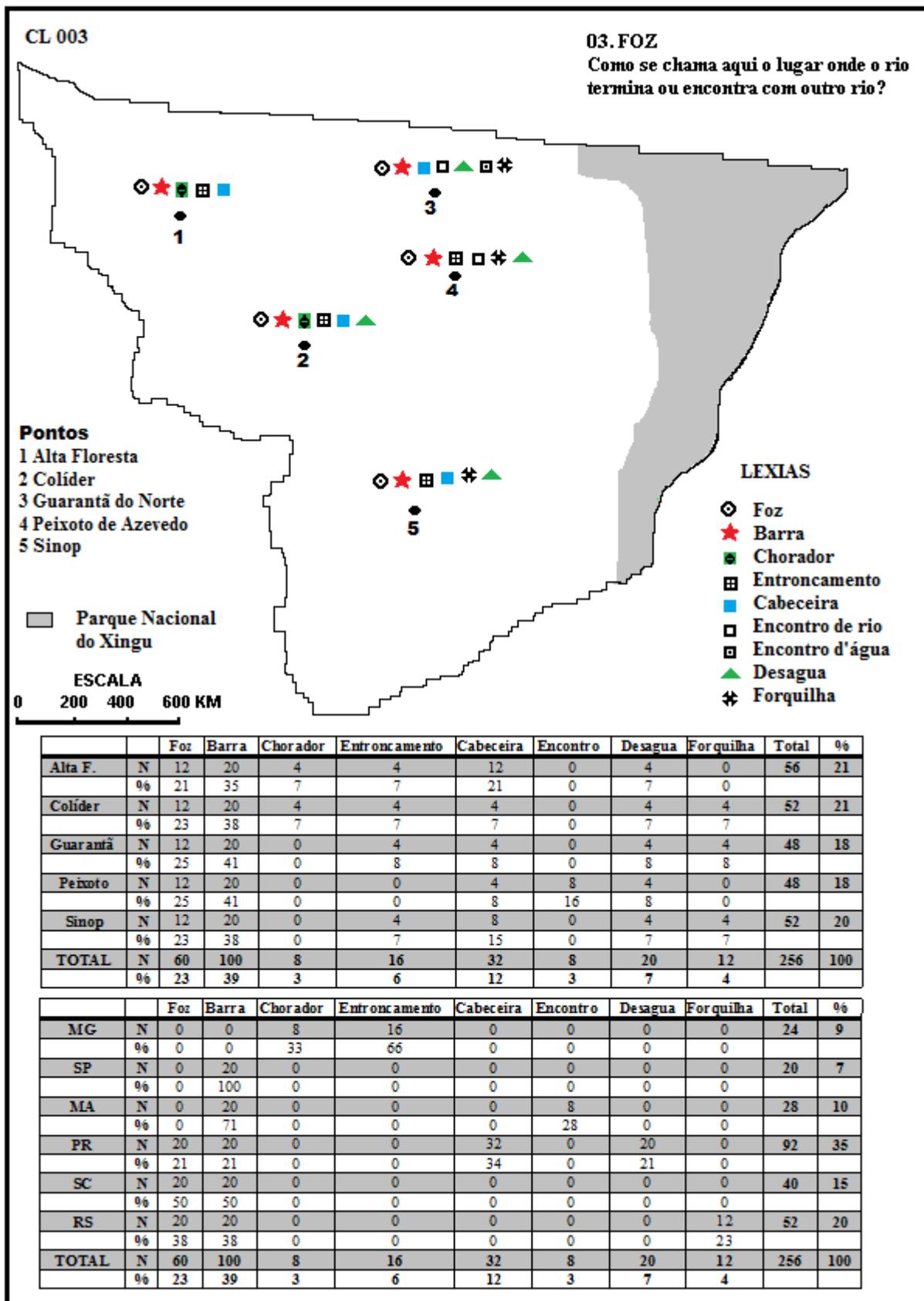
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT: SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINÂMICAS



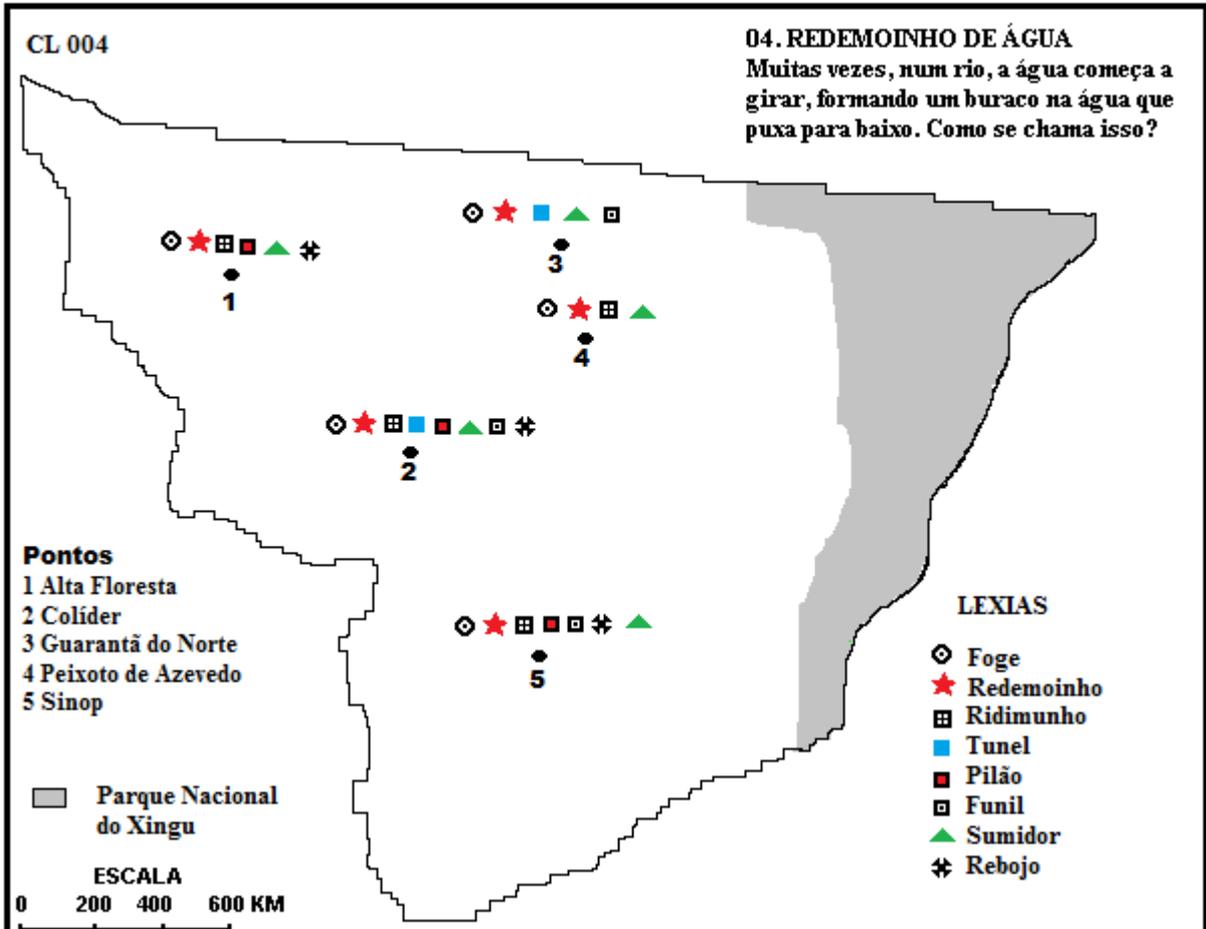
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT:
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINÂMICAS



ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT: SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINÂMICAS



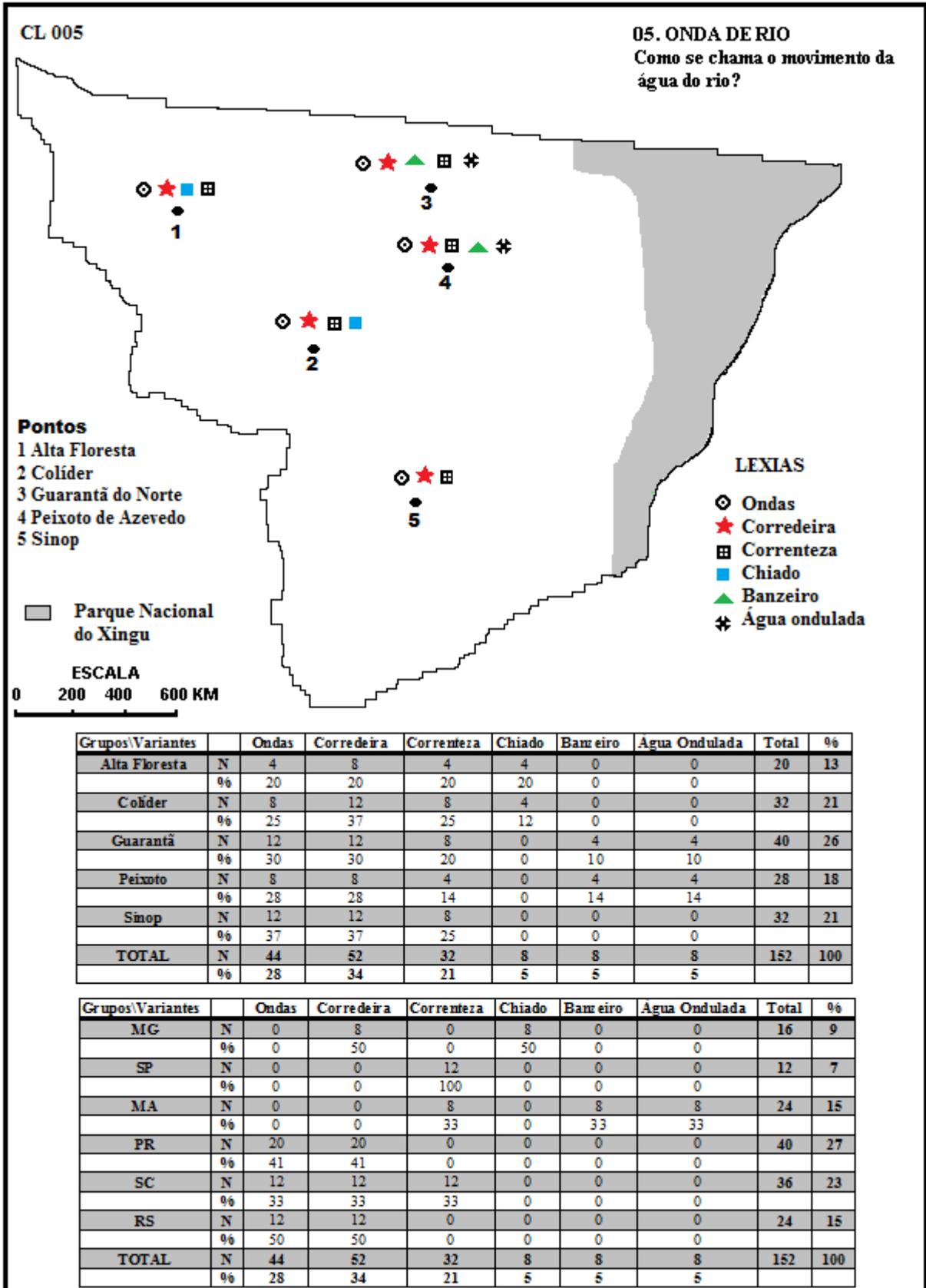
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT:
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINÂMICAS



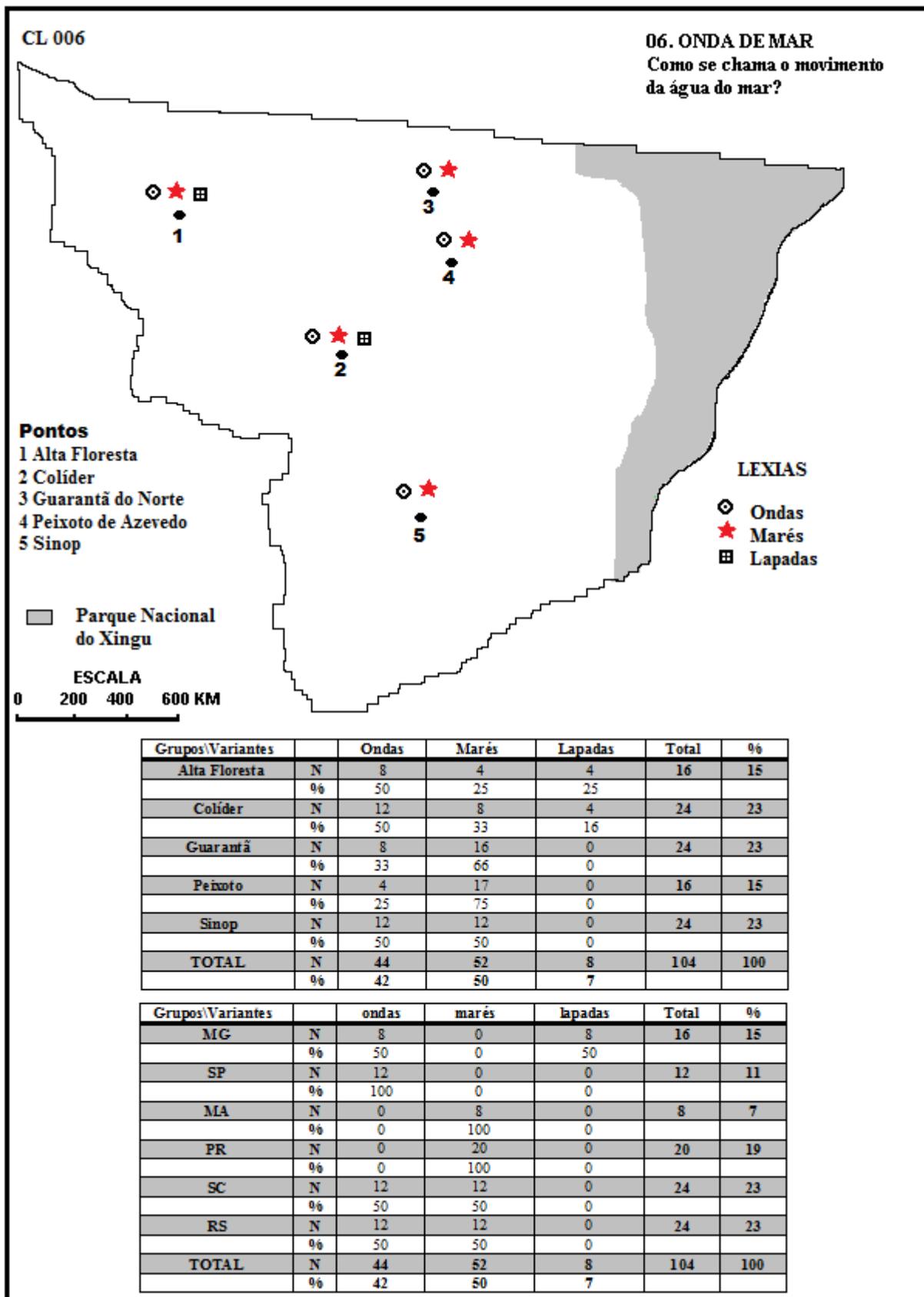
Pontos/Variantes		Foge	Redemoinho	Ridimunho	Tunel	Pilão	Funil	Sumidor	Rebojo	Total	%
A. Floresta	N	8	12	12	0	4	0	8	8	48	18
	%	16	25	25	0	8	0	16	16		
Colíder	N	8	16	16	4	4	4	8	4	64	24
	%	12	25	25	6	6	6	12	6		
Guarantã	N	12	16	16	4	0	4	4	0	56	21
	%	21	28	26	7	0	7	7	0		
Peixoto	N	8	12	12	0	0	0	4	0	36	13
	%	22	33	33	0	0	0	11	0		
Sinop	N	8	16	16	0	4	4	4	4	56	21
	%	14	28	28	0	7	7	7	7		
TOTAL	N	44	72	72	12	8	12	28	12	260	100
	%	16	27	27	4	3	4	10	4		

Grupos/Variantes		Foge	Redemoinho	Ridimunho	Tunel	Pilão	Funil	Sumidor	Rebojo	Total	%
MG	N	0	8	8	0	8	0	8	0	32	12
	%	0	25	25	0	25	0	25	0		
SP	N	0	12	12	0	0	0	0	12	36	13
	%	0	33	33	0	0	0	0	33		
MA	N	0	8	8	0	0	0	0	0	16	6
	%	0	50	50	0	0	0	0	0		
PR	N	20	20	20	0	0	0	20	0	80	30
	%	25	25	25	0	0	0	25	0		
SC	N	12	12	12	12	0	12	0	0	60	23
	%	20	20	20	20	0	20	0	0		
RS	N	12	12	12	0	0	0	0	0	36	13
	%	33	33	33	0	0	0	0	0		
TOTAL	N	44	72	72	12	8	12	28	12	260	100
	%	16	27	27	4	3	4	10	4		

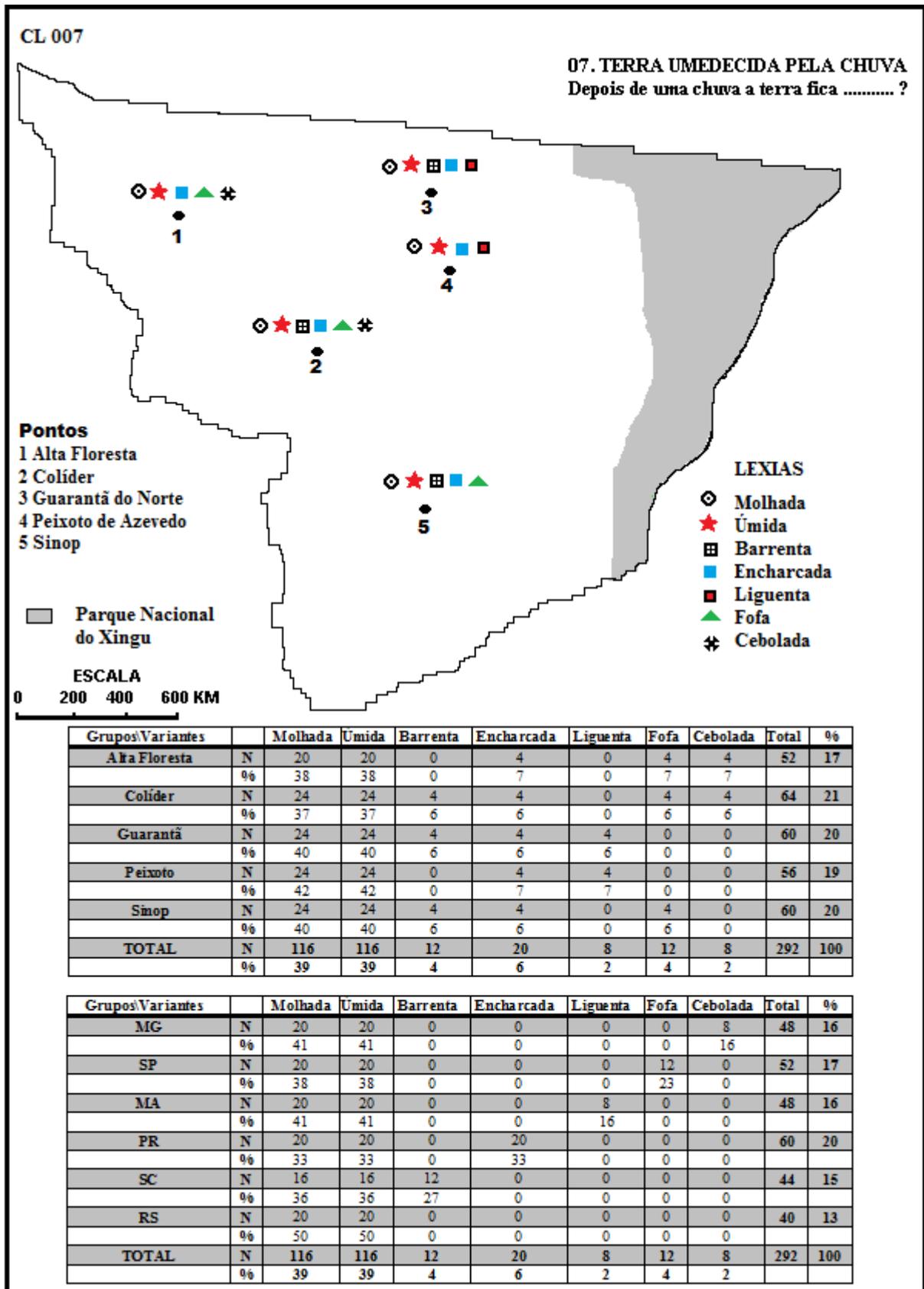
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT:
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINÂMICAS



ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT:
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINÂMICAS



ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT:
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINÂMICAS



**ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT:
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINÂMICAS**

5.2.2 CAMPO SEMÂNTICO: *FENÔMENOS ATMOSFÉRICOS*

CARTOGRAMAS LINGUÍSTICOS:

CL 008 – REDEMOINHO DE VENTO

CL 009 – RELÂMPAGO

CL 010 – RAIO

CL 011 – TROVÃO

CL 012 – TEMPORAL

CL 013 – NOMES PARA TEMPORAL

CL 014 – TROMBA D'ÁGUA

CL 015 – GAROA

CL 016 – CHUVA DE PEDRA

CL 017 – ARCO ÍRIS

CL 018 – ORVALHO

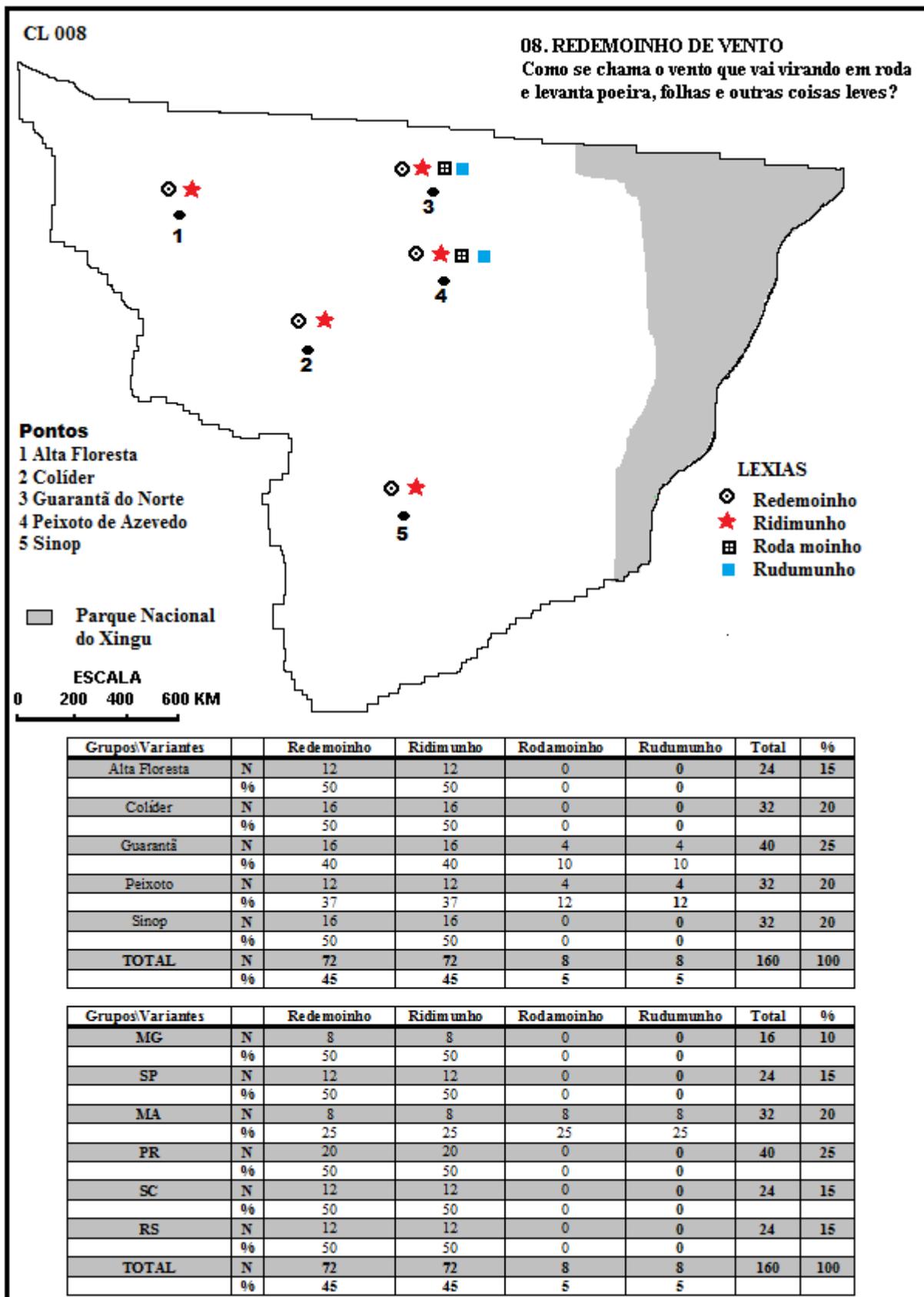
CL 019 - NEVOEIRO

CL 020 – ESTIAR/COMPOR O TEMPO

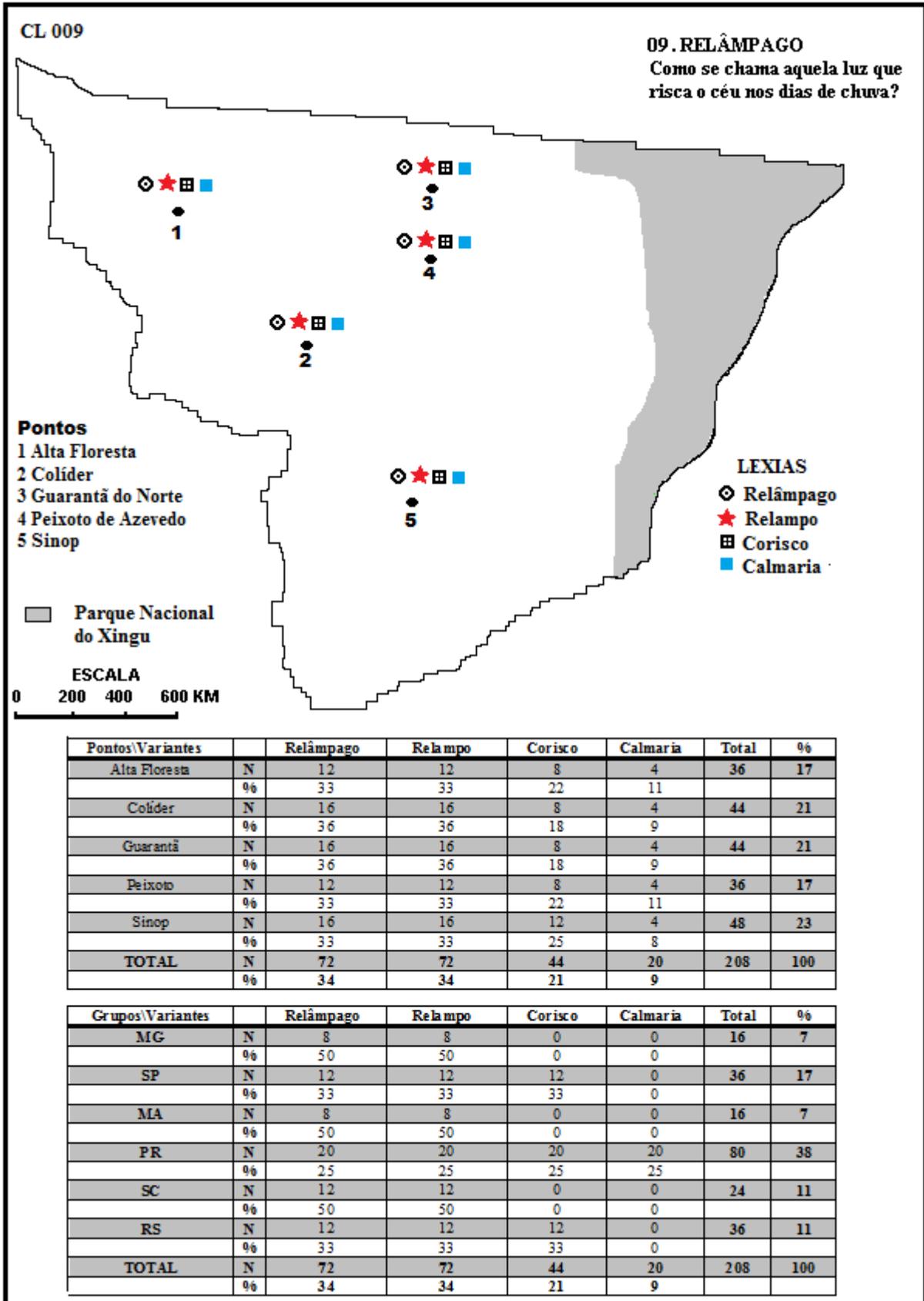
CL 021 – NASCER DO SOL

CL 022 – POR DO SOL

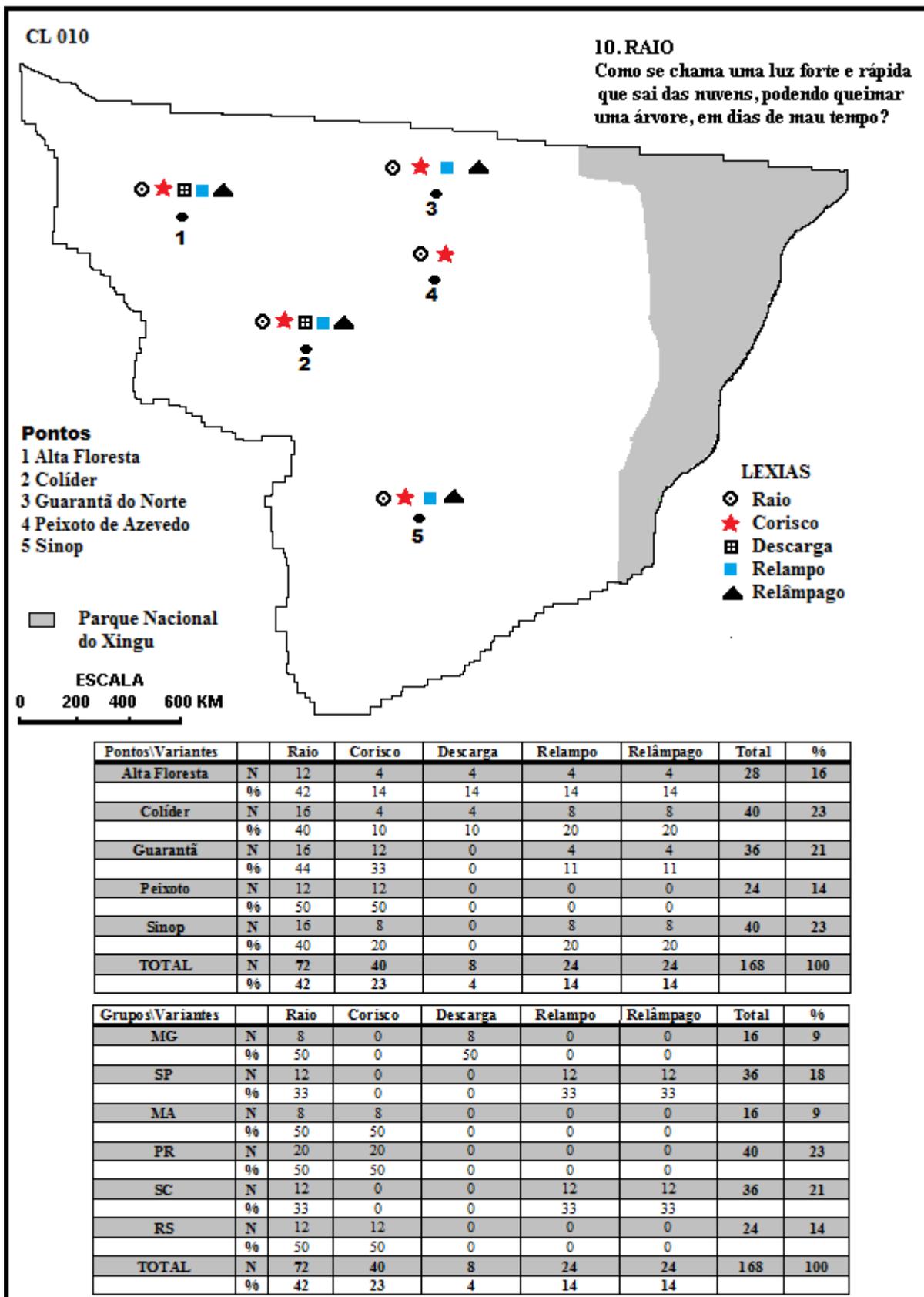
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT:
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINÂMICAS



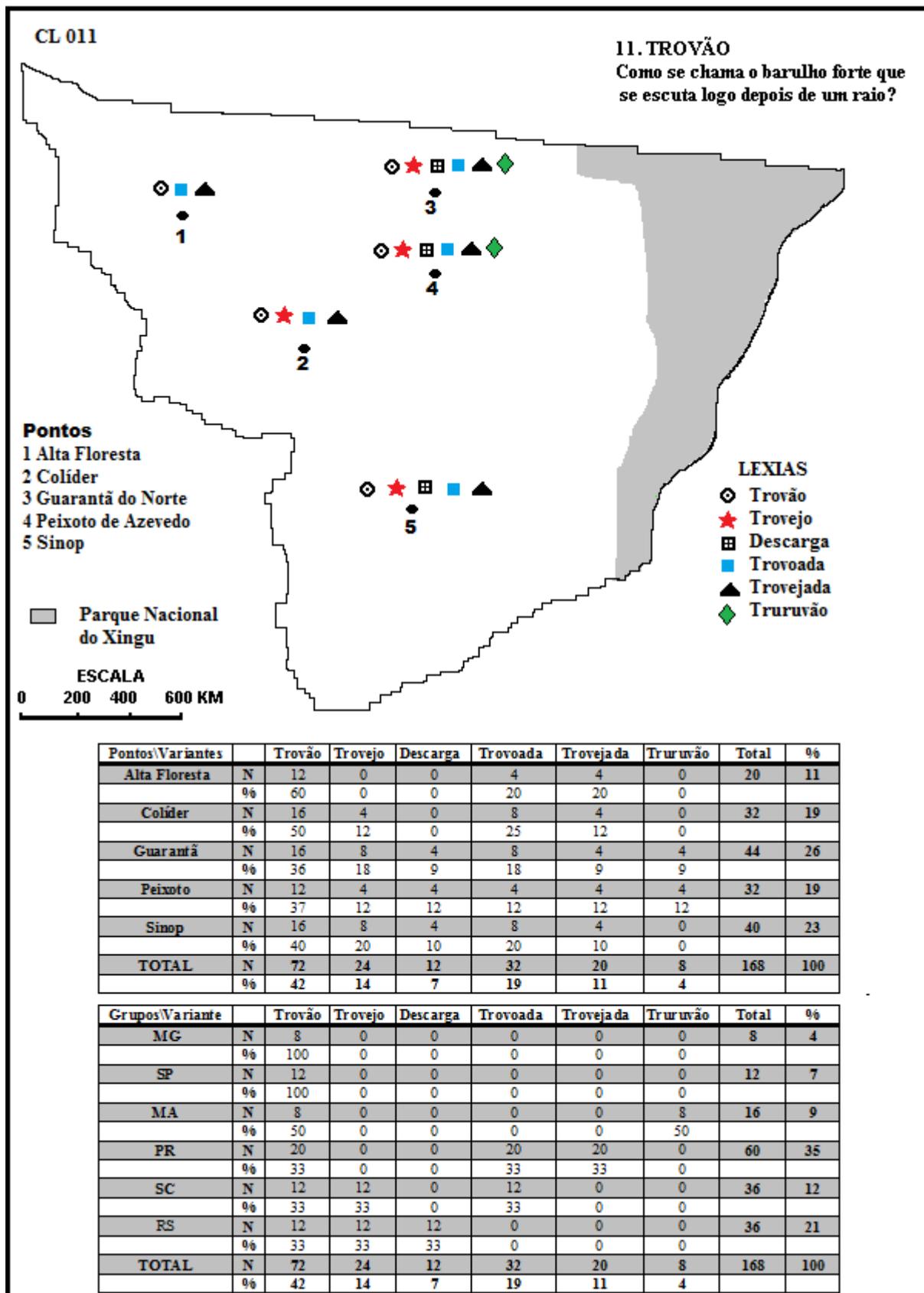
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT:
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINÂMICAS



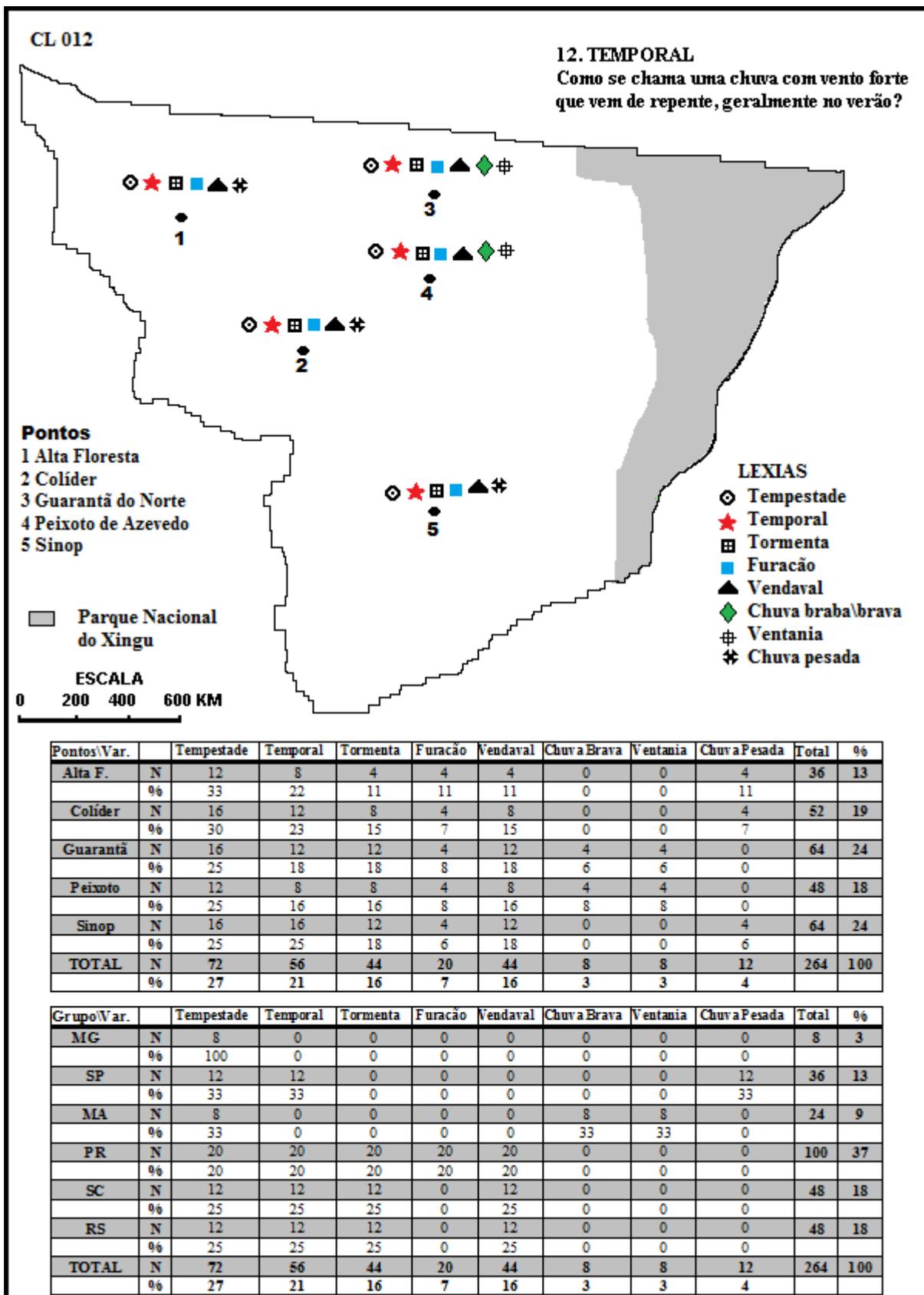
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT:
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINÂMICAS



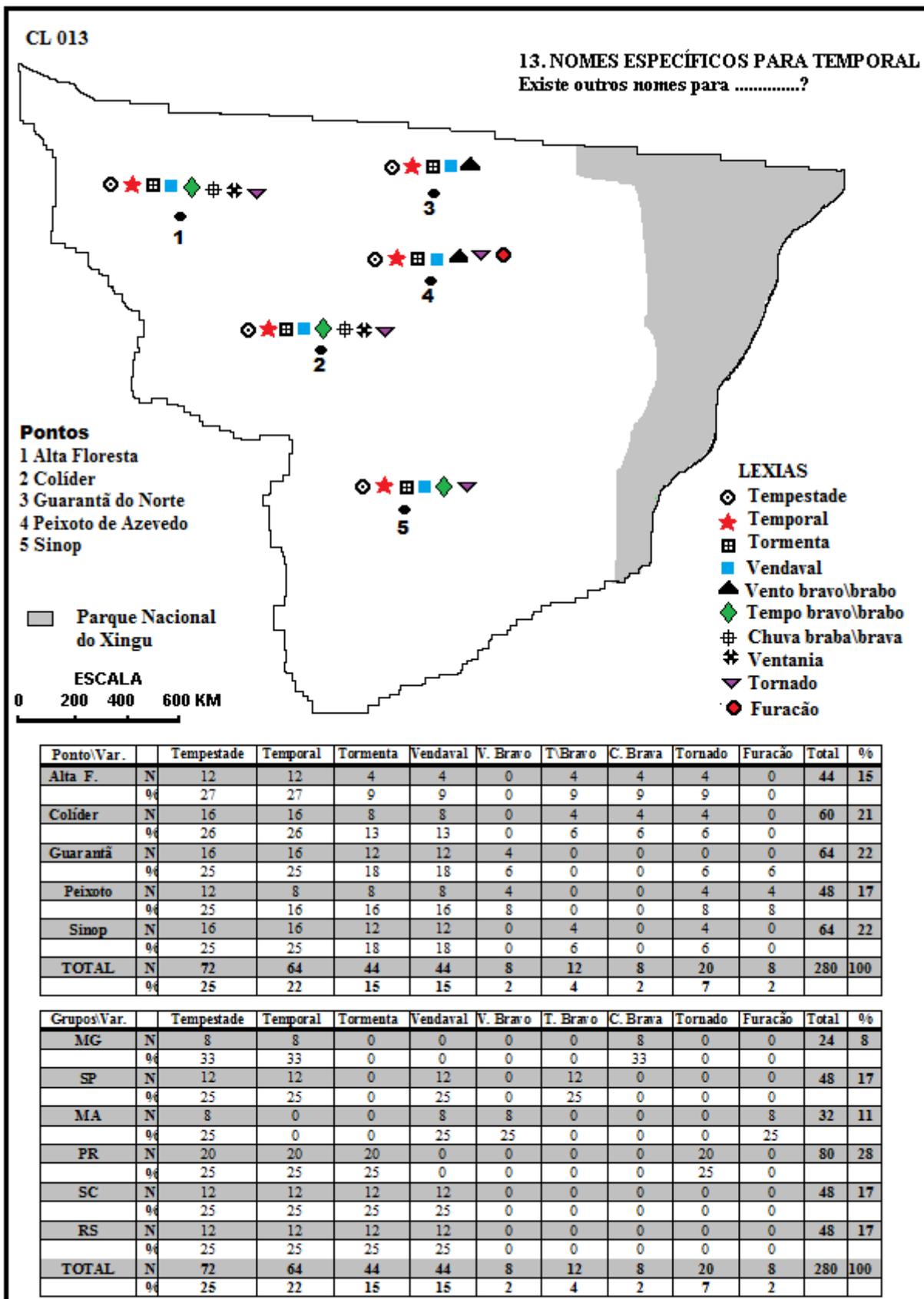
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT:
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINÂMICAS



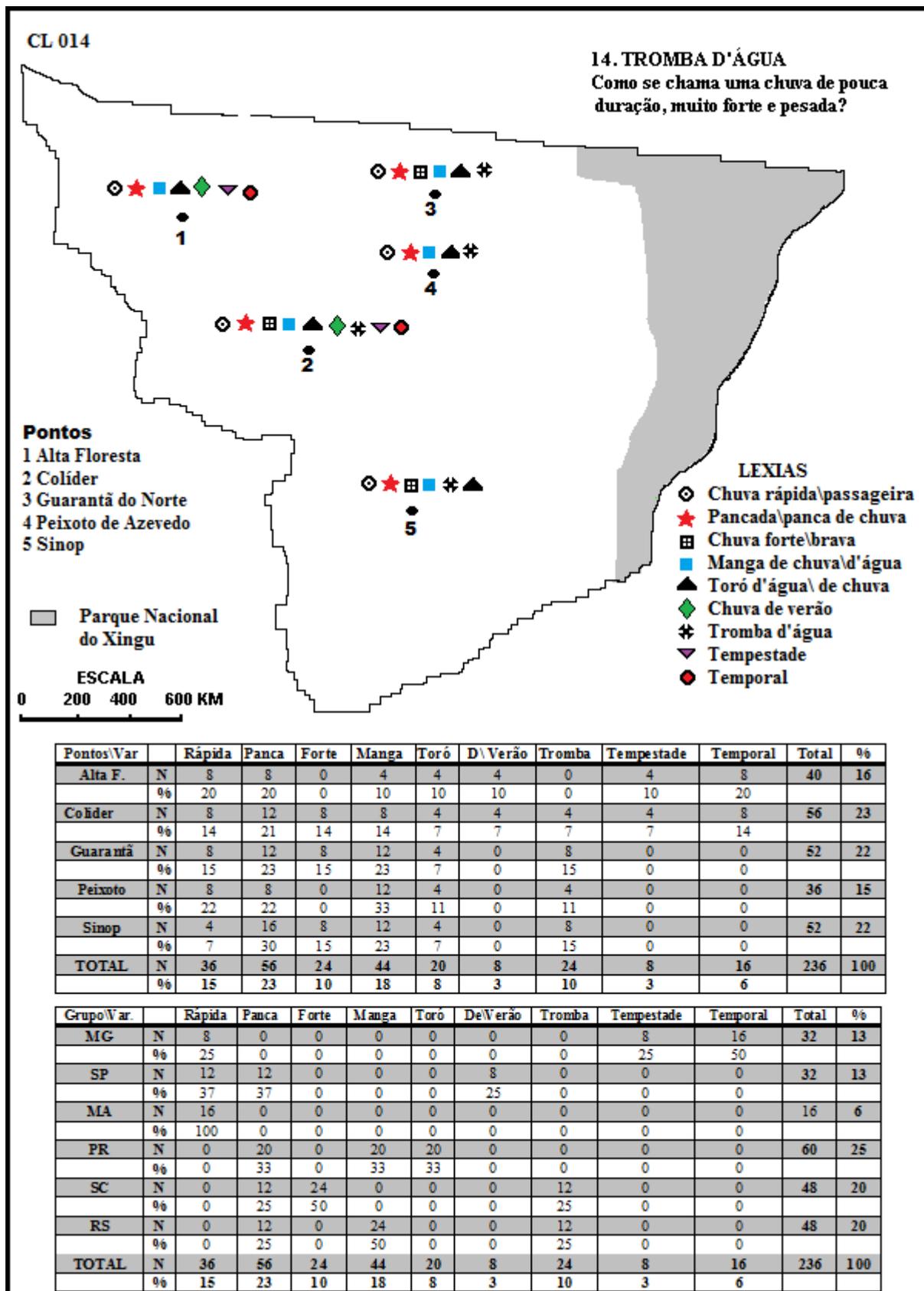
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT: SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINÂMICAS



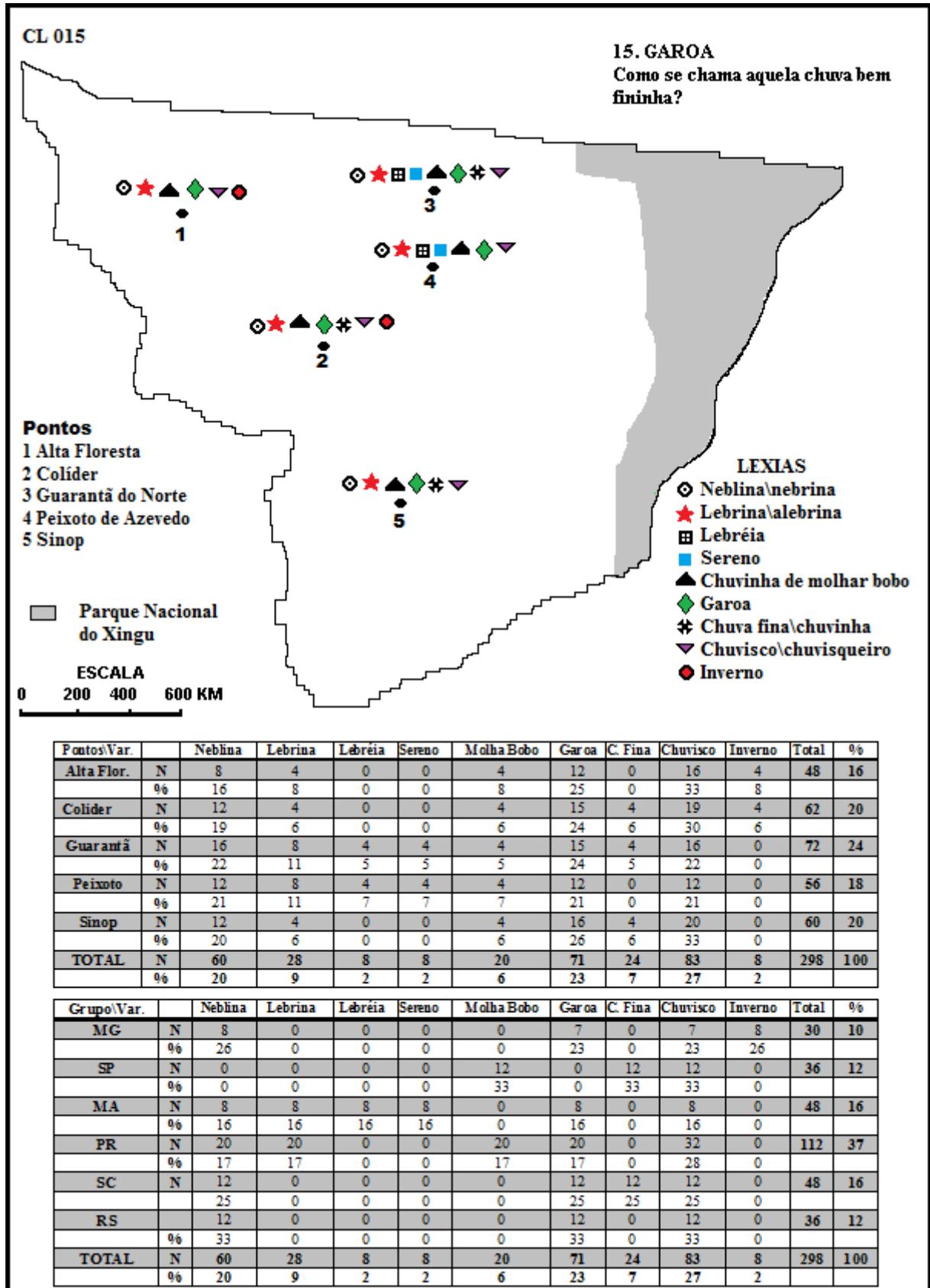
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT: SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINÂMICAS



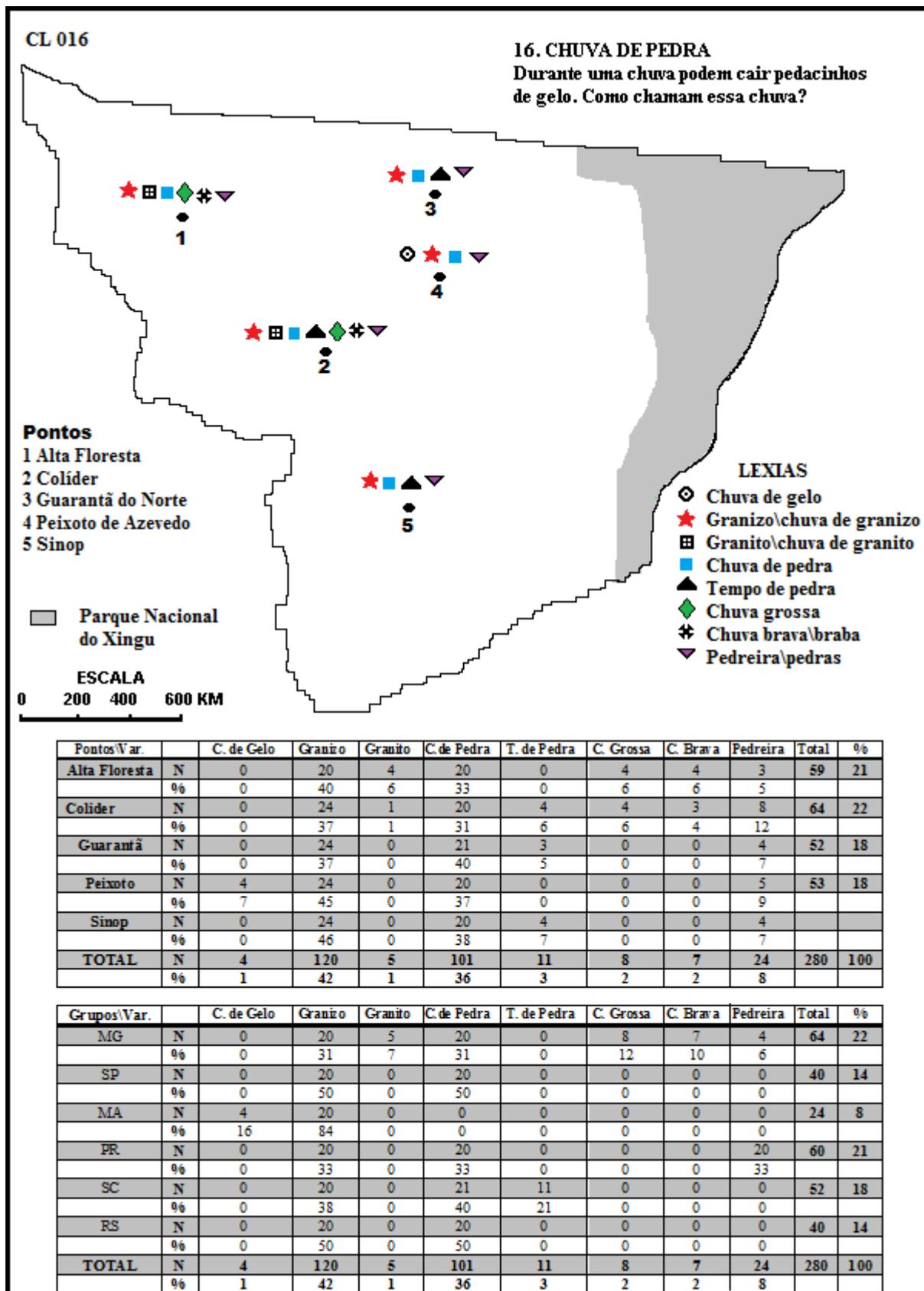
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT:
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINÂMICAS



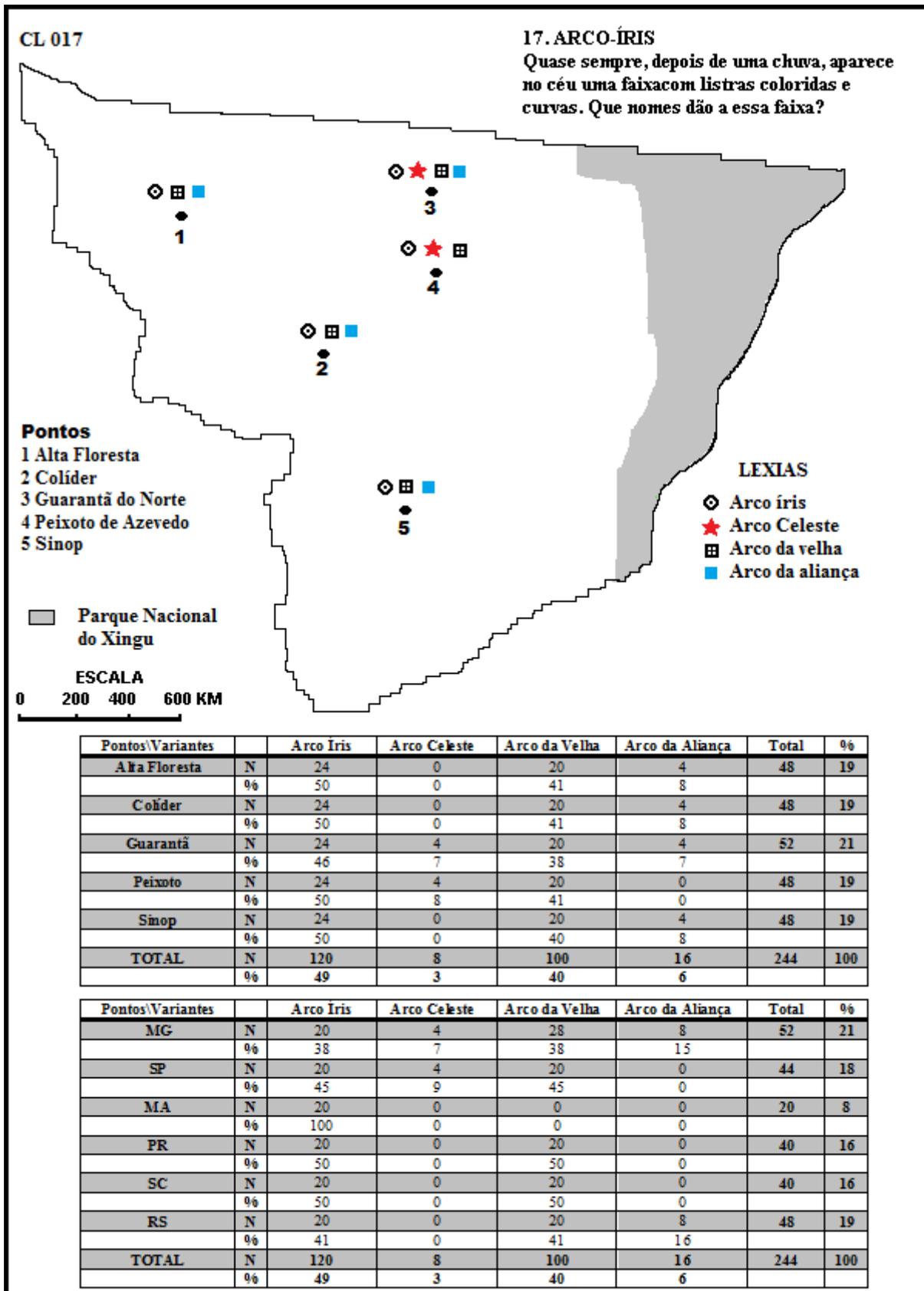
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT:
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINÂMICAS



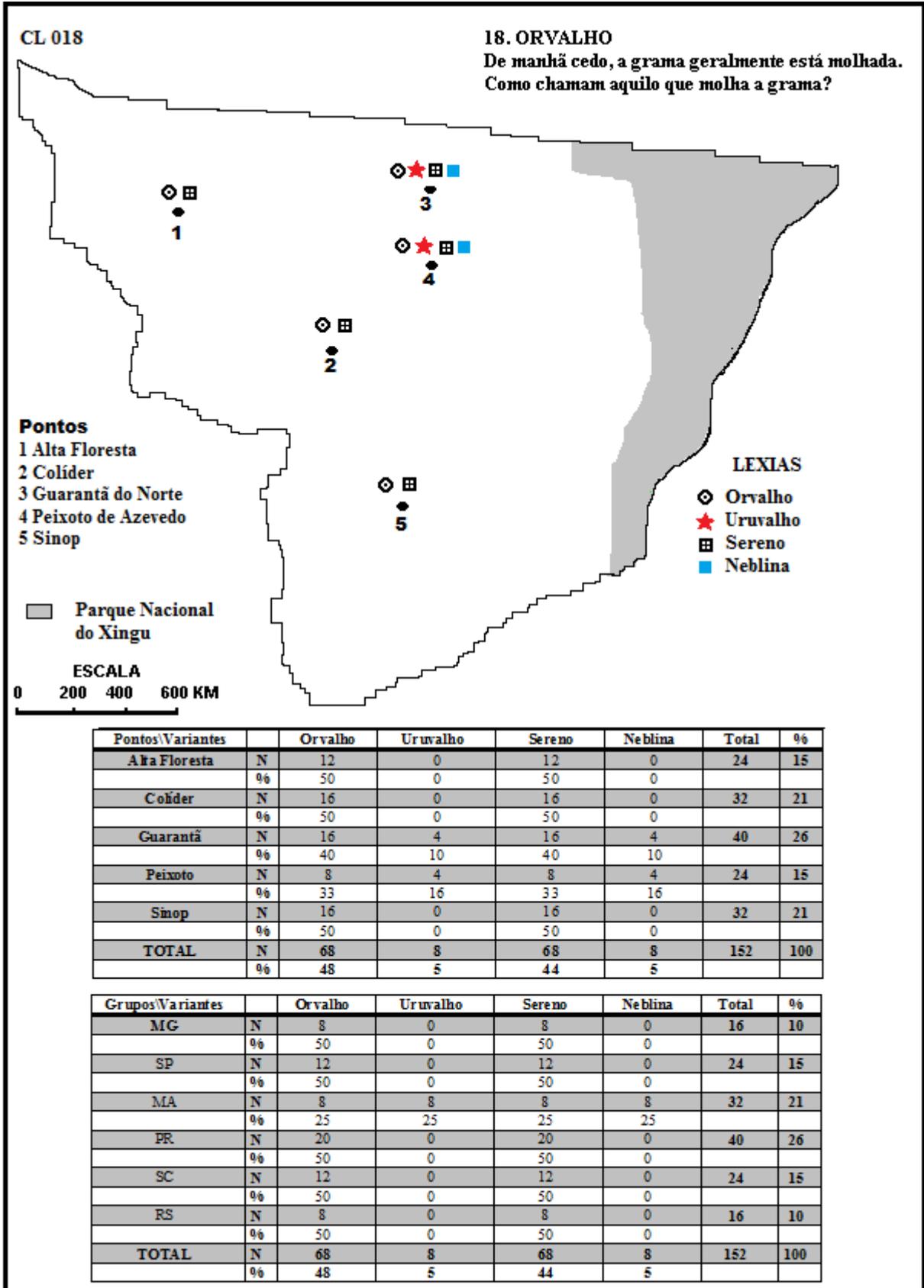
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT:
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINÂMICAS



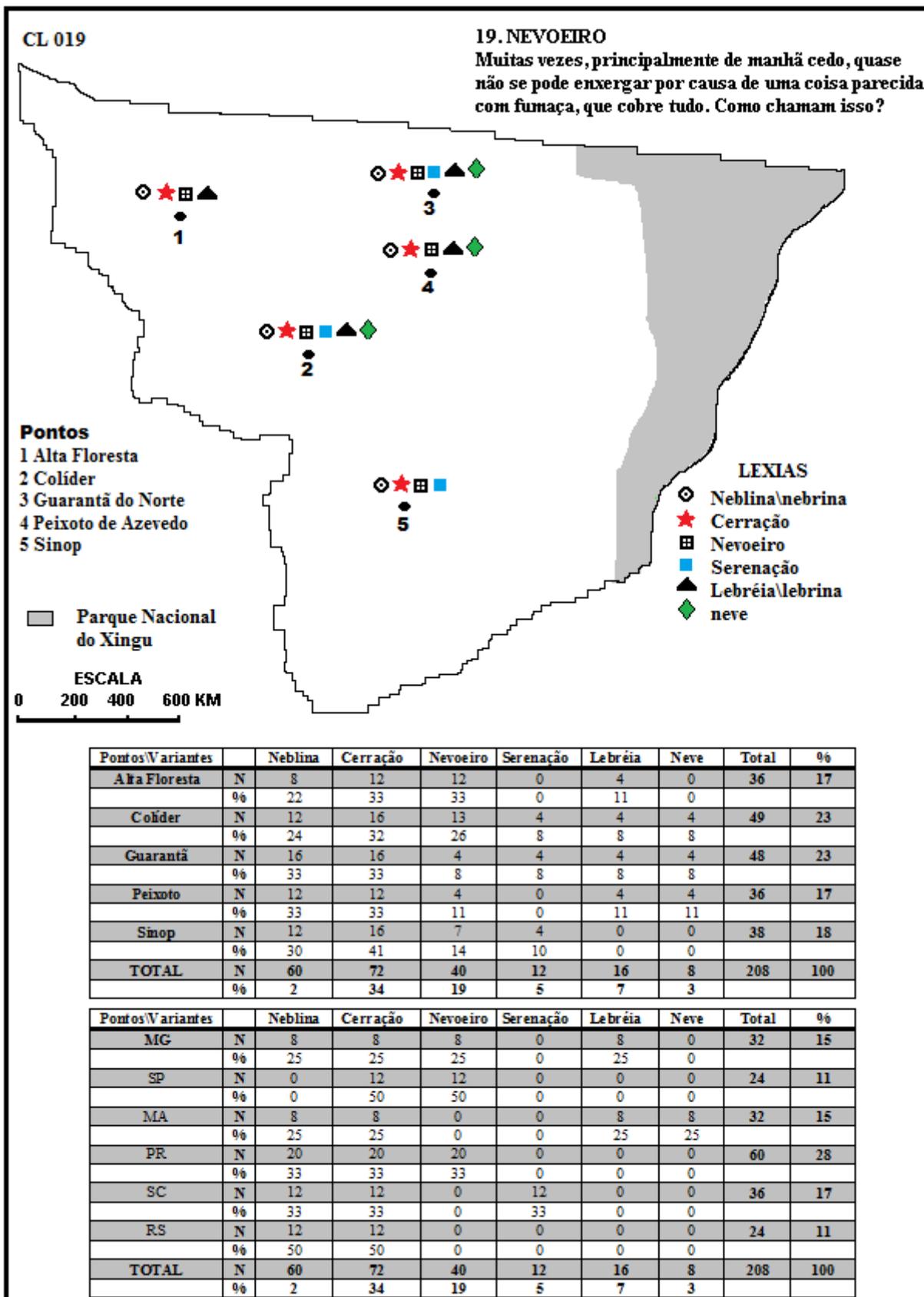
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT:
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINÂMICAS



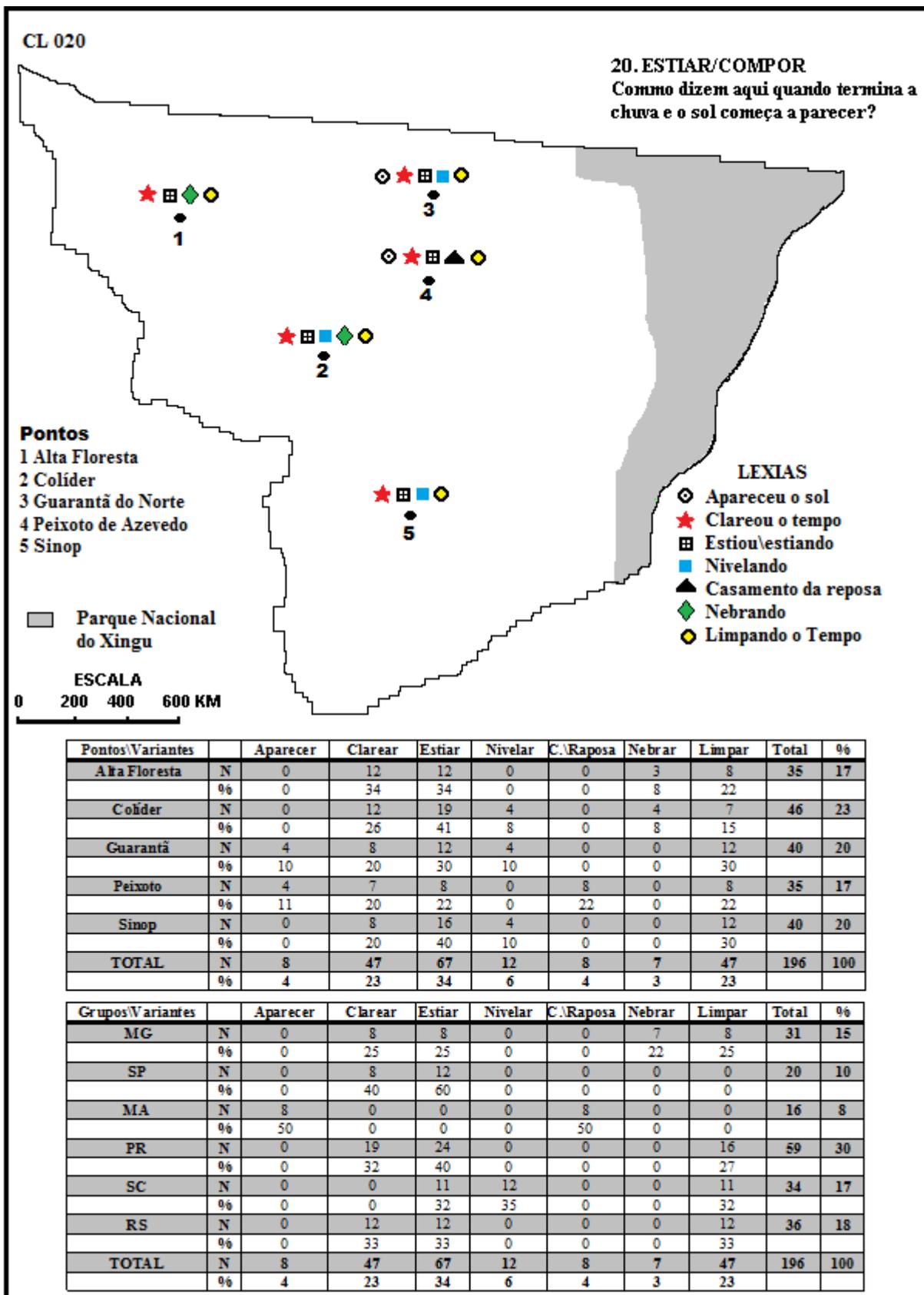
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT:
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINÂMICAS



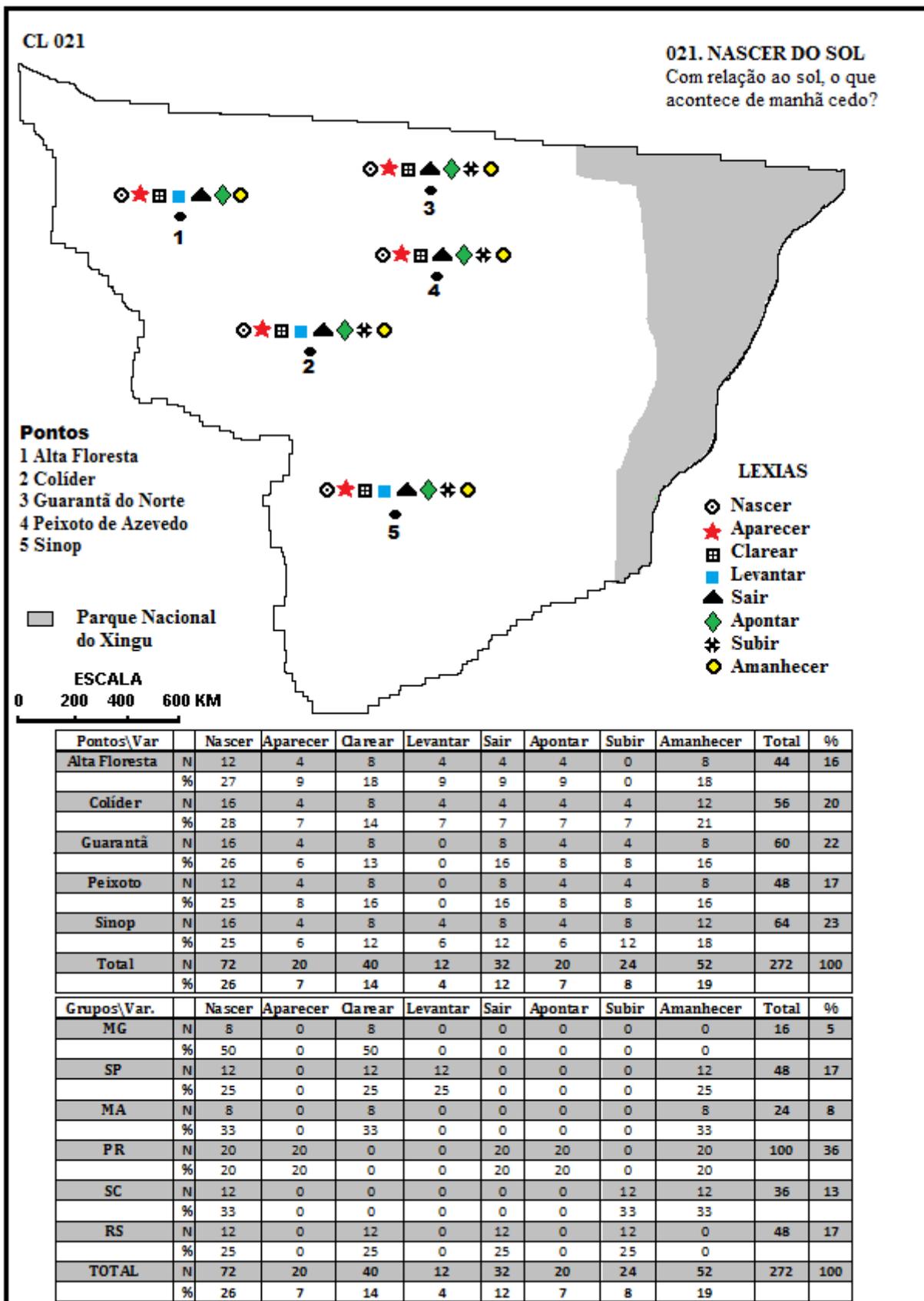
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT: SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINÂMICAS



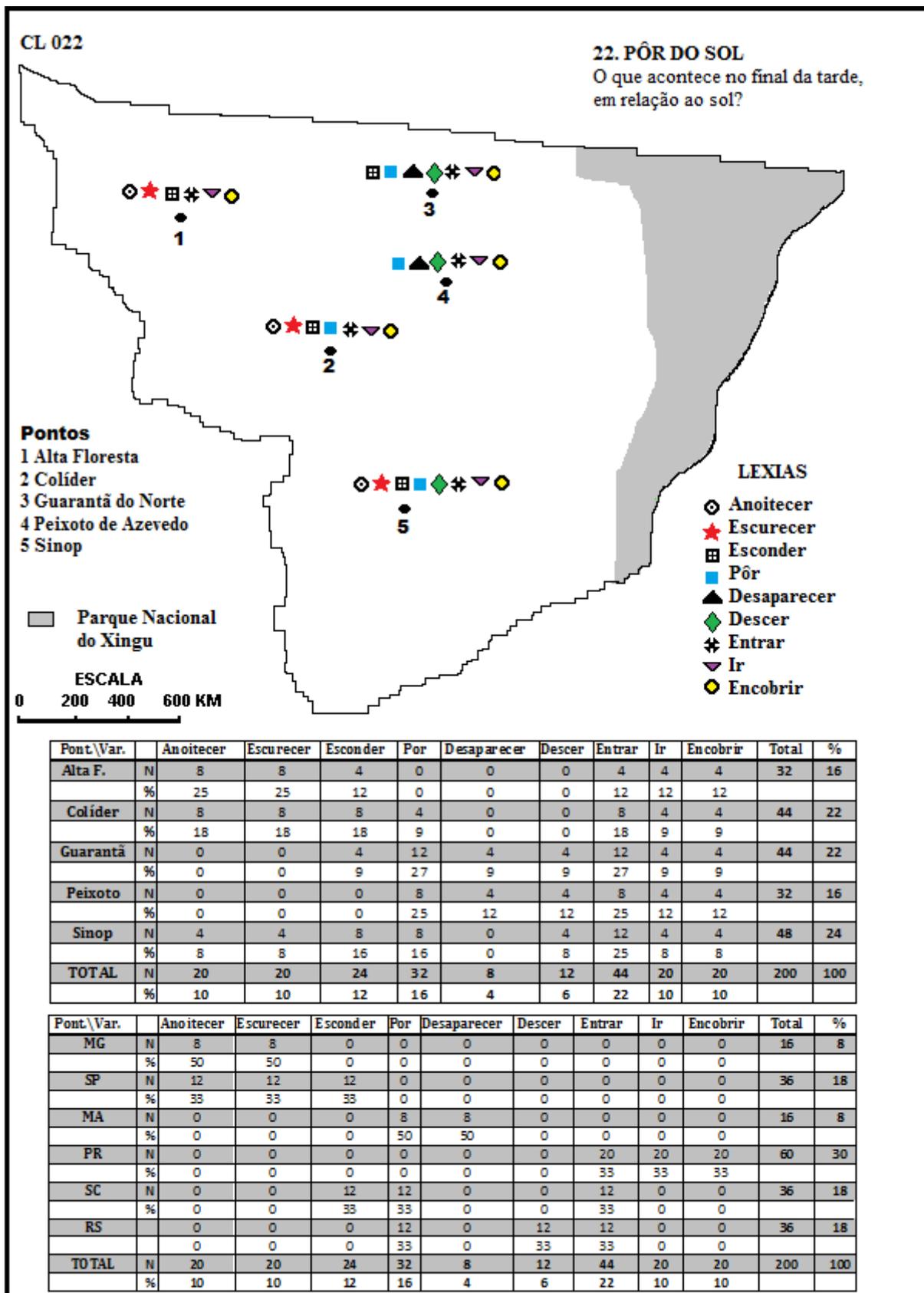
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT:
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINÂMICAS



ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT:
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINÂMICAS



ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT: SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINÂMICAS



**ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT:
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINÂMICAS**

5.2.3 CAMPO SEMÂNTICO: *ASTROS E TEMPO*

CARTOGRAMAS LINGUISTICOS:

CL 023 – ALVORADA

CL 024 – CREPÚSCULO

CL 025 – ESTRELA MATUTINA

CL 026 – ESTRELA VESPERTINA

CL 027 – ESTRELA CADENTE

CL 028 – VIA LACTEA

CL 029 – AMANHECER

CL 030 – ENTARDECER

CL 031 – ANOITECER

CL 032 – MESES DO ANO

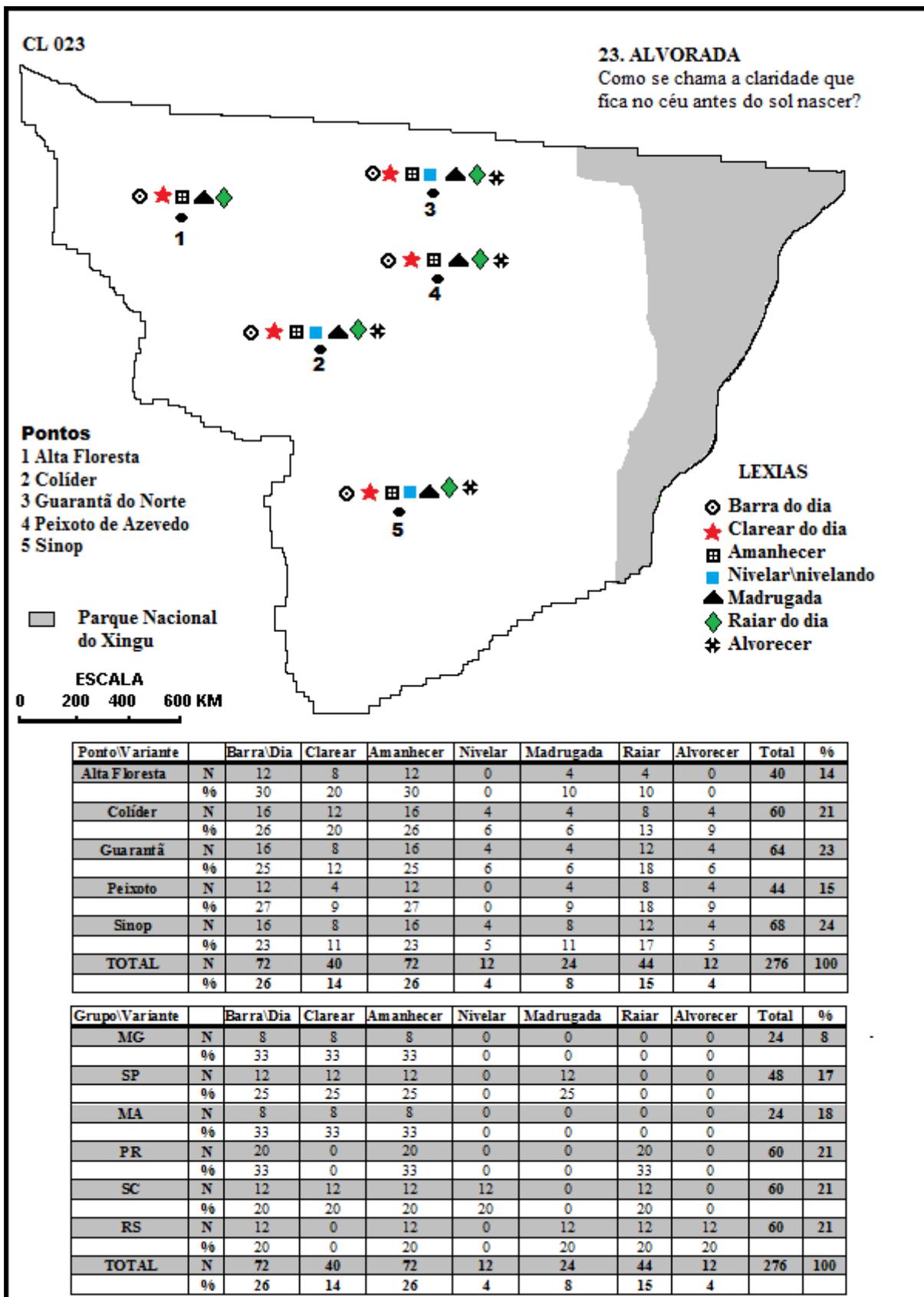
CL 033 – MESES COM NOMES ESPECIAIS

CL 034 – ONTEM

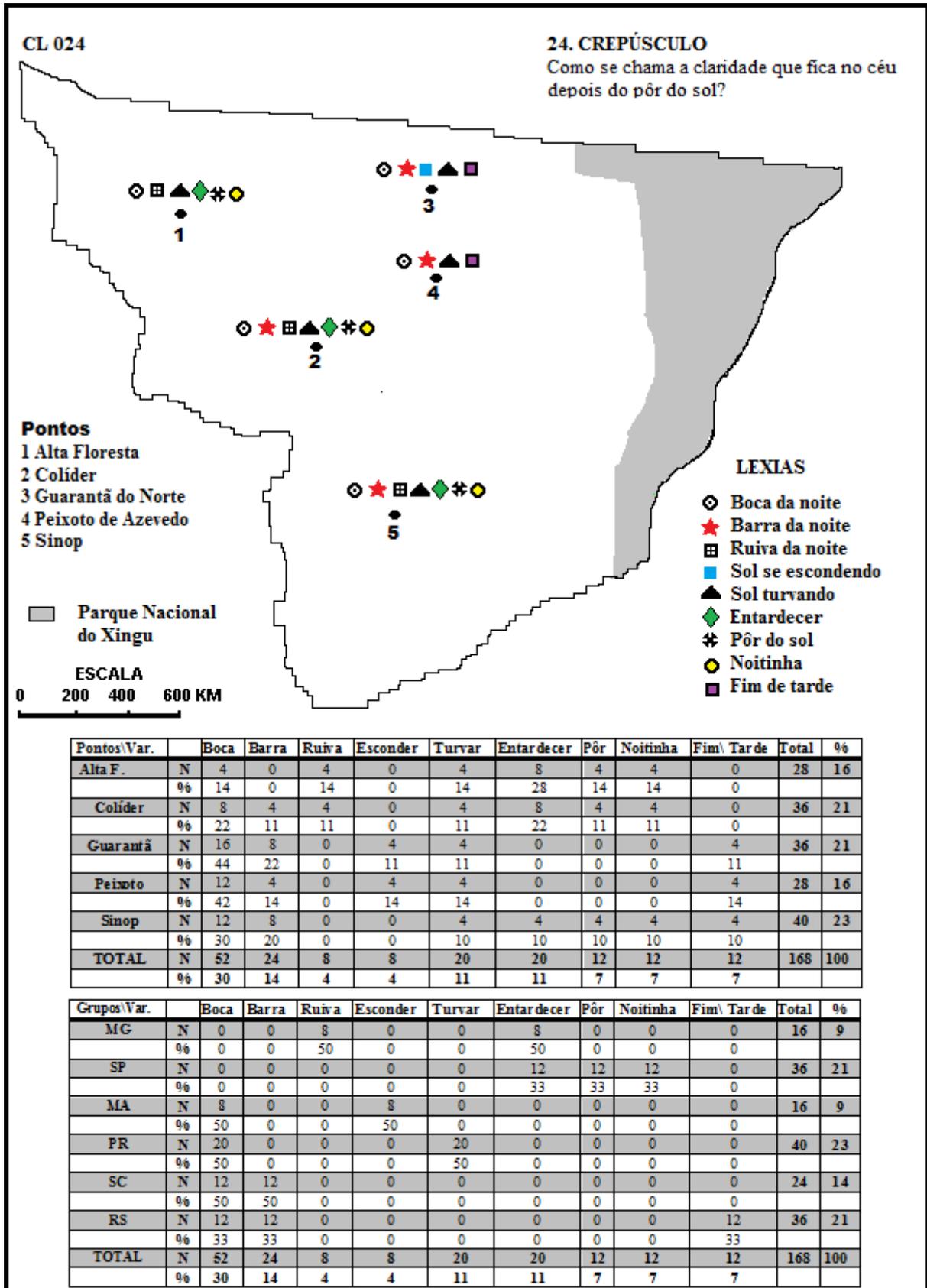
CL 035 – ANTEONTEM

CL 036 - TRANSANTEONTEM

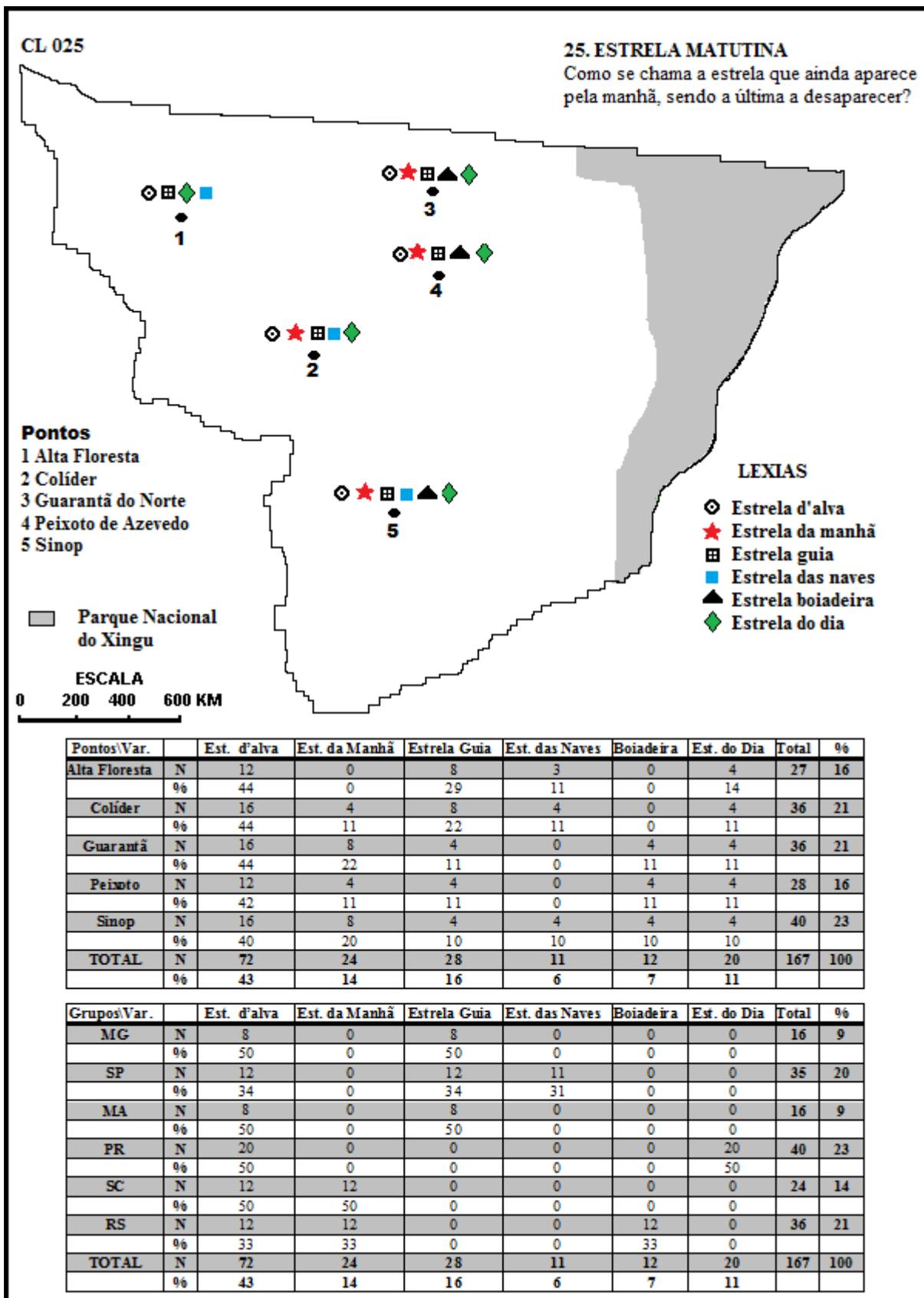
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT:
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINÂMICAS



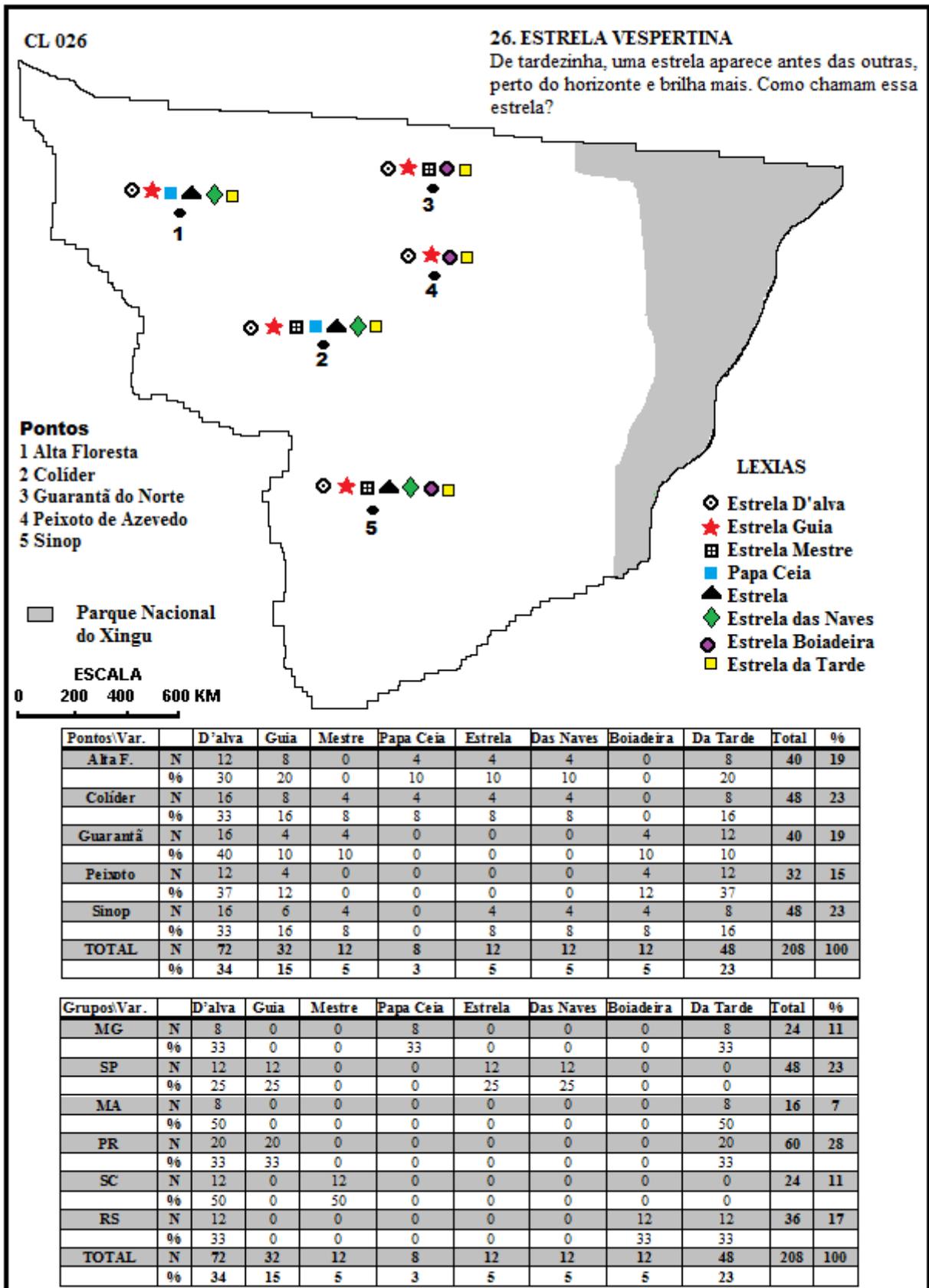
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT:
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINÂMICAS



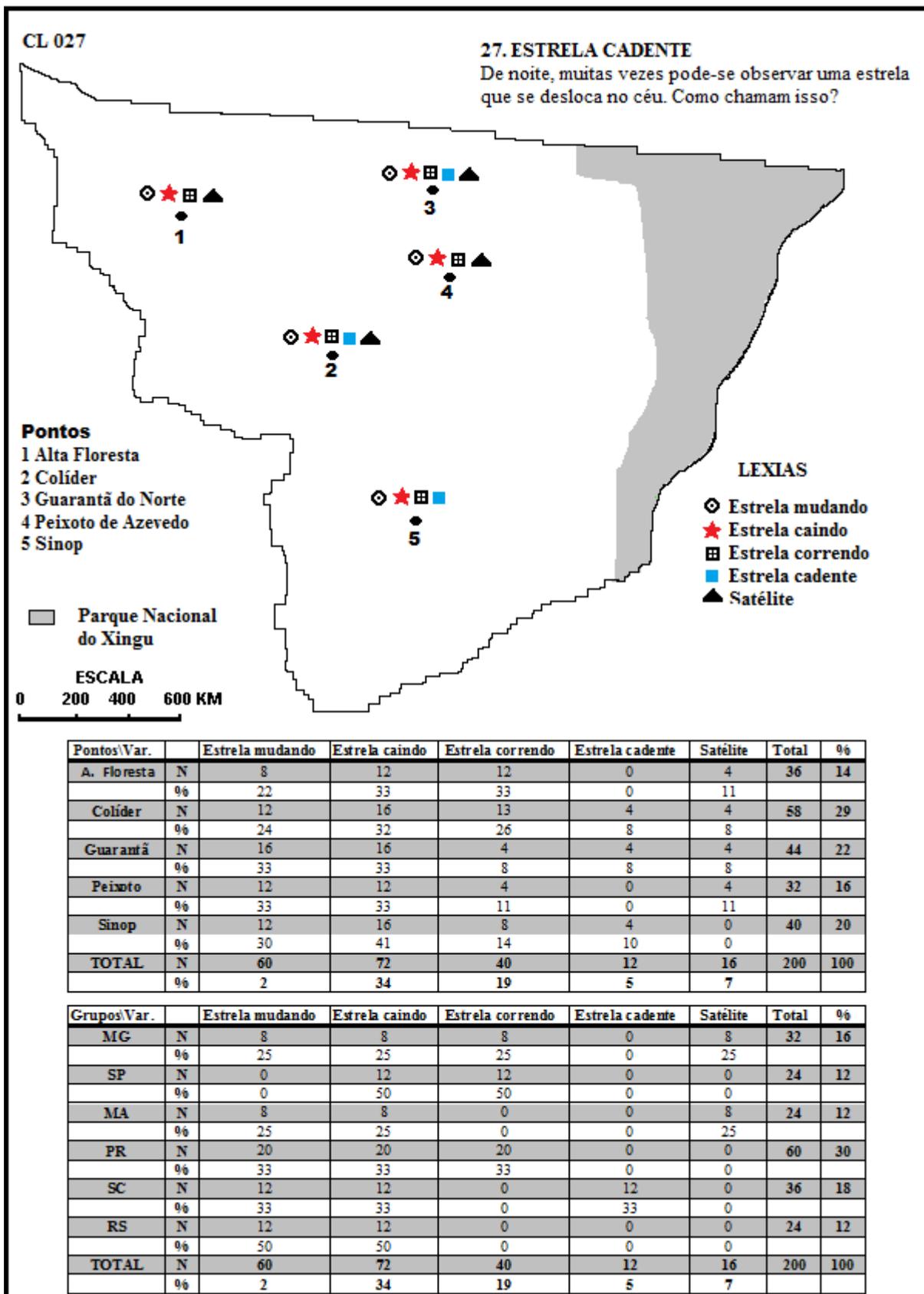
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT:
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINÂMICAS



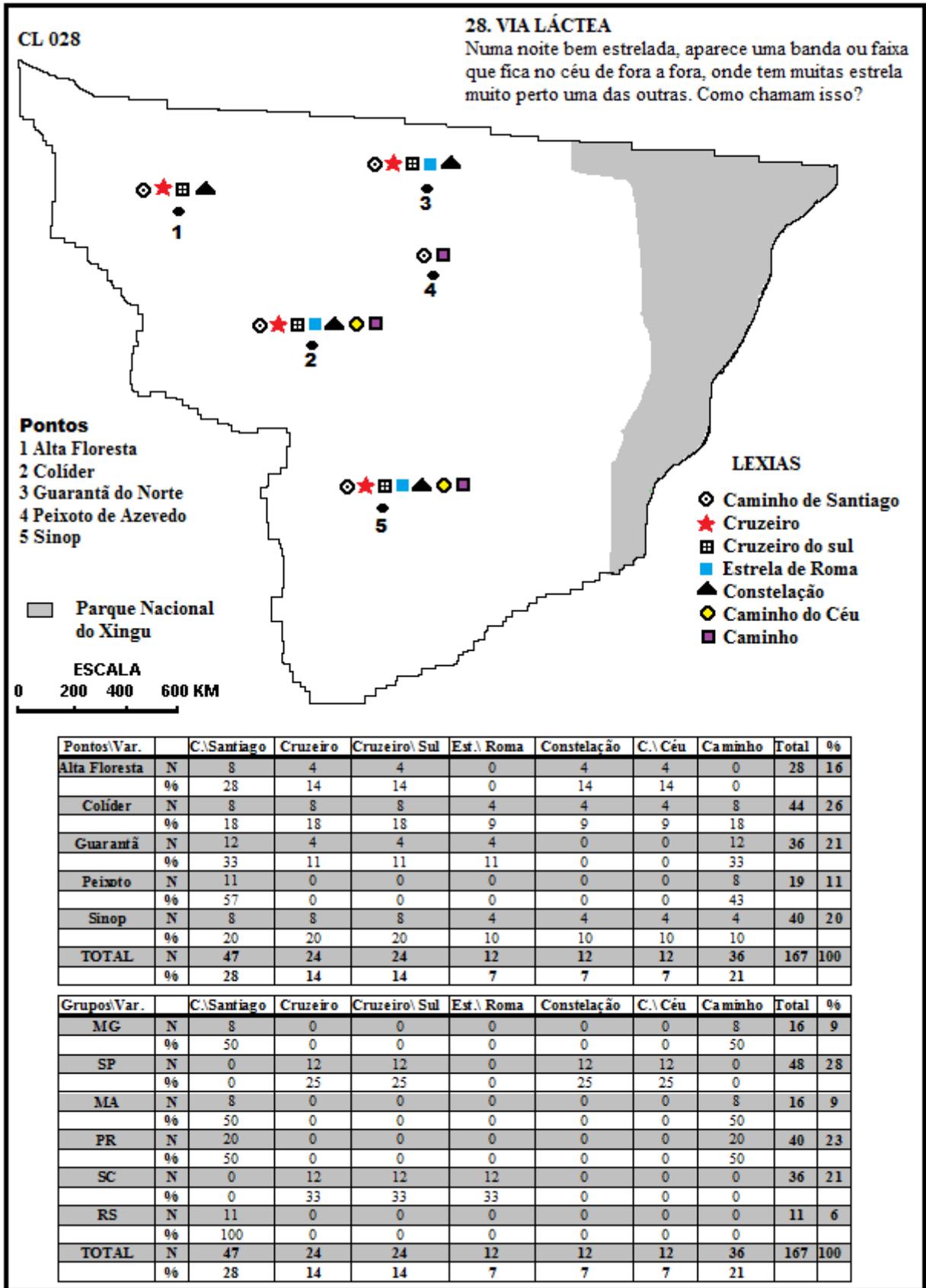
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT:
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINÂMICAS



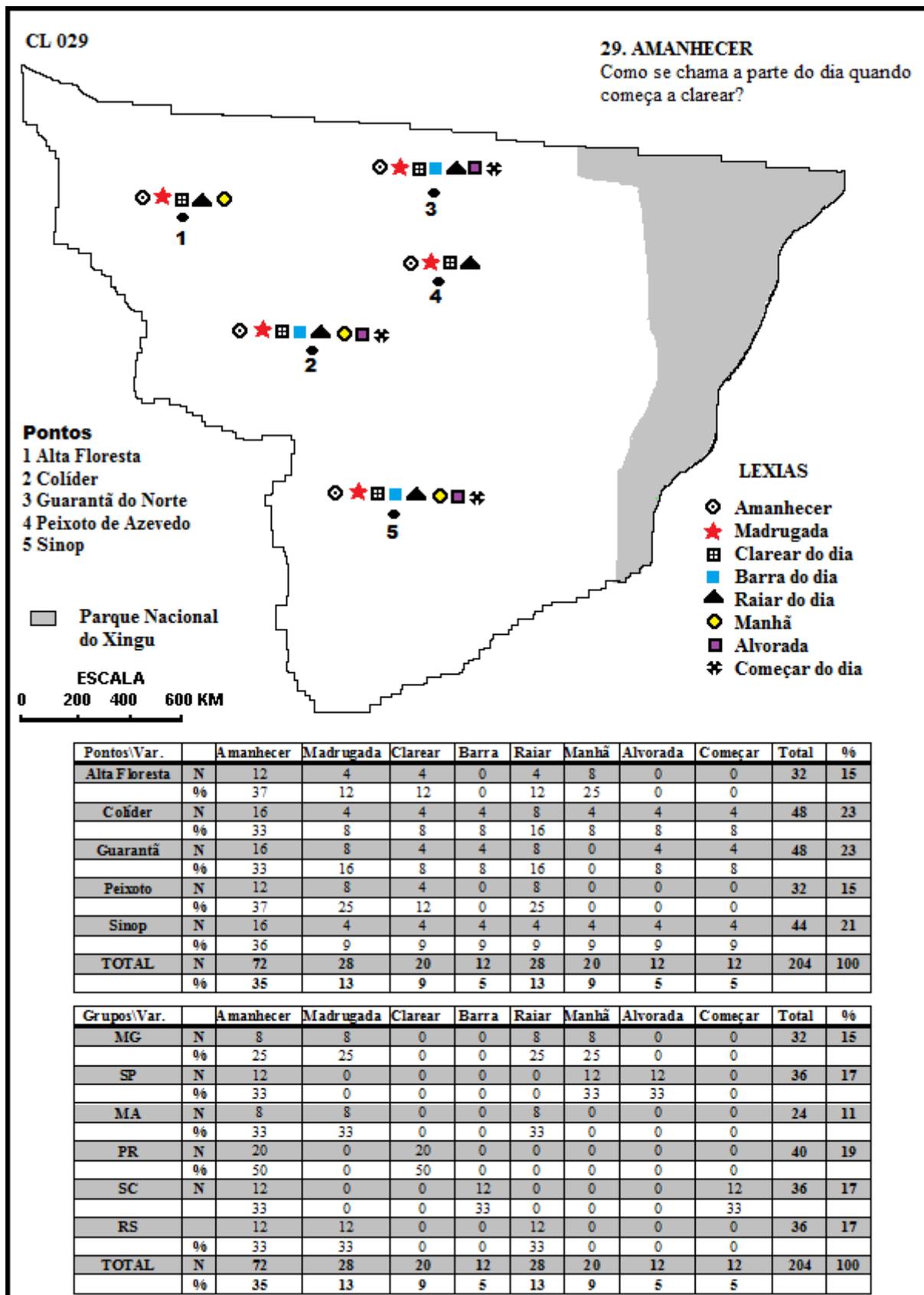
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT:
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINÂMICAS



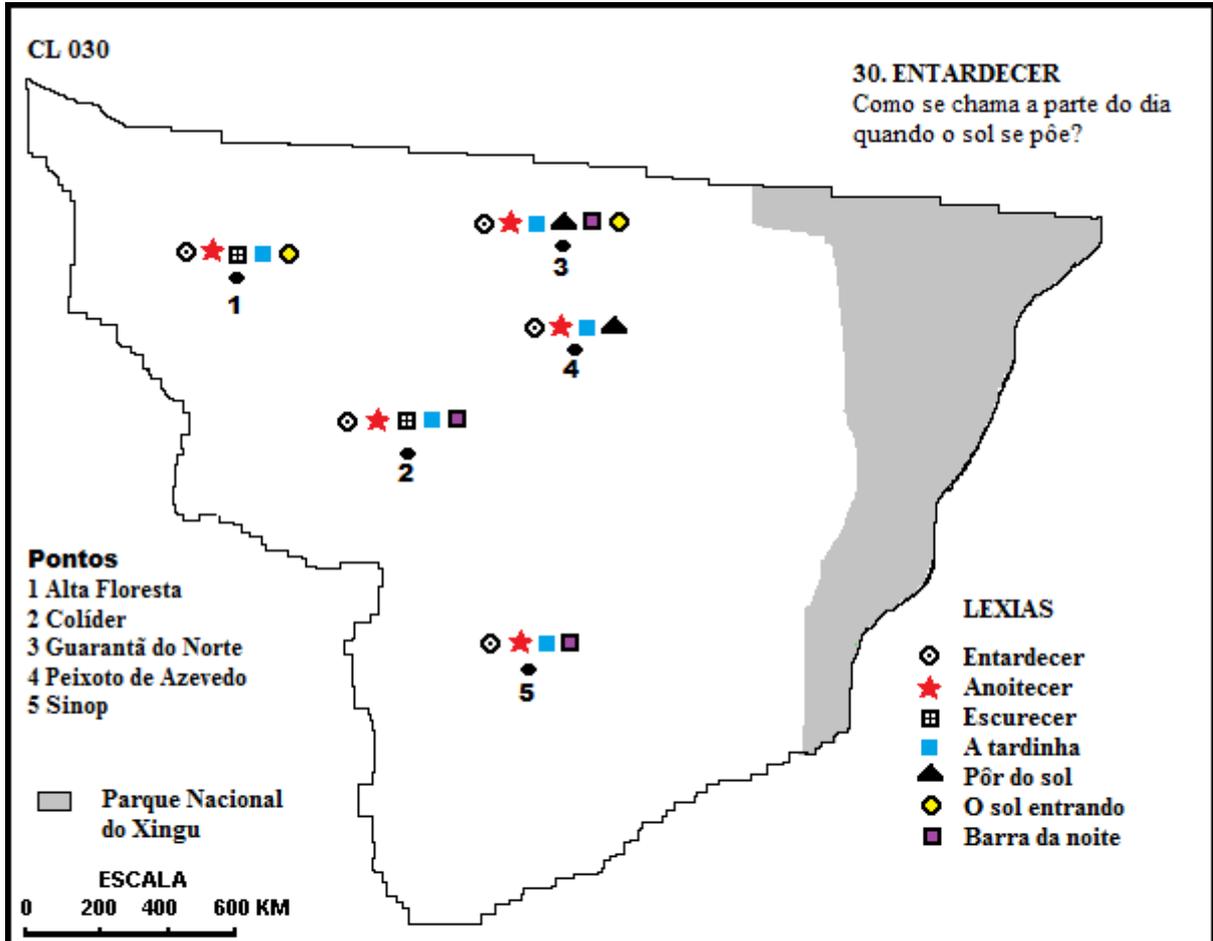
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT - SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINÂMICAS



ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT: SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINÂMICAS



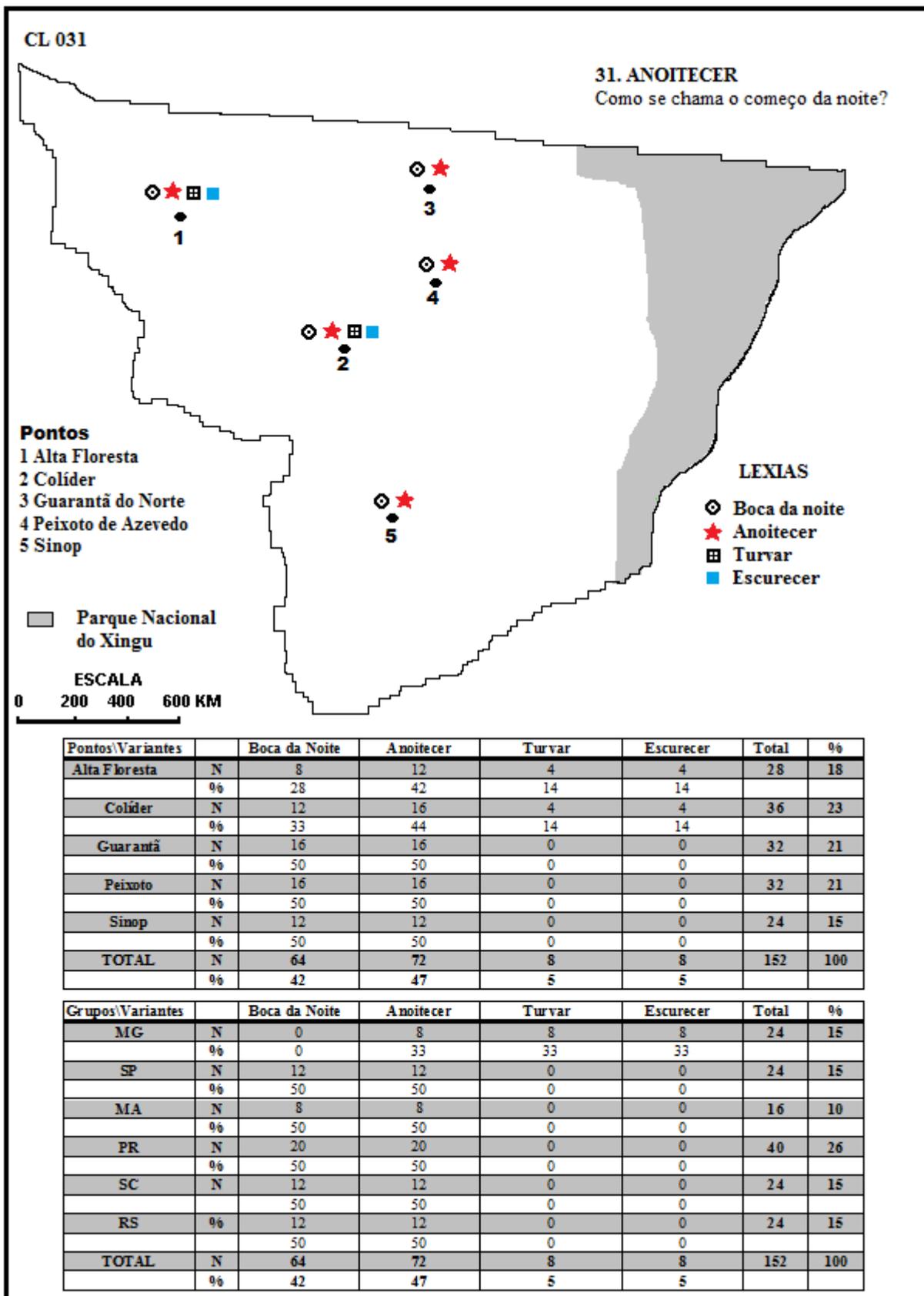
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT:
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINÂMICAS



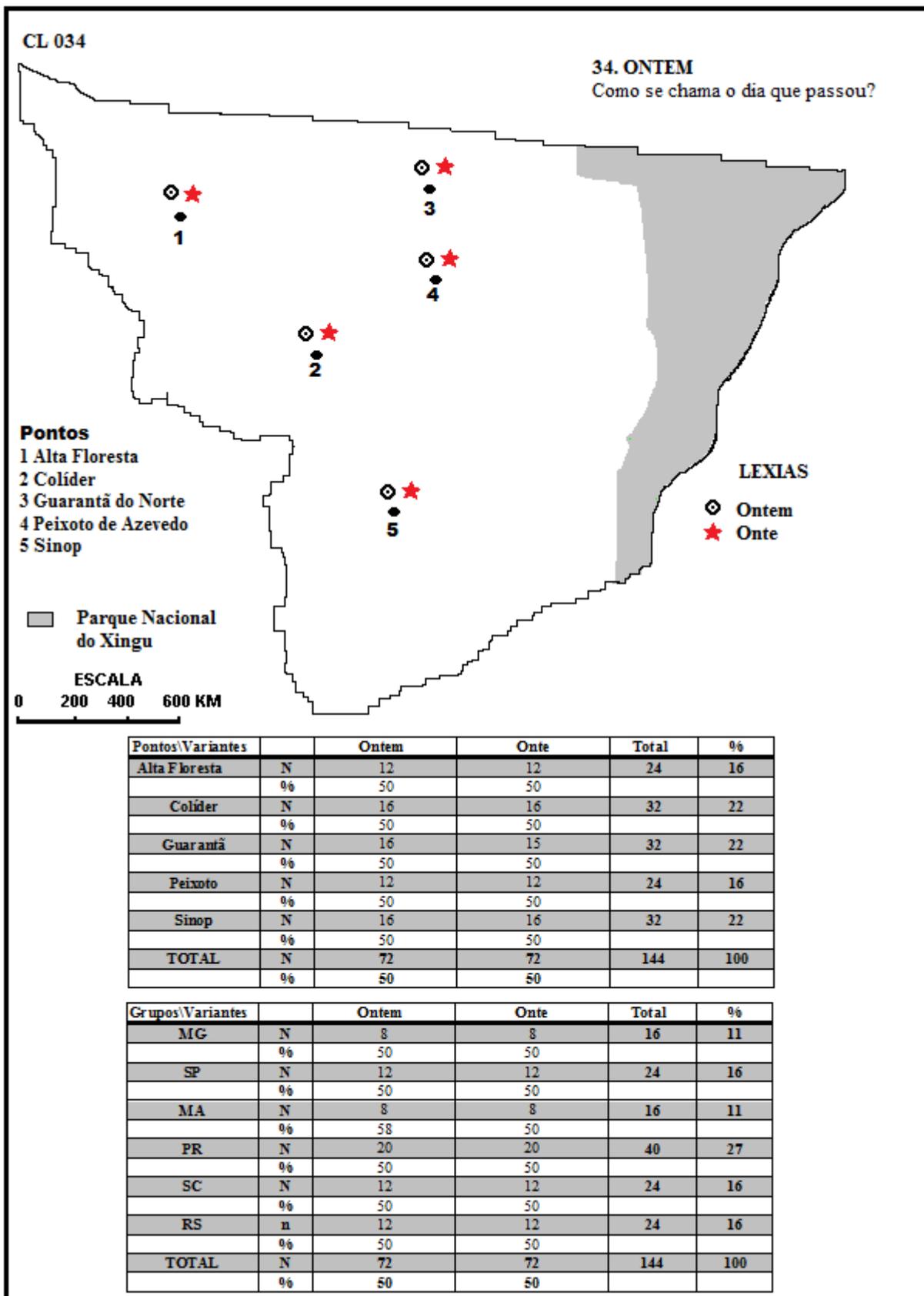
Pontos\Var.		Entardecer	Anoitecer	Escurecer	Tardinha	Pôr\ Sol	Sol entrando	Barra\ Noite	Total	%
Alta Floresta	N	12	8	4	8	0	4	0	36	18
	%	33	22	11	22	0	11	0		
Colíder	N	16	8	4	12	0	0	4	44	22
	%	36	18	9	27	0	0	9		
Guarantã	N	16	4	0	12	4	4	4	44	22
	%	36	9	0	27	9	9	9		
Peixoto	N	12	4	0	8	4	0	0	28	14
	%	42	14	0	28	14	0	0		
Sinop	N	16	8	0	12	0	0	4	40	20
	%	40	28	0	30	0	0	10		
TOTAL	N	72	32	8	52	8	8	12	192	100
	%	37	16	4	27	4	4	6		

Grupos\Var.		Entardecer	Anoitecer	Escurecer	Tardinha	Pôr\ Sol	Sol entrando	Barra\ Noite	Total	%
MG	N	8	0	8	8	0	8	0	32	16
	%	25	0	25	25	0	25	0		
SP	N	12	12	0	12	0	0	0	36	18
	%	33	33	0	33	0	0	0		
MA	N	8	0	0	12	8	0	0	24	12
	%	33	0	0	33	33	0	0		
PR	N	20	20	0	0	0	0	0	40	20
	%	50	50	0	0	0	0	0		
SC	N	12	0	0	12	0	0	12	36	18
	%	33	0	0	33	0	0	33		
RS	N	12	0	0	12	0	0	0	24	12
	%	50	0	0	50	0	0	0		
TOTAL	N	72	32	8	52	8	8	12	192	100
	%	37	16	4	27	4	4	6		

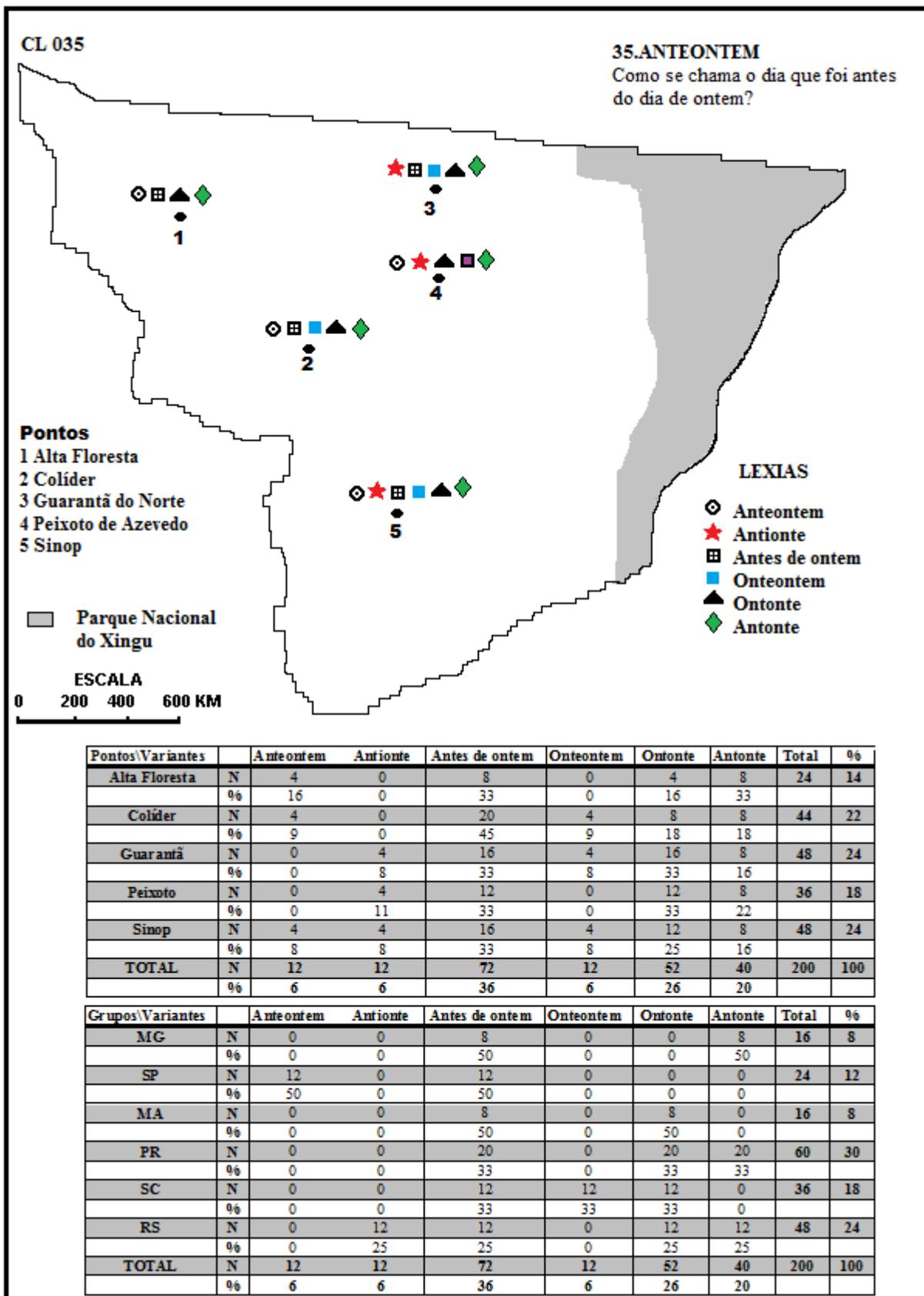
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT:
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINAMICAS



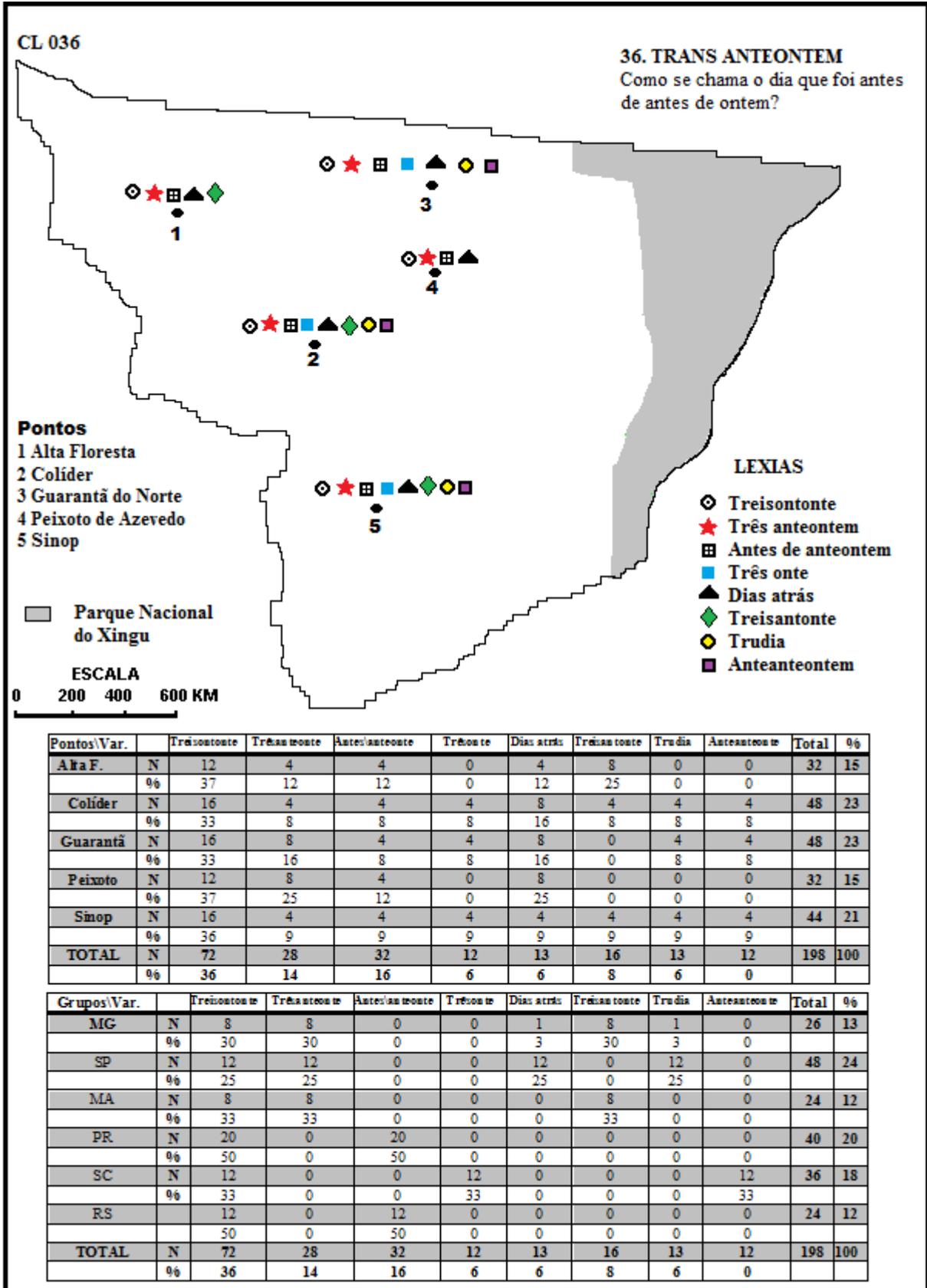
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT -
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINAMICAS



ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT -
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINÂMICAS



ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT:
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINÂMICAS



**ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT:
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINÂMICAS**

5.3.4 CAMPO SEMÂNTICO: *FLORA*

CARTOGRAMAS LINGUISTICOS:

CL 037 – TANGERINA/MEXERICA

CL 038 – AMENDOIM

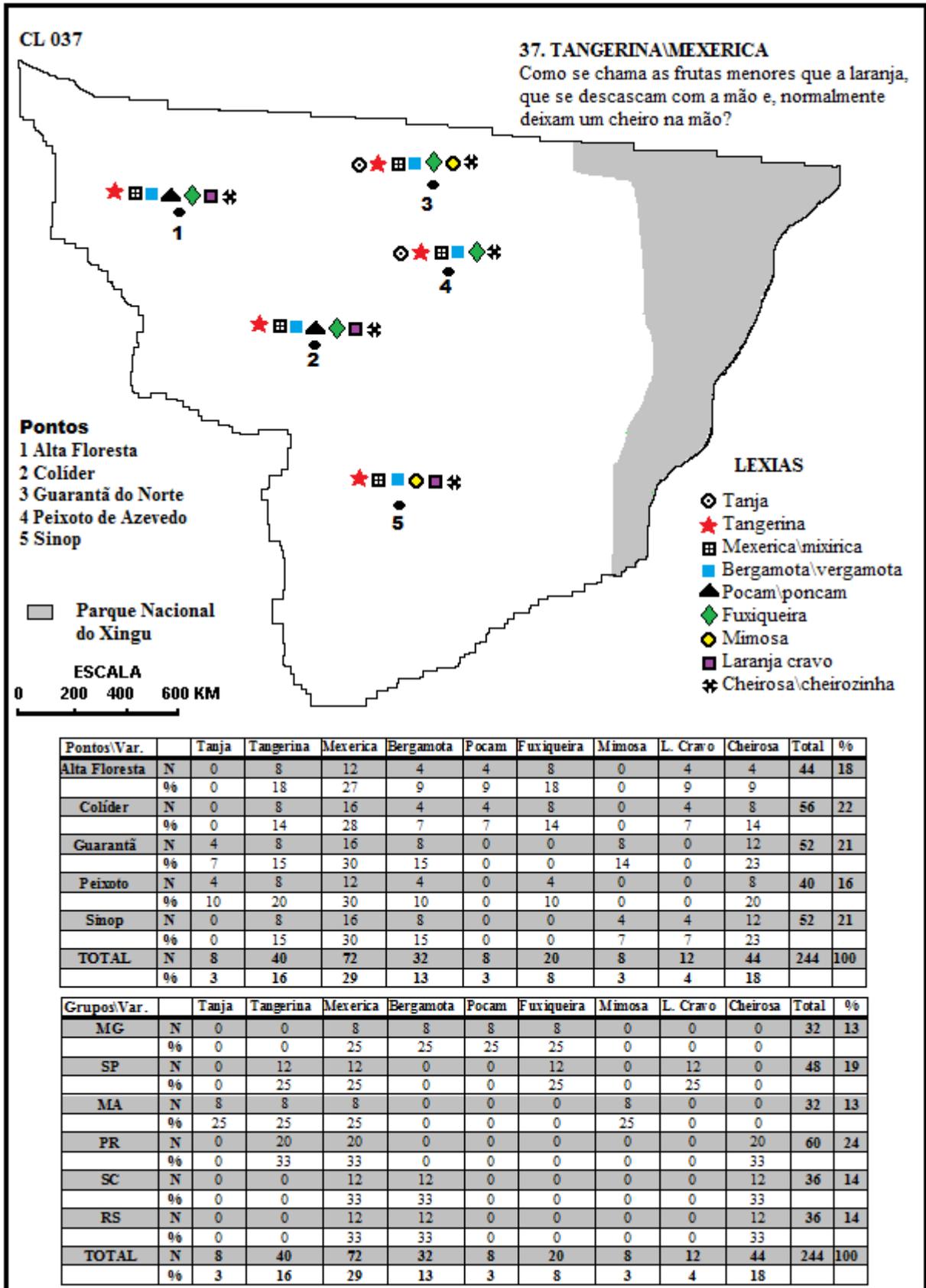
CL 039 – CAMOMILA

CL 040 – PENCA

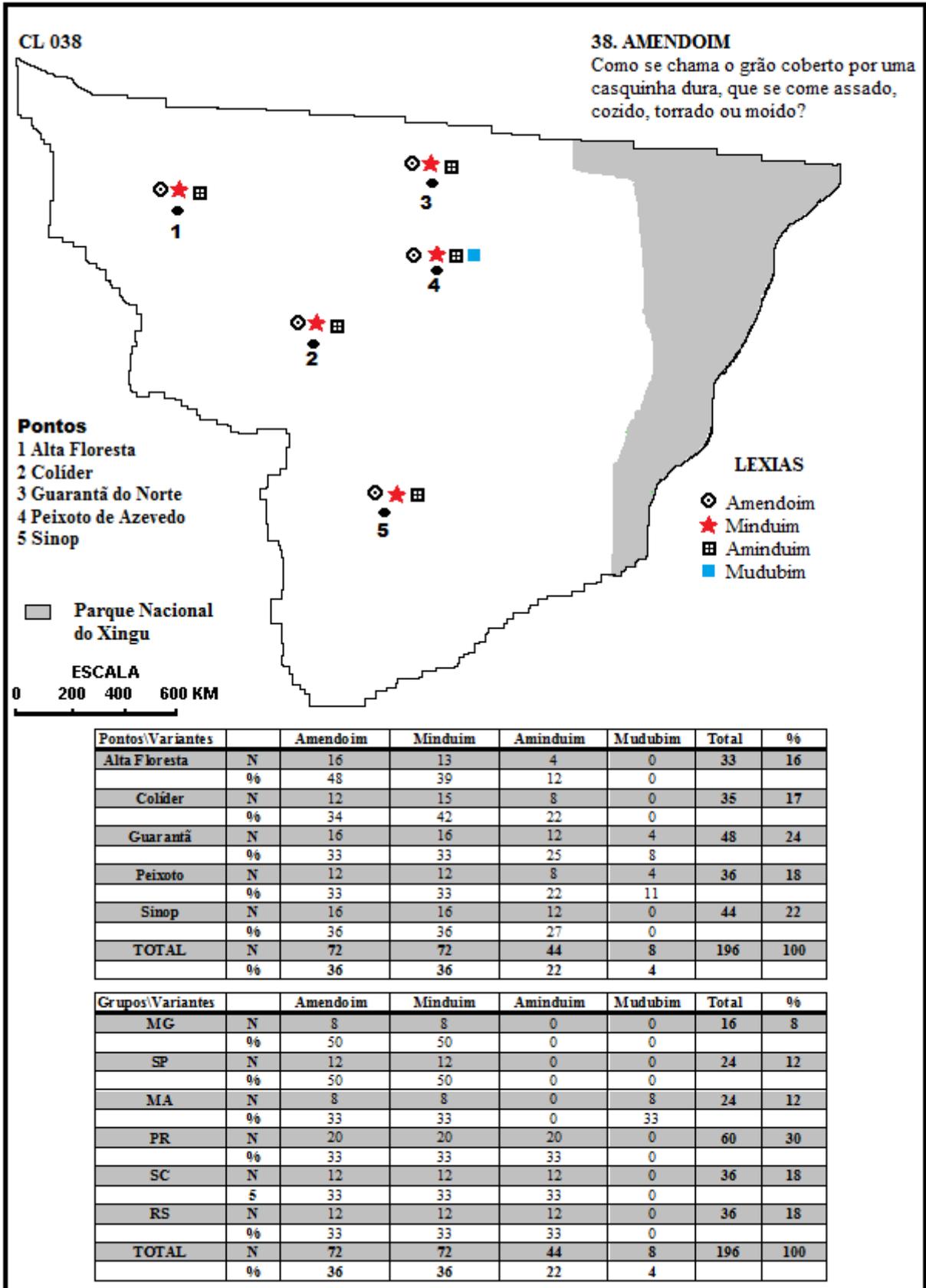
CL 041 – BANANA DUPLA

CL 042 – FLOR DA BANANEIRA

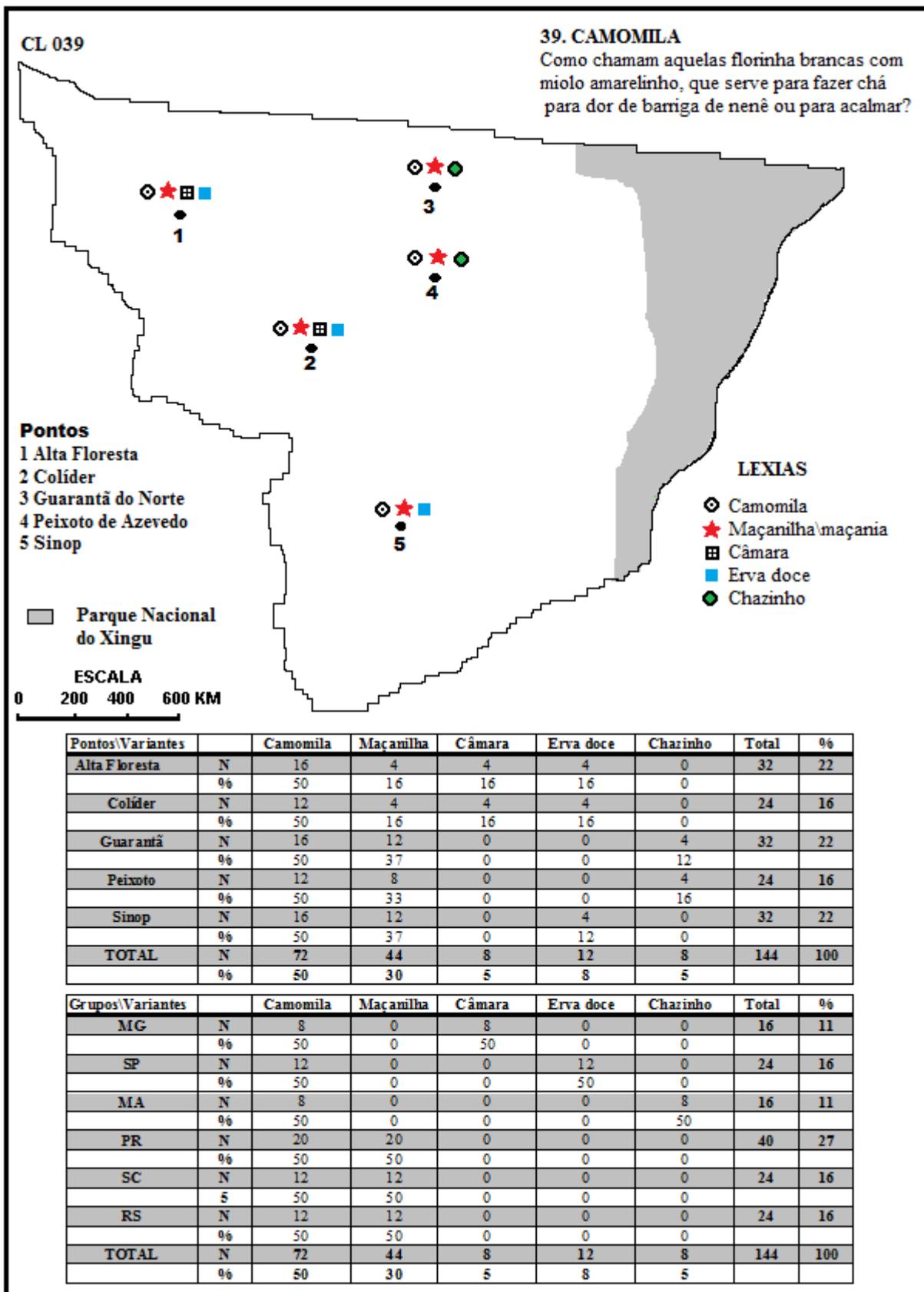
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT:
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINÂMICAS



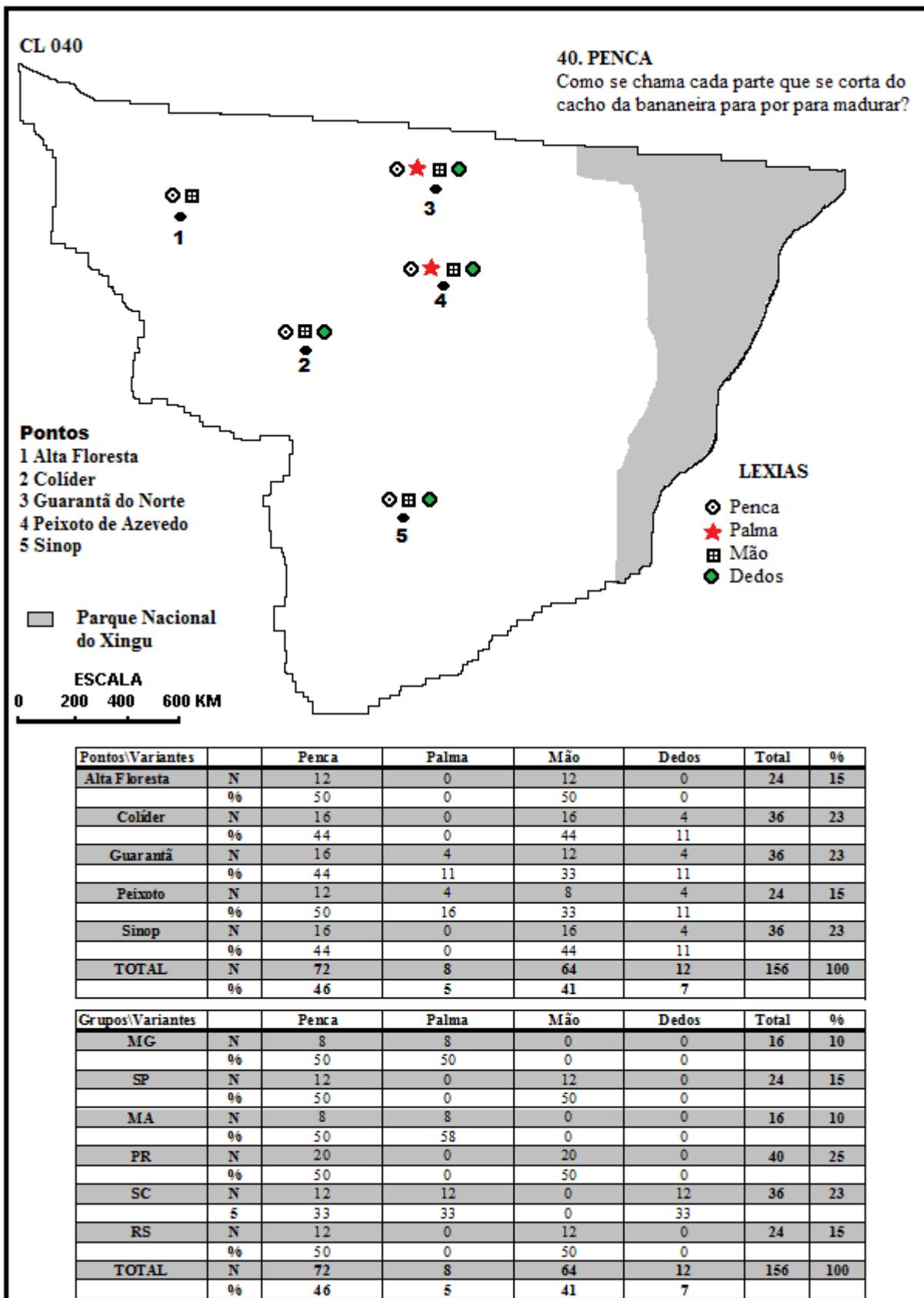
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT - SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINÂMICAS



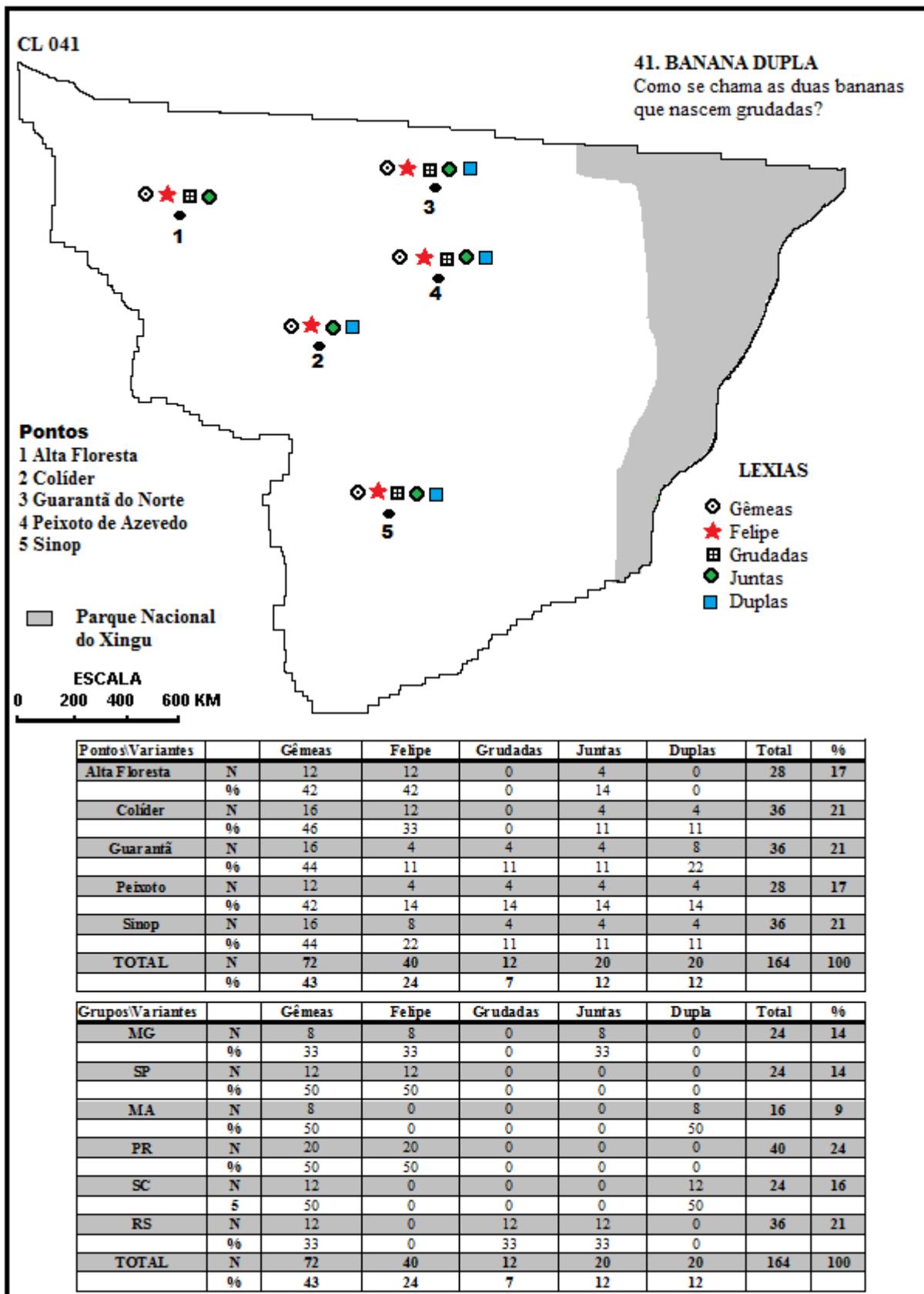
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT - SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINÂMICAS



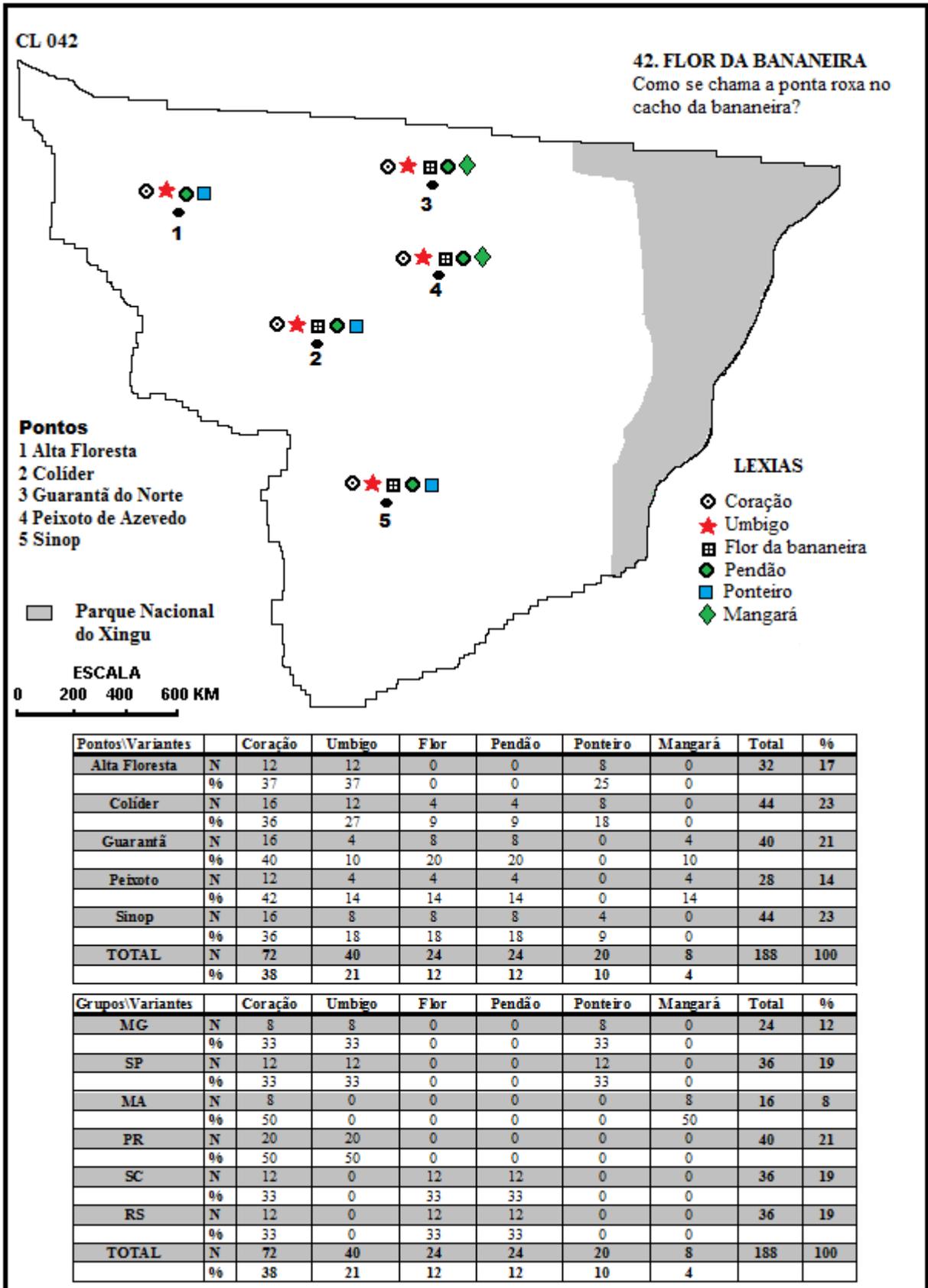
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT -
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINÂMICAS



ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT -
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINÂMICAS



ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT - SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINÂMICAS



**ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT -
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINÂMICAS**

CAMPO SEMÂNTICO: *ATIVIDADES AGROPASTORIS*

CARTOGRAMAS LINGUISTICOS:

CL 043 – ESPIGA

CL 044 – SABUGO

CL 045 – SOCA/TOUCEIRA

CL 046 – GIRASSOL

CL 047 – VAGEM DO FEIJÃO

CL 048 – MOINHA

CL 049 – MANDIOCA/AIPIM

CL 050 – MANDIOCA

CL 051 – CARRINHO DE MÃO

CL 052 – HASTES DO CARRINHO DE MÃO

CL 053 – CANGALHA

CL 054 – CANGALHA PARA CARGA

CL 055 – JACÁ

CL 056 – BOLSA

CL 057 – JACÁ

CL 058 – BORREGO

CL 059 – CORDEIRO

CL 060 – FÊMEA QUE ESTÁ PARA CRIAR

CL 061 – PERDA DA CRIA

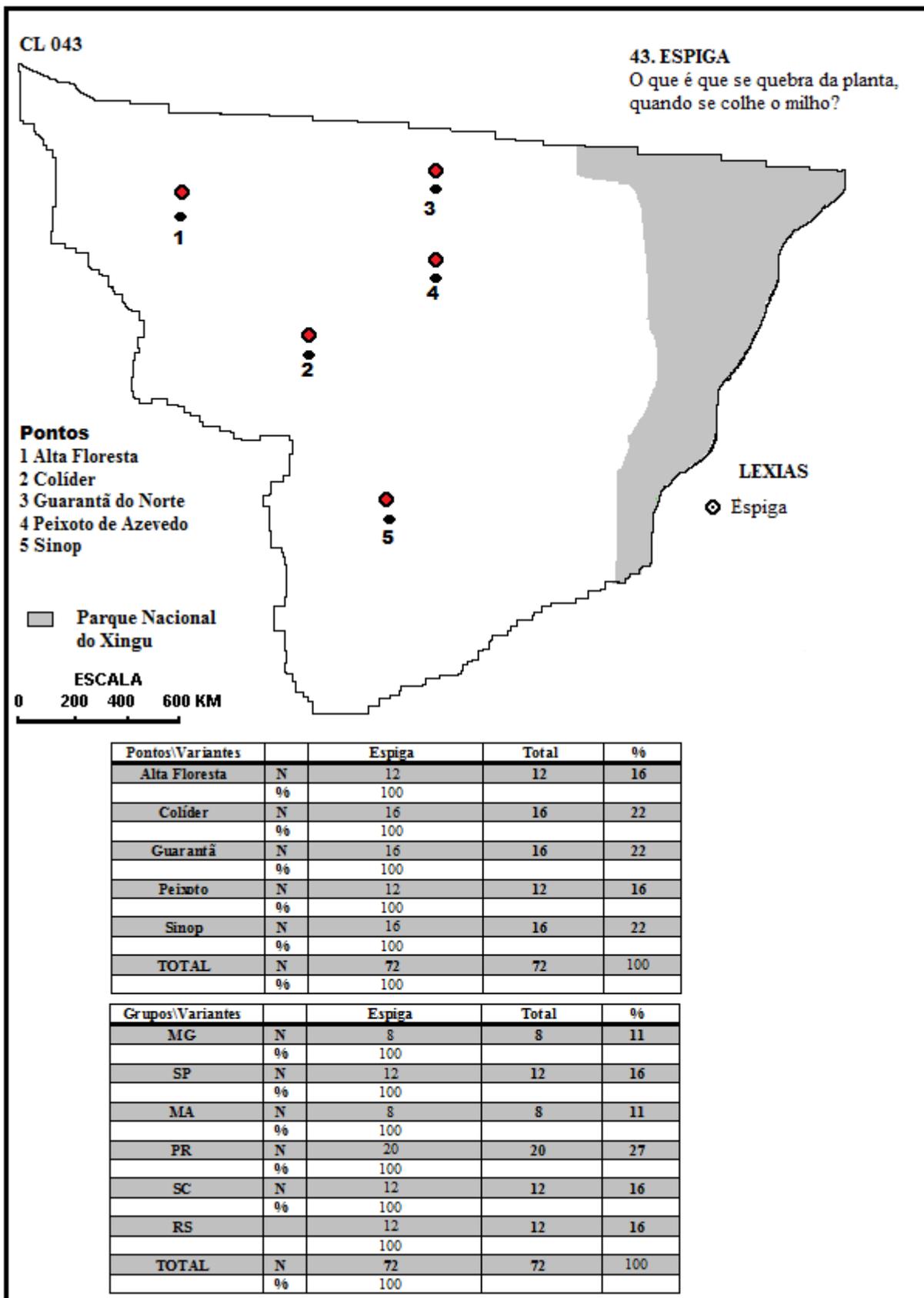
CL 062 – ÉGUA VELHA

CL 063 – TRABALHADOR DE ENXADA EM ROÇA ALHEIA

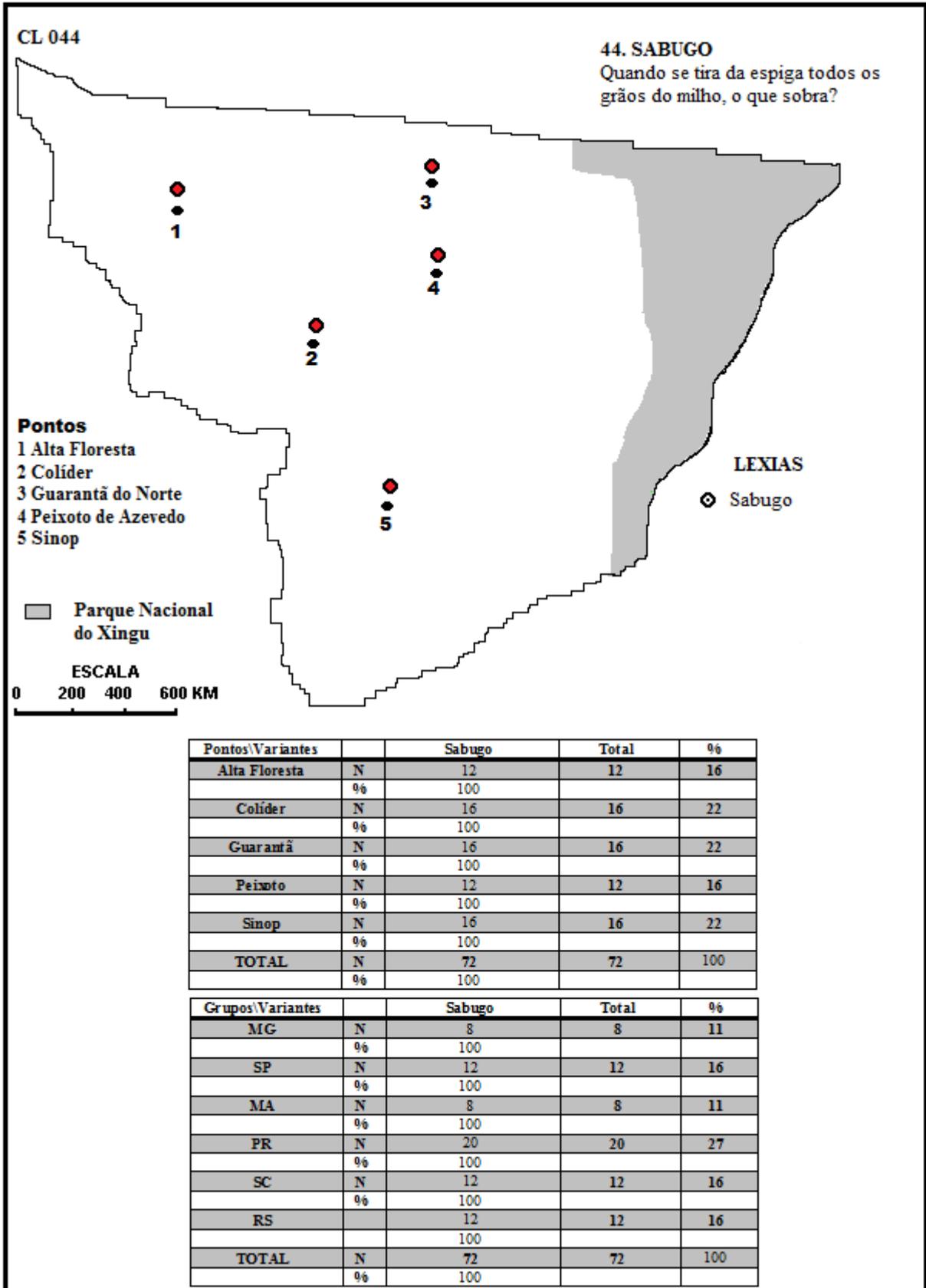
CL 064 – PICADA

CL 065 – TRILHO

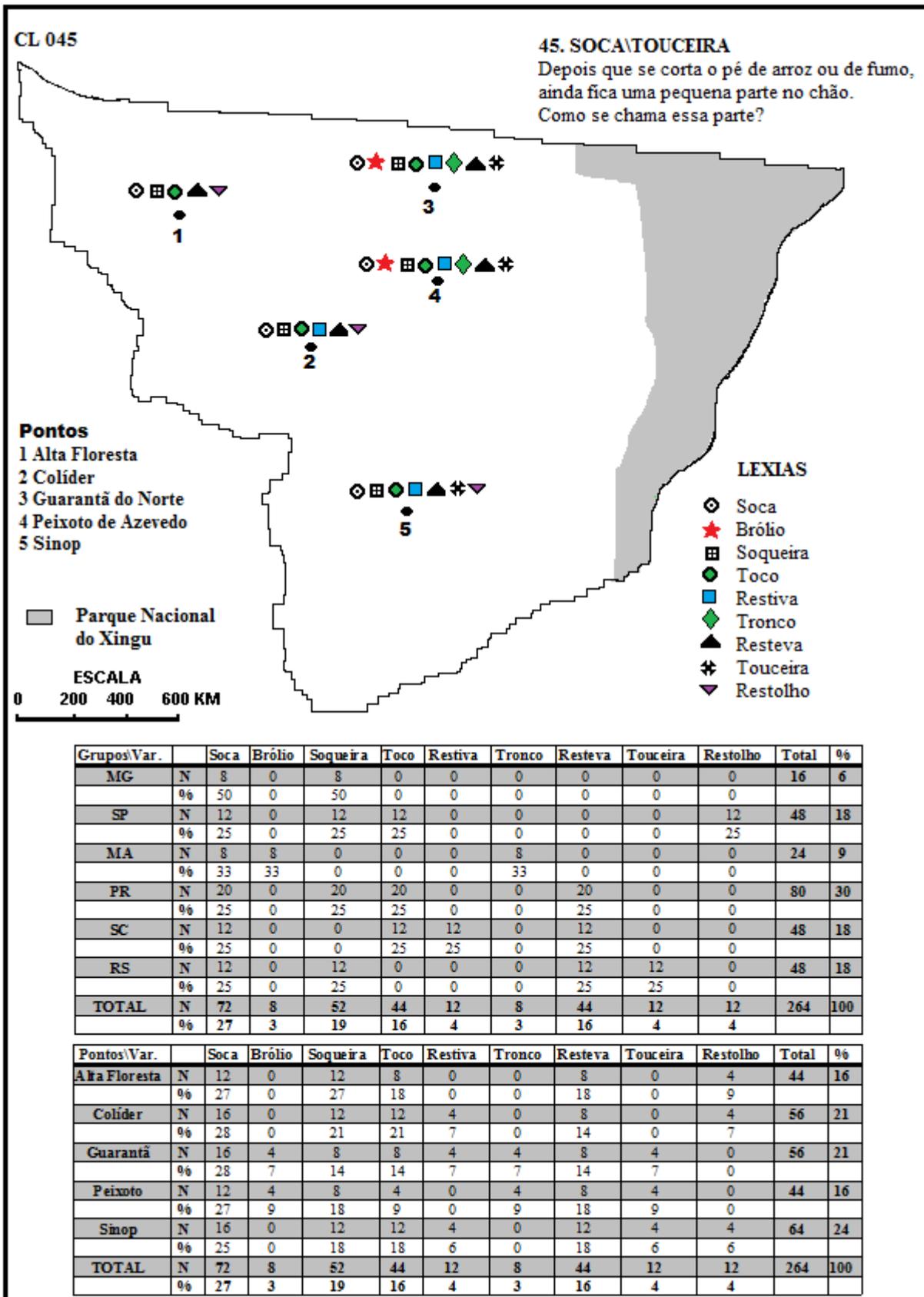
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT -
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINÂMICAS



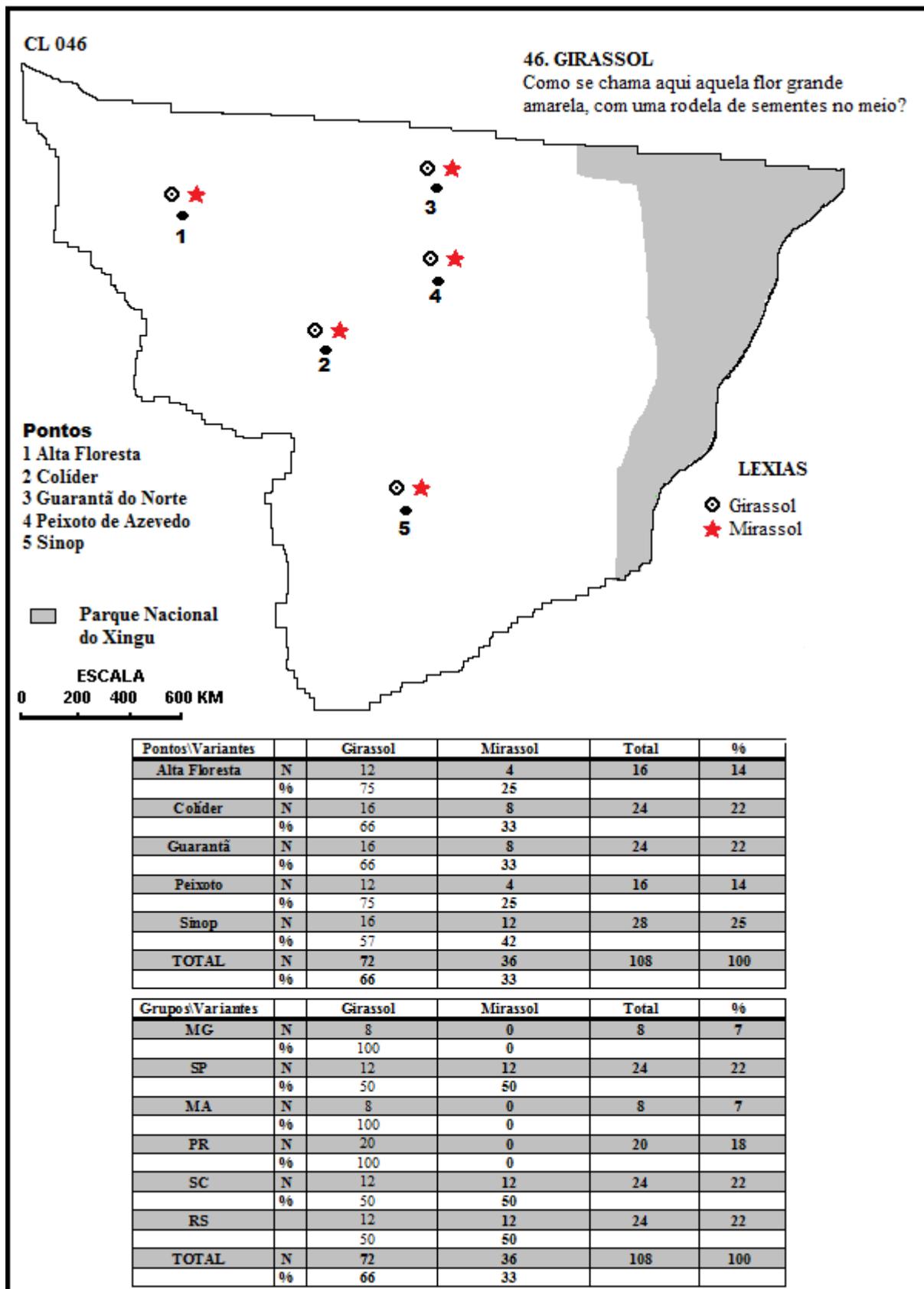
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT - SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINÂMICAS



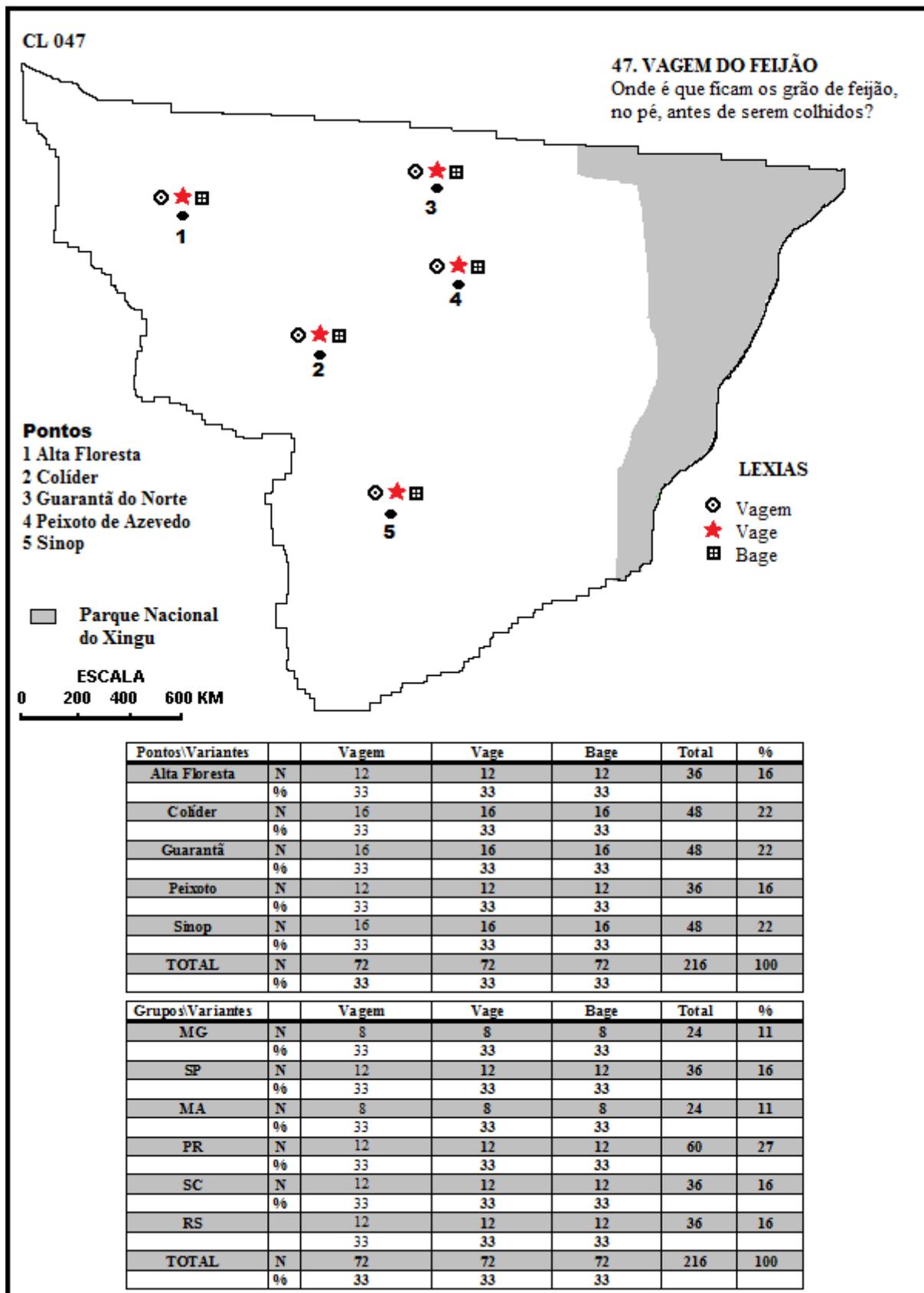
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT - SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINÂMICAS



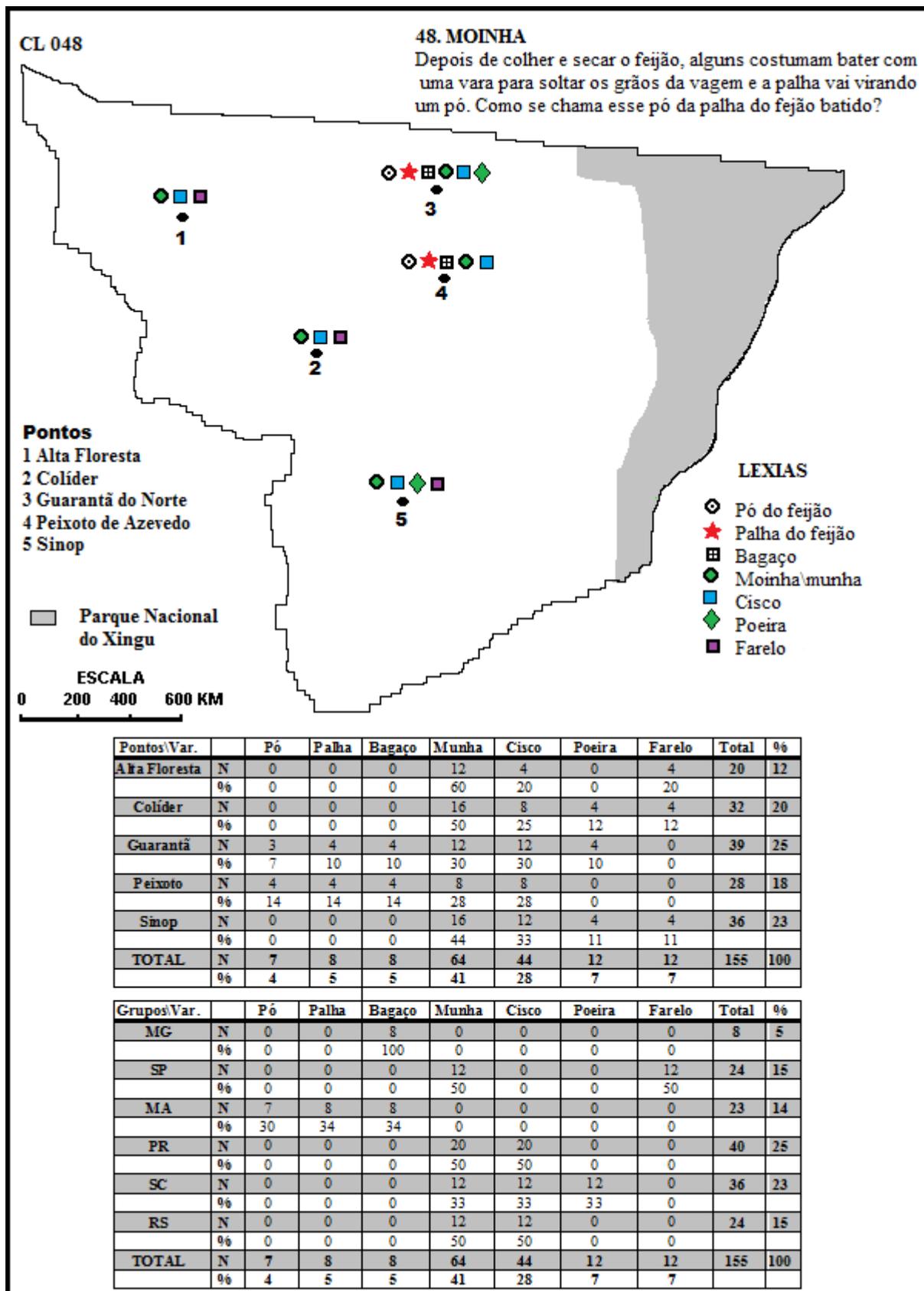
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT -
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINÂMICAS



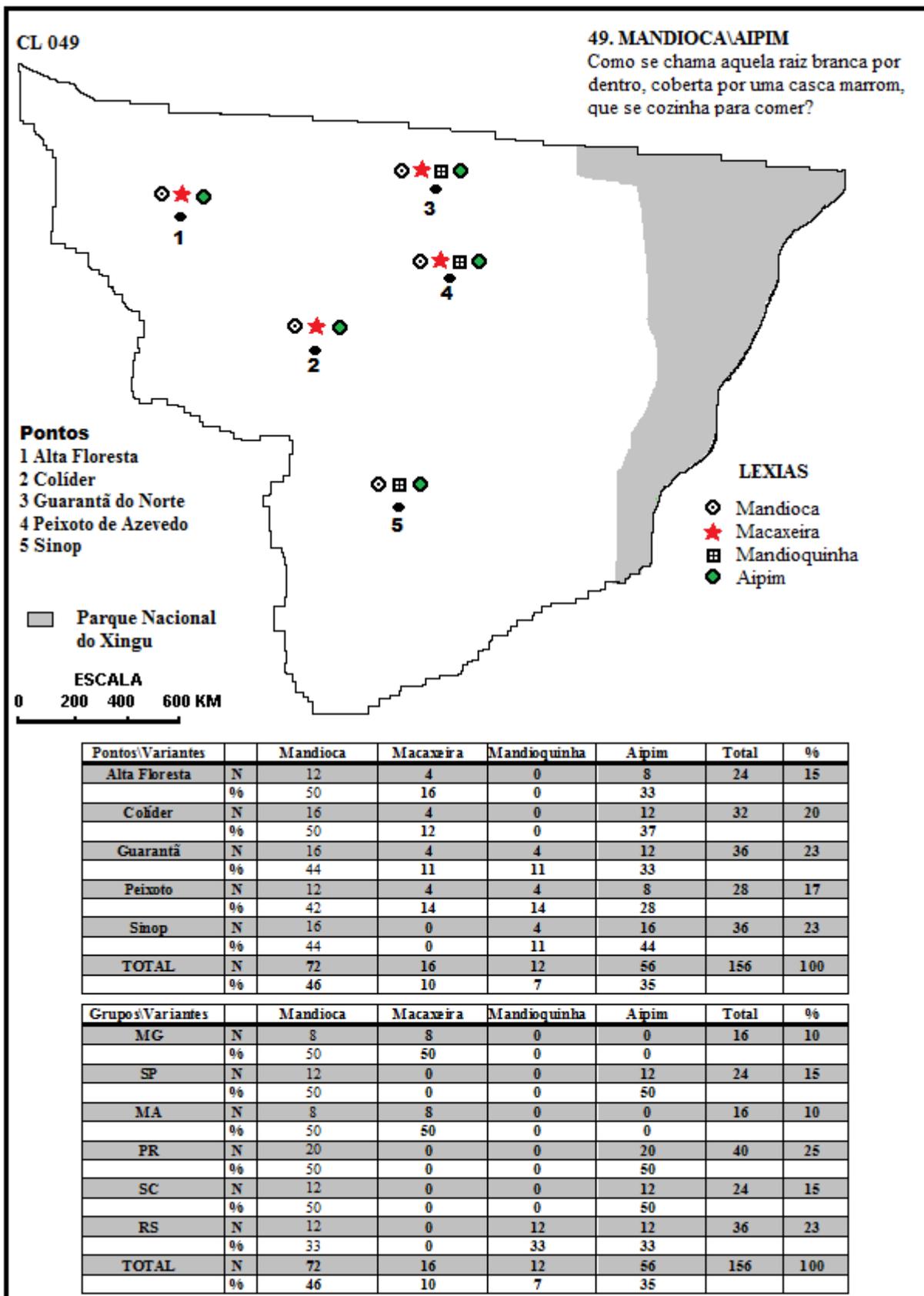
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT -
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINÂMICAS



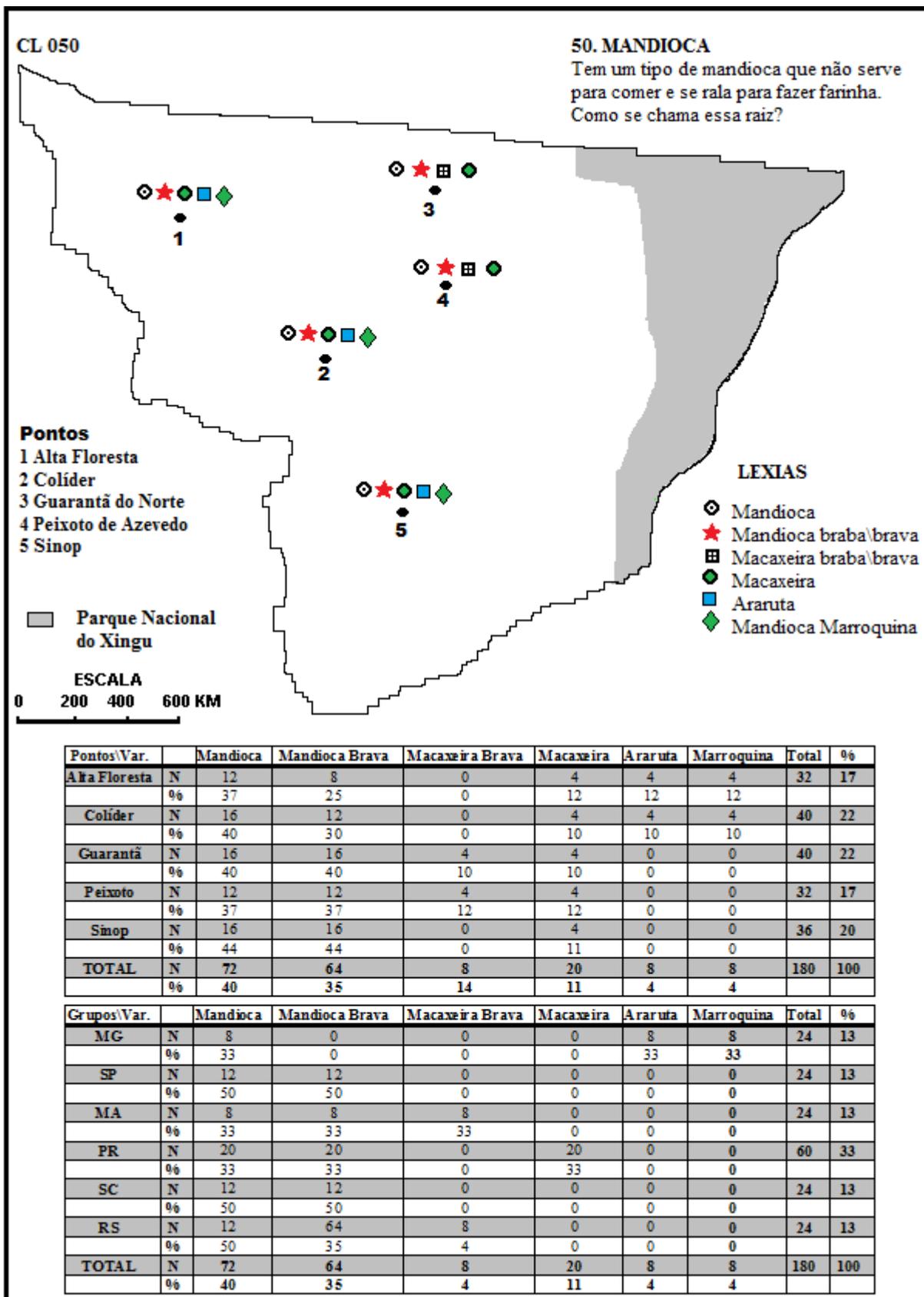
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT - SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINÂMICAS



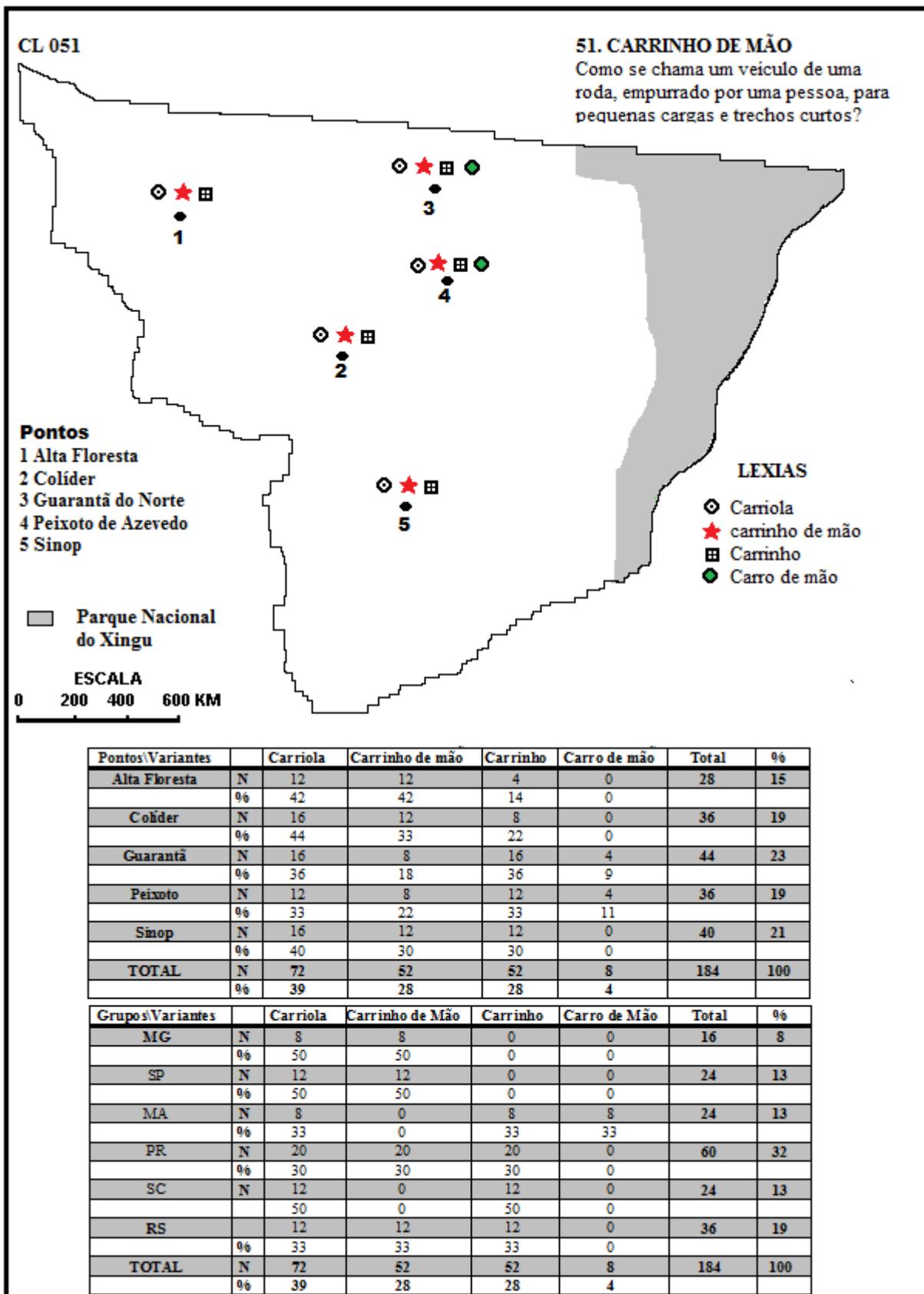
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT -
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINÂMICAS



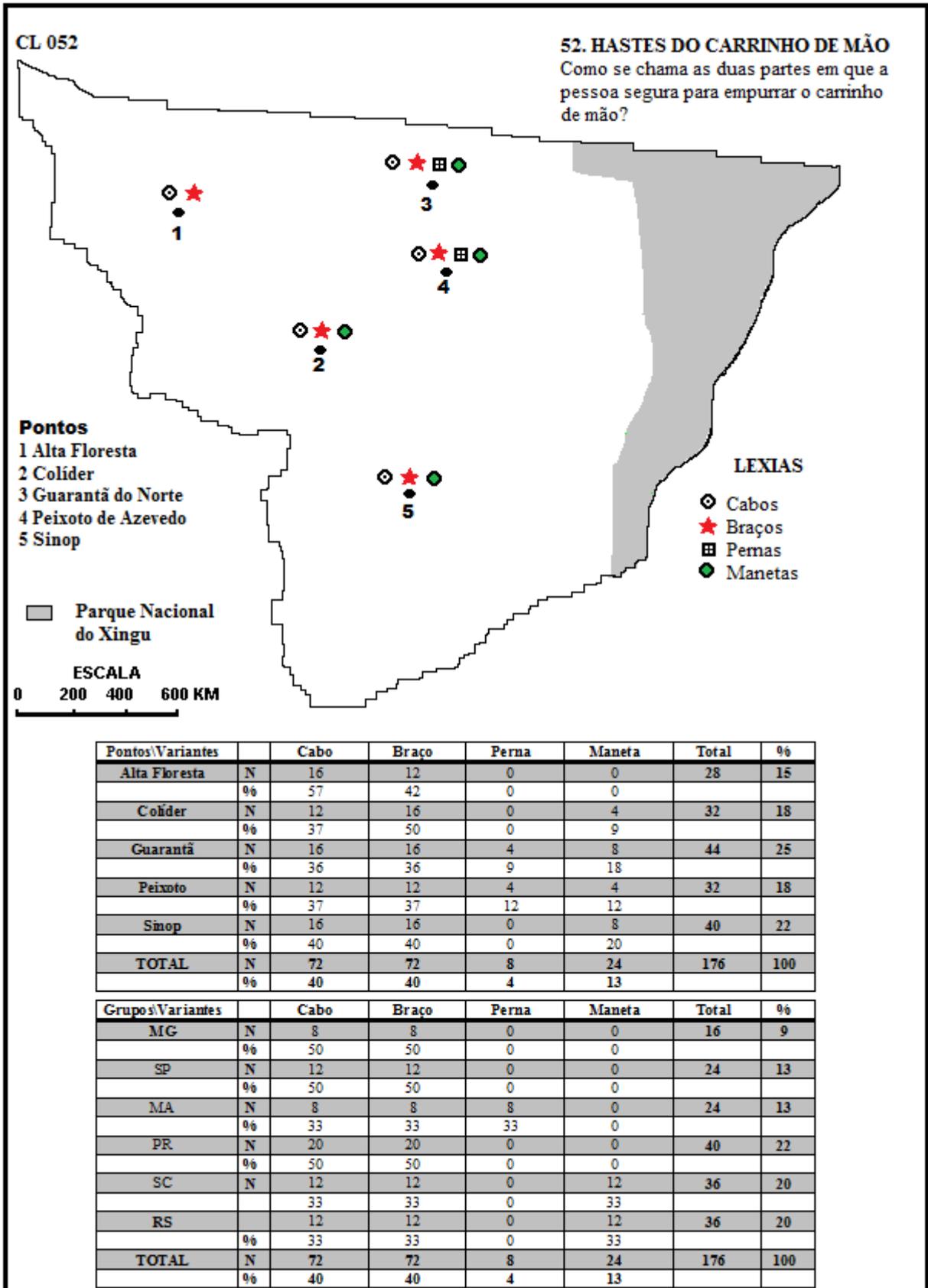
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT -
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINÂMICAS



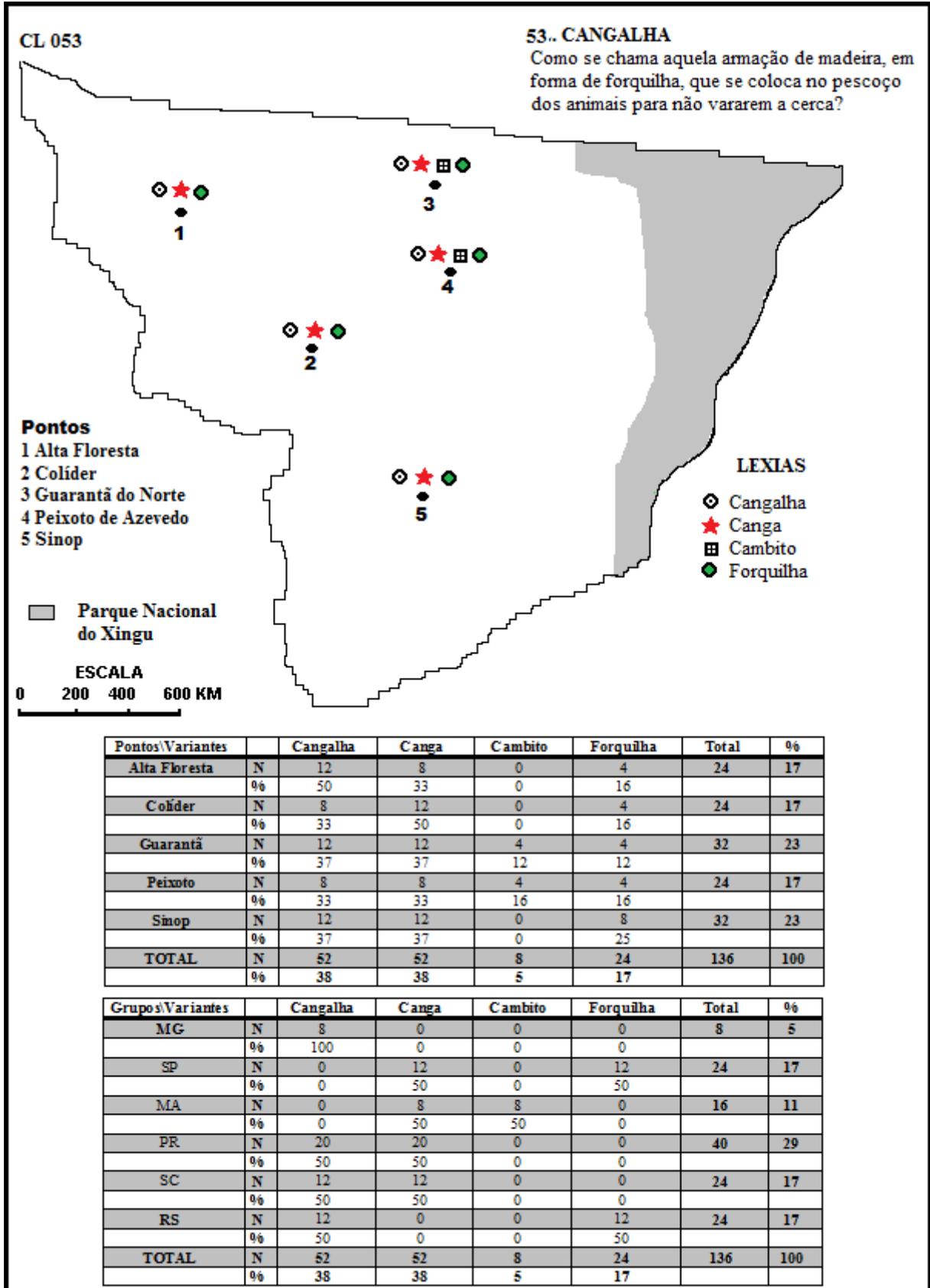
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT -
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINÂMICAS



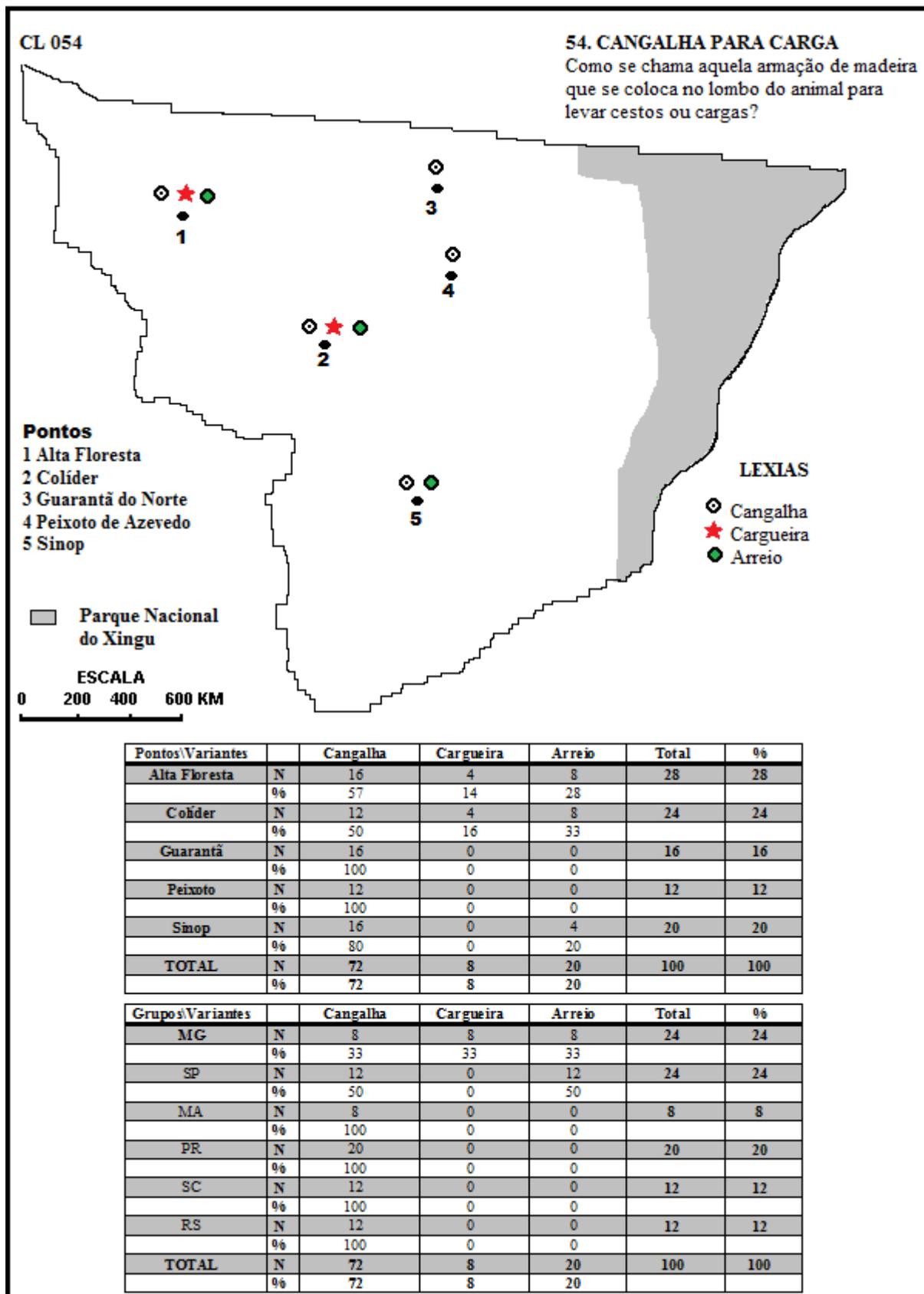
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT - SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINÂMICAS



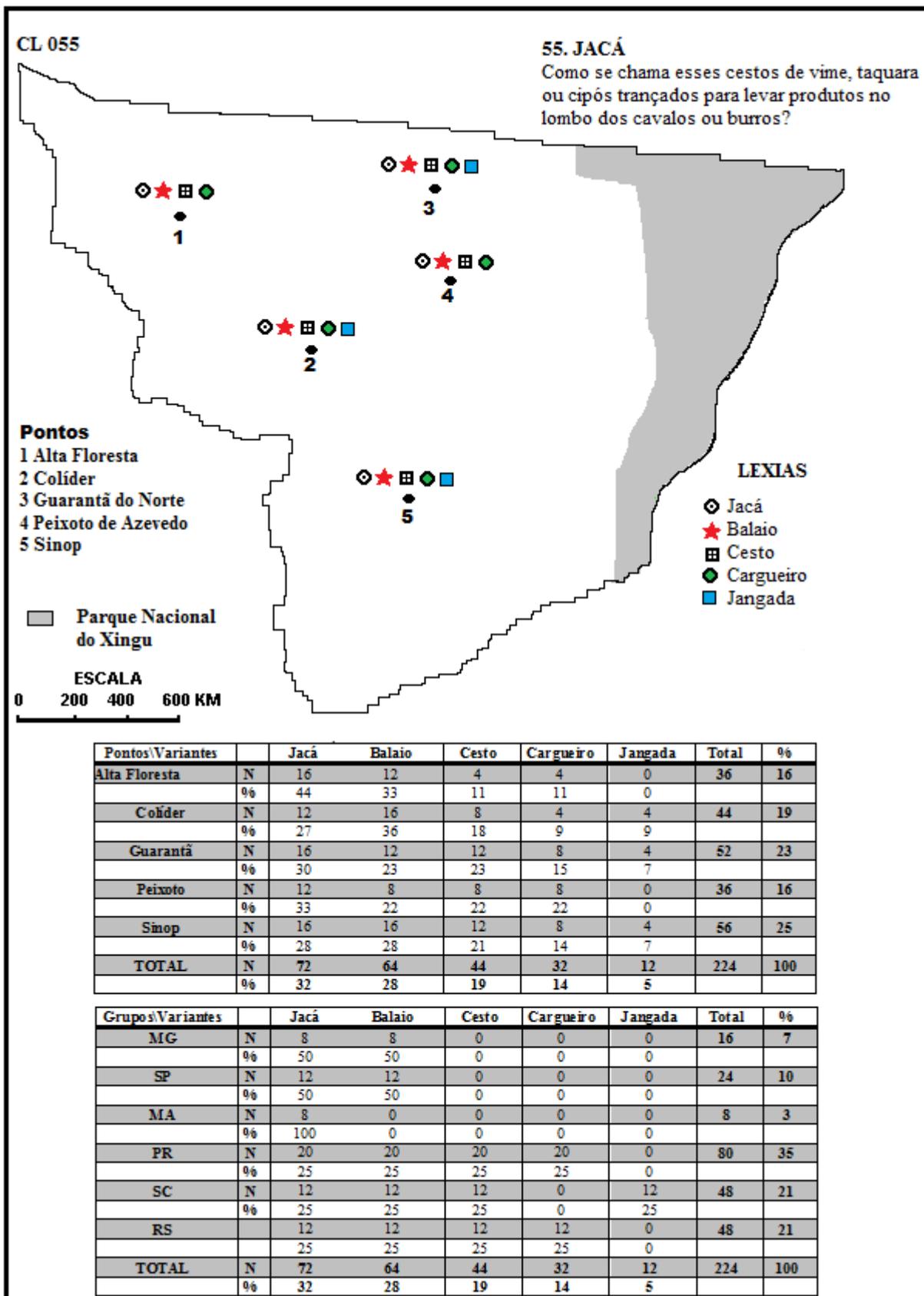
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT - SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINÂMICAS



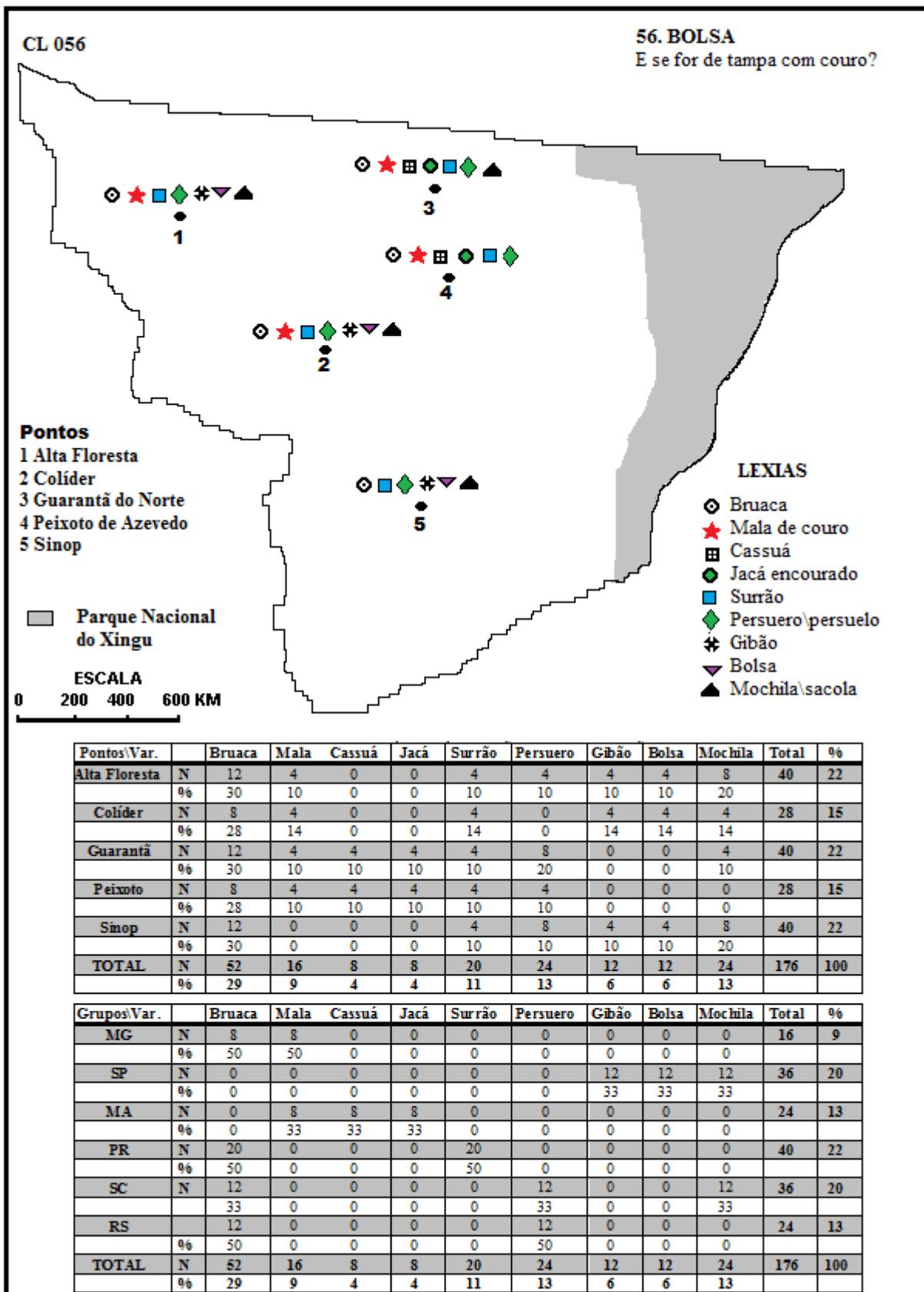
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT -
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINÂMICAS



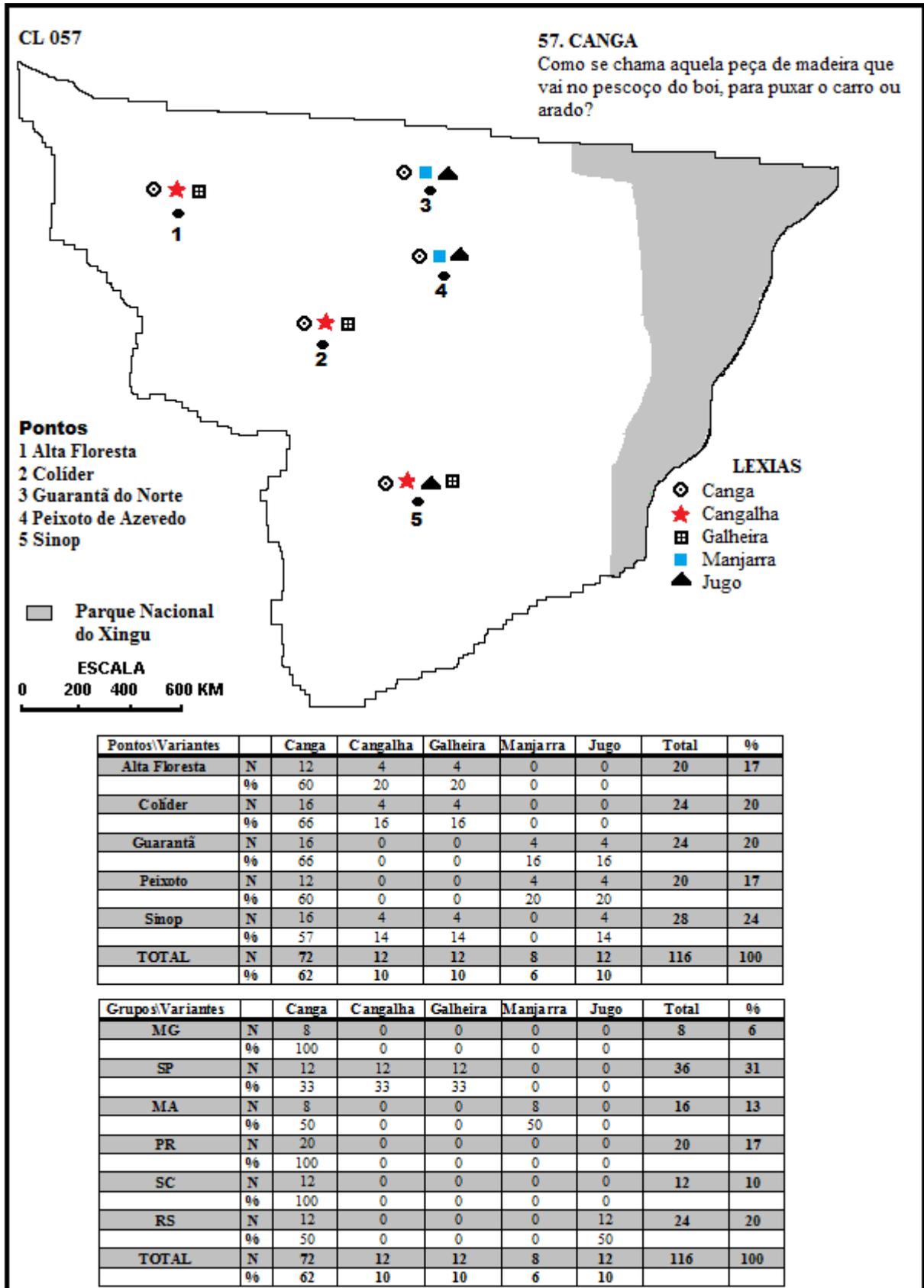
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT -
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINÂMICAS



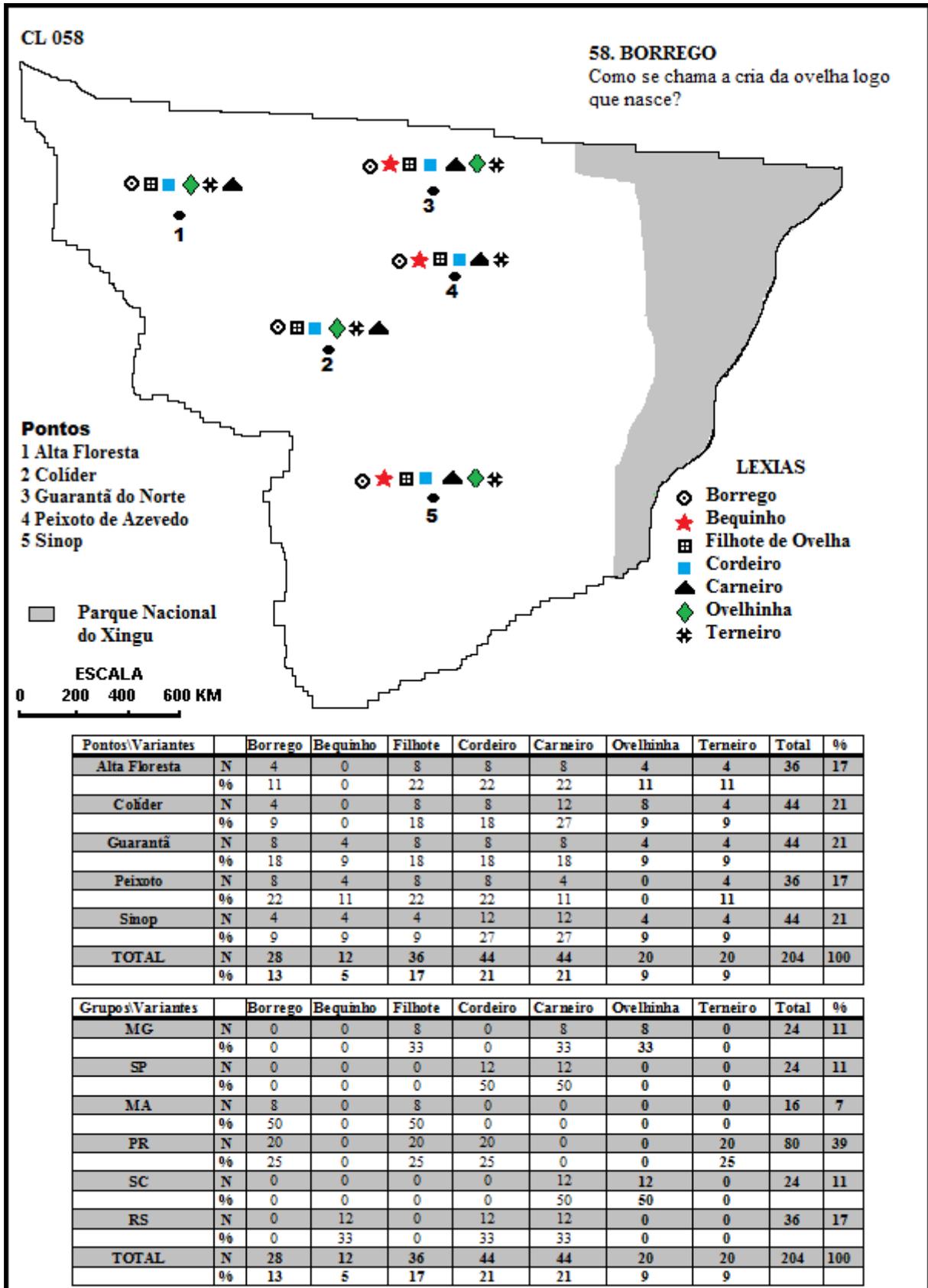
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT -
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINÂMICAS



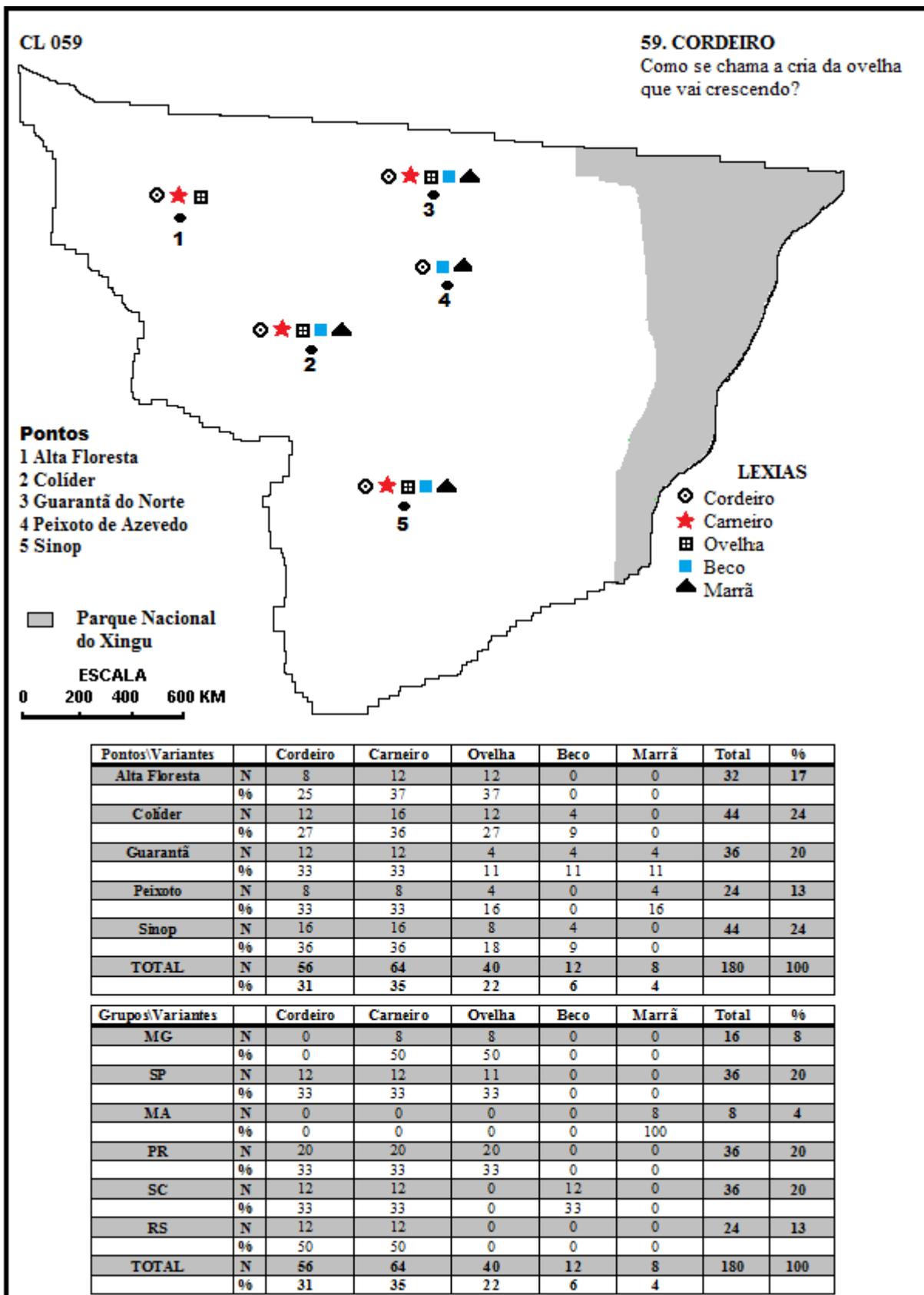
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT - SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINÂMICAS



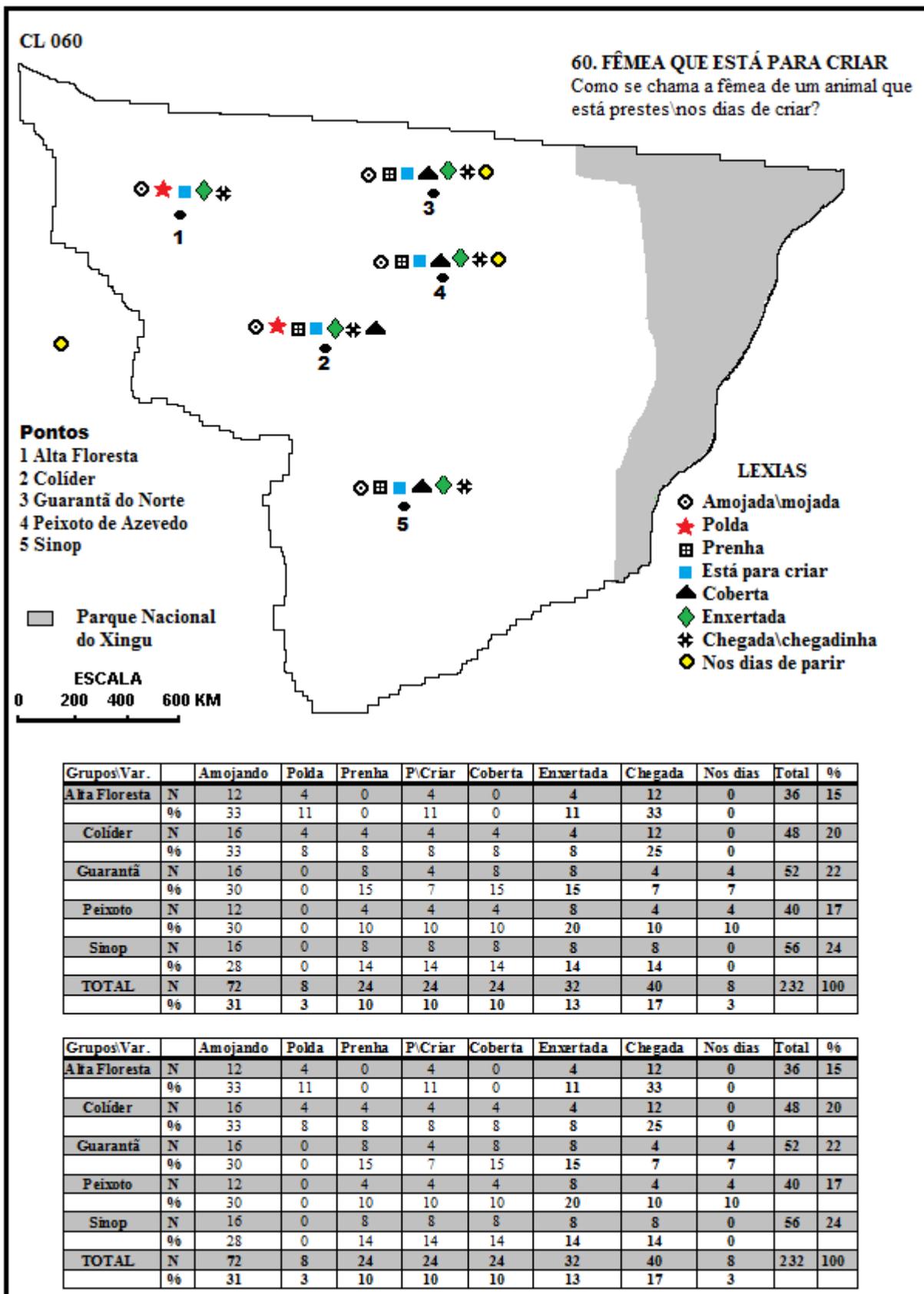
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT -
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINÂMICAS



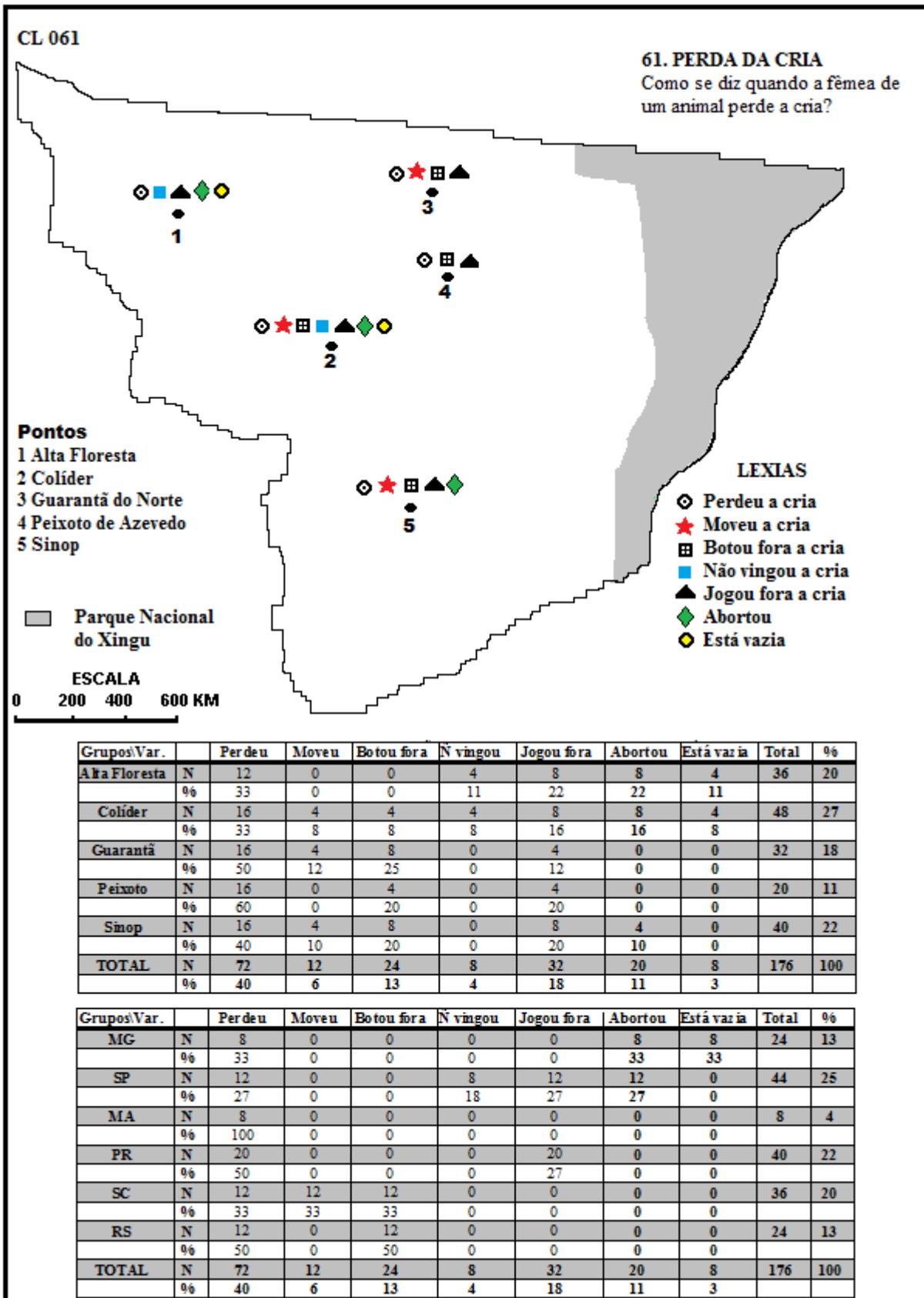
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT -
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINÂMICAS



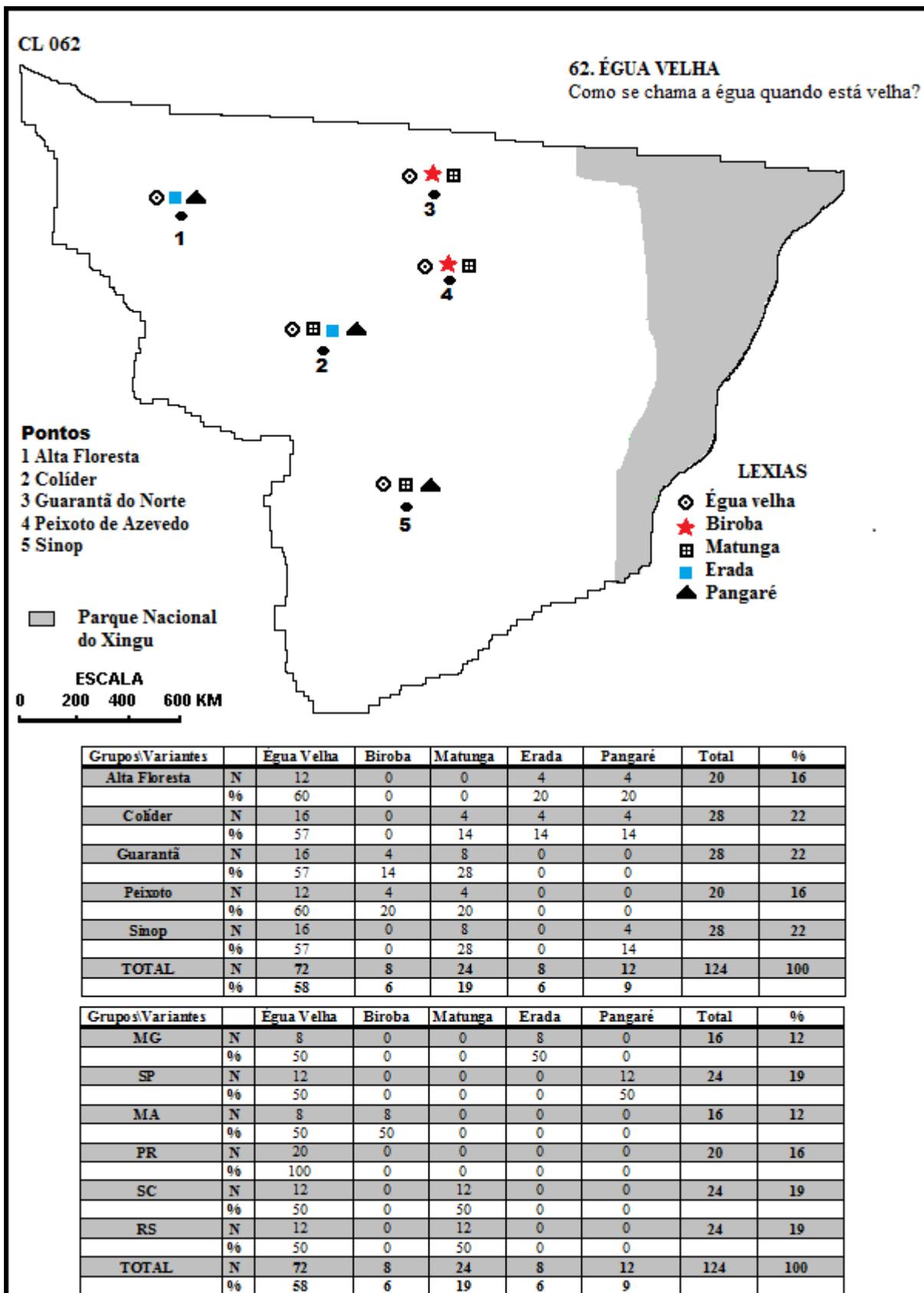
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT - SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINÂMICAS



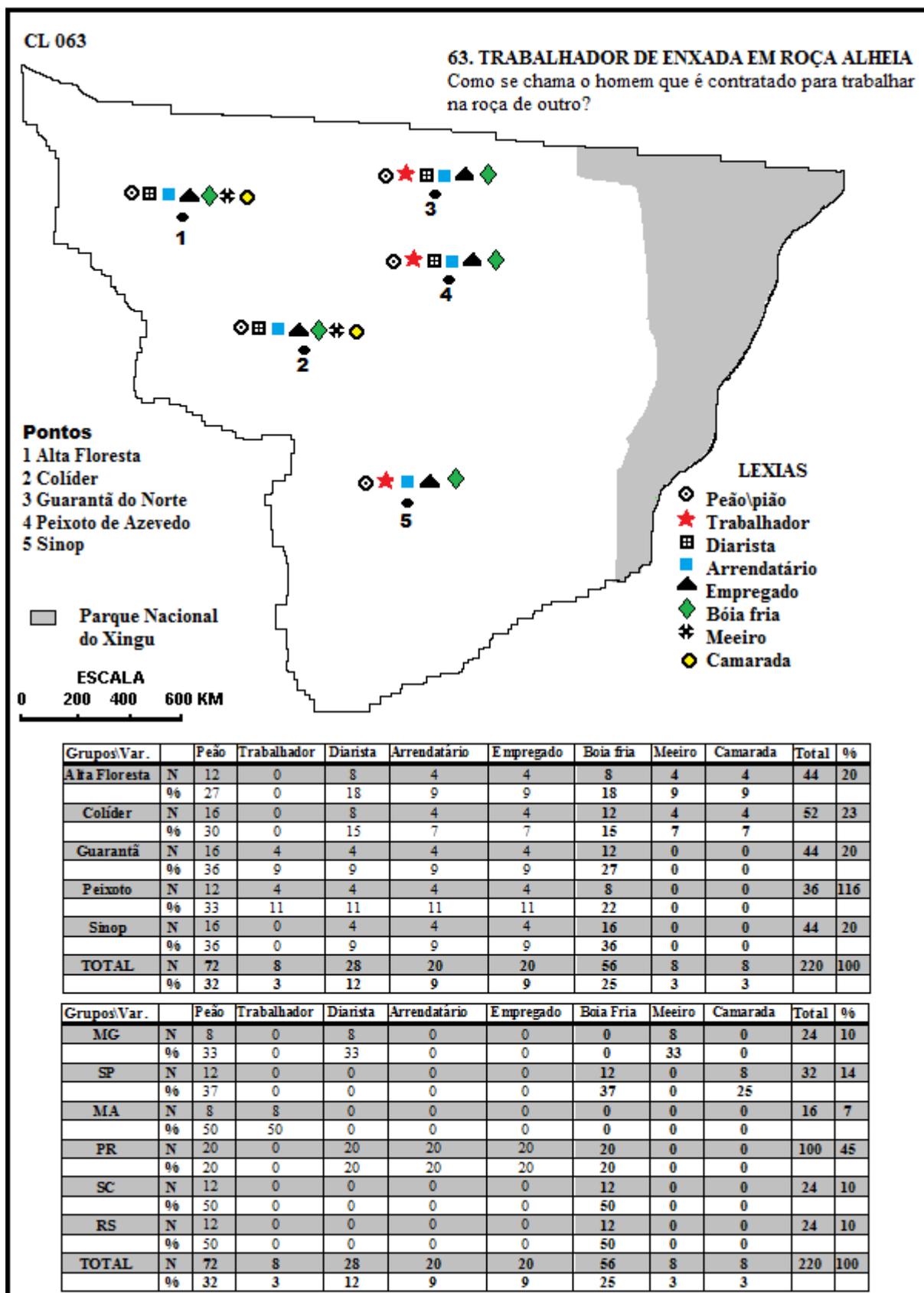
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT - SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINÂMICAS



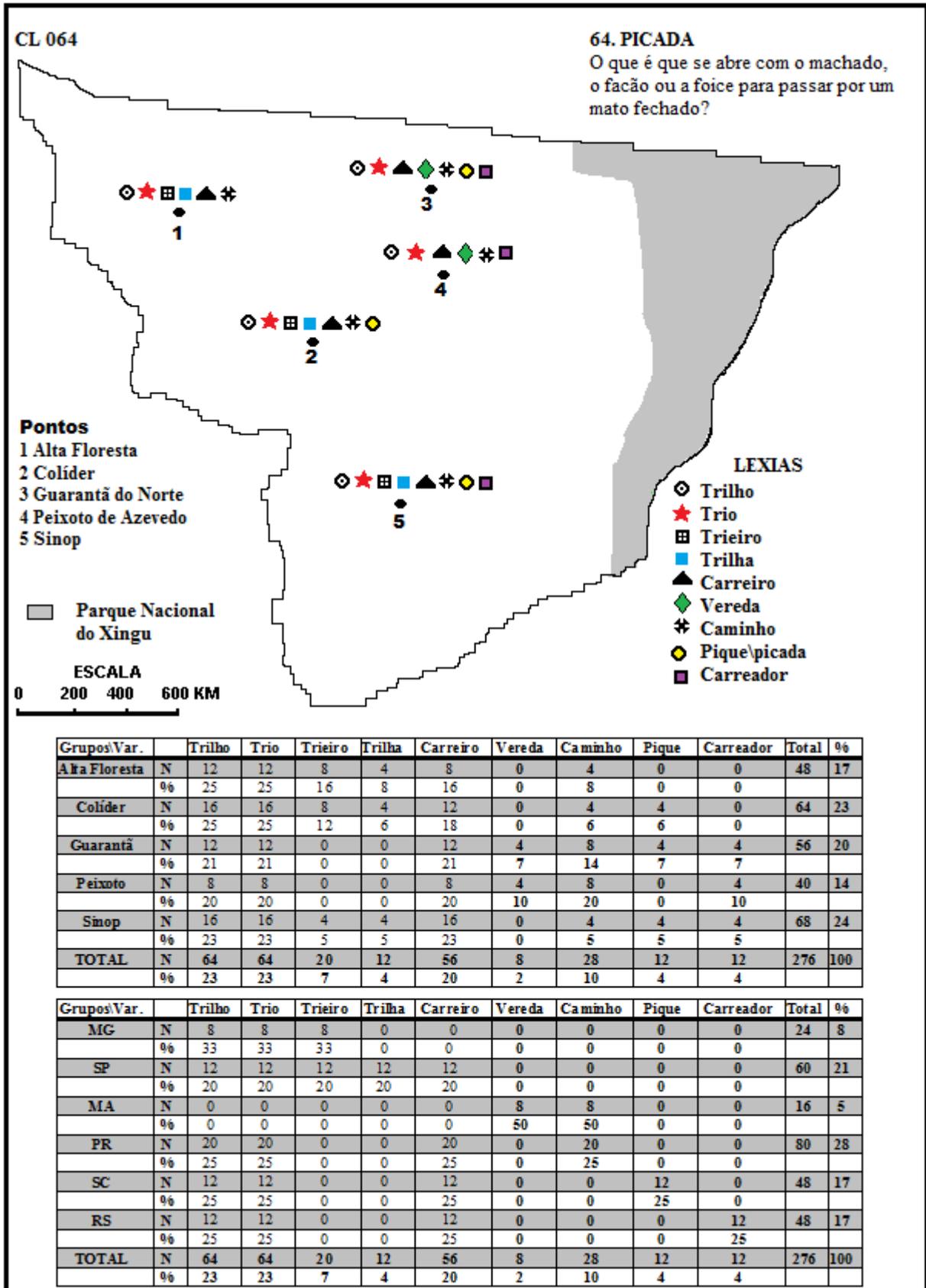
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT -
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINÂMICAS



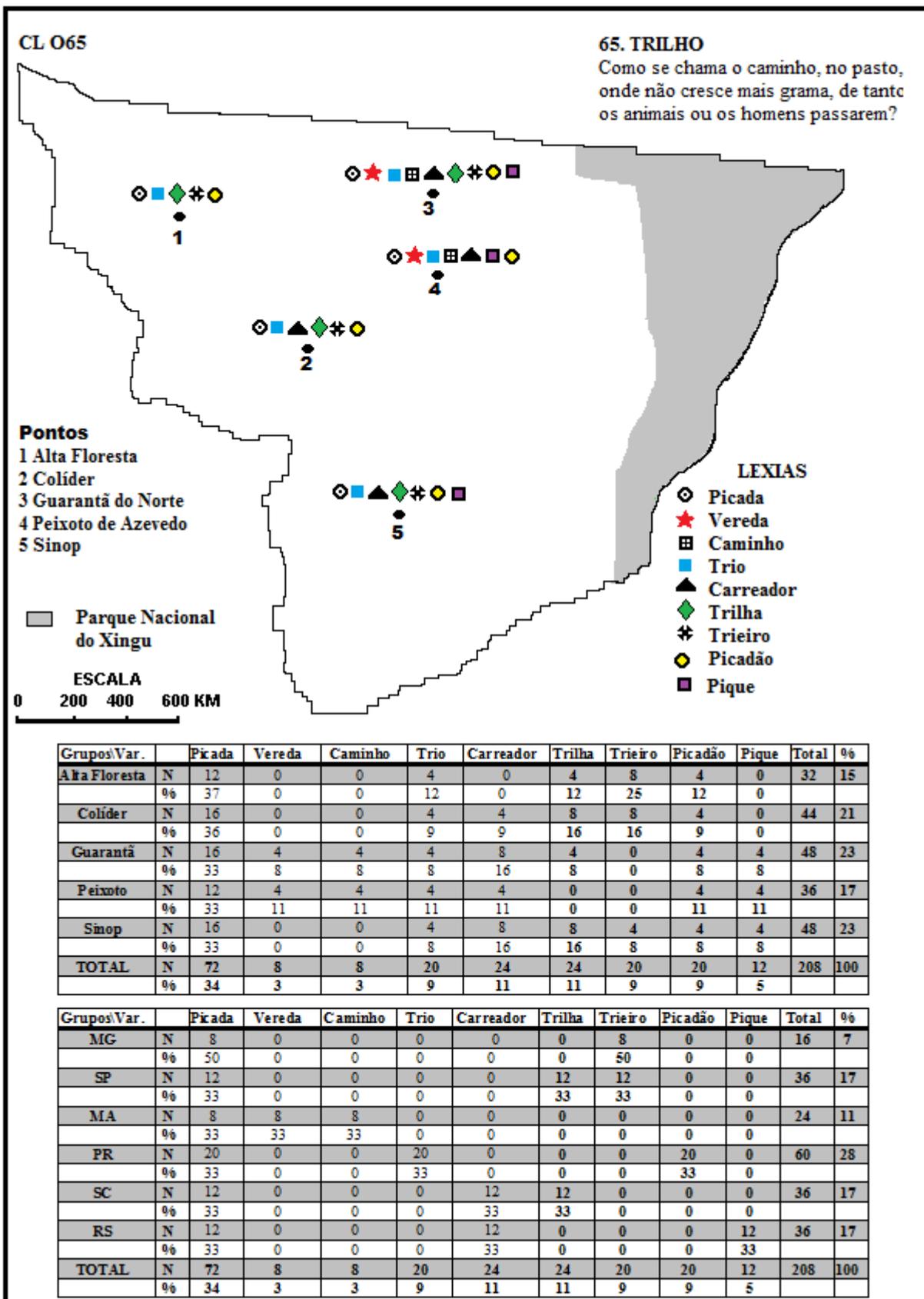
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT -
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINÂMICAS



ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT - SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINÂMICAS



ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT - SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINÂMICAS



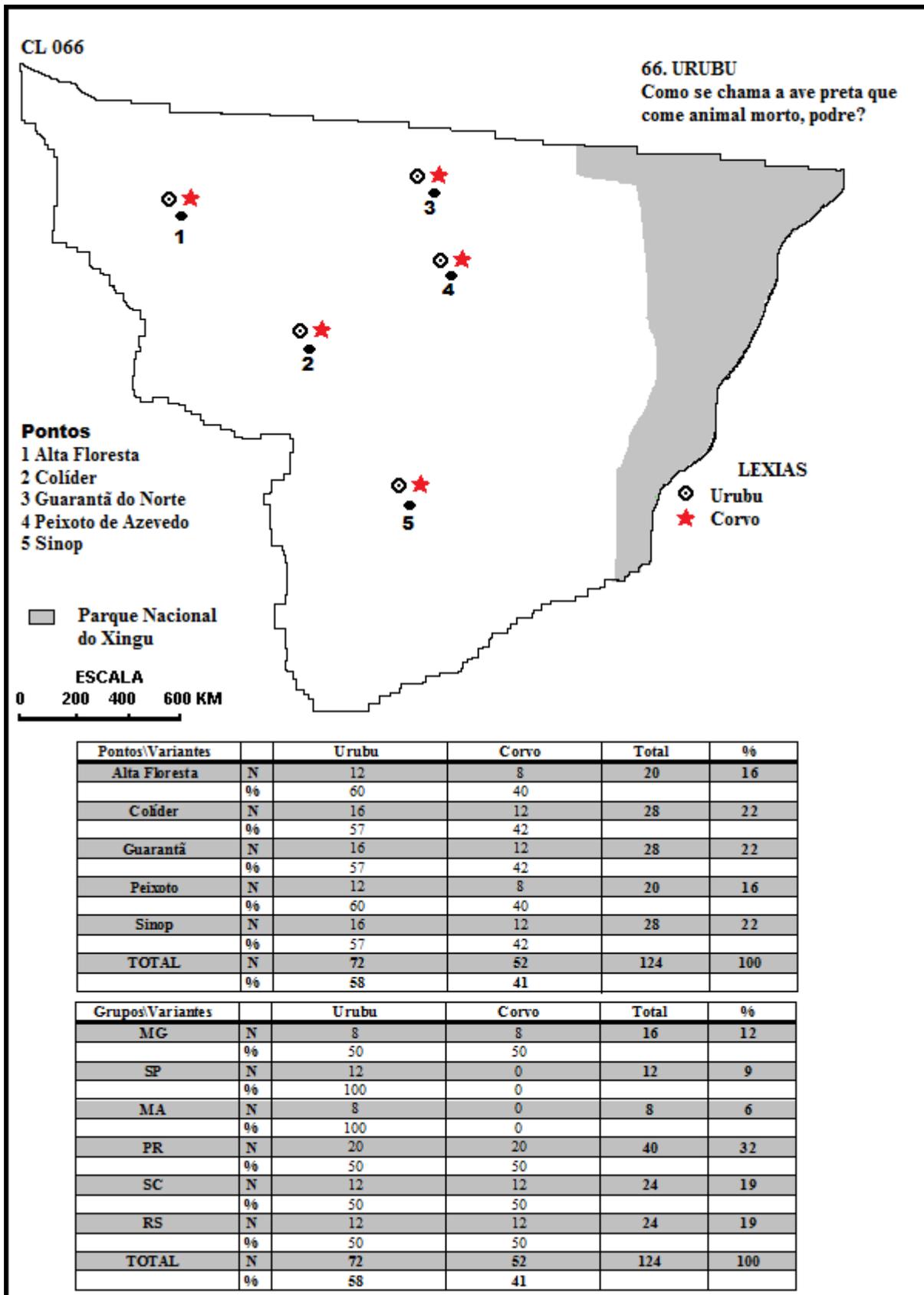
**ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT -
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINÂMICAS**

5..6 CAMPO SEMÂNTICO: *FAUNA*

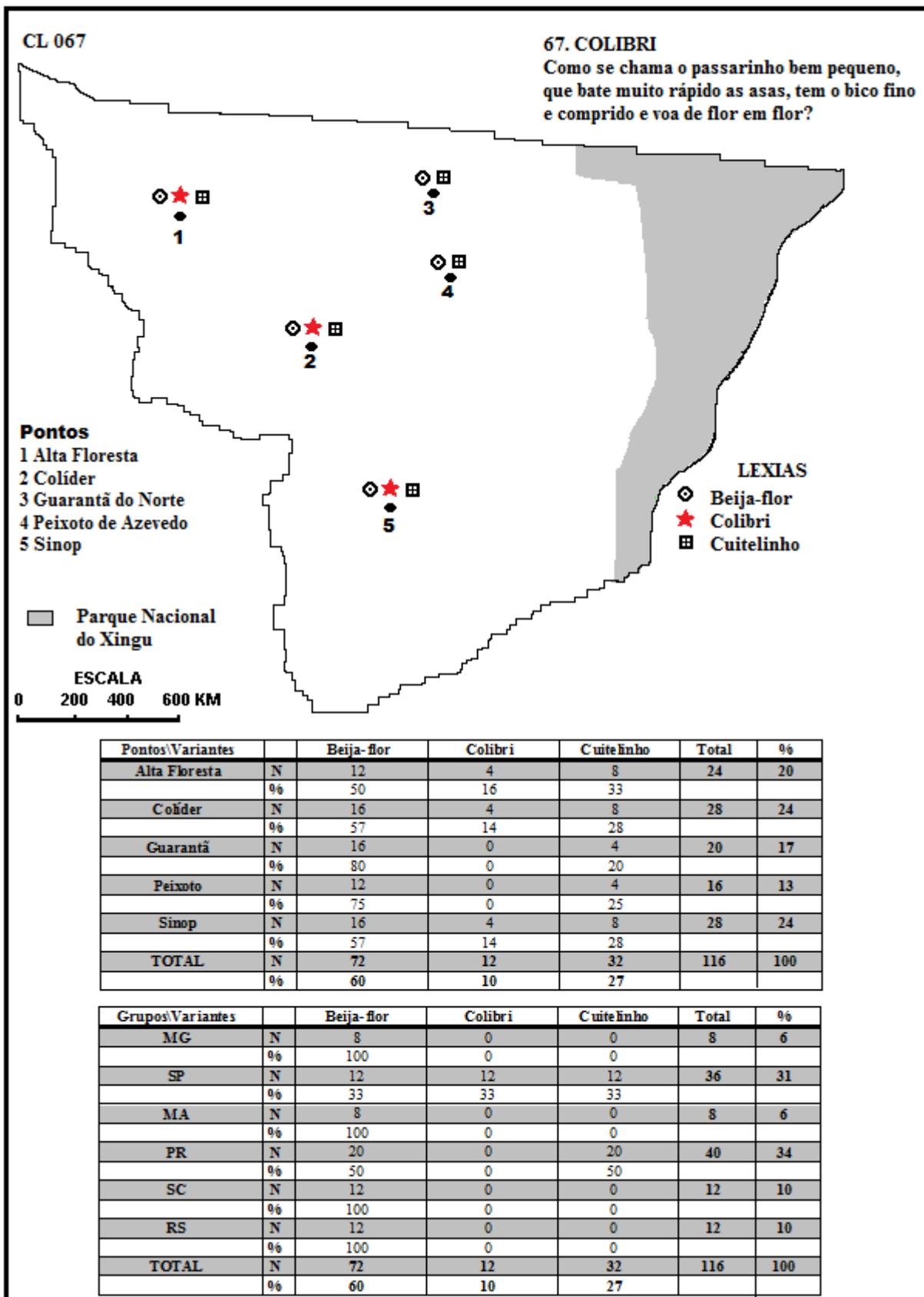
CARTOGRAMAS LINGUÍSTICAS:

- CL 066 – URUBU**
- CL 067 – COLIBRI**
- CL 068 – JOÃO-DE-BARRO**
- CL 069 – GALINHA D’ANGOLA**
- CL 070 – PAPAGAIO**
- CL 071 – SURA**
- CL 072 – COTÓ**
- CL 073 – GAMBÁ**
- CL 074 – PATAS DIANTEIRAS DO CAVALO**
- CL 075 – CRINA DO PESCOÇO**
- CL 076 – CRINA DA CAUDA**
- CL 077 – LOMBO**
- CL 078 – ANCA**
- CL 079 – CHIFRE**
- CL 080 – UM SÓ CHIFRE**
- CL 081 - CABRA SEM CHIFRES**
- CL 082 – BOI SEM CHIFRES**
- CL 083 – ÚBERE**
- CL 084 – RABO**
- CL 085 – MANCO**
- CL 086 – MOSCA VAREJEIRA**
- CL 087 – SANGUESSUGA**
- CL 088 – LIBÉLULA**
- CL 089 – BICHO DA FRUTA**
- CL 090 – CORÓ**
- CL 091 – PERNILONGO**

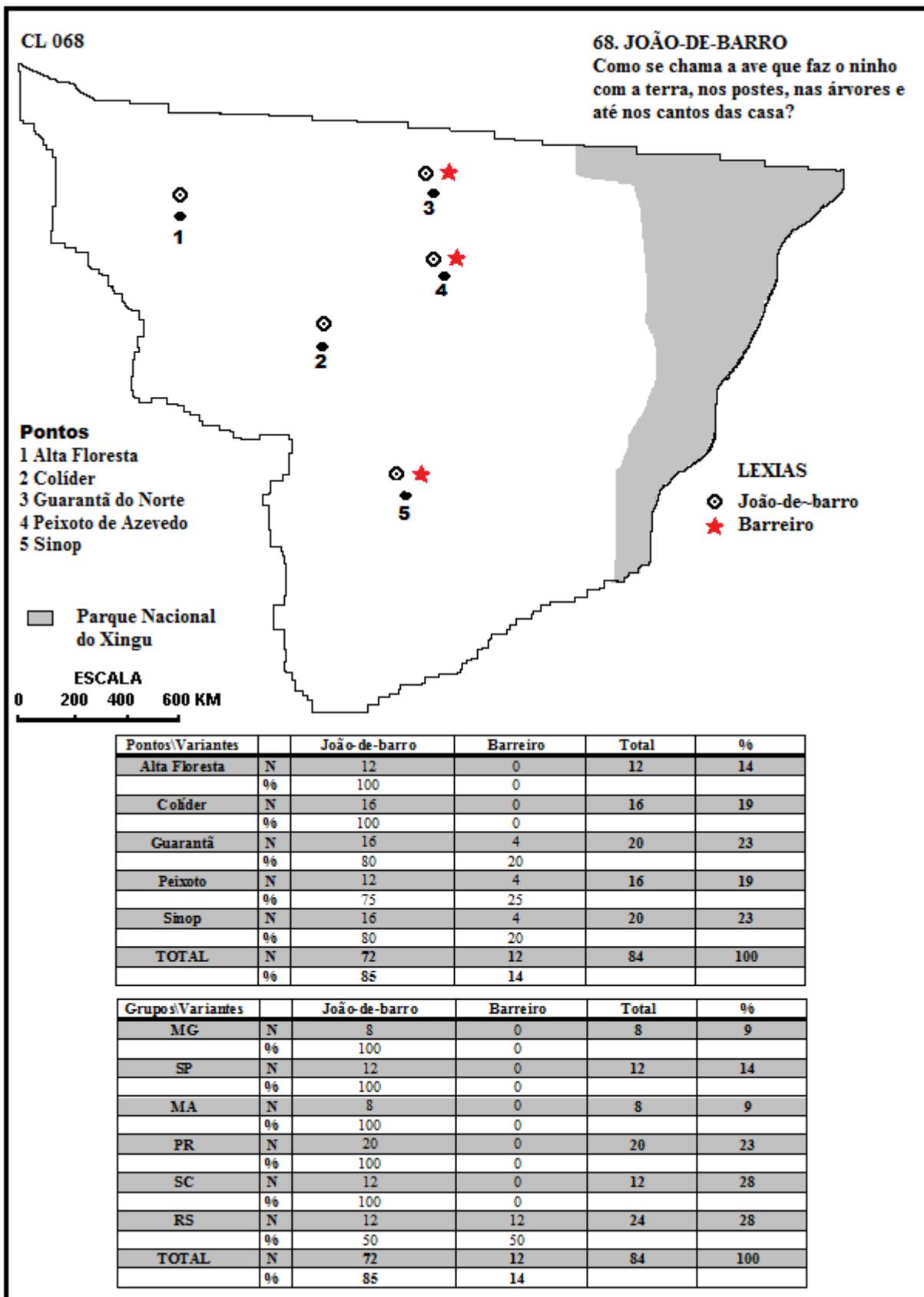
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT - SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINÂMICAS



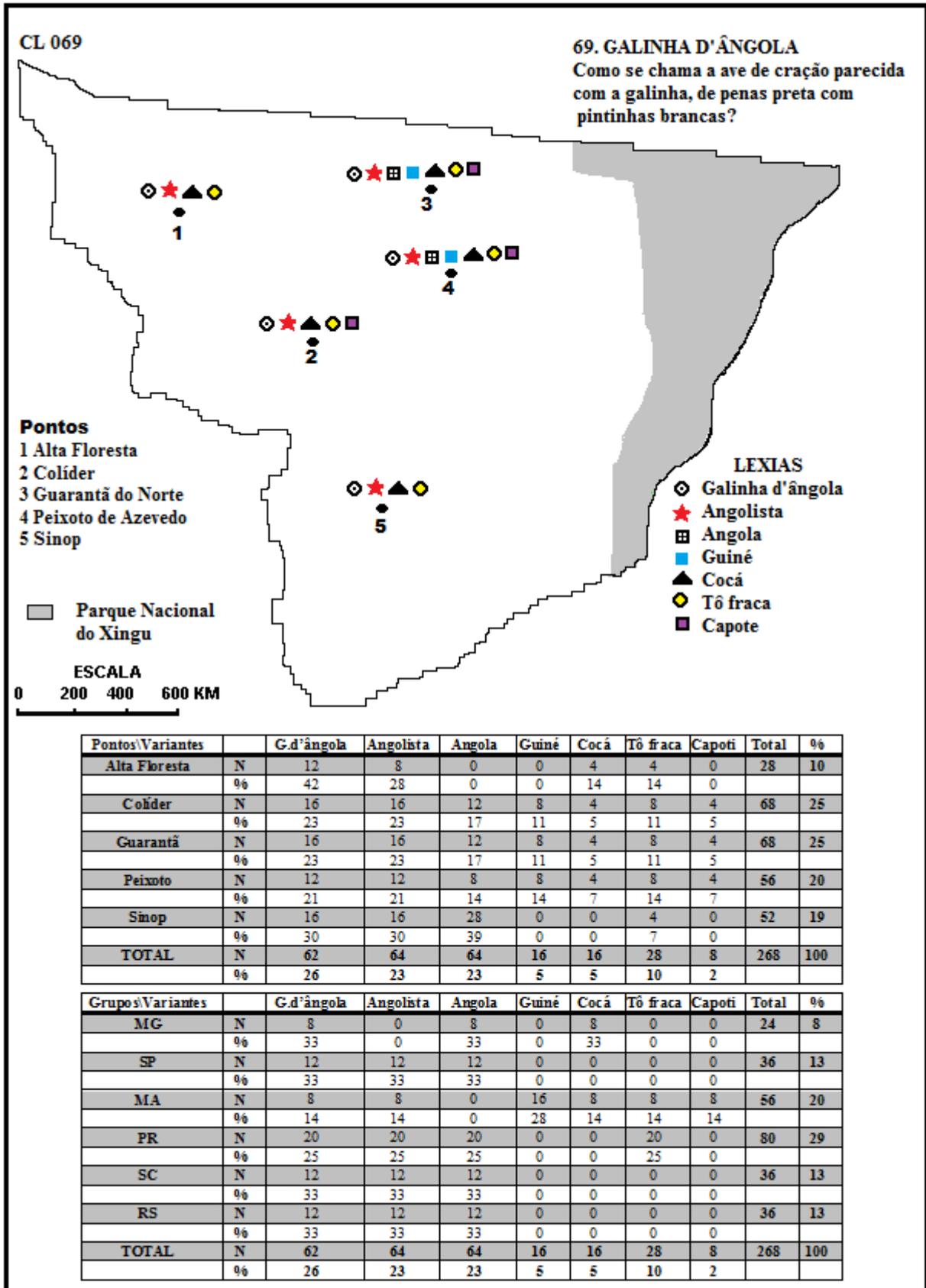
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT -
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINÂMICAS



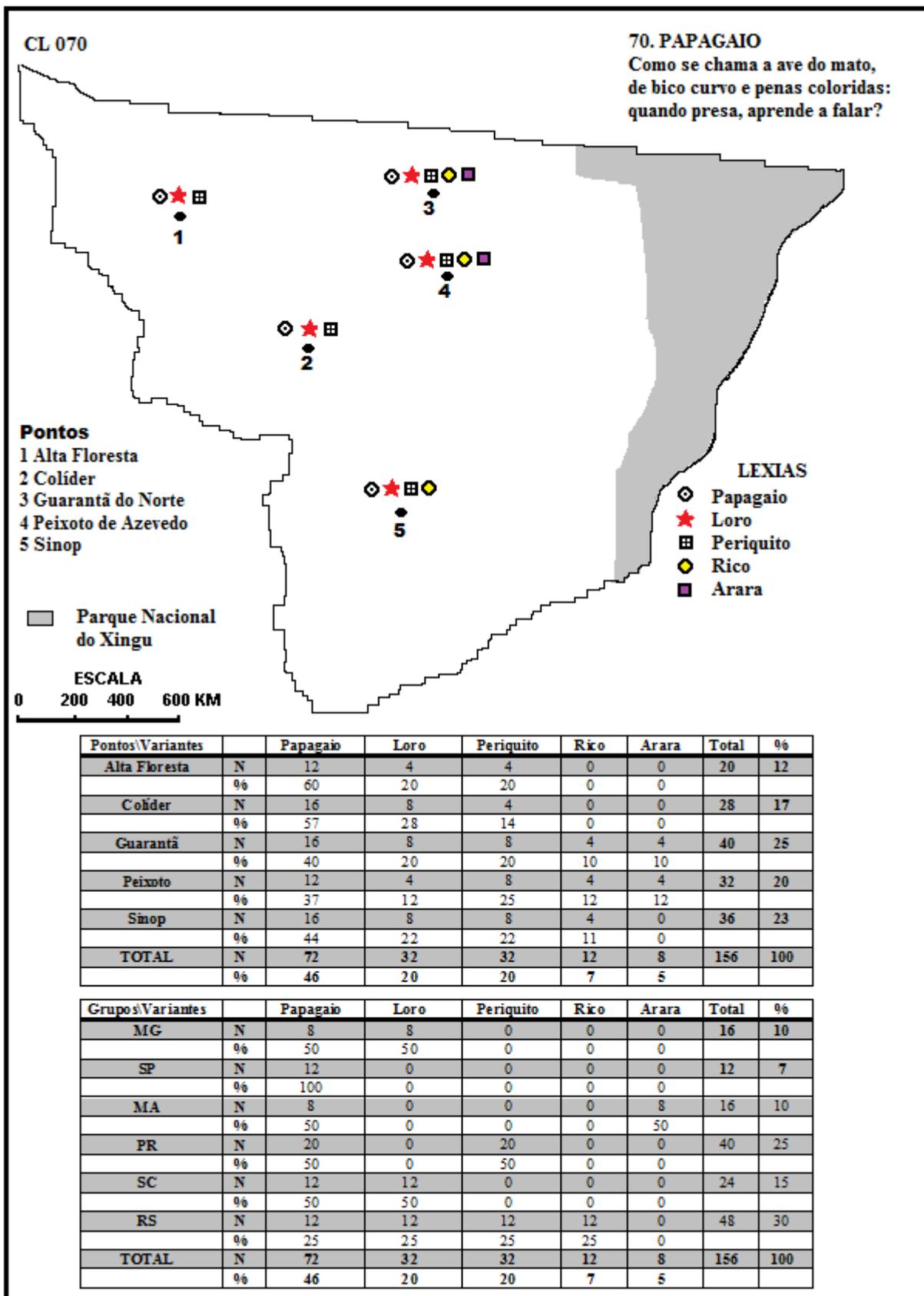
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT -
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINÂMICAS



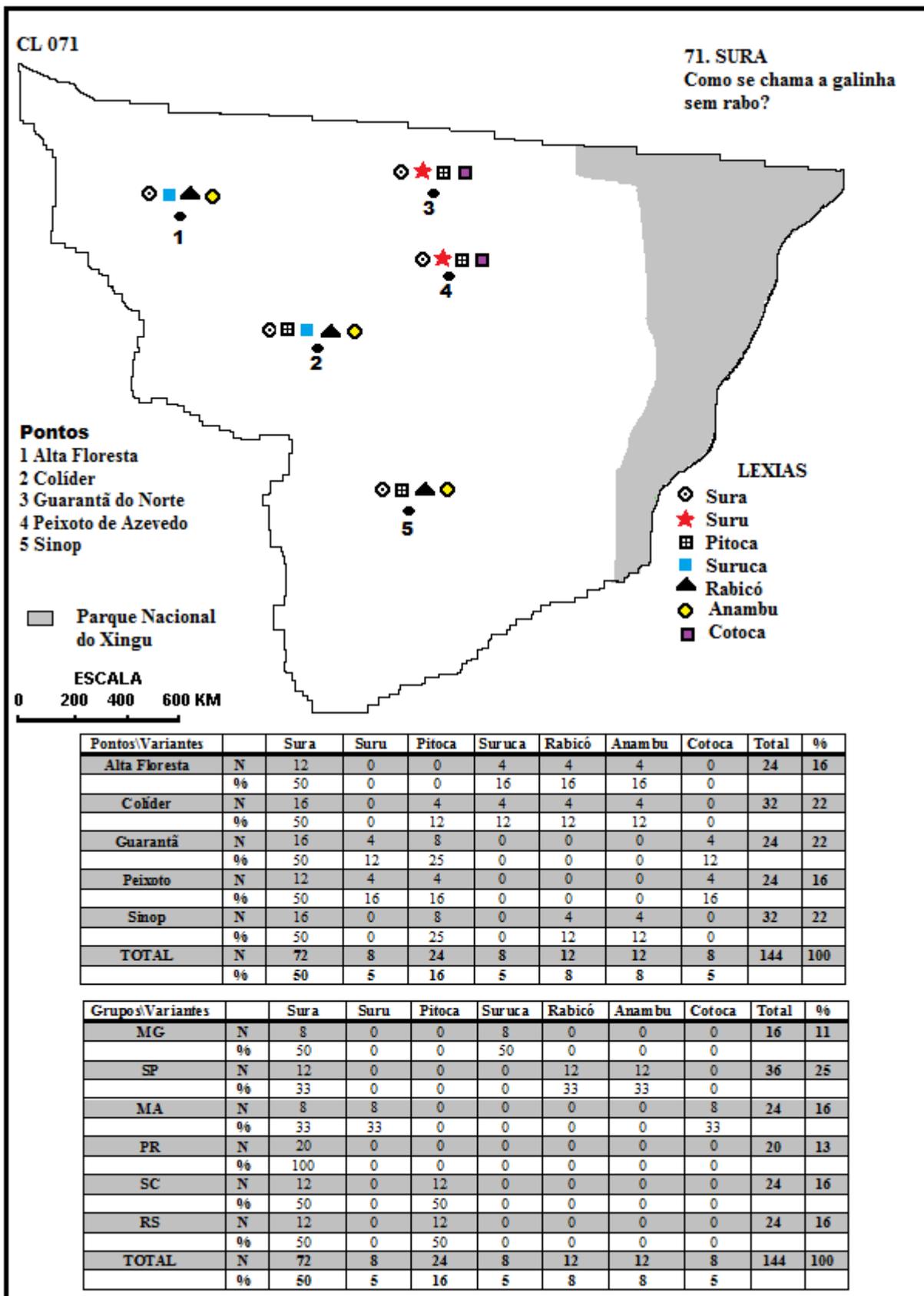
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT - SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINÂMICAS



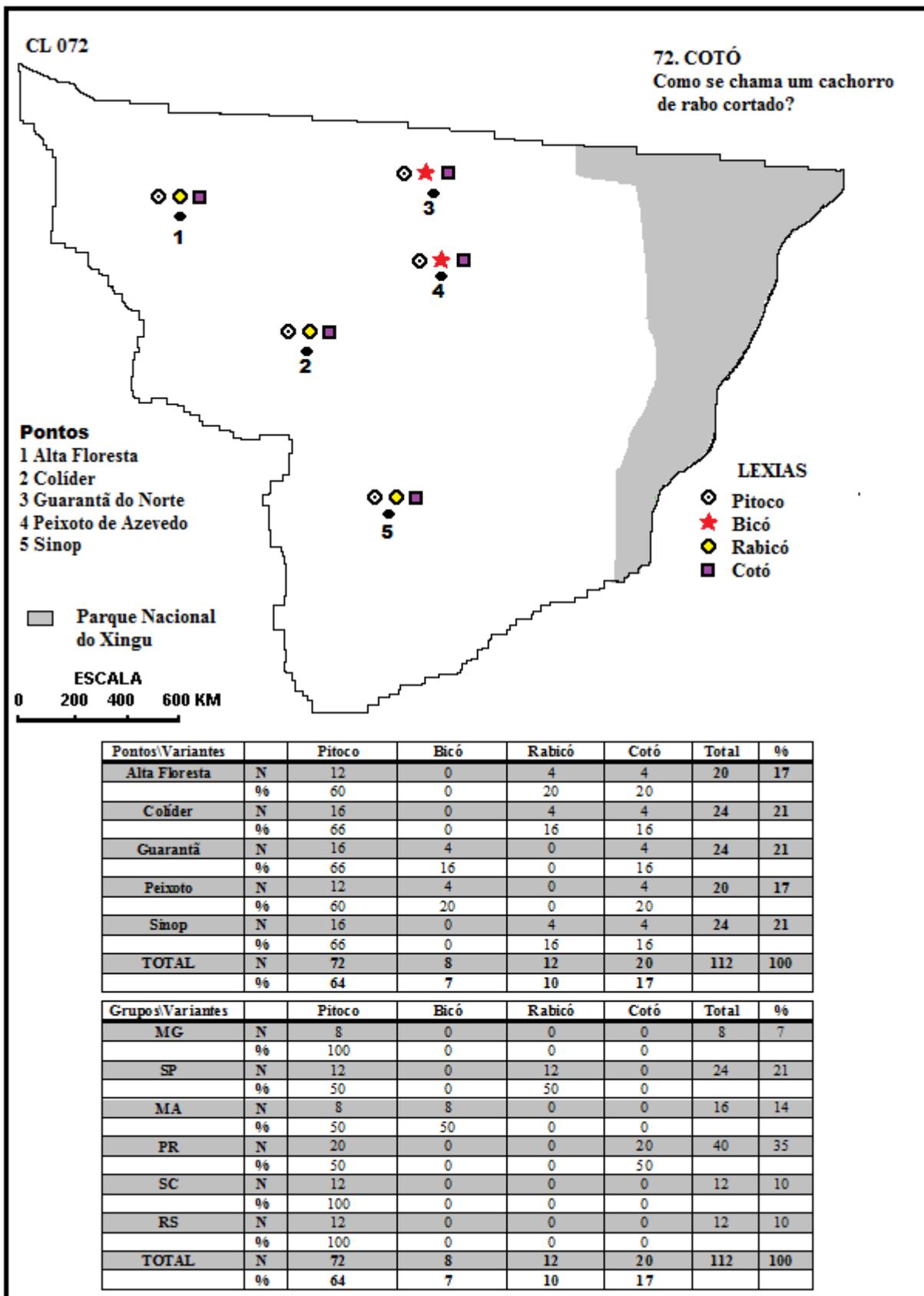
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT -
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINÂMICAS



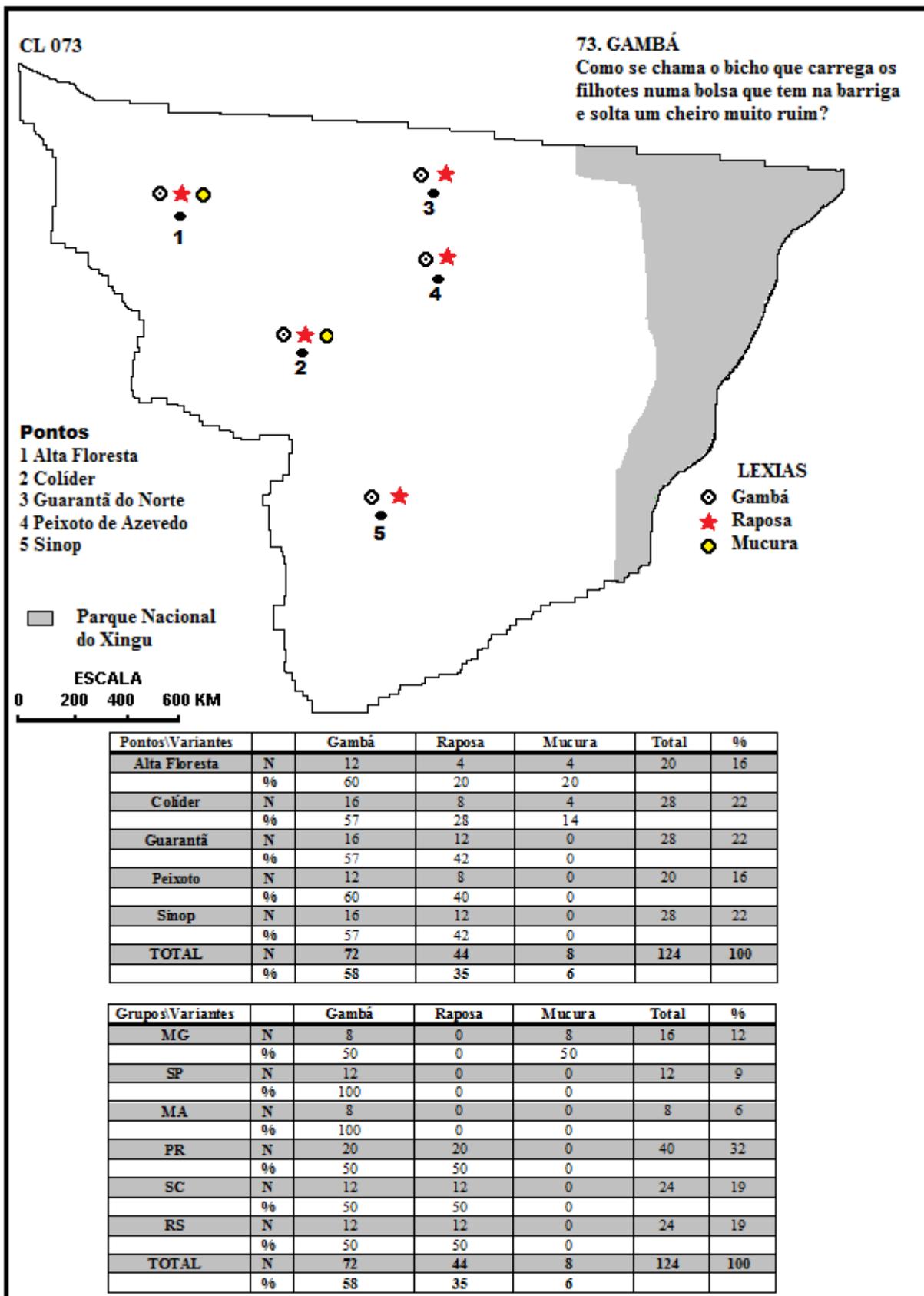
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT -
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINÂMICAS



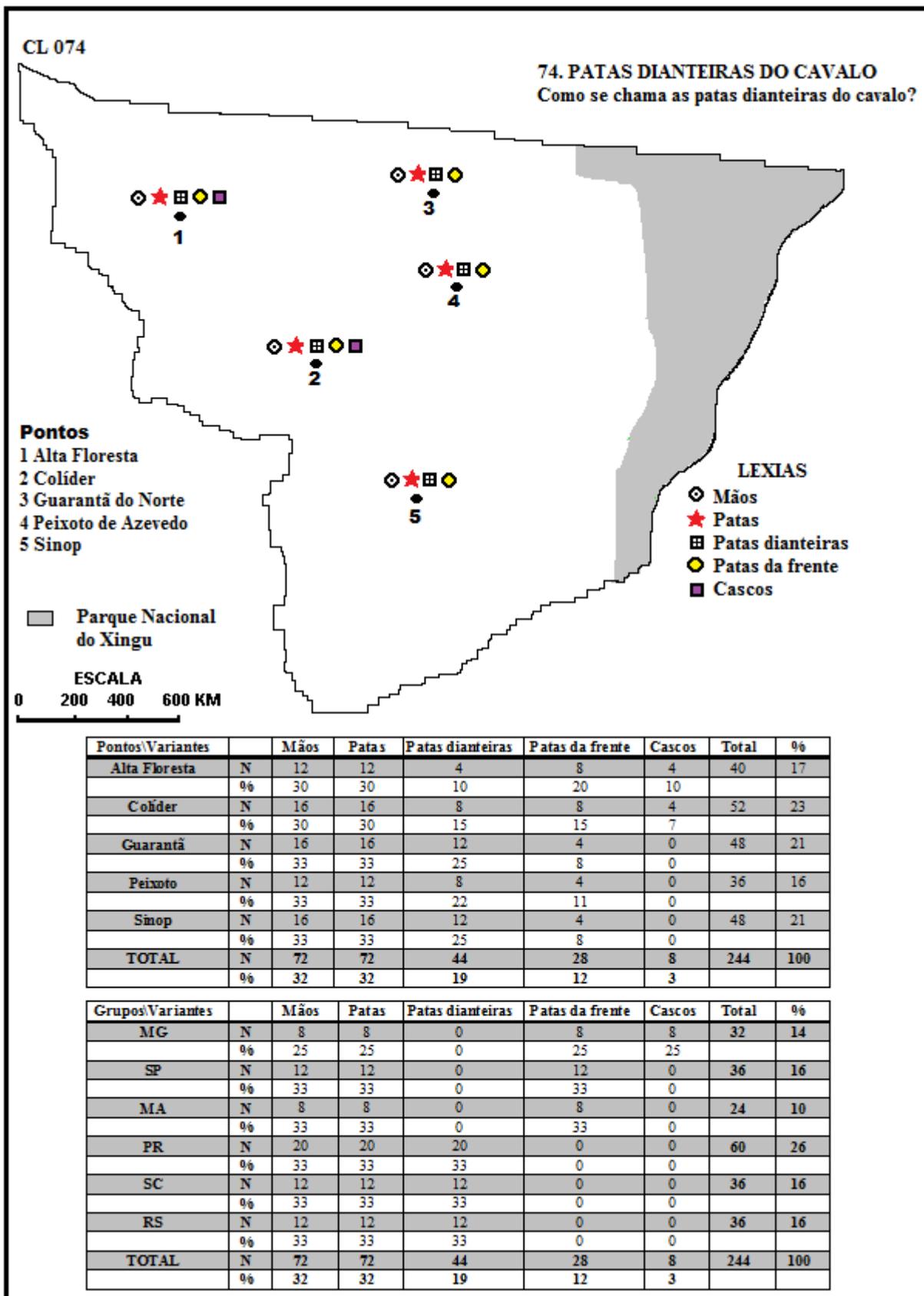
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT -
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINÂMICAS



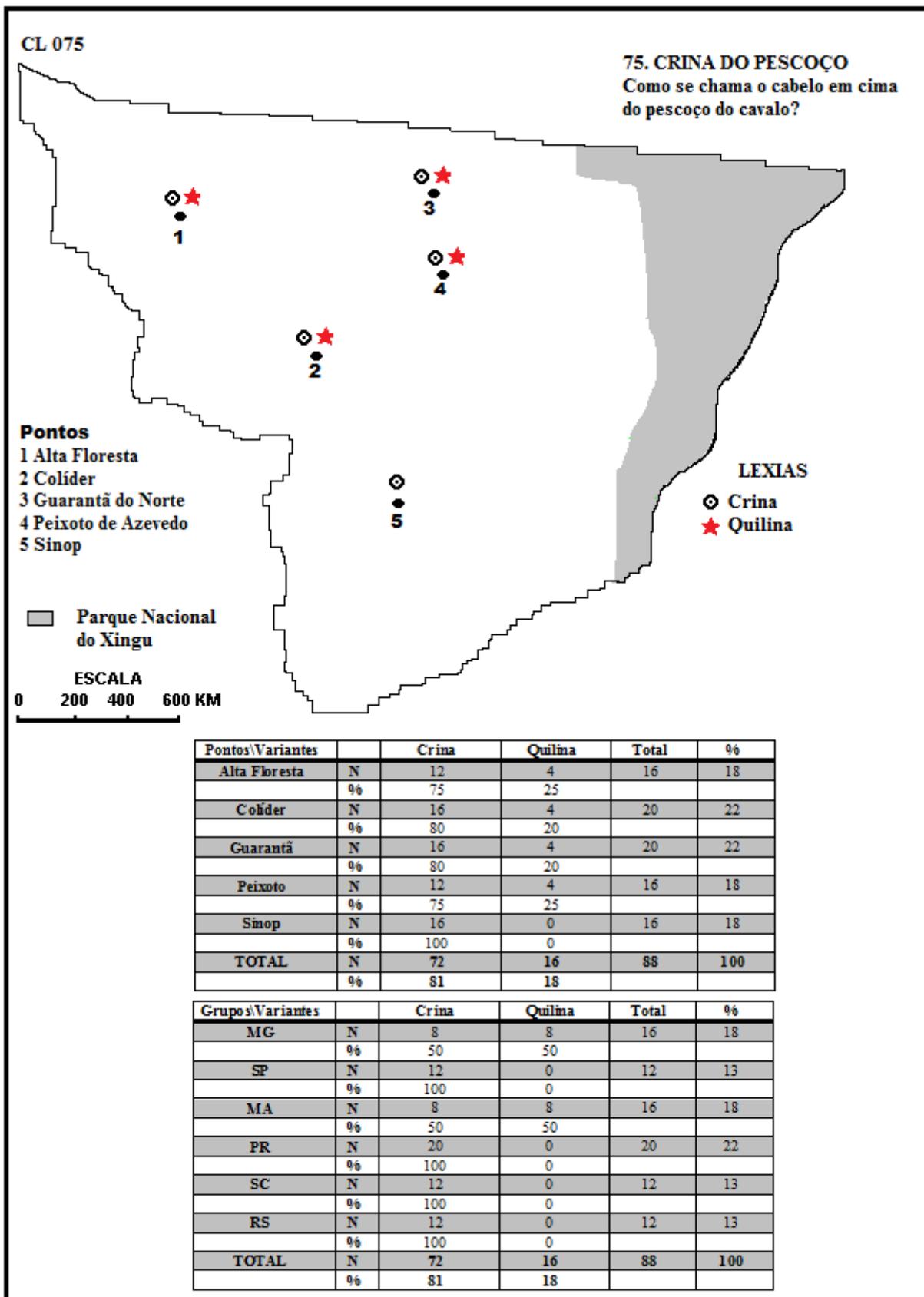
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT -
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINÂMICAS



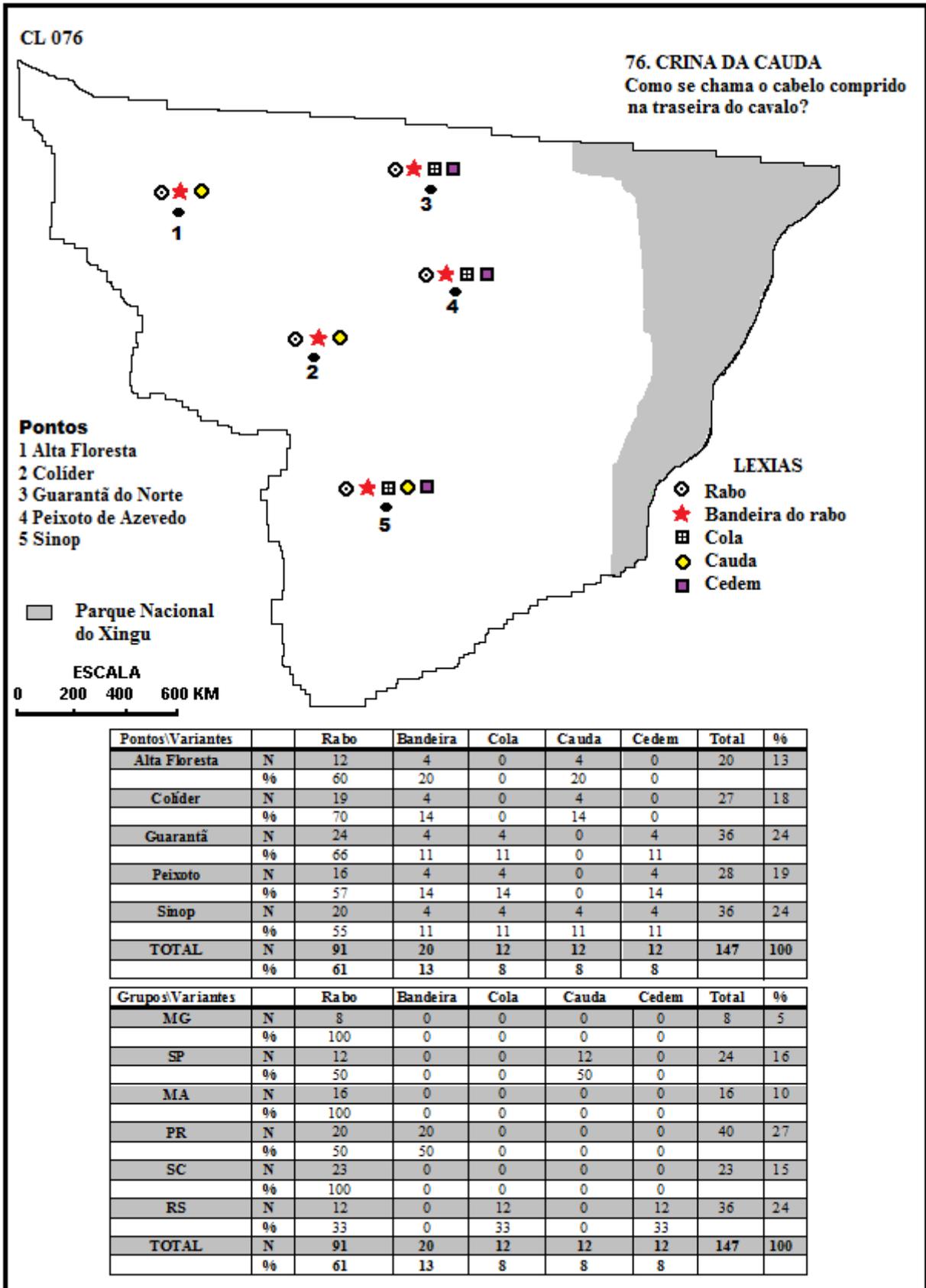
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT -
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINÂMICAS



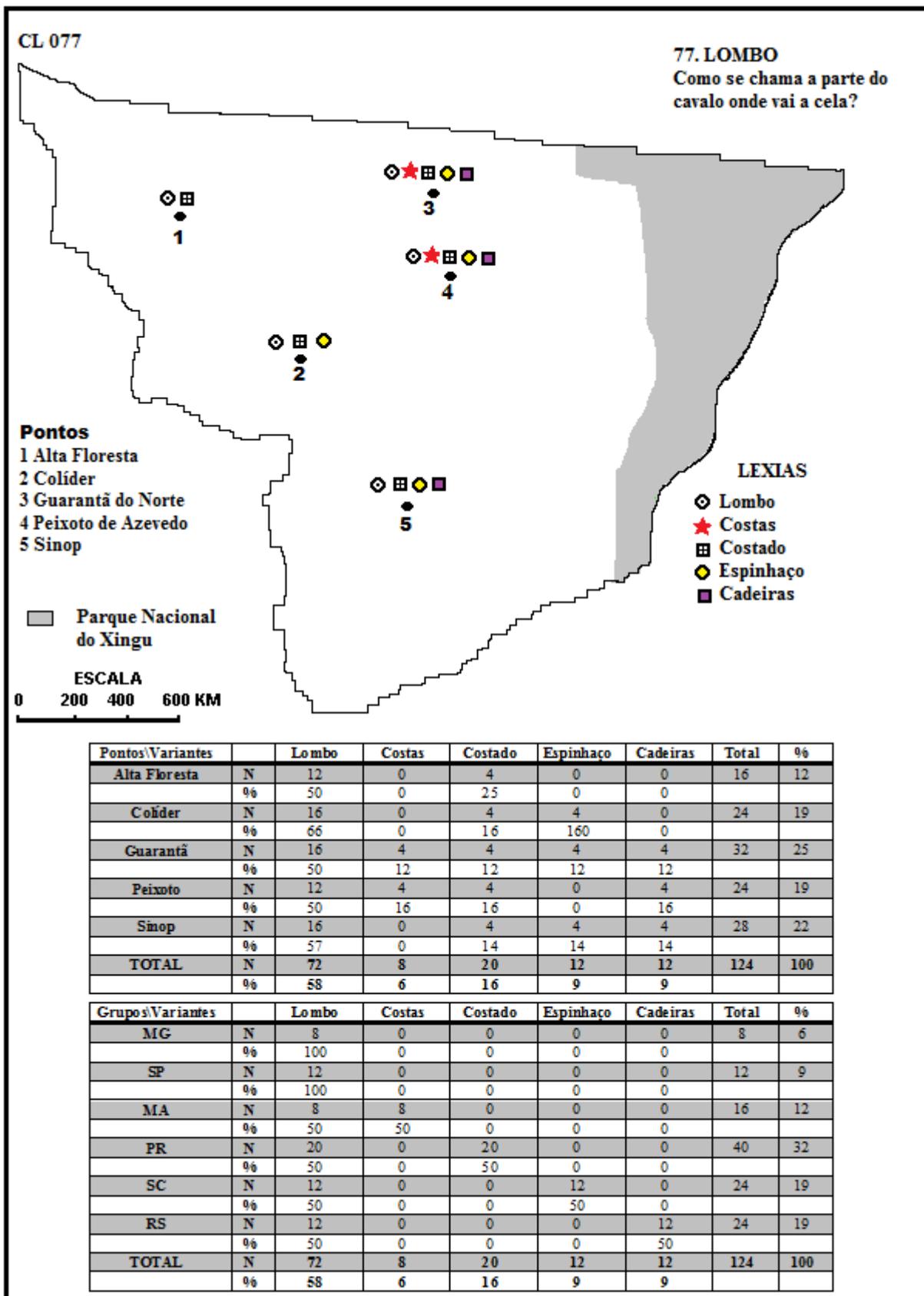
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT -
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINÂMICAS



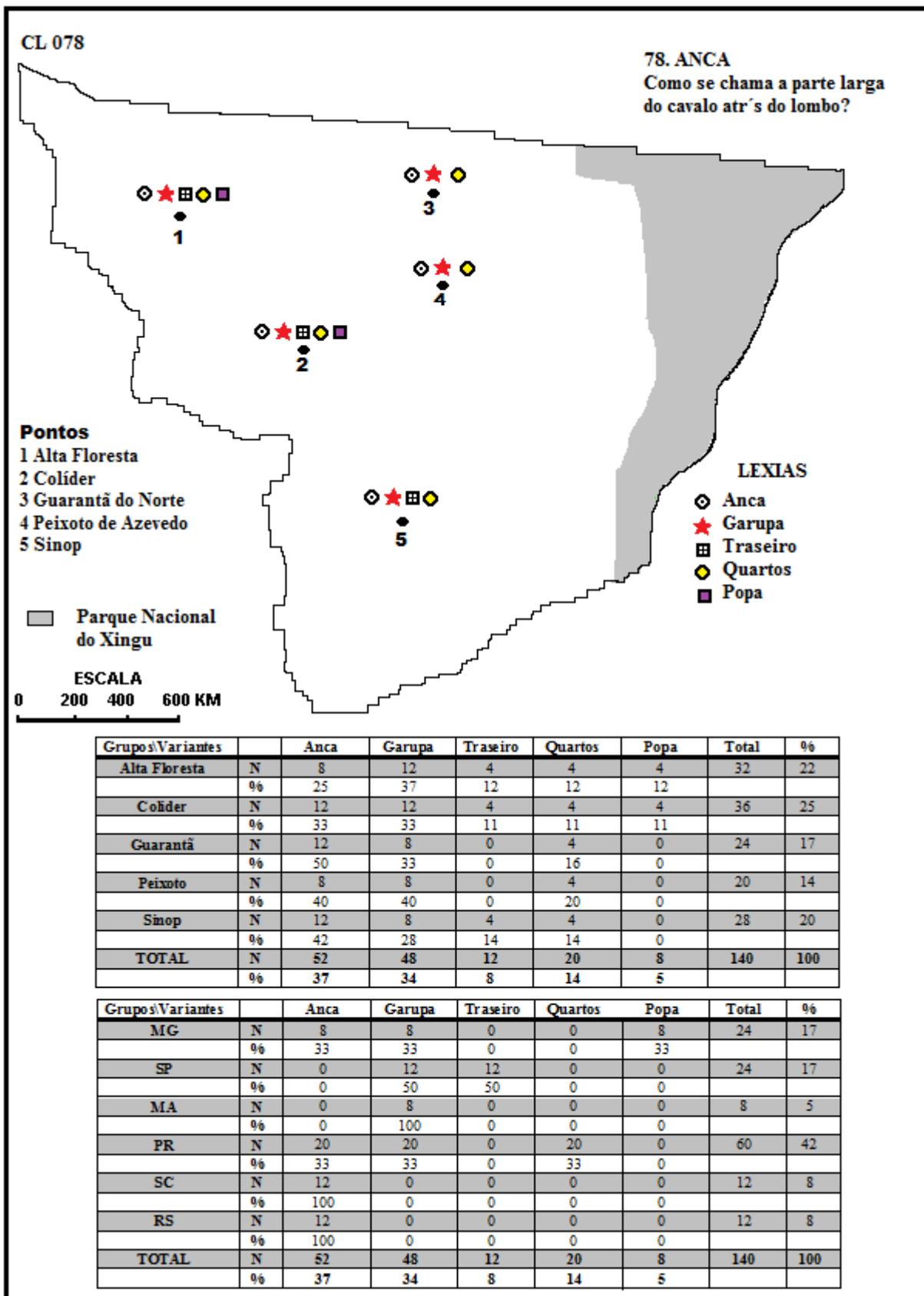
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT -
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINÂMICAS



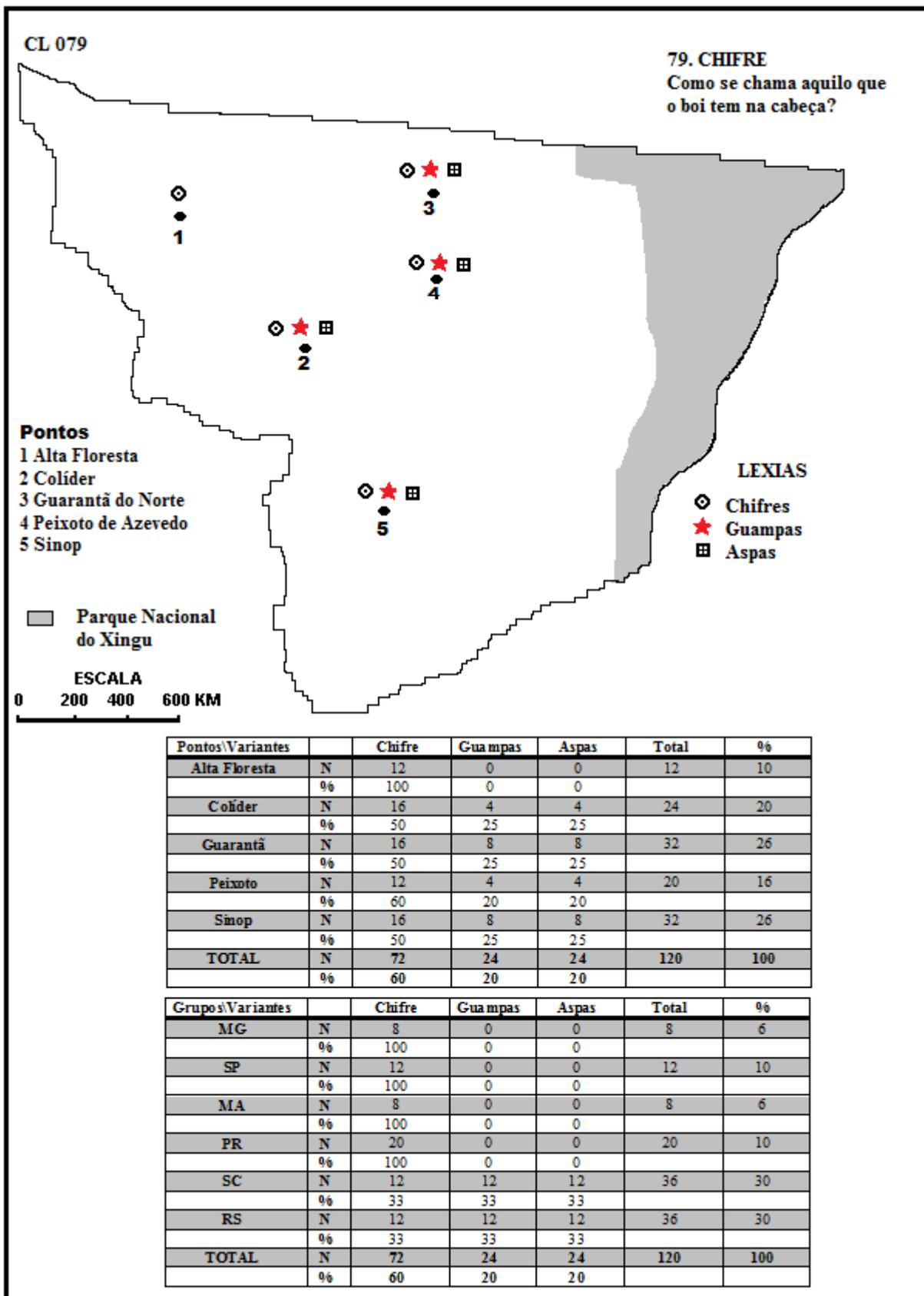
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT -
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINÂMICAS



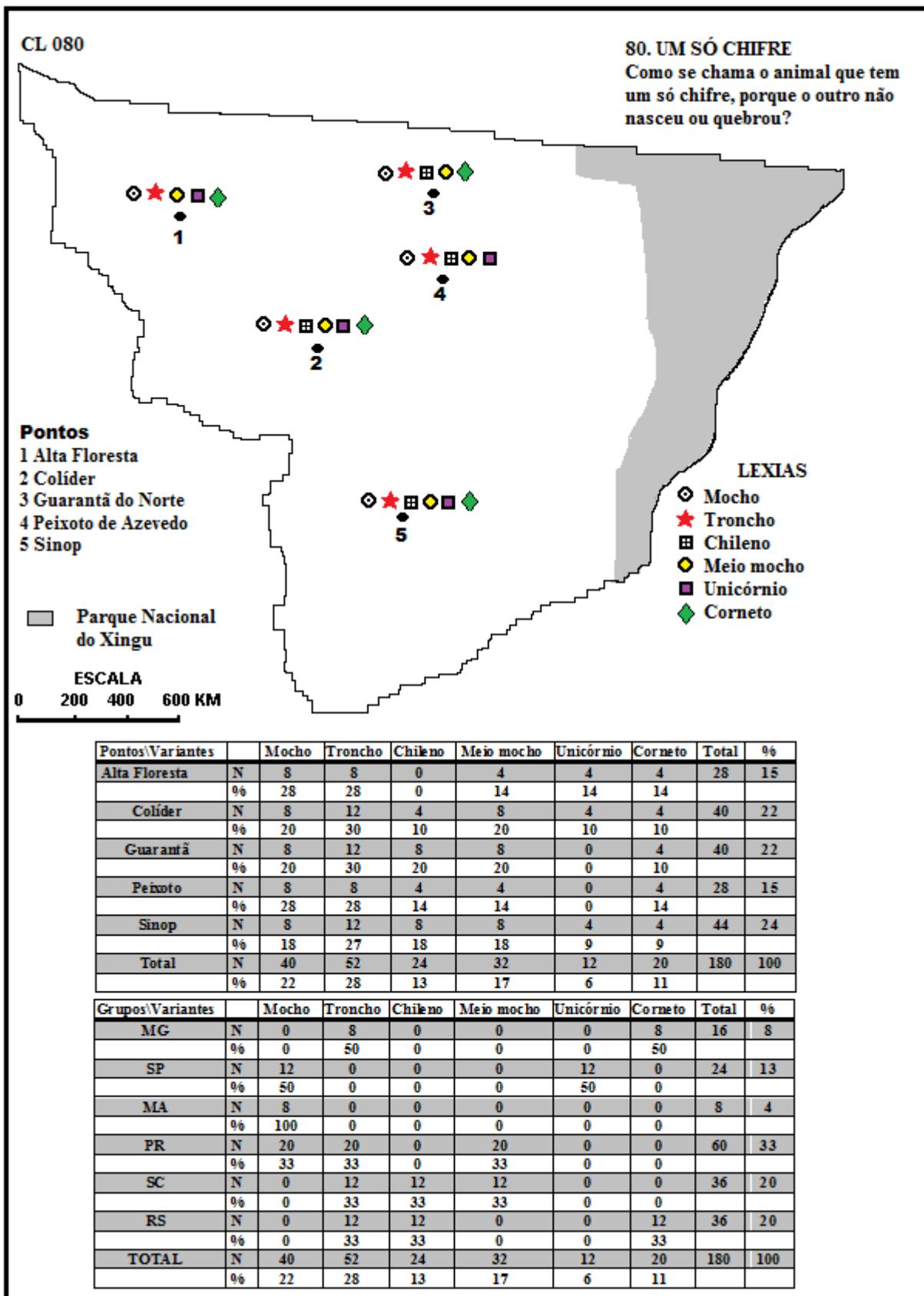
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT -
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINÂMICAS



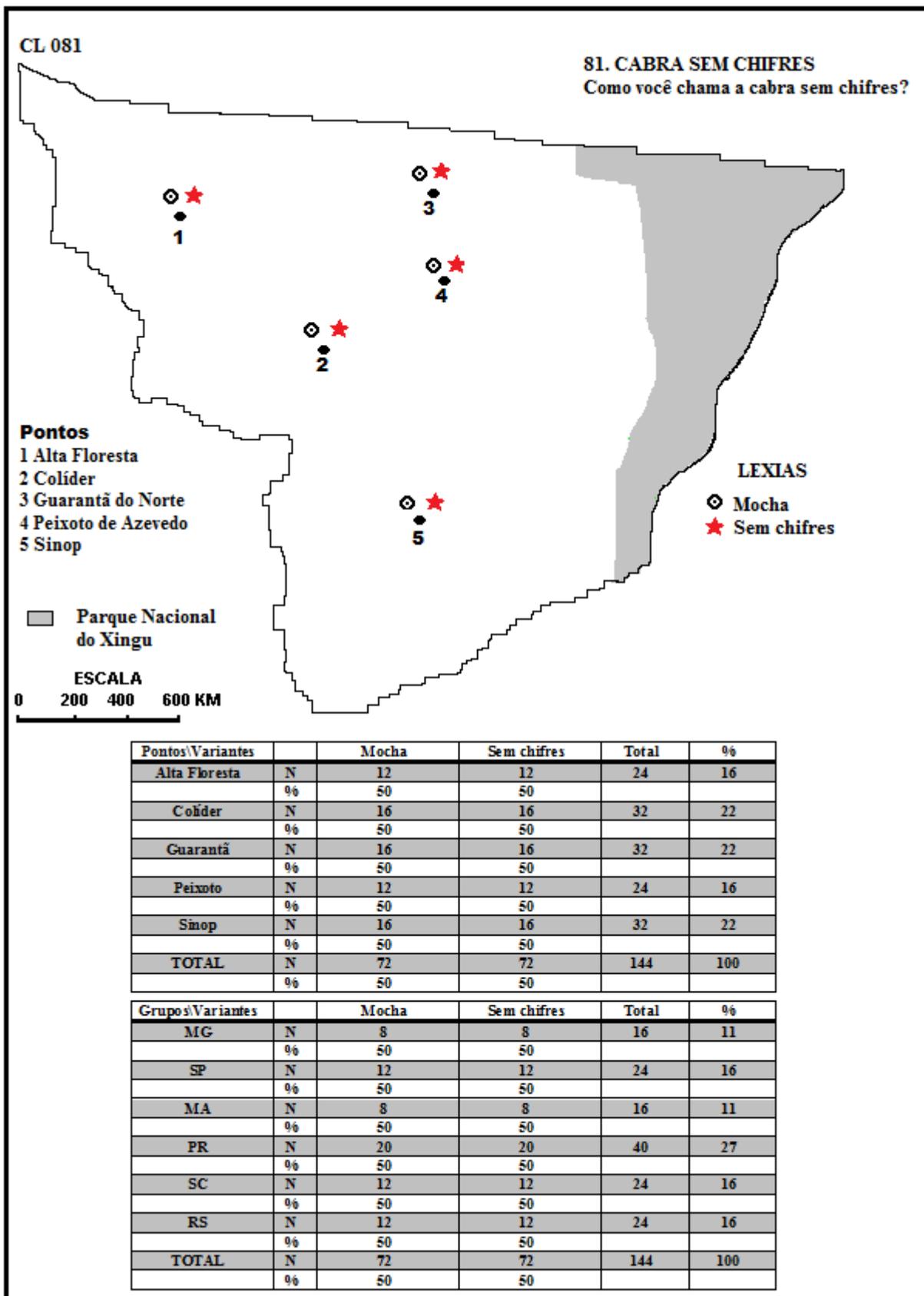
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT -
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINÂMICAS



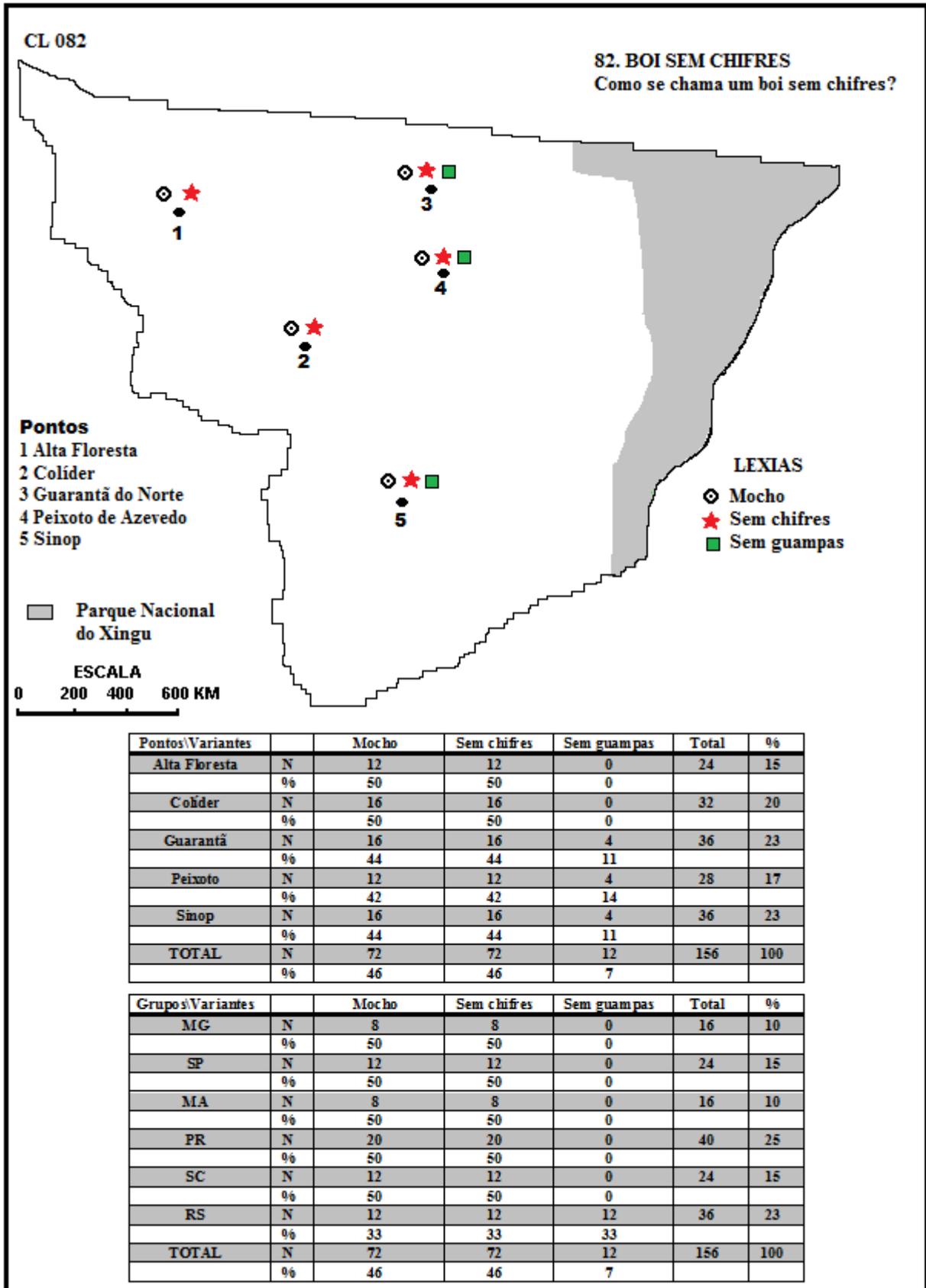
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT - SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINÂMICAS



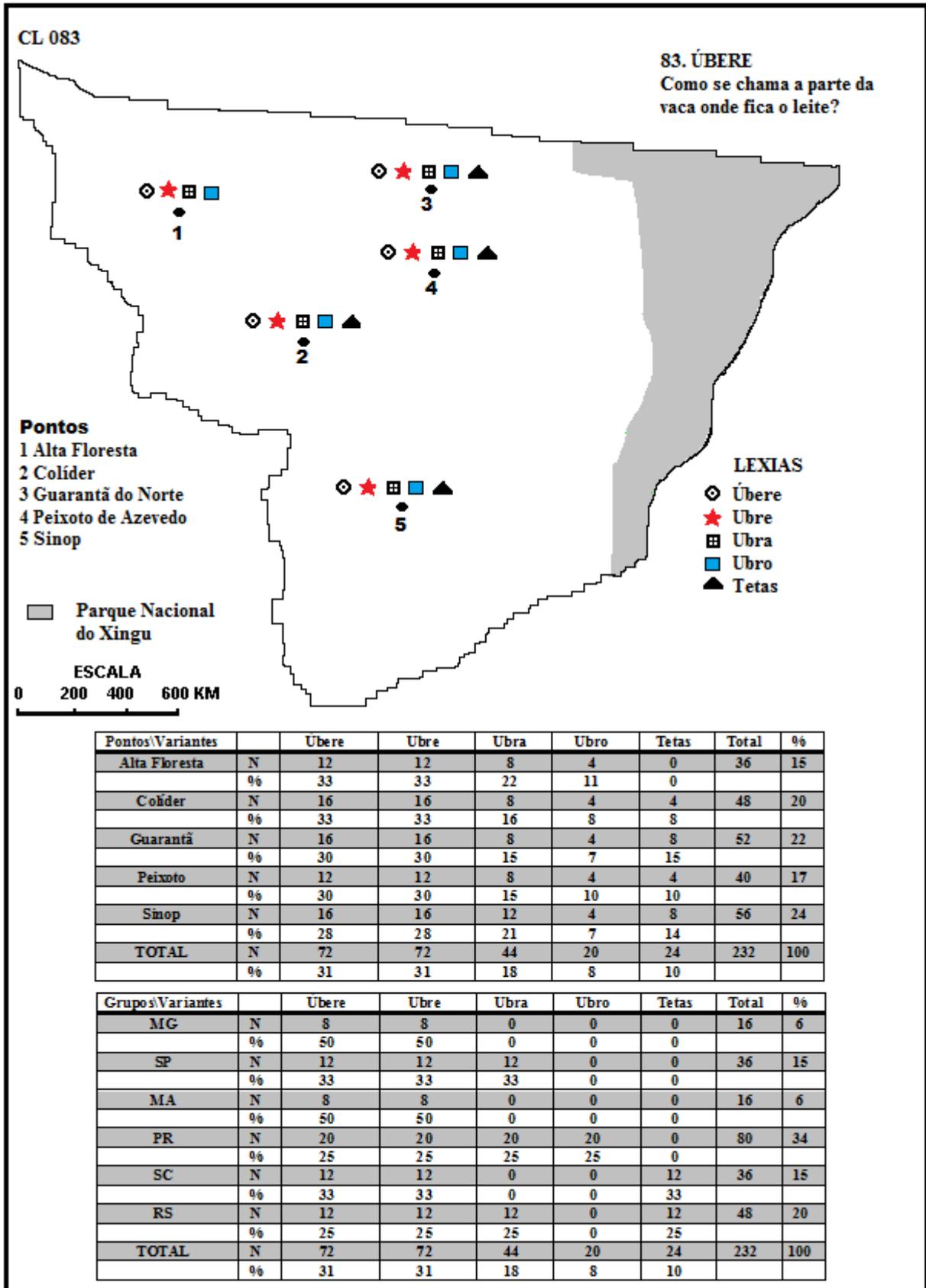
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT -
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINÂMICAS



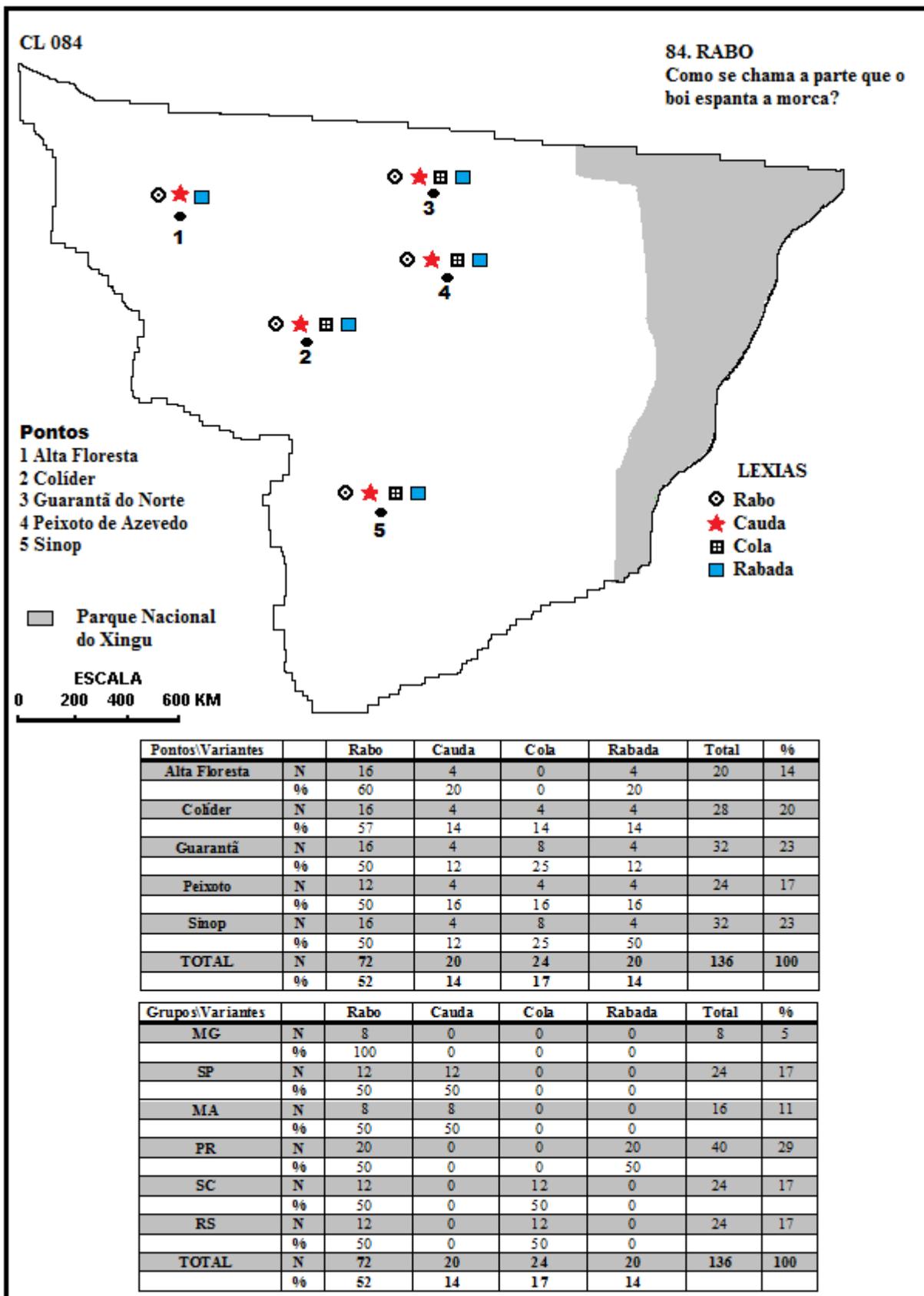
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT - SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINÂMICAS



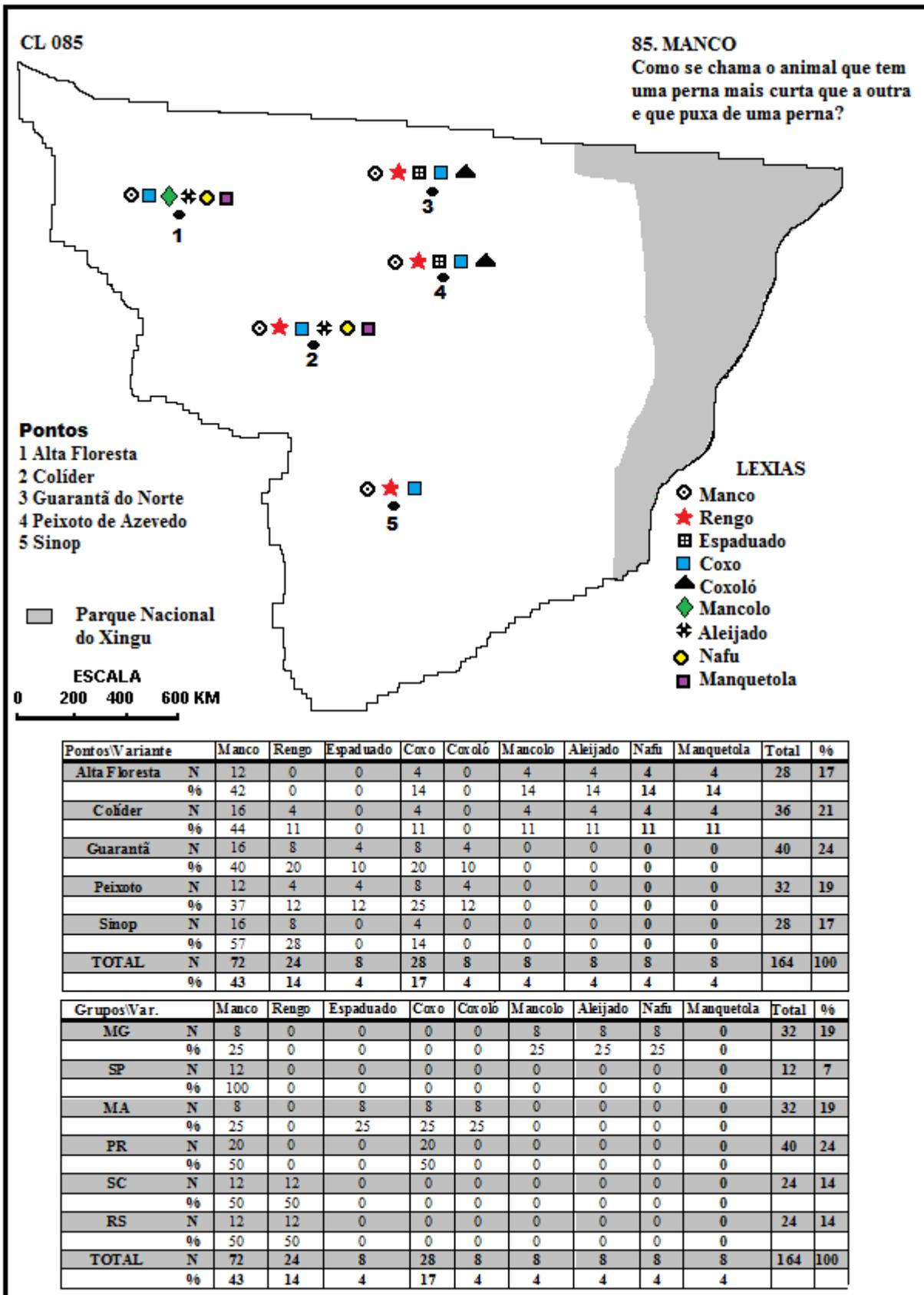
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT - SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINÂMICAS



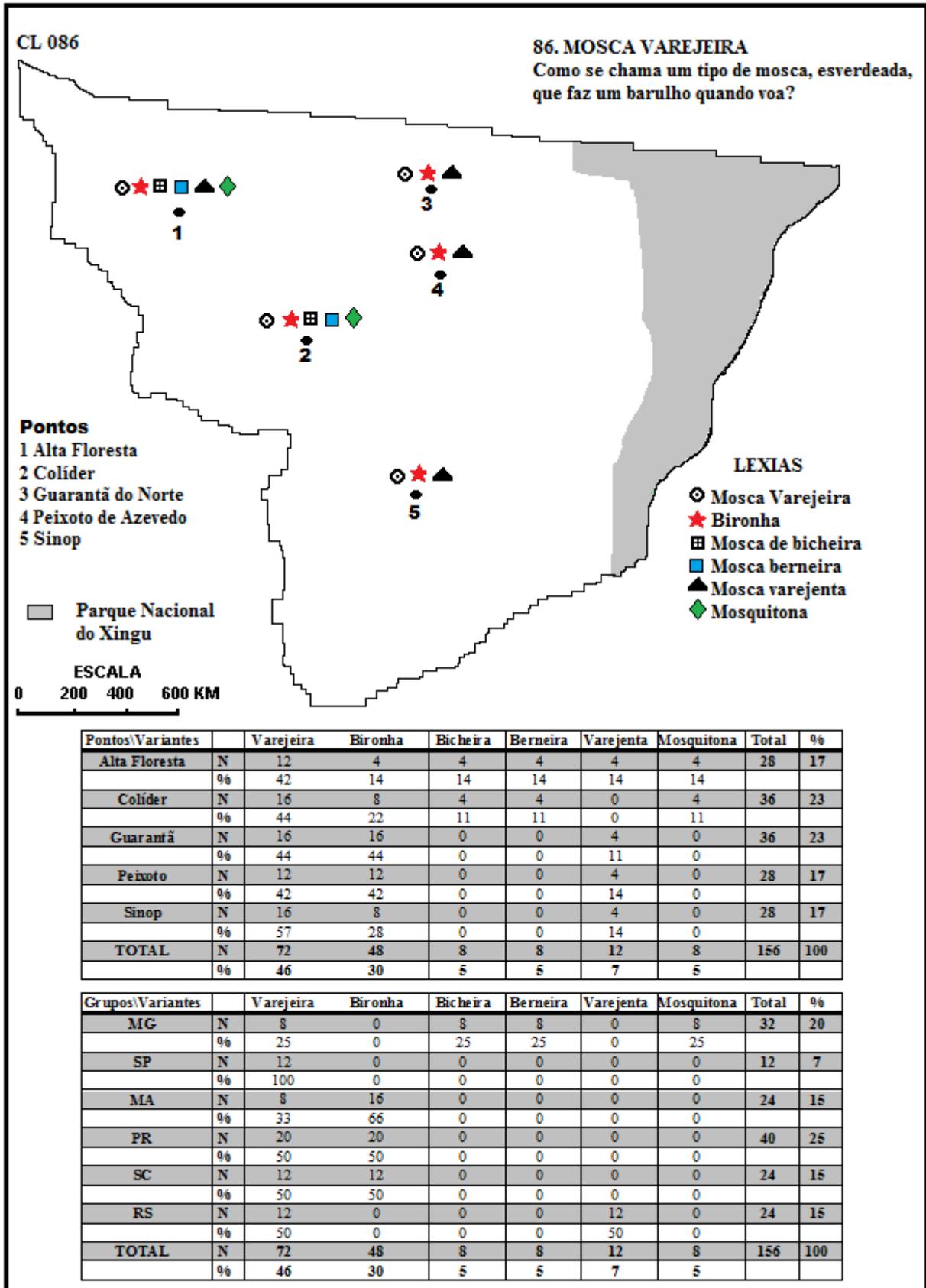
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT -
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINÂMICAS



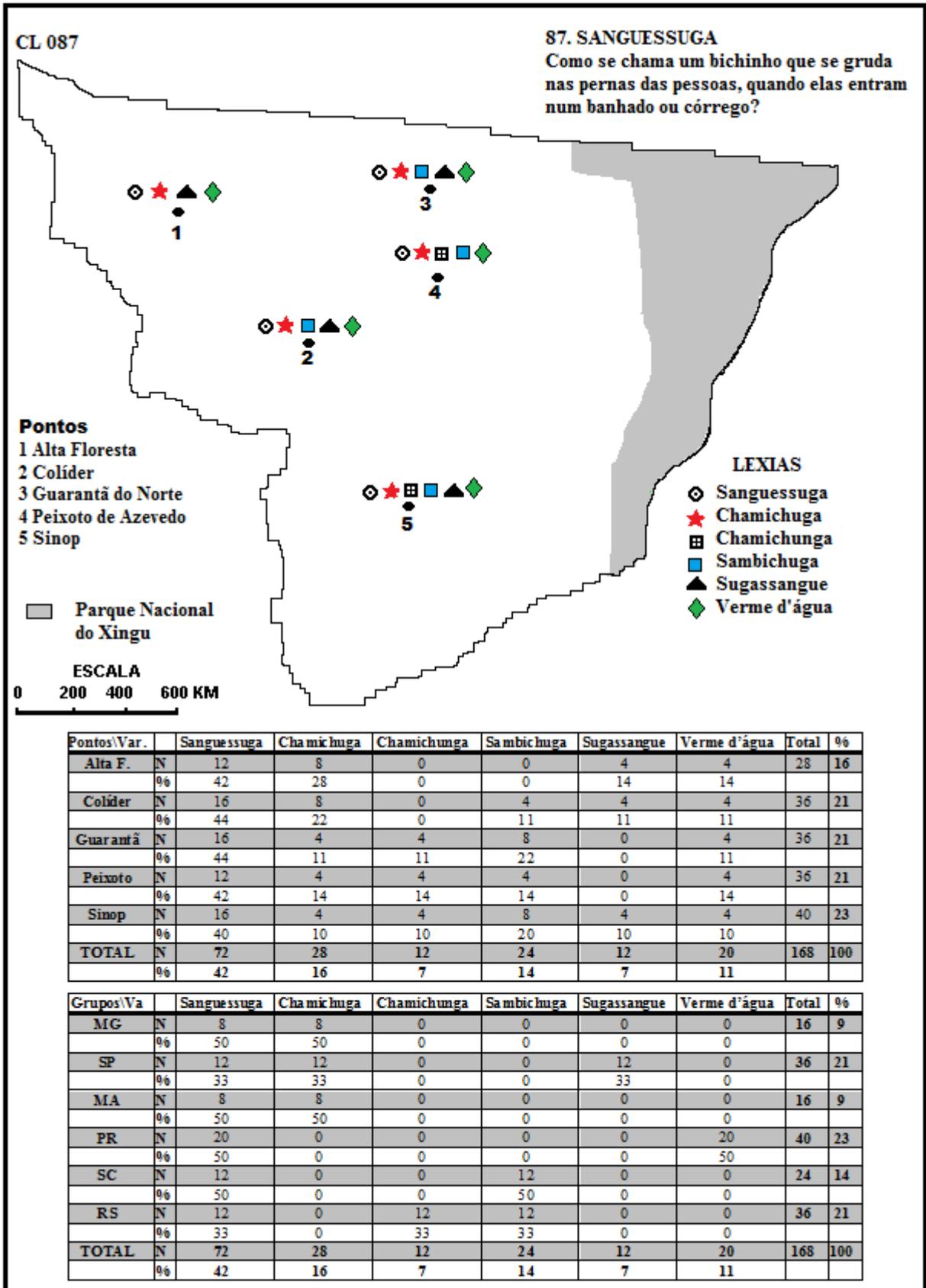
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT - SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINÂMICAS



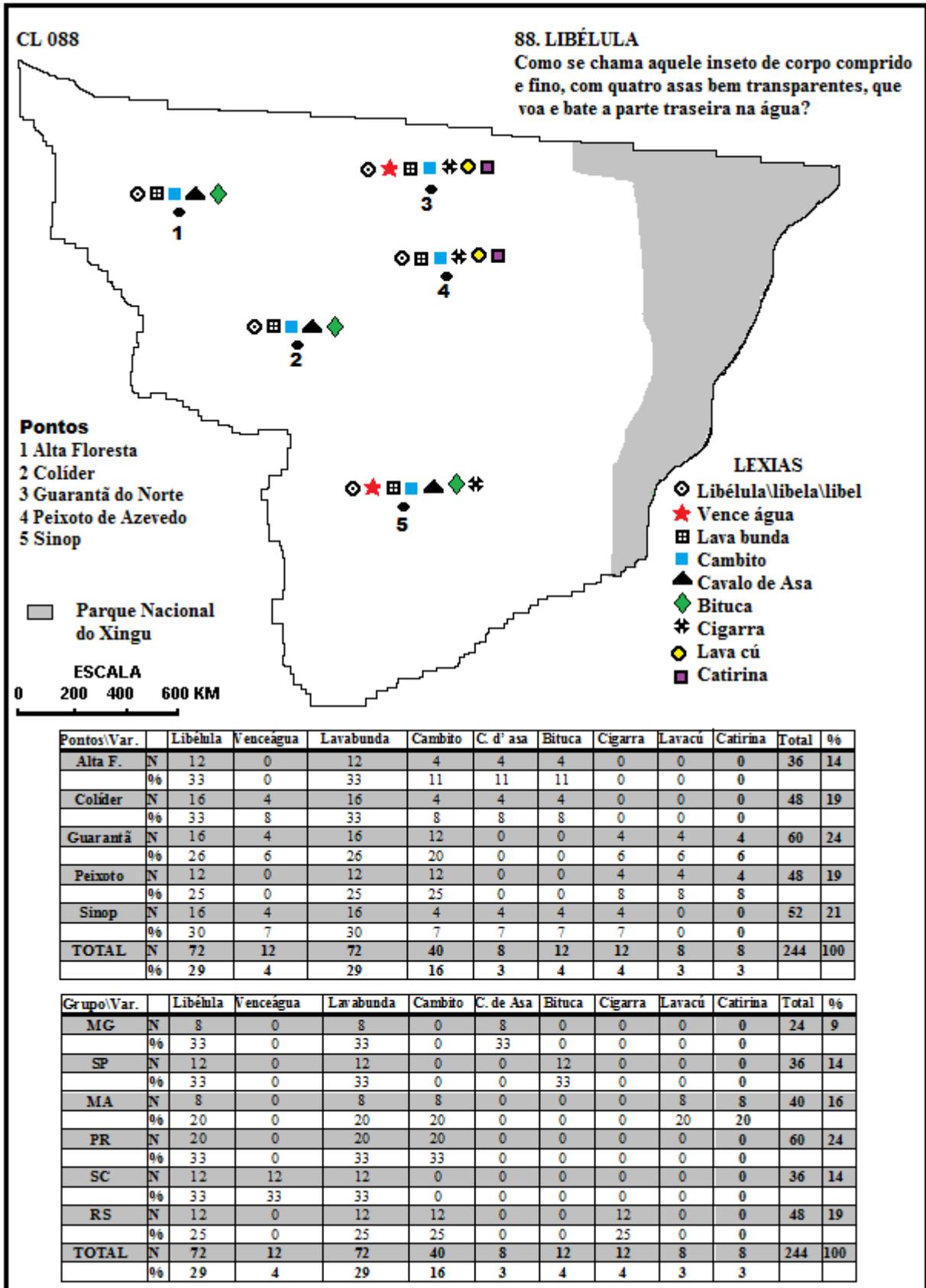
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT - SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINÂMICAS



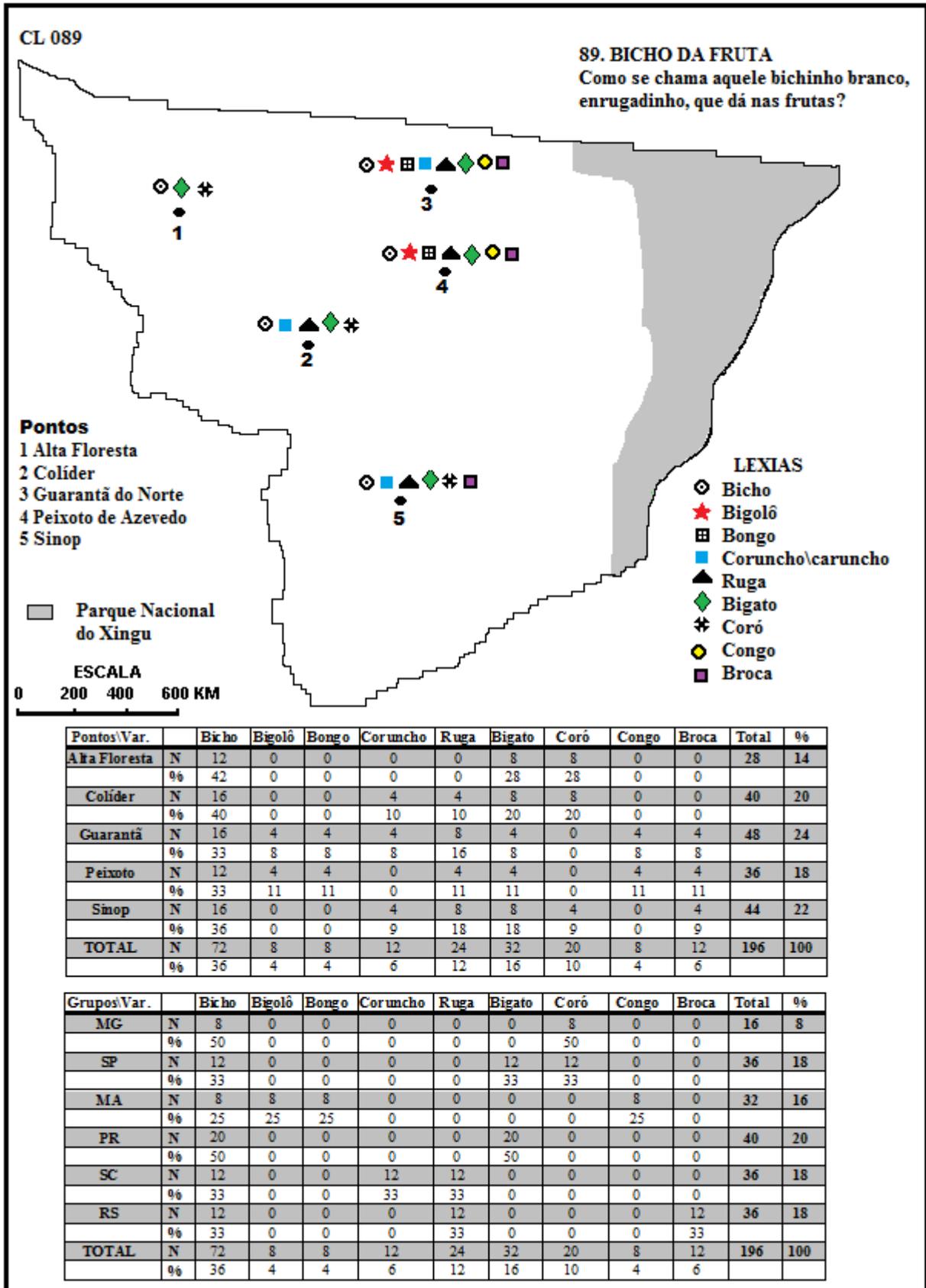
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT - SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINÂMICAS



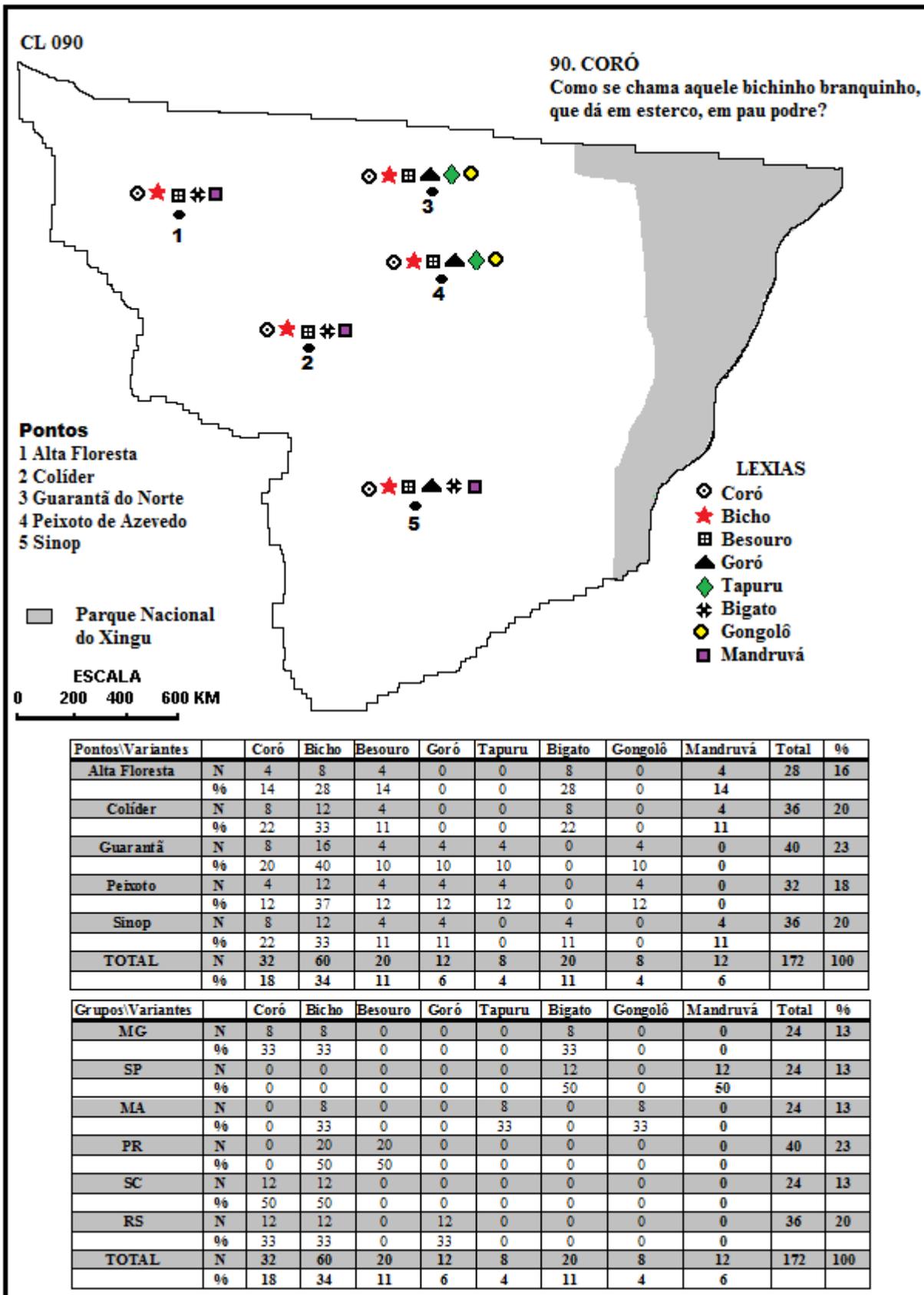
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT - SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINÂMICAS



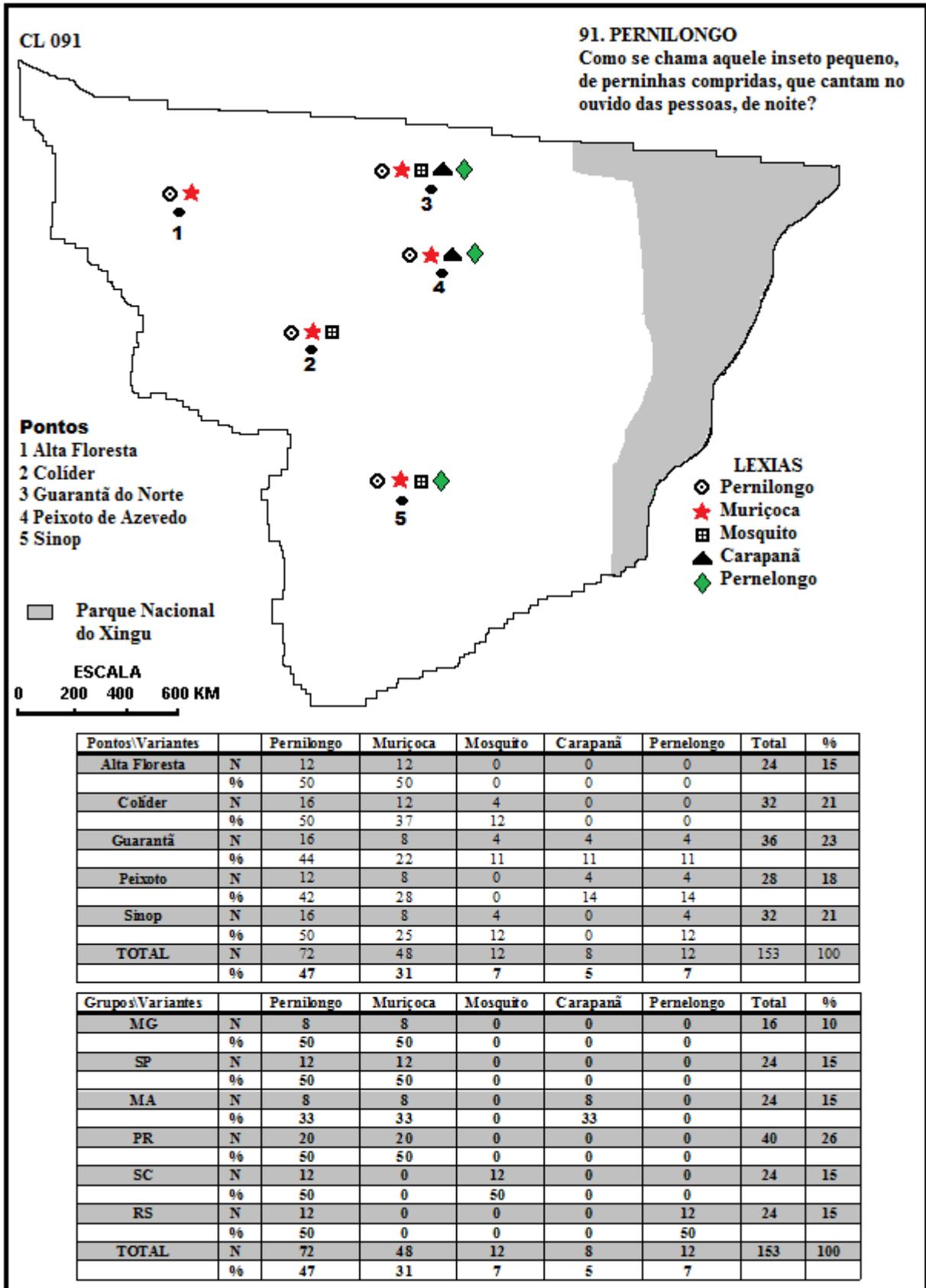
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT - SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINÂMICAS



ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT - SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINÂMICAS



ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT - SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINÂMICAS



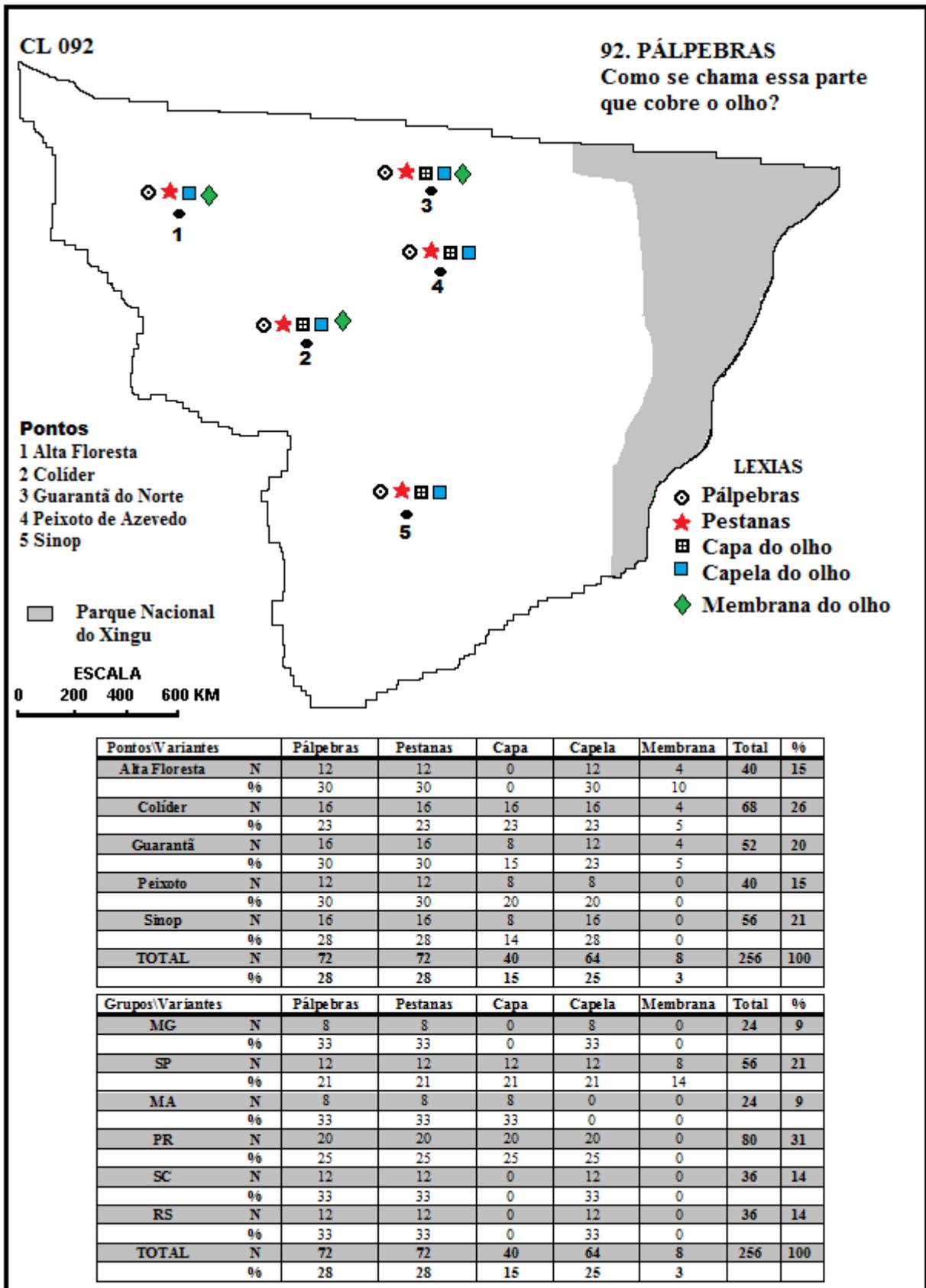
**ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT -
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINÂMICAS**

5.2.7 CAMPO SEMÂNTICO: *CORPO HUMANO*

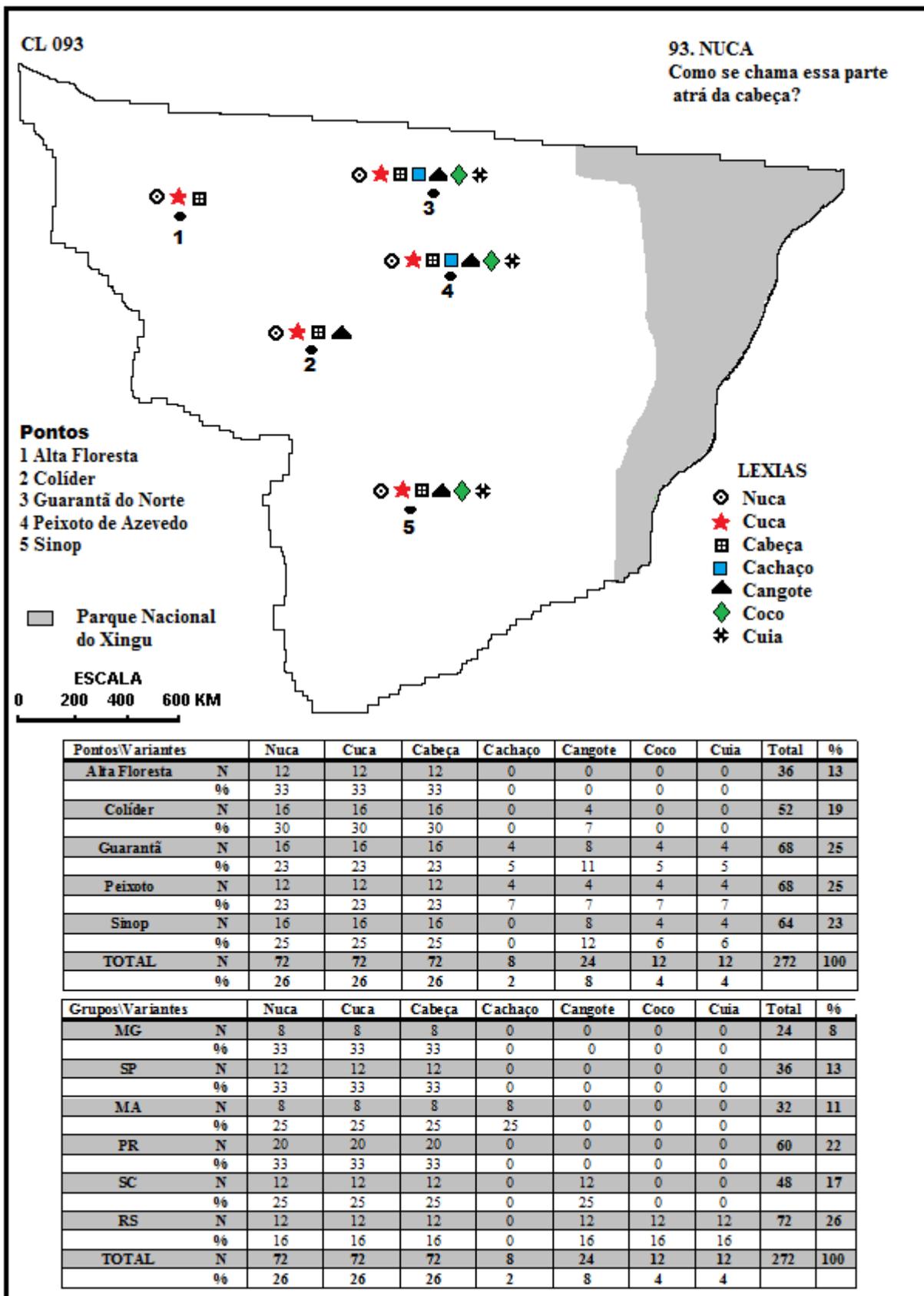
CARTOGRAMAS LINGUÍSTICAS:

- CL 092 – PÁLPEBRAS**
- CL 093 – NUCA**
- CL 094 –POMO-DE-ADÃO**
- CL 095 – CLAVÍCULA**
- CL 096 – SEIOS**
- CL 097 – ÚTERO**
- CL 098 – CALCANHAR**
- CL 099 – TORNOZELO**
- CL 100 – RÓTULA**
- CL 101 – CÓCEGAS**
- CL 102 – DENTES CANINOS**
- CL 103 – DENTES DO SISO**
- CL 104 –DENTES MOLARES**
- CL 105 – DESDENTADO**
- CL 106 – FANHOSO**
- CL 107 – CISCO**
- CL 108 – CEGO DE UM OLHO**
- CL 109 – VESGO**
- CL 110 – MÍOPE**
- CL 111 – TERÇOL**
- CL 112 – CONJUNTIVITE**
- CL 113 – CATARATA**
- CL 114 – SOLUÇO**
- CL 115 – MELECA**
- CL 116 – CORCUNDA**
- CL 117 – CANHOTO**
- CL 118 – PERNETA**
- CL 119 – MANCO**
- CL 120 – PESSOAS DE PERNAS ARQUEADAS**
- CL 121 – AXILAS**
- CL 122 – CHEIRO NAS AXILAS**
- CL 123 - VOMITAR**

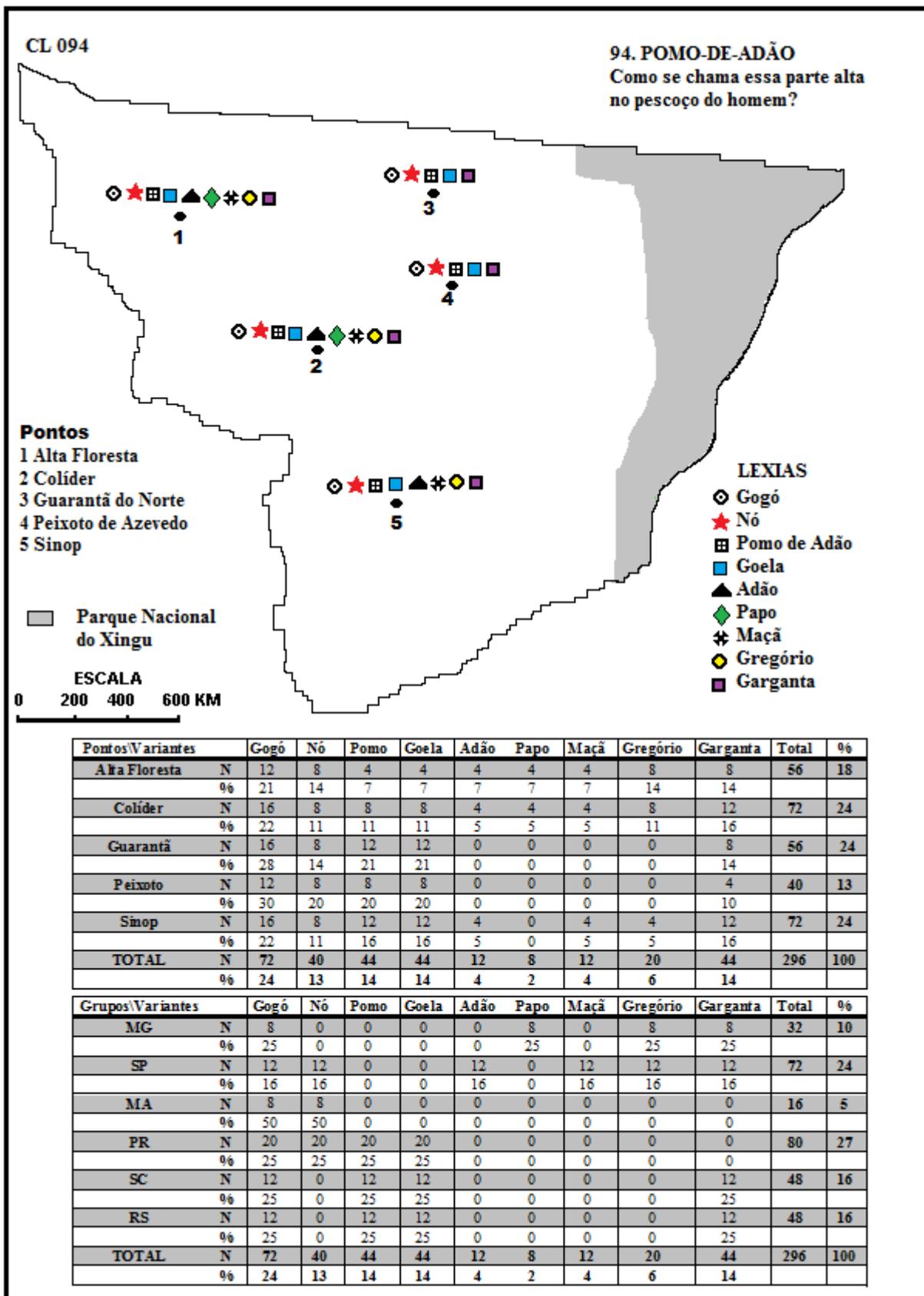
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT -
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINAMICAS



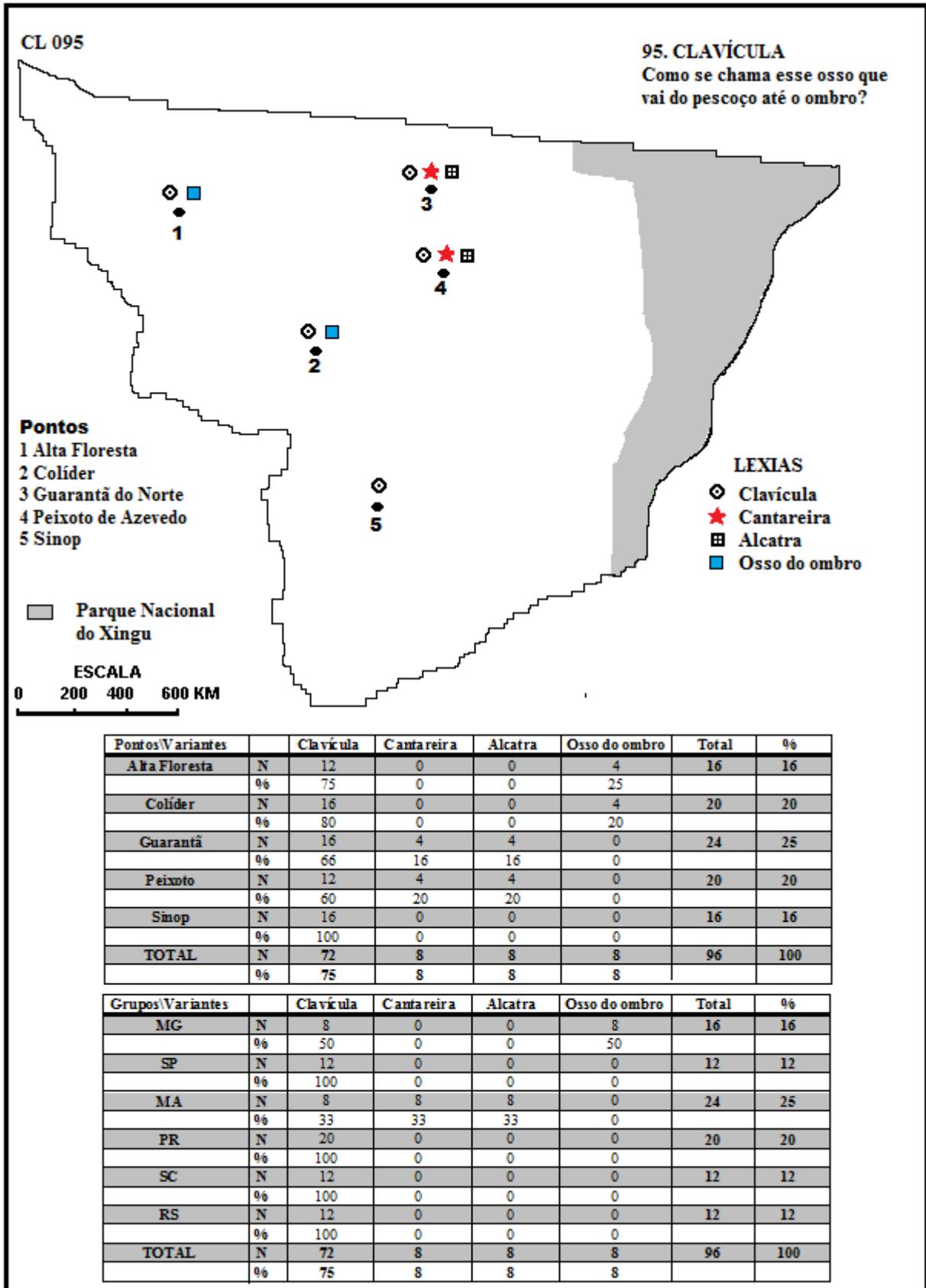
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT -
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINAMICAS



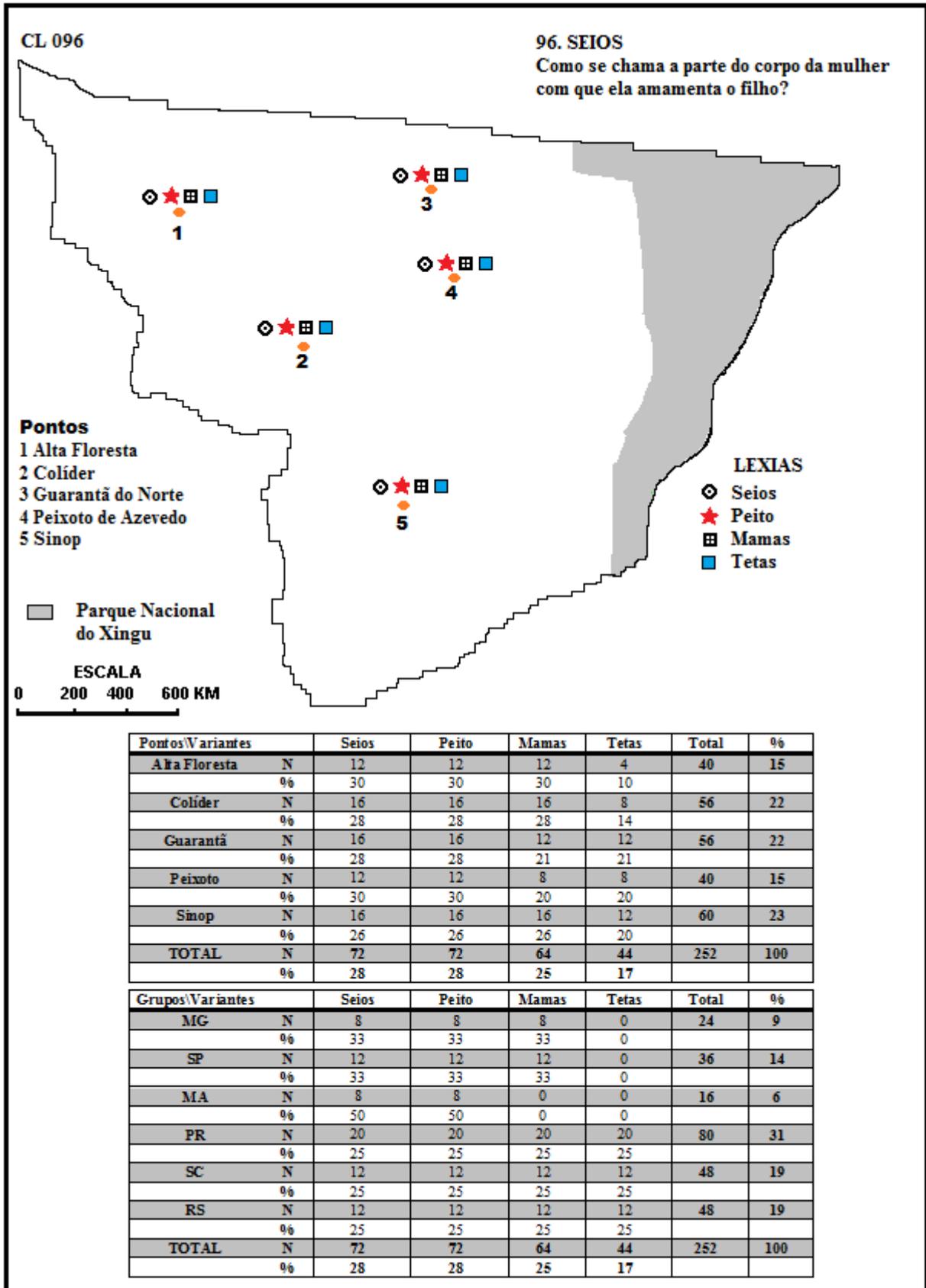
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT -
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINAMICAS



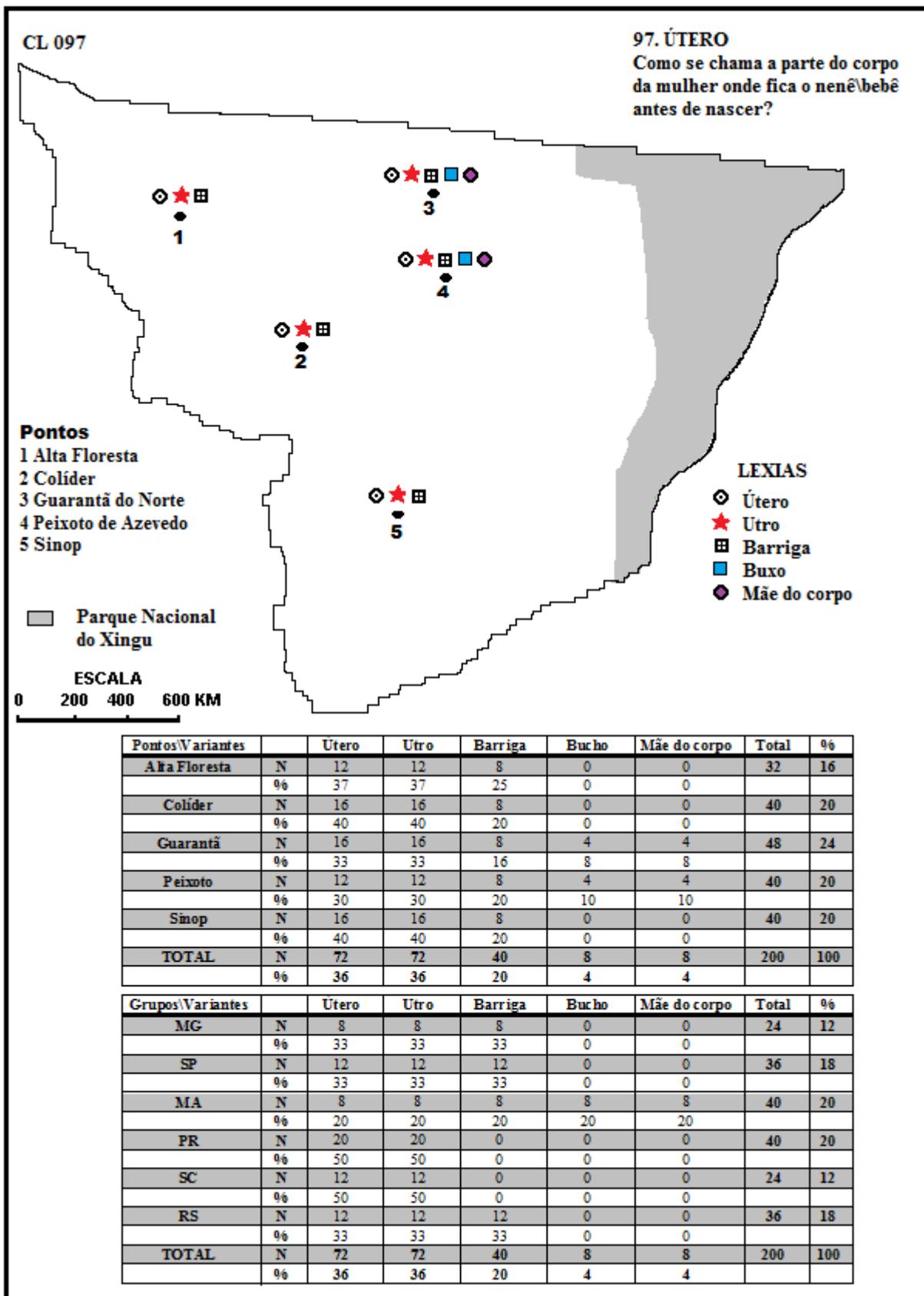
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT - SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINAMICAS



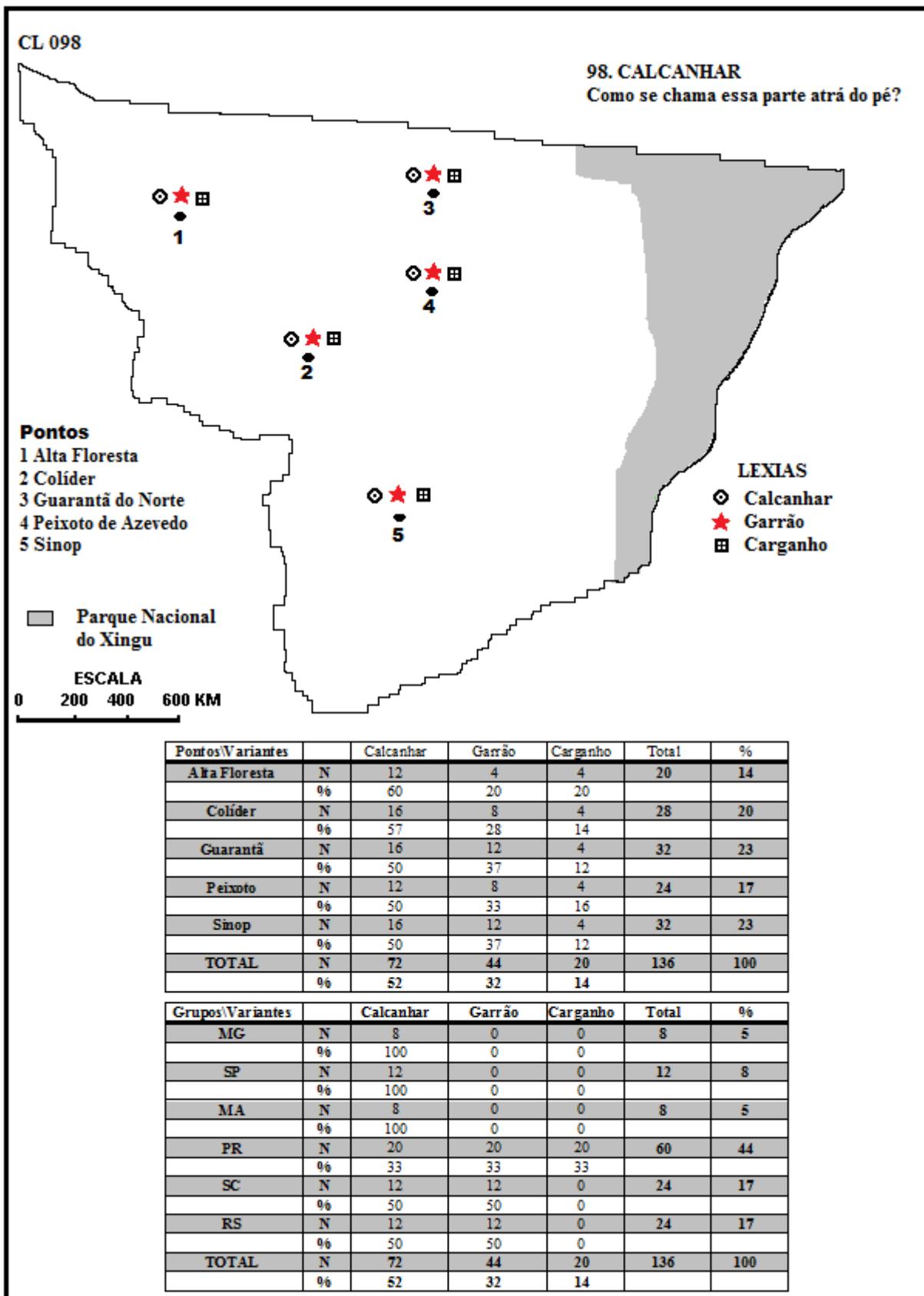
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT - SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINAMICAS



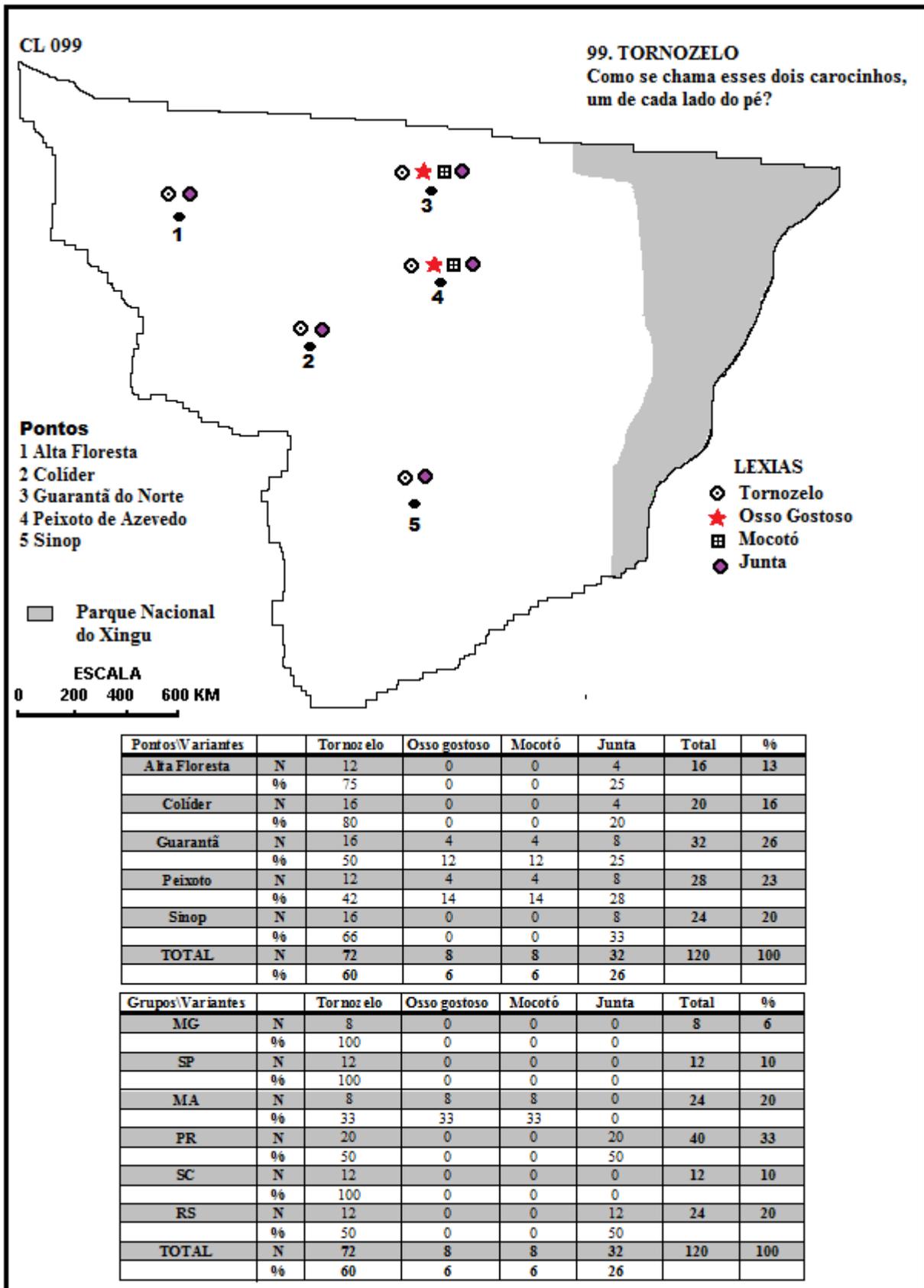
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT -
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINAMICAS



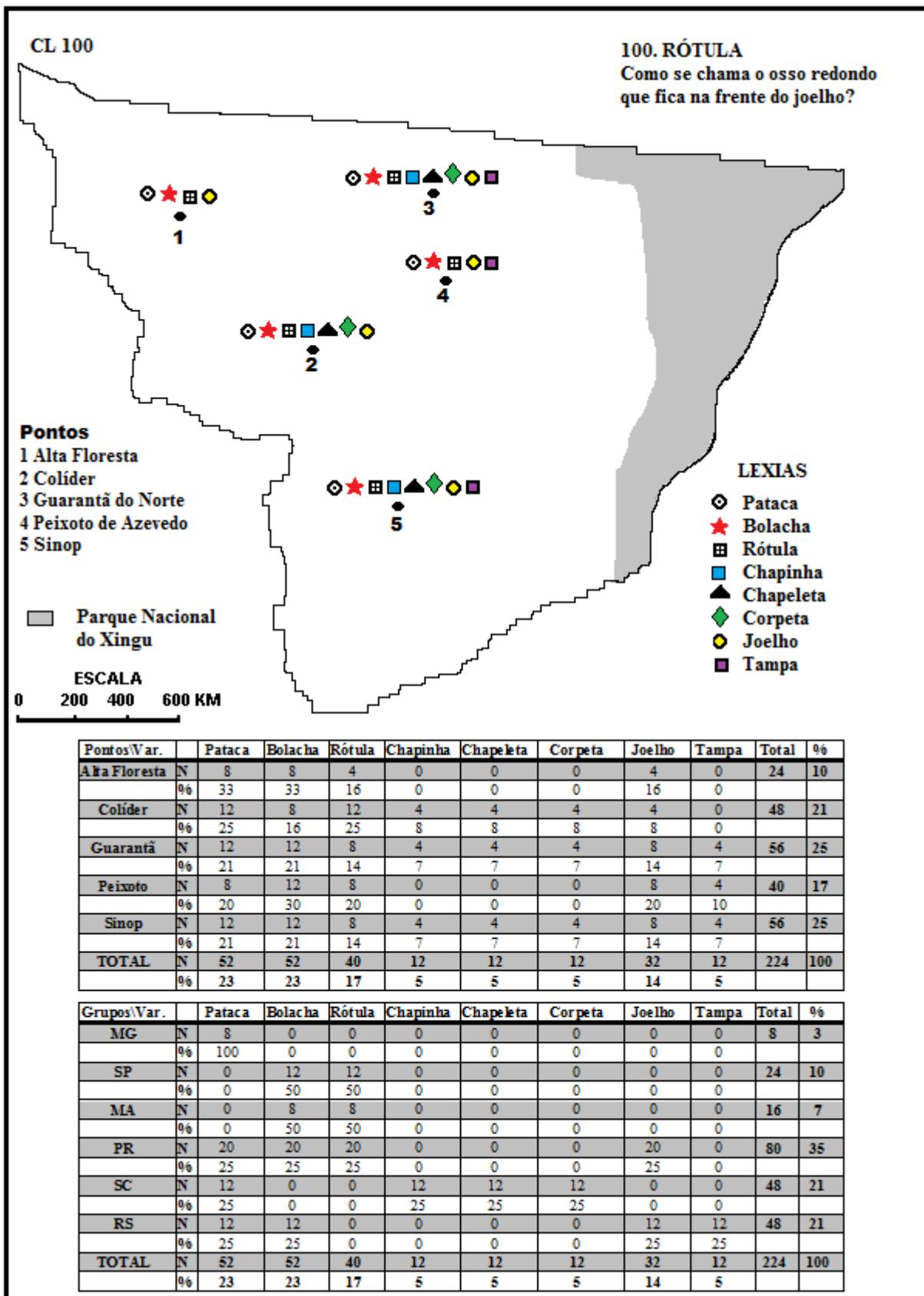
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT -
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINAMICAS



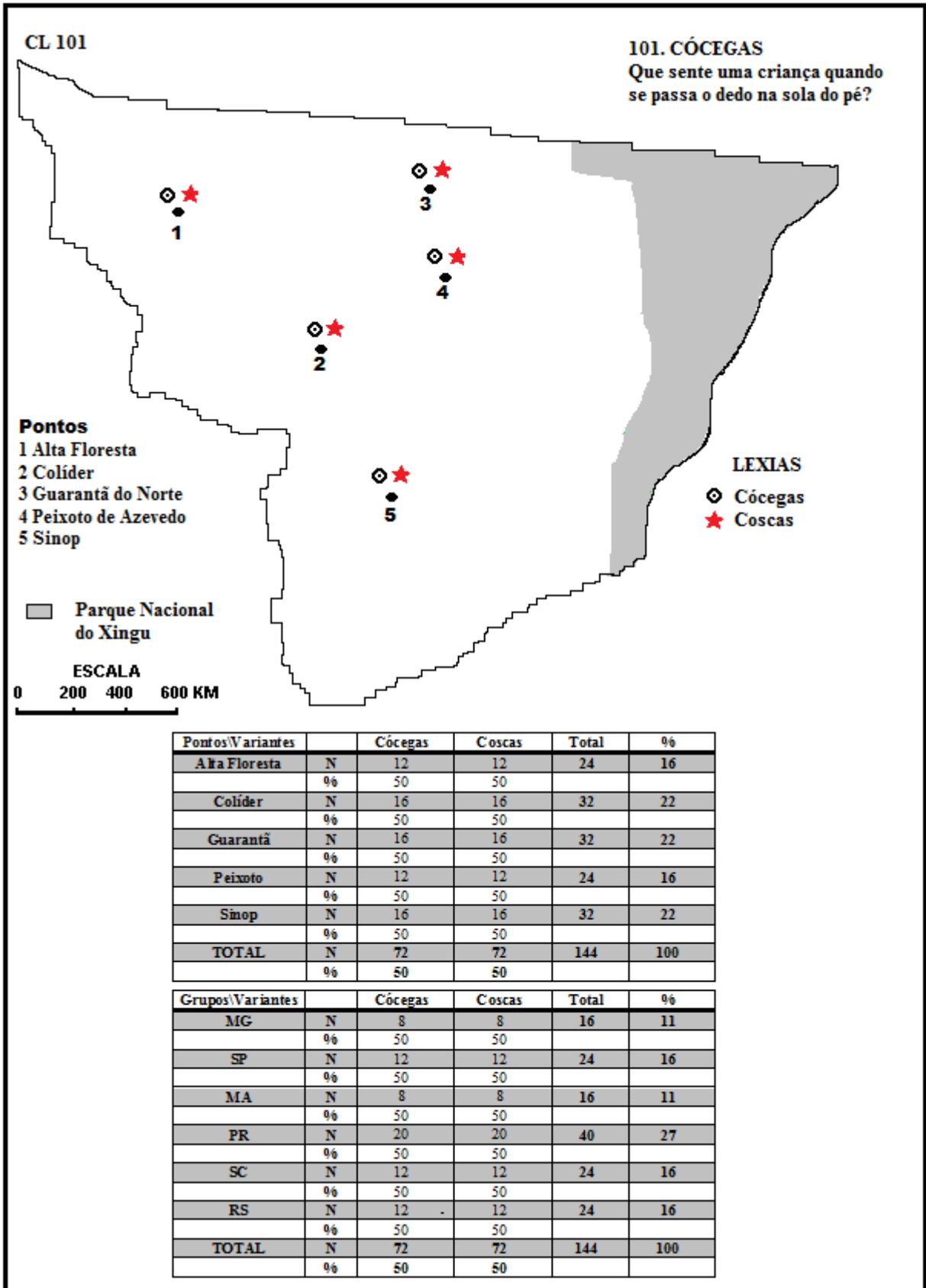
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT -
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINAMICAS



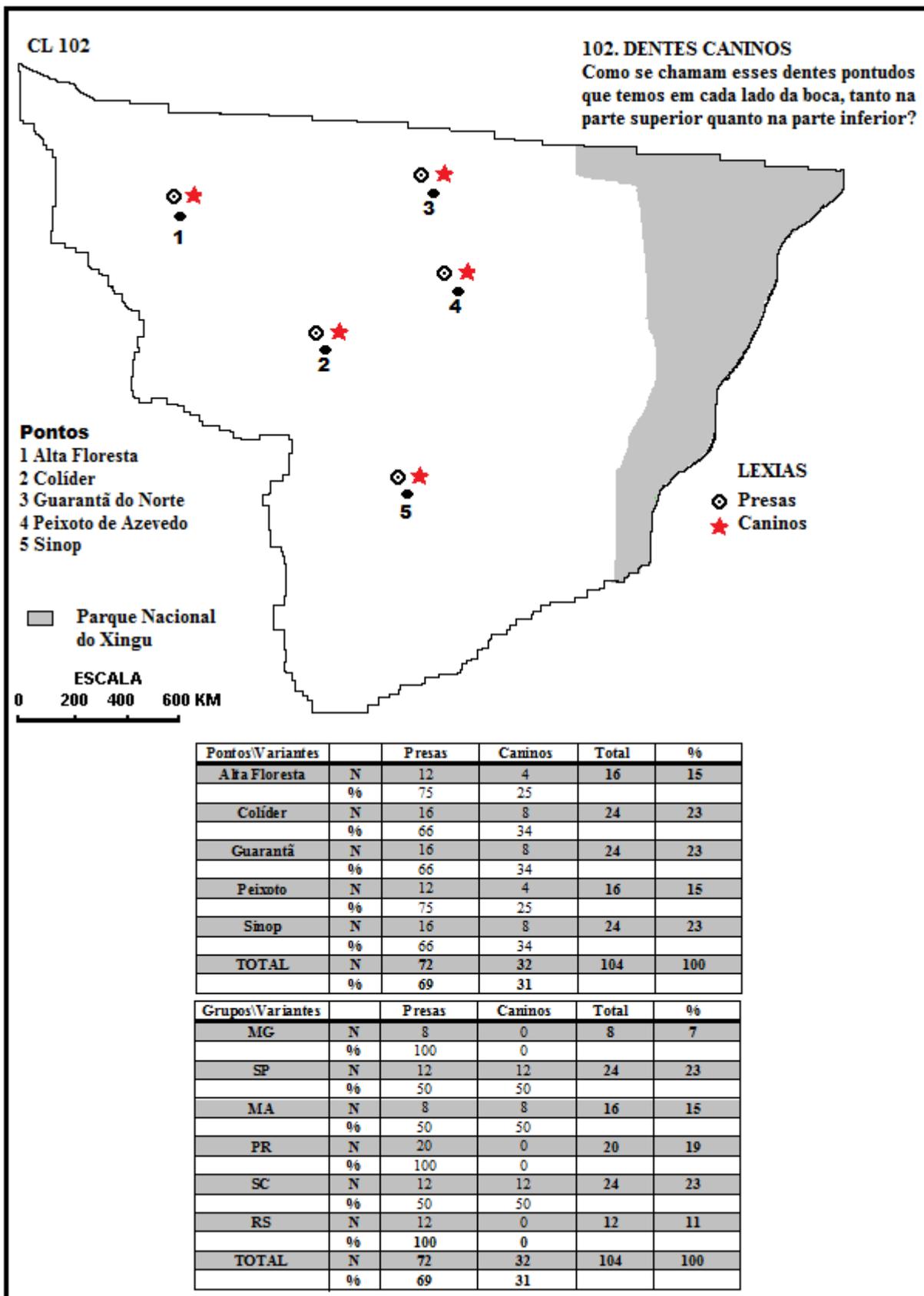
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT -
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINAMICAS



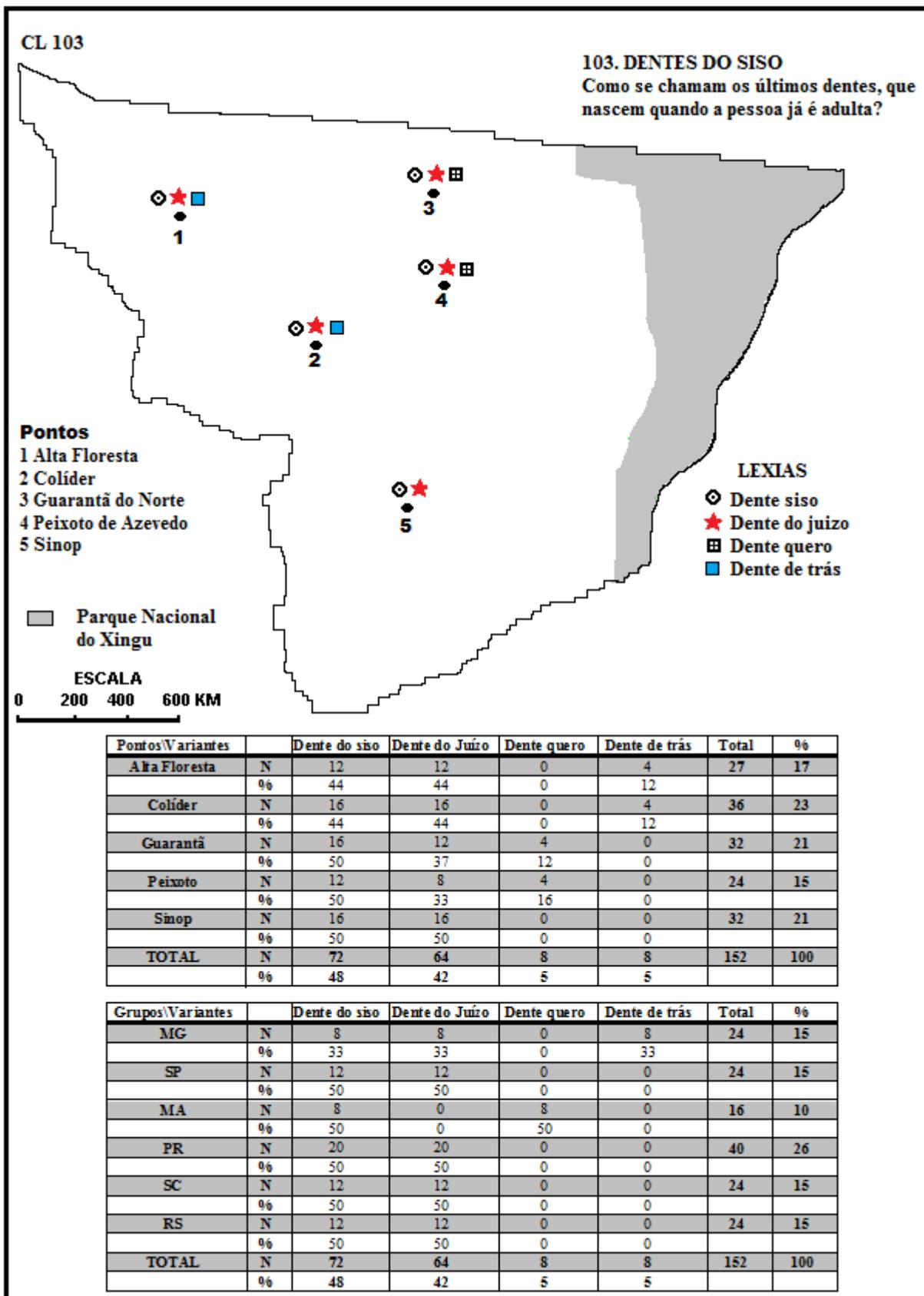
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT - SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINAMICAS



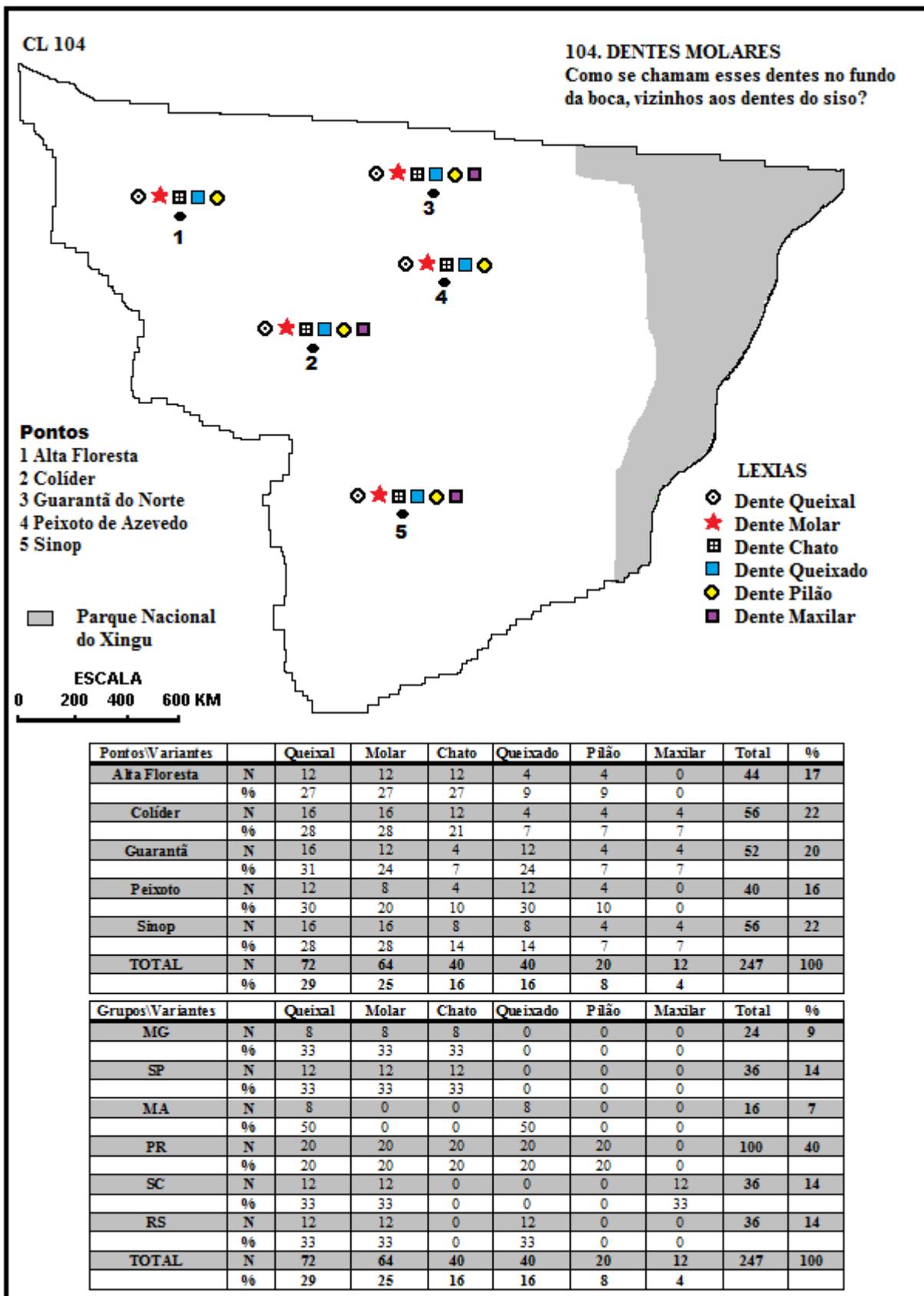
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT -
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINAMICAS



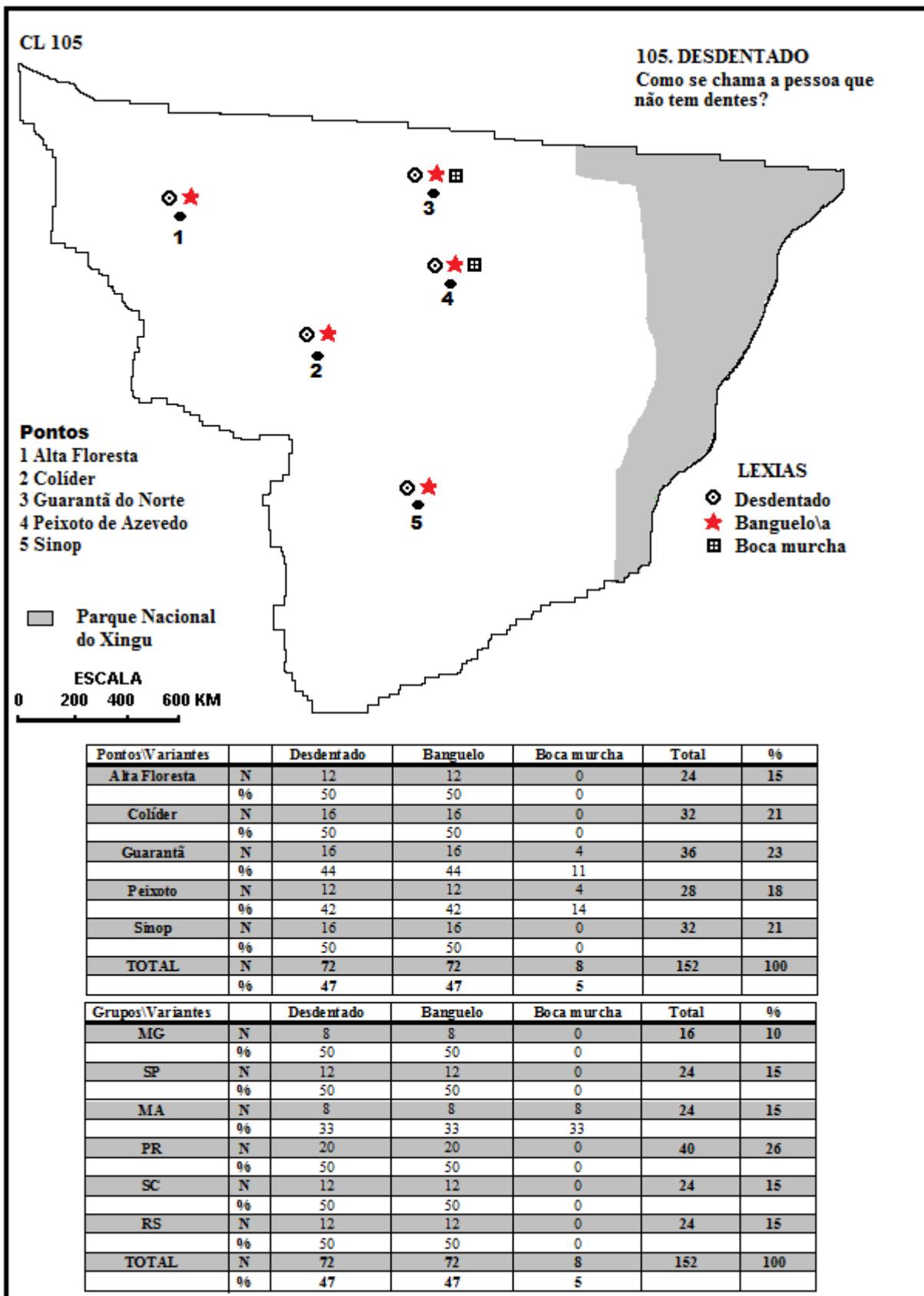
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT -
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINAMICAS



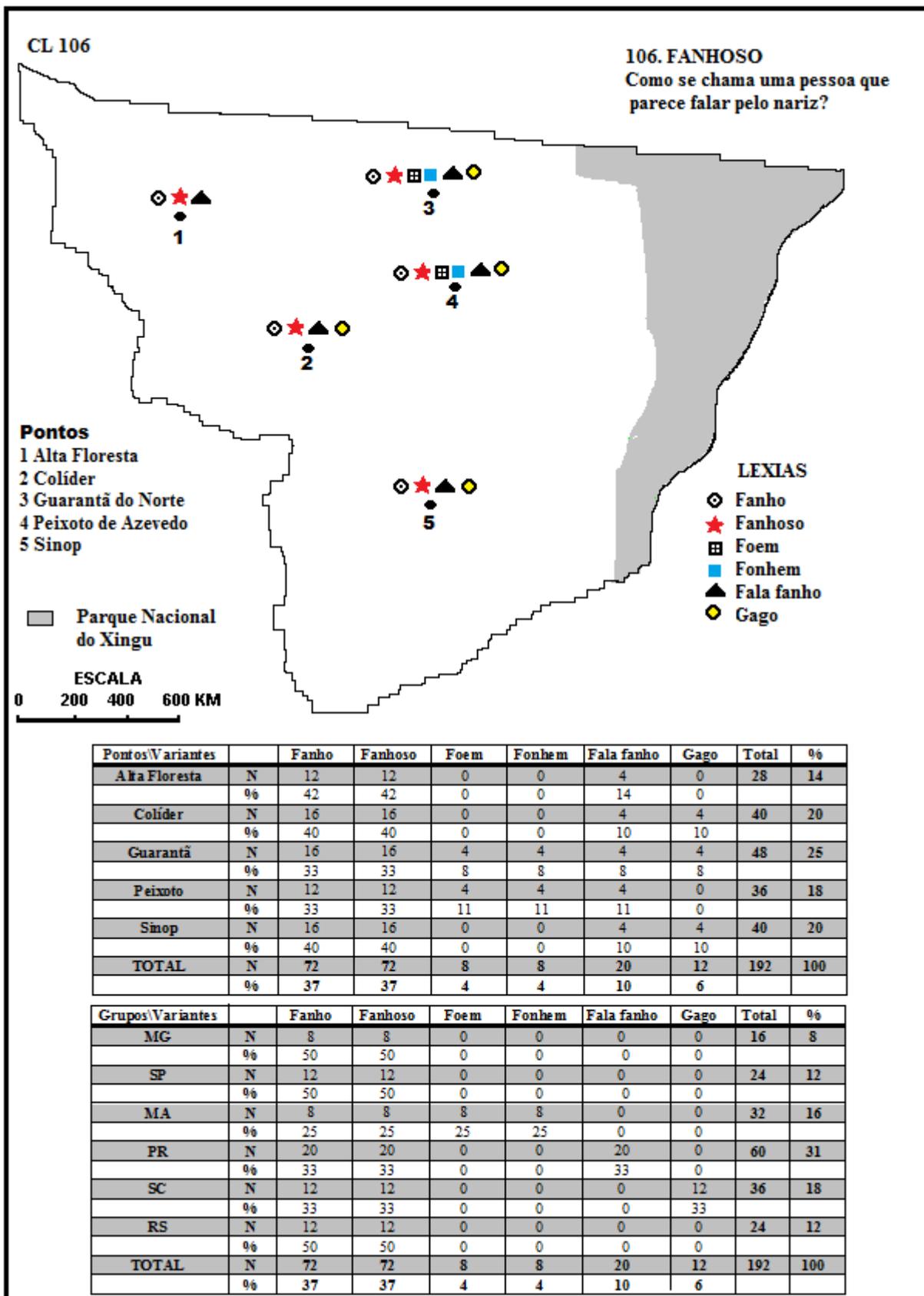
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT -
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINAMICAS



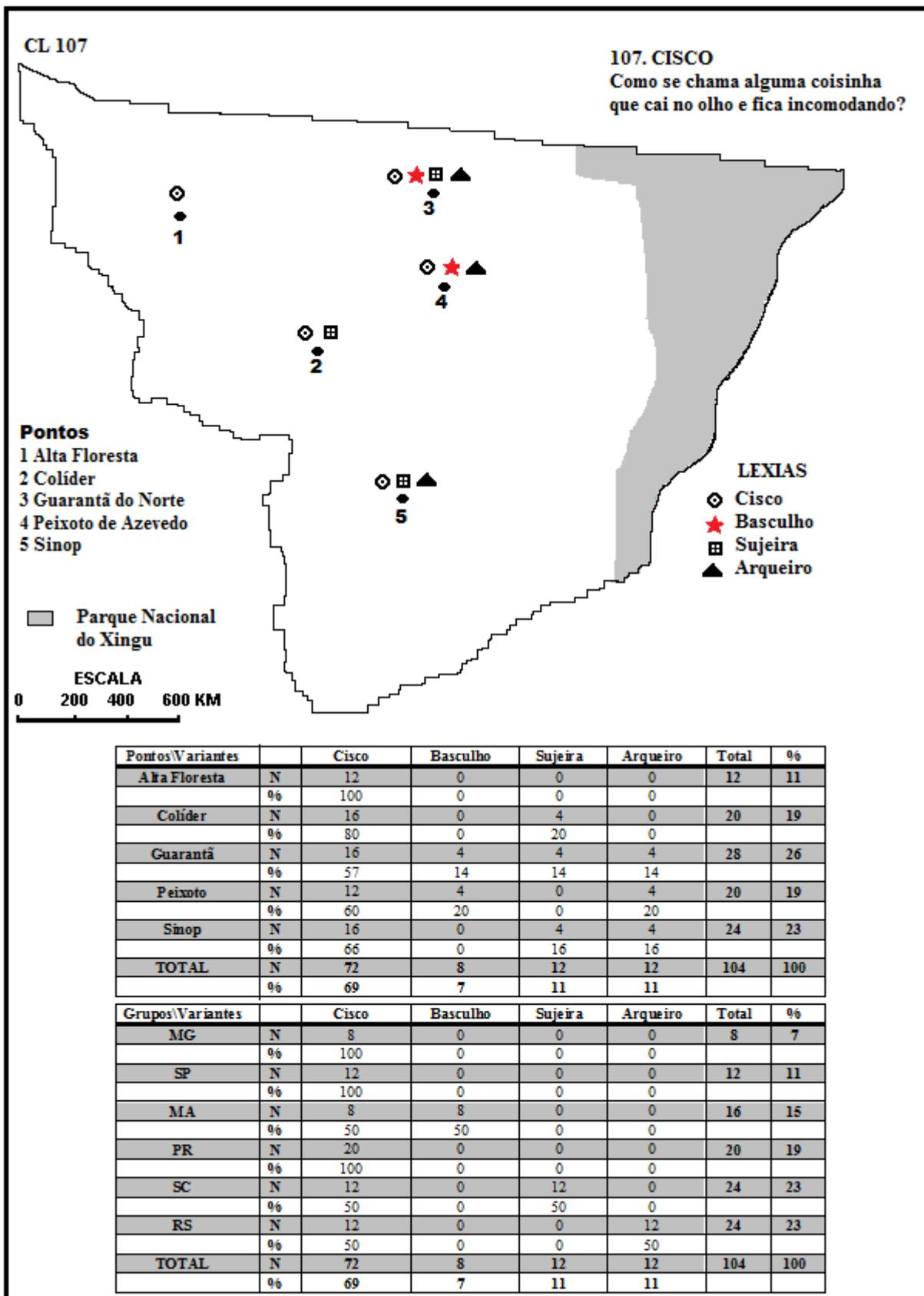
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT -
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINAMICAS



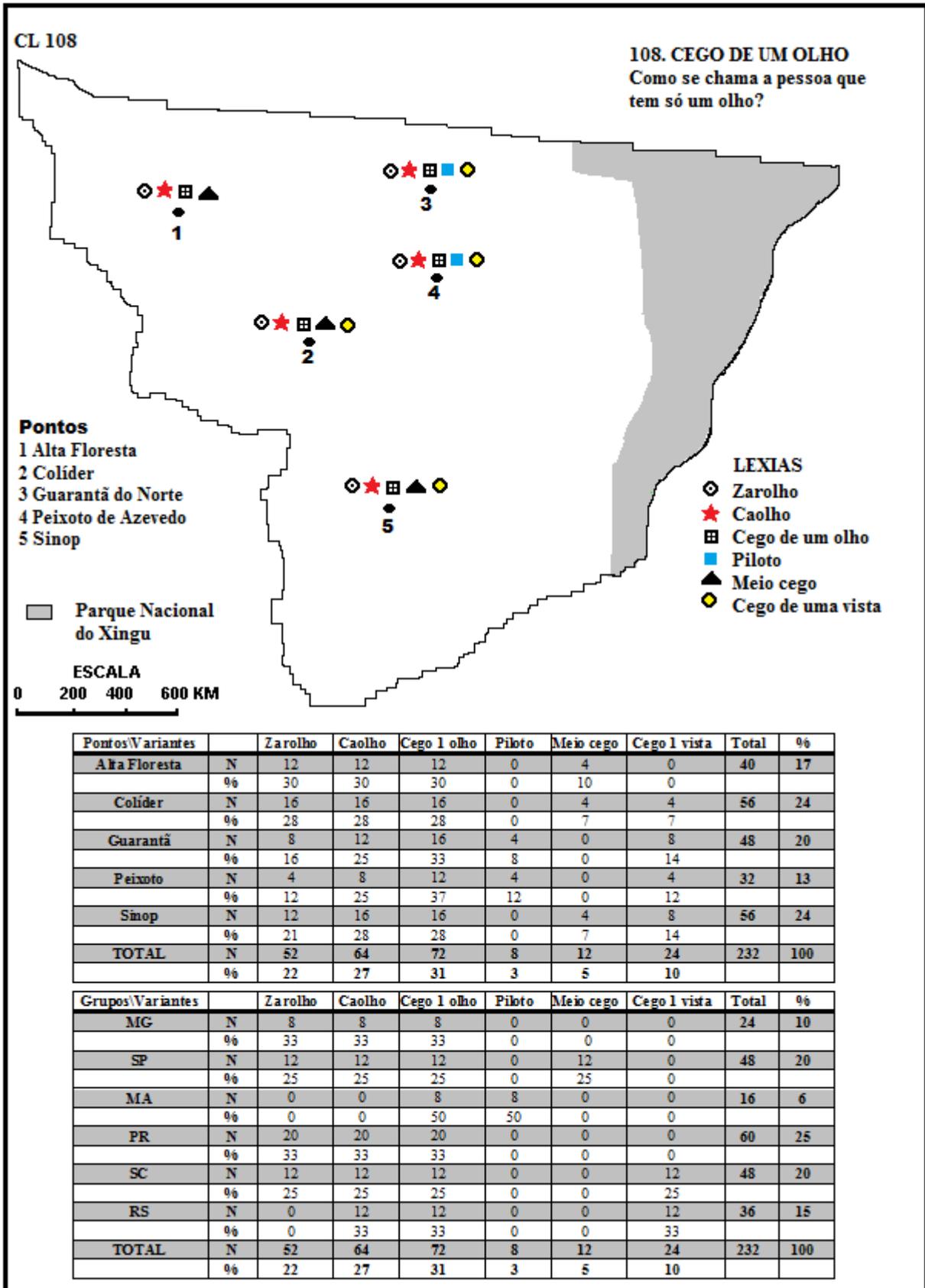
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT -
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINAMICAS



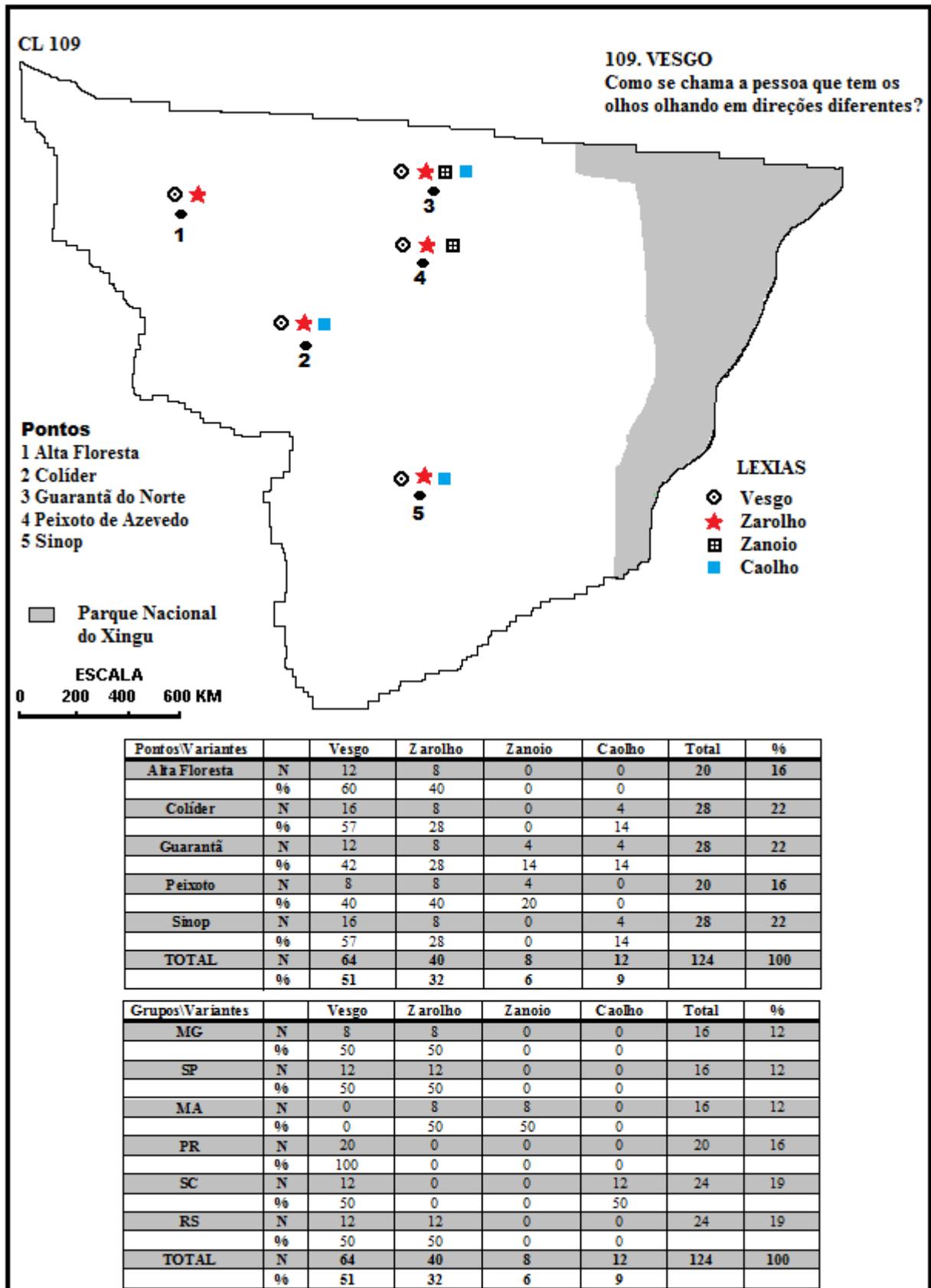
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT -
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINAMICAS



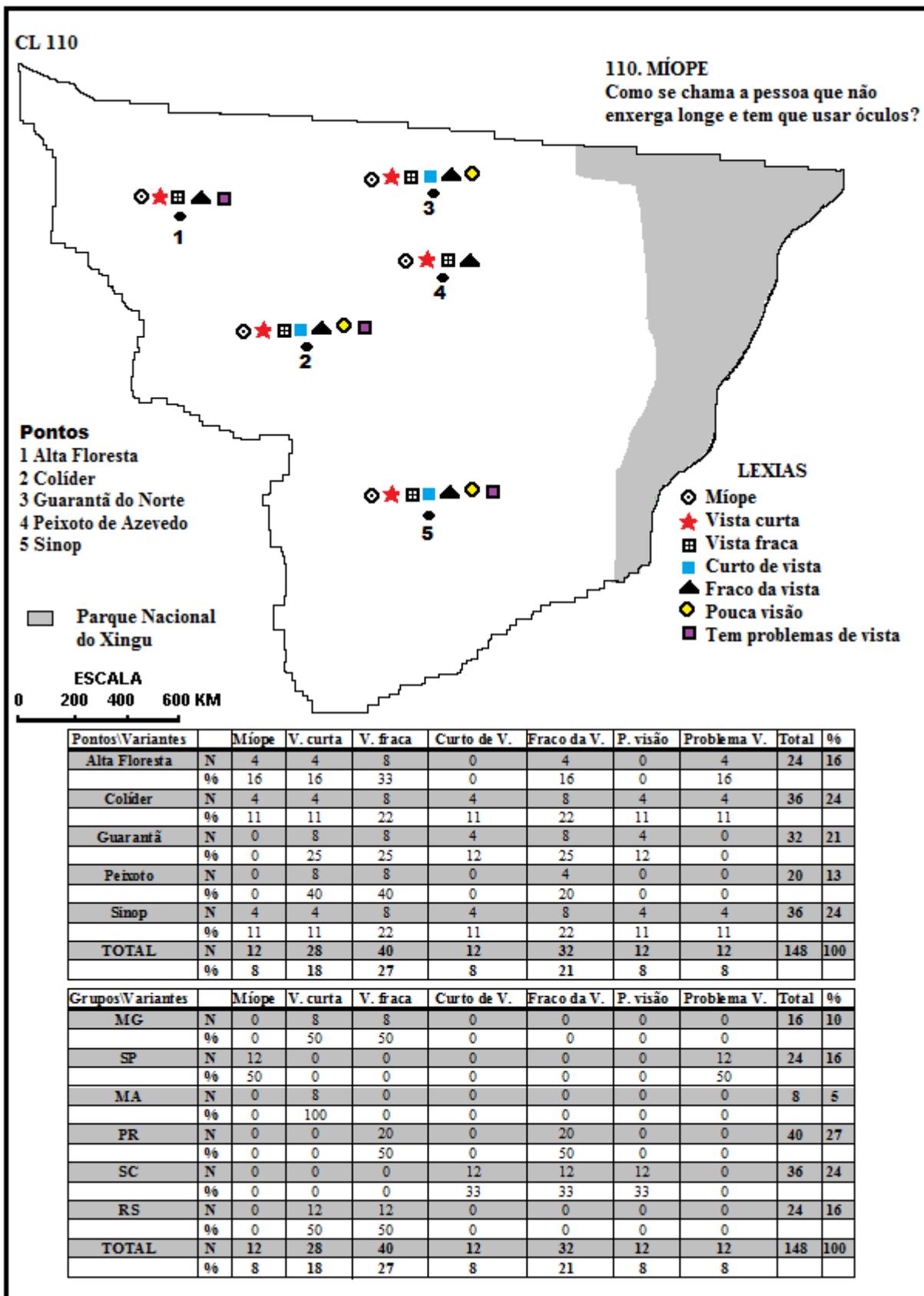
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT - SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINAMICAS



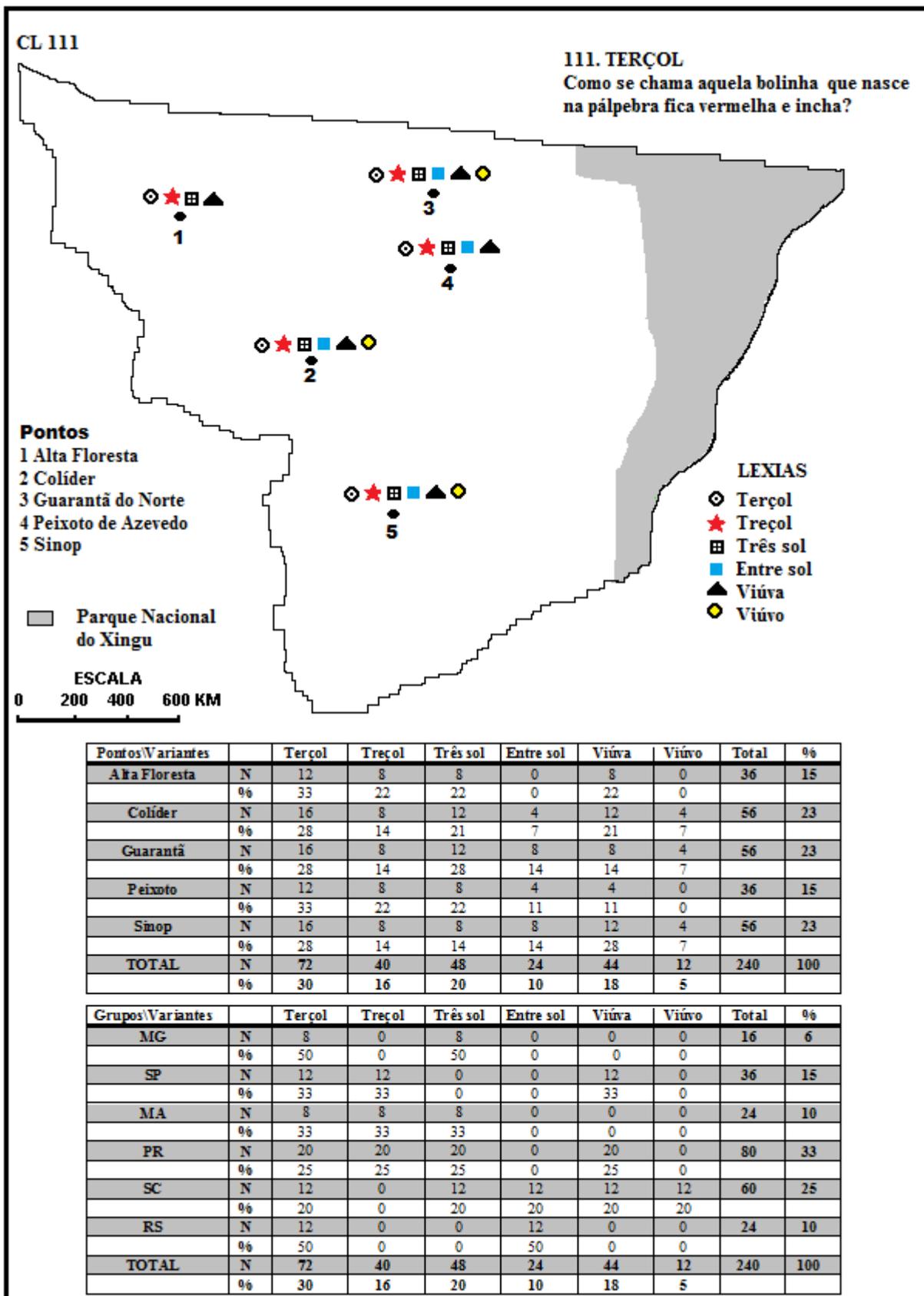
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT -
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINAMICAS



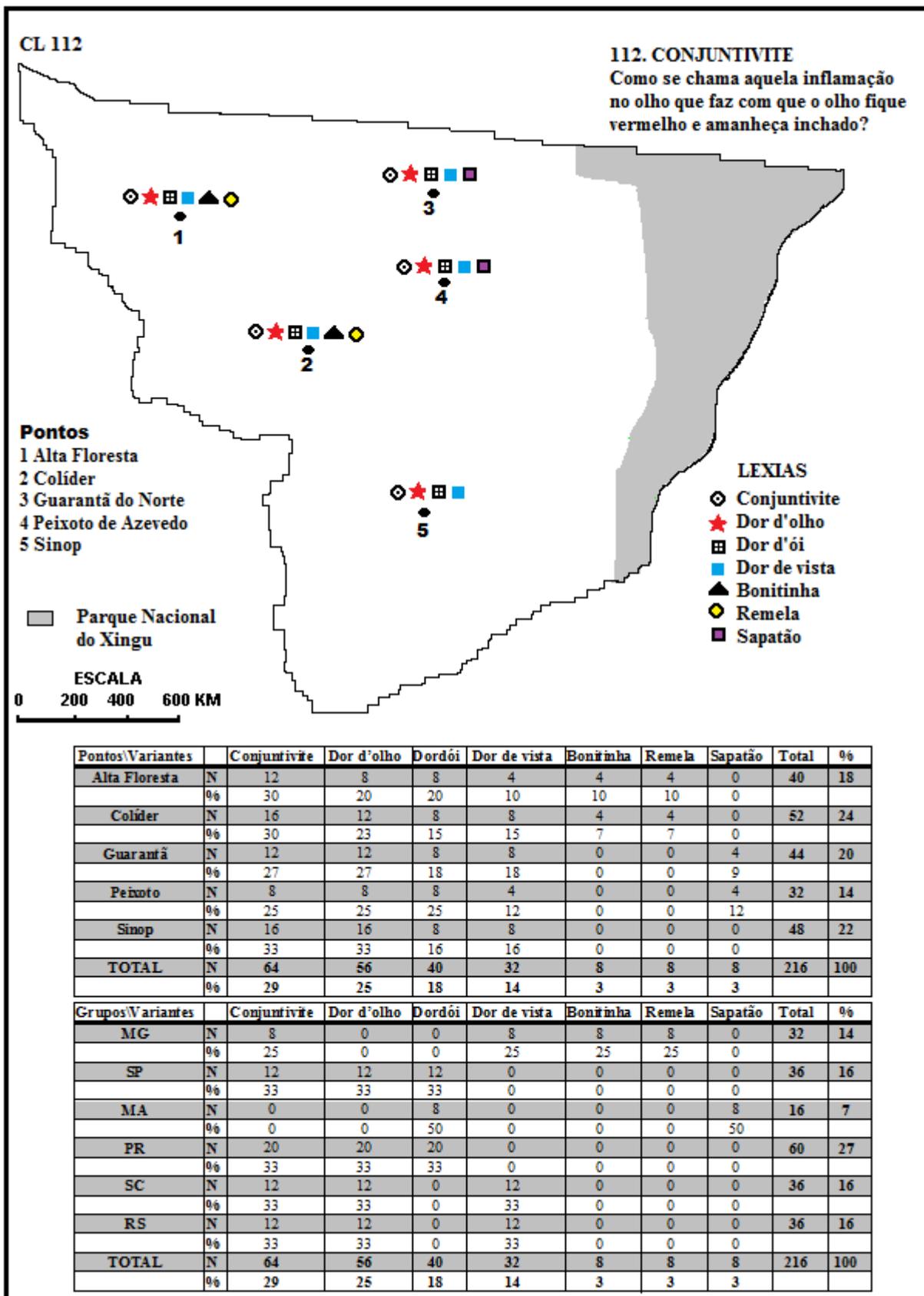
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT -
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINAMICAS



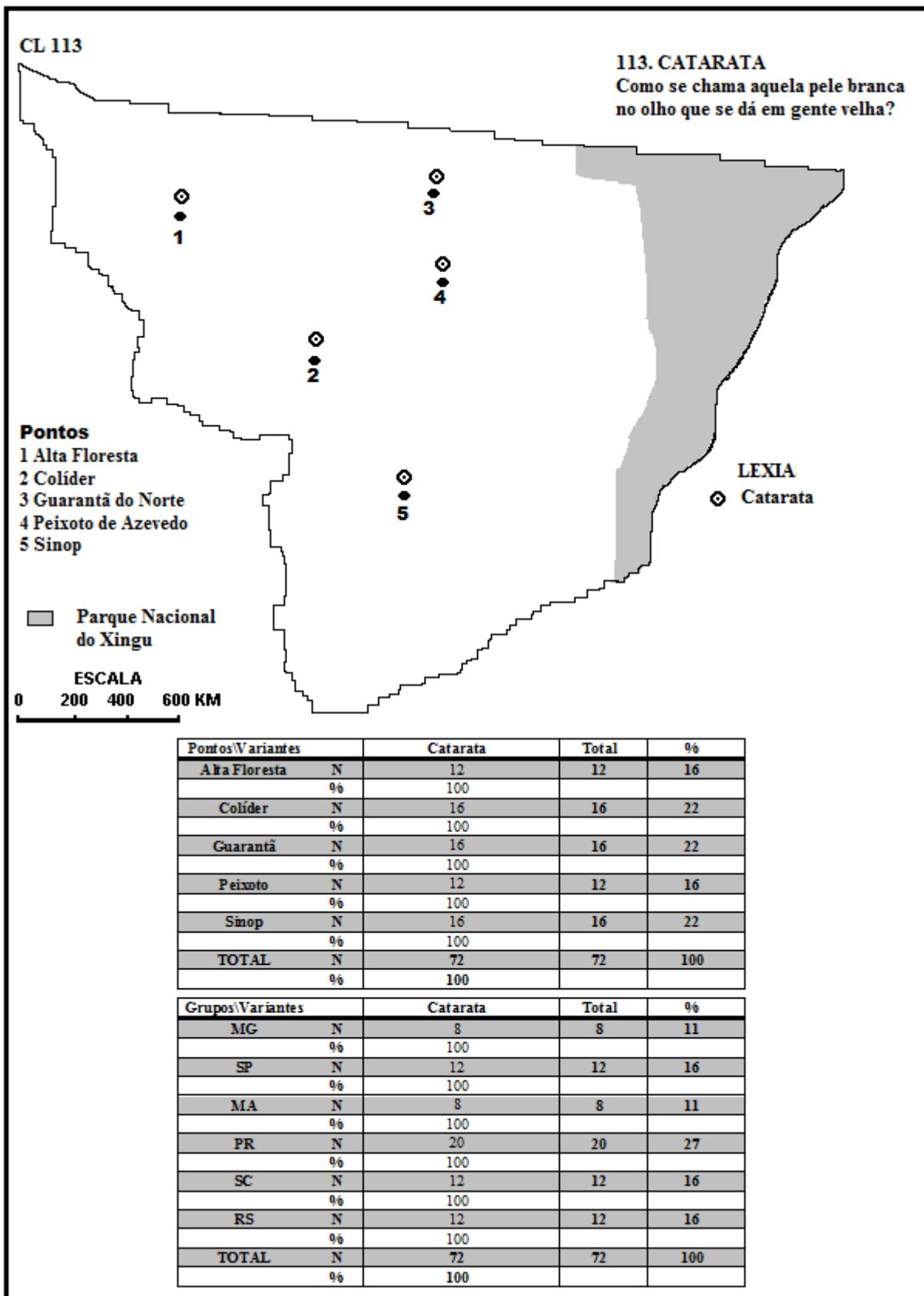
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT -
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINAMICAS



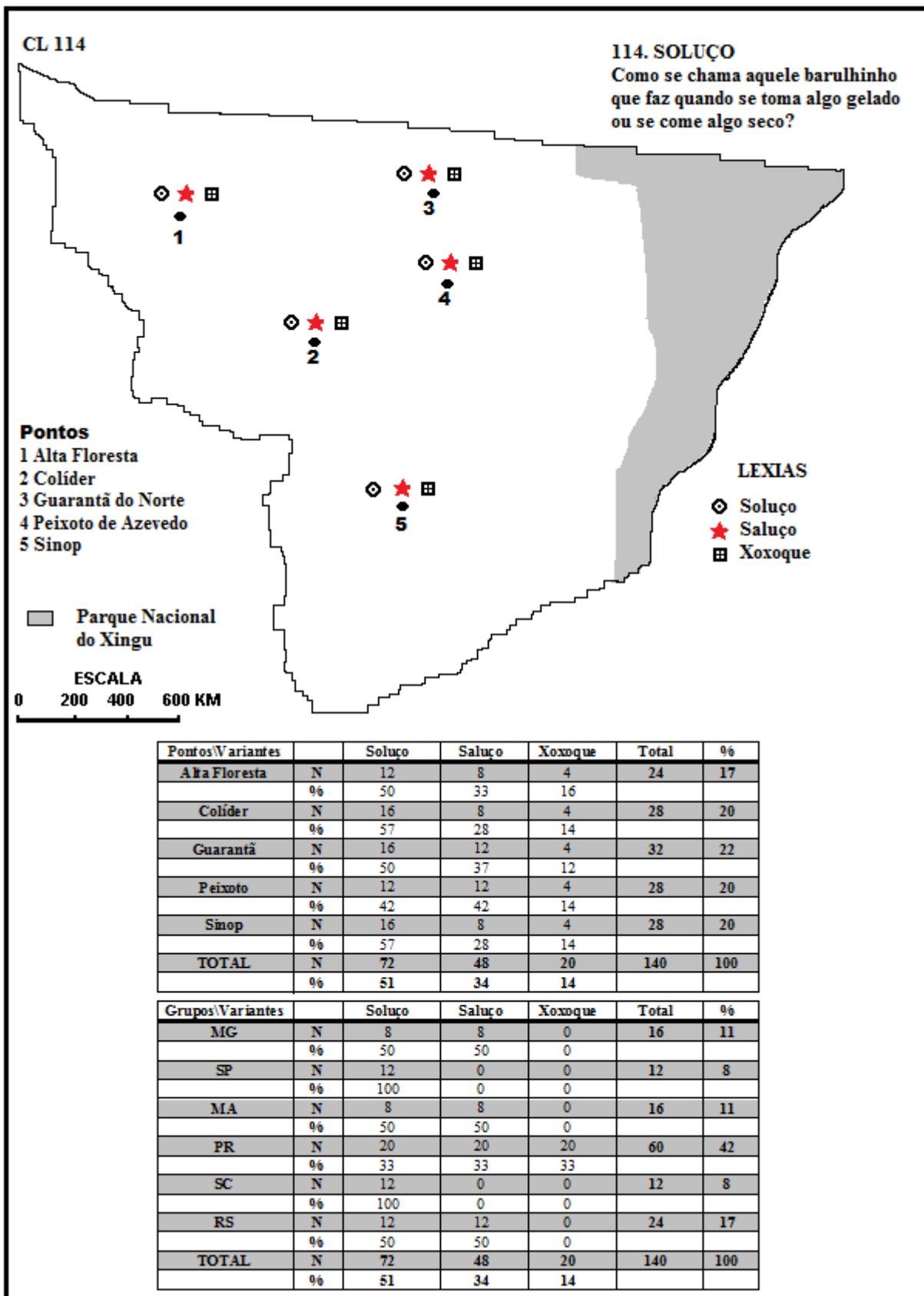
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT -
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINAMICAS



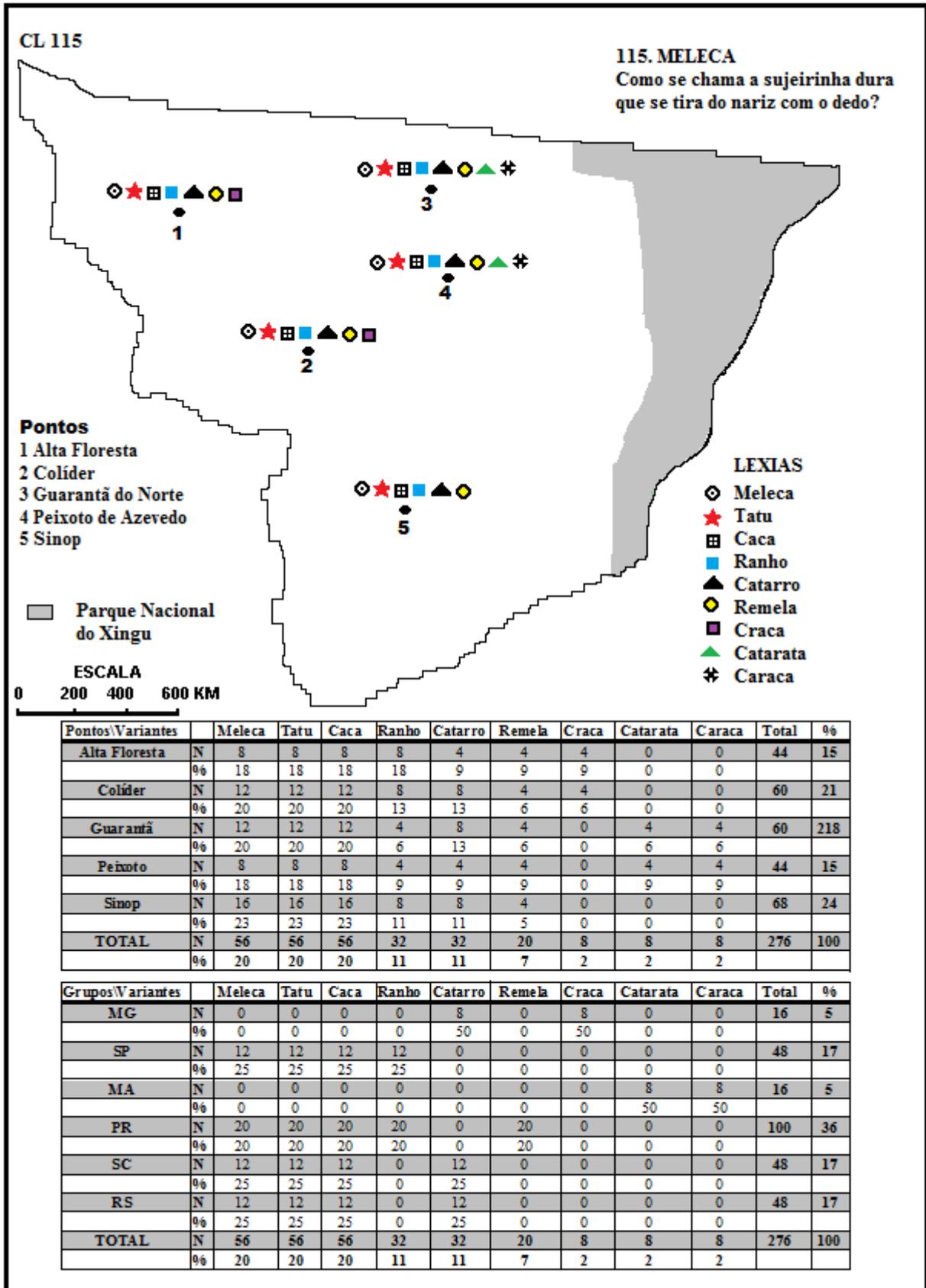
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT -
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINAMICAS



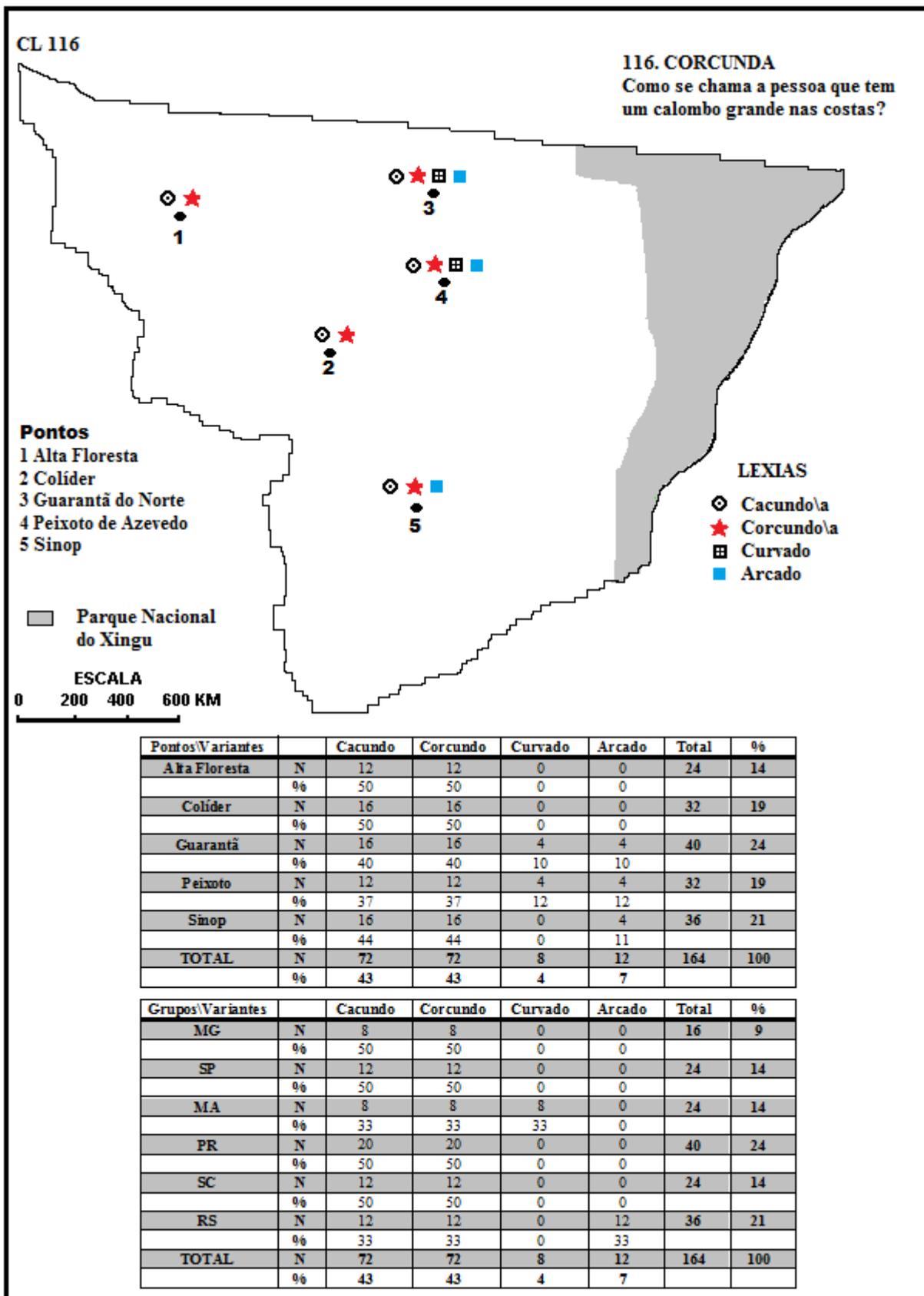
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT -
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINAMICAS



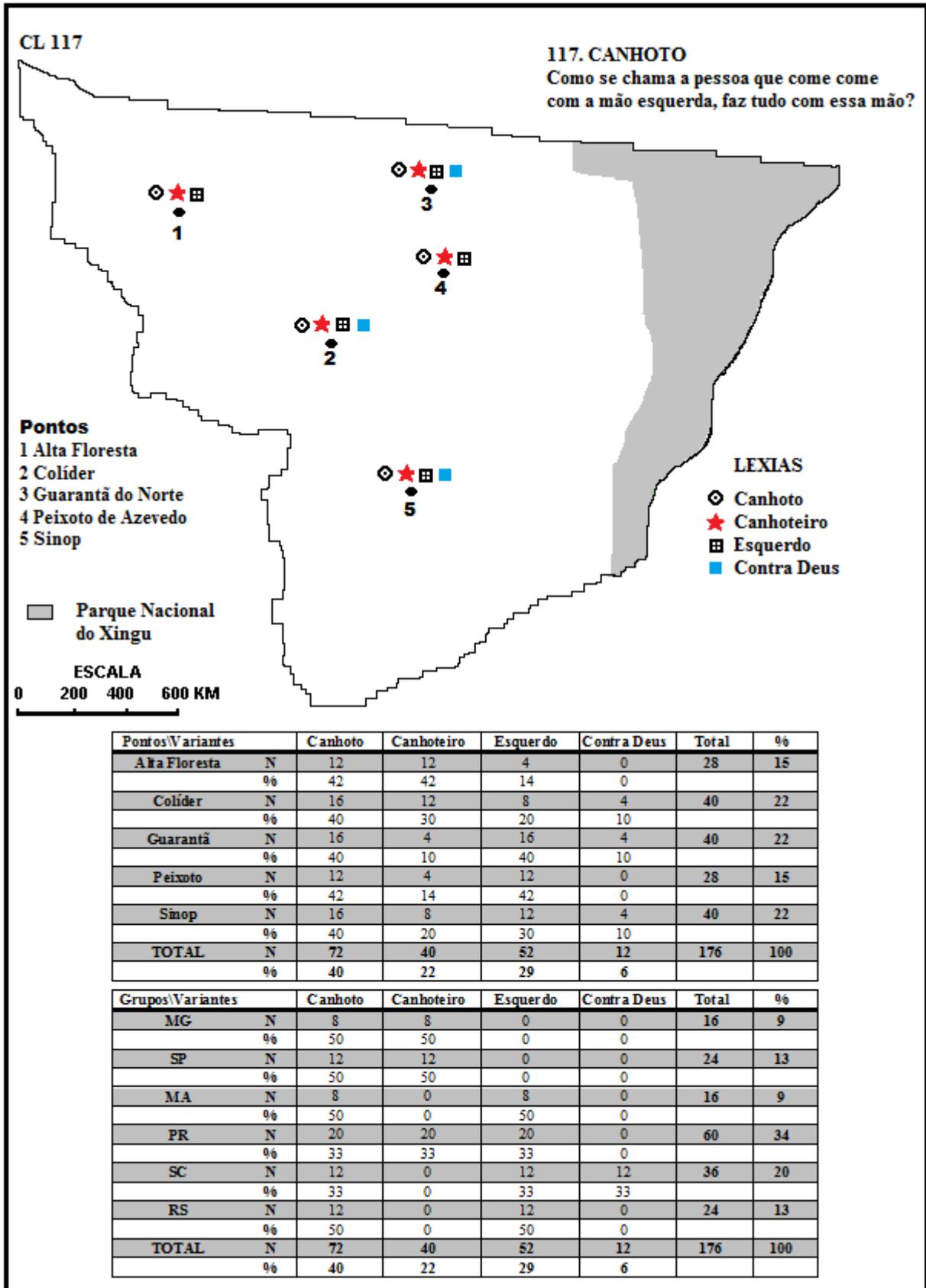
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT - SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINAMICAS



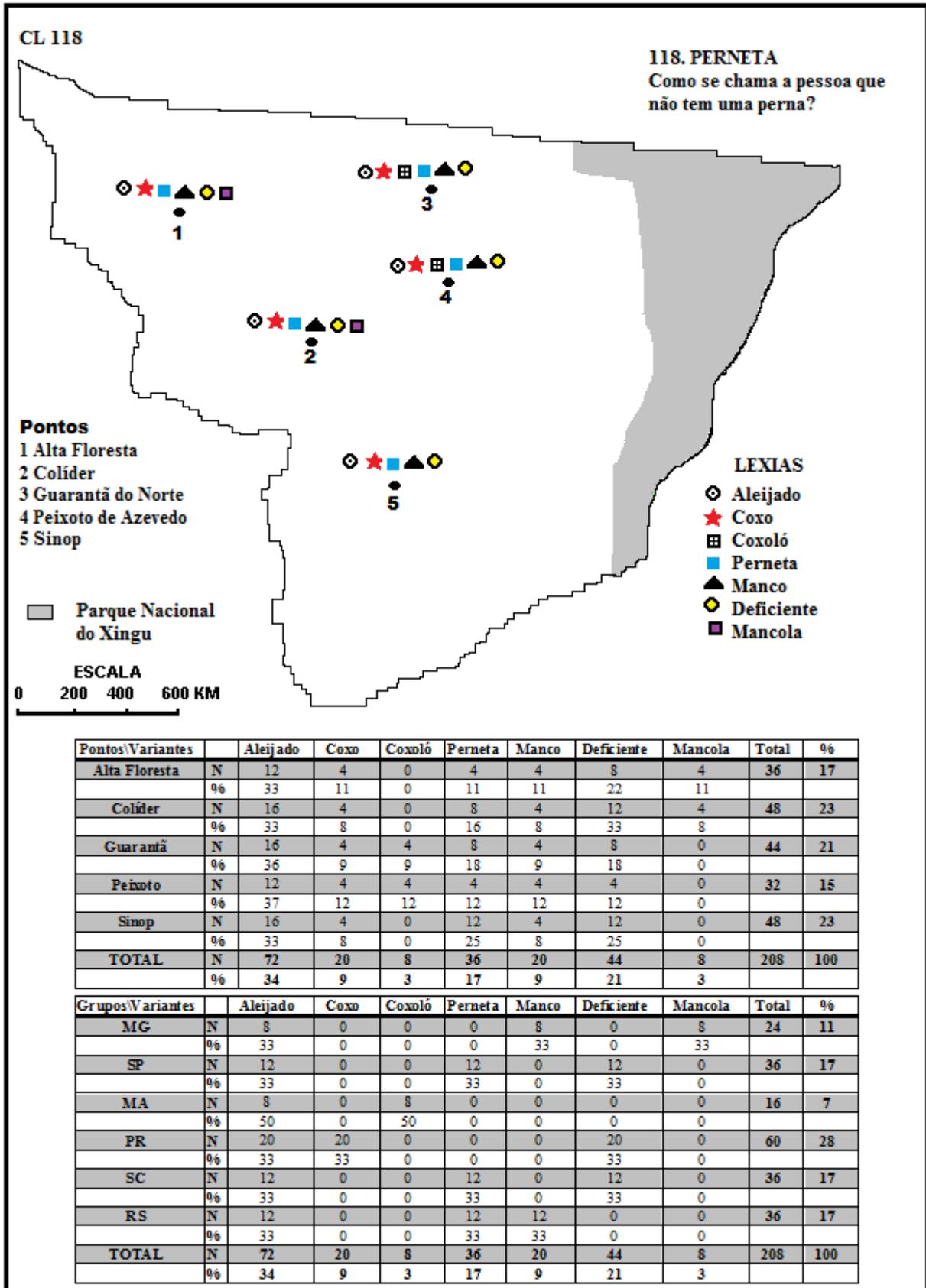
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT -
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINAMICAS



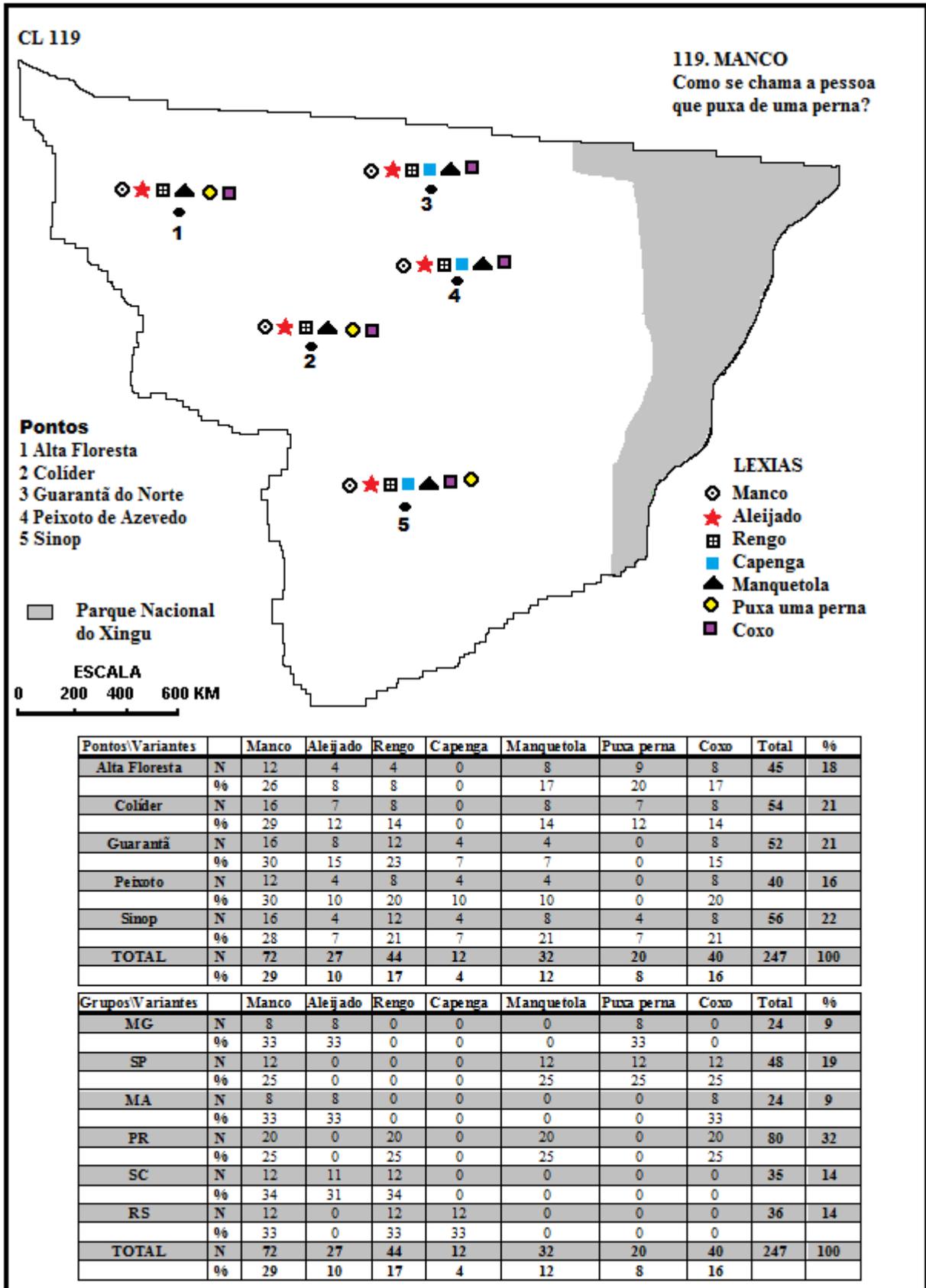
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT - SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINAMICAS



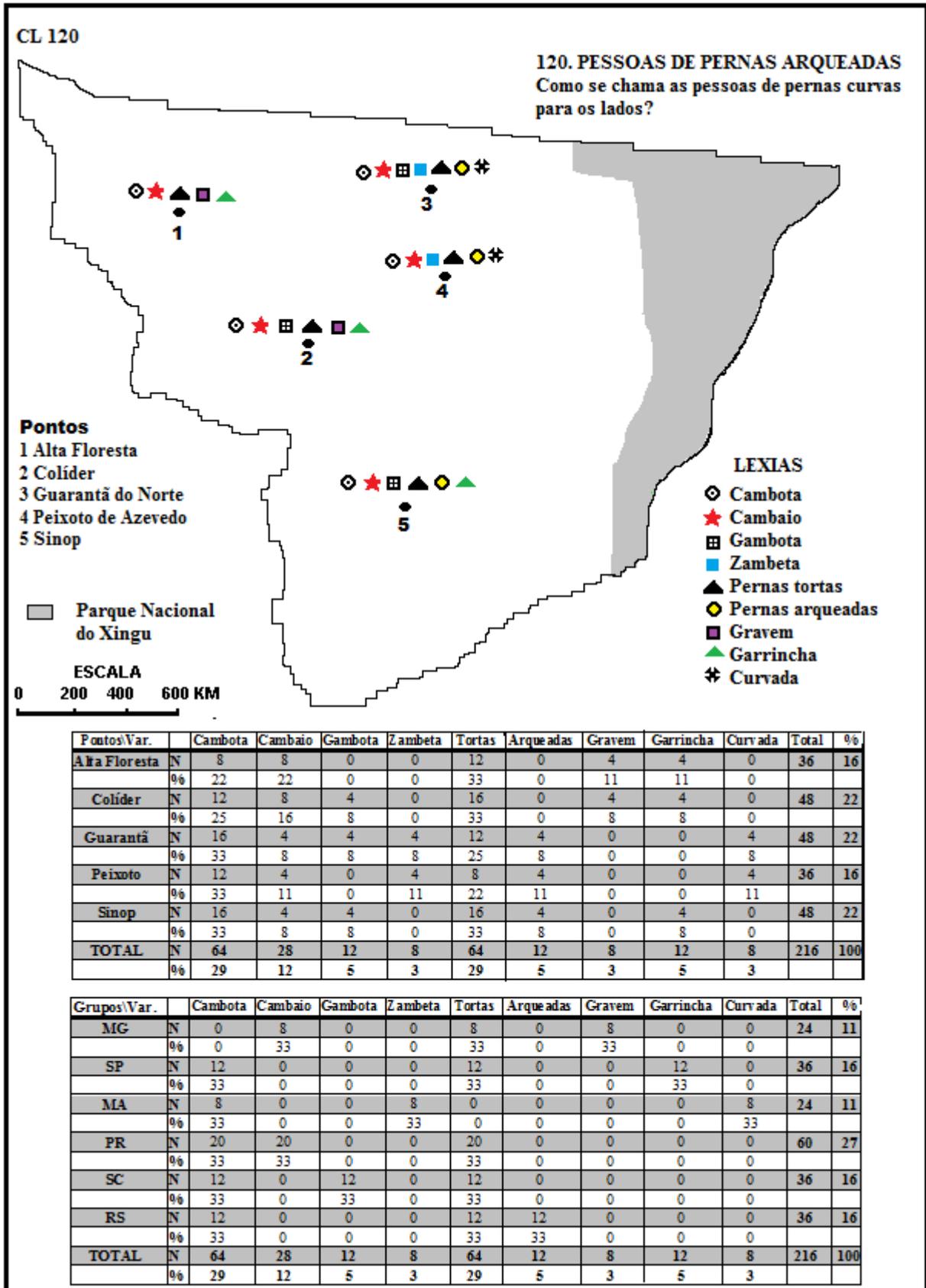
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT - SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINAMICAS



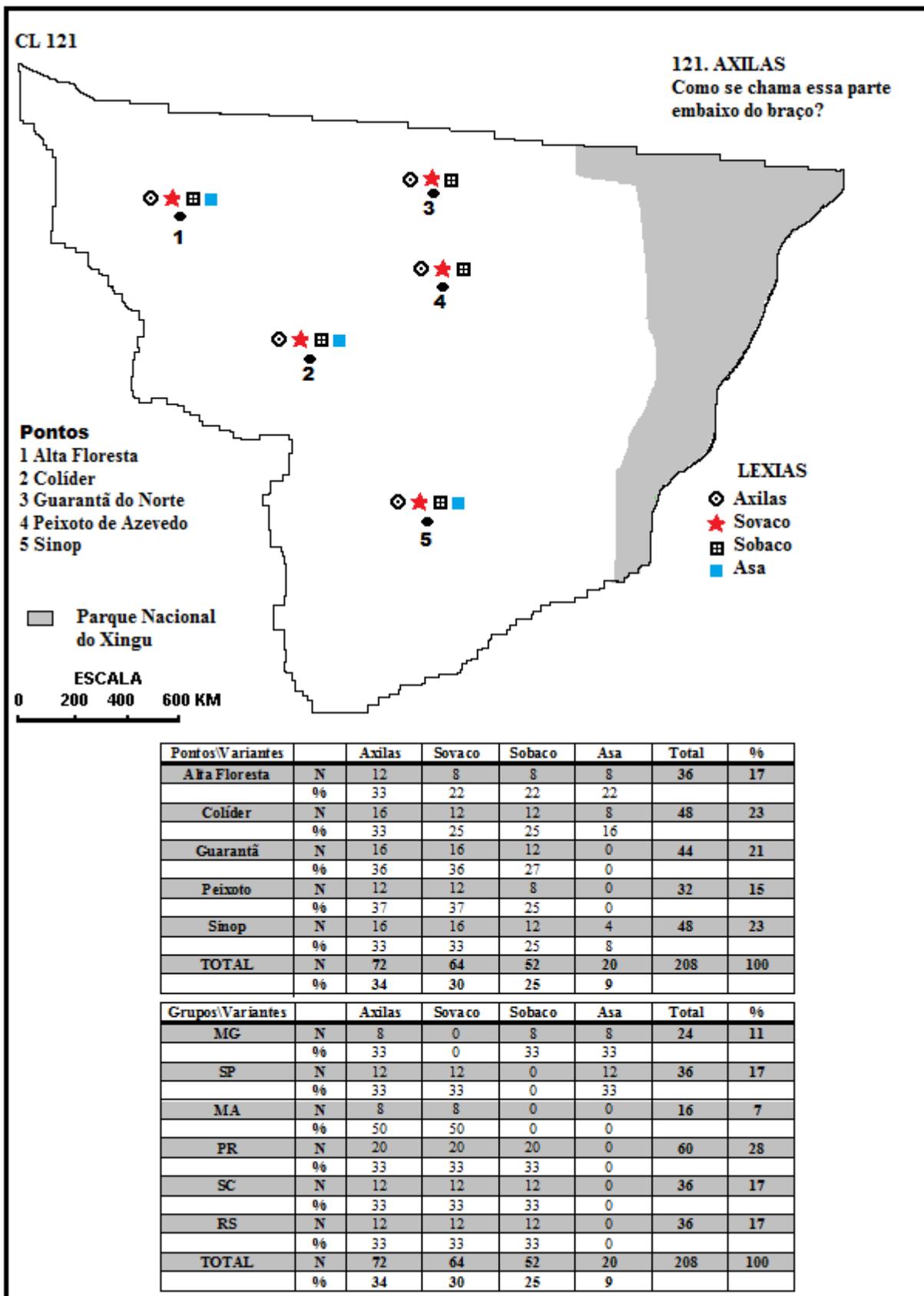
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT - SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINAMICAS



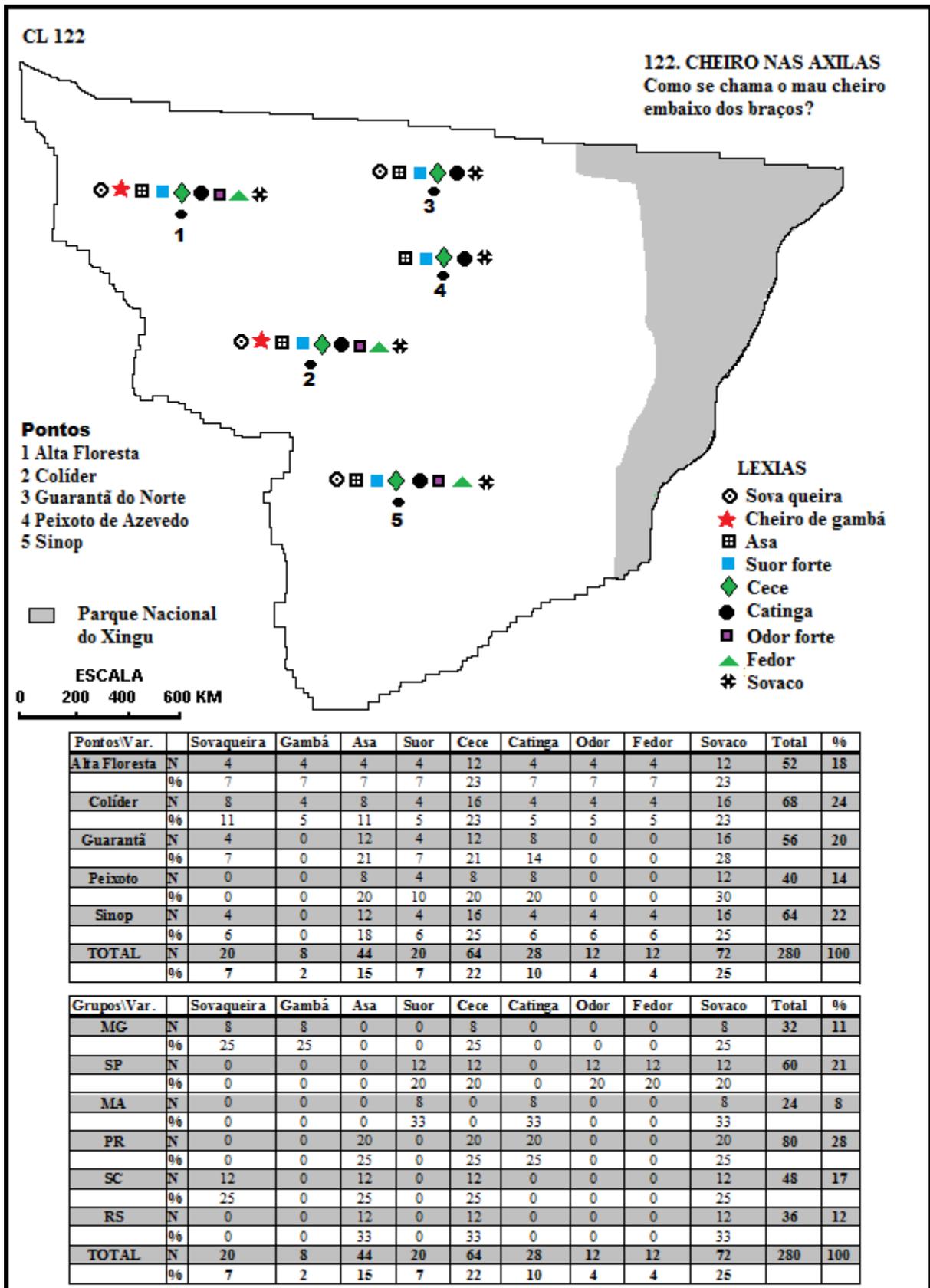
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT - SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINAMICAS



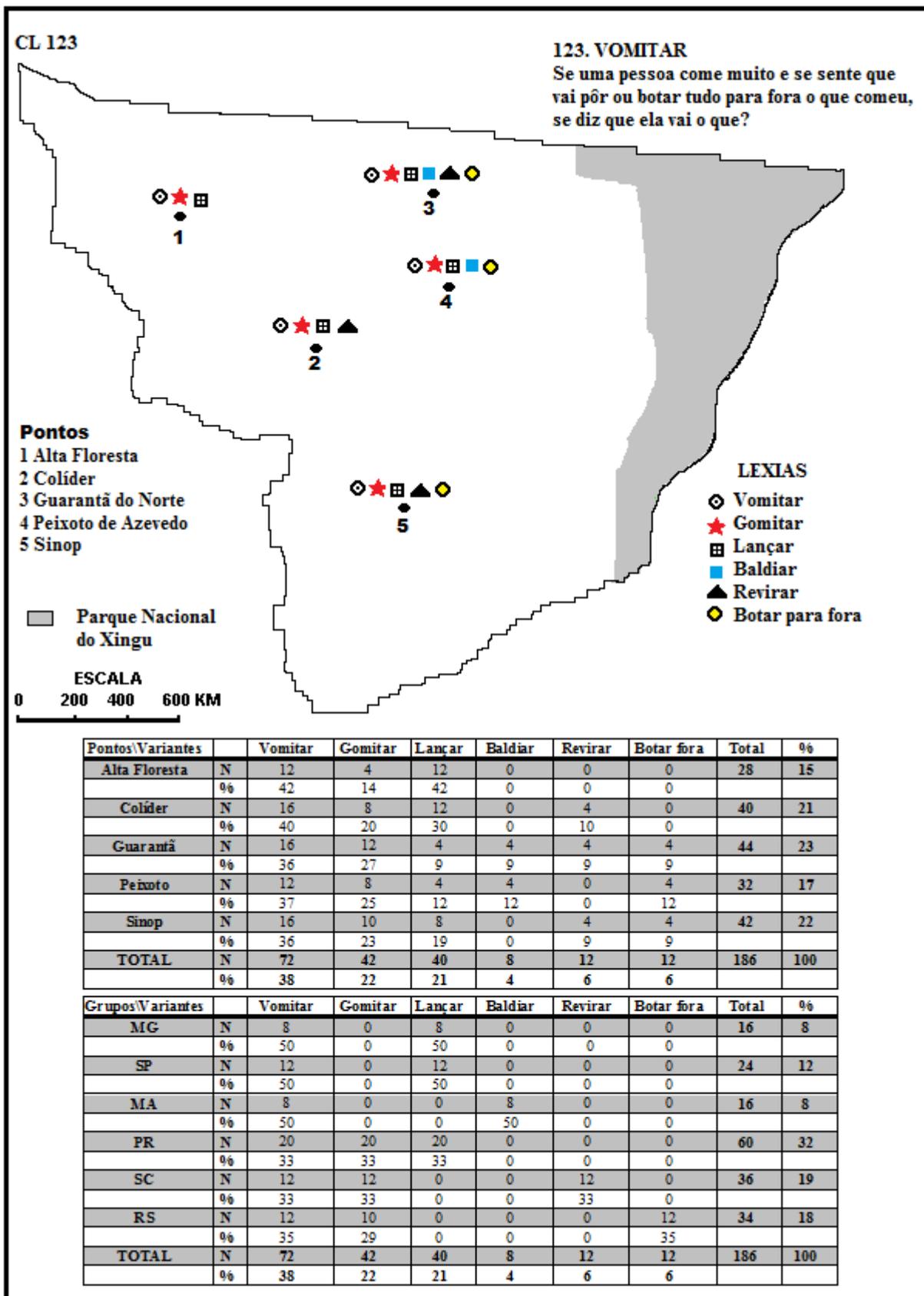
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT -
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINAMICAS



ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT -
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINAMICAS



ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT -
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINAMICAS



**ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT -
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINAMICAS**

5.2.8 CAMPO SEMÂNTICO: *CULTURA E CONVÍVIO*

CARTOGRAMAS LINGUÍSTICAS:

CL 124 – PESSOA TAGARELA

CL 125 – PESSOA POUCO INTELIGENTE

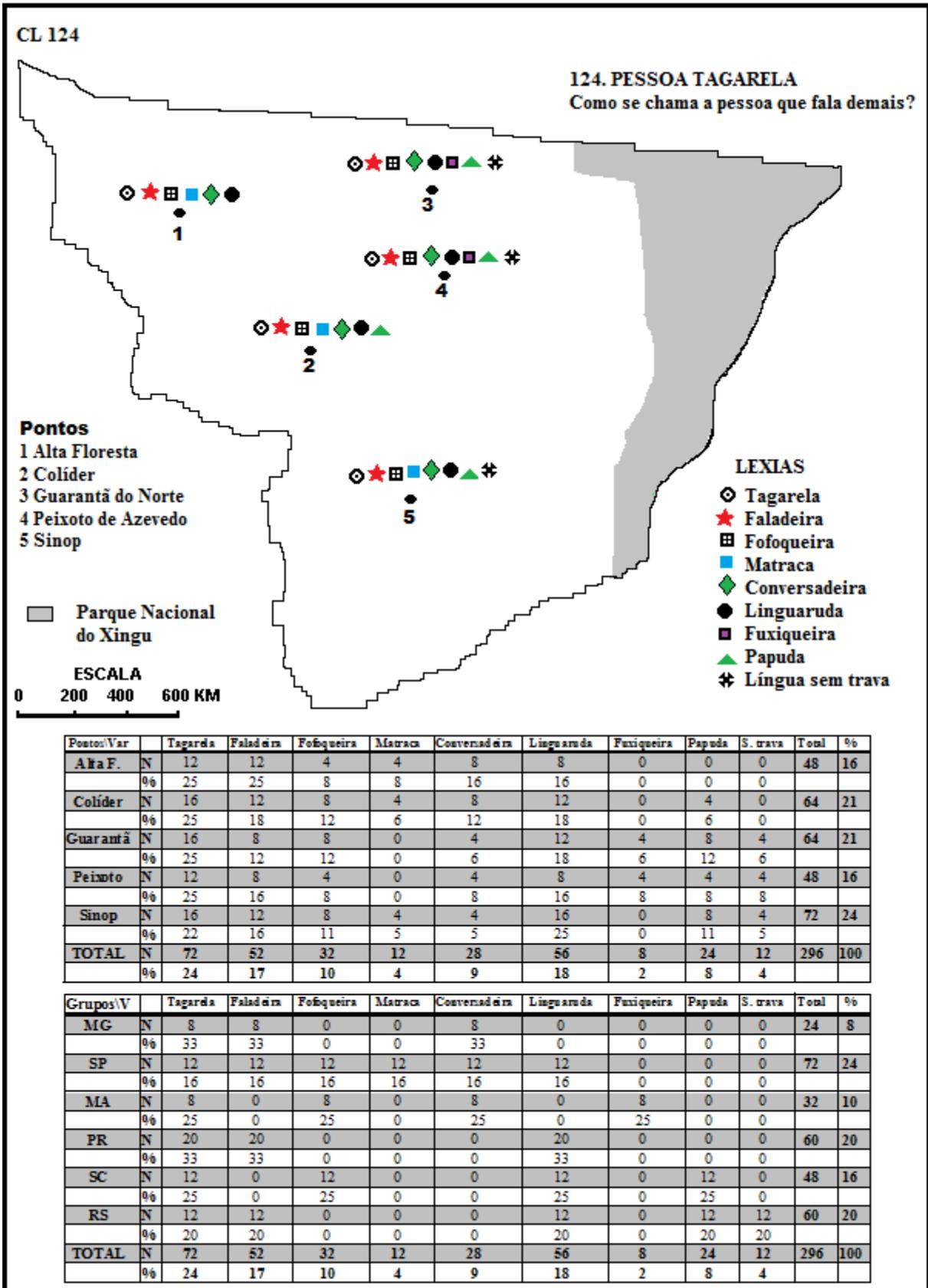
CL 126 – PESSOA SOVINA

CL 127 – MAU PAGADOR

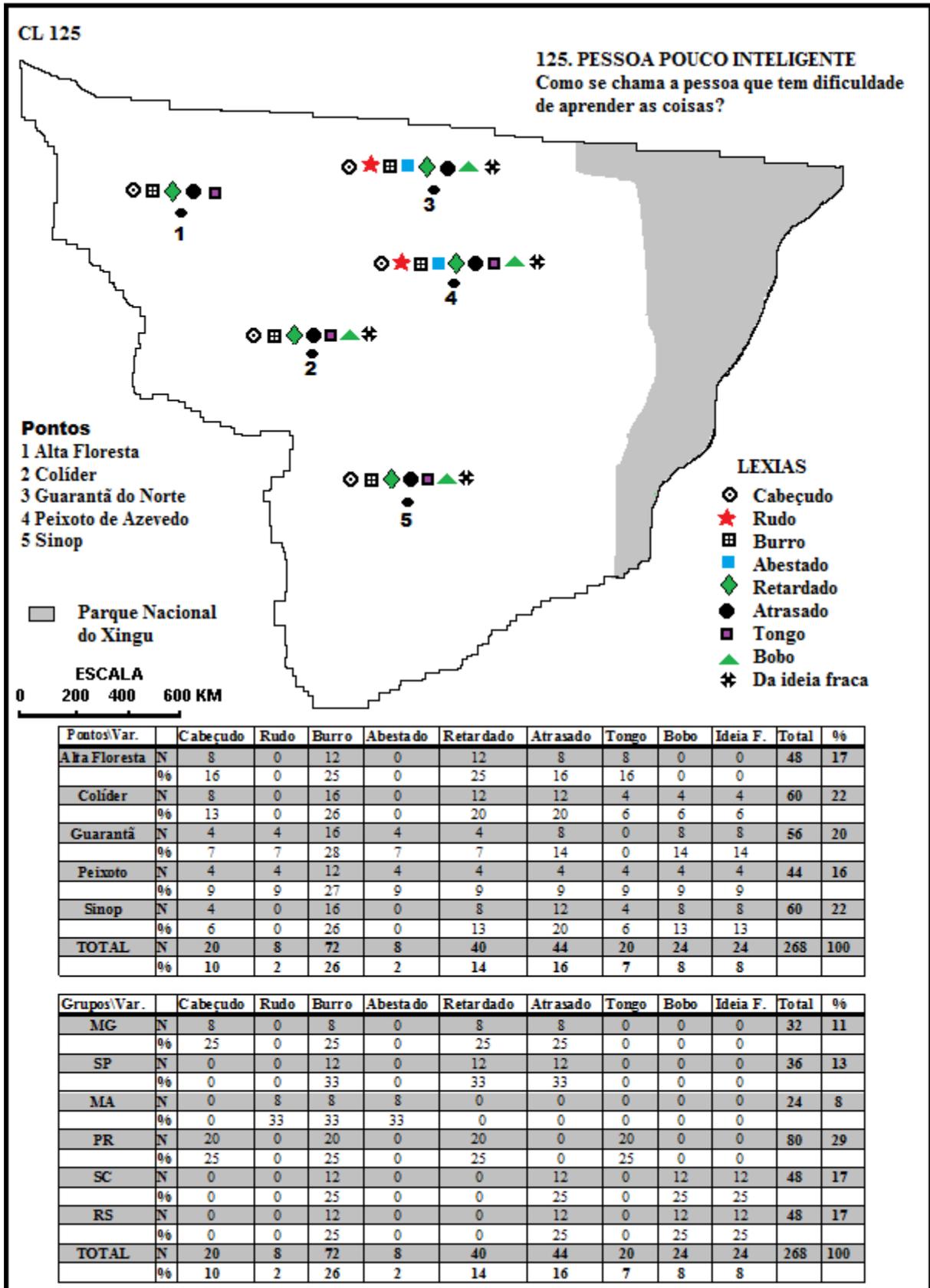
CL 128 – ASSASSINO PAGO

CL 129 – POSSEIRO

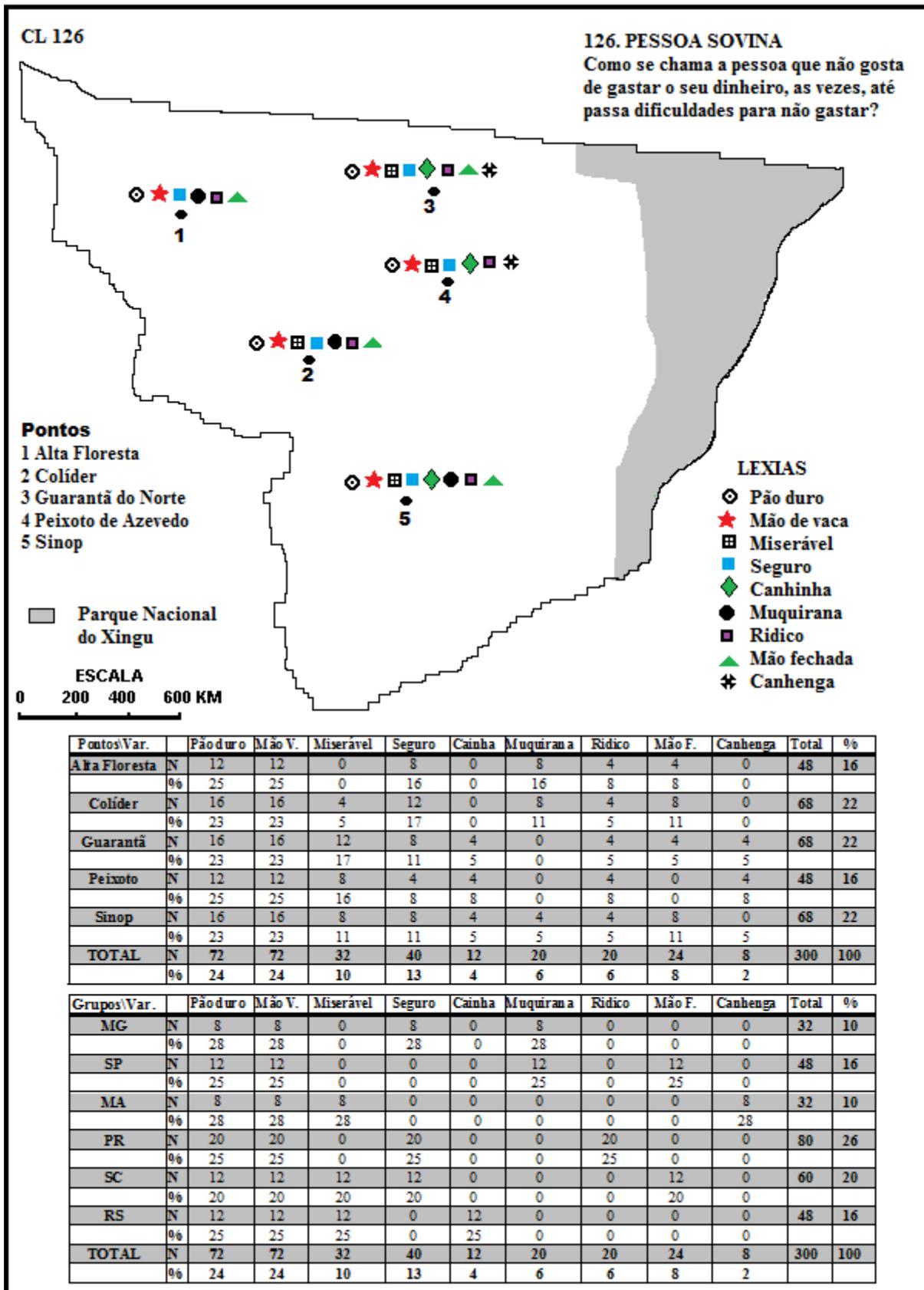
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT - SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINAMICAS



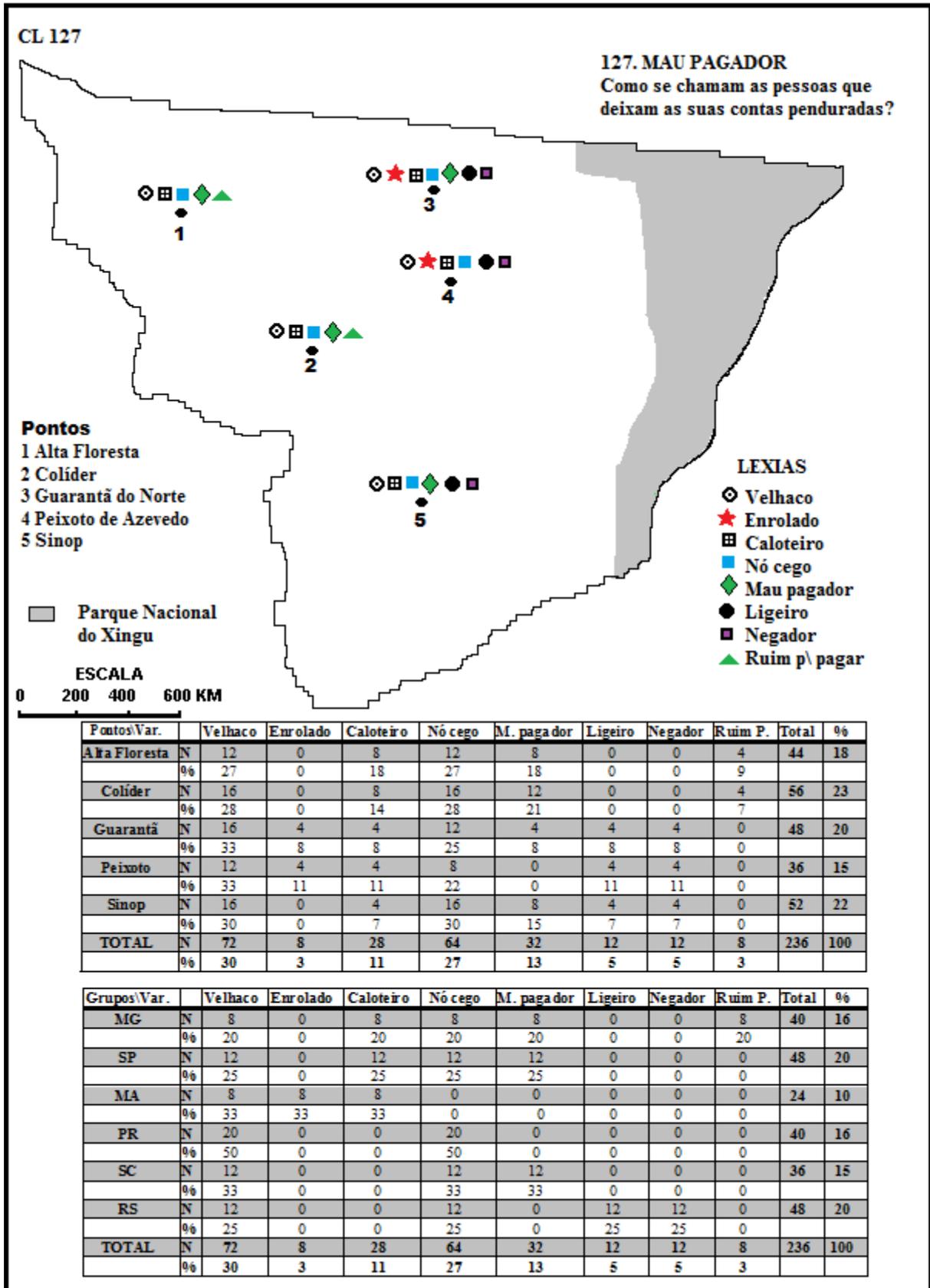
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT - SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINAMICAS



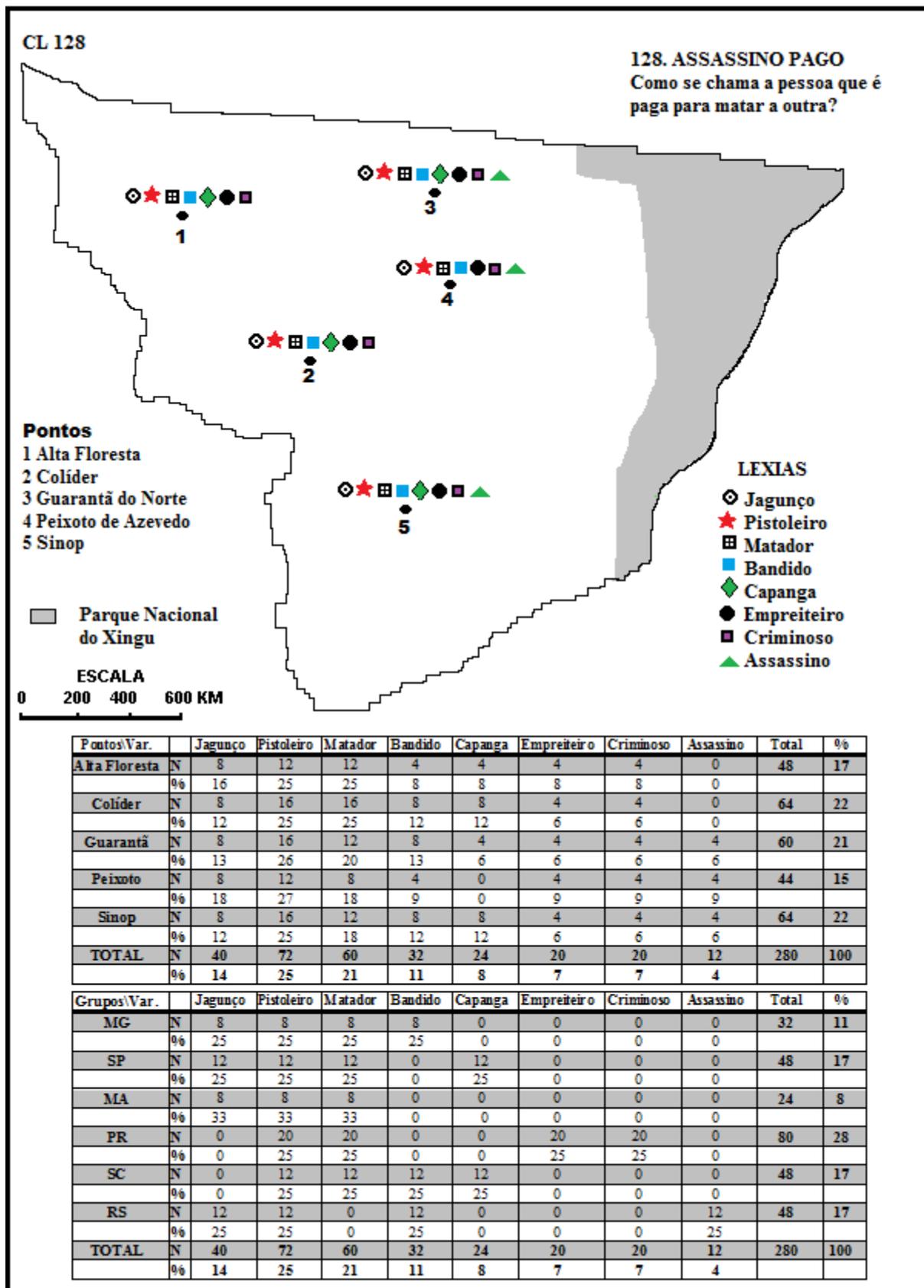
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT - SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINAMICAS



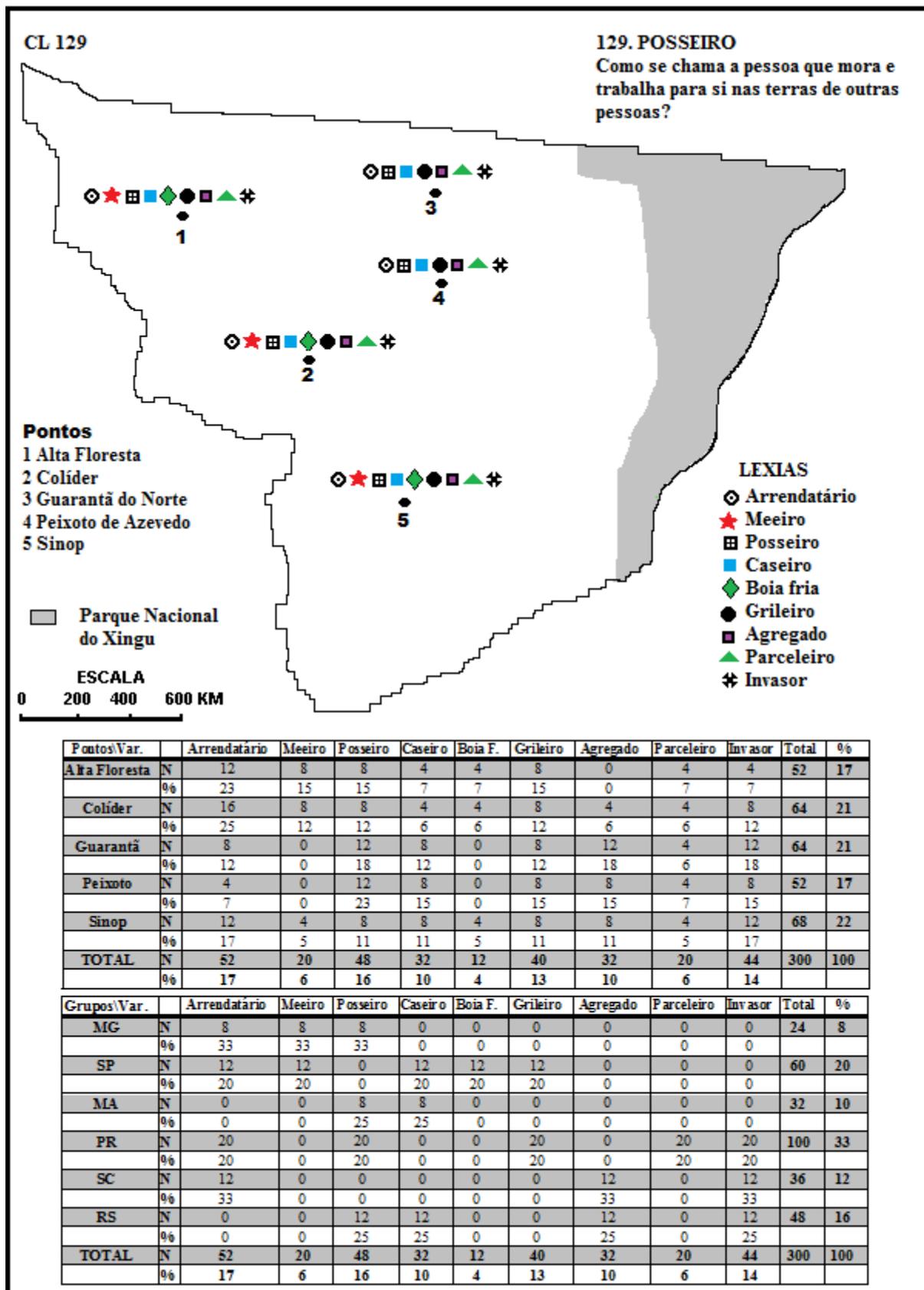
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT - SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINAMICAS



ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT -
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINAMICAS



ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DO ESTADO DE MATO GROSSO - SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINÂMICA



**ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT -
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINAMICAS**

5.2.9 CAMPO SEMÂNTICO: *CICLOS DA VIDA*

CARTOGRAMAS LINGUÍSTICAS:

CL 130 – MENSTRUACÃO

CL 131 – ENTRAR NA MENOPAUSA

CL 132 – PARTEIRA

CL 133 – DAR À LUZ

CL 134 – GÊMEOS

CL 135 – ABORTO

CL 136 – ABORTAR

CL 137 – AMA-DE-LEITE

CL 138 – IRMÃO DE LEITE

CL 139 – FILHO ADOTIVO

CL 140 – FILHO MAIS MOÇO

CL 141 – MENINO

CL 142 – MENINA

CL 143 – ACOMPANHANTE DOS NAMORADOS

CL 144 – MARIDO ENGANADO

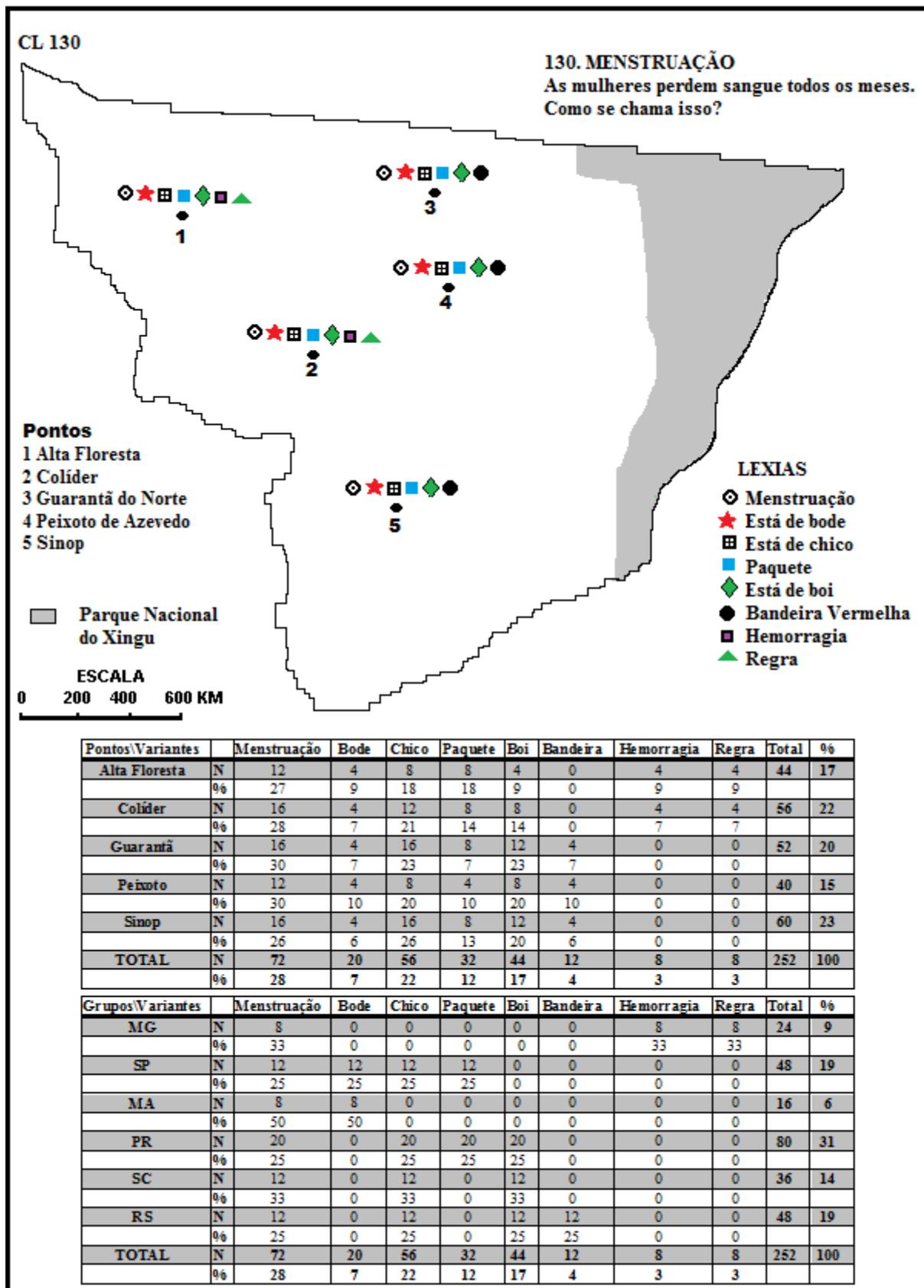
CL 145 – PROSTITUTA

CL 146 – DEFUNTO

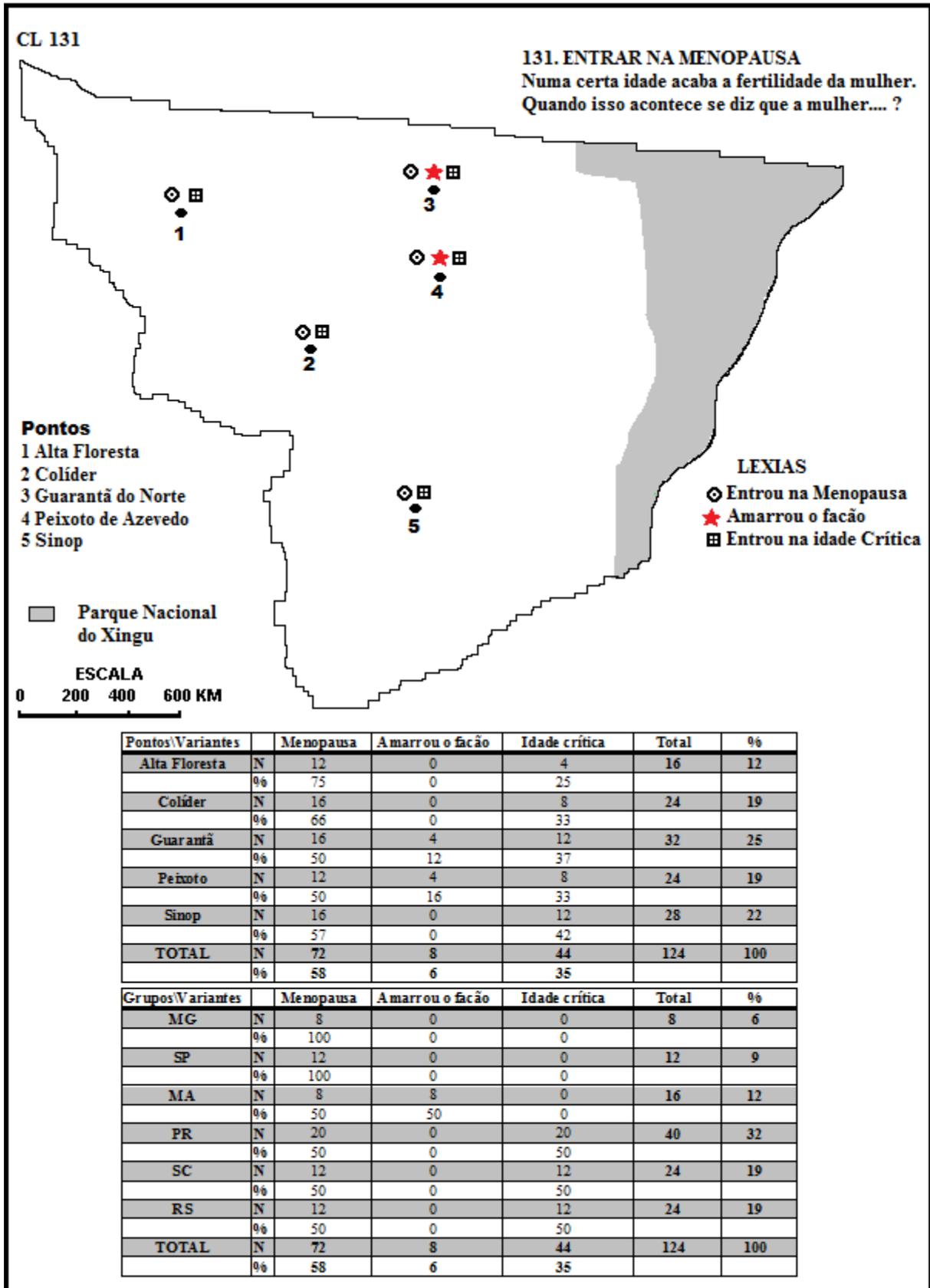
CL 147 – MADRASTA

CL 148 – XARÁ

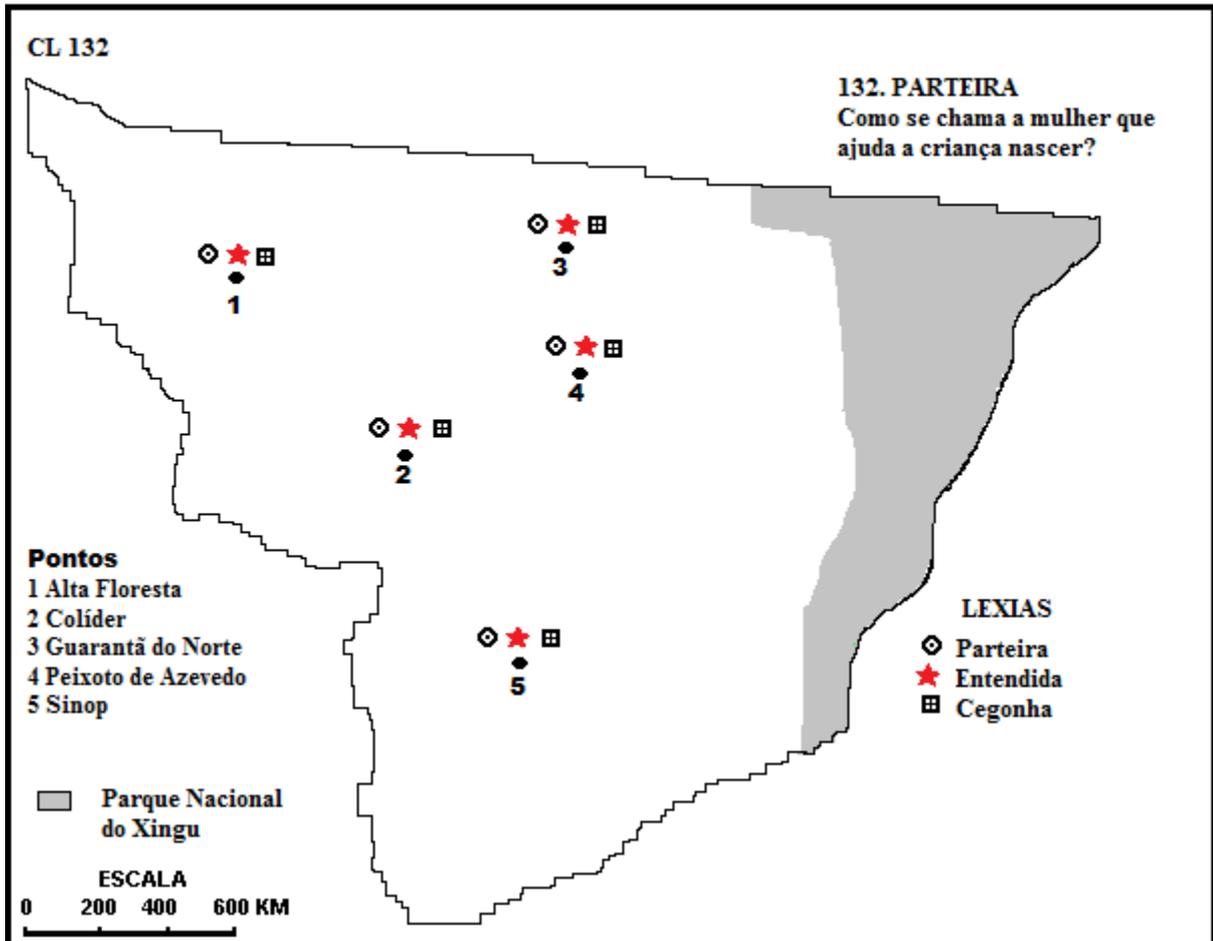
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT -
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINAMICAS



ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT - SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINAMICAS



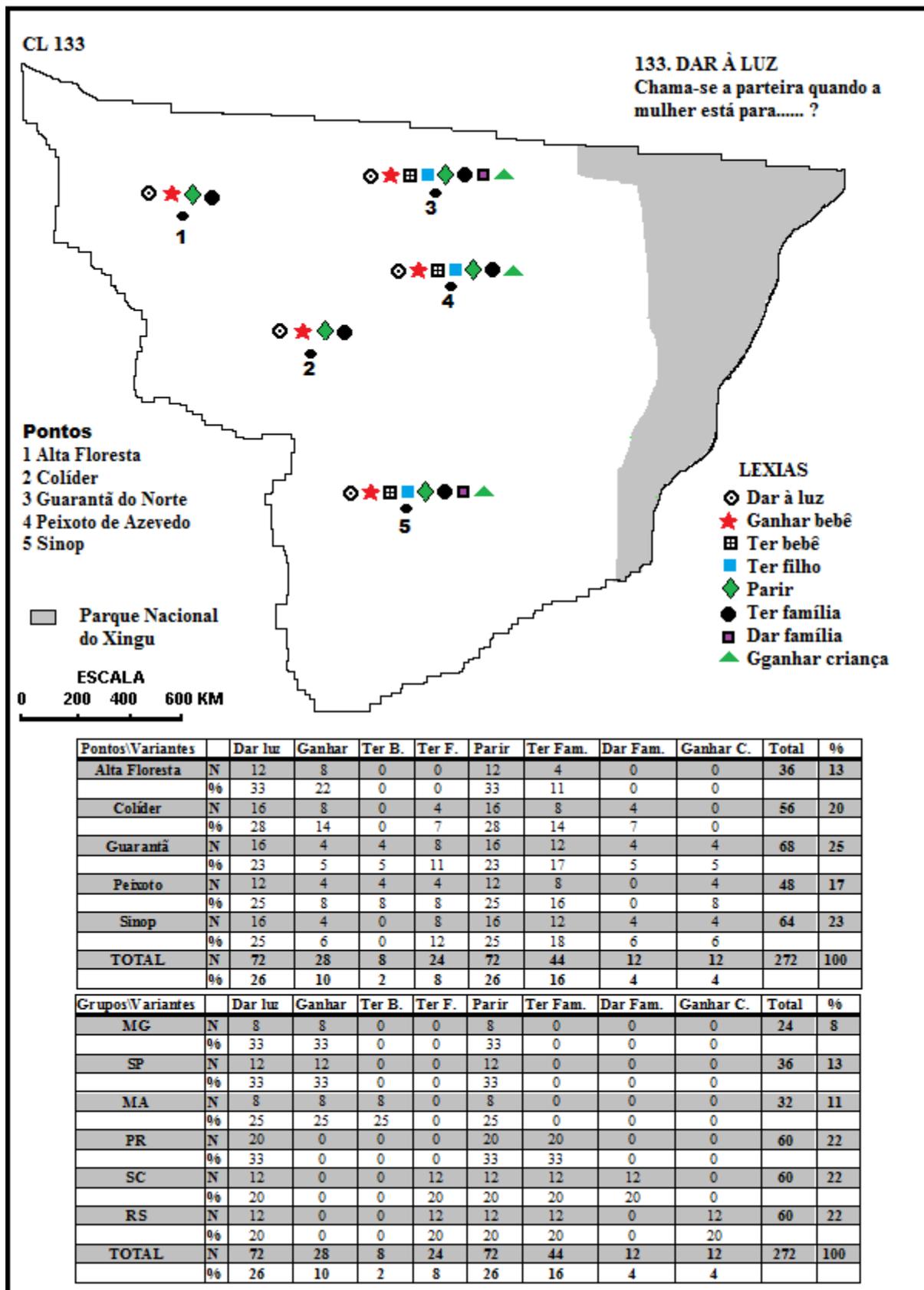
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT - SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINAMICAS



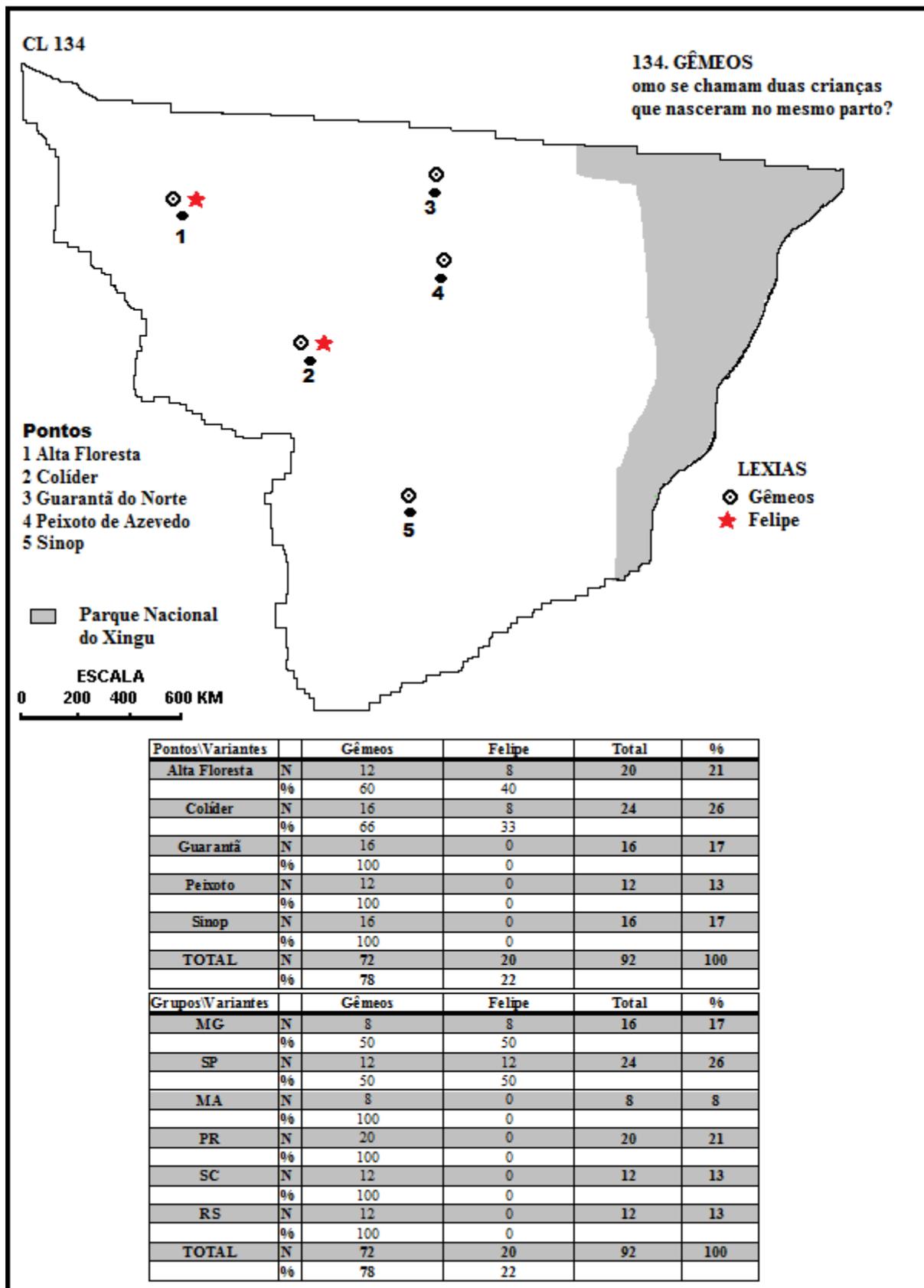
Pontos/Variantes		Parteira	Entendida	Cegonha	Total	%
Alta Floresta	N	12	4	4	20	17
	%	60	20	20		
Colíder	N	16	4	4	24	21
	%	66	16	16		
Guarantã	N	16	4	4	24	21
	%	66	16	16		
Peixoto	N	12	4	4	20	17
	%	60	20	20		
Sinop	N	16	4	4	24	21
	%	66	16	16		
TOTAL	N	72	20	20	112	100
	%	64	17	17		

Grupos/Variantes		Parteira	Entendida	Cegonha	Total	%
MG	N	8	0	0	8	7
	%	100	0	0		
SP	N	12	0	0	12	10
	%	100	0	0		
MA	N	8	0	0	8	7
	%	100	0	0		
PR	N	20	20	20	60	53
	%	33	33	33		
SC	N	12	0	0	12	10
	%	100	0	0		
RS	N	12	0	0	12	10
	%	100	0	0		
TOTAL	N	72	20	20	112	100
	%	64	17	17		

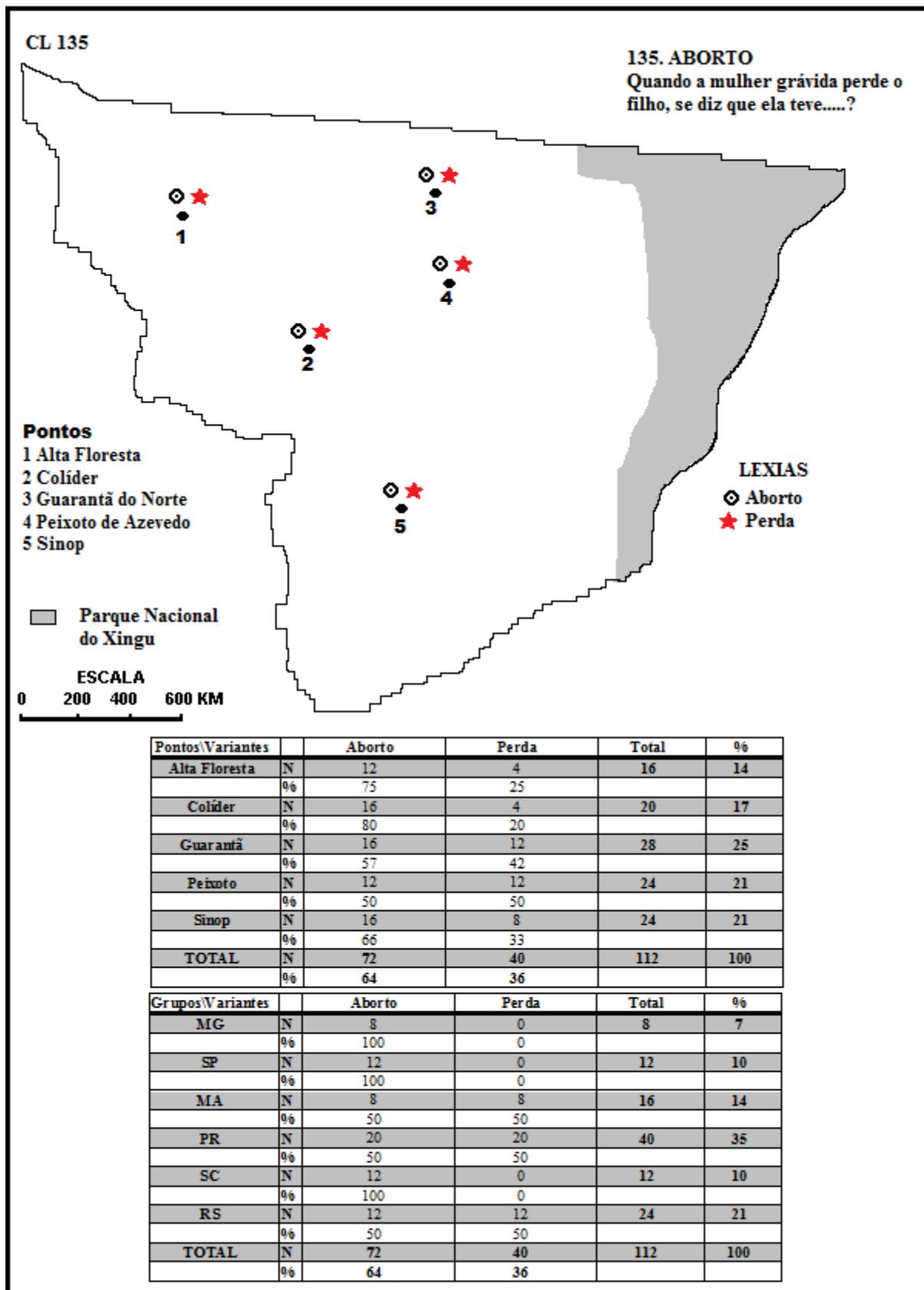
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT -
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINAMICAS



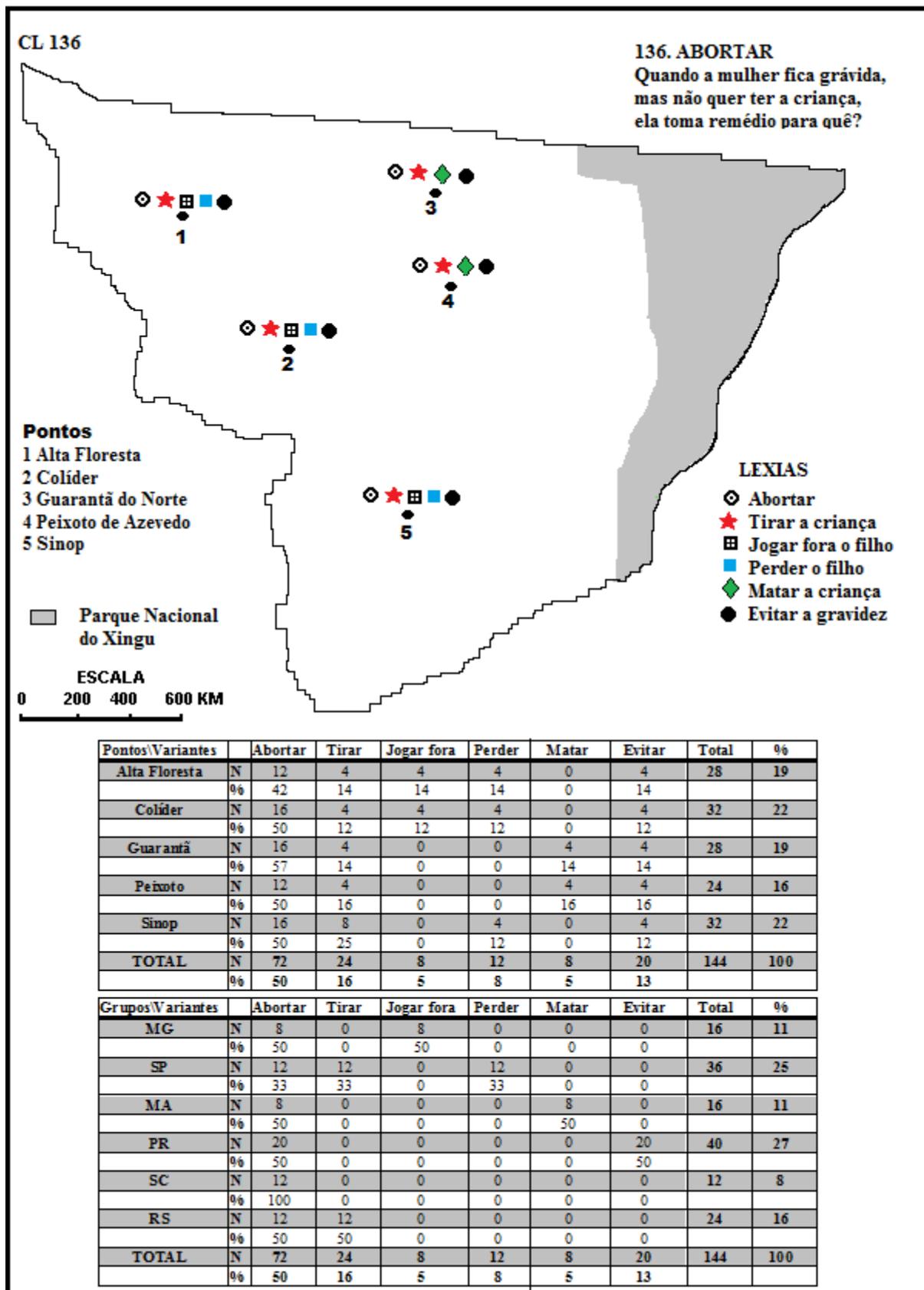
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT -
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINAMICAS



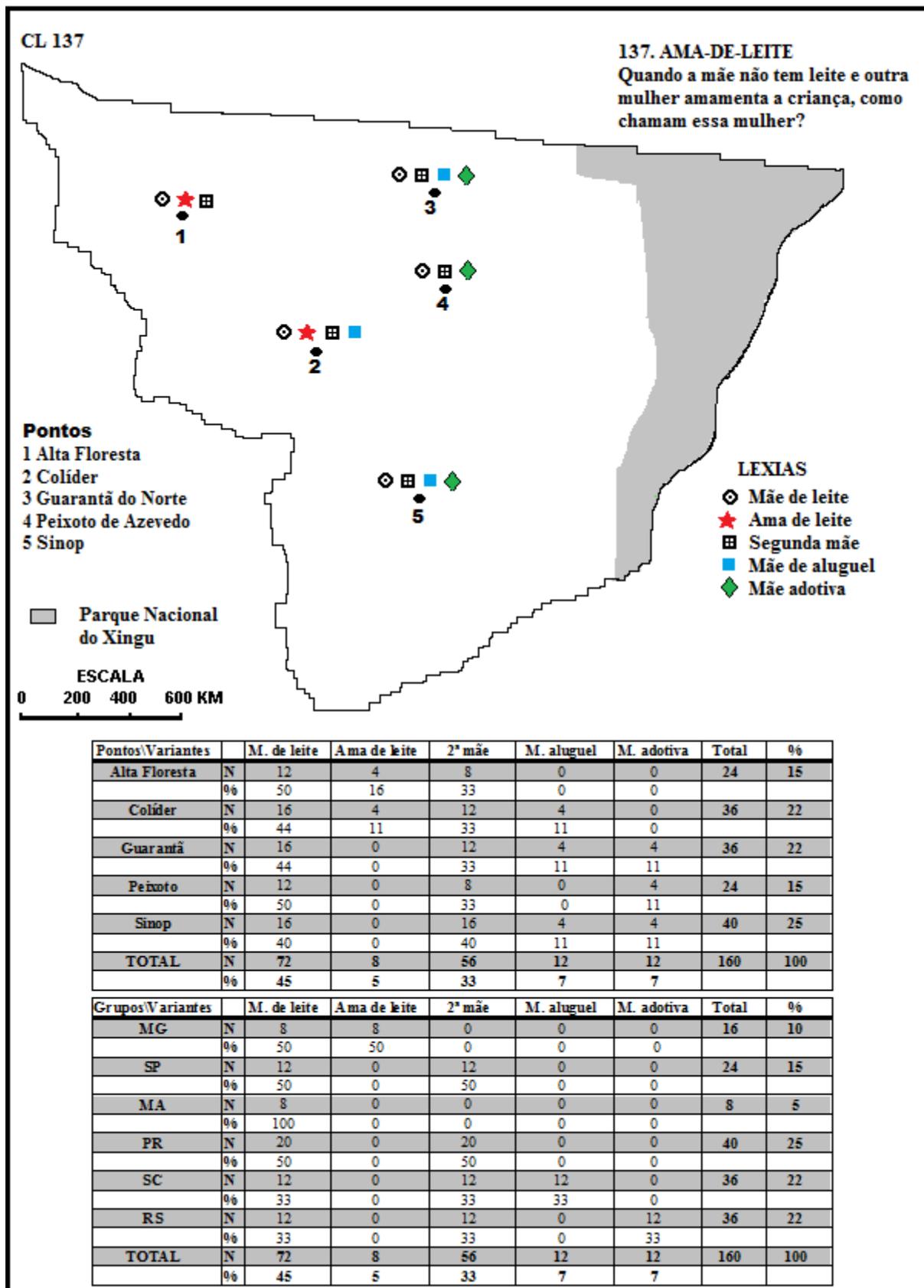
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT -
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINAMICAS



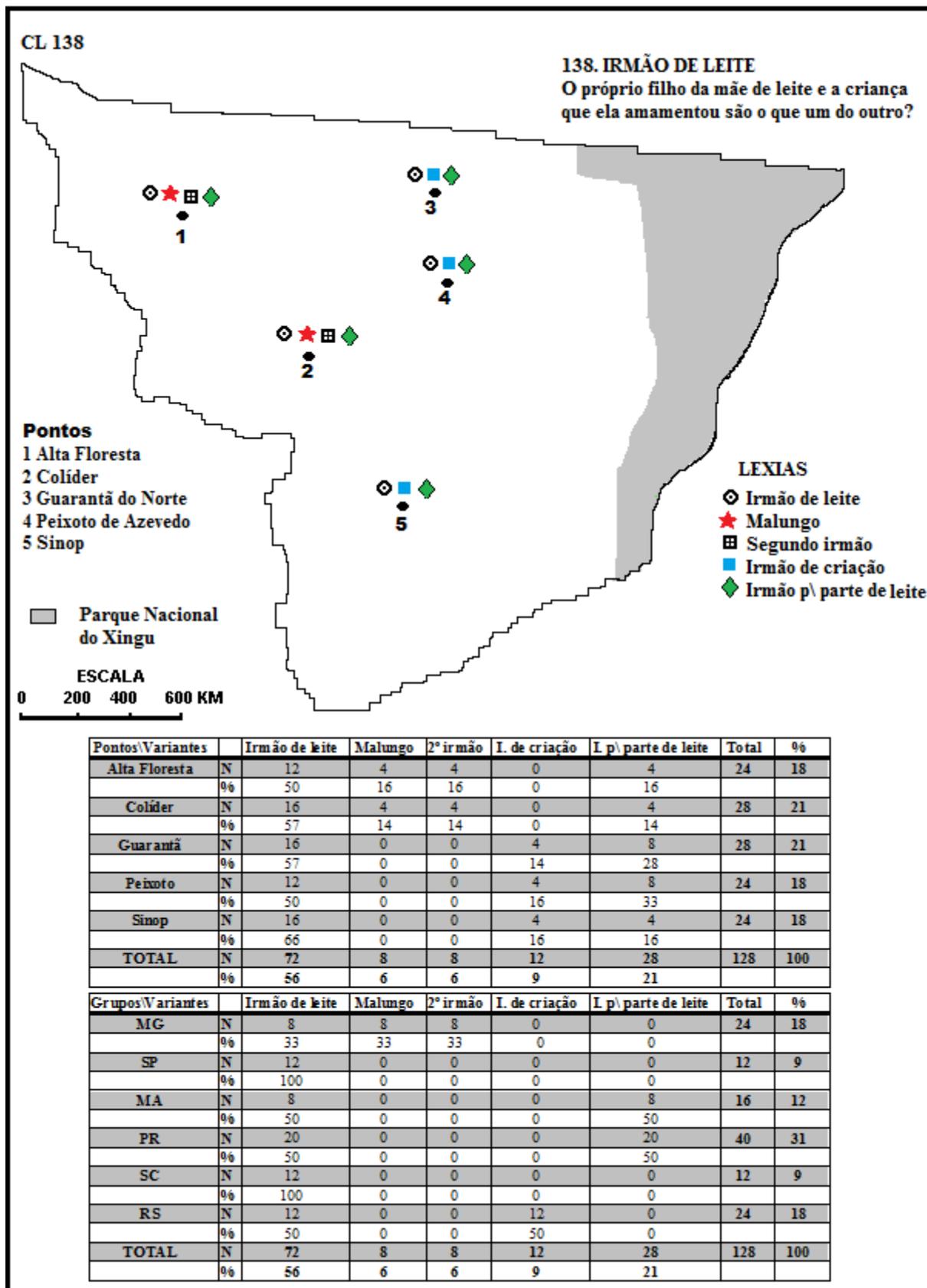
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT -
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINAMICAS



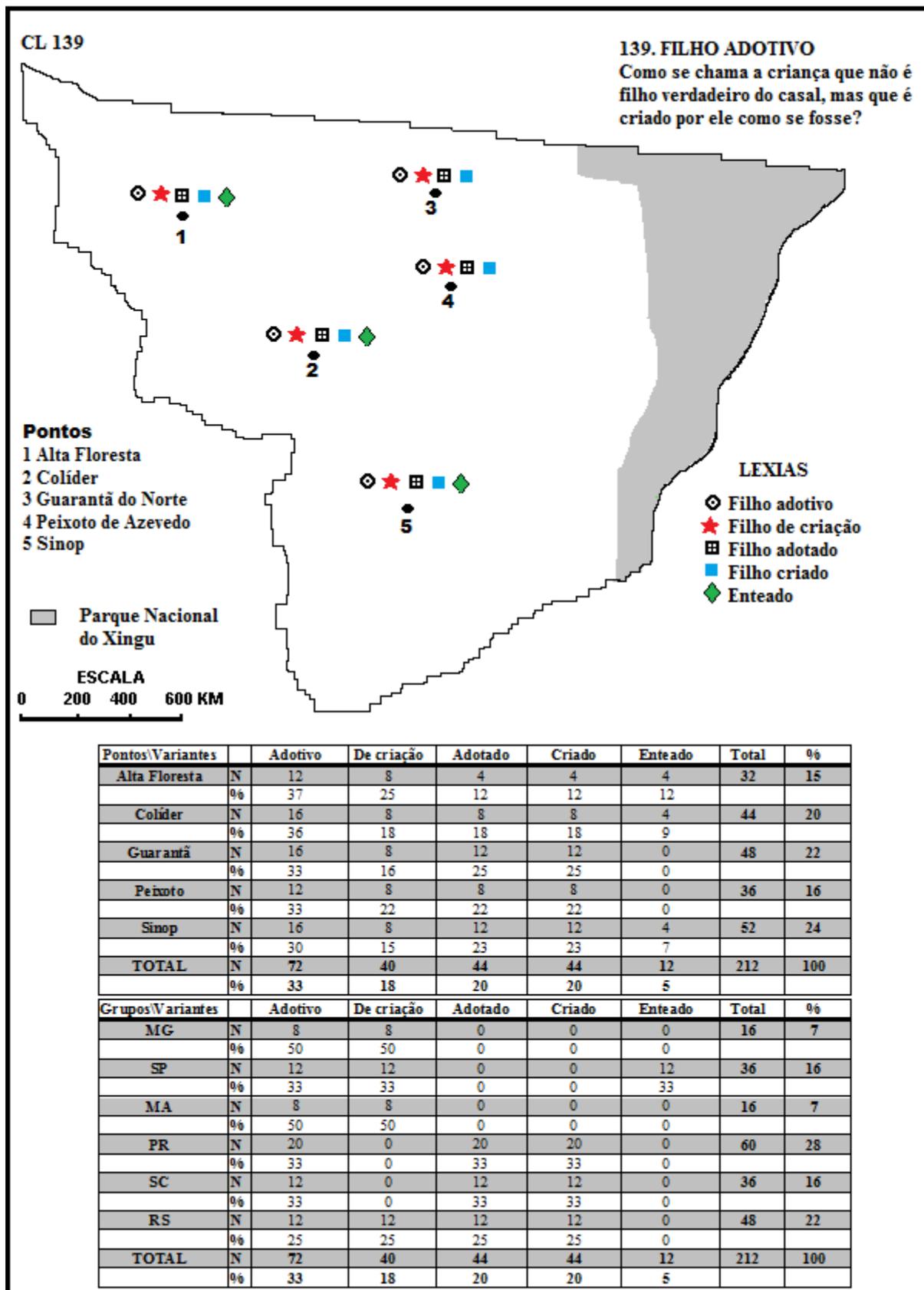
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT -
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINAMICAS



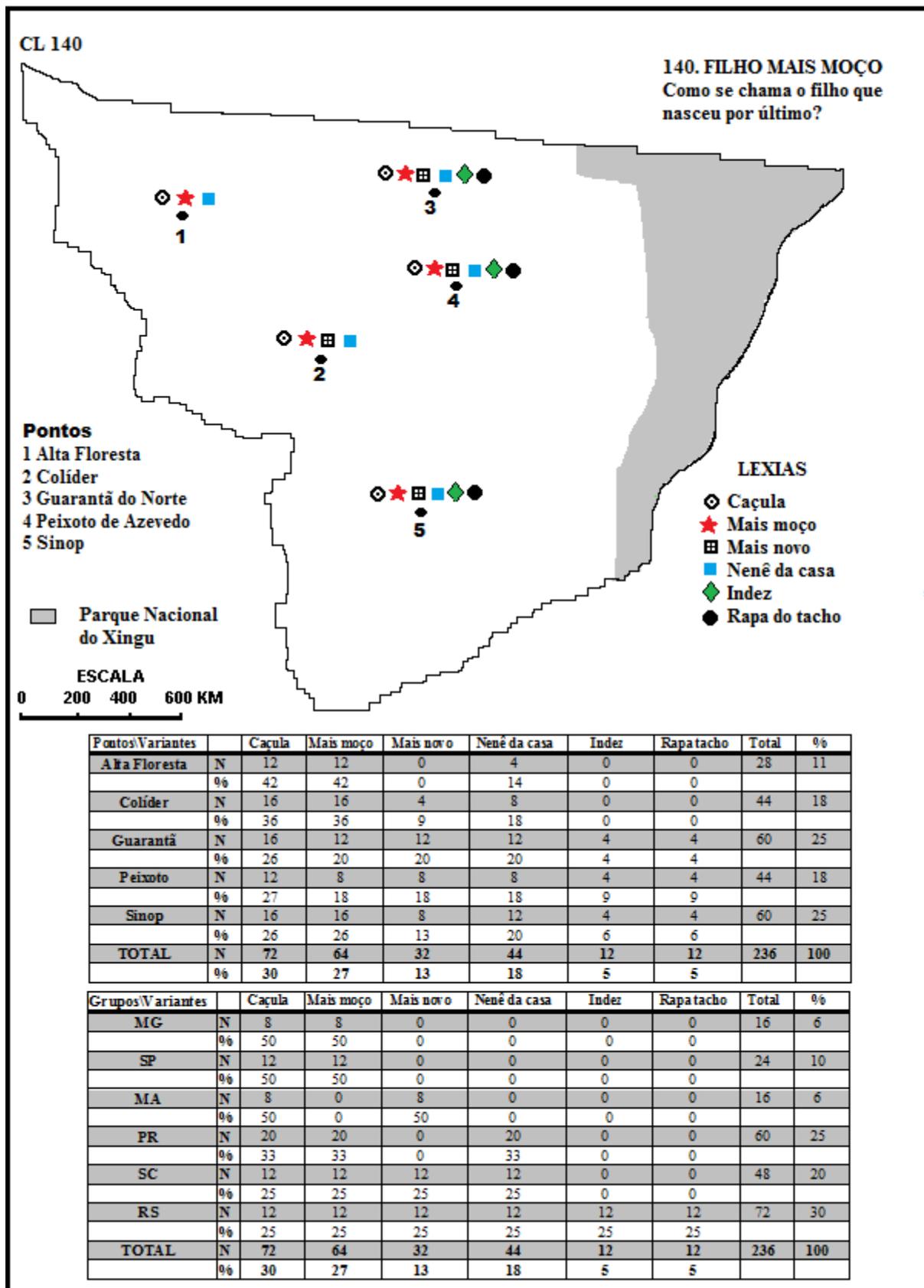
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT -
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINAMICAS



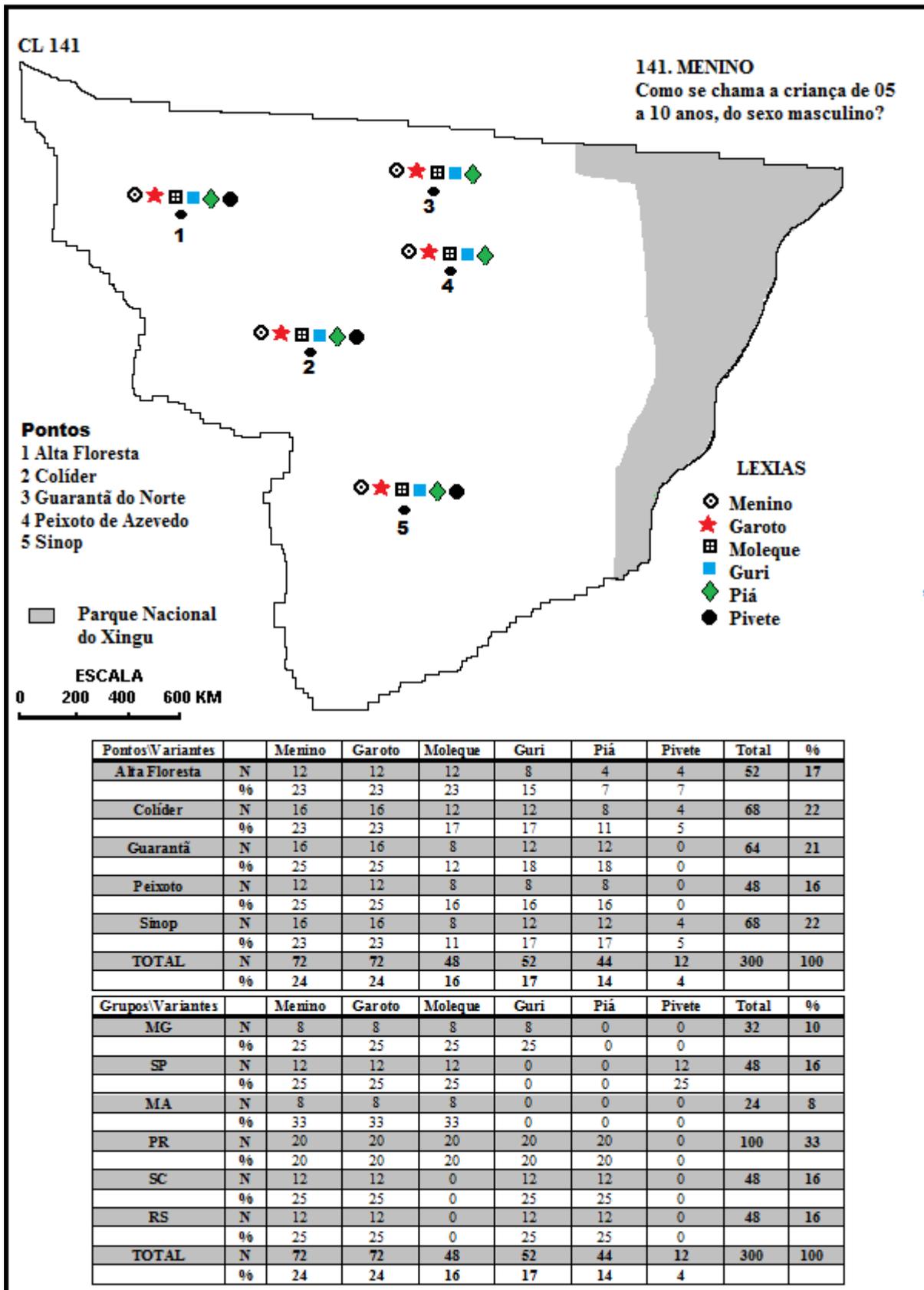
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT -
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINAMICAS



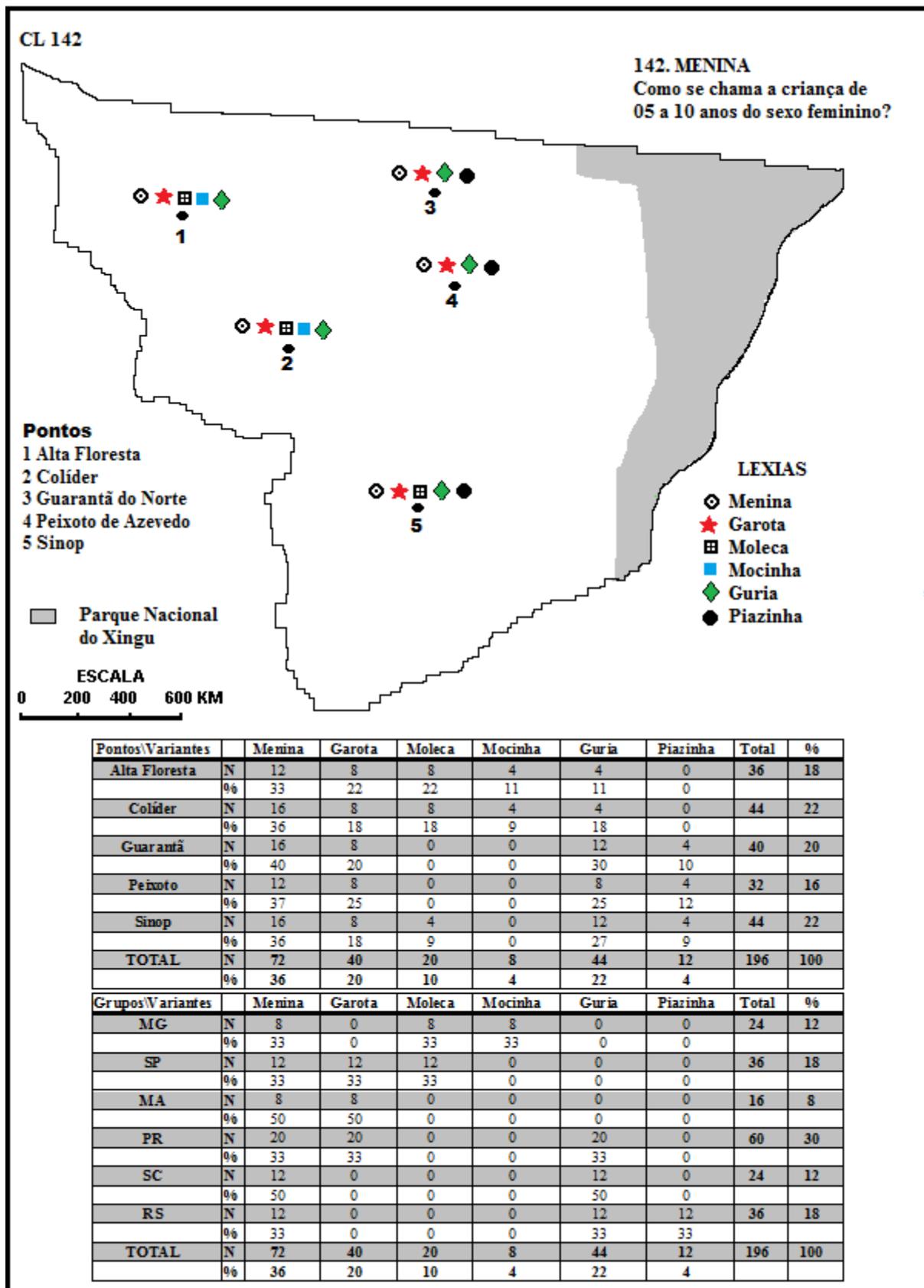
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT -
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINAMICAS



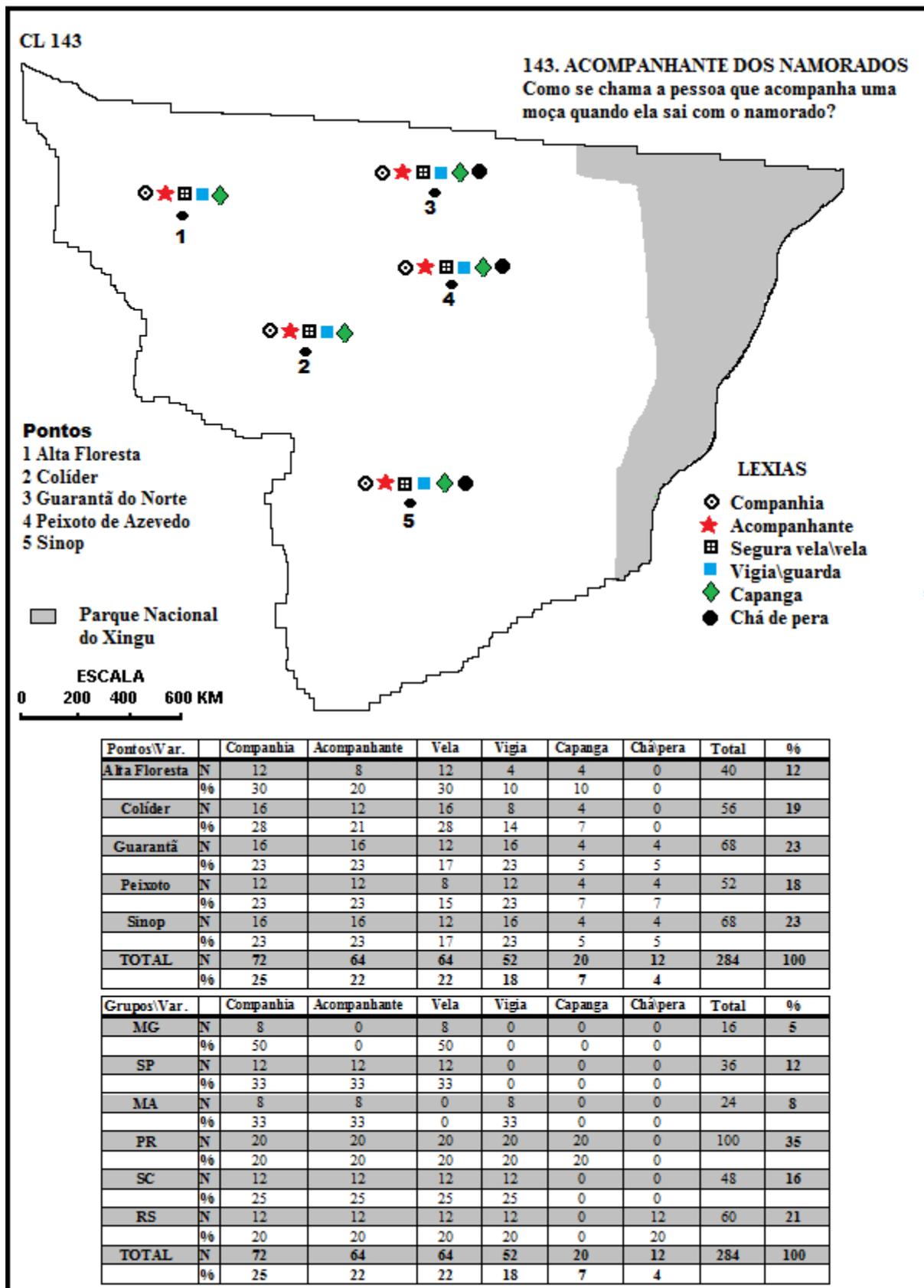
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT - SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINAMICAS



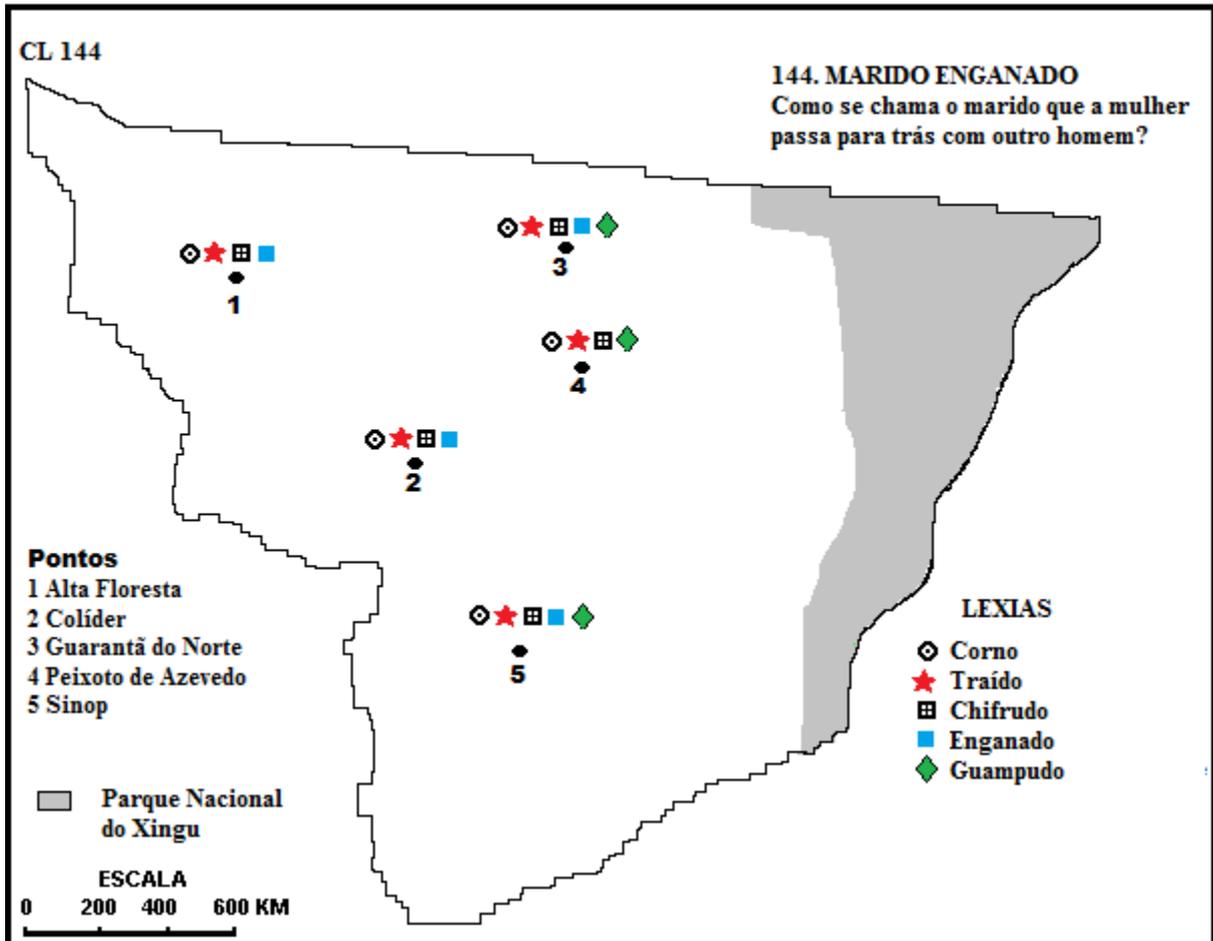
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT -
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINAMICAS



ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT -
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINAMICAS



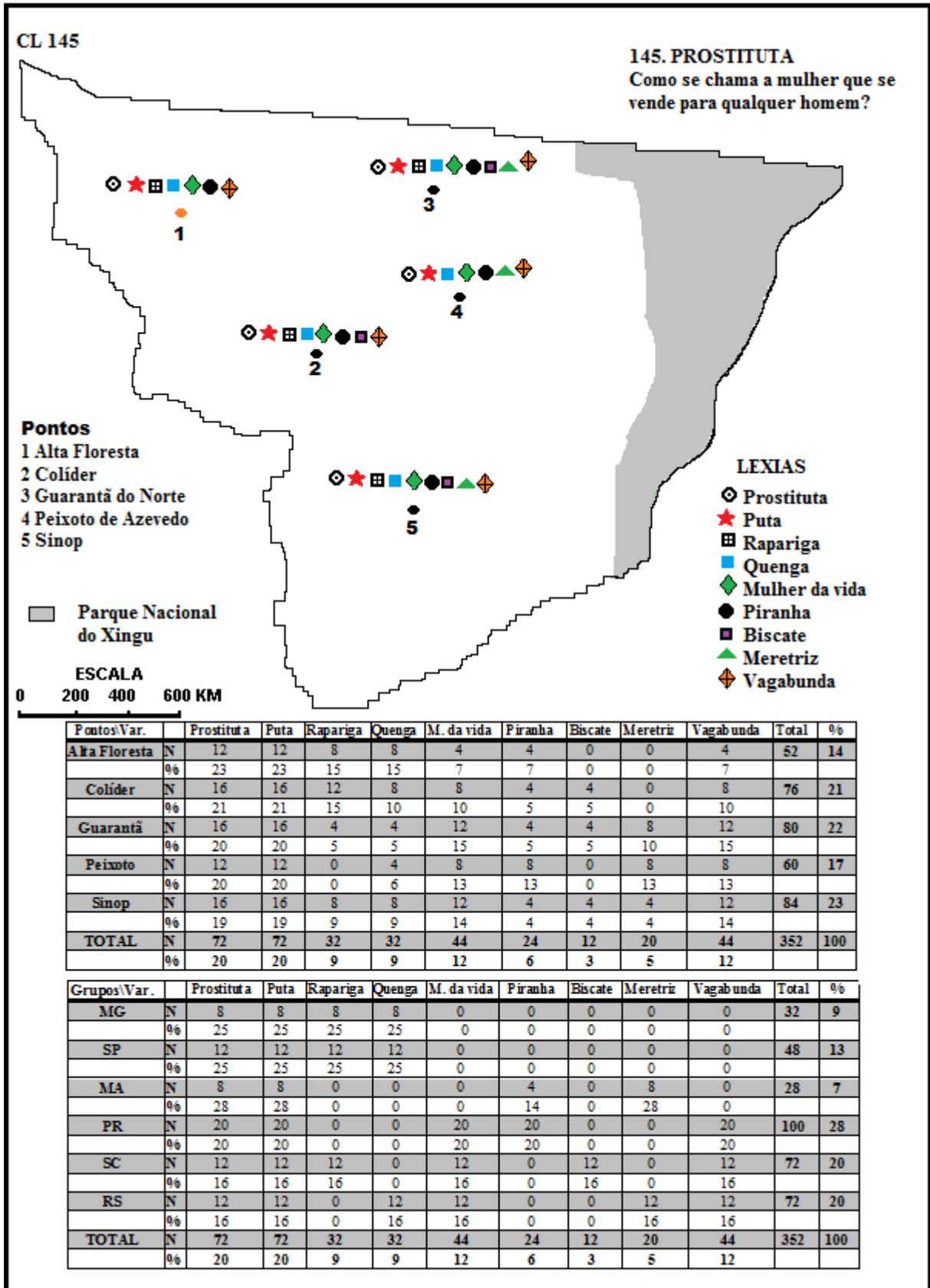
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT - SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINAMICAS



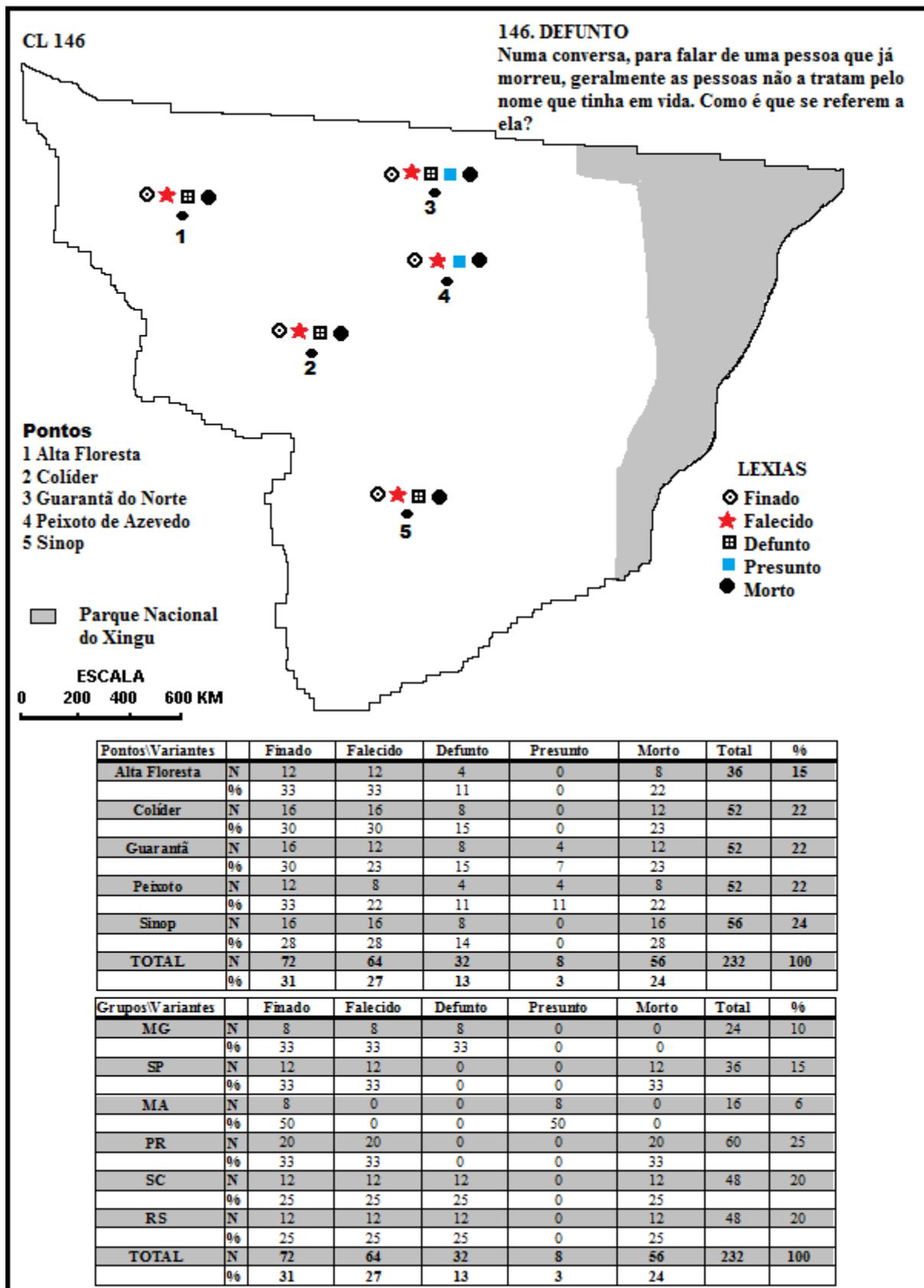
Pontos/Variantes		Corno	Traído	Chifrudo	Enganado	Guampudo	Total	%
Alta Floresta	N	12	12	12	4	0	40	16
	%	30	30	30	10	0		
Colíder	N	16	16	16	8	0	56	22
	%	28	28	28	14	0		
Guarantã	N	16	16	16	4	4	56	22
	%	28	28	28	7	7		
Peixoto	N	12	12	12	0	4	40	16
	%	30	30	30	0	10		
Sinop	N	16	16	16	4	4	56	22
	%	28	28	28	7	7		
TOTAL	N	72	72	72	20	12	248	100
	%	29	29	29	8	4		

Grupos/Variantes		Corno	Traído	Chifrudo	Enganado	Guampudo	Total	%
MG	N	8	8	8	8	0	32	12
	%	25	25	25	25	0		
SP	N	12	12	12	0	0	36	14
	%	33	33	33	0	0		
MA	N	8	8	8	0	0	24	9
	%	33	33	33	0	0		
PR	N	20	20	20	0	0	60	24
	%	33	33	33	0	0		
SC	N	12	12	12	12	0	48	19
	%	25	25	25	25	0		
RS	N	12	12	12	0	12	48	19
	%	25	25	25	0	25		
TOTAL	N	72	72	72	20	12	248	100
	%	29	29	29	8	4		

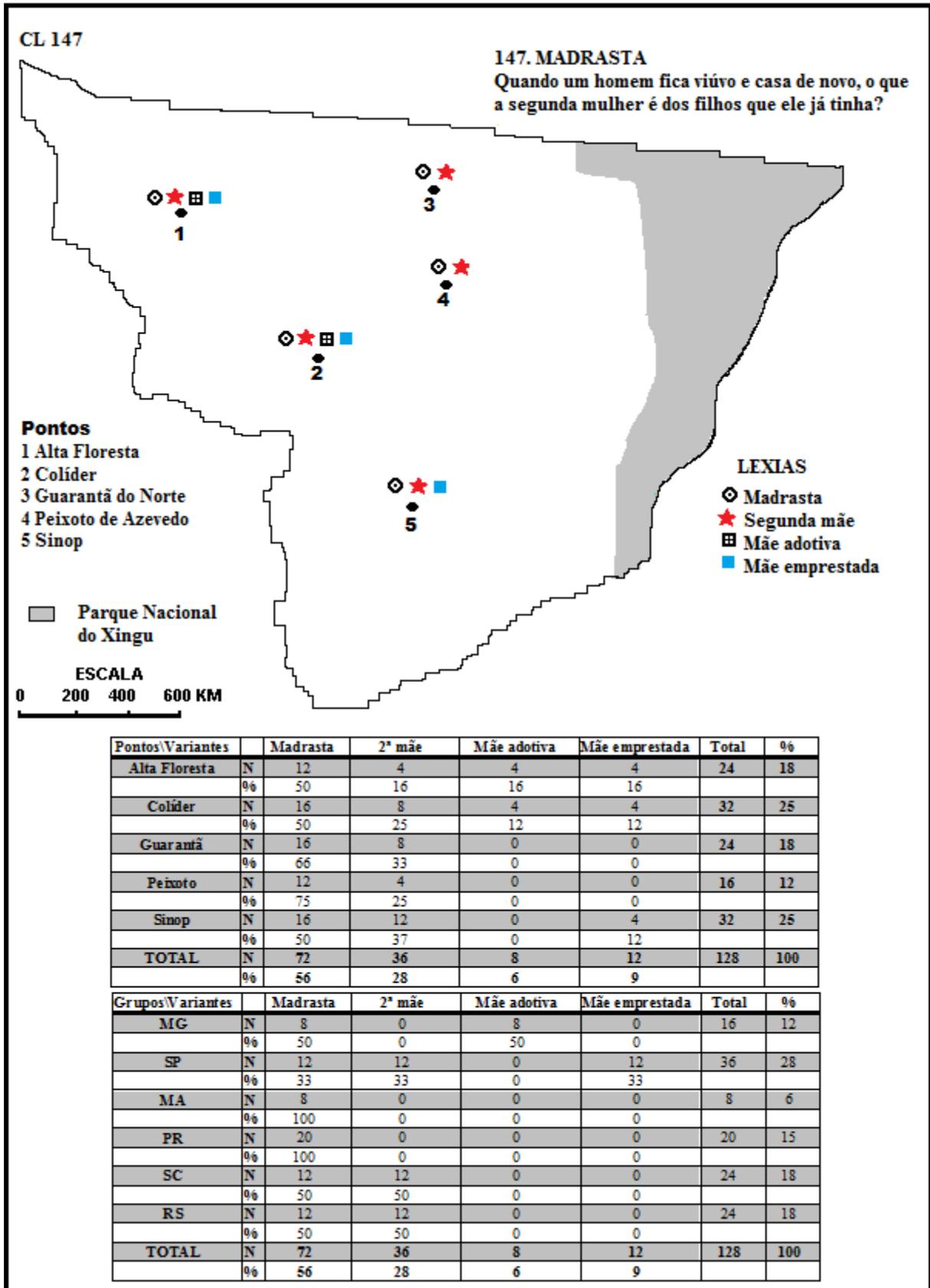
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT - SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINAMICAS



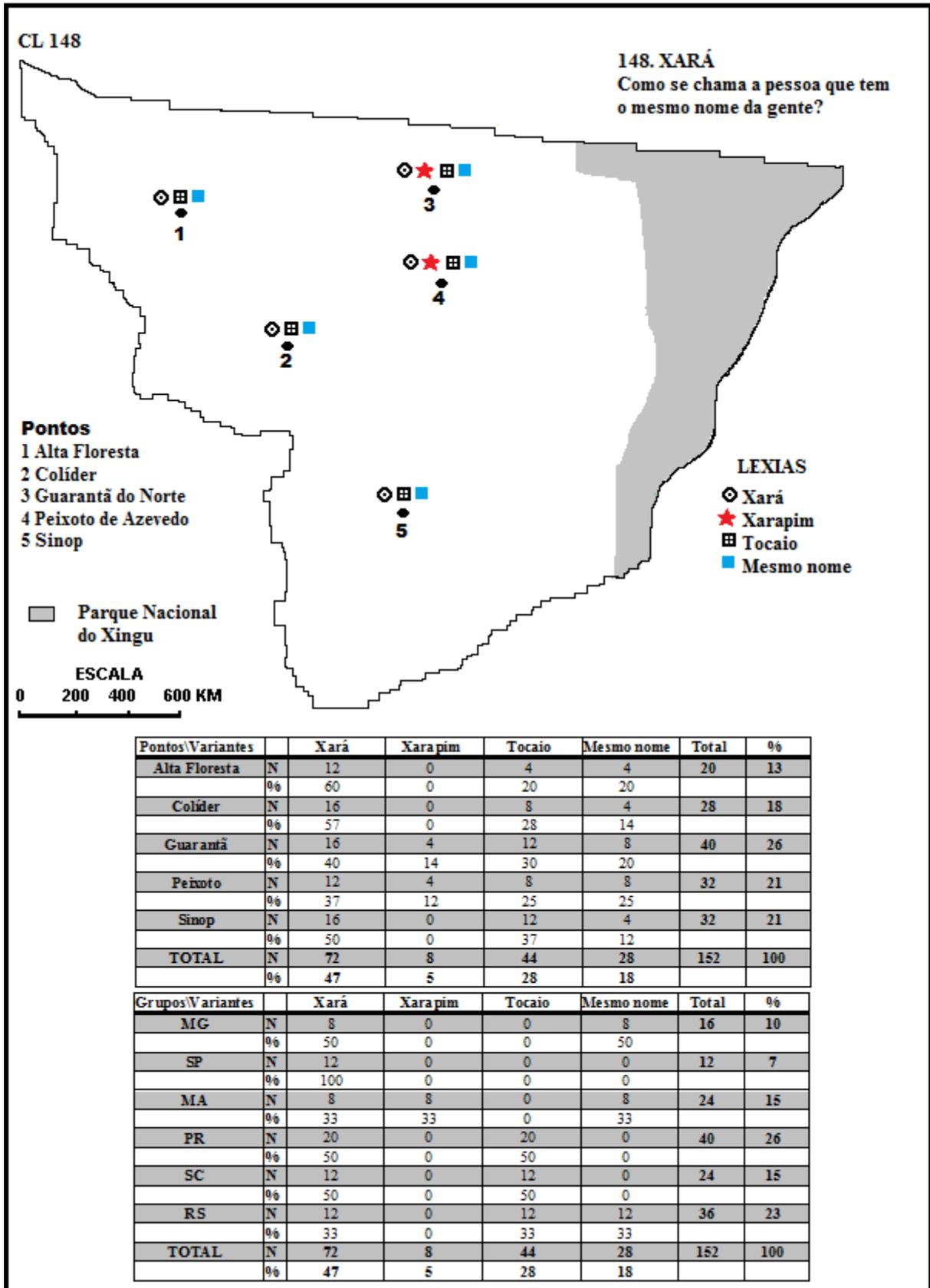
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT -
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINAMICAS



ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT - SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINAMICAS



ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT - SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINAMICAS



**ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT -
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINAMICAS**

5.2.10 CAMPO SEMÂNTICO: *RELIGIÕES E CRENÇAS*

CARTOGRAMAS LINGUÍSTICAS:

CL 149 – DIABO

CL 150 – FANTASMA

CL 151 – FEITIÇO

CL 152 – AMULETO

CL 153 – BENZEDEIRA

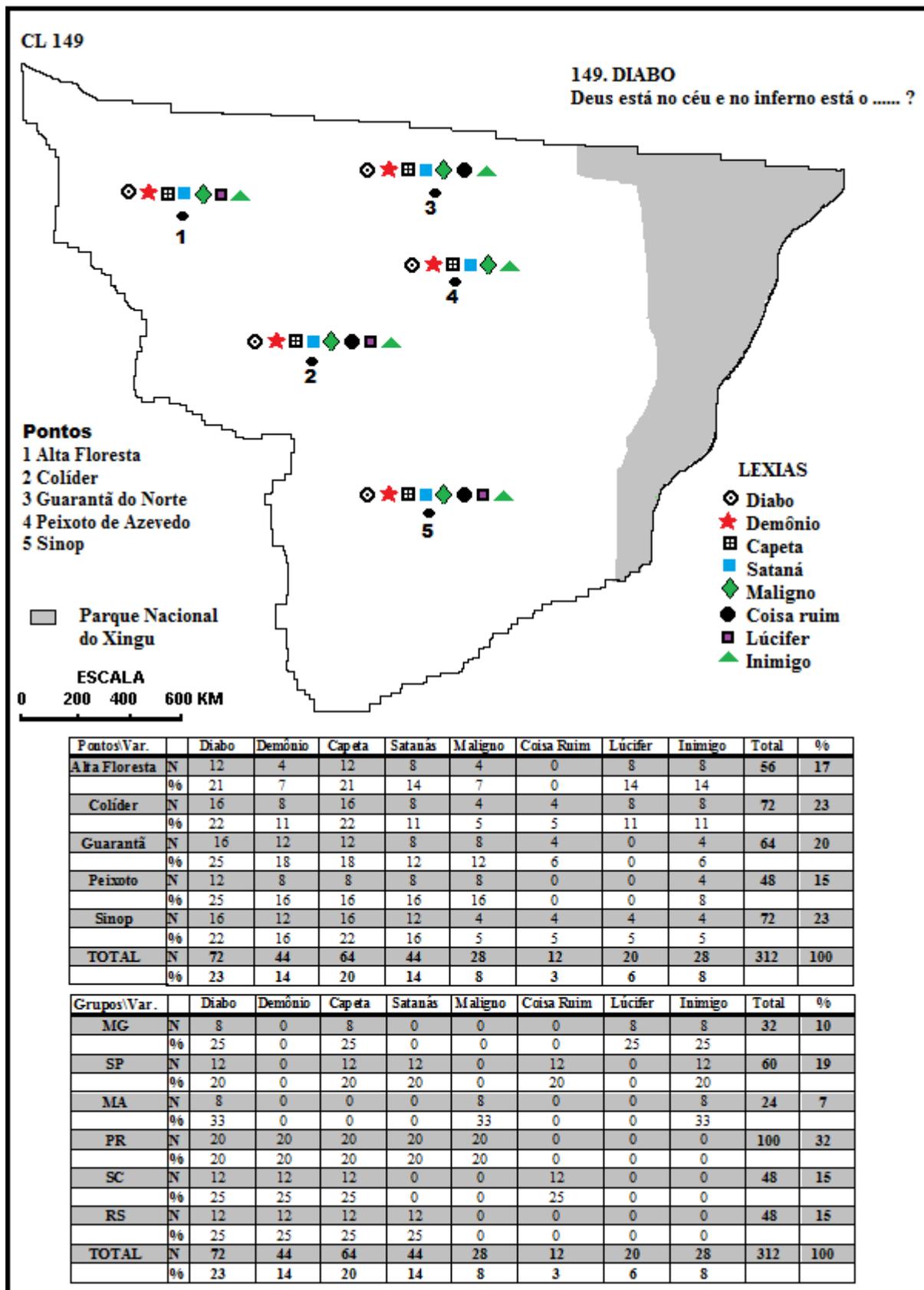
CL 154 – BENZEDOR

CL 155 – CURANDEIRO

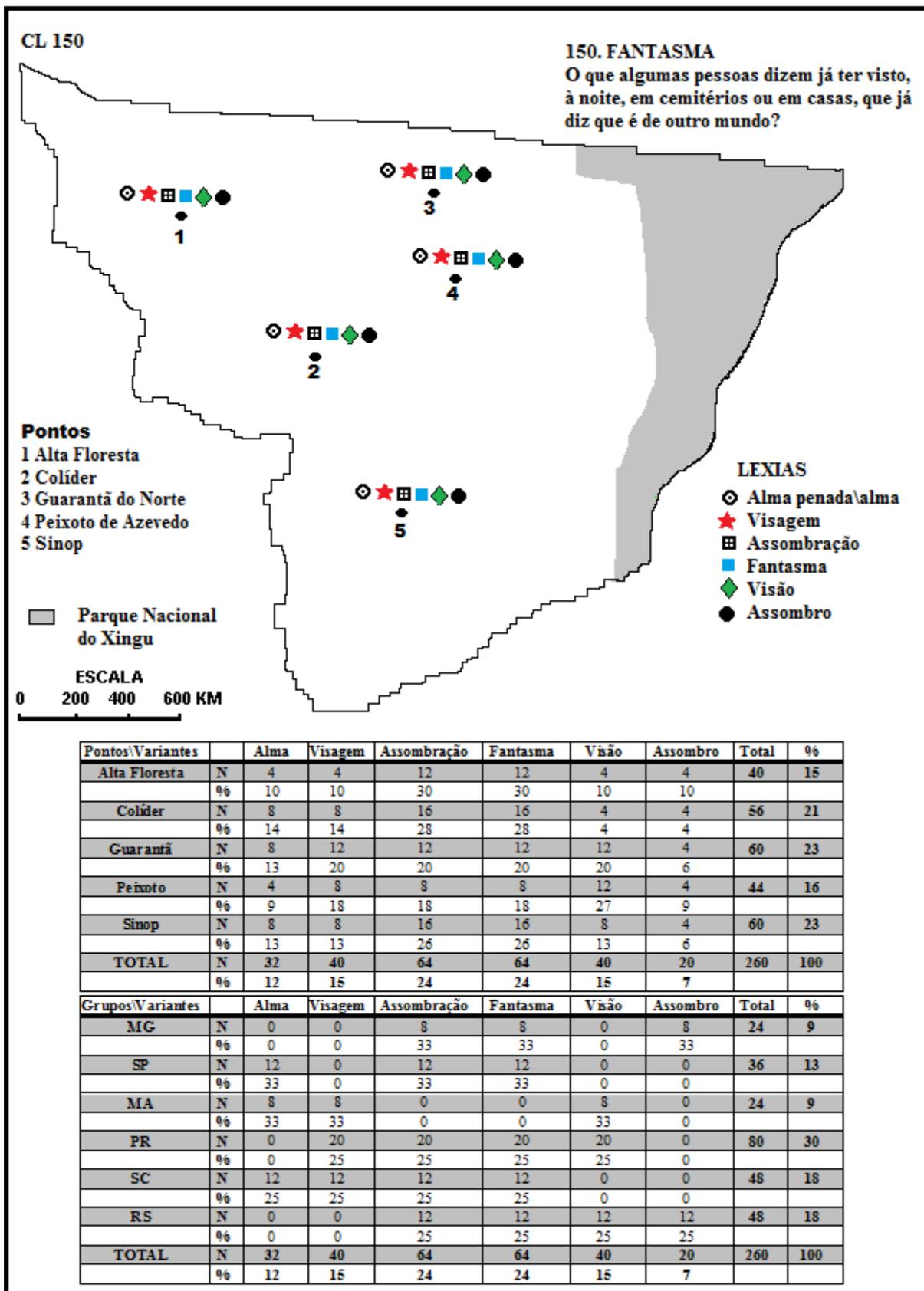
CL 156 – MEDALHA

CL 157 - PRESÉPIO

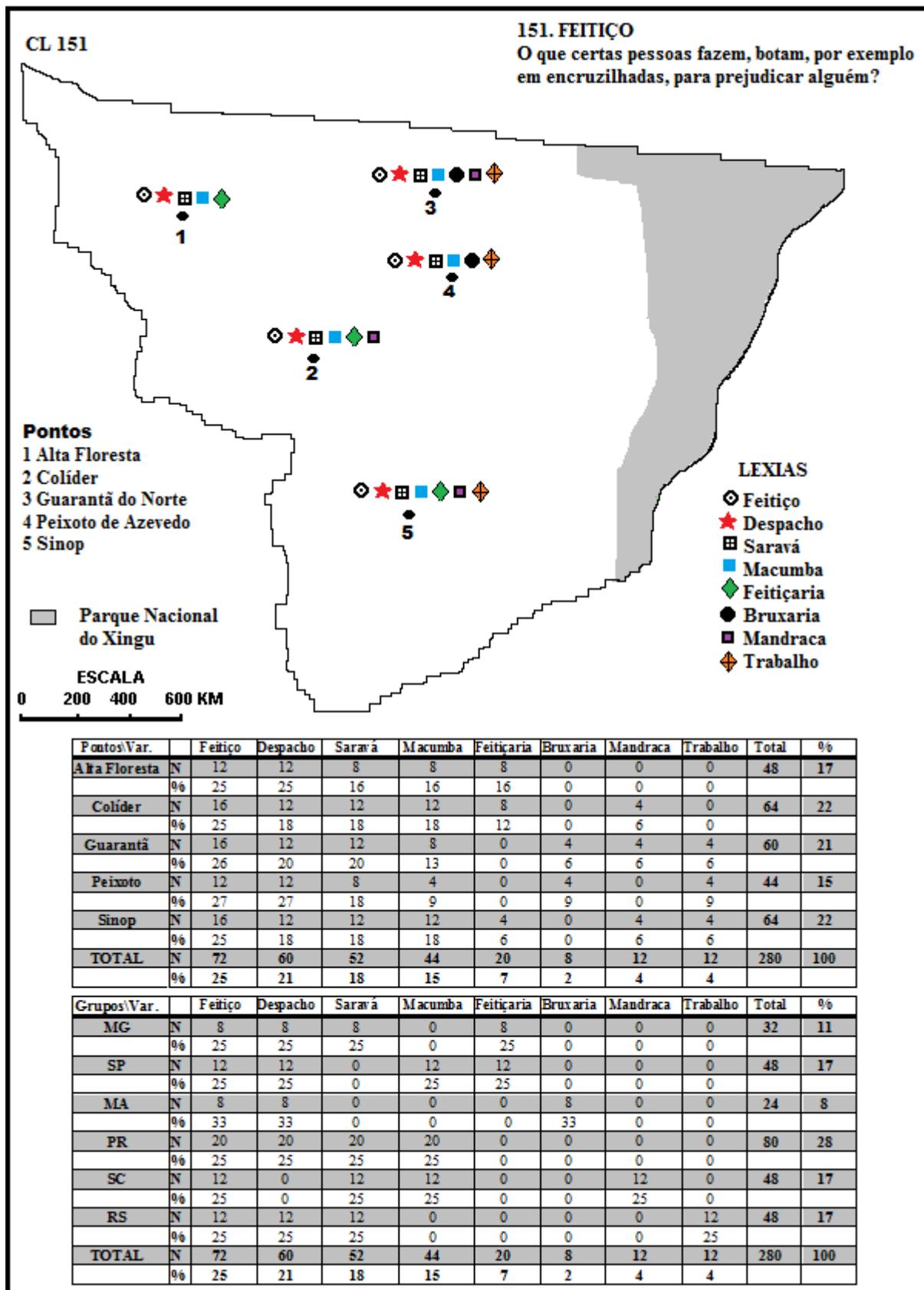
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT -
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINAMICAS



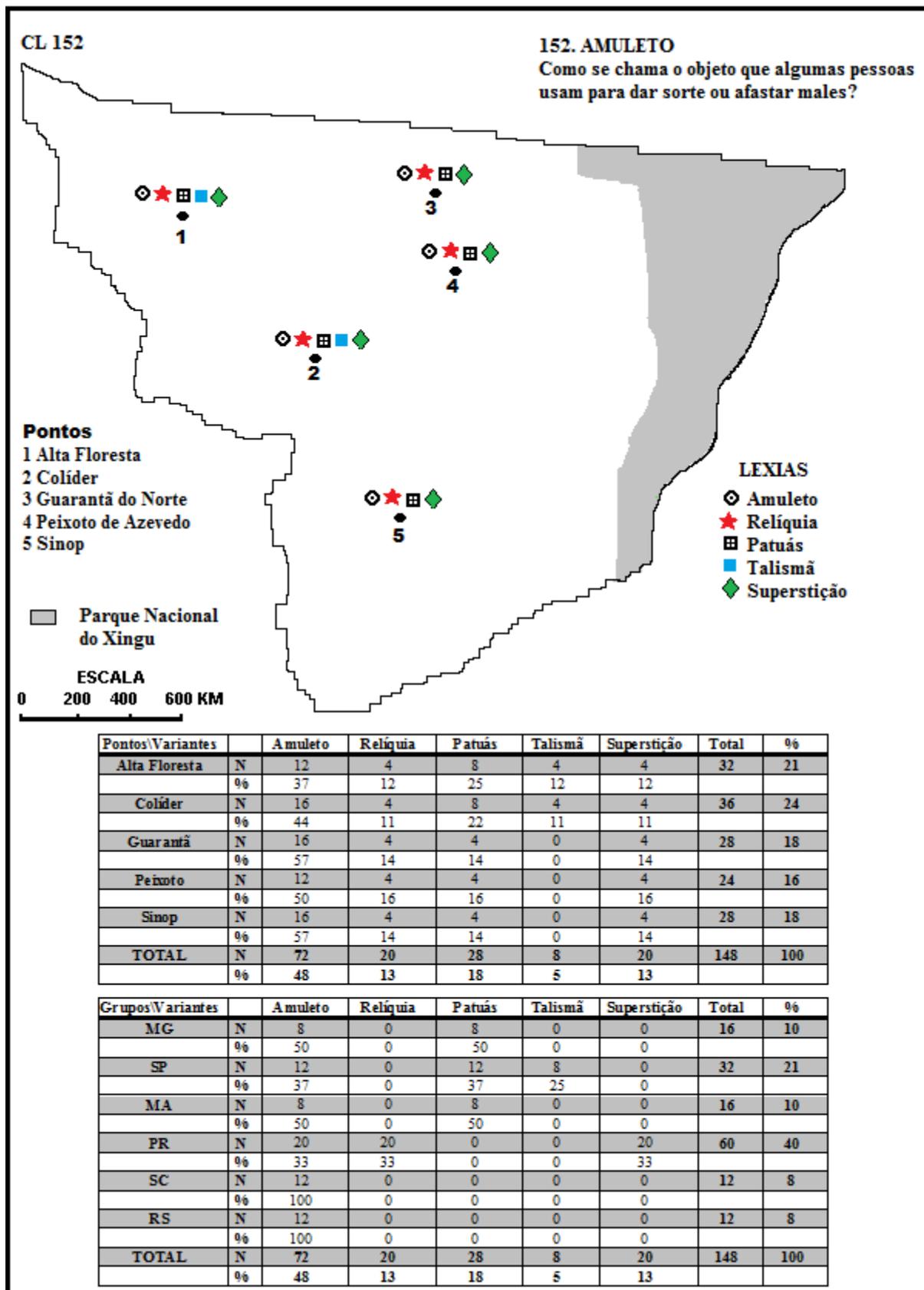
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT - SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINAMICAS



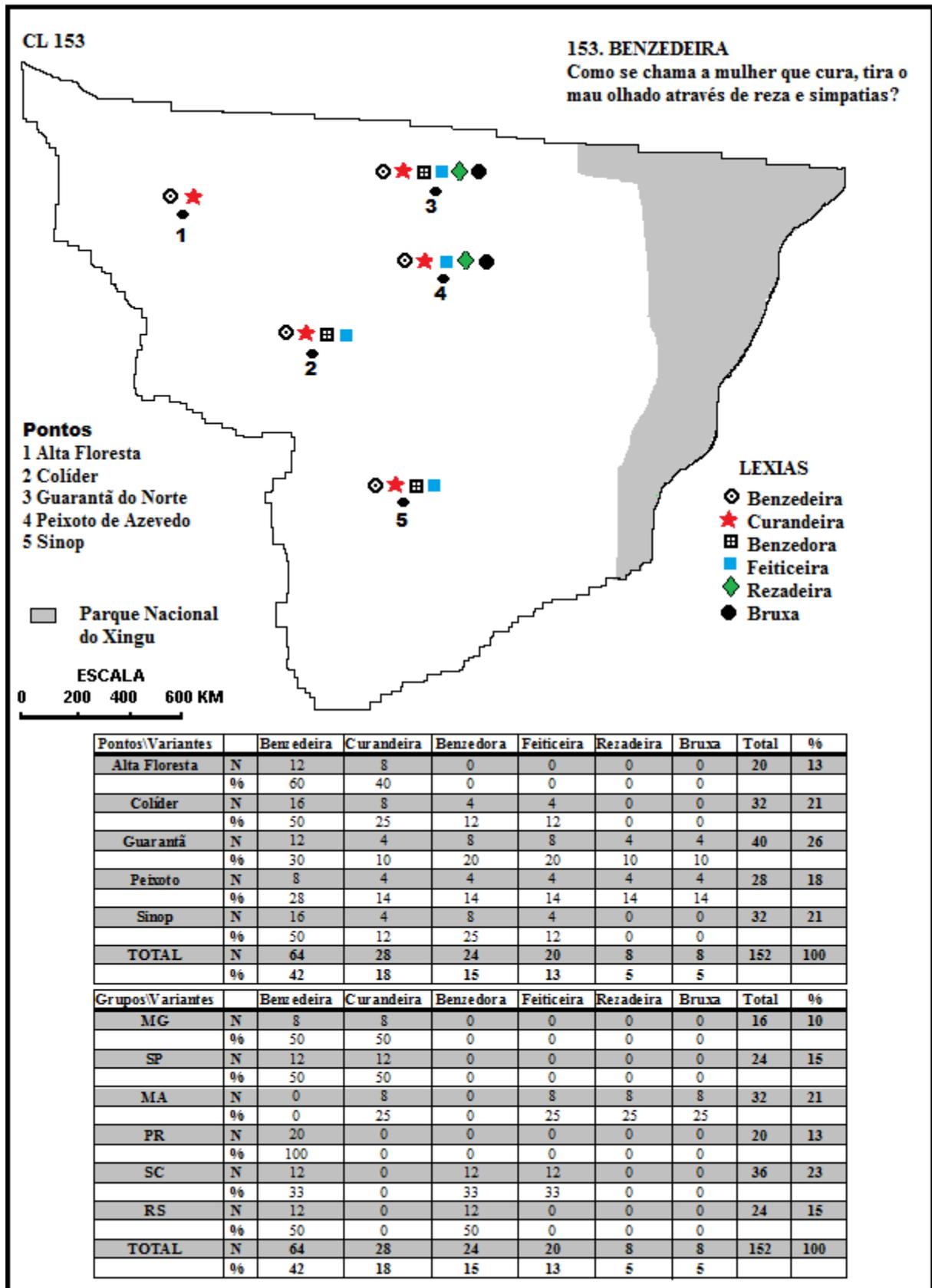
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT -
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINAMICAS



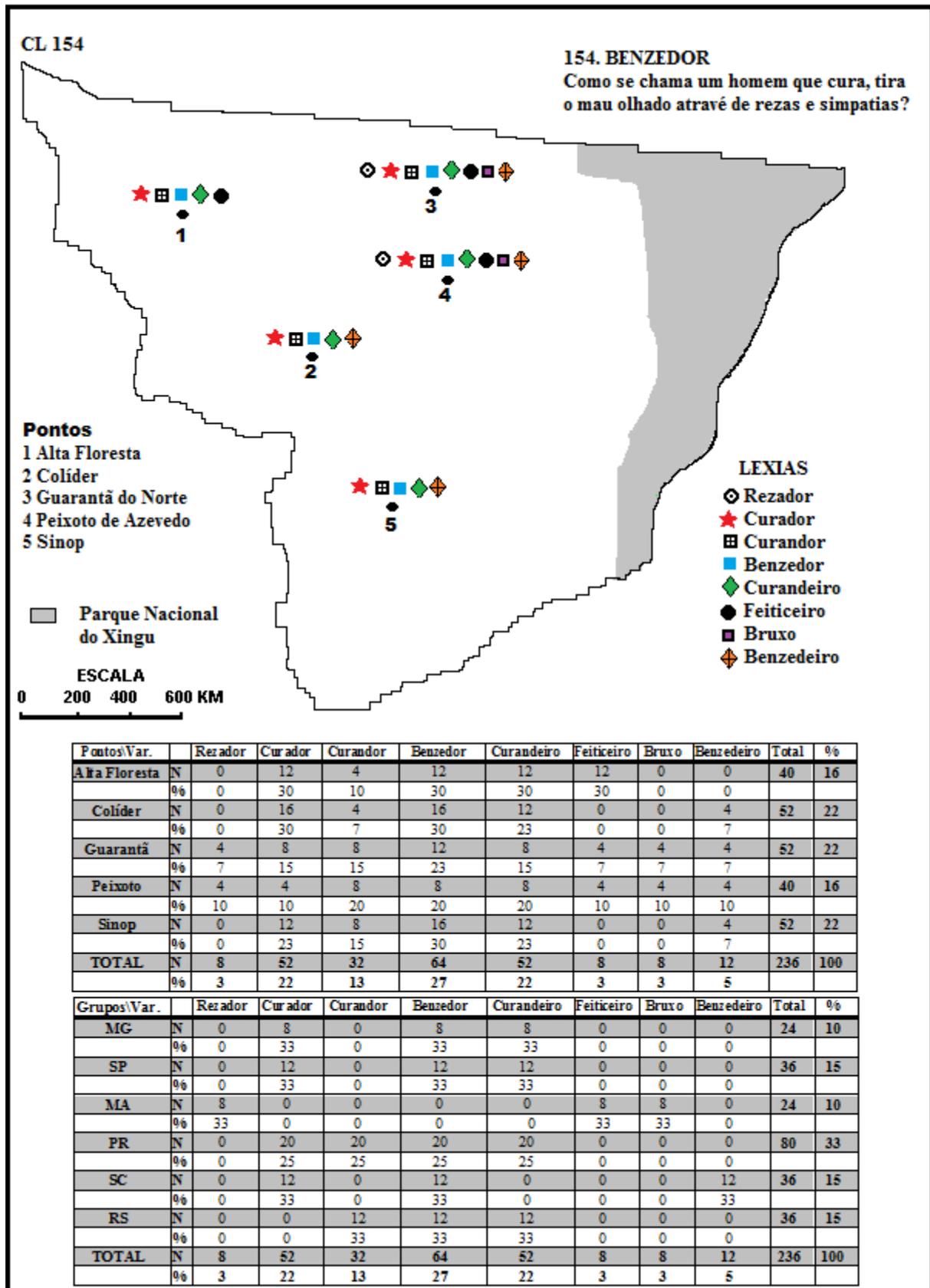
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT -
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINAMICAS



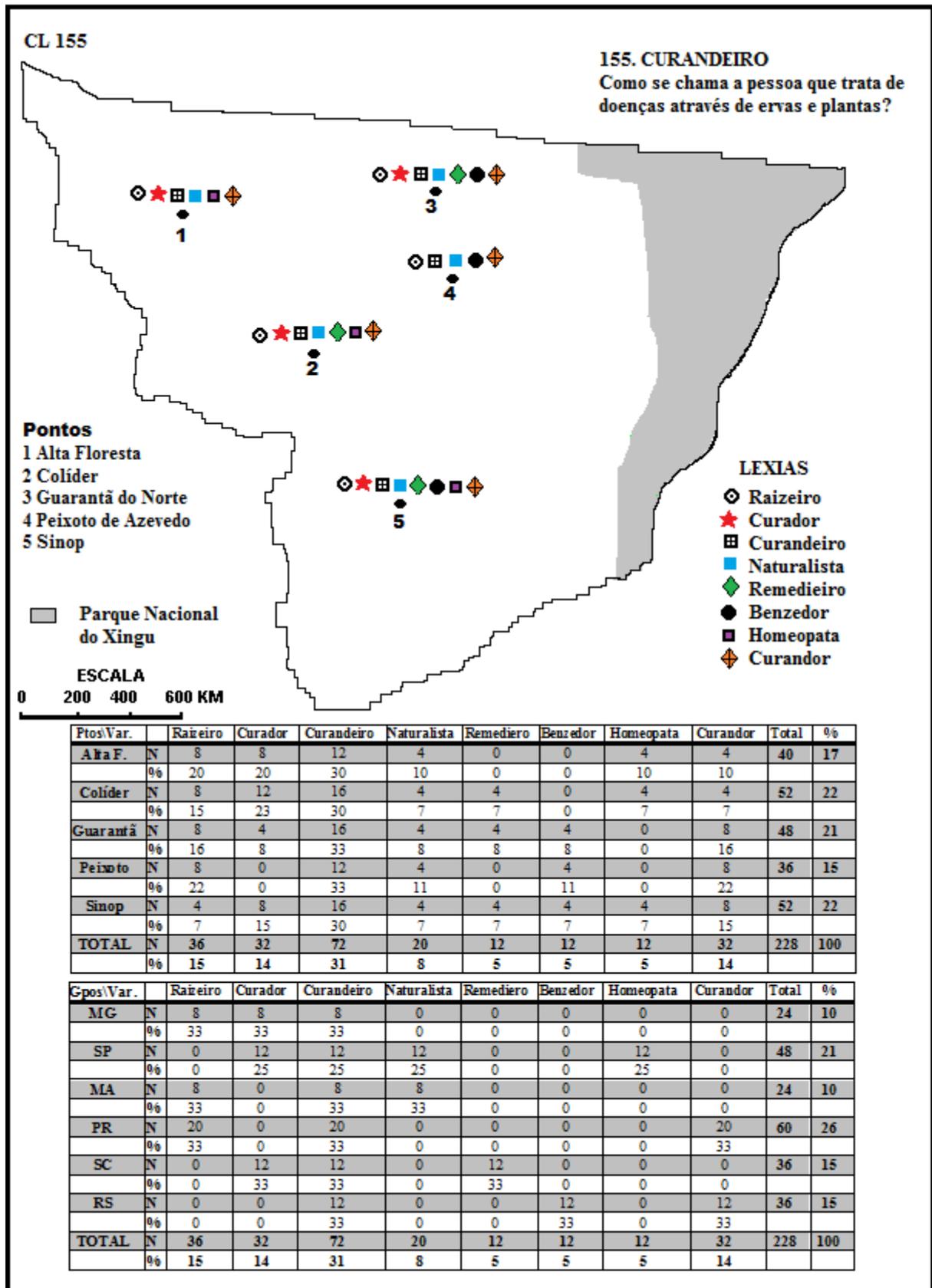
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT -
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINAMICAS



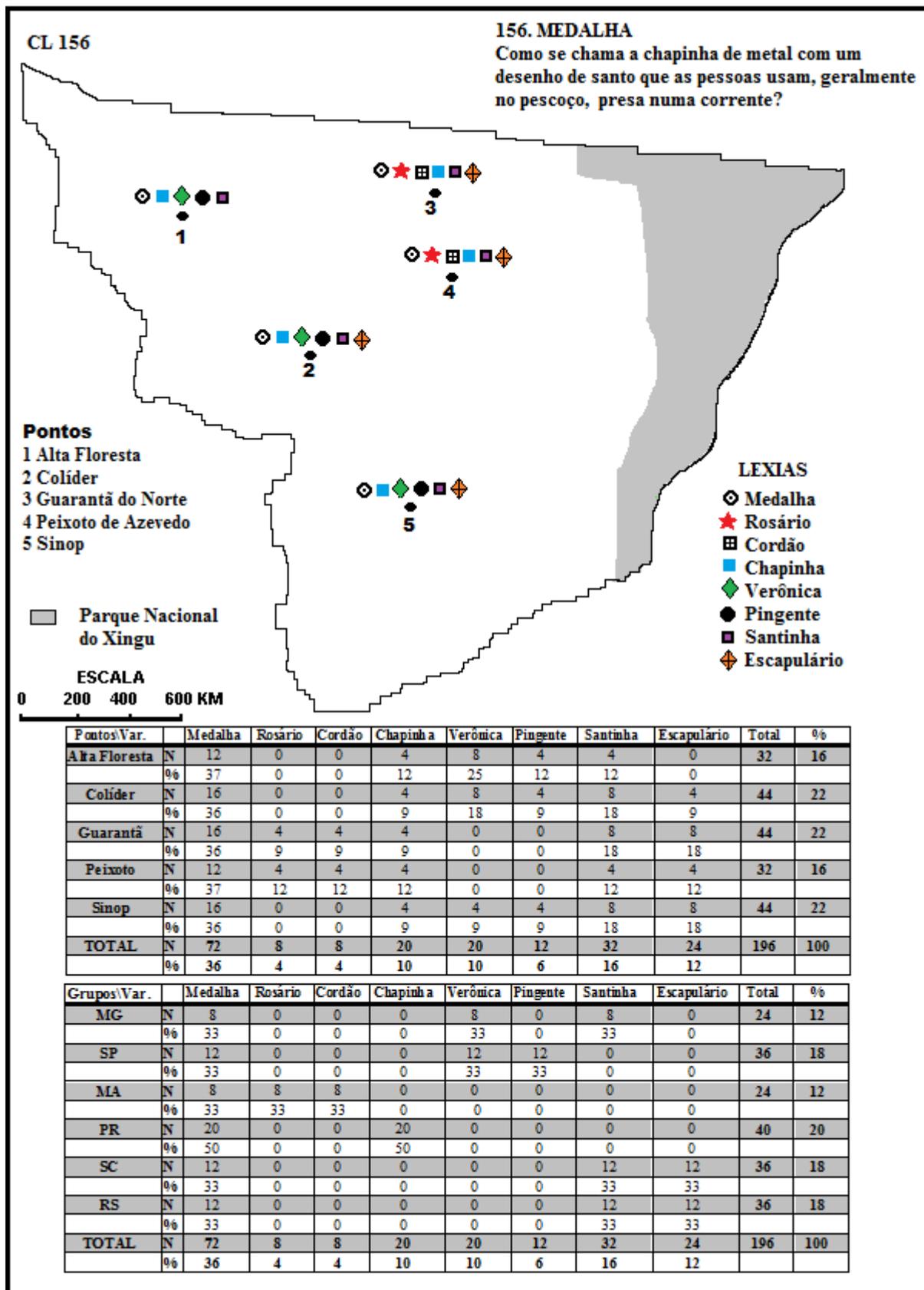
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT -
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINAMICAS



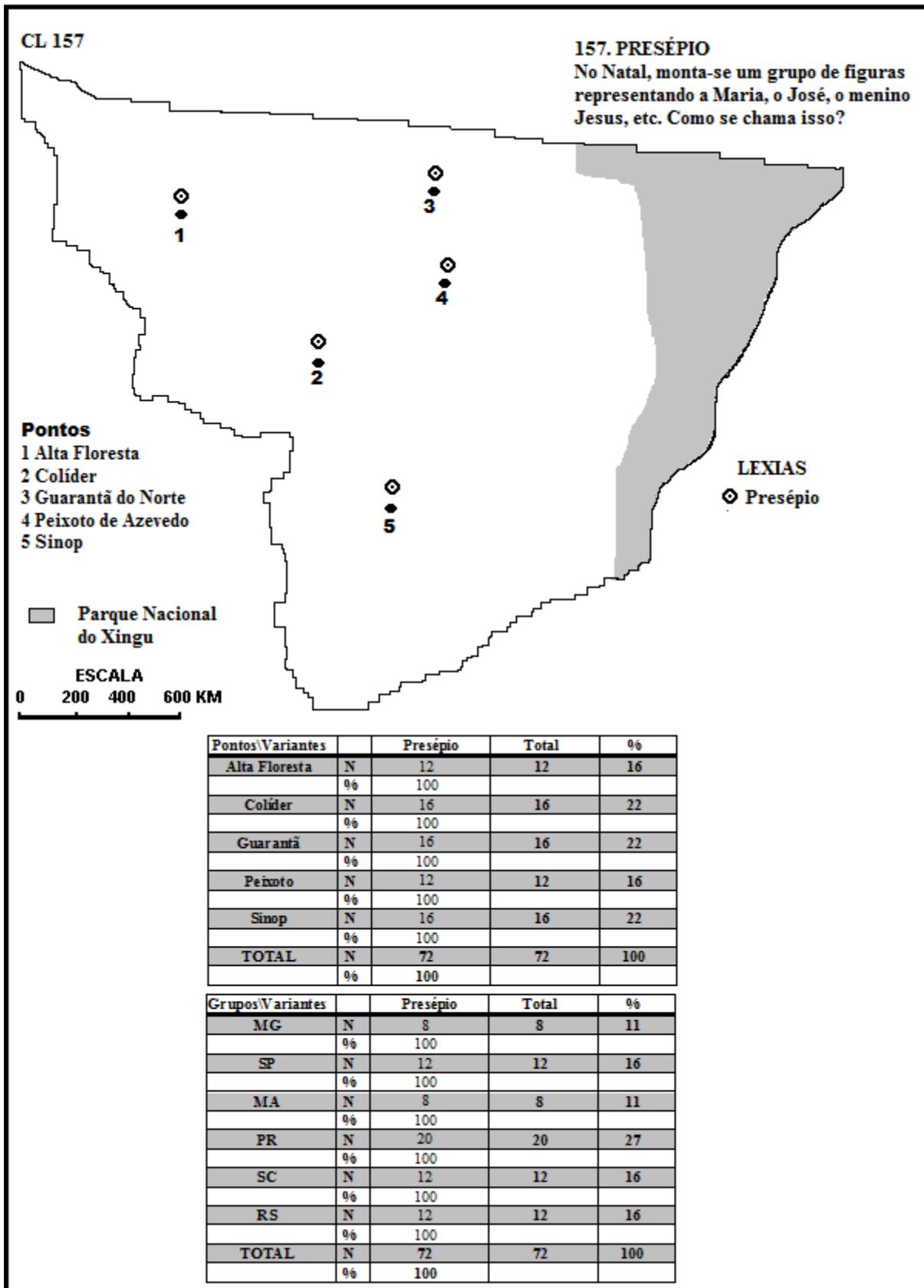
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT -
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINAMICAS



ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT -
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINAMICAS



ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT -
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINAMICAS



**ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT -
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINAMICAS**

5.2.11 CAMPO SEMÂNTICO: *FESTAS E DIVERTIMENTOS*

CARTOGRAMAS LINGUÍSTICAS:

CL 158 – CAMBALHOTA

CL 159 – BOLINHA DE GUDE

CL 160 – ESTILINGUE

CL 161 – PAPAGAIO DE PAPEL

CL 162 – PIPA

CL 163 – ESCONDE-ESCONDE

CL 164 – CABRA-CEGA

CL 165 – PEGA-PEGA

CL 166 – FERROLHO

CL 167 – CHICOTE QUEIMADO

CL 168 – GANGORRA

CL 169 – BALANÇO

CL 170 – AMARELINHA

CL 171 – PESSOA QUE AGE COM DESONESTIDADE NO JOGO

CL 172 – PESSOA QUE TEM SORTE NO JOGO

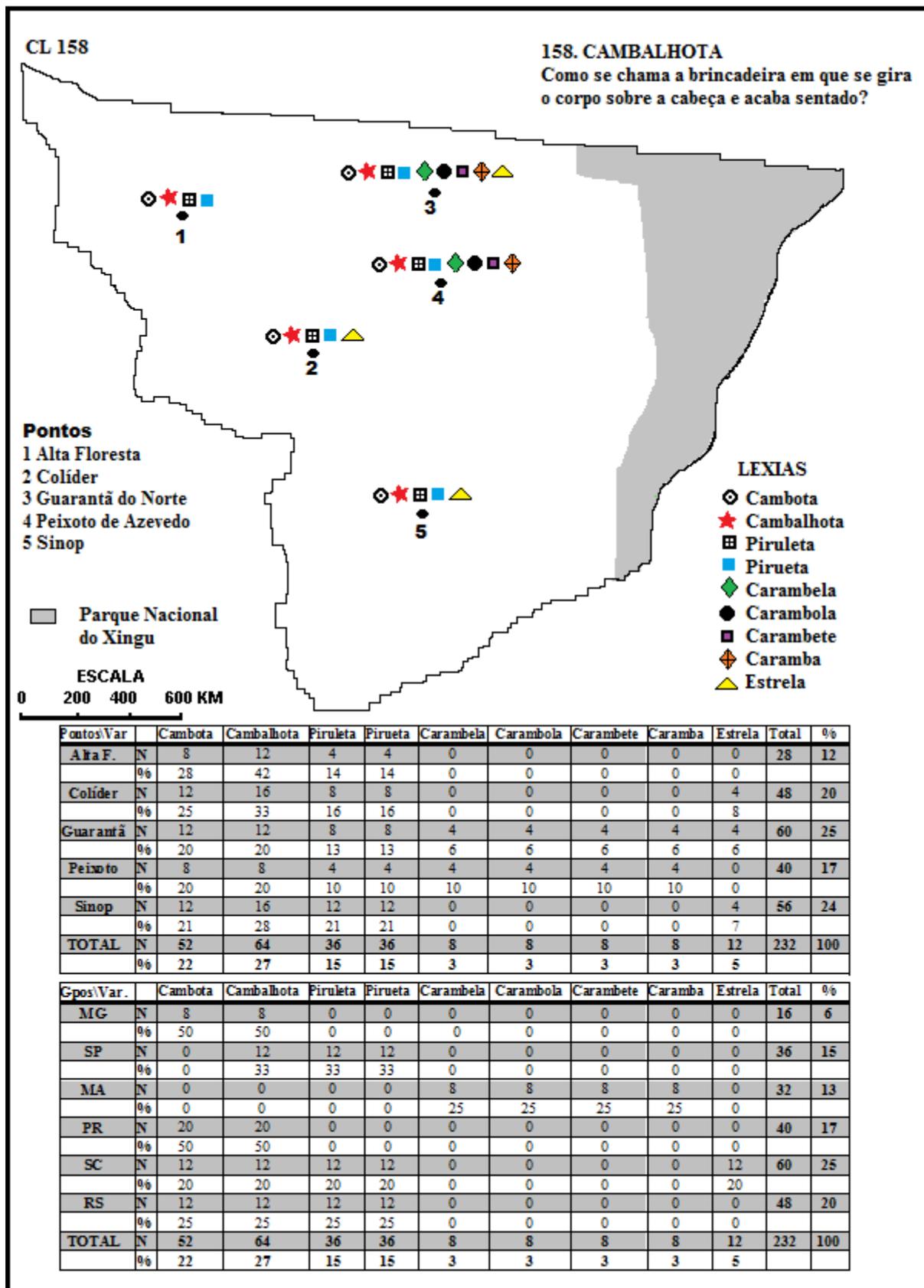
CL 173 – PESSOA SEM SORTE NO JOGO

CL 174 – BOM JOGADOR

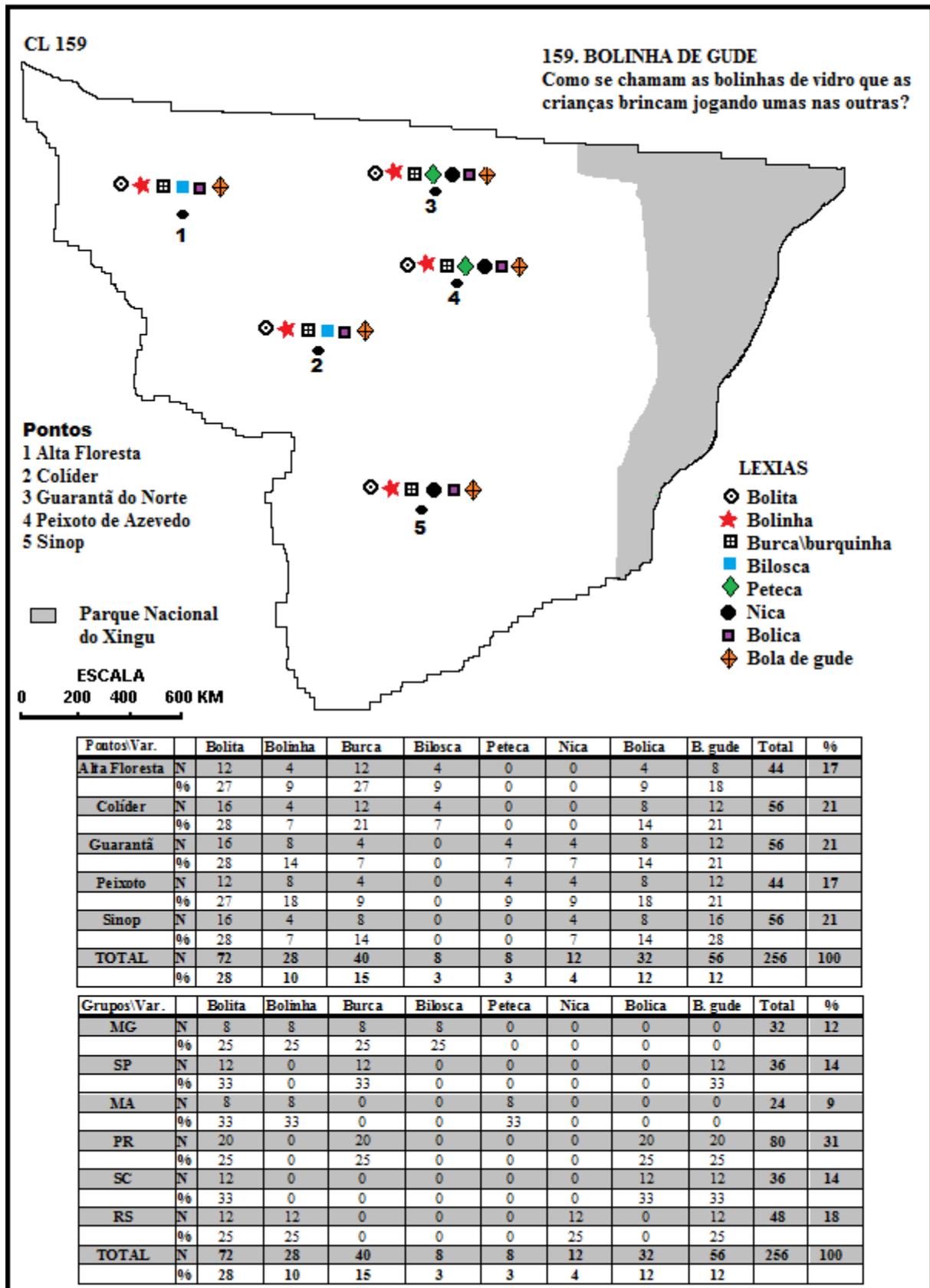
CL 175 – MAU JOGADOR

CL 176 – PESSOA QUE DANÇA MUITO BEM

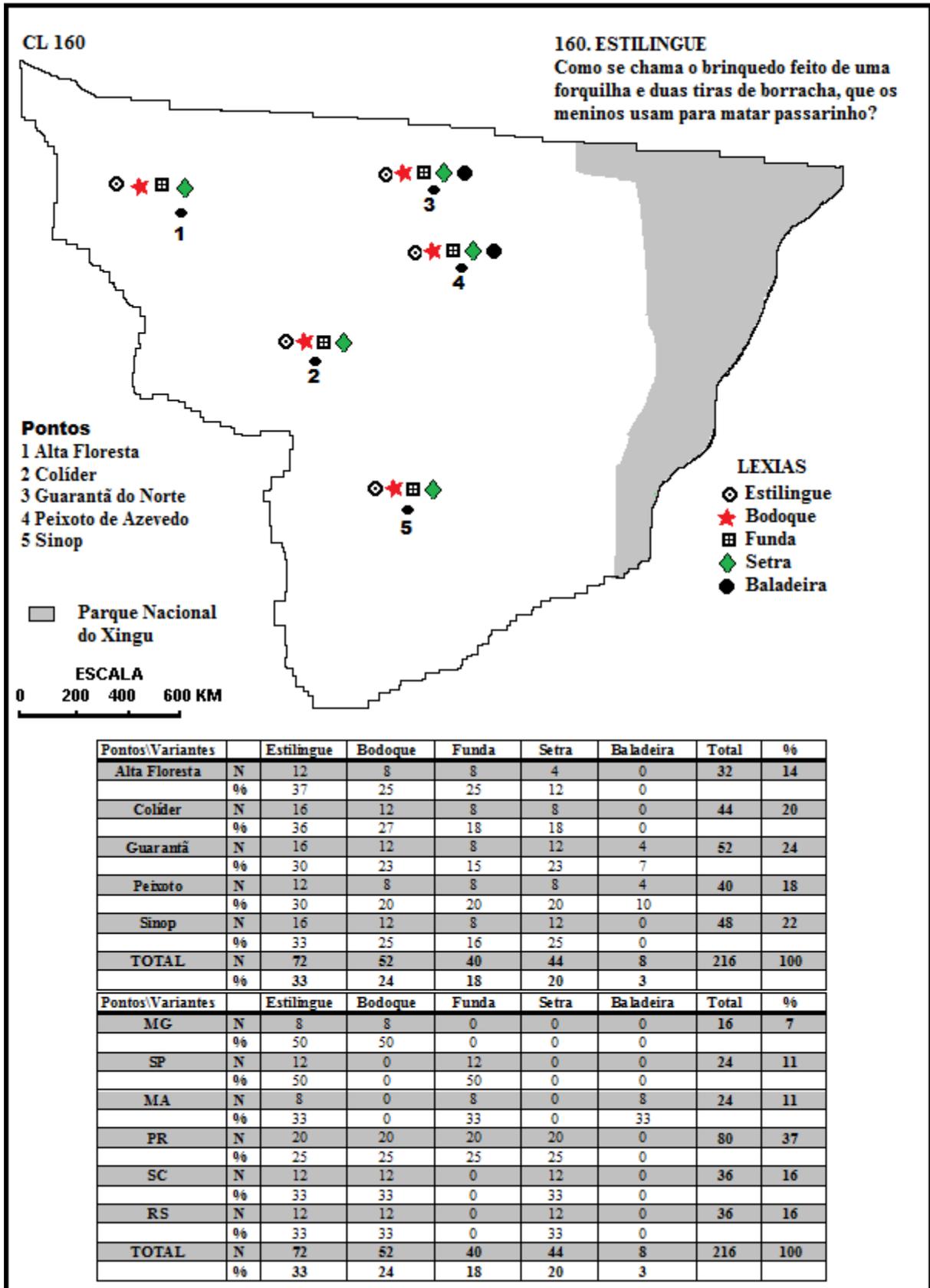
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT -
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINAMICAS



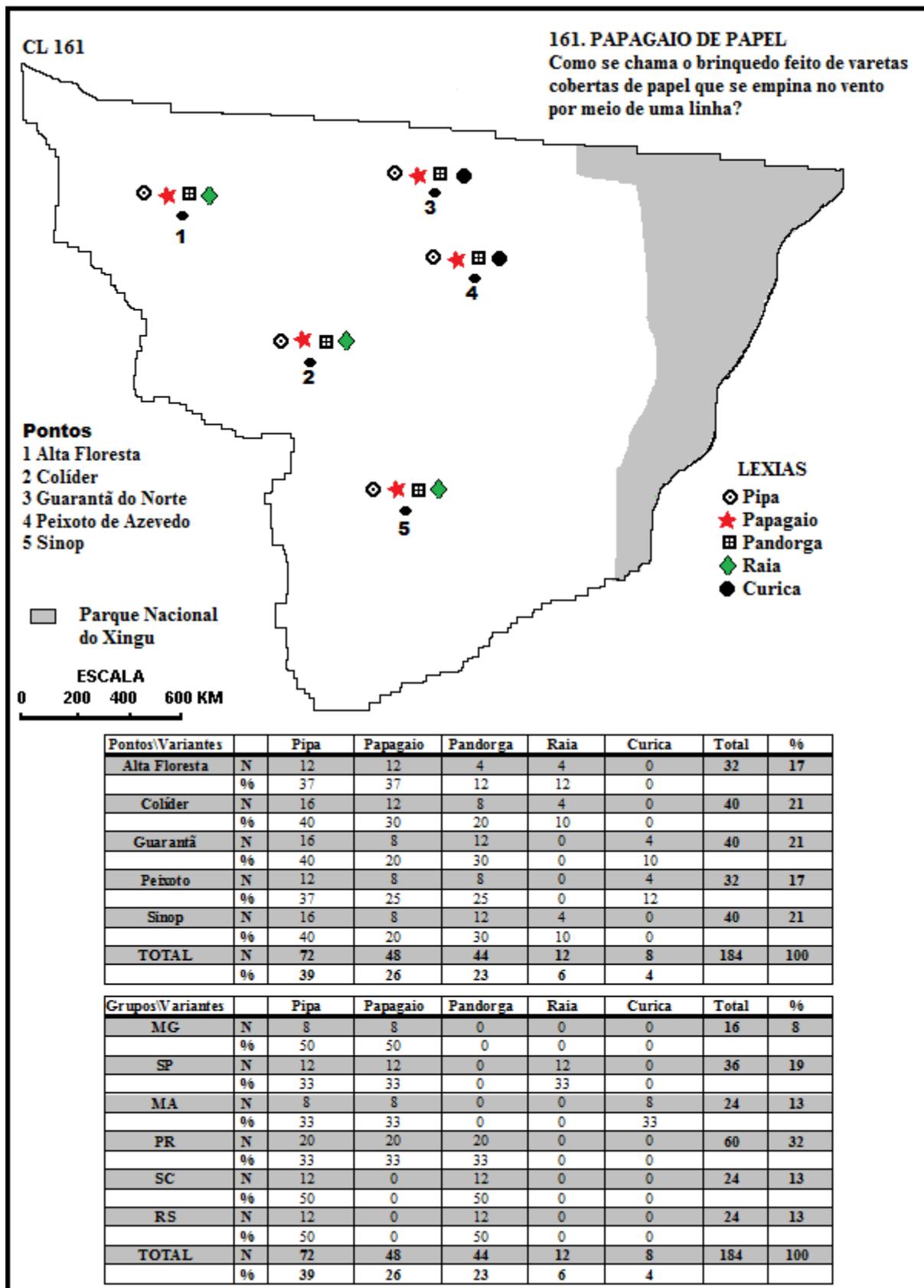
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT -
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINAMICAS



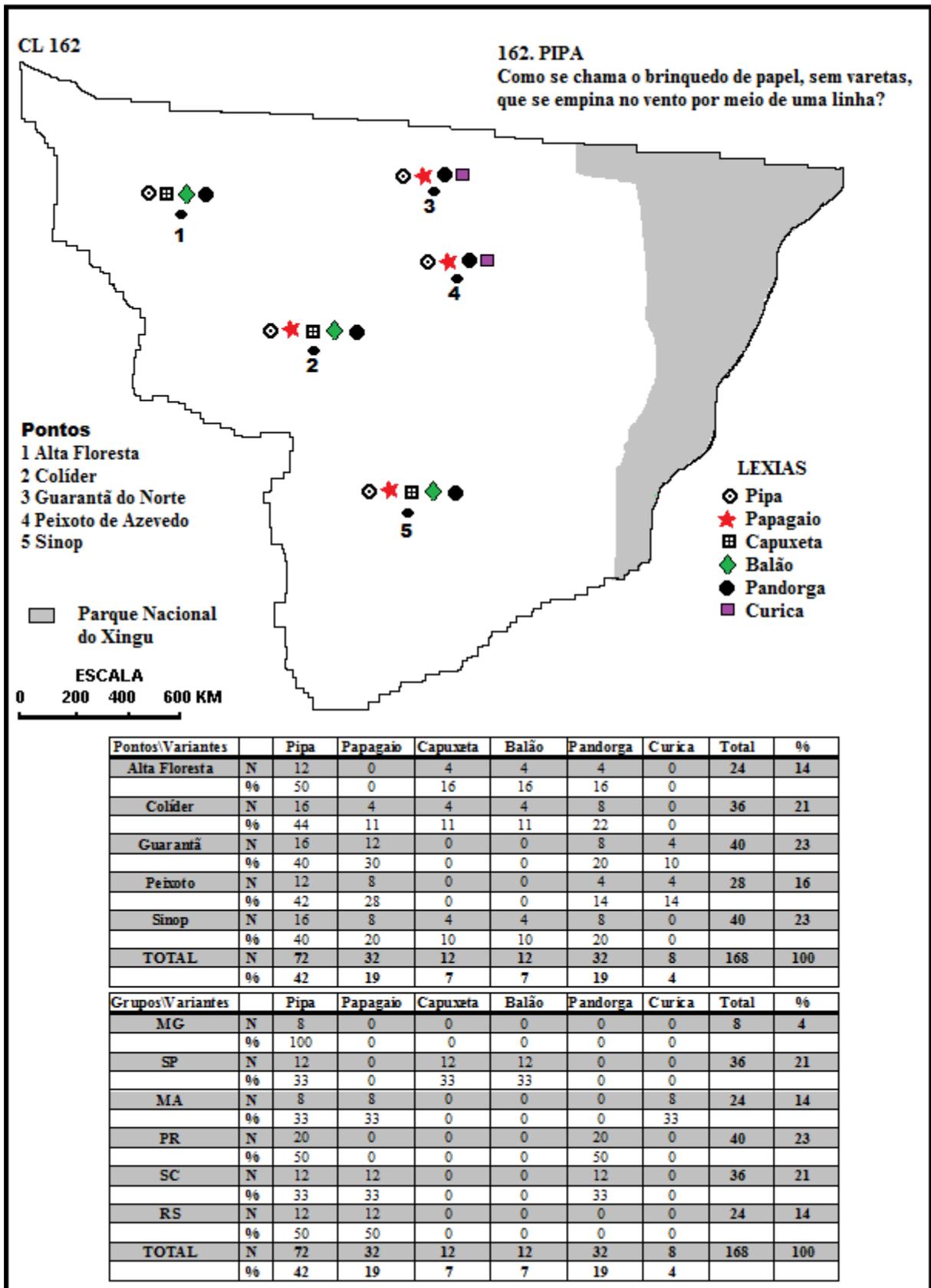
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT - SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINAMICAS



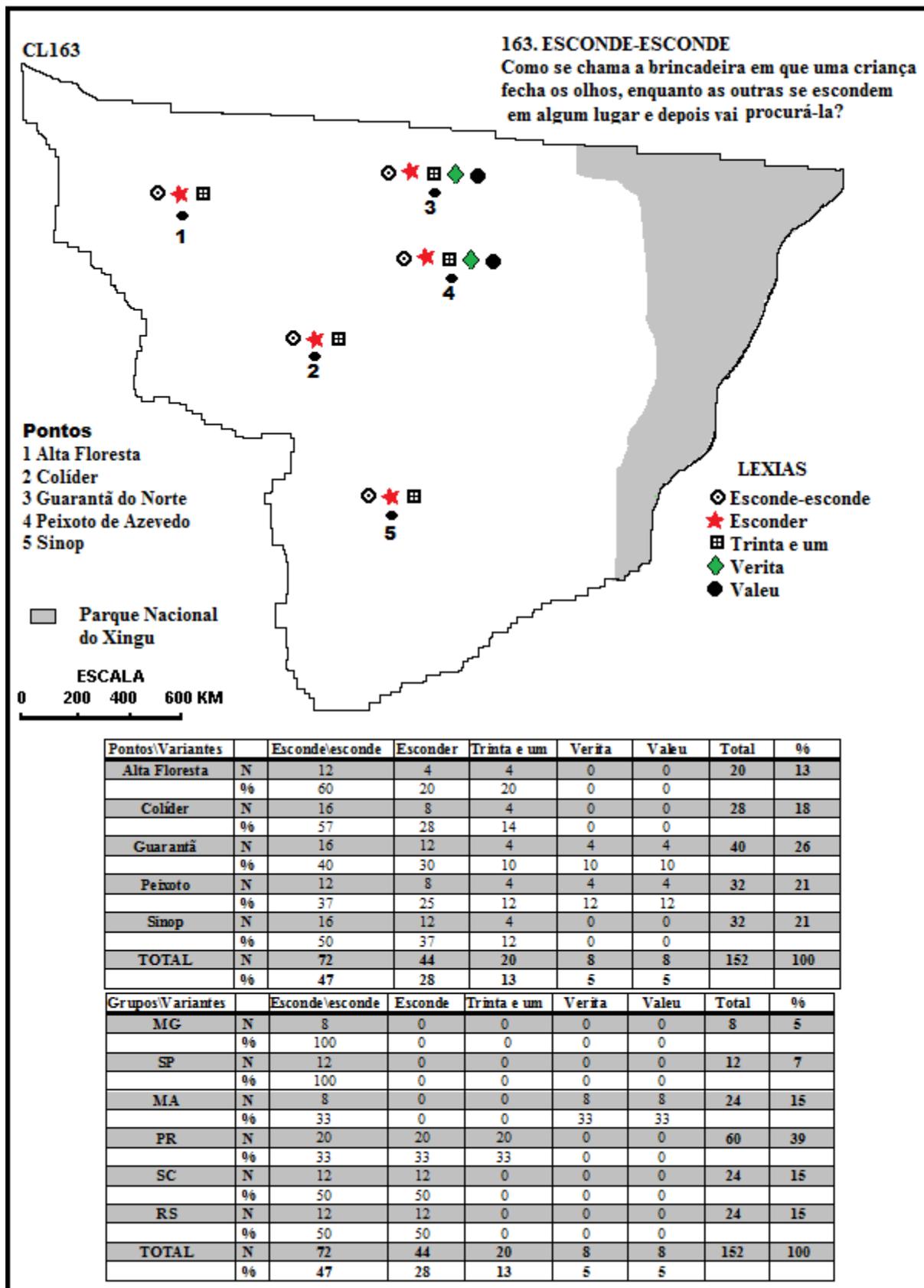
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT -
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINAMICAS



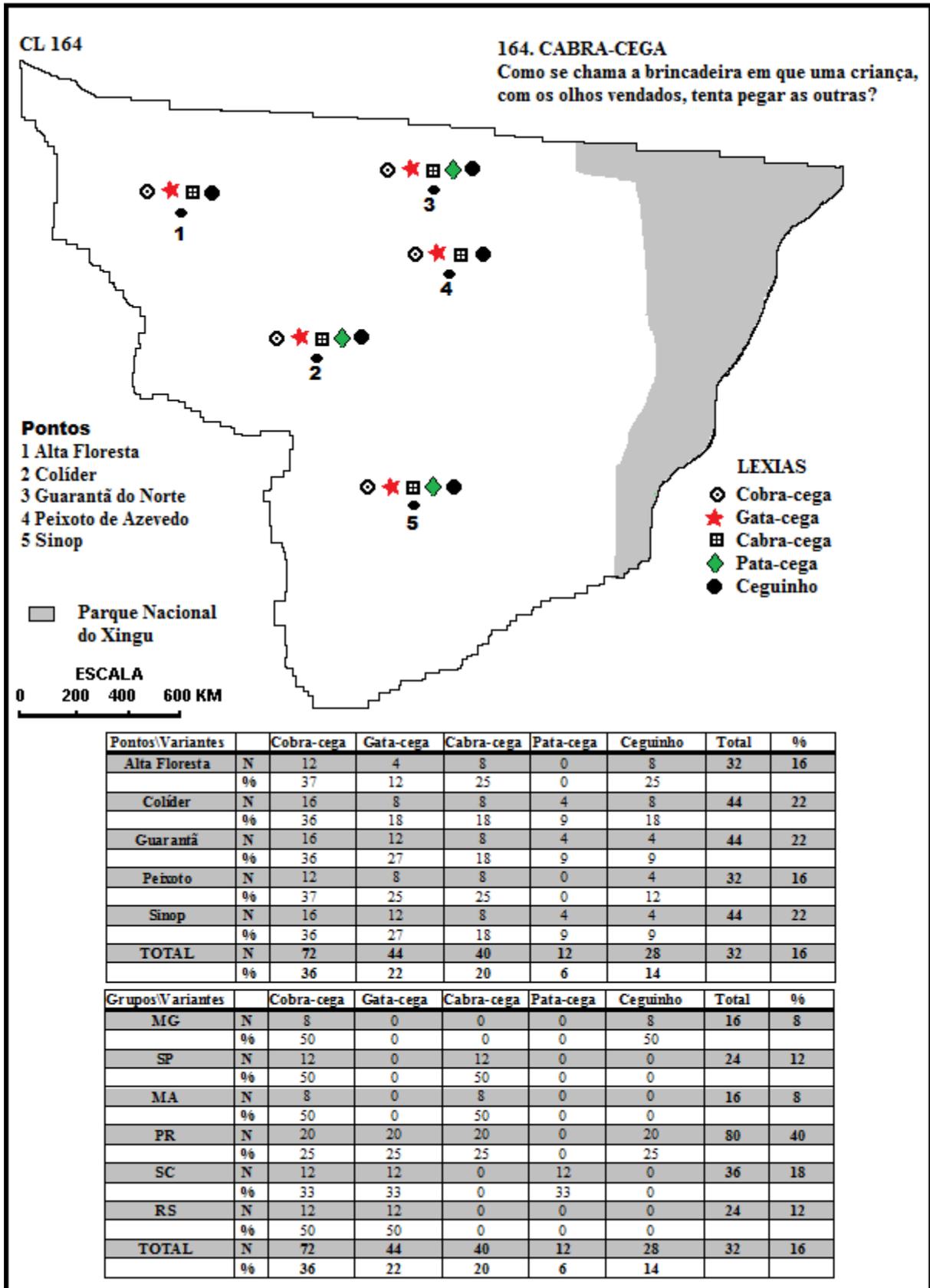
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT -
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINAMICAS



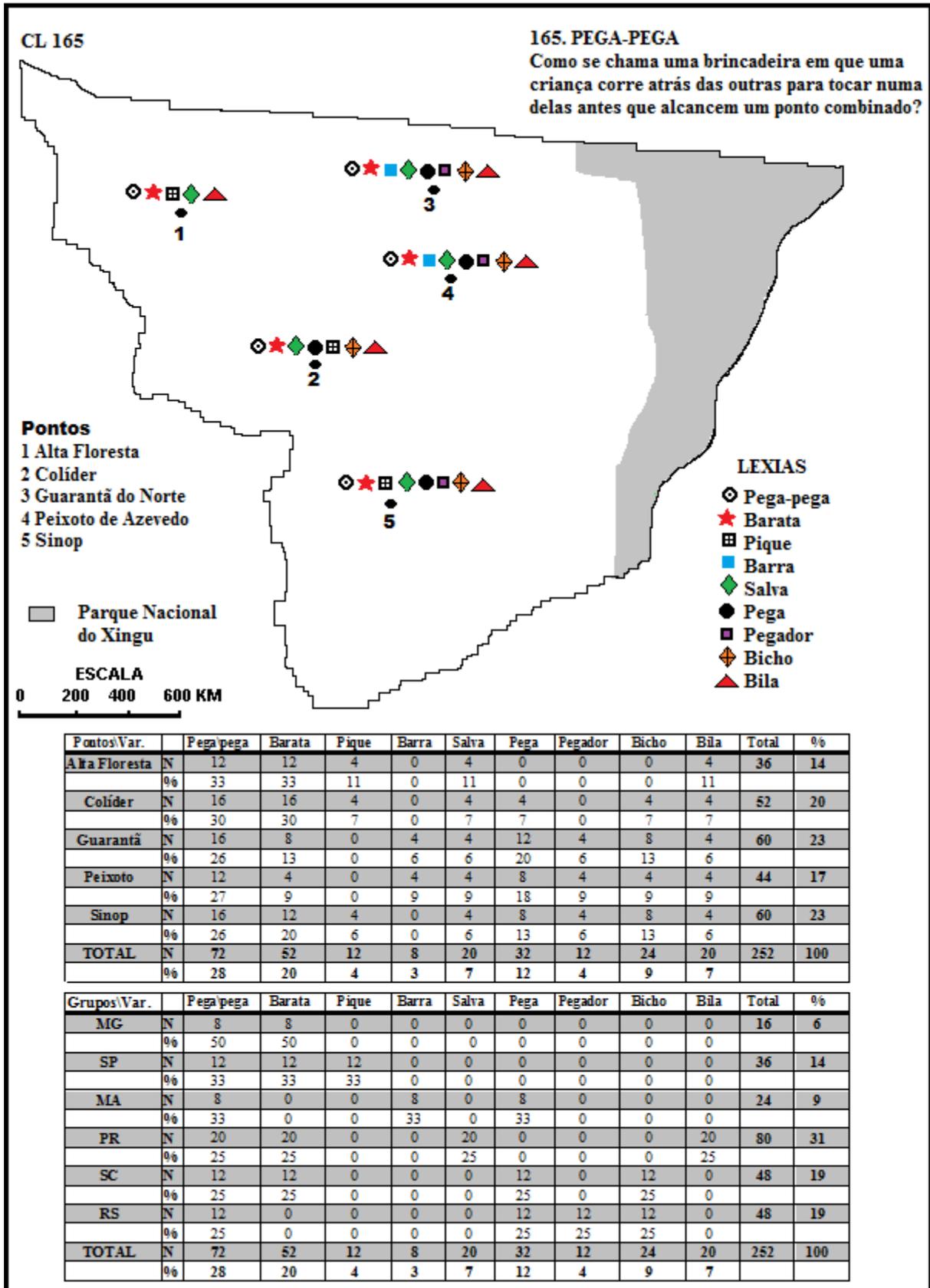
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT -
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINAMICAS



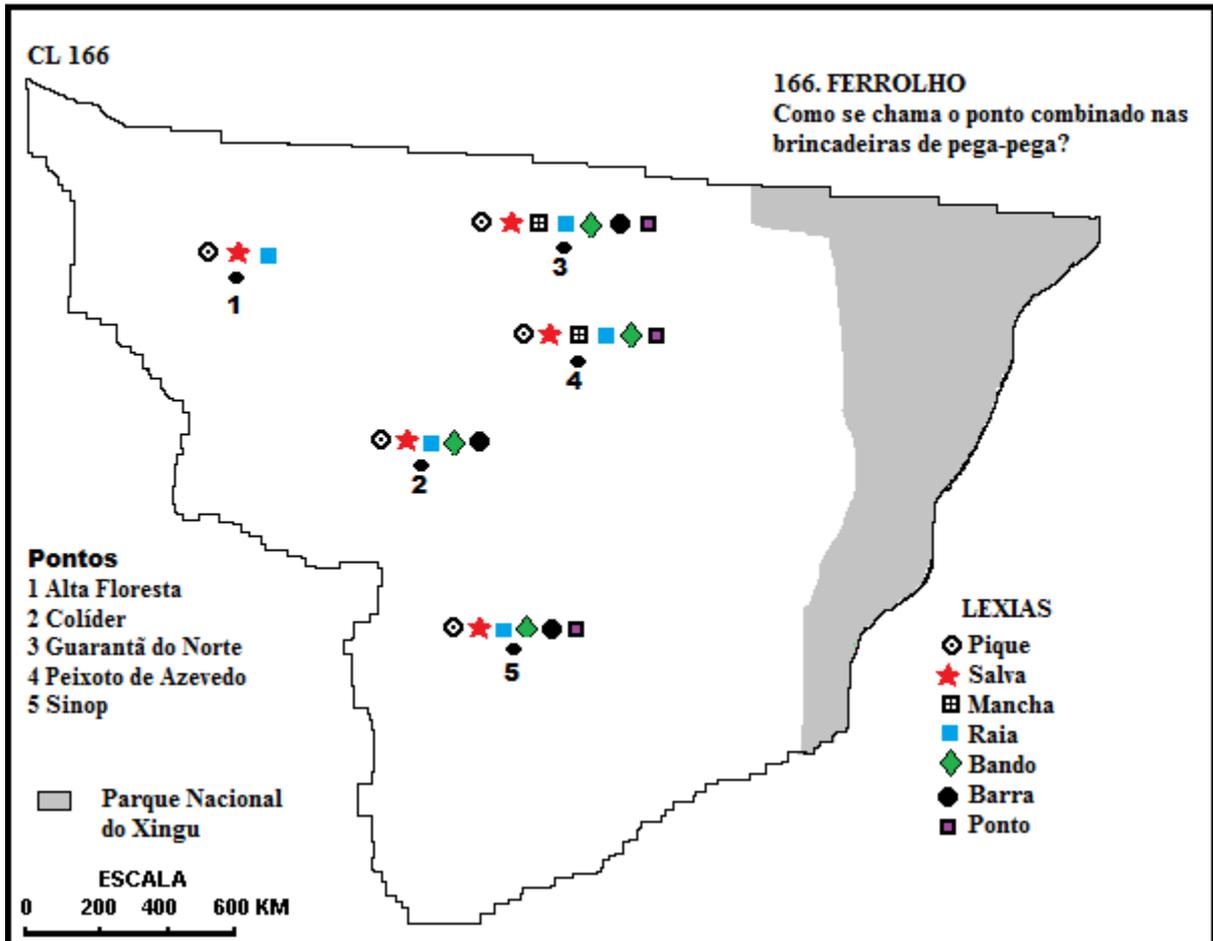
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT - SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINAMICAS



ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT - SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINAMICAS



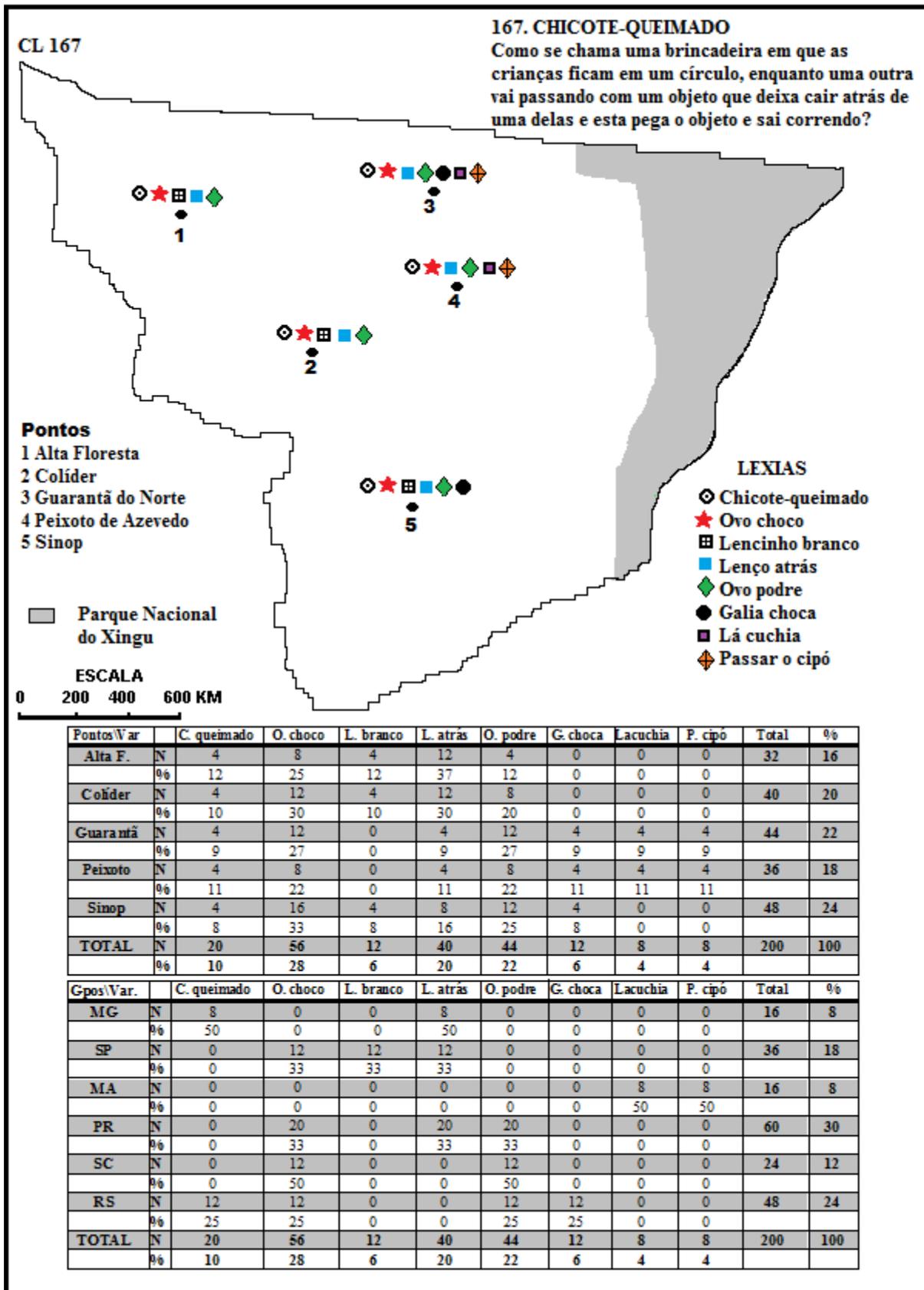
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT - SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINAMICAS



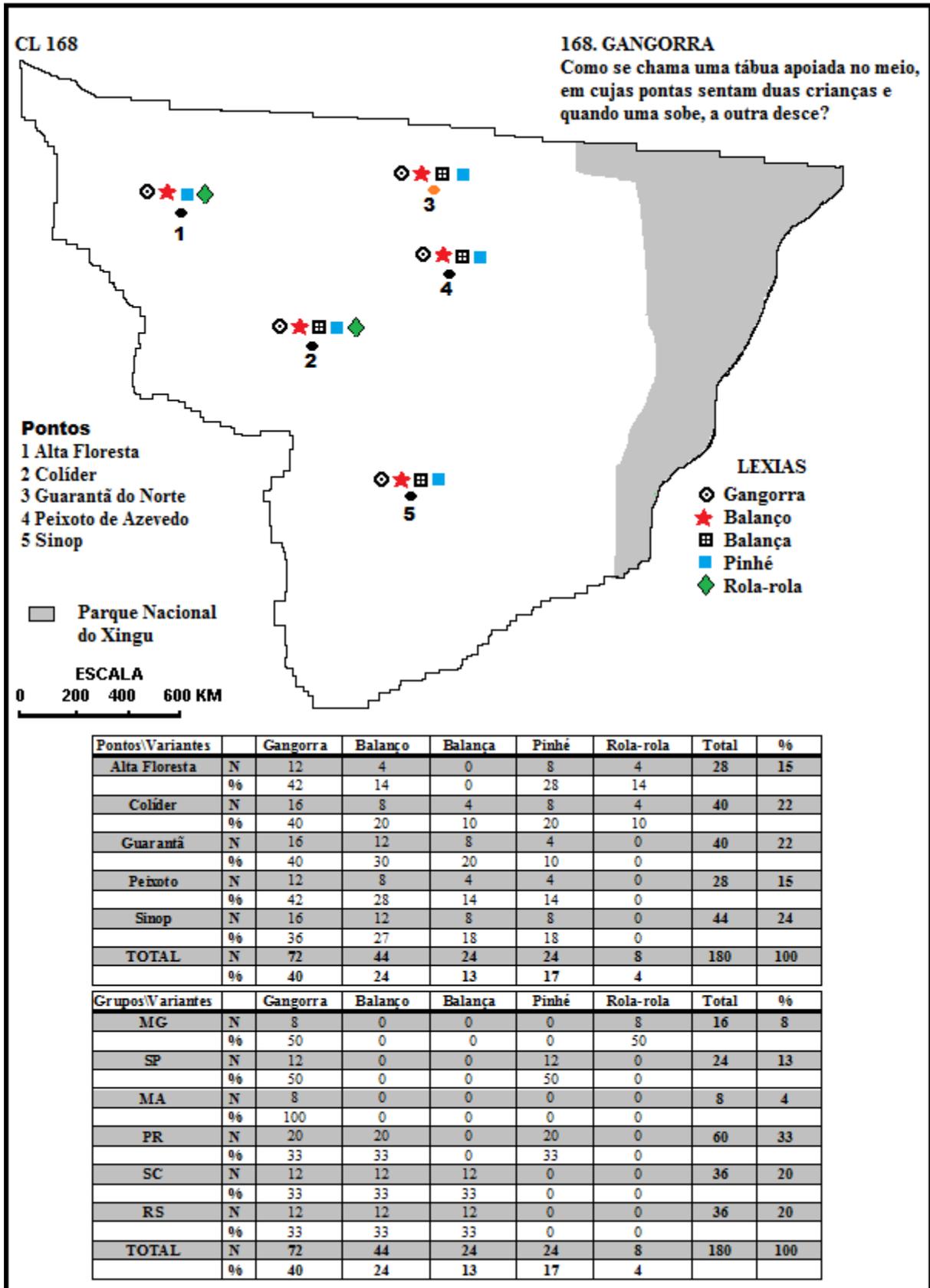
Pontos\Variantes		Pique	Salva	Mancha	Raia	Bando	Barra	Ponto	Total	%
Alta Floresta	N	12	8	0	4	0	0	0	24	11
	%	50	33	0	16	0	0	0		
Colíder	N	16	8	0	8	4	4	0	40	19
	%	40	20	0	20	10	10	0		
Guarantã	N	16	4	4	12	8	4	4	52	25
	%	30	7	7	23	15	7	7		
Peixoto	N	12	4	4	8	4	0	4	36	17
	%	33	11	11	23	11	0	11		
Sinop	N	16	8	0	12	8	4	4	52	25
	%	30	15	0	23	15	7	7		
TOTAL	N	72	32	8	44	24	12	12	204	100
	%	35	15	3	21	11	5	5		

Grupos\Variantes		Pique	Salva	Mancha	Raia	Bando	Barra	Ponto	Total	%
MG	N	8	0	0	0	0	0	0	8	3
	%	100	0	0	0	0	0	0		
SP	N	12	12	0	0	0	0	0	24	11
	%	50	50	0	0	0	0	0		
MA	N	8	0	8	0	0	0	0	16	7
	%	50	0	50	0	0	0	0		
PR	N	20	20	0	20	0	0	0	60	29
	%	33	33	0	33	0	0	0		
SC	N	12	0	0	12	12	12	0	48	23
	%	25	0	0	25	25	25	0		
RS	N	12	0	0	12	12	0	12	48	23
	%	25	0	0	25	25	0	25		
TOTAL	N	72	32	8	44	24	12	12	204	100
	%	35	15	3	21	11	5	5		

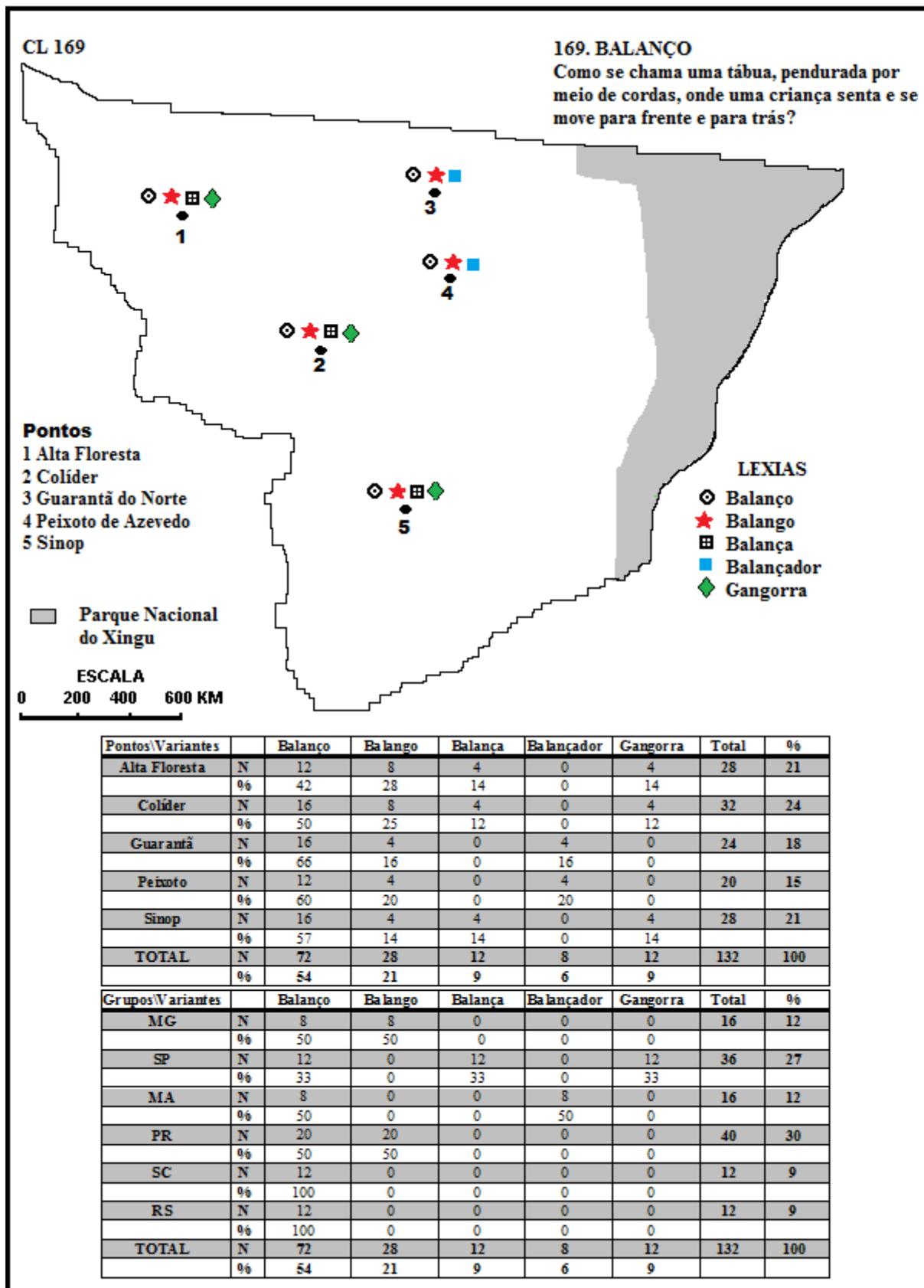
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT - SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINAMICAS



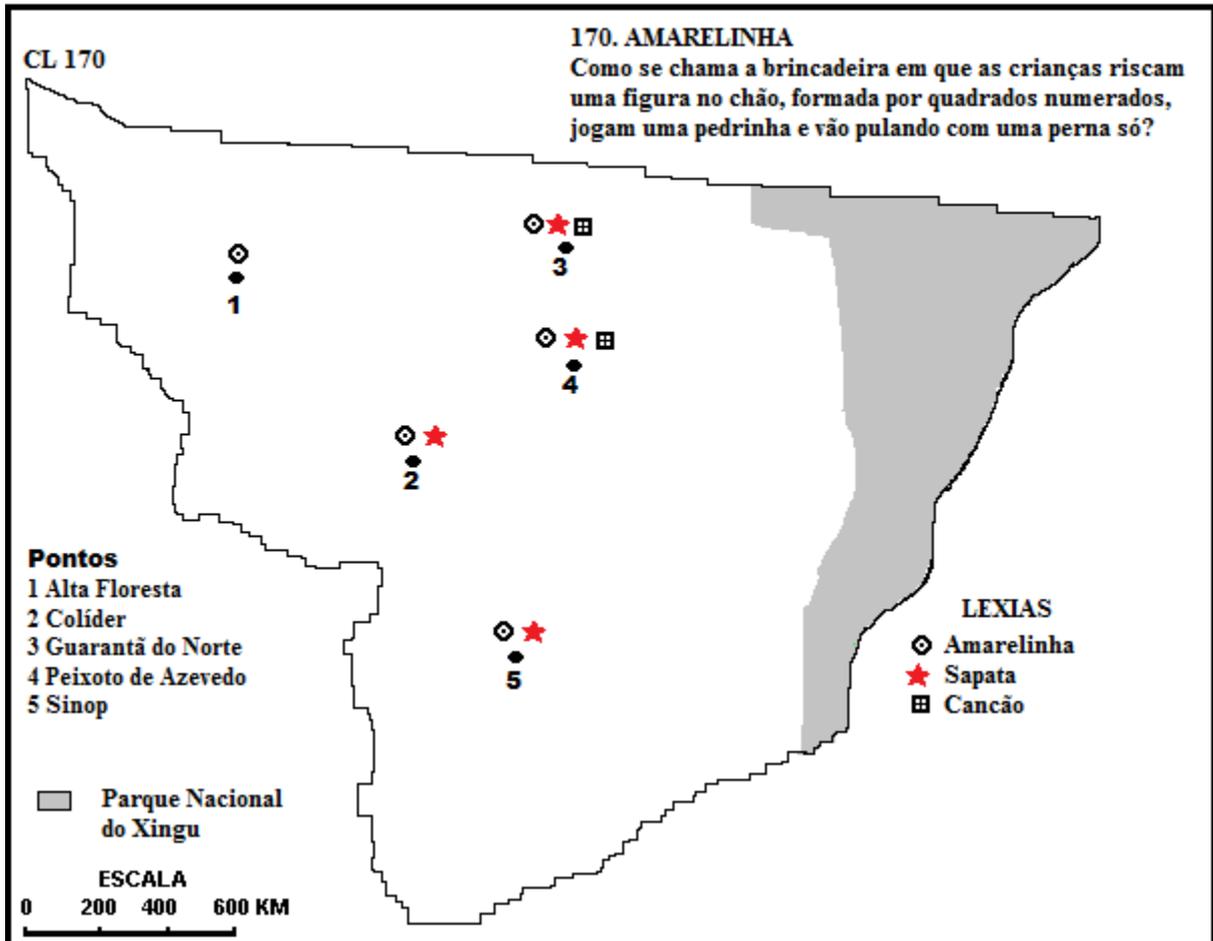
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT - SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINAMICAS



ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT -
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINAMICAS



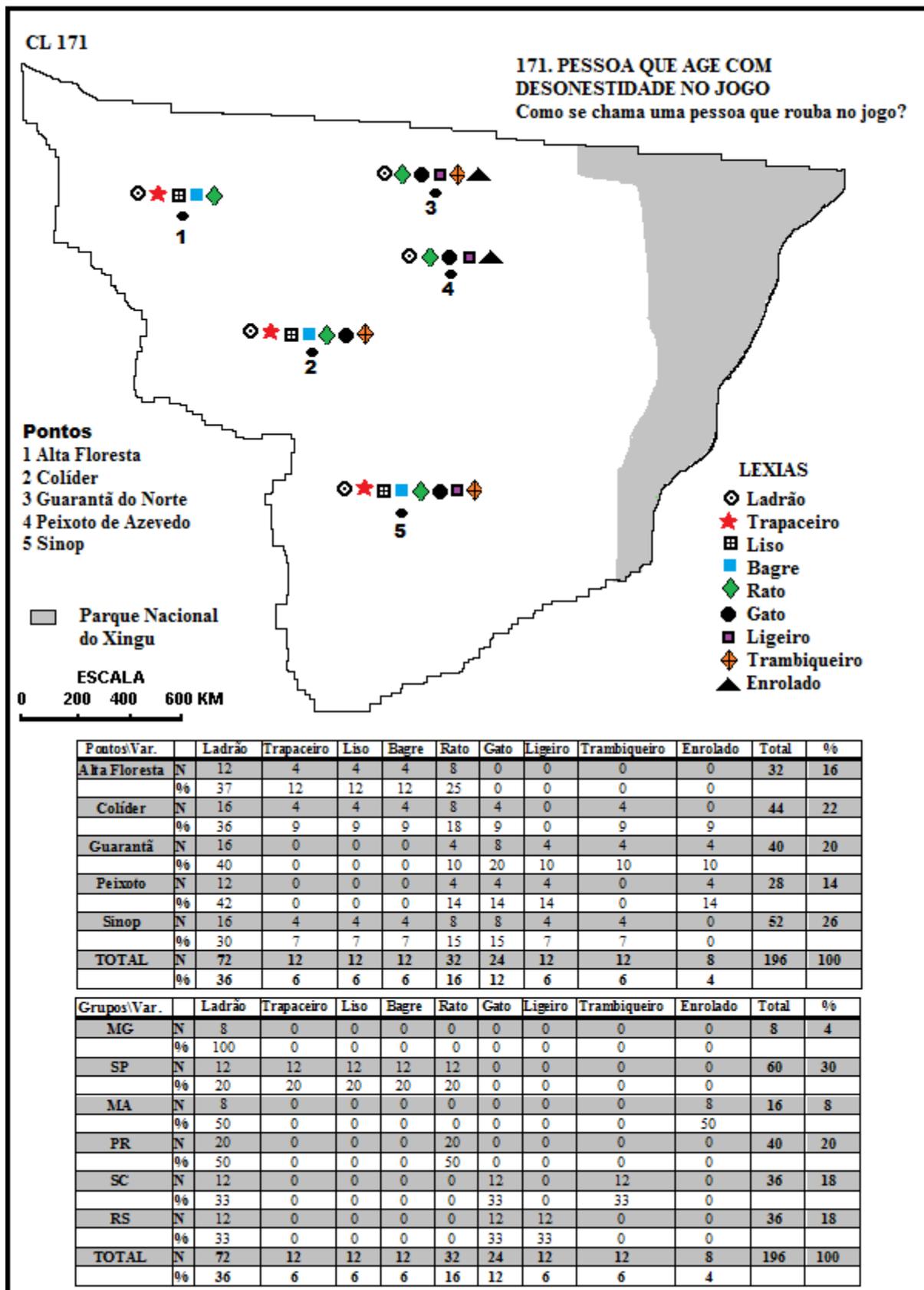
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT - SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINAMICAS



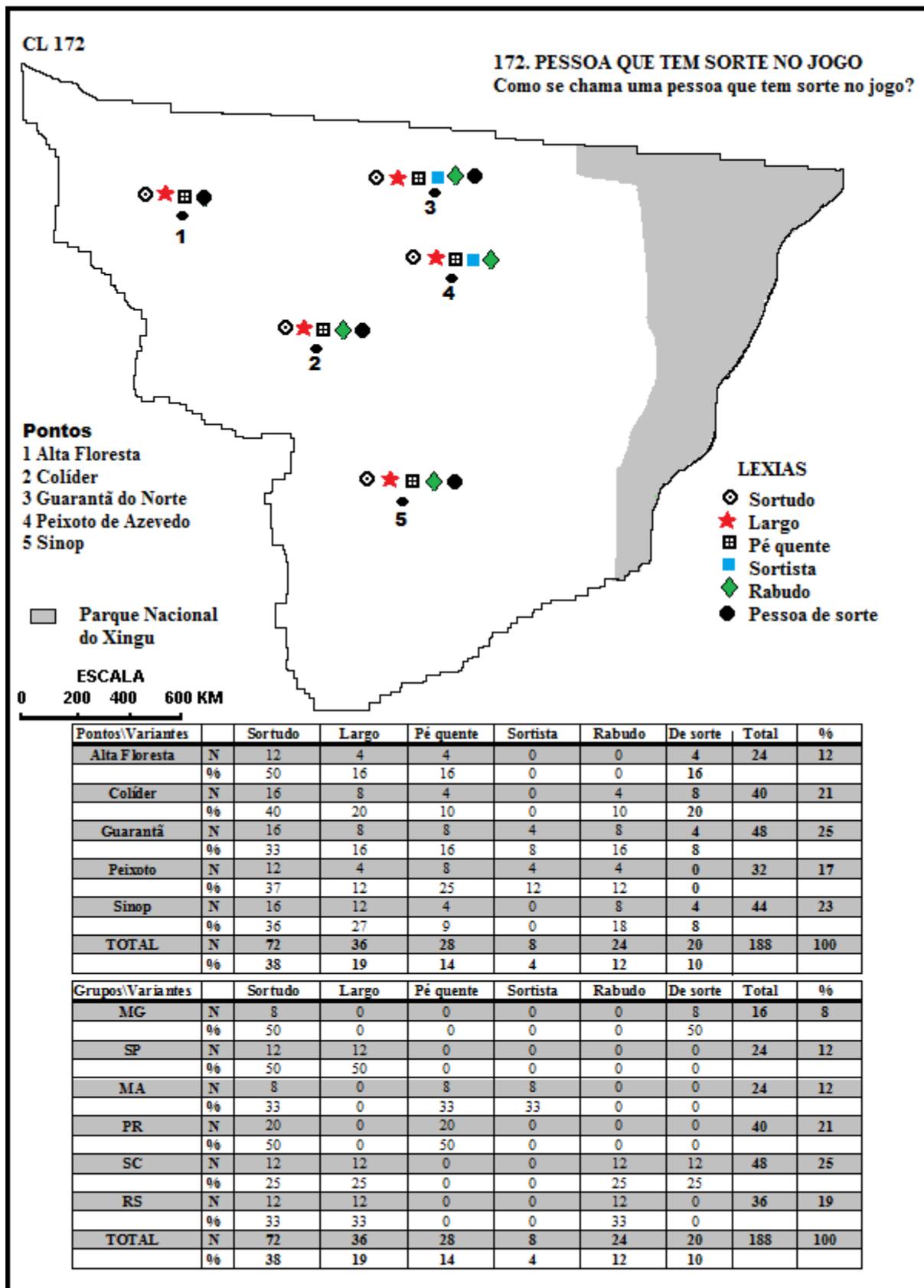
Pontos/Variantes		Amarelinha	Sapata	Cancão	Total	%
Alta Floresta	N	12	0	0	12	11
	%	100	0	0		
Colíder	N	16	4	0	20	19
	%	80	20	0		
Guarantã	N	16	8	4	28	12
	%	57	28	14		
Peixoto	N	12	4	4	20	19
	%	60	20	20		
Sinop	N	16	8	0	24	23
	%	66	33	0		
TOTAL	N	72	24	8	104	100
	%	69	23	7		

Grupos/Variantes		Amarelinha	Sapata	Cancão	Total	%
MG	N	8	0	0	8	7
	%	100	0	0		
SP	N	12	0	0	12	11
	%	100	0	0		
MA	N	8	0	8	16	15
	%	50	0	50		
PR	N	20	0	0	20	19
	%	100	0	0		
SC	N	12	12	0	24	23
	%	50	50	0		
RS	N	12	12	0	24	23
	%	50	50	0		
TOTAL	N	72	24	8	104	100
	%	69	23	7		

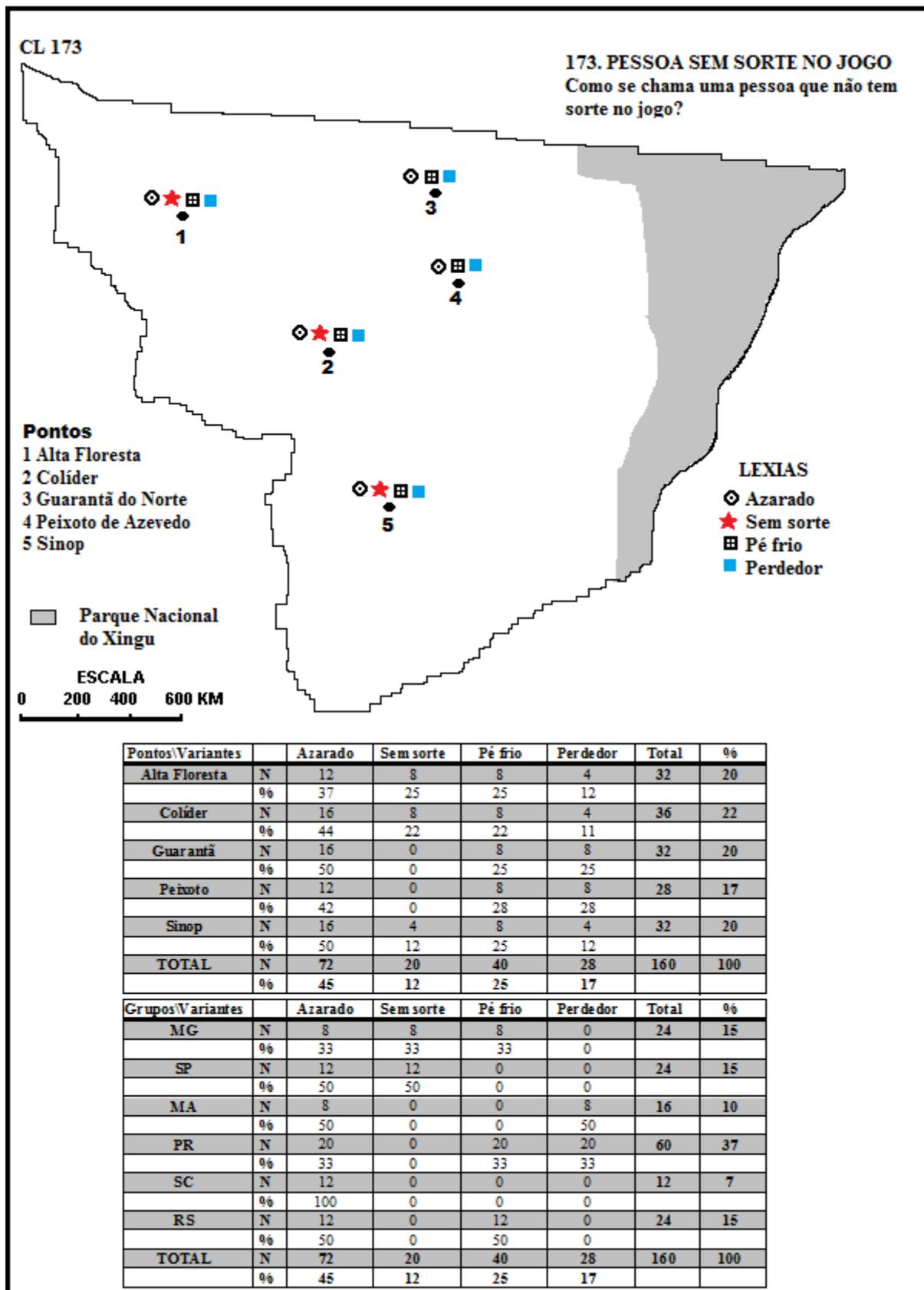
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT -
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINAMICAS



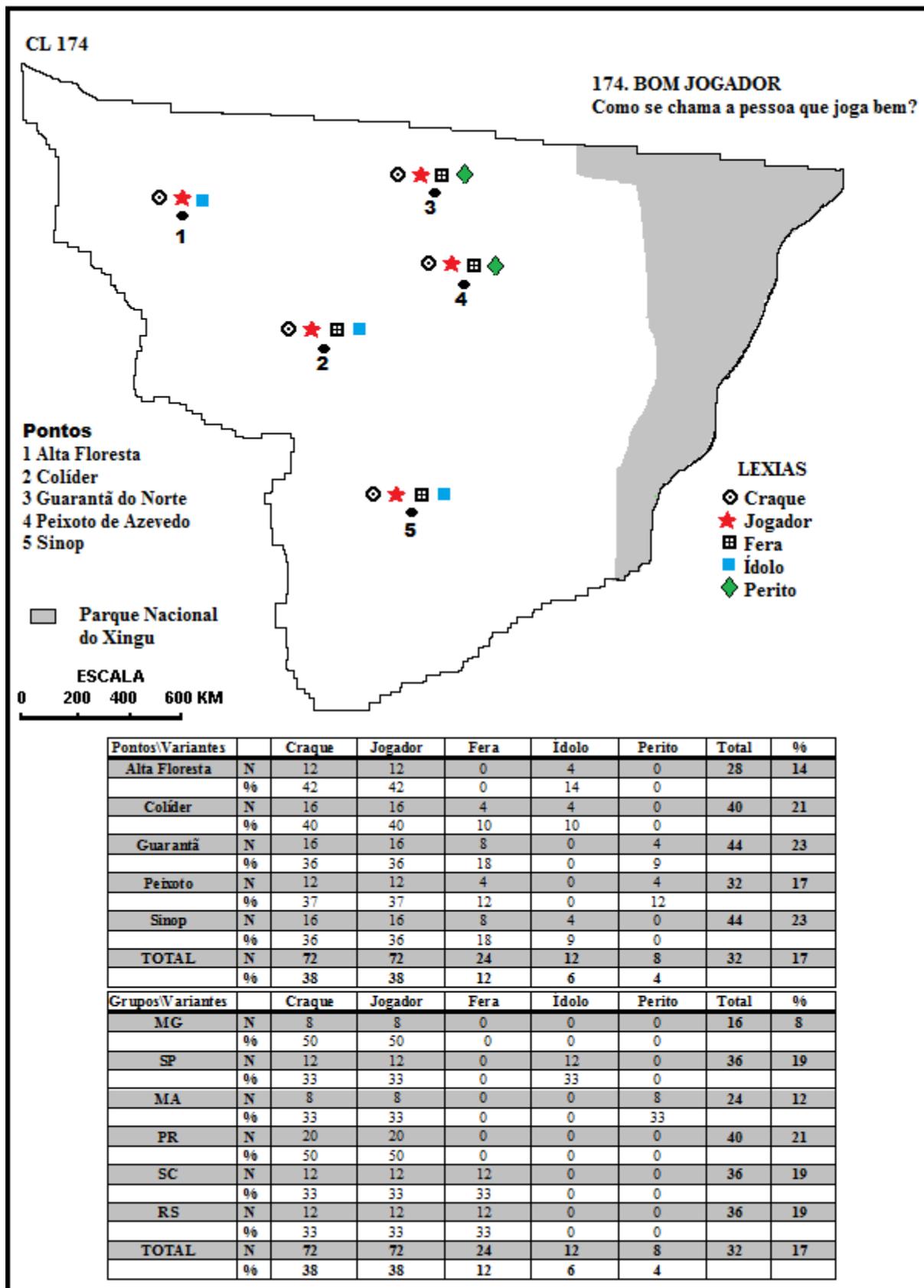
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT -
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINAMICAS



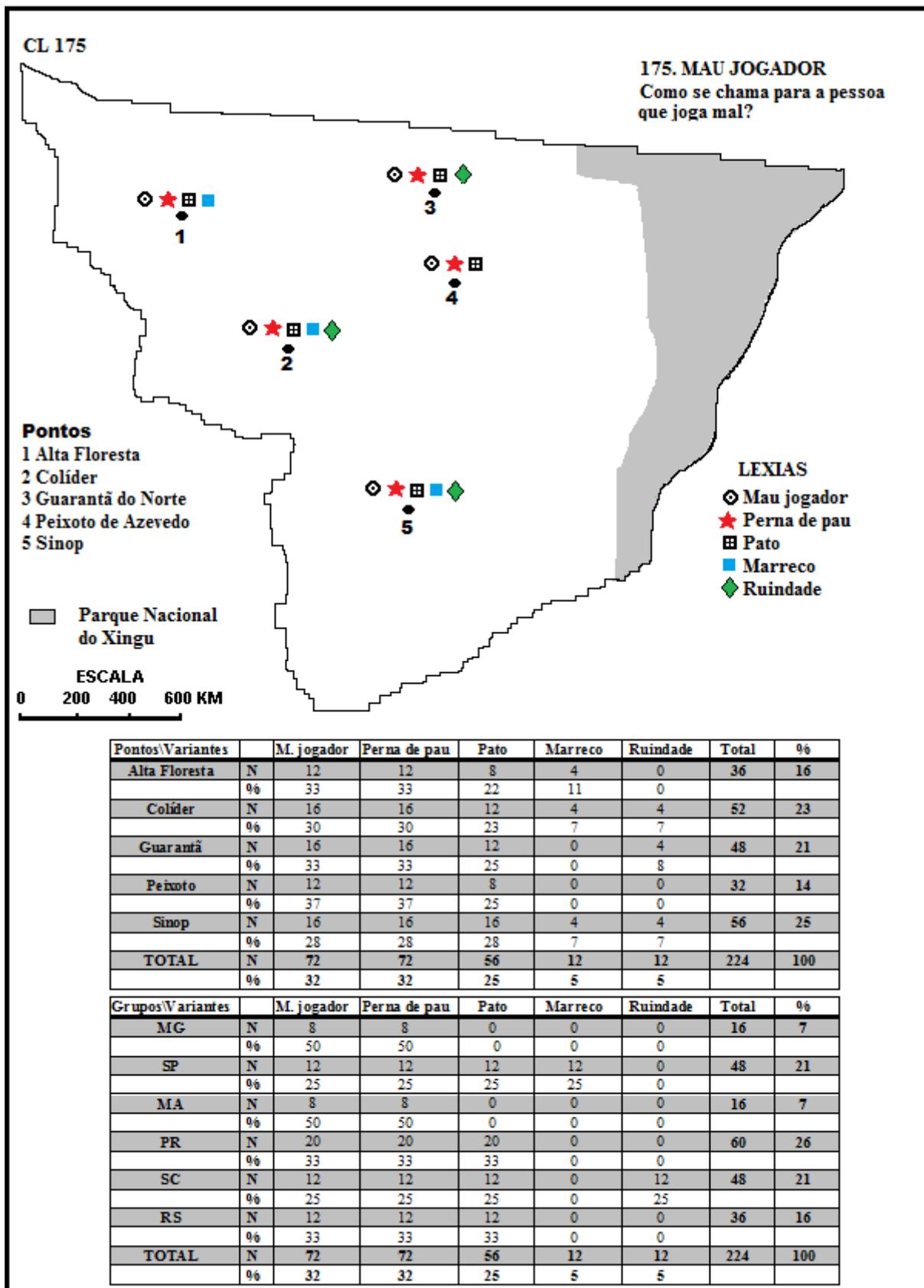
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT -
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINAMICAS



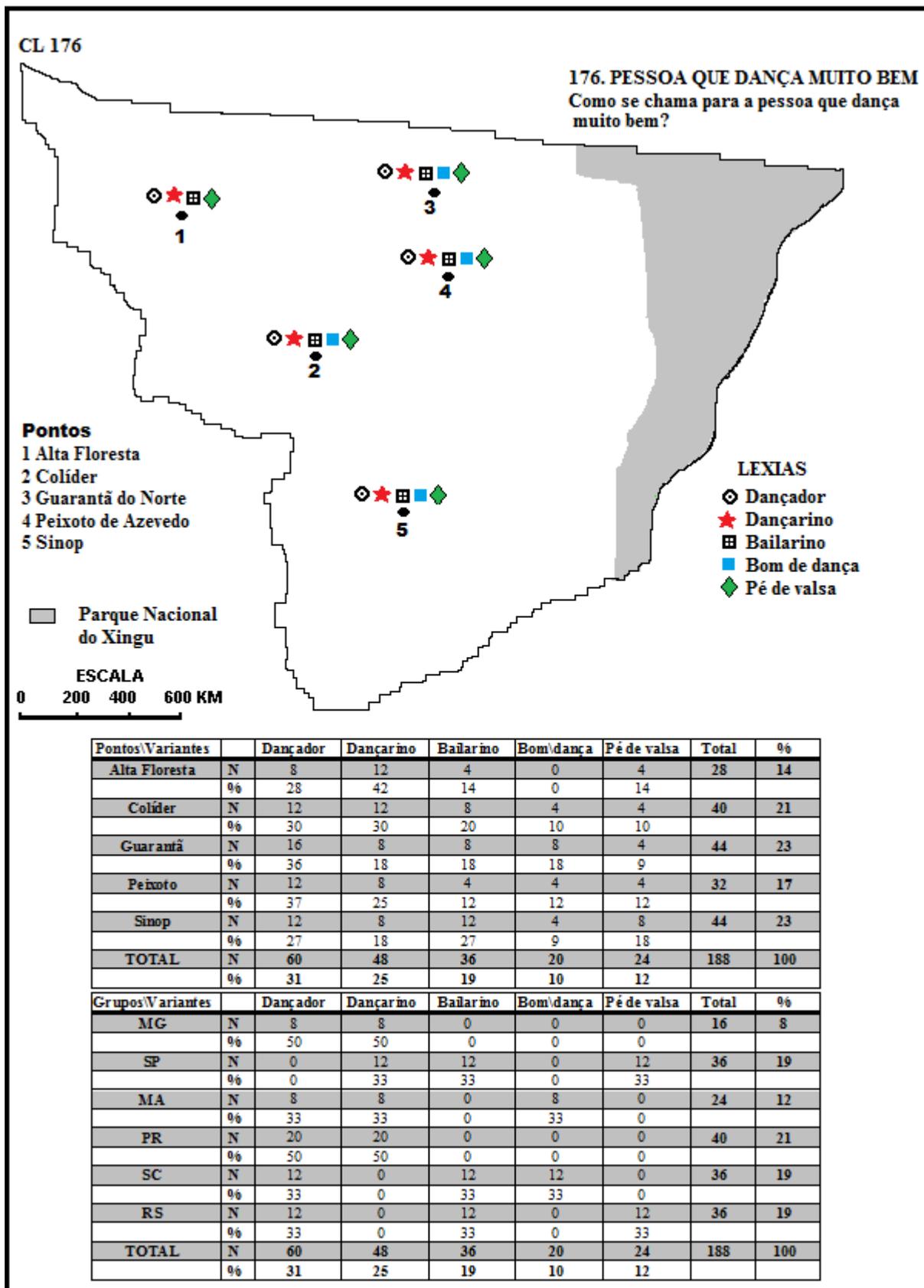
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT -
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINAMICAS



ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT -
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINAMICAS



ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT -
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINAMICAS



**ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT -
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINAMICAS**

5.2.12 CAMPO SEMÂNTICO: *HABITAÇÃO*

CARTOGRAMAS LINGUÍSTICAS:

CL 177 – TRAMELA

CL 178 – VENEZIANA/TAMPO

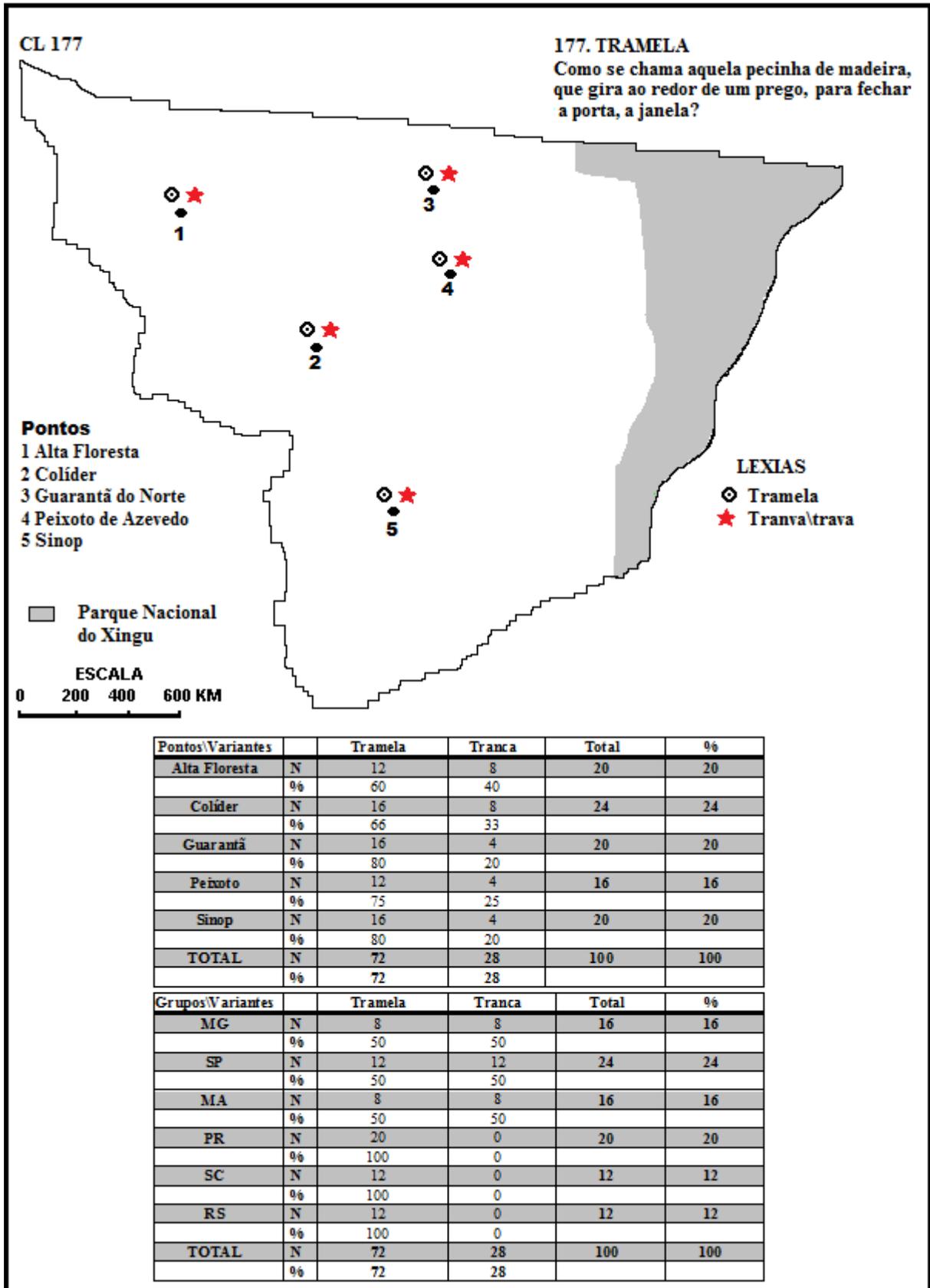
CL 179 – FULIGEM

CL 180 – ISQUEIRO

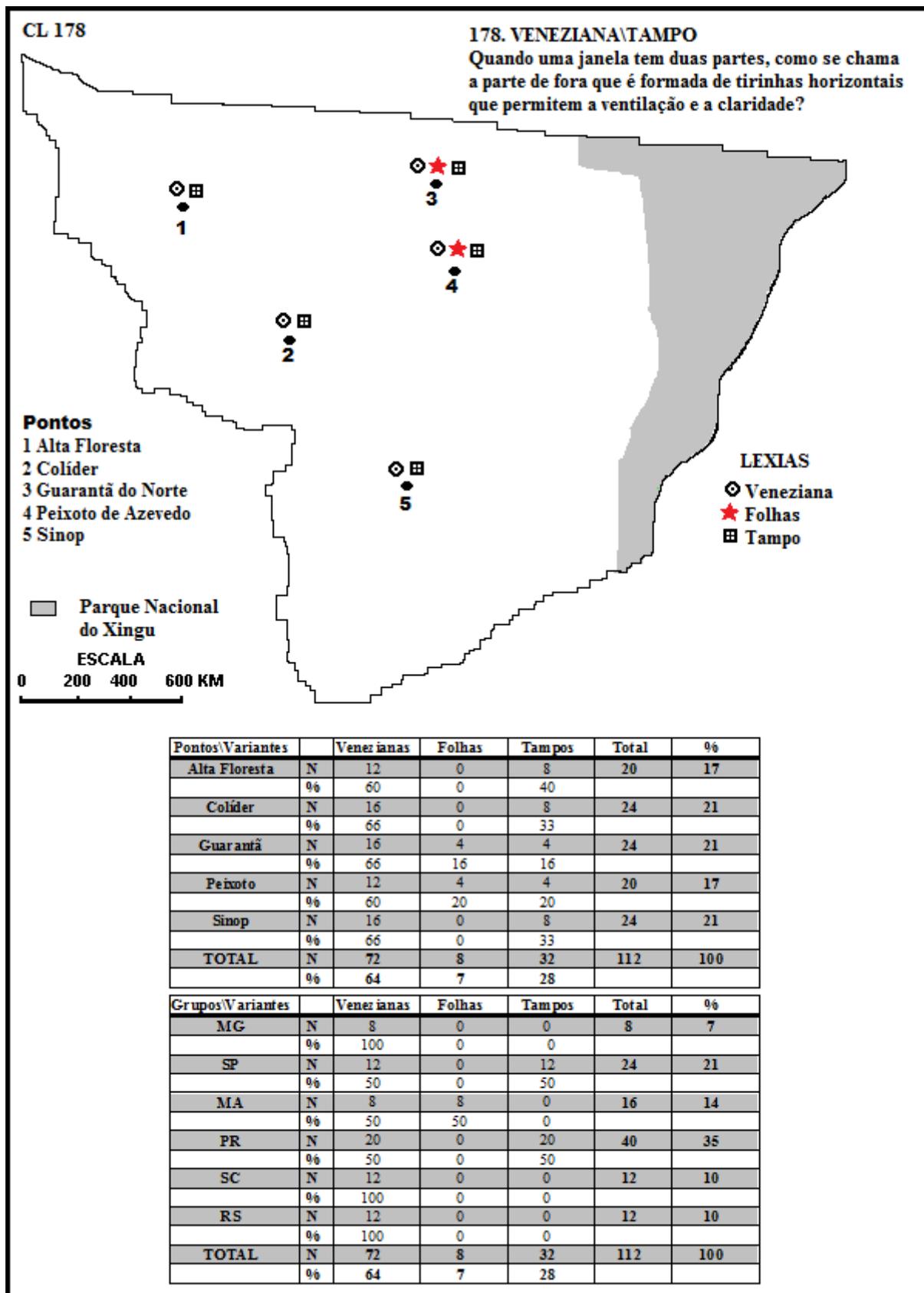
CL 181 – LANTERNA

CL 182 - BORRALHO

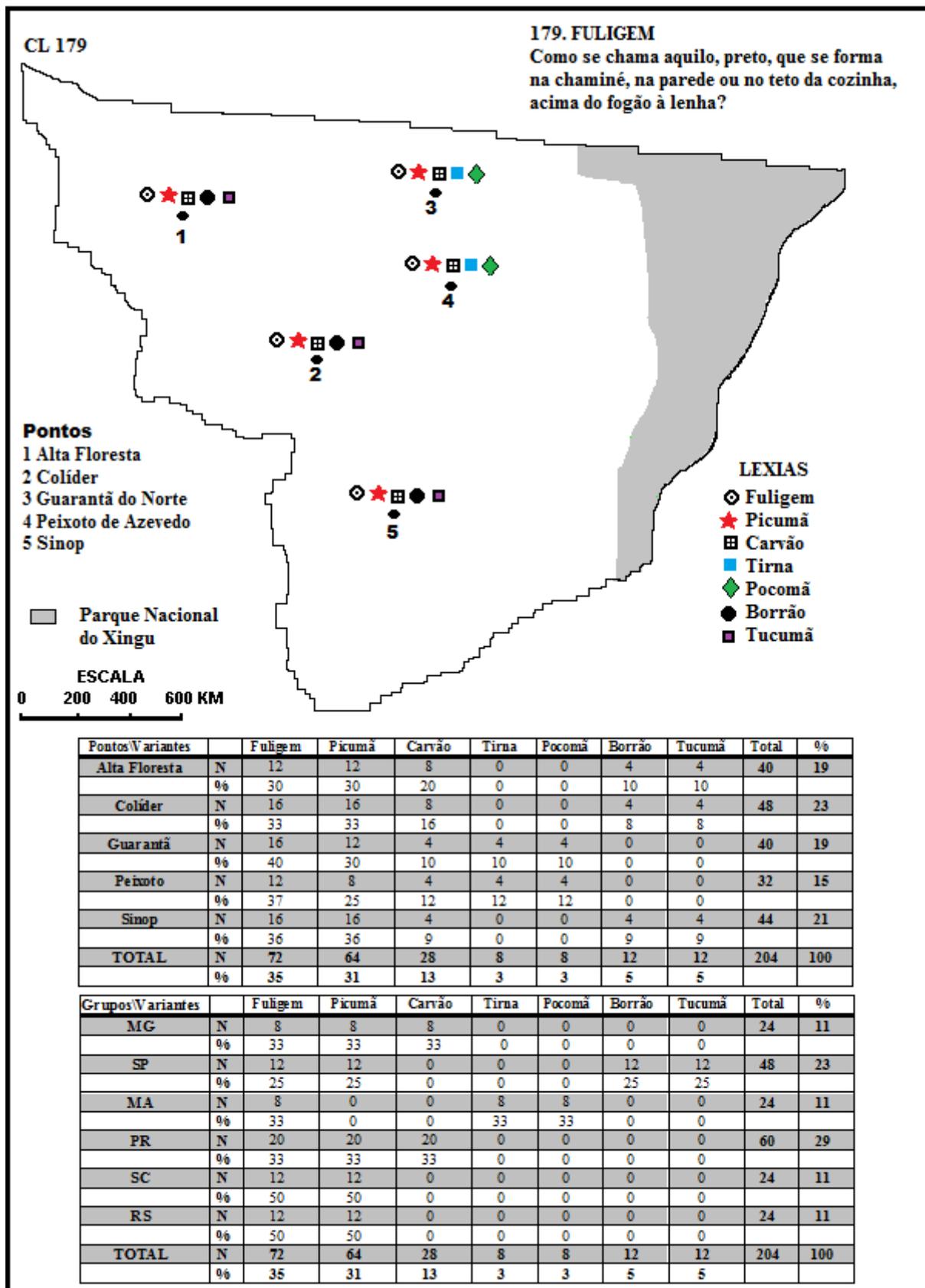
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT - SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINAMICAS



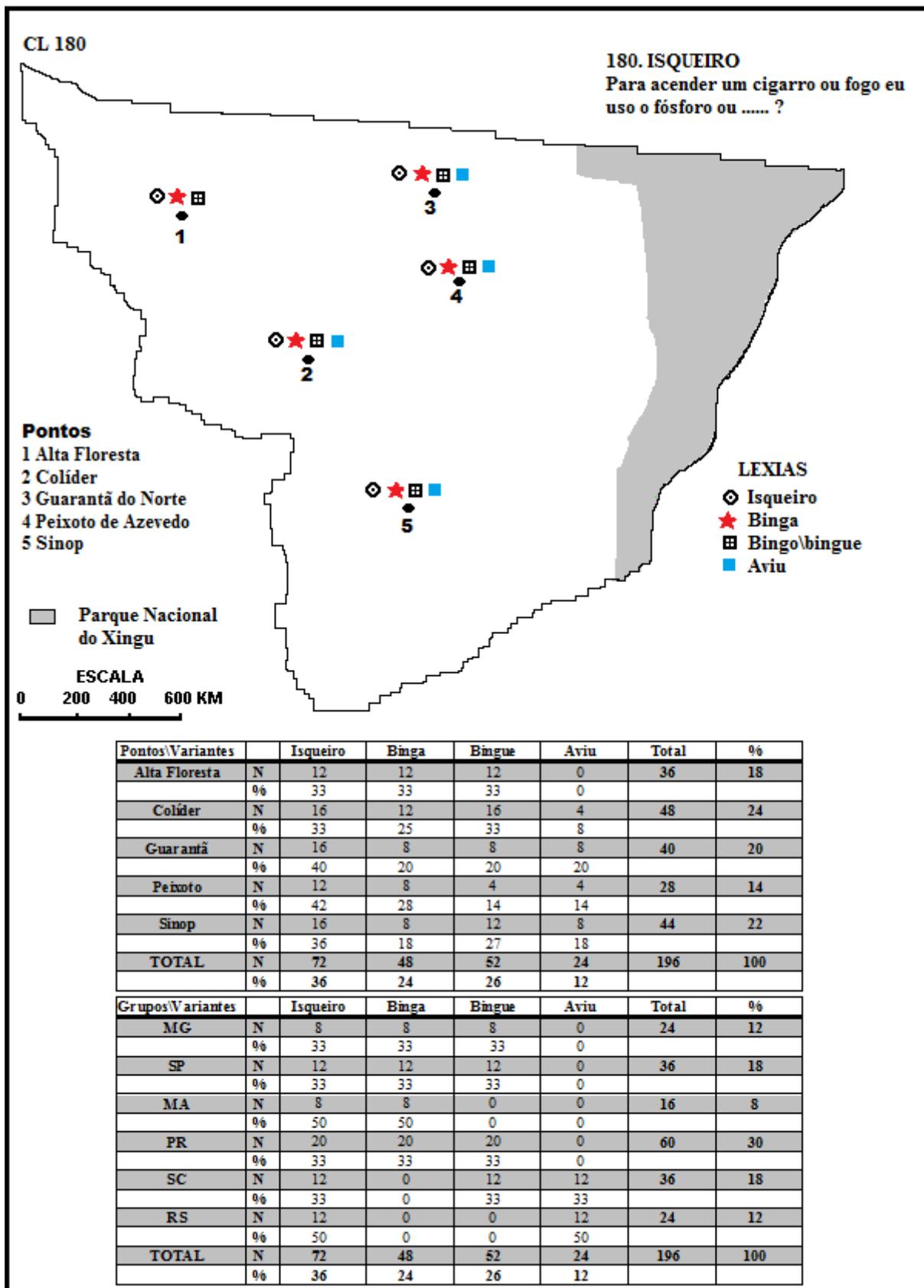
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT -
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINAMICAS



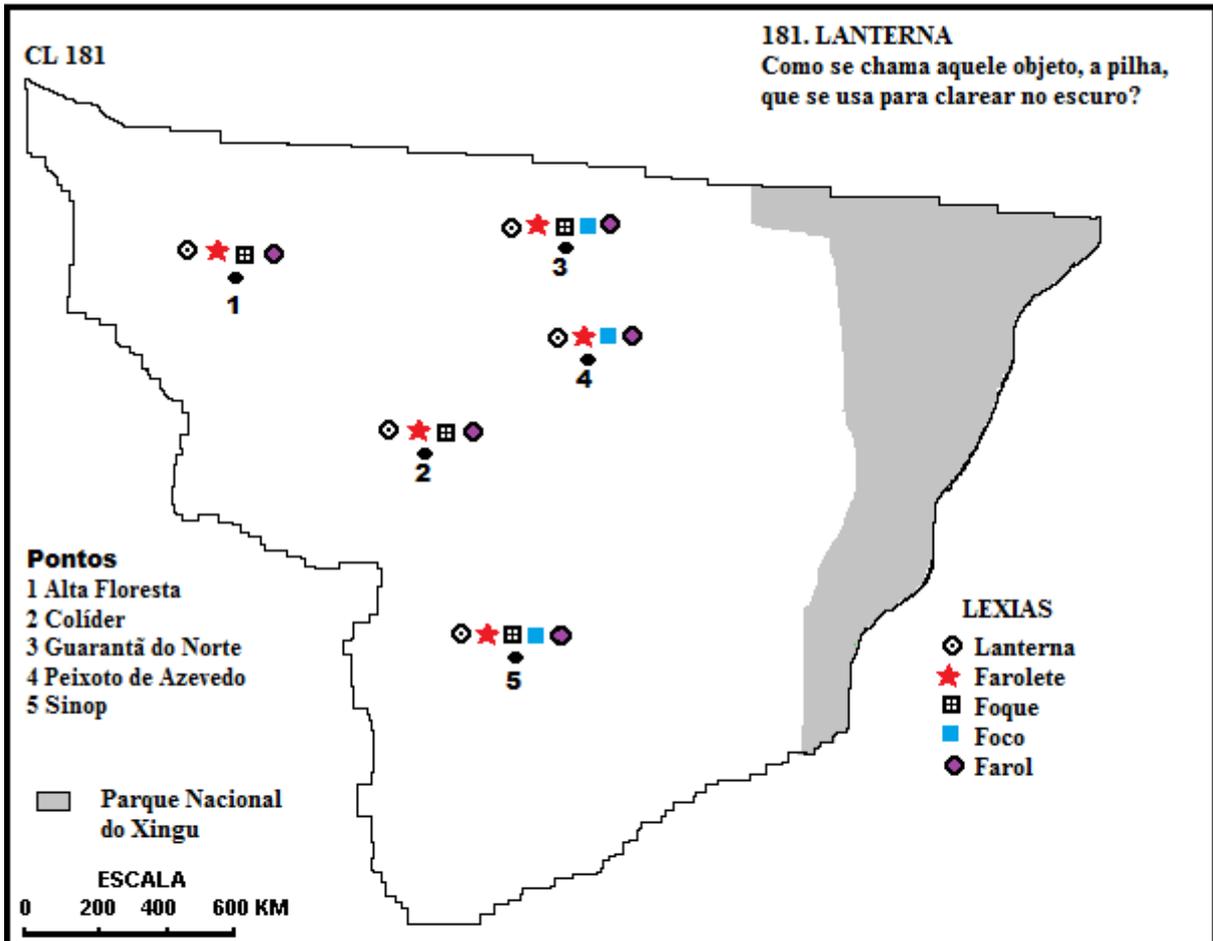
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT -
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINAMICAS



ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT -
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINAMICAS



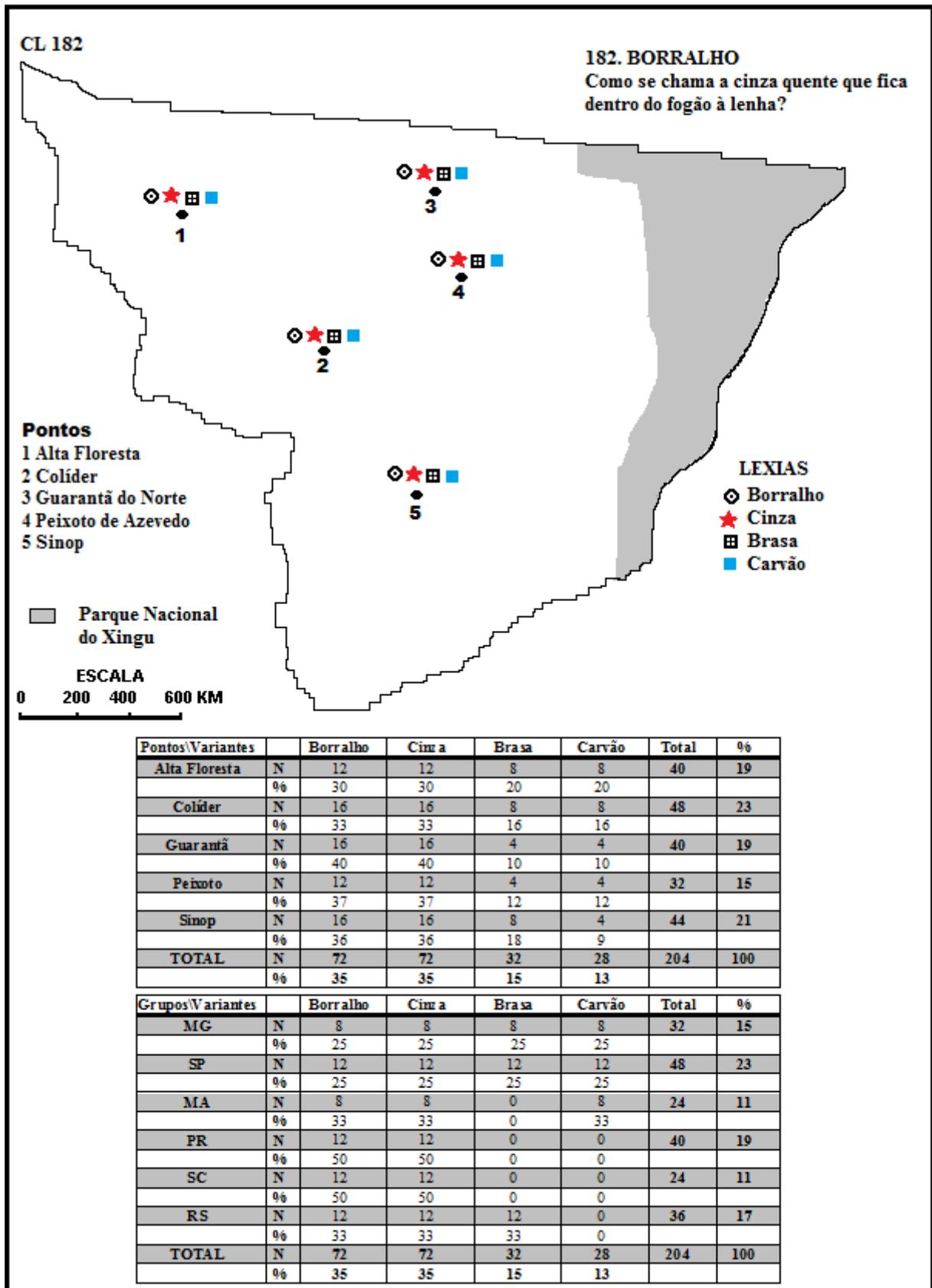
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT - SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINAMICAS



Pontos/Variantes		Lanterna	Farolete	Foque	Foco	Farol	Total	%
Alta Floresta	N	12	12	4	0	4	32	16
	%	37	37	12	0	12		
Colider	N	16	16	8	0	4	44	22
	%	36	36	18	0	9		
Guarantã	N	16	16	4	4	4	44	22
	%	36	36	9	9	9		
Peixoto	N	12	12	0	4	4	32	16
	%	37	37	0	12	12		
Sinop	N	16	16	4	4	4	44	22
	%	36	36	9	9	9		
TOTAL	N	72	72	20	12	20	196	100
	%	36	36	10	6	10		

Grupos/Variantes		Lanterna	Farolete	Foque	Foco	Farol	Total	%
MG	N	8	8	8	0	0	24	12
	%	33	33	33	0	0		
SP	N	12	12	0	0	0	24	12
	%	50	50	0	0	0		
MA	N	8	8	0	0	0	16	8
	%	50	50	0	0	0		
PR	N	20	20	0	0	20	60	30
	%	33	33	0	0	33		
SC	N	12	12	12	0	0	36	18
	%	33	33	33	0	0		
RS	N	12	12	0	12	0	36	18
	%	33	33	0	33	0		
TOTAL	N	72	72	20	12	20	196	100
	%	36	36	10	6	10		

ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT -
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINAMICAS



**ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT -
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINAMICAS**

5.2.13 CAMPO SEMÂNTICO: *ALIMENTAÇÃO E COZINHA*

CARTOGRAMAS LINGUÍSTICAS:

CL 183 – CARNE MOÍDA

CL 184 – EMPANTURRADO

CL 185 – GLUTÃO

CL 186 – BÊBADO

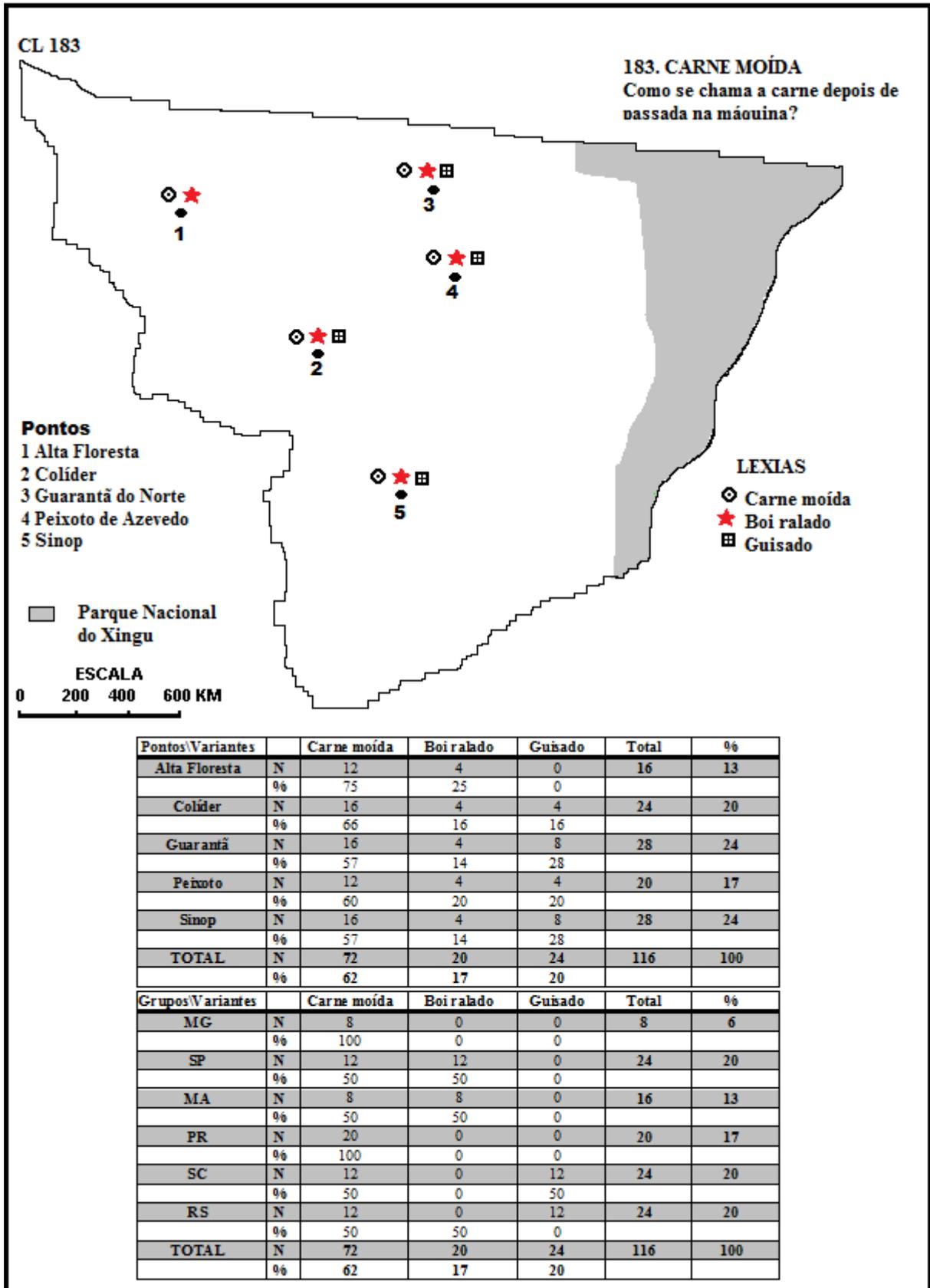
CL 187 – CIGARRO DE PALHA

CL 188 – TOCO DE CIGARRO

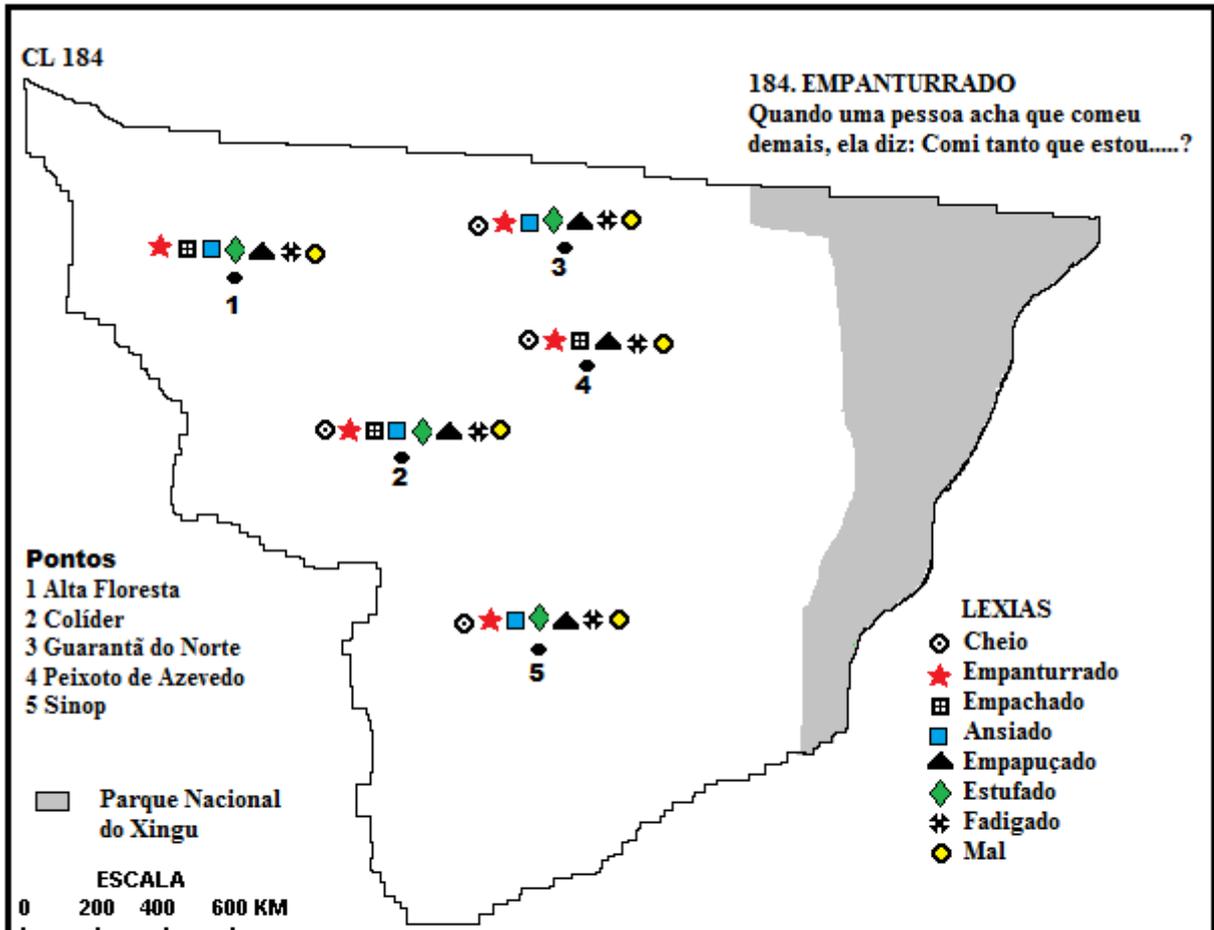
CL 189 – AGUARDENTE

CL 190 – BODEGA

ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT - SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINAMICAS



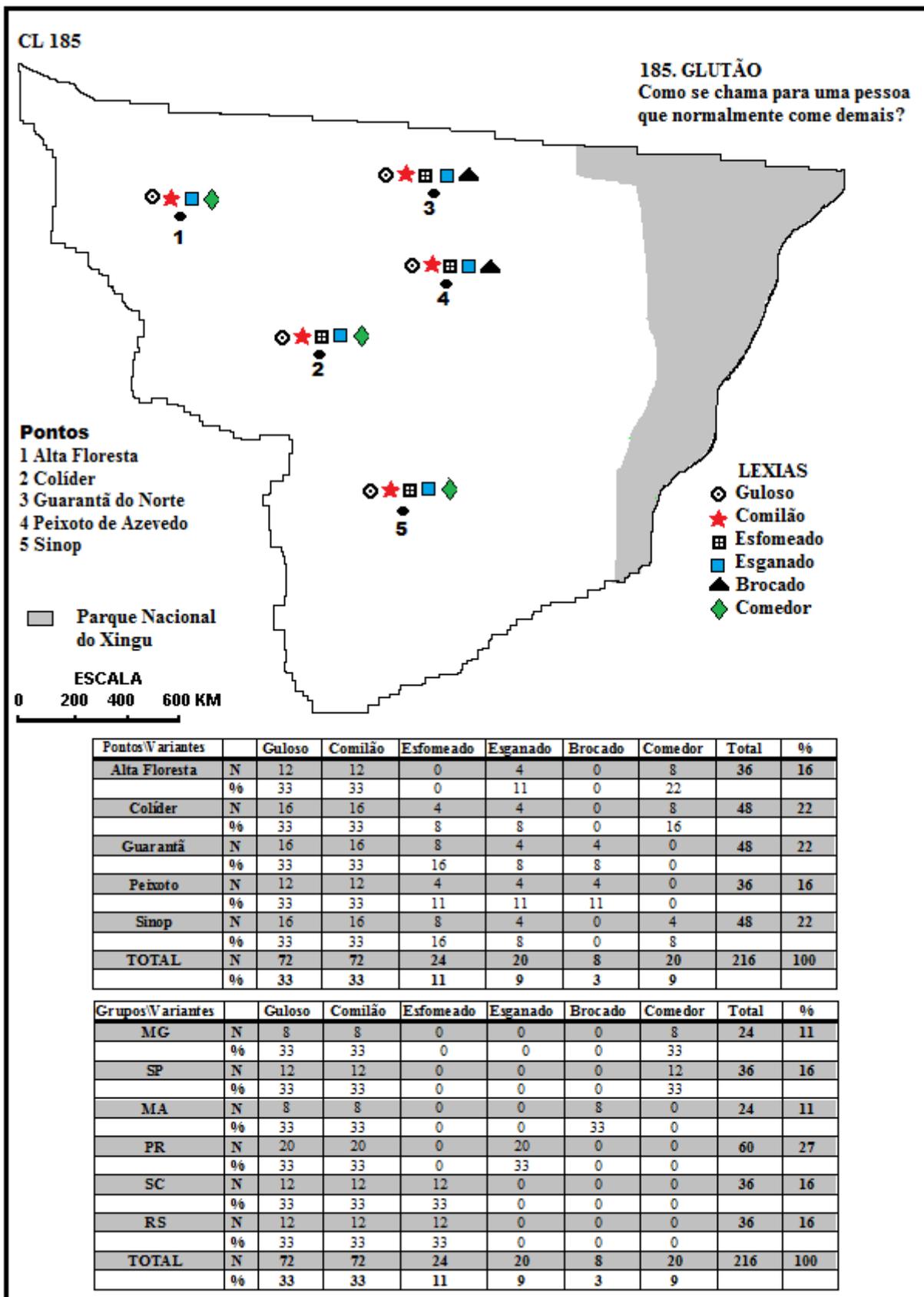
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT - SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINAMICAS



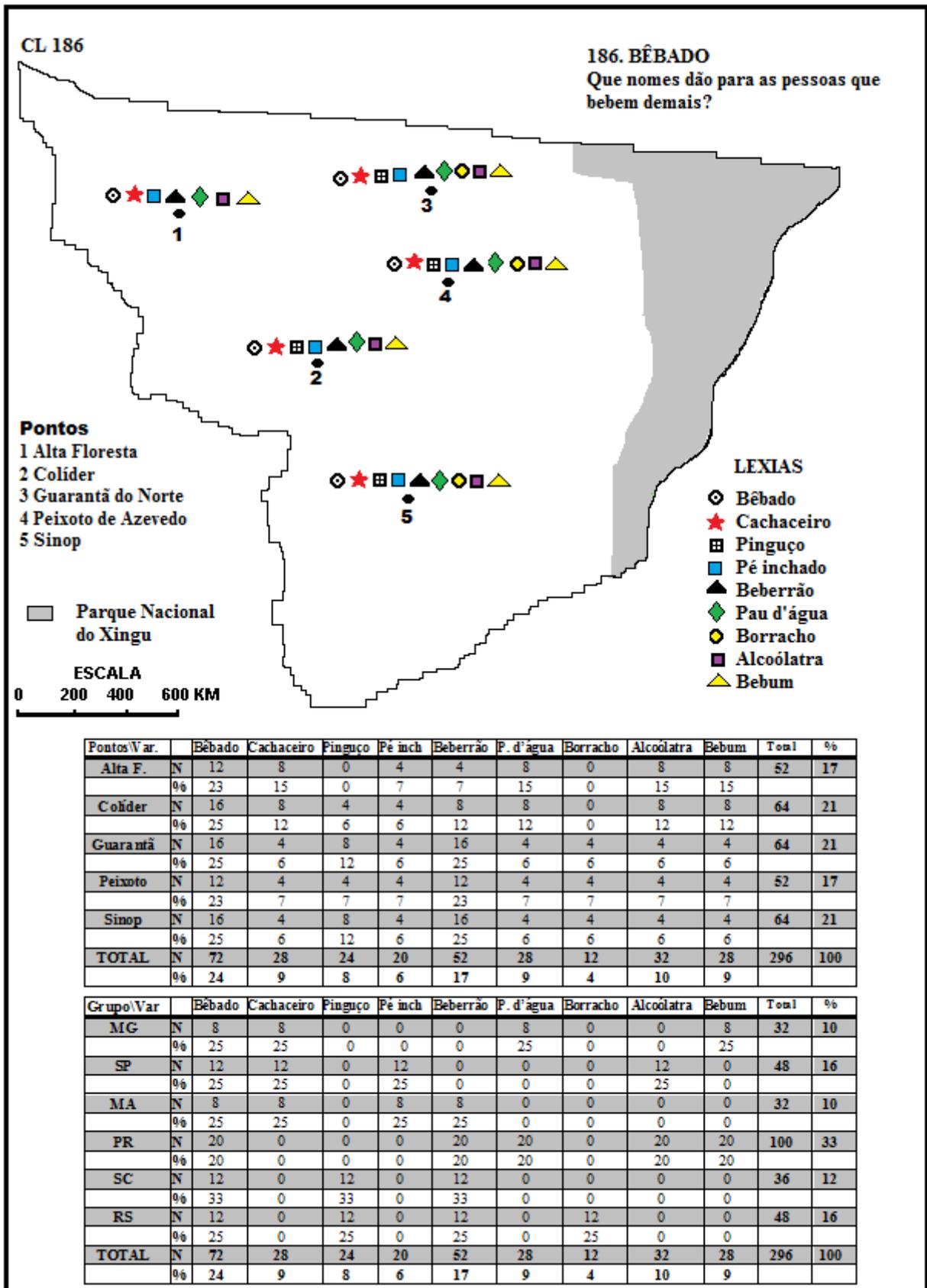
Pontos/Var.		Cheio	Empanturrado	Empachado	Ansiado	Empapuçado	Estufado	Fadigado	Mal	Total	%
Alta F.	N	8	0	4	4	4	4	8	4	36	15
	%	22	0	11	11	11	11	22	11		
Colíder	N	8	4	4	8	4	8	8	8	52	22
	%	15	7	7	15	7	15	15	15		
Guarantã	N	8	8	0	4	4	12	4	12	52	22
	%	15	15	0	7	7	23	7	23		
Peixoto	N	8	4	0	0	4	8	4	4	36	15
	%	22	11	0	0	11	22	11	22		
Sinop	N	8	8	0	4	4	12	4	12	52	22
	%	15	15	0	7	7	23	7	23		
TOTAL	N	40	24	8	20	20	44	28	44	228	100
	%	17	10	3	8	8	19	12	19		

Gpos/Var.		Cheio	Empanturrado	Empachado	Ansiado	Empapuçado	Estufado	Fadigado	Mal	Total	%
MG	N	0	0	8	8	0	0	8	0	24	10
	%	0	0	33	33	0	0	33	0		
SP	N	12	0	0	0	12	0	12	0	36	15
	%	33	0	0	0	33	0	33	0		
MA	N	8	0	0	0	8	0	8	0	24	10
	%	33	0	0	0	33	0	33	0		
PR	N	20	0	0	0	0	20	0	20	60	26
	%	33	0	0	0	0	33	0	33		
SC	N	0	12	0	12	0	12	0	12	48	21
	%	0	25	0	25	0	25	0	25		
RS	N	0	12	0	0	0	12	0	12	36	15
	%	0	33	0	0	0	33	0	33		
TOTAL	N	40	24	8	20	20	44	28	44	228	100
	%	17	10	3	8	8	19	12	19		

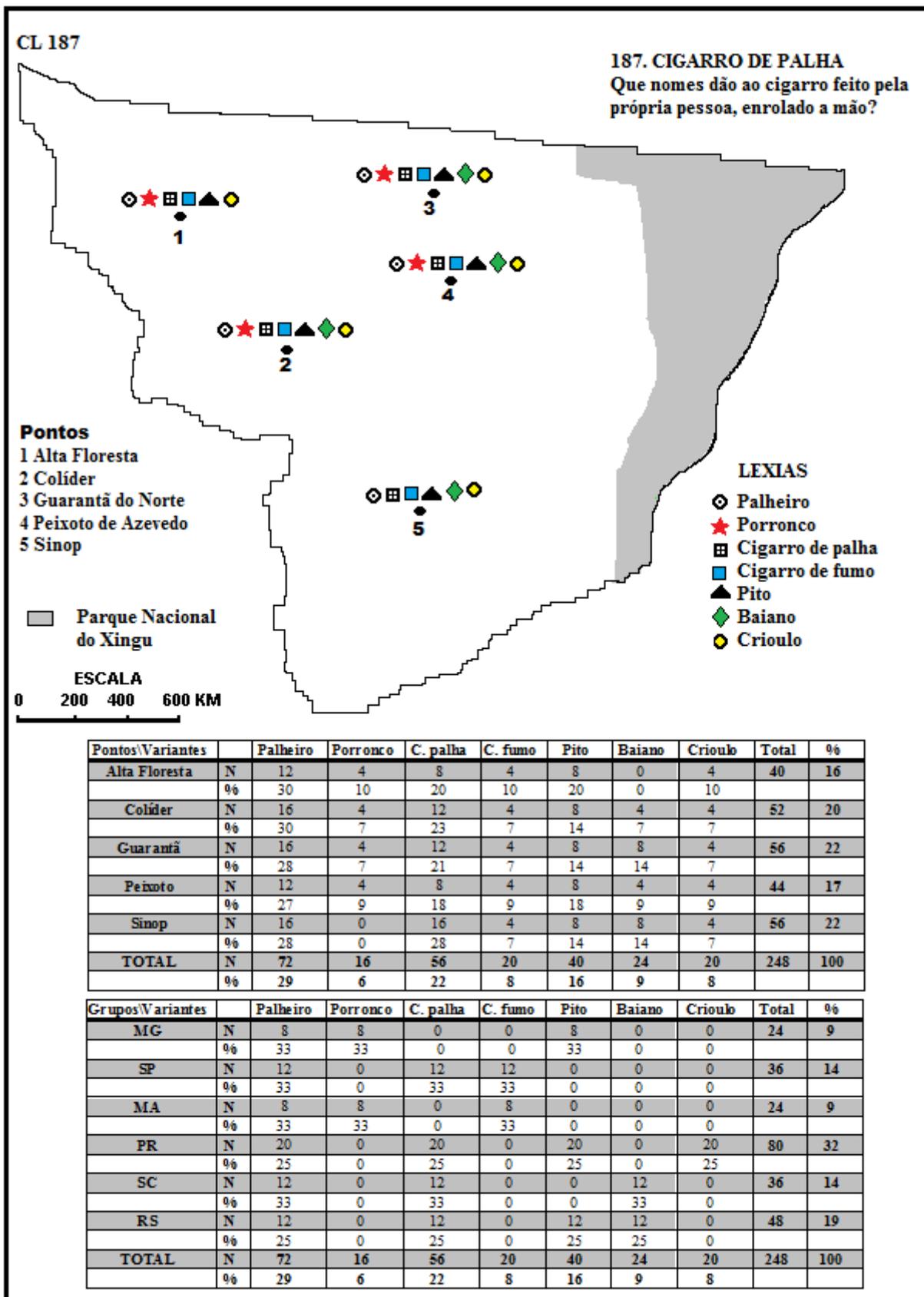
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT -
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINAMICAS



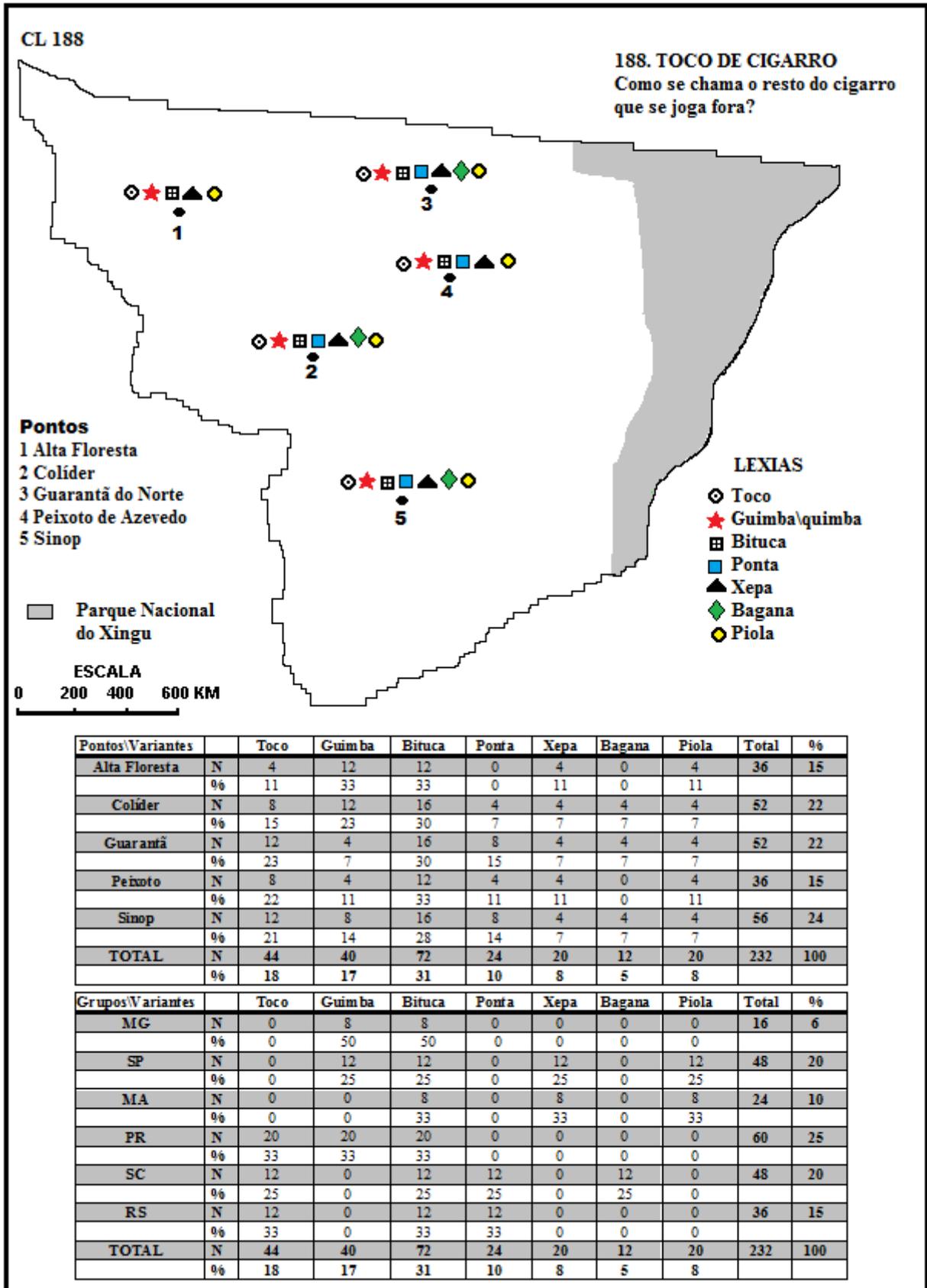
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT -
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINAMICAS



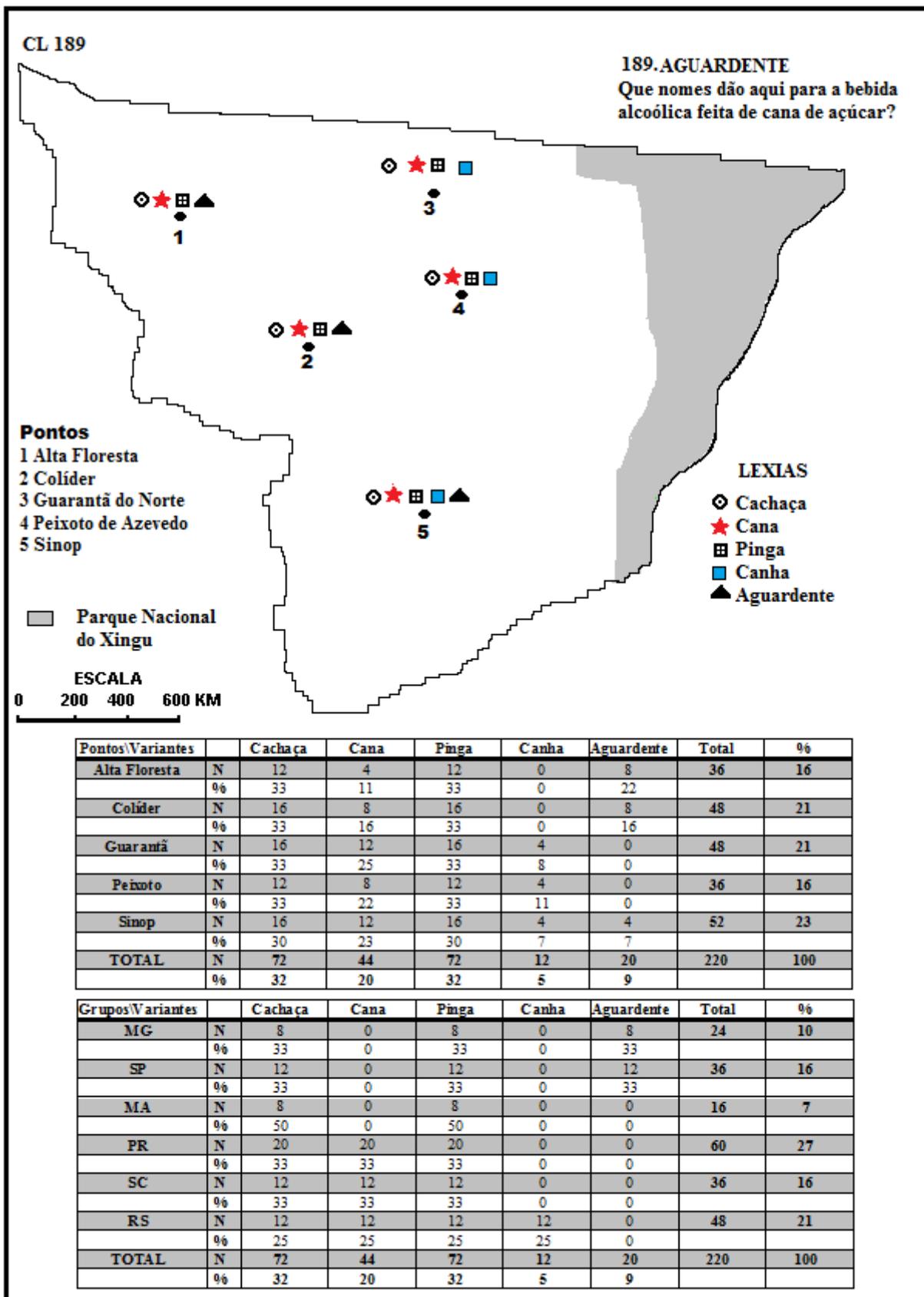
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT -
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINAMICAS



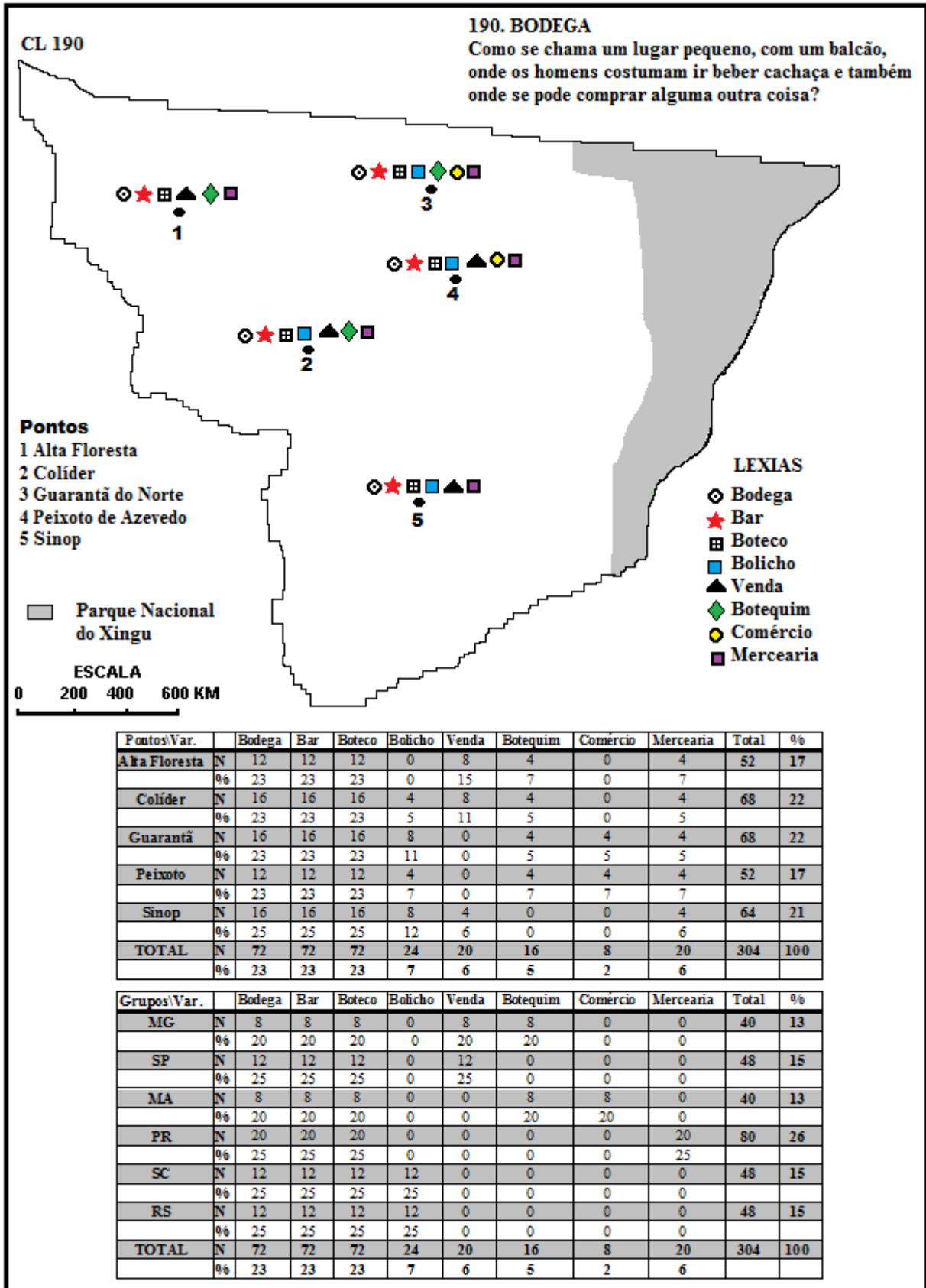
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT - SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINAMICAS



ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT -
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINAMICAS



ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT - SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINAMICAS



**ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT -
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINAMICAS**

5.2.14 CAMPO SEMÂNTICO: *VESTUÁRIO*

CARTOGRAMAS LINGUÍSTICAS:

CL 191 – SUTIÃ

CL 192 – CUECA

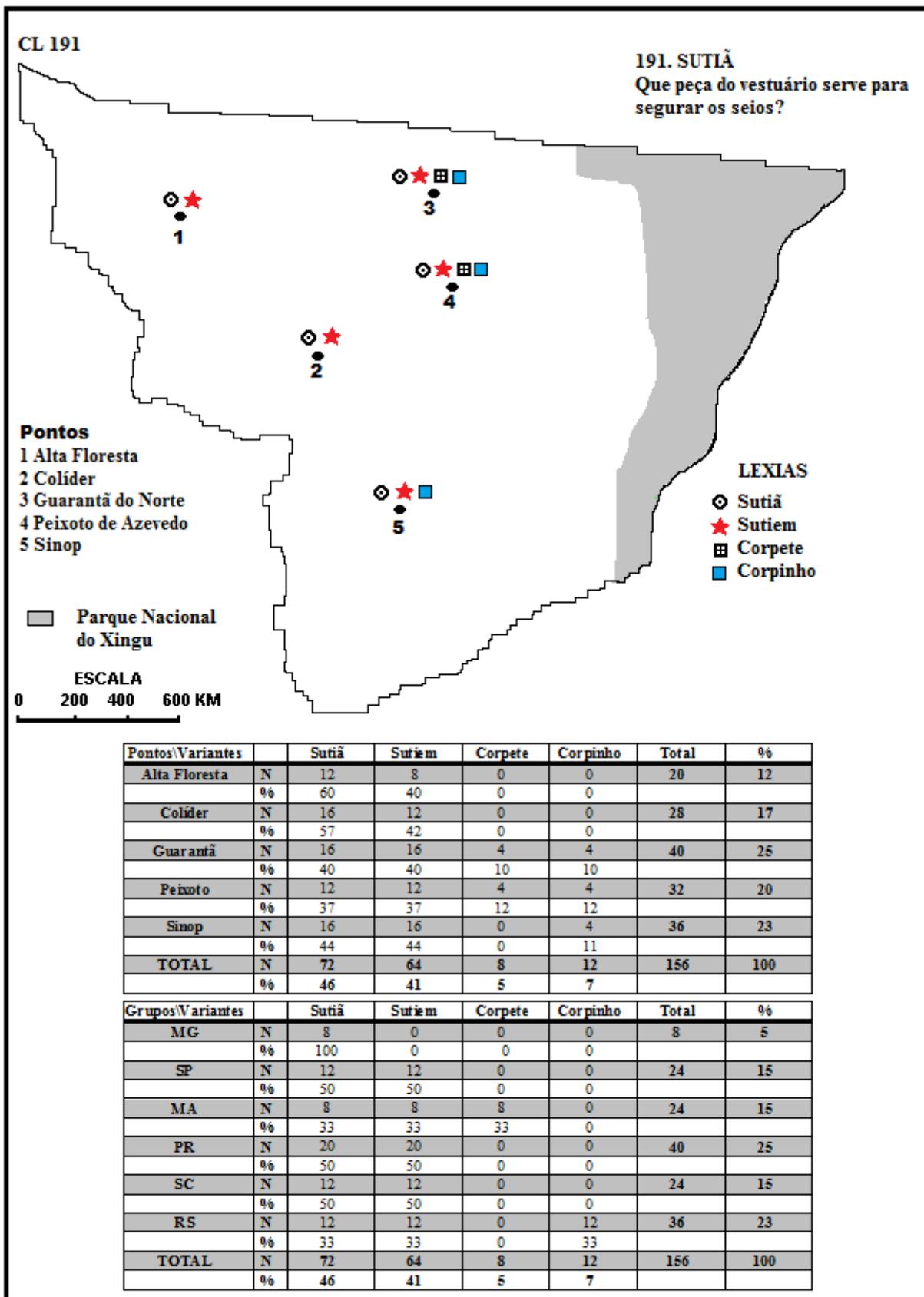
CL 193 – CALCINHA

CL 194 – ROUGE

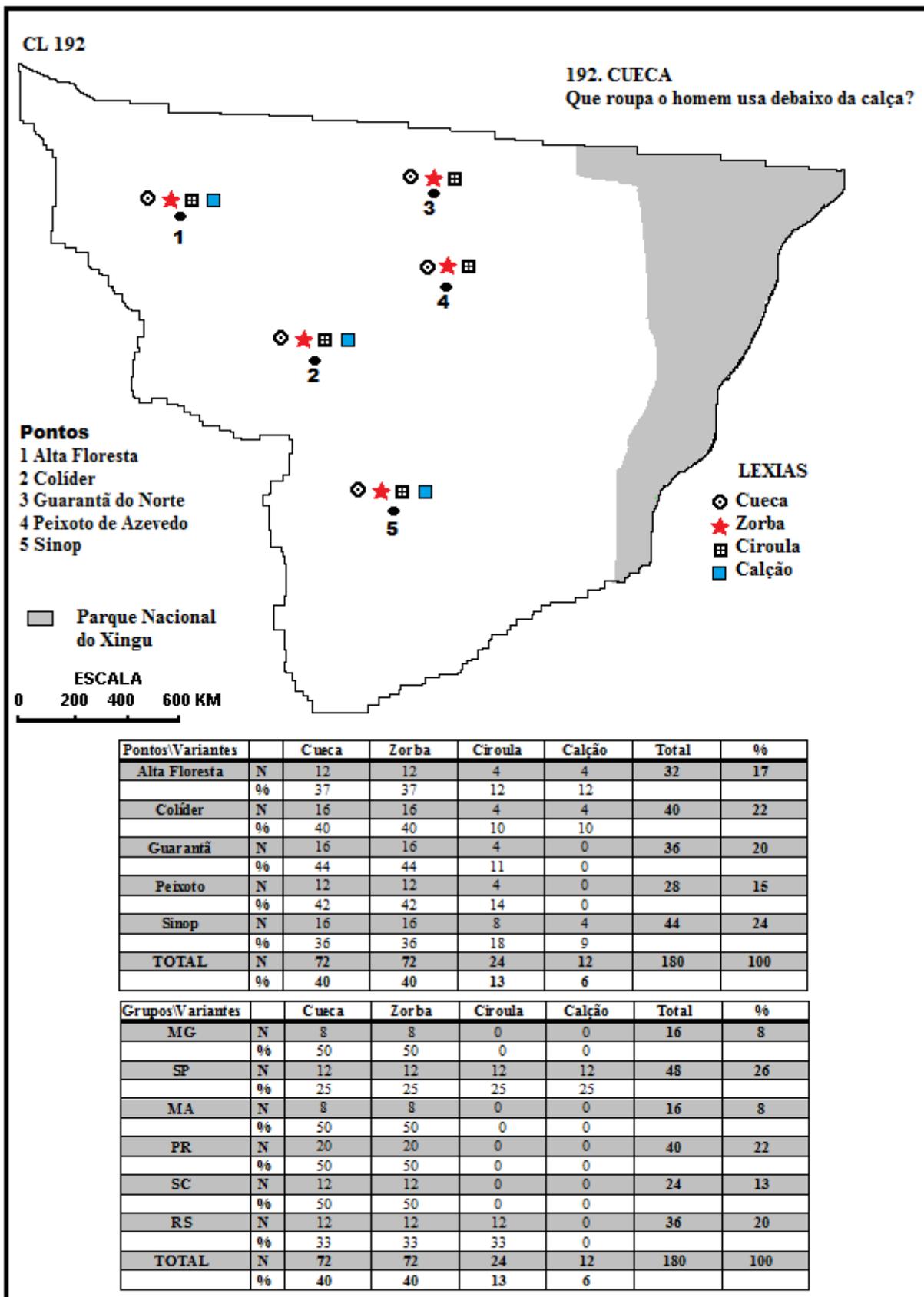
CL 195 – GRAMPO COM PRESSÃO

CL 196 – GRAMPO SEM PRESSÃO

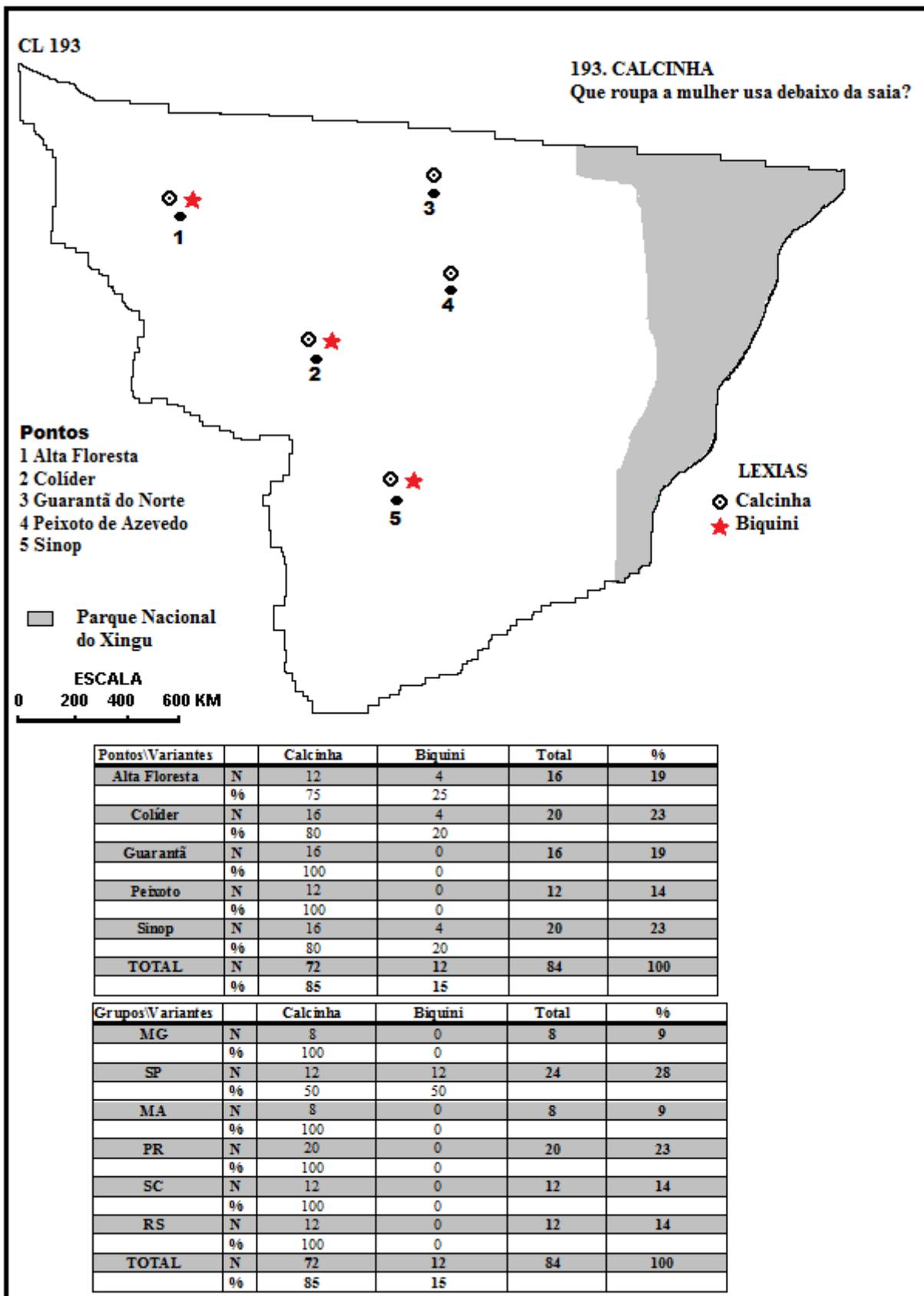
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT -
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINAMICAS



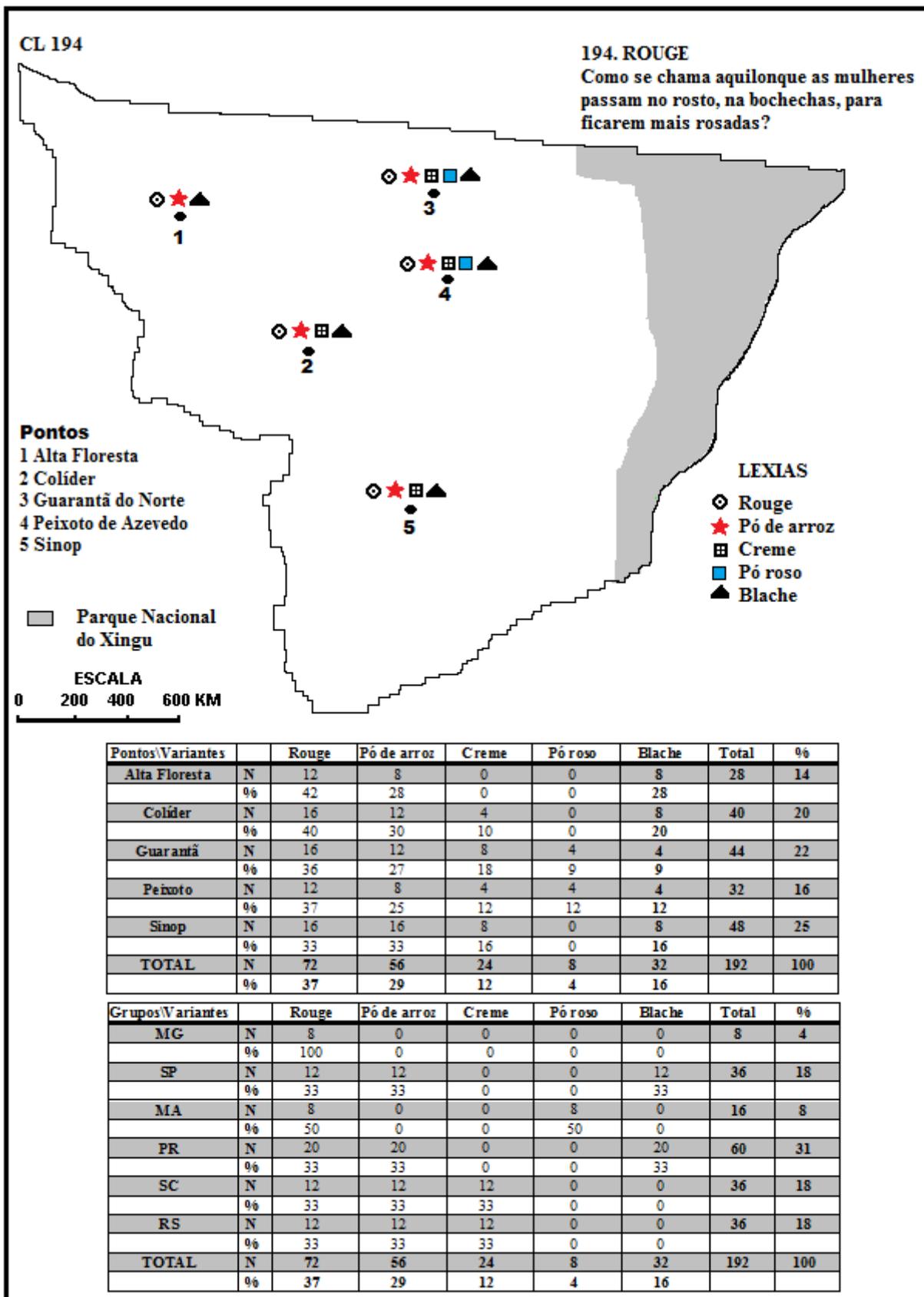
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT -
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINAMICAS



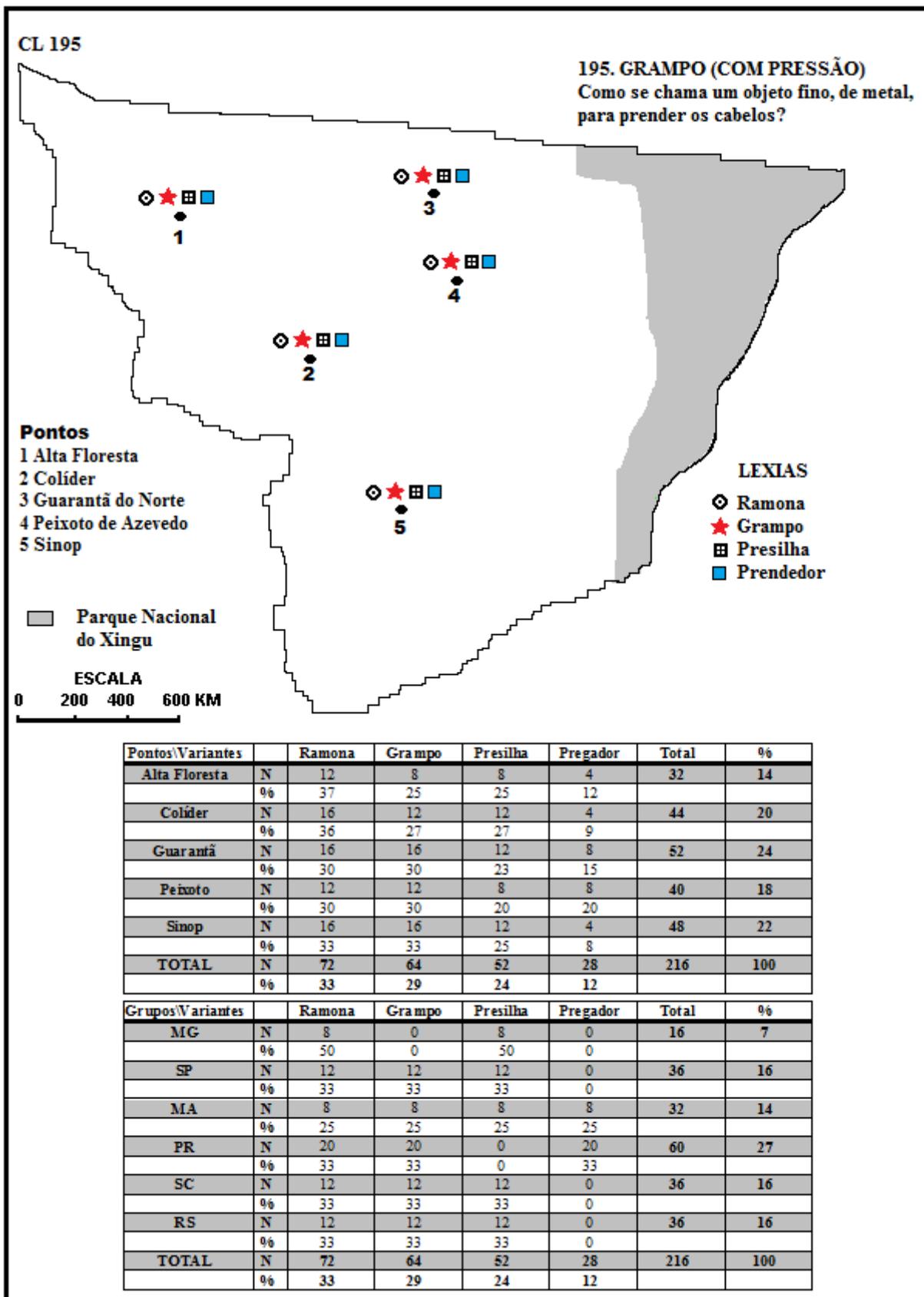
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT -
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINAMICAS



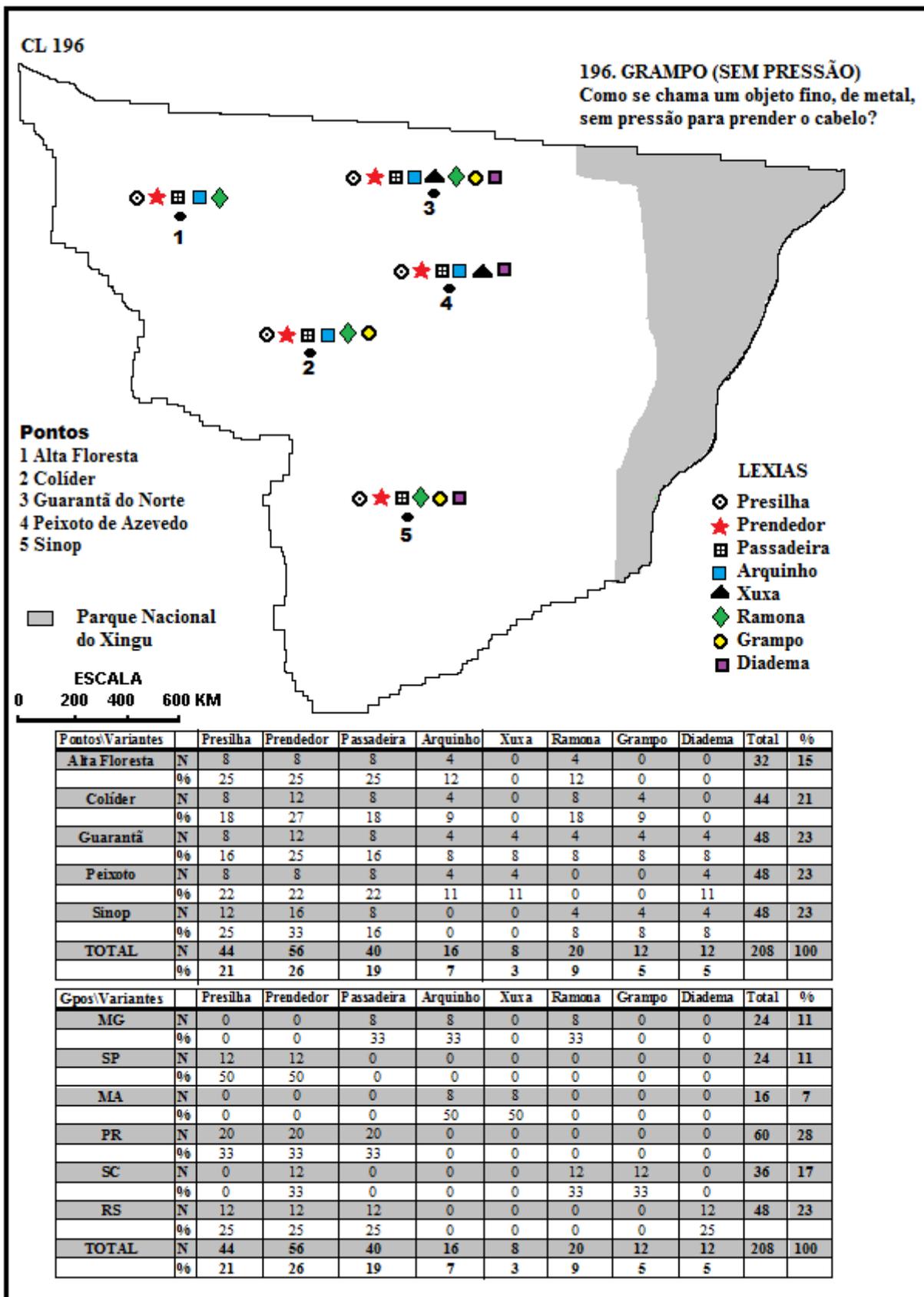
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT -
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINAMICAS



ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT -
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINAMICAS



ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT -
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINAMICAS



**ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT -
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINAMICAS**

5.2.15 CAMPO SEMÂNTICO: *VIDA URBANA*

CARTOGRAMAS LINGUÍSTICAS:

CL 197 – SINALEIRO

CL 198 – LOMBADA

CL 199 – CALÇADA/PASSEIO

CL 200 – MEIO-FIO

CL 201 – ROTATÓRIA

CL 202 – LOTE/TERRENO/DATA

CL 203 – BALA/CONFEITO/BOMBOM

CL 204 – PÃO FRANCÊS

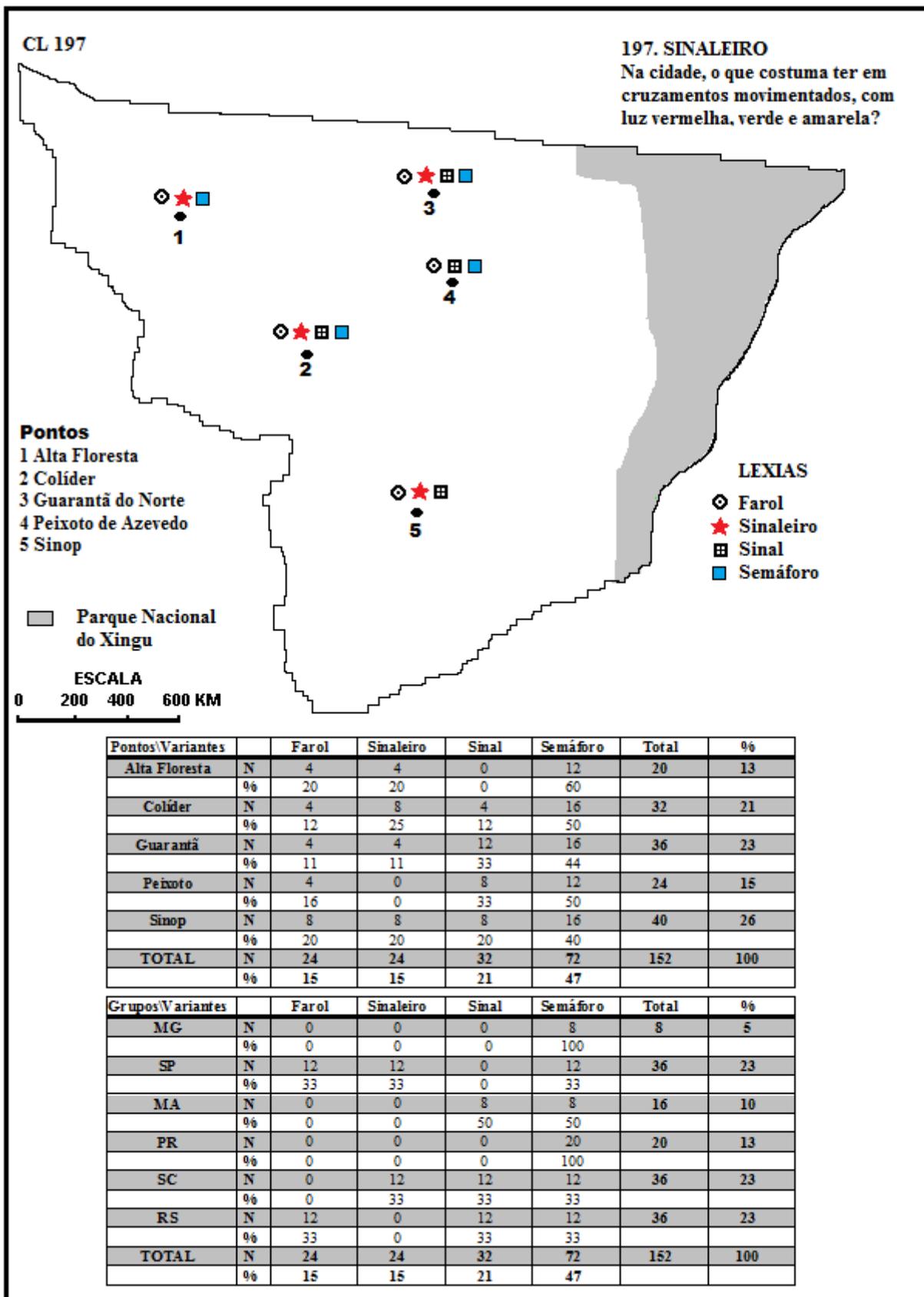
CL 205 – PÃO BENGALA

CL 206 – ÔNIBUS URBANO

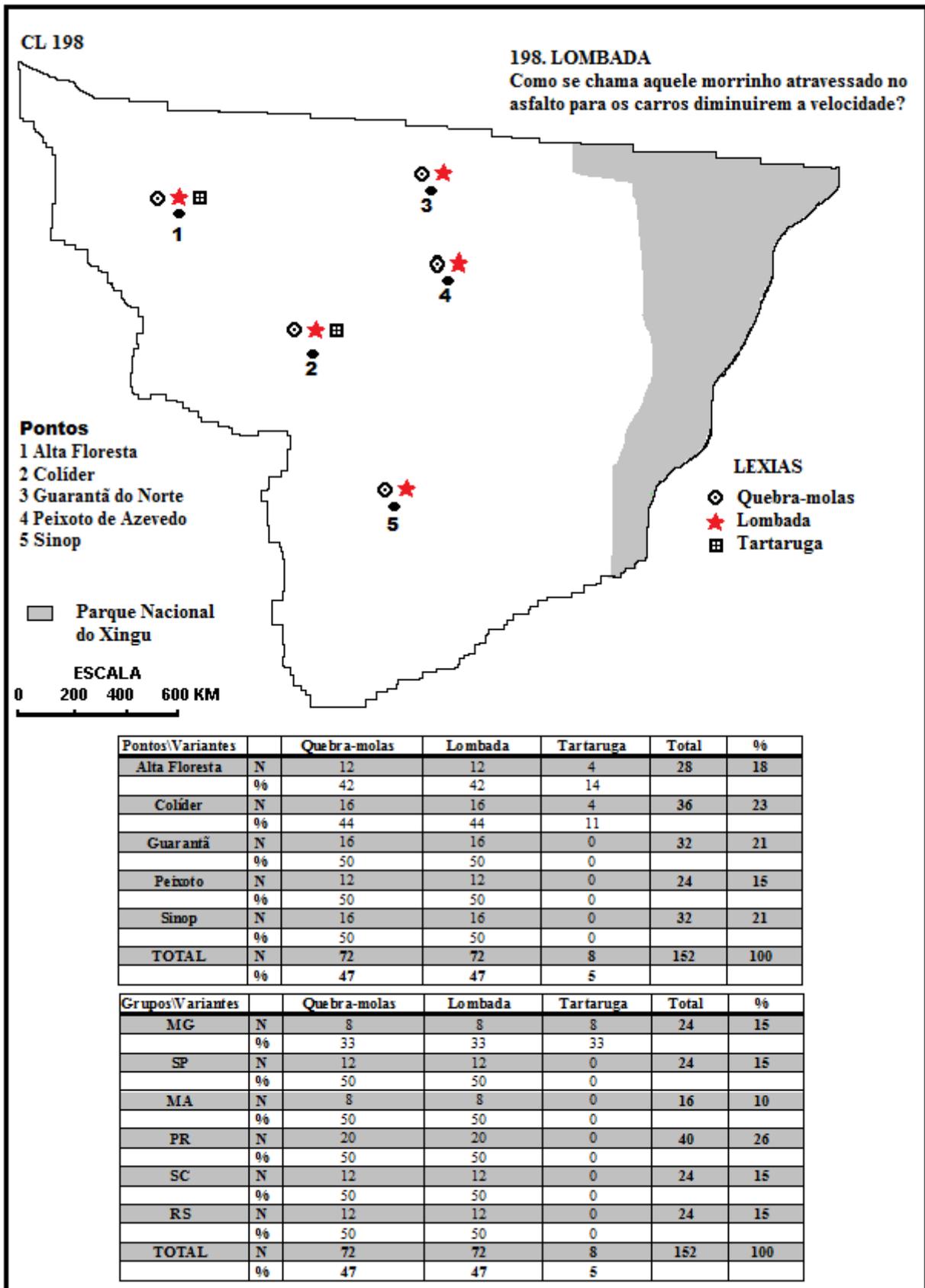
CL 207 – ÔNIBUS INTERURBANO

CL 208 – PONTO/ PARADA

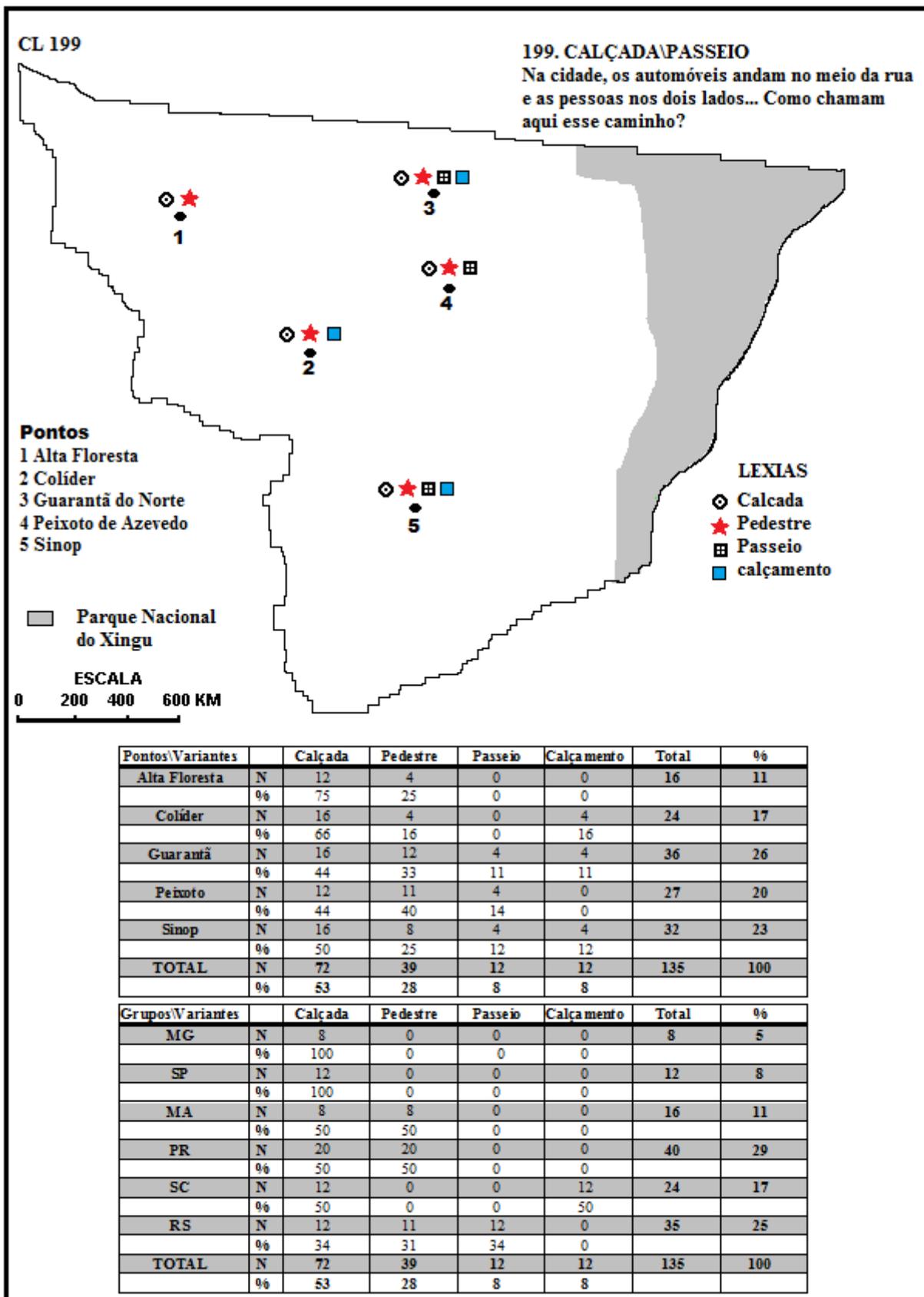
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT -
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINAMICAS



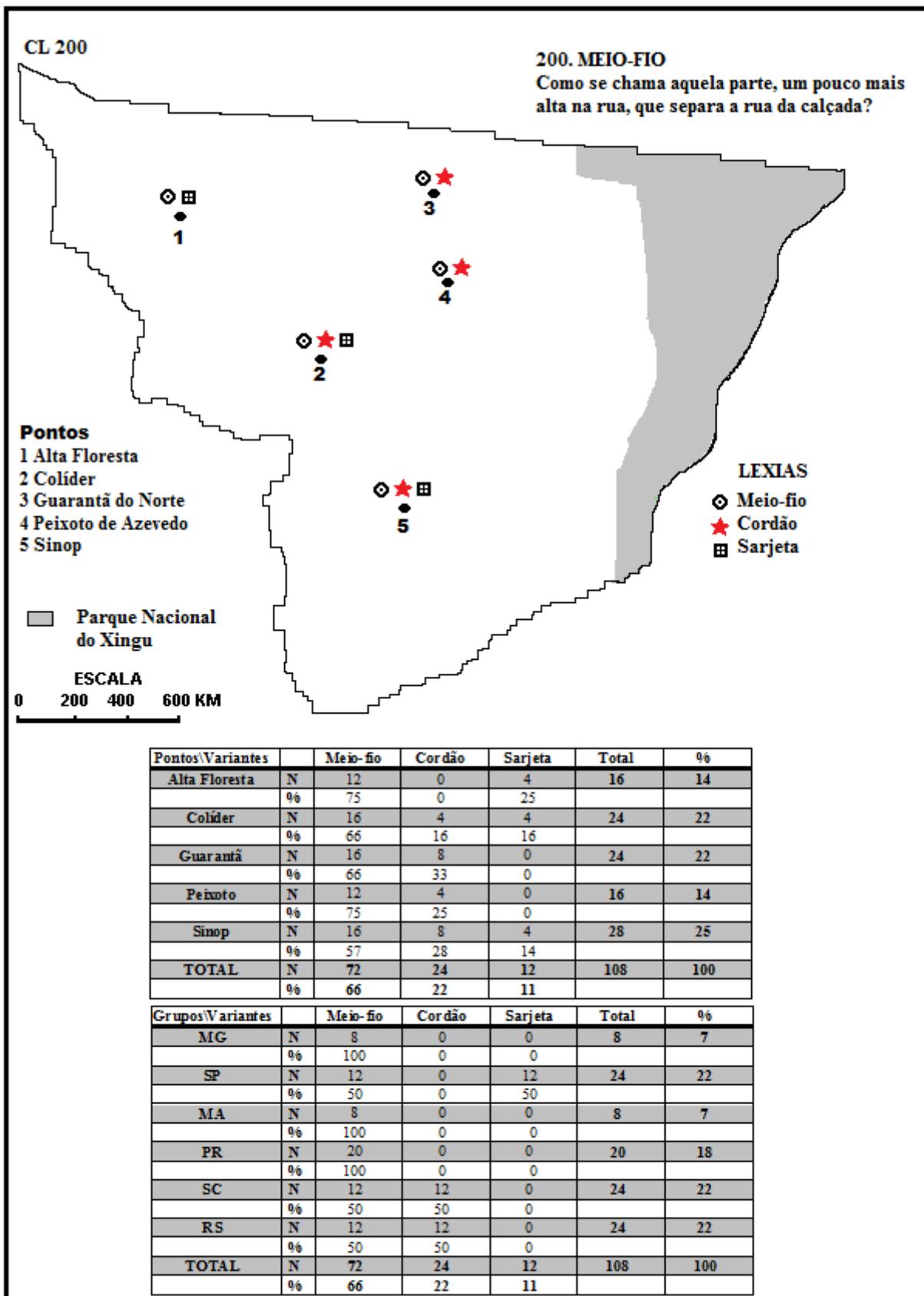
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT -
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINAMICAS



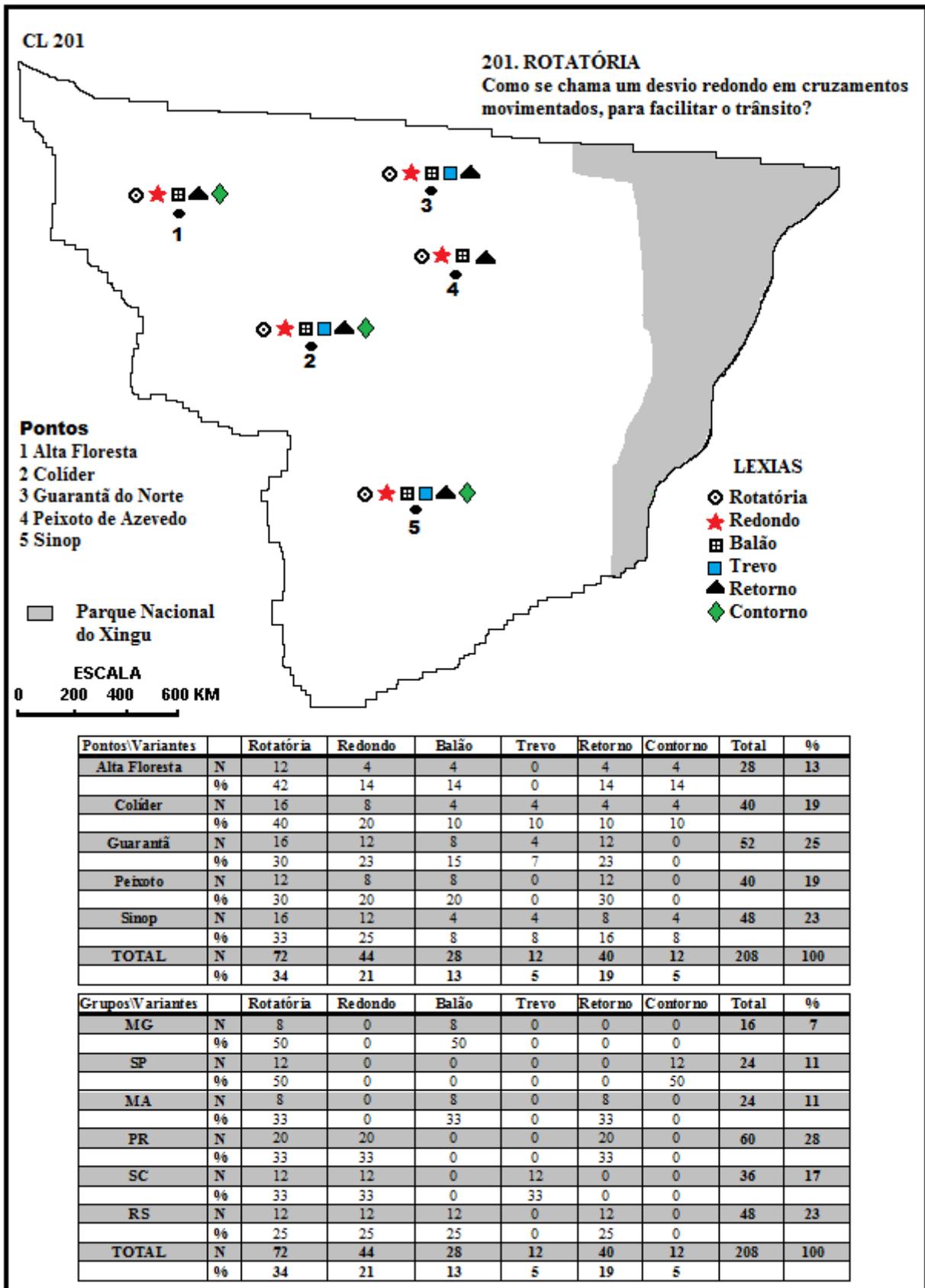
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT -
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINAMICAS



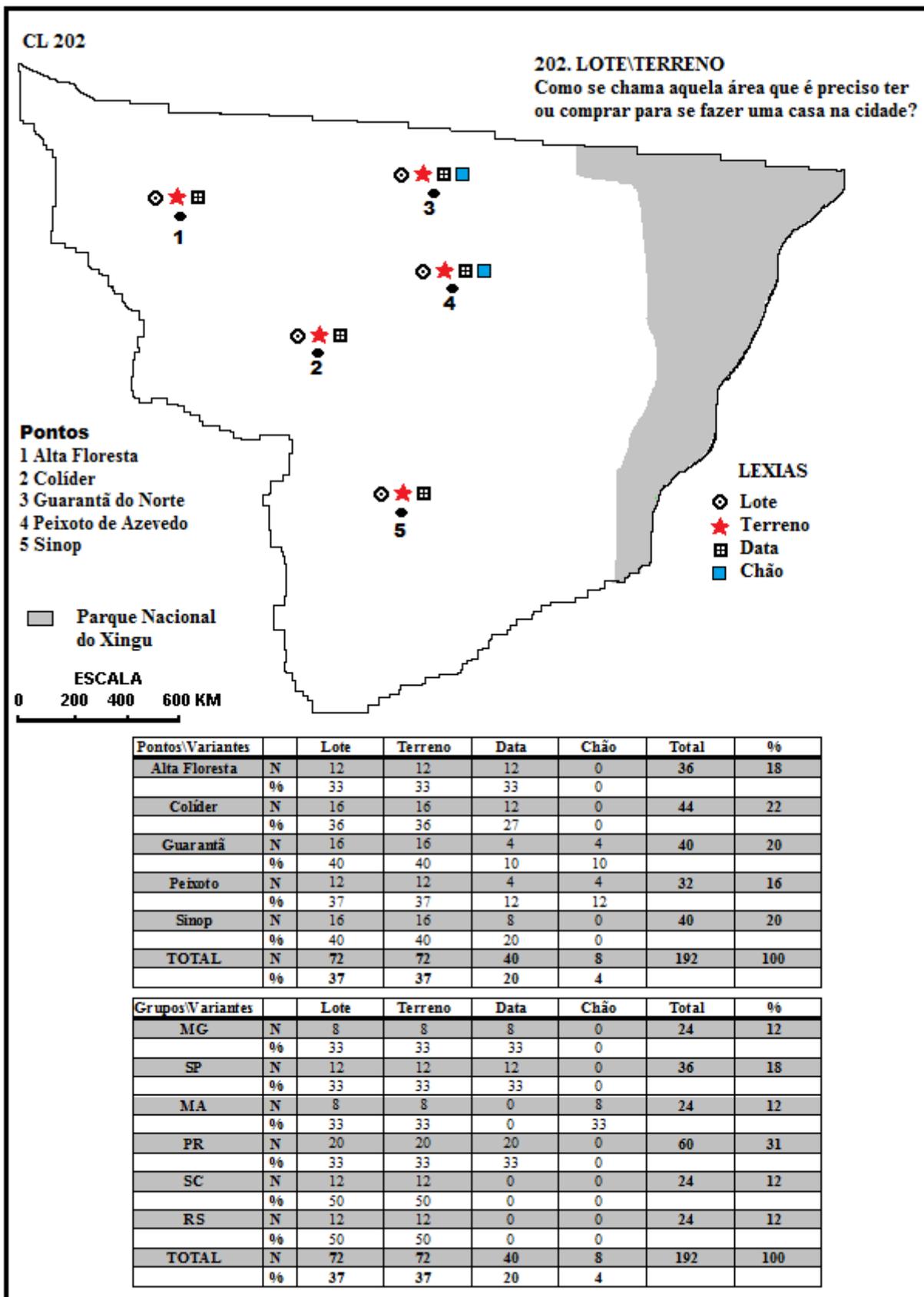
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT -
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINAMICAS



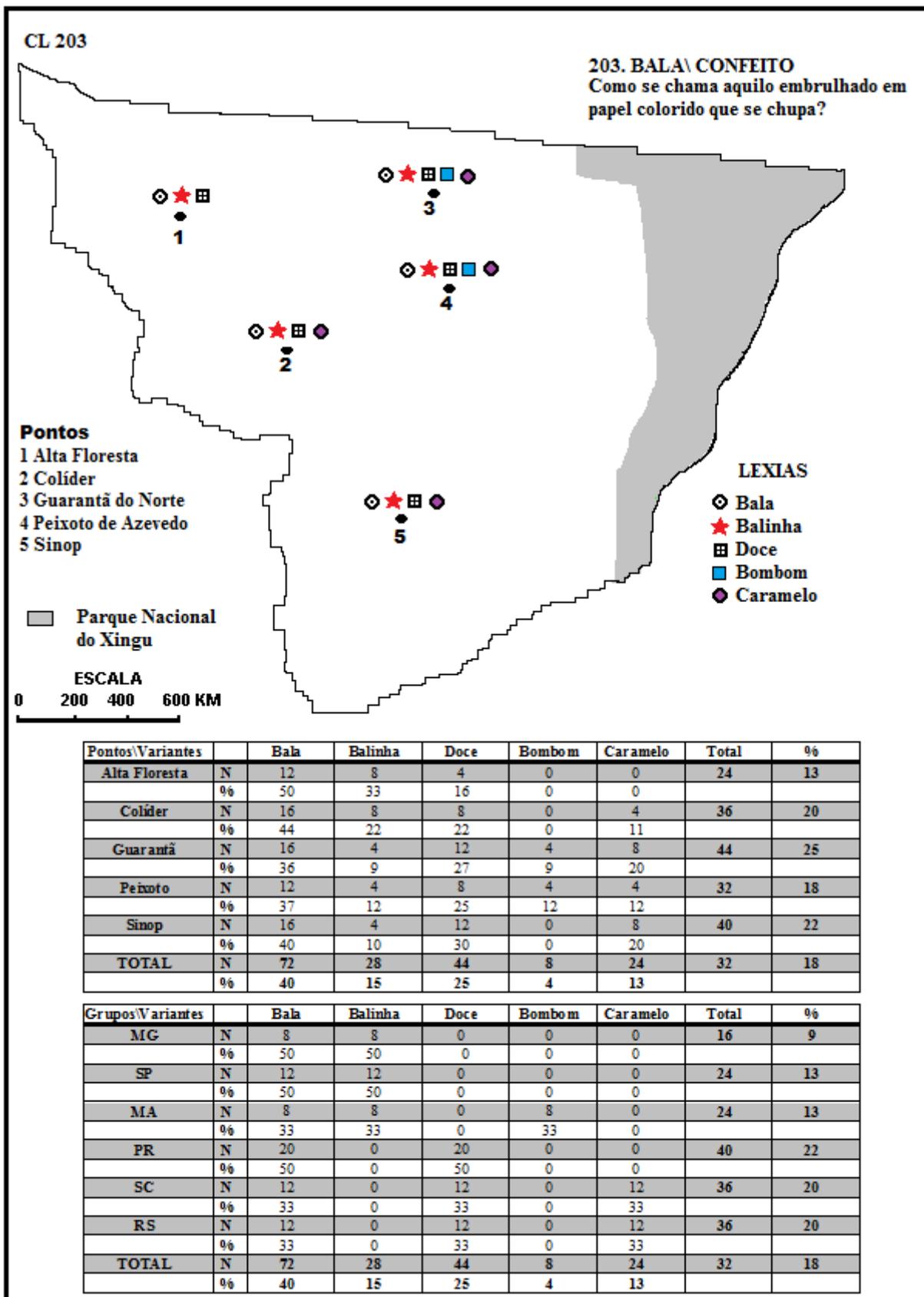
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT -
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINAMICAS



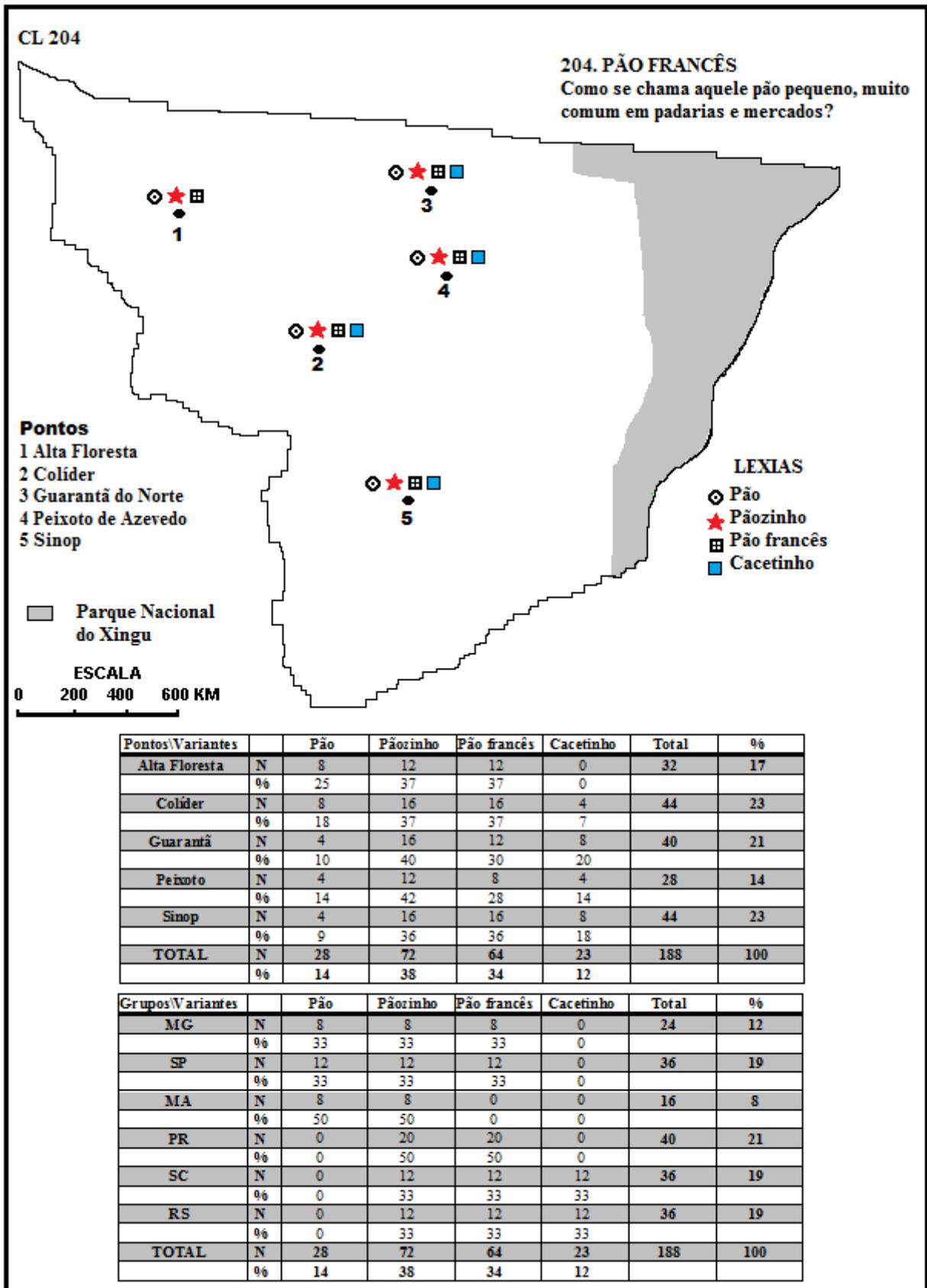
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT -
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINAMICAS



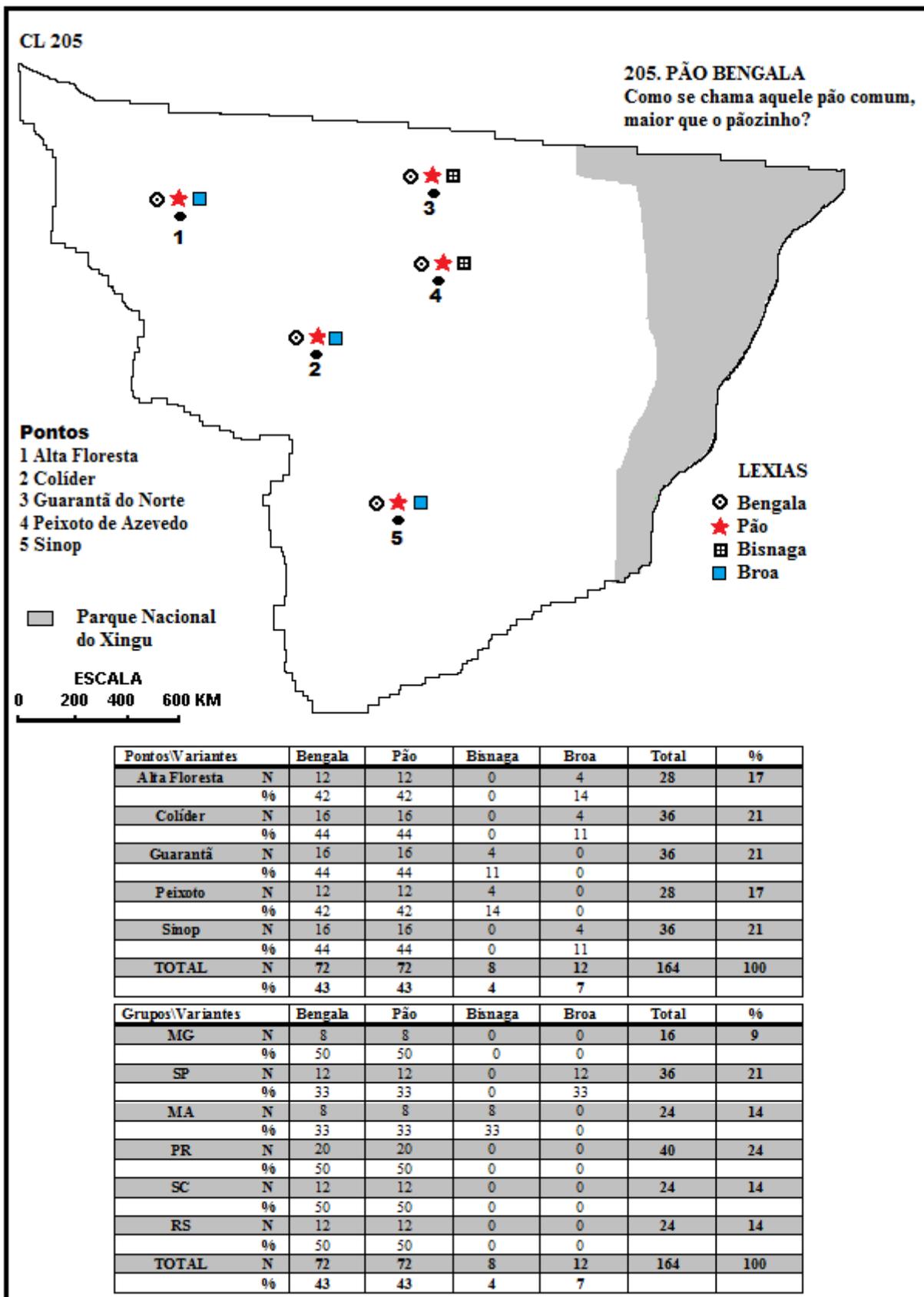
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT -
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINAMICAS



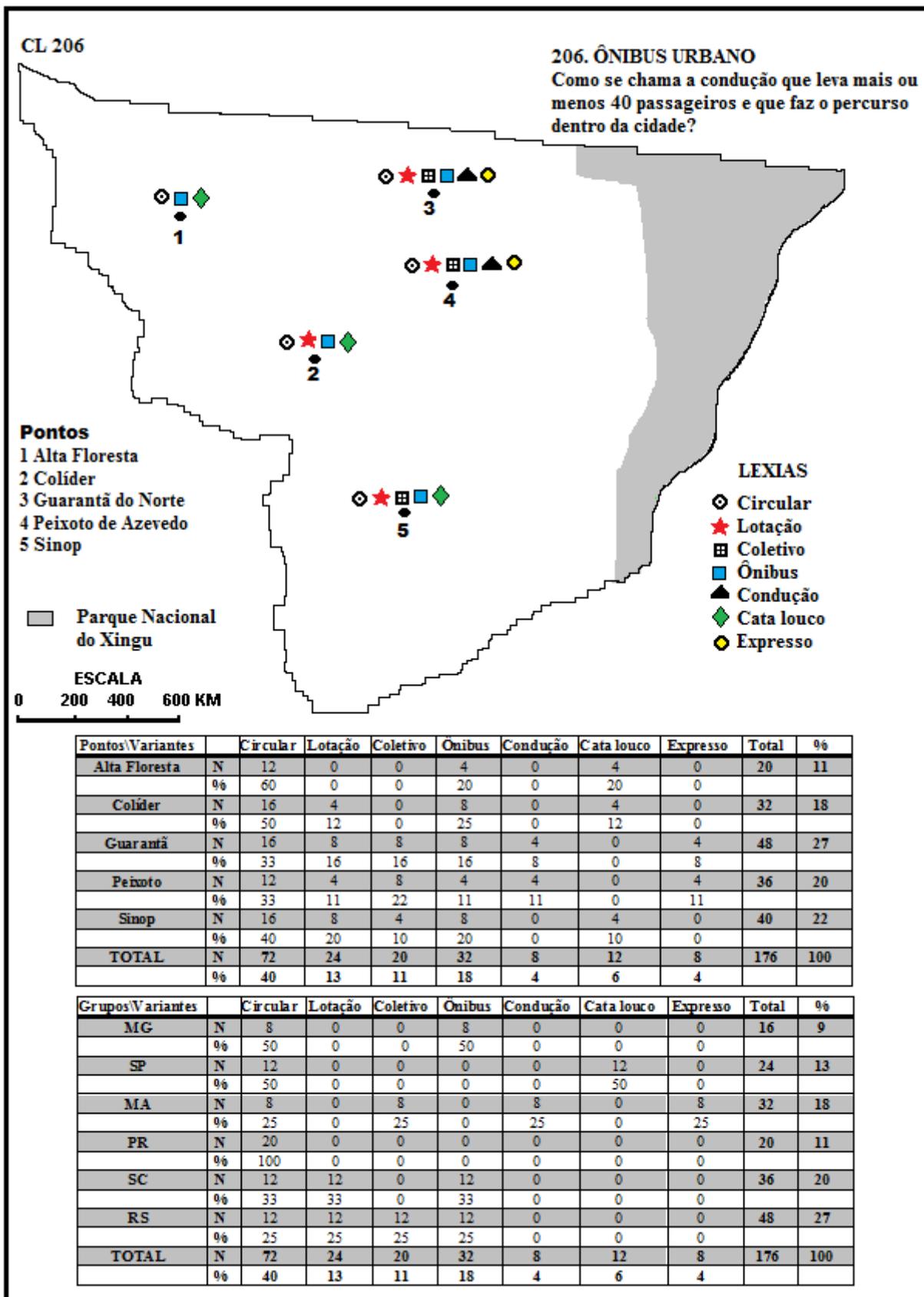
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT -
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINAMICAS



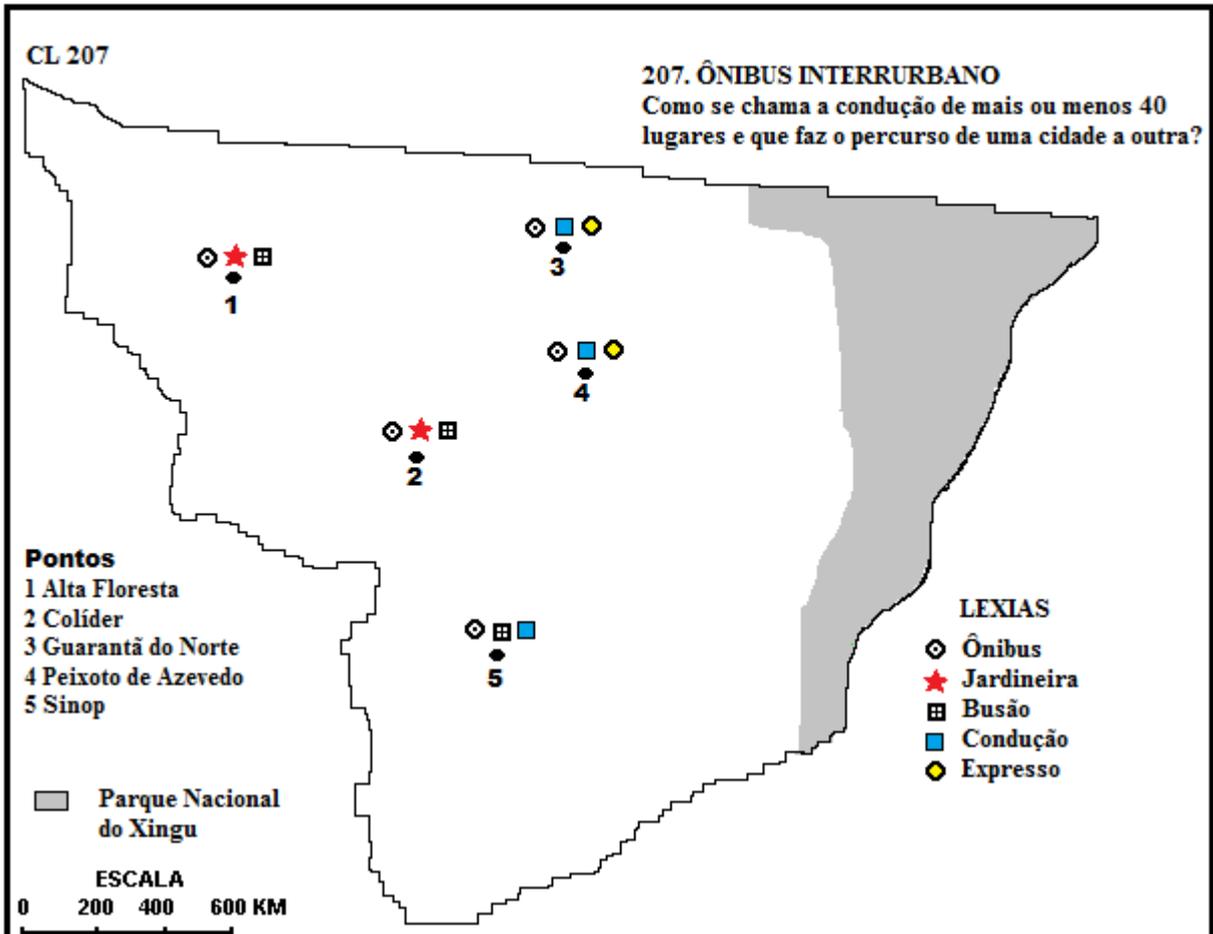
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT -
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINAMICAS



ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT -
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINAMICAS



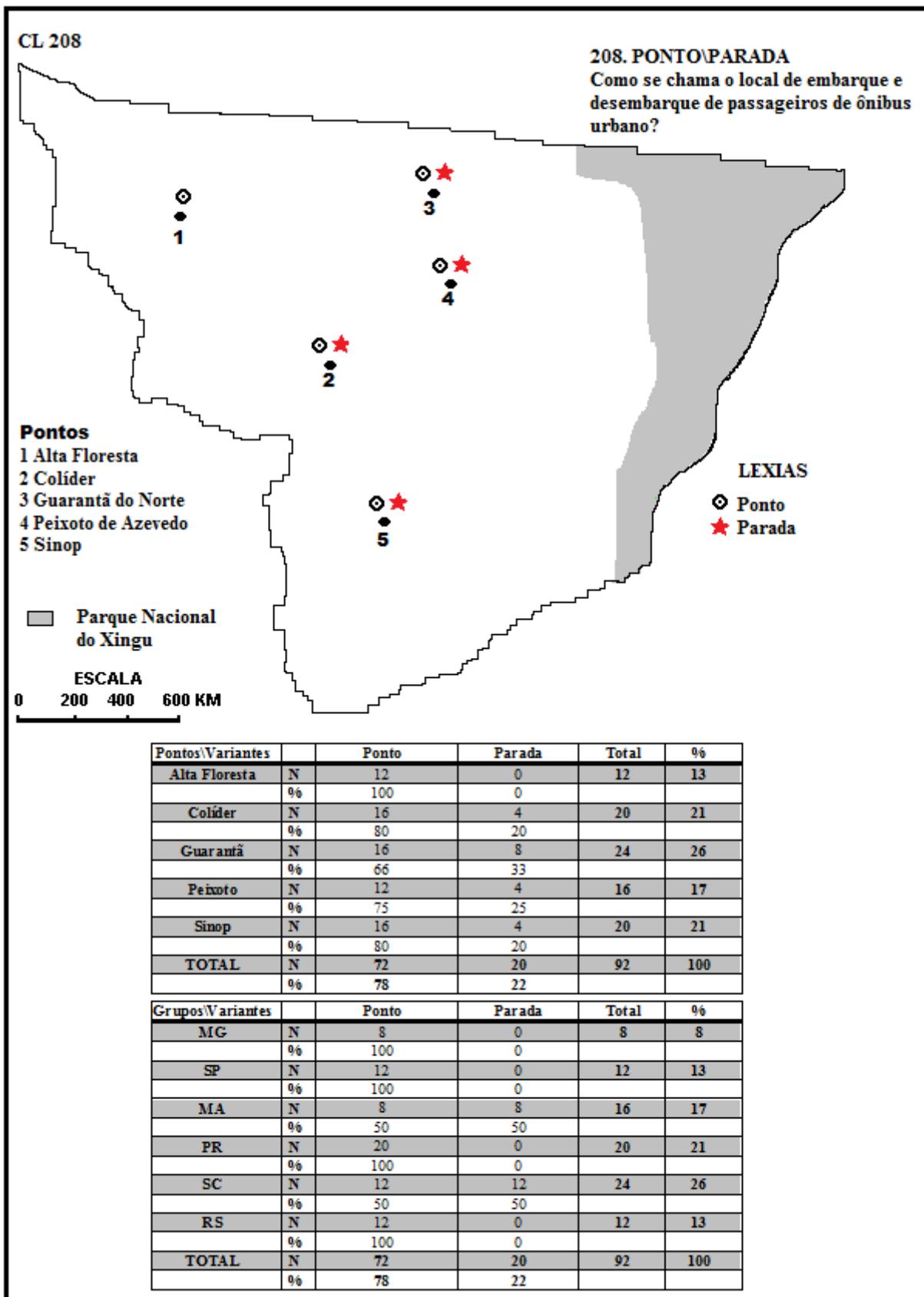
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT - SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINAMICAS



Pontos/Variantes		Ônibus	Jardineira	Busão	Condução	Expresso	Total	%
Alta Floresta	N	16	4	4	0	0	20	16
	%	60	20	20	0	0		
Colíder	N	16	4	4	0	0	24	20
	%	66	16	16	0	0		
Guarantã	N	16	0	0	8	4	28	23
	%	57	0	0	28	14		
Peixoto	N	12	0	0	8	4	24	20
	%	50	0	0	33	16		
Sinop	N	16	0	4	4	0	24	20
	%	66	0	16	16	0		
TOTAL	N	72	8	12	20	8	120	100
	%	60	6	10	16	6		

Grupos/Variantes		Ônibus	Jardineira	Busão	Condução	Expresso	Total	%
MG	N	8	8	0	0	0	16	13
	%	50	50	0	0	0		
SP	N	12	0	12	0	0	24	20
	%	50	0	50	0	0		
MA	N	8	0	0	8	8	24	20
	%	33	0	0	33	33		
PR	N	20	0	0	0	0	20	16
	%	100	0	0	0	0		
SC	N	12	0	0	0	0	12	10
	%	100	0	0	0	0		
RS	N	12	0	0	12	0	24	20
	%	50	0	0	50	0		
TOTAL	N	72	8	12	20	8	120	100
	%	60	6	10	16	6		

ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTE DE MATO GROSSO - ASLNMAT -
SUAS INFLUÊNCIAS TOPODINAMICAS



6 TRATAMENTO DOS DADOS SEMÂNTICO-LEXICAIS

Neste capítulo, os dados semântico-lexicais estão apresentados por campo semântico, de acordo com a divisão manifestada no QSL, versão usada nesta pesquisa. Fez-se uma descrição com análise quantitativa, considerando a frequência relativa e a frequência absoluta das ocorrências da cada lexia, em cada questão/pergunta feita, em relação às variáveis linguísticas consideradas na pesquisa.

Nos quadros organizados por campo semântico, as lexias trazem a quantidade de vezes que estas foram usadas pelos falantes (entrevistados), independentemente do grupo ao qual represente, durante a aplicação do questionário. É bom lembrar que o número elevado de variantes linguísticas tem a ver com a “pluralidade simultânea” utilizada na coleta dos dados da pesquisa. Dessa maneira, os sujeitos respondiam as perguntas de forma que possibilitasse revelar seu saber linguístico empregando o uso de mais de uma lexia para cada conceito/objeto, quando necessário.

Há nos quadros abaixo, um retrato do objeto, das questões, das respostas, da frequência absoluta e da frequência relativa por campo semântico, com o objetivo de descrever as lexias usadas pelos sujeitos usuários da língua, organizados por grupos de falantes. É importante observar que nos quadros e nas descrições estão relacionadas, registradas muitas variantes fonéticas\fonológicas apontadas como sendo lexias semântico-lexicais. Esses registros foram realizados intencionalmente para mostrar essas variantes, que não foram agrupadas pela razão de não pertencerem ao mesmo grupo de migrantes usuários daquela variante linguística.

Assim como, também estão registradas algumas lexias que parecem estranhas para tais perguntas, mas não são. Sempre que uma resposta era dada por um informante, quando fora do conhecimento do entrevistador, era submetida ao conhecimento do outro informante\colaborador. Durante o processo de coleta dos dados as variantes que surgiam eram testadas quanto ao uso e ao conhecimento linguístico daquele grupo.

A organização dos dados manifestando a frequência absoluta e relativa quanto aos usos das lexias, busca nas contribuições que Willian Labov deu para a Sociolinguística Quantitativa as razões para esse procedimento, como reforçam os autores na afirmação abaixo:

A realização de análises quantitativas possibilita o estudo da variação linguística, permitindo ao pesquisador apreender sua sistematicidade, seu

encaixamento linguístico e social e sua eventual relação com a mudança linguística. A variação linguística, entendida como alternância entre dois ou mais elementos linguísticos, por sua própria natureza, não pode ser adequadamente descrita e analisada em termos categóricos ou estritamente qualitativos. Antes do advento da metodologia de quantificação, a variação linguística era considerada secundária, aleatória ou mesmo impossível de ser cientificamente apreendida (GUY e ZILLES, 2007, p. 73).

6.1 DA FREQUÊNCIA ABSOLUTA E RELATIVA DAS LEXIAS

A sistematização dos dados foi possível com a utilização programa Excel e do Goldvarb, a partir dos quais se organizou os dados coma a *frequência absoluta*, quantia de vezes em que as lexias foram usadas pelos falantes durante a aplicação do questionário e *frequência relativa* que é o percentual de usos dessas lexias em relação ao total de manifestações realizadas.

Nos quadros que seguem optamos por representar a frequência relativa em duas maneiras distintas: em percentual, considerando o total de realizações equivalente a 100% e em decimal, considerando o total de usos equivalente a 1,00, um número inteiro.

Em cada cartograma estão colocados dois quadros que trazem a frequência absoluta (N) e frequência relativa (%) de cada variante por ponto de inquérito, por grupo de falante. Por isso, é importante que se faça uma leitura atenta dos quadros, comparando as informações.

Tanto os quadros por campo semântico como as descrições dos dados semântico-lexicais estão colocados para complementar as informações contidas nos cartogramas linguísticos. Nesses quadros a frequência absoluta representa a quantidade de vezes que a variante linguística foi usada como resposta pelos colaboradores, ao passo que a frequência está representada em duas colunas: uma em percentual e outra e representação decimal considerando o número inteiro igual a 1,00.

Desse modo pode-se ver quando uma variante tem inserção em todos os grupos e pontos e em que intensidade (frequência de uso) isso ocorre. Assim como, certas variantes são de usos regionais, trazidas para a região pelo grupo de migrante, também se pode analisar a sua influência no seu grupo de origem e nos demais grupos, em cada ponto de inquérito.

6.1.1 Descrição do campo semântico acidentes geográficos

O campo semântico *acidentes geográficos* é composto por 07 perguntas/questões (01 a 07), sendo que cada uma tem um objeto/conceito (*córrego, pinguela, foz, redemoinho de água, onda de rio, onda de mar e terra umedecida pela chuva*).

QUADRO 013 – Objeto, questões, respostas, frequência absoluta e frequência relativa.
Campo semântico: acidentes geográficos.

N.	OBJETO	QUESTÕES	RESPOSTAS	FR. ABS	FR/REL %	FR/REL
01	CÓRREGO	Como se chama aqui um rio pequeno de uns dois metros de largura?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>córrego</i> • <i>corgo /corguinho</i> • <i>rio/riozinho</i> • <i>grota</i> • <i>sanga</i> • <i>lajeado</i> • <i>riacho</i> • <i>arroio</i> • <i>igarapé</i> • <i>lago</i> • <i>rio estreito</i> • <i>ribeirão</i> 	68 68 20 28 44 24 32 44 08 04 04 04	20 20 05 08 12 06 09 12 02 01 01 01	0,20 0,20 0,05 0,08 0,12 0,06 0,09 0,12 0,02 0,01 0,01 0,01
02	PINGUELA	Como se chama aqui um tronco, pedaço de pau que serve para por cima de um pequeno rio?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>ponte</i> • <i>pinguela</i> • <i>travessia</i> • <i>passador</i> 	46 118 20 12	23 60 10 06	0,23 0,60 0,10 0,06
03	FOZ	Como se chama aqui o lugar onde o rio termina ou encontra com outro rio?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>foz</i> • <i>barra</i> • <i>chorador</i> • <i>entroncamento</i> • <i>cabeceira</i> • <i>encontro d'água/rio</i> • <i>deságua</i> • <i>forquilha</i> • <i>afluente</i> • <i>represa</i> • <i>nascente</i> • <i>vazante</i> 	60 100 08 16 32 08 20 12 02 02 02 01	23 39 03 06 12 03 07 04 - - - -	0,23 0,39 0,03 0,06 0,12 0,03 0,07 0,04 - - - -
04	REDEMOINHO DE ÁGUA	Muitas vezes, num rio, a água começa a girar, formando um buraco na água que puxa para baixo? Como se chama isso?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>foge</i> • <i>redemoinho/redemunho</i> • <i>ridimunho/redimuinhu</i> • <i>túnel</i> • <i>pilão</i> • <i>funil</i> • <i>sumidor</i> • <i>rebojo</i> • <i>rudumunho</i> 	44 72 72 12 08 12 28 12 02	16 27 27 04 03 04 10 04 -	0,16 0,27 0,27 0,04 0,03 0,04 0,10 0,04 -
05	ONDA DE RIO	Como se chama o movimento da água do rio?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>banzeiro</i> • <i>água ondulada</i> • <i>correnteza</i> • <i>corredeira/corredera</i> • <i>ondas</i> • <i>chiado</i> 	08 08 32 52 44 08	05 05 21 34 28 05	0,05 0,05 0,21 0,34 0,28 0,05

06	ONDA DE MAR	Como se chama o movimento da água do mar?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>maré</i> • <i>onda</i> • <i>lapada</i> 	52 44 08	50 42 07	0,50 0,42 0,07
07	TERRA UMEDECIDA PELA CHUVA	Depois de uma chuva a terra fica..... ?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>úmida</i> • <i>liguenta</i> • <i>encharcada</i> • <i>molhada/moiada</i> • <i>barrenta</i> • <i>fofa</i> • <i>cebolada</i> 	116 08 20 116 12 12 08	39 02 06 39 04 04 02	0,39 0,02 0,06 0,39 0,04 0,04 0,02

Para o conceito “córrego”, na questão 01, *Como se chama aqui um rio pequeno, de uns dois metros de largura?*, resultou no uso de muitas lexias: *córrego, corgo /corguinho, rio/riozinho, grotá, sanga, lajeado, riacho, arroio, igarapé, lago, rio estreito e ribeirão*.

Nota-se uma concorrência direta entre as duas lexias de maior frequência “córrego” e “corgo”, enquanto que as demais possuem forte influência regional. O interessante é que o mesmo usuário da língua usa as duas formas, ora uma ora a outra, conforme o meio e a situação.

Para o objeto “pinguela”, questão 02: *... tronco, pedaço de pau ou tábuá que serve para passar por cima de um _____ (cf. item1)?*, ocorreram 04 lexias: *ponte, pinguela, travessia e passador*. As lexias “pinguela” e “ponte” foram usadas por todos os grupos de migrantes.

Na questão 03: *... o lugar onde o rio termina ou encontra com outro rio?*, para o conceito “foz”, as respostas foram muito variadas: *foz, barra, chorador, entroncamento, cabeceira, encontro d’água/rio, deságua, forquilha, afluente, represa, nascente e vazante*. As lexias “barra” e “foz” foram as mais utilizadas, tiveram maior frequência quanto ao uso.

Na questão 04: *Muitas vezes, num rio, a água começa a girar, formando um buraco na água que puxa para baixo. Como se chama isto?*, para o conceito “redemoinho de água”, nota-se uma gama de muitas variantes utilizadas pelos falantes da região: *foge, redemoinho/redemunho, ridimunho/redimuinho, túnel, pilão, funil, sumidor, rebojo e rudumunho*. Também o que chamou a atenção foram as variações da lexia “redemoinho” (redemoinho, redemunho, ridimunho, redimuinho, rudumunho) que estariam mais no campo fonético/fonológico que semântico-lexical.

Para o objeto/conceito “onda de rio” na questão 05: *... o movimento da água do rio? (Imitar o balanço das águas)*, apareceram as lexias *banzeiro, água ondulada, correnteza, corredeira/corredera, ondas e chiado*. Sendo que as lexias “correnteza”, “corredeira/corredera” e “ondas” foram as mais usadas, tiveram a maior frequência de uso entre as variantes.

Já para a questão 06: ... *o movimento de água do mar?* (Idem item 5), para o conceito de “onda mar”, apareceram as lexias: *maré, onda e lapada*. As lexias “onda” e “maré” foram as mais utilizadas por todos os grupos de falantes da região, tiveram maior frequência que as demais variantes.

Na questão 07: *Depois de um chuvisco a terra fica_____?*, para o conceito “terra umedecida pela chuva”, apareceram as lexias: *úmida, liguenta, encharcada, molhada/moiada, barrenta, foja e cebolada*. Embora os falantes tenham utilizado um número significativo de lexias, as de maior uso são “úmida” e “molhada”. Neste caso, não se confirmou a hipótese apontada no objeto da questão.

6.1.2 Descrição do campo semântico fenômenos atmosféricos

O campo semântico fenômeno atmosférico é composto por 15 perguntas/questões (08 a 22), sendo que cada uma tem um objeto/conceito (*redemoinho de vento, relâmpago, raio, trovão, temporal, nomes para temporal, tromba d'água, garoa, chuva de pedra, arco-íris, orvalho, nevoeiro, estiar/compor o tempo, nascer do sol e pôr do sol*).

QUADRO 014 – Objeto, questões, respostas, frequência absoluta e frequência relativa.

Campo semântico: fenômenos atmosféricos.

N.	OBJETO	QUESTÕES	RESPOSTAS	FR. ABS	FR/REL %	FR/REL
08	REDEMOINHO DE VENTO	Como se chama o vento que vai virando em roda e levanta poeira, folhas e outras coisas leves?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>ridimunho/redemunho</i> • <i>roda moinho</i> • <i>rudumunho</i> • <i>redemoinho</i> 	72 08 08 72	45 05 05 45	0,45 0,05 0,05 0,45
09	RELÂMPAGO	Como se chama aquela luz que risca o céu nos dias de chuva?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>relâmpago</i> • <i>relampo</i> • <i>calmarias/carmariá</i> • <i>curisco</i> 	72 72 20 44	34 34 21 09	0,34 0,34 0,21 0,09
10	RAIO	Como se chama uma luz forte e rápida que sai das nuvens, podendo queimar uma árvore, em dias de mau tempo?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>raio</i> • <i>curisco</i> • <i>descarga</i> • <i>relampo</i> • <i>relâmpago</i> 	72 40 08 24 24	42 23 04 14 14	0,42 0,23 0,04 0,14 0,14
11	TROVÃO	Como se chama o barulho forte que se escuta logo depois de um raio?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>trovoada</i> • <i>trovejo</i> • <i>trovão</i> • <i>descarga</i> • <i>trovejada</i> • <i>truruvão</i> 	32 24 72 12 20 08	19 14 42 07 11 04	0,19 0,14 0,42 0,07 0,11 0,04

12	TEMPORAL	Como se chama uma chuva com vento forte que vem de repente, geralmente no verão?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>tempestade/tempestada</i> • <i>ventania</i> • <i>furacão</i> • <i>tormenta</i> • <i>temporal</i> • <i>chuva braba/brava</i> • <i>vendaval</i> • <i>chuva pesada</i> • <i>chuva forte/ passageira</i> 	72 08 20 44 56 08 44 12 02	27 03 07 16 21 03 16 04 -	0,27 0,03 0,07 0,16 0,21 0,03 0,16 0,04 -
13	NOMES PARA TEMPORAL	Existe outros nomes para esse fenômeno da natureza?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>vento brabo</i> • <i>tempo bravo</i> • <i>chuva brava</i> • <i>tornado</i> • <i>furação</i> • <i>vendaval</i> • <i>tormenta/tromenta</i> • <i>temporal</i> • <i>tempestade</i> 	08 12 08 20 08 44 44 64 72	02 04 02 07 02 15 15 22 25	0,02 0,04 0,02 0,07 0,02 0,15 0,15 0,22 0,25
14	TROMBA D'ÁGUA	Como se chama uma chuva de pouca duração, muito forte e pesada?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>chuva rápida/passageira</i> • <i>panca/pancada de chuva</i> • <i>chuva forte/brava</i> • <i>manga de chuva/d'água</i> • <i>toró d'água</i> • <i>chuva de verão</i> • <i>tromba d'água</i> • <i>tempestade</i> • <i>temporal</i> • <i>chuva grossa</i> 	36 56 24 44 20 08 24 08 16 03	15 23 10 18 08 03 10 03 06 -	0,15 0,23 0,10 0,18 0,08 0,03 0,10 0,03 0,06 -
15	GAROA	Como se chama aquela chuva bem fininha?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>neblina/nebrina</i> • <i>lebrina/alebrina</i> • <i>lebréia</i> • <i>sereno</i> • <i>chuva molha bobo</i> • <i>garoa</i> • <i>chuva fina/chuvinha</i> • <i>chuveiro/chuvisqueiro</i> • <i>inverno</i> 	60 28 08 08 20 71 24 83 08	20 09 02 02 06 23 07 29 02	0,20 0,09 0,02 0,02 0,06 0,23 0,07 0,29 0,02
16	CHUVA DE PEDRA	Durante uma chuva podem cair pedacinhos de gelo. Como chamam essa chuva?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>chuva de gelo</i> • <i>chuva de granizo/granizo</i> • <i>chuva de granito/granito</i> • <i>chuva de pedra</i> • <i>tempo de pedras</i> • <i>chuva grossa</i> • <i>chuva braba/brava</i> • <i>pedreira</i> 	04 120 05 101 11 08 07 24	01 42 01 36 03 02 02 08	0,01 0,42 0,01 0,36 0,03 0,02 0,02 0,08
17	ARCO-ÍRIS	Quase sempre, depois de uma chuva, aparece no céu uma faixa com listras coloridas e curvas. Que nomes dão a essa faixa?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>arco íris</i> • <i>arco celeste</i> • <i>arco da velha/véia</i> • <i>arco da aliança</i> 	120 08 100 16	49 03 40 06	0,49 0,03 0,40 0,06
18	ORVALHO	De manhã cedo, a grama geralmente está molhada. Como se chamam àquilo que molha a grama?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>orvalho</i> • <i>uruvalho</i> • <i>sereno</i> • <i>neblina/lebrina</i> 	72 08 68 08	48 05 44 05	0,48 0,05 0,44 0,05
19	NEVOEIRO	Muitas vezes, principalmente de manhã cedo, quase não se pode enxergar por causa de uma coisa parecida com fumaça, que cobre tudo. Como chamam isso?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>neblina/nebrina</i> • <i>lebrina/lebréia</i> • <i>neve</i> • <i>cerração</i> • <i>serenação</i> • <i>nevoeiro</i> 	60 16 08 72 12 40	28 07 03 34 05 19	0,28 0,07 0,03 0,34 0,05 0,19

20	ESTIAR / COMPOR O TEMPO	Como dizem aqui quando termina a chuva e o sol começa a aparecer?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>apareceu o sol</i> • <i>clarear o tempo</i> • <i>estiando/estiar/estiou</i> • <i>nivelando/nivelar</i> • <i>casamento da raposa</i> • <i>nebrado/nebrar</i> • <i>limpando/limpou o tempo</i> 	08 47 67 12 08 07 47	04 23 34 06 04 03 23	0,04 0,23 0,34 0,06 0,04 0,03 0,23
21	NASCER DO SOL	Com relação ao sol, o que acontece de manhã cedo?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>nascer/nascente</i> • <i>aparecer</i> • <i>clarear</i> • <i>levantar</i> • <i>sair</i> • <i>apontar/apontando</i> • <i>subir</i> • <i>amanhecer</i> 	72 20 40 12 32 20 24 52	26 07 14 04 12 07 08 19	0,26 0,07 0,14 0,04 0,12 0,07 0,08 0,19
22	PÔR DO SOL	O que acontece no final da tarde, com relação ao sol?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>anoitecer/anoitecendo</i> • <i>escurecer/escurecendo</i> • <i>esconder/se escondendo</i> • <i>pôr/se pondo</i> • <i>desaparecer</i> • <i>descer/descendo</i> • <i>entrar/entrando</i> • <i>ir/se indo</i> • <i>encobrir/se encobrindo</i> 	20 20 24 32 08 12 44 20 20	10 10 12 16 04 06 22 10 10	0,10 0,10 0,12 0,16 0,04 0,06 0,22 0,10 0,10

No conceito “redemoinho de vento”, questão 08: ... *o vento que vai virando em roda e levanta poeira, folhas e outras coisas leves?*, os falantes empregaram as lexias: ***ridimunho/redemunho, roda moinho, rudumunho e redemoinho***. Nota-se, neste caso, uma gama de “variação fonética” maior que a variação semântico-lexical.

Na questão 09: ... *uma luz que risca o céu em dias de chuva?*, para o objeto/conceito “relâmpago”, os falantes usaram as lexias ***relâmpago, relampo, calmarias/carmariá e corisco***. As formas “relâmpago” e “relampo” estão em concorrência direta, na maioria dos casos sendo empregadas pelo mesmo falante que alterna ora uma, ora outra.

Já para o conceito “raio”, na questão 10: ... *uma luz forte e rápida que sai das nuvens, podendo queimar uma árvore, em dias de mau tempo?*, os falantes usaram as lexias ***raio, corisco, descarga, relampo e relâmpago***. Sendo que “raio” e “corisco” foram as mais empregadas pelos usuários da língua.

Como resposta para o conceito “trovão”, na questão 11: ... *o barulho forte que se escuta logo depois de um _____ (cf. item 10)?*, apareceram as lexias ***trovoada, trovejo, trovão, descarga, trovejada e truruvão***. Com exceção da lexia “descarga” as demais são derivadas da lexia “trovão” (trovoada, trovejo, trovão, trovejada e truruvão), sendo que a variante mais usada foi “trovão”.

Na questão 12: ... *uma chuva com vento forte que vem de repente, geralmente no verão?*, para o conceito/objeto “temporal”, os falantes empregaram uma quantia significativa de lexias: ***tempestade/tempestada, ventania, furacão, tormenta, temporal, chuva***

braba/brava, vendaval, chuva pesada e chuva forte/ passageira. Nota-se que além da variante de maior uso “tempestade”, também tiveram alta frequência as lexias “tormenta”, “temporal” e “vendaval”.

Já na questão 13: *Existem outros nomes para _____(cf. item 12)?*, como continuidade da questão 12, o objeto/conceito foi “nomes para temporal”, e as respostas revelaram mais variantes para esse objeto, explicitando o conhecimento linguístico dos falantes através das lexias: *vento brabo, tempo bravo, chuva brava, tornado, furação, vendaval, tormenta, tromenta, temporal e tempestade*. Ao dar outros “nomes para temporal” os falantes da língua confirmaram os usos de muitas variantes para nomear este fenômeno.

Na questão 14: *... uma chuva de pouca duração, muito forte e pesada?*, para o objeto “tromba d’água”, os informantes revelaram o uso de muitas lexias: *chuva rápida/passageira, panca/pancada de chuva, chuva forte/brava, manga de chuva/d’água, toró d’água, chuva de verão, tromba d’água, tempestade, temporal e chuva grossa*. Nesta questão a hipótese levantada na questão “tromba d’água” obteve frequência inferior às variantes “panca/pancada de chuva”, “manga de chuva/d’água” e “chuva rápida/passageira”.

Para o conceito/objeto “garoa”, da questão 15: *E uma chuva bem fininha?*, os falantes usaram as lexias *neblina/nebrina, lebrina/alebrina, lebréia, sereno, chuva molha bobo, garoa, chuva fina/chuvinha, chuvisco/chuvisqueiro e inverno*. Neste caso apareceram três variantes com alta frequência de uso “neblina” e suas variantes, “garoa” e “chuvisco/chuvisqueiro”. A variante “neblina” foi mais usada que “garoa” que era a hipótese da questão. Um fenômeno linguístico que chamou a atenção nesta questão foi o número de variações fonéticas/fonológicas da lexia “neblina”: nebrina, lebrina, alebrina e lebréia.

Na questão 16: *Durante uma chuva podem cair pedacinhos de gelo. Como chamam essa chuva?*, para o objeto “chuva de pedra”, os informantes revelaram o uso de muitas lexias: *chuva de gelo, chuva de granizo/granizo, chuva de granito/granito, chuva de pedra, tempo de pedraschuva grossa, chuva braba/brava e pedreira*. As mais usadas foram “chuva de pedra” e “chuva de granizo/granizo”.

Para o objeto/conceito “arco-íris”, na questão 17: *Quase sempre, depois de uma chuva, aparece no céu uma faixa com listras coloridas e curvas (mímica). Que nomes dão a essa faixa?*, foram empregadas as lexias *arco íris, arco celeste, arco da velha/veia e arco da aliança*. As variantes mais utilizadas foram “arco-íris” e “arco-da-velha”.

Quanto ao conceito “orvalho”, na questão 18: *De manhã cedo, o grama geralmente está molhada. Como chamam aquilo que molha a grama?*, os falantes usaram as lexias

orvalho, uruvalho, sereno e neblina/lebrina. As lexias de maior frequência foram “orvalho” e “sereno”.

Já para a questão 19: *Muitas vezes, principalmente de manhã cedo, quase não se pode enxergar por causa de uma coisa parecida com fumaça, que cobre tudo. Como chamam isso?*, para o objeto/conceito “nevoeiro”, os informantes empregaram as lexias **neblina/nebrina, neve, cerração, serenação, lebrina/lebréia e nevoeiro.** Neste caso, as lexias de maior uso foram “neblina/nebrina”, “cerração” e “nevoeiro”. Nesta questão não se confirmou a hipótese “nevoeiro” como sendo a de maior uso.

Na questão 20: *Como dizem aqui quando termina a chuva e o sol começa a parecer?*, para o conceito/objeto “estiar/compor o tempo”, os falantes usaram as seguintes lexias: **apareceu o sol, clarear o tempo, estiando/estiar/estiu, nivelando/nivelar, casamento da raposa, nebrado/nebrar e limpando/limpou o temp.** As mais usadas são as variações dos verbos “estiar”, “limpar” e “clarear”.

Quanto ao conceito/objeto “nascer do sol”, na questão 21: *O que é que acontece de manhã cedo?*, os falantes empregaram as seguintes lexias: **nascer/nascente, aparecer, clarear, levantar, sair, apontar/apontando, subir e amanhecer.** As mais usadas são as variações dos verbos “nascer”, “amanhecer” e “clarear”.

Já para o conceito/objeto “pôr do sol”, na questão 22: *E o que acontece no final da tarde?*, os migrantes usaram um número significativo de lexias: **anoitecer/anoitecendo, escurecer/escurecendo, esconder/se escondendo, pôr/se pondo, desaparecer, descer/descendo, entrar/entrando, ir/se indo e encobrir/se encobrindo,** sendo que as mais usadas foram as variações dos verbos “entrar”, “pôr” e “esconder”.

6.1.3 Descrição do campo semântico astros e tempo

O campo semântico *astros e tempo* é composto por 14 perguntas/questões (23 a 36), sendo que cada uma tem um objeto/conceito (*alvorada, crepúsculo, estrela matutina, estrela vespertina, estrela cadente, via láctea, amanhecer, entardecer, anoitecer, meses do ano, meses com nomes especiais, ontem, anteontem e trasanteontem*).

QUADRO 015 – Objeto, questões, respostas, frequência absoluta e frequência relativa.

Campo semântico: astros e tempo.

N.	OBJETO	QUESTÕES	RESPOSTAS	FR. ABS	FR/REL %	FR/REL
23	ALVORADA	Como se chama a claridade que fica no céu antes do sol nascer?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>barra do dia</i> • <i>clareando o dia/claridade</i> • <i>amanhecer/amanhecendo</i> • <i>nivelar/nivelando</i> • <i>madrugada</i> • <i>raiar</i> • <i>alvorecer</i> 	72 40 72 12 24 44 12	26 14 26 04 08 15 04	0,26 0,14 0,26 0,04 0,08 0,15 0,04
24	CREPÚSCULO	Como se chama a claridade que fica no céu depois do por do sol?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>boca da noite</i> • <i>barra da noite</i> • <i>ruiva danoite</i> • <i>o sol se escondendo</i> • <i>o sol turvando</i> • <i>entardecer</i> • <i>noitinha</i> • <i>fim da tarde</i> • <i>pôr do sol</i> • <i>ruiva do sol</i> 	52 24 08 08 20 20 12 12 12 -	30 14 04 04 11 11 07 07 07 -	0,30 0,14 0,04 0,04 0,11 0,11 0,07 0,07 0,07 -
25	ESTRELA MATUTINA	Como se chama a claridade que fica no céu depois do por do sol?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>estrela d'alva</i> • <i>estrela da manhã</i> • <i>estrela guia</i> • <i>estrela das naves</i> • <i>estrela boiadeira</i> • <i>estrela do dia</i> 	72 24 28 11 12 20	43 14 16 06 07 11	0,43 0,14 0,16 0,06 0,07 0,11
26	ESTRELA VESPERTINA	De tardezinha, uma estrela aparece antes das outras, perto do horizonte e brilha mais. Como chamam essa estrela?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>estrela d'alva</i> • <i>estrela da guia</i> • <i>estrela mestre</i> • <i>papa ceia</i> • <i>estrela</i> • <i>estrela das naves</i> • <i>estrela boiadeira</i> • <i>estrela da tarde</i> 	72 32 12 08 12 12 12 48	34 15 05 03 05 05 05 23	0,34 0,15 0,05 0,03 0,05 0,05 0,05 0,23
27	ESTRELA CADENTE	De noite, muitas vezes pode-se observar uma estrela que se desloca no céu. Como chamam isso?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>estrela mudando</i> • <i>estrela caindo</i> • <i>estrela correndo</i> • <i>estrela cadente</i> • <i>estrela satélite</i> 	60 72 40 12 16	28 34 19 05 07	0,28 0,34 0,19 0,05 0,07
28	VIA LÁCTEA	Numa noite bem estrelada, aparece uma banda que fica no céu de fora a fora, onde tem muitas estrelas muito perto umas das outras. Como chamam essa banda ou faixa?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>caminho</i> • <i>caminho de santiago</i> • <i>estrela de roma</i> • <i>cruzeiro</i> • <i>cruzeiro do sul</i> • <i>constelação</i> • <i>caminho do céu</i> 	36 47 12 24 24 12 12	21 28 07 14 14 07 07	0,21 0,28 0,07 0,14 0,14 0,07 0,07
29	AMANHECER	Como se chama a parte do dia quando começa a clarear?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>madrugada</i> • <i>amanhecer/manhecendo</i> • <i>clarear/clareando o dia</i> • <i>barra do dia</i> • <i>raiar/raiano</i> • <i>manhã</i> • <i>alvorada</i> • <i>começar o dia</i> 	28 72 20 12 28 20 12 12	13 35 09 05 13 09 05 05	0,13 0,35 0,09 0,05 0,13 0,09 0,05 0,05

30	ENTARDECER	Como se chama a parte do dia quando o sol se põe?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>entardecer</i> • <i>anoitecer</i> • <i>escurecer</i> • <i>pôr do sol</i> • <i>sol entrando</i> • <i>barra da noite</i> • <i>a tardinha/de tardinha</i> • <i>chegando a noite</i> 	72 32 08 08 08 12 52 02	37 16 04 04 04 08 27 -	0,37 0,16 0,04 0,04 0,04 0,08 0,27 -
31	ANOITECER	Como se chama o começo da noite?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>boca da noite</i> • <i>anoitecer/anoitecendo</i> • <i>turvar/turvando</i> • <i>escurecer/escurecendo</i> 	64 72 08 08	42 47 05 05	0,42 0,47 0,05 0,05
32	MESES DO ANO	Como se chamam os meses do ano?	NÃO APLICADA			
33	MESES COM NOMES ESPECIAIS	Quais os meses que possuem nomes especiais?	NÃO APLICADA			
34	ONTEM	Como se chama o dia que passou?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>ontem</i> • <i>ontem</i> 	72 72	50 50	0,50 0,50
35	ANTEONTEM	Como se chama o dia que foi antes do dia de ontem?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>anteontem</i> • <i>antionte</i> • <i>antes de ontem</i> • <i>onteontem</i> • <i>ontonti</i> • <i>antonte</i> 	12 12 72 12 52 40	06 06 36 06 26 20	0,06 0,06 0,36 0,06 0,26 0,20
36	TRANSANTE-ONTEM	Como se chama o dia que foi antes de antes de ontem?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>treisontonte</i> • <i>treis antionti</i> • <i>antes de anteontem</i> • <i>três ontem</i> • <i>dias atrás</i> • <i>treisantonte</i> • <i>trudia</i> • <i>anteanteontem</i> 	72 28 32 12 13 16 13 12	36 14 16 06 06 08 06 06	0,36 0,14 0,16 0,06 0,06 0,08 0,06 0,06

Como resposta a questão 23: ... *a claridade do céu antes de _____* (cf. item 21)?, para o objeto/conceito “alvorada”, os migrantes usaram as lexias *barra do dia, clareando o dia/claridade, amanhecer/amanhecendo, nivelar/nivelando, madrugada, raiar e alvorecer*. Empregaram com maior frequência as lexias “barra do dia” e “amanhecer/amanhecendo” nas suas respostas.

Já para o conceito/objeto “crepúsculo”, da questão 24: ... *a claridade que fica no céu depois do _____* (cf. item 22)?, os falantes usaram as seguintes lexias: *boca da noite, barra da noite, ruiva da noite, o sol se escondendo, o sol turvando, entardecer, noitinha, fim da tarde, pôr do sol e ruiva do sol*. Empregaram com maior frequência as lexias “boca da noite” e “barra da noite”.

Ao responderem na questão 25: *De manhã cedo, uma estrela brilha mais e é a última a desaparecer. Como chamam esta estrela?*, para o conceito/objeto “estrela matutina”, os falantes revelaram o uso das seguintes lexias: *estrela d'alva, estrela da manhã, estrela guia, estrela das naves, estrela boiadeira e estrela do dia*. Empregaram com maior frequência as lexias “estrela d'alva”, “estrela guia” e “estrela matutina”.

Ao passo que para a questão 26: *De tardezinha, uma estrela aparece antes das outras, perto do horizonte, e brilha mais. Como chamam esta estrela?*, no objeto/conceito “estrela vespertina”, os informantes apresentaram as lexias *estrela d’alva, estrela da guia, estrela mestre, papa ceia, estrela, estrela das naves, estrela boiadeira*. Empregaram com maior frequência as lexias “estrela d’alva”, “estrela guia” e “estrela da tarde”.

Para o objeto/conceito “estrela cadente”, na questão 27: *De noite, muitas vezes pode-se observar uma estrela que se desloca no céu e faz um risco de luz. Como chamam isso?*, os falantes usaram as lexias *estrela mudando, estrela caindo, estrela correndo, estrela cadente e estrela satélite*. Empregaram com maior frequência as lexias “estrela caindo”, “estrela mudando” e “estrela correndo”.

Na questão 28: *Numa noite bem estrelada, aparece uma banda ou baixa que fica no céu de fora a fora, onde tem muitas estrelas muito perto umas das outras. Como chamam esta banda ou faixa?*, para o objeto/conceito “via láctea”, os informantes apresentaram as lexias *caminho, caminho de Santiago, estrela de roma, cruzeiro, cruzeiro do sul, constelação e caminho do céu*. Empregaram com maior frequência as lexias “caminho” e “caminho de Santiago”, ao passo que a lexia “via láctea” não foi utilizada.

Para o objeto/conceito “amanhecer”, da questão 29: *... a parte do dia quando começa a clarear?*, foram utilizadas as seguintes lexias: *madrugada, amanhecer/amanhecendo, clarear/clareando o dia, barra do dia, raiar/raiano, manhã, alvorada e começar o dia*. Os informantes, usuários da língua, empregaram com maior frequência as lexias “amanhecer/amanhecendo”, “madrugada” e “raiar do dia”.

Já para o objeto/conceito “entardecer”, na questão 30: *E quando o sol se põe?*, foram usadas as lexias *entardecer, anoitecer, escurecer, pôr do sol, sol entrando, barra da noite, a tardinha/de tardinha e chegando a noite*. Os migrantes empregaram com maior frequência as lexias “entardecer”, “a tardinha/de tardezinha” e “anoitecer”. As lexias “a tardinha/de tardezinha” são bem características da fala do sul do país.

Na questão 31: *... o começo da noite?*, para o objeto/conceito “anoitecer”, os informantes apresentaram o uso das lexias *boca da noite, anoitecer/anoitecendo, turvar/turvando e escurecer/escurecendo*. Os falantes da região empregaram com maior frequência as lexias “anoitecer/anoitecendo” e “boca da noite”.

A questão 32: *Quais são os meses do ano?*, com o objeto “meses do ano” não foi feita aos informantes.

A questão 33: *Alguns desses meses têm outro nome, por exemplo, junho, julho, etc.?*, com o objeto “meses com nomes especiais” também não foi aplicada aos informantes.

Na questão 34: ... *o dia que passou?* [*O senhor já almoçou (ou jantou) hoje? Quando foi que almoçou (ou jantou) pela última vez?*], para o objeto “ontem” os falantes revelaram o uso das lexias *onte e ontem*. Neste caso nota-se uma concorrência direta entre elas, mais no campo fonético/fonológico que no semântico-lexical.

Para a questão 35: ... *o dia que foi antes desse dia?* [*E um dia para trás?*], para o objeto/conceito “anteontem”, os informantes demonstraram o uso bastante variado através das lexias *anteontem, antionte, antes de ontem, onteontem, ontonti e antonte*. Os falantes fazem maior uso das lexias “*antes de ontem*”, “*ontonti*” e “*antonte*”.

Já para o conceito/objeto “transanteontem”, na questão 36: ... *o dia que foi antes de _____ (cf. item 35)?* [*E mais um dia para trás?*], os usuários da língua apresentaram as lexias *treisontonte, treis antionti, antes de anteontem, três ontem, dias atrás, treisantonte, trudia e anteanteontem*. Os falantes fazem maior uso das lexias “*treisontonte*”, “*treis antionti*” e “*antes de anteontem*”. Muitas das variantes nesta questão pertencem ao conjunto das variações fonéticas/fonológicas.

6.1.4 Descrição do campo semântico flora

O campo semântico *flora* é composto por 06 perguntas/questões (37 a 42), sendo que cada uma tem um objeto/conceito (*tangerina/mexerica, amendoim, camomila, penca, banana dupla e parte terminal da inflorescência da bananeira*).

QUADRO 016 – Objeto, questões, respostas, frequência absoluta e frequência relativa.

Campo semântico: *flora*.

N.	OBJETO	QUESTÕES	RESPOSTAS	FR. ABS	FR/REL %	FR/REL
37	TANGERINA/ MEXERICA	Como se chamam as frutas menores que a laranja, que se descascam com a mão e, normalmente, deixam um cheiro na mão?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>tanja</i> • <i>tangerina</i> • <i>mixirica/mexerica</i> • <i>bergamota/vergamota</i> • <i>pocam/poncam</i> • <i>fluxiqueira</i> • <i>mimosa</i> • <i>laranja cravo</i> • <i>cheirosa/cheirosinha</i> 	08 40 72 32 08 20 08 12 44	03 16 29 13 03 08 03 04 18	0,03 0,16 0,29 0,13 0,03 0,08 0,03 0,04 0,18
38	AMENDOIM	Como se chama o grão coberto por uma casquinha dura, que se come assado, cozido, torrado ou moído?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>mudubim</i> • <i>amendoim</i> • <i>aminduim</i> • <i>minduim</i> 	08 72 44 72	04 36 22 36	0,04 0,36 0,22 0,36

39	CAMOMILA	Como chamam aquelas florzinhas brancas com miolo amarelinho, que serve para fazer chá para dor de barriga de nenê ou para acalmar?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>camomila</i> • <i>maçanilha/maçania</i> • <i>câmara</i> • <i>erva doce</i> • <i>chazinho</i> 	72 44 08 12 08	50 30 05 08 05	0,50 0,30 0,05 0,08 0,05
40	PENCA	Como se chama cada parte que se corta do cacho da bananeira para por para madurar?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>penca</i> • <i>palma</i> • <i>dedos</i> • <i>mão</i> 	72 08 12 64	46 05 07 41	0,46 0,05 0,07 0,41
41	BANANA DUPLA	Como se chama as duas bananas que nascem grudadas?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>gêmea</i> • <i>felipe</i> • <i>grudadas</i> • <i>juntas</i> • <i>duplas</i> 	72 40 12 20 20	43 24 07 12 12	0,43 0,24 0,07 0,12 0,12
42	PARTE TERMINAL DA INFLORESCÊNCIA DA BANANEIRA	Como se chama a ponta roxa no cacho da bananeira?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>mangará</i> • <i>flor</i> • <i>pendão</i> • <i>coração</i> • <i>umbigo</i> • <i>ponteiro</i> 	08 24 24 72 40 20	04 12 12 38 21 10	0,04 0,12 0,12 0,38 0,21 0,10

Na questão 37: ... *as frutas menores eu a laranja, que se descascam com a mão, e, normalmente, deixam um cheiro na mão? Como elas são ?*, para o objeto/conceito “tangerina/mexerica”, os migrantes usaram como respostas as lexias *tanja, tangerina, mixirica/mexerica, bergamota/vergamota, pocam/poncam, fuxiqueira, mimosa, laranja cravo e cheirosa/cheirosinha*. As variantes mais usadas foram as lexias “mixirica/mexerica”, “tangerina” e “cheirosa/cheirosinha”.

Para a questão 38: ... *o grão coberto por uma casquinha dura, que se come assado, cozido, torrado ou moído?*, no objeto/conceito “amendoim”, os falantes usaram as seguintes lexias: *mudubim, amendoim, aminduim e minduim*. As variantes mais usadas foram as lexias “amendoim” e “aminduim”.

Como resposta para o objeto/conceito “camomila”, da questão 39: ... *umas florezinhas brancas com miolo amarelinho, ou florezinhas secas que se compram na farmácia e servem para fazer um chá amarelinho, cheirosos, bom para dor de barriga de nenê/bebê e até adulto e também para acalmar? (Mostrar)*, os usuários da língua revelaram a utilização das seguintes lexias: *camomila, maçanilha/maçania, câmara, erva doce e chazinho*. As variantes mais usadas foram as lexias “camomila” e “maçanilha/maçania”.

Para a questão 40: ... *cada parte que se corta do cacho da bananeira para pôr para madurar?*, com o objeto conceito “penca”, os entrevistados usaram as lexias *penca, palma, dedos e mão*. As variantes mais usadas foram as lexias “penca” e “mão”.

Já para o objeto/conceito “banana dupla”, da questão 41: ... *duas bananas que nascem grudadas?*, foram utilizadas as seguintes lexias: *gêmea, felipe, grudadas, juntas e duplas*. As variantes mais usadas foram as lexias “gêmeas” e “filipe”.

Como resposta para o objeto/conceito “flor da bananeira”, da questão 42: ... *aponta roxa no cacho da banana? ... aponta roxa no cacho da banana?*, os usuários da língua revelaram a utilização das seguintes lexias: *mangará, flor, pendão, coração, umbigo e ponteiro*. As variantes mais usadas foram as lexias “coração” e “umbigo”.

6.1.5 Descrição do campo semântico atividades agropastoris

O campo semântico *atividades agropastoris* é composto por 23 perguntas/questões (43 a 65), sendo que cada uma tem um objeto/conceito (*espiga, sabugo, soca/touceira, girassol, vagem do feijão, moinha, mandioca/aipim, mandioca, carrinho de mão, hastes do carrinho de mão, cangalha, cangalha para carga, jacá, bolsa, canga, borrego, cordeiro, fêmea que está para criar, perda da cria, égua velha, trabalhador de enxada em roça alheia, picada e trilha*).

QUADRO 017 – Objeto, questões, respostas, frequência absoluta e frequência relativa.

Campo semântico: atividades agropastoris.

N.	OBJETO	QUESTÕES	RESPOSTAS	FR. ABS	FR/REL %	FR/REL
43	ESPIGA	O que é que se quebra da planta, quando se colhe o milho?	• <i>espiga</i>	72	100	1,00
44	SABUGO	Quando se tira da espiga todos os grãos do milho o que sobra?	• <i>sabugo</i>	72	100	1,00
45	SOCA/ TOUCEIRA	Depois que se corta o pé de arroz ou de fumo, ainda fica uma pequena parte no chão. Como se chama essa parte?	• <i>soca</i> • <i>brólio</i> • <i>tronco</i> • <i>soqueira</i> • <i>restiva</i> • <i>toco</i> • <i>resteva</i> • <i>toceira</i> • <i>restoio</i>	72 08 08 52 12 44 44 12 12	27 03 03 19 04 16 16 04 04	0,27 0,03 0,03 0,19 0,04 0,16 0,16 0,04 0,04
46	GIRASSOL	Como se chama aqui aquela flor grande, amarela, com uma rodela de sementes ao meio?	• <i>girassol</i> • <i>mirassol</i>	72 36	66 33	0,66 0,33
47	VAGEM DO FEIJÃO	Onde é que ficam os grãos do feijão, no pé, antes de ser colhido?	• <i>bage/bagem</i> • <i>vagem</i> • <i>vage</i>	72 72 72	33 33 33	0,33 0,33 0,33

48	MOINHA	Depois de colher e secar o feijão, alguns costumam bater com uma vara para soltar os grãos da vagem e a palha vai virando um pó. Como se chama esse pó da palha do feijão batido?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>pó do feijão/pó</i> • <i>palha do feijão</i> • <i>bagaço</i> • <i>moinha/munha</i> • <i>cisco</i> • <i>poeira</i> • <i>farelo</i> 	07 08 08 64 44 12 12	04 05 05 41 44 07 07	0,04 0,05 0,05 0,41 0,44 0,07 0,07
49	MANDIOCA/AIPIM	Como se chama aquela raiz branca por dentro, coberta por uma casca marrom, que se cozinha para comer?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>macaxeira</i> • <i>mandioca</i> • <i>aipim</i> • <i>mandioquinha</i> 	16 72 56 12	10 46 35 07	0,10 0,46 0,35 0,07
50	MANDIOCA	Tem um tipo de mandioca que não serve para comer e se rala para fazer farinha. Como se chama essa raiz?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>mandioca</i> • <i>macaxeira braba/brava</i> • <i>mandioca brava/braba</i> • <i>macaxeira</i> • <i>araruta</i> • <i>mandioca marroquina</i> • <i>cará</i> 	72 08 64 20 08 08 02	40 04 35 11 04 04 -	0,40 0,04 0,35 0,11 0,04 0,04 -
51	CARRINHO DE MÃO	Como se chama um veículo de uma roda, empurrado por uma pessoa, para pequenas cargas em trechos curtos?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>carro de mão</i> • <i>carrinho</i> • <i>carriola</i> • <i>carrinho de mão</i> 	08 52 72 52	04 28 28 39	0,04 0,28 0,28 0,39
52	HASTES DO CARRINHO DE MÃO	Como se chama as duas partes em que a pessoa segura para empurrar o carrinho de mão?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>pernas do carro</i> • <i>braços do carro</i> • <i>cabo</i> • <i>maneta</i> 	08 72 72 24	04 40 40 13	0,04 0,40 0,40 0,13
53	CANGALHA	Como se chama aquela armação de madeira, em forma de forquilha, que se coloca no pescoço de animais para não vararem a cerca?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>cambito</i> • <i>canga</i> • <i>forquilha/forquia</i> • <i>cangalha/cangaia</i> • <i>paieira</i> 	08 52 24 52 02	05 38 17 38 01	0,05 0,38 0,17 0,38 0,01
54	CANGALHA PARA CARGA	Como se chama aquela armação de madeira que se coloca no lombo do animal para levar cestos ou cargas?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>cangalha/cangaia</i> • <i>cargueira</i> • <i>arreio</i> 	72 08 20	72 08 20	0,72 0,08 0,20
55	JACÁ	Como se chama esses cestos de vime, taquara ou cipós trançados, para levar produtos no lombo dos cavalos ou burros?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>jacá</i> • <i>cesto</i> • <i>balaios</i> • <i>cargueiro</i> • <i>jangada</i> 	72 44 64 32 12	32 19 28 14 05	0,32 0,19 0,28 0,14 0,05
56	BOLSA	E se forem de couro com tampa?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>bruaca</i> • <i>mala de couro</i> • <i>cassuá</i> • <i>jacá encourado</i> • <i>surrão</i> • <i>persuero/persuelo</i> • <i>gibão</i> • <i>bolsa</i> • <i>mochila/sacola</i> 	52 16 08 08 20 24 12 12 12	29 09 04 04 11 13 06 06 06	0,29 0,09 0,04 0,04 0,11 0,13 0,06 0,06 0,06
57	CANGA	Como se chama aquela peça de madeira que vai no pescoço do boi, para puxar o carro ou arado?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>canga</i> • <i>manjarra</i> • <i>galheira/guaieira</i> • <i>cangalha</i> • <i>jugo</i> 	72 08 12 12 12	62 06 10 10 10	0,62 0,06 0,10 0,10 0,10
58	BORREGO	Como se chama a cria da ovelha logo que nasce?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>borrego/burrego</i> • <i>terneiro</i> • <i>filhote de ovelha</i> • <i>cordeiro/cordeirinho</i> • <i>carneiro</i> • <i>ovelhinha</i> • <i>bequinho</i> 	28 20 36 44 44 20 12	13 09 17 21 21 09 05	0,13 0,09 0,17 0,21 0,21 0,09 0,05

59	CORDEIRO	Como se chama a cria da ovelha quando vai crescendo?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>marrã</i> • <i>ovelha/ovelhinha</i> • <i>cordeiro</i> • <i>beco</i> • <i>carneiro/carneirinho</i> 	08 40 56 12 64	04 22 31 06 35	0,04 0,22 0,31 0,06 0,35
60	FÊMEA QUE ESTÁ PARA CRIAR	Como se chama a fêmea de um animal que está prestes a criar / nos dias de criar?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>polda</i> • <i>amojada/mojada</i> • <i>nos dias de parir</i> • <i>está chegadoinha</i> • <i>prenha</i> • <i>coberta</i> • <i>nos dia de dar cria</i> • <i>enxertada</i> 	08 72 08 40 24 24 24 32	03 31 03 17 10 10 10 13	0,03 0,31 0,03 0,17 0,10 0,10 0,10 0,13
61	PERDA DA CRIA	Como se diz quando a fêmea de um animal perde a cria?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>perdeu a cria</i> • <i>moveu a cria</i> • <i>botou a cria fora</i> • <i>não vingou</i> • <i>está vazia</i> • <i>jogou a cria fora</i> • <i>abortou a cria</i> 	72 12 24 08 08 32 20	40 06 13 04 04 18 11	0,40 0,06 0,13 0,04 0,04 0,18 0,11
62	ÉGUA VELHA	Como se chama a égua quando está velha?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>égua velha</i> • <i>biroba</i> • <i>matunga</i> • <i>erada</i> • <i>pangaré</i> 	72 08 24 08 12	58 06 19 06 09	0,58 0,06 0,19 0,06 0,09
63	TRABALHADOR DE ENXADA EM ROÇA ALHEIA	Como se chama o homem que é contratado para trabalhar na roça de outro?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>trabalhador</i> • <i>peão/pião</i> • <i>diarista</i> • <i>arrendatário</i> • <i>empregado</i> • <i>bóia fria</i> • <i>meeiro</i> • <i>camarada</i> 	08 72 28 20 20 56 08 08	03 32 12 09 09 25 03 03	0,03 0,32 0,12 0,09 0,09 0,25 0,03 0,03
64	PICADA	O que é que se abre com o machado, o facão ou a foice para passar por um mato fechado?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>trilho</i> • <i>trio</i> • <i>trieiro</i> • <i>trilha</i> • <i>carreiro</i> • <i>vereda</i> • <i>caminho</i> • <i>pique/picada/picadão</i> • <i>carreador</i> 	64 64 20 12 56 08 28 12 12	23 23 07 04 20 02 10 04 04	0,23 0,23 0,07 0,04 0,20 0,02 0,10 0,04 0,04
65	TRILHO	Como se chama o caminho, no pasto, onde não cresce mais grama, de tanto o animal ou o homem passarem?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>picada</i> • <i>vereda</i> • <i>caminho</i> • <i>trio</i> • <i>carreador</i> • <i>trilha</i> • <i>trieiro</i> • <i>picadão</i> • <i>pique</i> • <i>carreiro</i> 	72 08 08 20 24 24 20 20 12 04	34 03 03 09 11 11 09 09 05 01	0,34 0,03 0,03 0,09 0,11 0,11 0,09 0,09 0,05 0,01

Na questão 43: *O que é que se corta da planta, quando se colhe o milho?*, para o objeto/conceito “espiga”, os informantes deram como resposta apenas a lexia *espiga*. Para este objeto não foi apresentado nenhuma variação.

Na questão 44: *Quando se tira da ____ (cf. item 43) todos os grãos do milho, o que sobra?*, para o objeto/conceito “sabugo”, os informantes deram como resposta apenas a lexia **sabugo**. Para este objeto não foi apresentado nenhuma variação.

Na questão 45: *Depois que se corta o pé de arroz ou de fumo, ainda fica uma pequena parte no chão. Como se chama essa parte?*, para o objeto/conceito “soca/touceira”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: **soca, brólio, tronco, soqueira, restiva, toco, resteva, toceira e restoio**. Para este objeto as lexias “soca”, “soqueira”, “toco” e “resteva” foram as mais utilizadas pelos migrantes.

Na questão 46: *... flor grande, amarela, redonda, com uma rodela de sementes no meio?*, para o objeto/conceito “girassol”, os informantes deram como resposta apenas as lexias **girassol e mirassol**. Para este objeto foi apresentado duas variações, sendo a lexia “girassol” a de maior uso entre os falantes da região.

Na questão 47: *Onde é que ficam os grãos do feijão, no pé, antes de ser colhido?*, para o objeto/conceito “vagem do feijão”, os informantes deram como resposta as lexias **bage/bagem, vagem e vage**. Para este objeto/conceito foi apresentado duas oposições **bage x bagem** e **vagem x vage** além das variações fonéticas/fonológicas entre os pares, revelando um equilíbrio quanto aos usos entre os falantes da região.

Para o objeto/conceito “moinha”, na questão 48: *Depois de colher e secar o feijão, alguns costumam bater com uma vara para soltar os grãos da ____ (cf. item 47) e a palha vai virando um pó. Como se chama esse pó da palha do feijão batido?*, os falantes revelaram o uso das seguintes lexias: **pó do feijão/pó, palha do feijão, bagaço, poeira, farelo, moinha/munha e cisco**. O maior uso quanto à frequência foi para as variantes “moinha/munha” e “cisco”.

Para a questão 49: *... aquela raiz branca por dentro, coberta por uma casca marrom, que se cozinha para comer?*, quanto ao objeto/conceito “mandioca/aipim”, os falantes usaram as seguintes lexias: **macaxeira, mandioca, aipim e mandioquinha**, ficando as lexias “mandioca” e “aipim” como as de uso mais frequente.

No entanto, para o objeto/conceito “mandioca”, na questão 50: *Tem um tipo de ____ (cf. item 49) que não serve para comer e se rala para fazer farinha (polvilho, goma). Como se chama essa raiz?*, os informantes apresentaram diferentes lexias: **mandioca, macaxeira braba/brava, mandioca brava/braba, macaxeira, araruta, mandioca marroquina e cará**, aparecendo as lexias “mandioca” e “mandioca brava/braba” como as de uso mais frequente.

Na questão 51: ... *um veículo de uma roda, empurrado por uma pessoa, para pequenas cargas em trechos curtos?*, para o objeto/conceito “carrinho de mão”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: **carro de mão, carrinho, carriola e carrinho de mão**. Foram usadas com maior frequência as lexias “carrinho”, “carriola” e “carrinho de mão”.

Na questão 52: ... *as duas partes em que a pessoa segura para empurrar o _____ (cf. item 51)?*, para o objeto/conceito “hastes do carrinho de mão”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: **pernas do carro, braços do carro, cabo e maneta**. Foram usadas com maior frequência as lexias “braços” e “cabos”.

Na questão 53: ... *a armação de madeira, em forma de forquilha (mímica), que se coloca no pescoço de animais (porco, terneiro/bezerro, carneiro, vaca) para não vararem a cerca?*, para o objeto/conceito “cangalha”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: **cambito, canga, forquilha/forquia, cangalha/cangaia e paieira**. Foram usadas com maior frequência as lexias “canga” e “cangalha/cangaia”.

Na questão 54: ... *armação de madeira que se coloca no lombo do cavalo ou do burro para levar cestos ou cargas?*, para o objeto/conceito “cangalha para carga”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: **cangalha/cangaia, cargueira e arreio**. Foram usadas com maior frequência as lexias “cangalha/cangaia” e “cargueira”.

Na questão 55: ... *esses cestos de vime, de taquara, de cipós trançados, para levar batatas (mandioca, macaxeira, aipim etc.), no lombo do cavalo ou do burro?*, para o objeto/conceito “jacá”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: **jacá, cesto, balaio, cargueiro e jangada**. Foram usadas com maior frequência as lexias “jacá”, “cesto” e “balaio”.

Na questão 56: *E, se forem de couro, com tampa?*, para o objeto/conceito “bolsa”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: **bruaca, mala de couro, cassuá, jacá encourado, surrão, persuero/persuelo, gibão, bolsa e mochila/sacola**. Foram usadas com maior frequência as lexias “bruaca” e “persuero/persuelo”.

Na questão 57: ... *a peça de madeira que vai no pescoço do boi, para puxar o carro ou o arado?*, para o objeto/conceito “canga”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: **canga, manjarra, galheira/guaieira, cangalha e jugo**. Foram usadas com maior frequência as lexias “canga” e “cangalha”.

Na questão 58: ... *a cria da ovelha logo que nasce?*, para o objeto/conceito “borrego”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: **borrego/burrego, terneiro, filhote de**

ovelha, cordeiro/cordeirinho, carneiro, ovelhinha e bequinho. Foram usadas com maior frequência as lexias: “cordeiro/cordeirinho” e “carneiro”.

Na questão 59: ... *a cria da ovelha quando vai crescendo?*, para o objeto/conceito “cordeiro”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: *marrã, ovelha/ovelhinha, cordeiro, beco e carneiro/carneirinho*. Foram usadas com maior frequência as lexias “cordeiro/cordeirinho” e “carneiro”.

Na questão 60: ... *a fêmea de um animal que está prestes a / nos dias de criar?*, para o objeto/conceito “fêmea que está para criar”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: *polda, amojada/mojada, nos dias de parir, está chegadoinha, prenha, coberta, nos dia de dar cria e enxertada*. Foram usadas com maior frequência as lexias “amojada/mojada” e “enxertada”.

Na questão 61: *Como se diz quando a fêmea de um animal perde a cria?*, para o objeto/conceito “perda da cria”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: *perdeu a cria, moveu a cria, botou a cria fora, não vingou, está vazia, jogou a cria fora e abortou a cria*. Foram usadas com maior frequência as lexias “perdeu a cria” e “jogou a cria fora”.

Na questão 62: ... *a égua quando está velha?*, para o objeto/conceito “égua velha”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: *égua velha, biroba, matunga, erada e pangaré*. Foram usadas com maior frequência as lexias “égua velha” e “matunga”.

Na questão 63: ... *homem que é contratado para trabalhar na roça de outro?*, para o objeto/conceito “trabalhador de enxada em roça alheia”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: *trabalhador, peão/piã, diarista, arrendatário, empregado, bóia fria, meeiro e camarada*. Foram usadas com maior frequência as lexias “peão/pião” e “boia-fria”.

Na questão 64: *O que é que se abre com o machado, o facão, a foice para passar por um mato fechado?*, para o objeto/conceito “picada”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: *trilho, trio, trieiro, trilha, carreiro, vereda, caminho, pique/picada/picadão e carreador*. Foram usadas com maior frequência as lexias “trilho!”, “trio” e “carreiro”.

Na questão 65: ... *o caminho, no pasto, onde não cresce mais grama, de tanto o animal ou o homem passarem por ali?*, para o objeto/conceito “trilho”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: *picada, vereda, caminho, trio, carreador, trilha, trieiro, picadão, pique e carreiro*. Foram usadas com maior frequência as lexias “picada”, “carreador” e “trilha”.

6.1.6 Descrição do campo semântico fauna

O *campo semântico fauna* é composto por 26 perguntas/questões (66 a 91), sendo que cada uma tem um objeto/conceito (*urubu, colibri, joão-de-barro, galinha d'angola, papagaio, sura, cotó, gambá, patas dianteiras do cavalo, crina do pescoço, crina da cauda, lombo, anca, chifre, um só chifre, cabra sem chifre, boi sem chifre, úbere, rabo, manco, mosca varejeira, sanguessuga, libélula, bicho da fruta, coró e pernilongo*).

QUADRO 018 – Objeto, questões, respostas, frequência absoluta e frequência relativa.
Campo semântico: fauna.

N.	OBJETO	QUESTÕES	RESPOSTAS	FR. ABS	FR/REL %	FR/REL
66	URUBU	Como se chama a ave preta que come animal morto, podre?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>urubu</i> • <i>corvo</i> • <i>abutre</i> 	72 52 02	58 41 01	0,58 0,41 0,01
67	COLIBRI	Como se chama o passarinho bem pequeno, que bate muito rápido as asas, tem o bico fino e comprido e voa de flor em flor?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>beija-flor</i> • <i>cuitelo/cuitelinho</i> • <i>colibri</i> 	72 32 12	60 27 10	0,60 0,27 0,10
68	JOÃO-DE – BARRO	Como se chama a ave que faz o ninho com a terra, nos postes, nas árvores e até nos cantos das casas?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>joão-de-barro</i> • <i>barreiro/barreirinho</i> 	72 12	85 14	0,85 0,14
69	GALINHA – D'ANGOLA	Como se chama a ave de criação parecida com a galinha, de penas pretas com pintinhas brancas?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>galinha d'angola</i> • <i>angolista</i> • <i>angola</i> • <i>guiné</i> • <i>cocá</i> • <i>tô fraca</i> • <i>capote</i> 	72 64 64 16 16 28 08	26 23 23 05 05 10 02	0,26 0,23 0,23 0,05 0,05 0,10 0,02
70	PAPAGAIO	Como se chama a ave do mato, de bico curvo e penas coloridas: quando presa, aprende a falar?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>papagaio</i> • <i>arara</i> • <i>louro/loro</i> • <i>rico</i> 	72 08 32 12	46 05 20 07	0,46 0,05 0,20 0,07
71	SURA	Como se chama a galinha sem rabo?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>surú</i> • <i>sura</i> • <i>pitoca</i> • <i>suruca</i> • <i>rabicó</i> • <i>anambu</i> • <i>cotoca</i> 	08 72 24 08 12 12 08	05 50 16 05 08 08 05	0,05 0,50 0,16 0,05 0,08 0,08 0,05
72	COTÓ	Como se chama um cachorro de rabo cortado?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>bicó</i> • <i>pitoco</i> • <i>rabicó</i> • <i>cotó</i> 	08 72 12 20	07 64 10 17	0,07 0,64 0,10 0,17
73	GAMBÁ	Como se chama o bicho que carrega os filhotes numa bolsa que tem na barriga e solta um cheiro muito ruim?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>mucura</i> • <i>raposa</i> • <i>gambá</i> 	08 44 72	06 35 58	0,06 0,35 0,58

74	PATAS DIANTEIRAS DO CAVALO	Como se chama as patas dianteiras do cavalo?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>mãos do cavalo</i> • <i>patas da frente</i> • <i>casco</i> • <i>patas</i> • <i>patas dianteiras</i> 	72 28 08 72 44	32 12 03 32 19	0,32 0,12 0,03 0,32 0,19
75	CRINA DO PESCOÇO	Como se chama o cabelo em cima do pescoço do cavalo?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>quilina</i> • <i>crina</i> 	16 72	18 81	0,18 0,81
76	CRINA DA CAUDA	Como se chama o cabelo comprido na traseira do cavalo?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>rabo</i> • <i>bandeira do rabo</i> • <i>cola</i> • <i>cauda</i> • <i>cedem</i> 	91 20 12 12 12	61 13 08 08 08	0,61 0,13 0,08 0,08 0,08
77	LOMBO	Como se chama a parte do cavalo onde vai a cela?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>costa</i> • <i>lombo</i> • <i>costado cavalo</i> • <i>espinhaço</i> • <i>cadeiras</i> 	08 72 20 12 12	06 58 16 09 09	0,06 0,58 0,16 0,09 0,09
78	ANCA	Como se chama a parte larga do cavalo atrás do lombo?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>garupa</i> • <i>anca</i> • <i>quartos</i> • <i>traseiro</i> • <i>popa</i> 	48 52 20 12 08	34 37 14 08 05	0,34 0,37 0,14 0,08 0,05
79	CHIFRE	Como se chama aquilo que o boi tem na cabeça?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>guampa</i> • <i>chifre</i> • <i>aspas</i> 	24 72 24	20 60 20	0,20 0,60 0,20
80	UM SÓ CHIFRE	Como se chama o animal que tem um só chifre, porque o outro não nasceu ou quebrou?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>mocho</i> • <i>chileno</i> • <i>meio mocho</i> • <i>troncho</i> • <i>unicórnio</i> • <i>corneto</i> • <i>gaieiro</i> 	40 24 32 52 12 20 04	22 13 17 28 06 11 02	0,22 0,13 0,17 0,28 0,06 0,11 0,02
81	CABRA SEM CHIFRE	Como se chama a cabra sem chifre?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>mocha</i> • <i>sem chifres</i> 	72 72	50 50	0,50 0,50
82	BOI SEM CHIFRE	Como se chama um boi sem chifre?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>mocho</i> • <i>sem chifres</i> • <i>sem guampas</i> 	72 72 12	46 46 07	0,46 0,46 0,07
83	ÚBERE	Como se chama a parte da vaca onde fica o leite?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>ubre</i> • <i>ubere</i> • <i>ubra</i> • <i>ubro</i> • <i>tetas</i> 	72 72 44 20 24	31 31 18 08 12	0,31 0,31 0,18 0,08 0,12
84	RABO	Como se chama a parte que o boi espanta as moscas?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>rabo</i> • <i>cauda</i> • <i>cola</i> • <i>rabada</i> • <i>cabo</i> 	72 20 24 20 04	52 14 17 14 01	0,52 0,14 0,17 0,14 0,01
85	MANCO	Como se chama o animal que tem uma perna mais curta que a outra e que puxa de uma perna?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>manco</i> • <i>espaduado</i> • <i>coxo</i> • <i>coxoló</i> • <i>rengo</i> • <i>mancolo</i> • <i>nafu</i> • <i>aleijado</i> • <i>manquetola</i> 	72 08 28 08 24 08 08 08 08	43 04 17 04 14 04 04 04 04	0,43 0,04 0,17 0,04 0,14 0,04 0,04 0,04 0,04

86	MOSCA VAREJEIRA	Como se chama um tipo de mosca, esverdeada, que faz um barulho quando voa?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>mosca varejeira</i> • <i>bironha</i> • <i>mosca bicheira</i> • <i>mosca berneira</i> • <i>mosca varejenta</i> • <i>musquitona</i> • <i>mutucão</i> • <i>varejeirão</i> 	72 48 08 08 12 08 04 04	46 30 05 05 07 05 02 02	0,46 0,30 0,05 0,05 0,07 0,05 0,02 0,02
87	SANGUESSUGA	Como se chama um bichinho que se gruda nas pernas das pessoas, quando elas entram num banhado ou córrego?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>sanguessuga</i> • <i>chamichuga</i> • <i>chamichunga</i> • <i>sambichuga</i> • <i>suga sangue</i> • <i>verme da água</i> • <i>samessunga</i> 	72 28 12 24 12 20 04	42 16 07 12 07 11 02	0,42 0,16 0,07 0,12 0,07 0,11 0,02
88	LIBÉLULA	Como se chama aquele inseto de corpo comprido e fino, com quatro asas bem transparentes, que voa e bate a parte traseira n'água?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>libélula/libela/libel</i> • <i>vence água</i> • <i>lava bunda</i> • <i>cambito</i> • <i>cavalo de asa</i> • <i>bituca</i> • <i>cigarra</i> • <i>lava cú</i> • <i>catirina</i> • <i>helicóptero</i> • <i>macaquinho</i> 	72 12 72 40 08 12 12 08 08 04 04	29 04 29 16 03 04 04 03 03 01 01	0,29 0,04 0,29 0,16 0,03 0,04 0,04 0,03 0,03 0,01 0,01
89	BICHO DA FRUTA	Como se chama aquele bichinho branco, enrugadinho, que dá nas frutas?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>bicho/bichinho</i> • <i>bigolô</i> • <i>bongo</i> • <i>coruncho</i> • <i>ruga/ruguinha</i> • <i>bigato</i> • <i>coró</i> • <i>congo</i> • <i>broca</i> 	72 08 08 12 24 32 20 08 12	36 04 04 06 12 16 10 04 06	0,36 0,04 0,04 0,06 0,12 0,16 0,10 0,04 0,06
90	CORO	Como se chama aquele bicho, branquinho, que dá em esterco, em pau podre?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>bicho</i> • <i>besouro/bizorro</i> • <i>goró</i> • <i>coró</i> • <i>mandorová</i> • <i>bigato</i> • <i>tapuru</i> • <i>gongolô</i> • <i>bicho de pau podre</i> • <i>minhocão</i> 	60 20 12 32 12 20 08 08 04 02	34 11 06 18 06 11 04 04 02 01	0,34 0,11 0,06 0,18 0,06 0,11 0,04 0,04 0,02 0,01
91	PERNILONGO	Como se chama aquele inseto pequeno, de perninhas compridas, que cantam no ouvido das pessoas, de noite?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>muriçoca</i> • <i>pernilongo</i> • <i>mosquito</i> • <i>pernelongo</i> • <i>carapanã</i> 	48 72 12 12 08	31 47 07 07 05	0,31 0,47 0,07 0,07 0,05

Na questão 66: ... *a ave preta que come animal morto, podre?*, para o objeto/conceito “urubu”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: *urubu, corvo e abutre*. As variantes mais usadas pelos falantes da região foram as lexias “urubu” e “corvo”.

Como resposta à questão 67: ... *o passarinho bem pequeno, que bate muito rápido as asas, tem o bico comprido e voa de flor em flor?*, para o objeto/conceito “colibri”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: *beija-flor, cuitelo/cuitelinho e colibri*.

As variantes mais usadas pelos falantes da região foram as lexias “beija-flor” e “cuitelo/cuitelinho”.

Em resposta à questão 68: ... *a ave que faz o ninho com terra, nos postes, nas árvores e até nos cantos da casa...* *a ave que faz o ninho com terra, nos postes, nas árvores e até nos cantos da casa*?, para o objeto/conceito “joão-de-barro”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: **joão-de-barro e barreiro/barreirinho**. As variantes mais usadas pelos falantes da região foram as lexias “joão-de-barro” e “barreiro”.

Na questão 69: ... *ave de criação parecida com a galinha, de penas pretas com pintinhas brancas?*, para o objeto/conceito “galinha d’angola”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: **galinha d’angola, angolista, angola, guiné, cocá, tô fraca, capote**. As variantes mais usadas pelos falantes da região foram as lexias “galinha d’angola”, “angola” e “angolista”.

Na questão 70: ... *a ave do mato, de bico curvo e penas coloridas; quando presa, pode aprender a falar?*, para o objeto/conceito “papagaio”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: **papagaio, arara, louro/loro e rico**. As variantes mais usadas pelos falantes da região foram as lexias “papagaio” e “louro/loro”.

Como resposta à questão 71: ... *uma galinha sem rabo?*, para o objeto/conceito “sura”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: **surú, sura, pitoca, suruca, rabricó, anambu e cotoca**. As variantes mais usadas pelos falantes da região foram as lexias “sura” e “pitoca”.

Em resposta à questão 72: ... *um cachorro de rabo cortado?*, para o objeto/conceito “cotó”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: **bicó, pitoco, rabricó e cotó**. As variantes mais usadas pelos falantes da região foram as lexias “pitoco” e “cotó”.

Na questão 73: ... *o bicho que carrega os filhotes numa bolsa que tem na barriga e solta um cheiro muito ruim?*, para o objeto/conceito “gambá”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: **mucura, raposa e gambá**. As variantes mais usadas pelos falantes da região foram as lexias “raposa” e “gambá”.

Em resposta à questão 74: ... *as patas dianteiras do cavalo?*, para o objeto/conceito “patas dianteiras do cavalo”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: **mãos do cavalo, patas da frente, casco, patas e patas dianteiras**. As variantes mais usadas pelos falantes da região foram as lexias “mãos do cavalo” e “patas”.

Como resposta à questão 75: ... *o cabelo em cima do pescoço do cavalo?*, para o objeto/conceito “crina do pescoço”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias:

quilina e crina. As variantes mais usadas pelos falantes da região foram as lexias “crina” e “quilina”.

Na questão 76: ... *o cabelo comprido na traseira do cavalo?*, para o objeto/conceito “crina da cauda”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: **rabo, bandeira do rabo, cola, cauda e cedem.** As variantes mais usadas pelos falantes da região foram as lexias “rabo” e “bandeira do rabo”.

Em resposta à questão 77: ... *aparte do cavalo onde vai a sela?*, para o objeto/conceito “lombo”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: **costa, lombo, costado cavalo, espinhaço e cadeiras.** As variantes mais usadas pelos falantes da região foram as lexias “lombo” e “costado”.

Como resposta à questão 78: ... *aparte larga atrás do _____(cf. item 77)?*, para o objeto/conceito “anca”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: **garupa, anca, quartos, traseiro e popa.** As variantes mais usadas pelos falantes da região foram as lexias “anca” e “garupa”.

Em resposta à questão 79: *O que o boi tem na cabeça?*, para o objeto/conceito “chifre”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: **guampa, chifre e aspas.** As variantes mais usadas pelos falantes da região foram as lexias “chifres” e “guampa”.

Na questão 80: ... *o animal que tem um só _____(cf. item 79) porque o outro não nasceu?*, para o objeto/conceito “um só chifre”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: **mocho, chileno, meio mocho, troncho, unicórnio, corneto e gaieiro.** As variantes mais usadas pelos falantes da região foram as lexias: “troncho”, “mocho” e “meio mocho”.

Na questão 81: ... *o boi sem _____(cf. item 79)?*, para o objeto/conceito “cabra sem chifres”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: **mocha e sem chifres.** As variantes, com maior frequência, as mais usadas pelos falantes da região foram as lexias: “mocha” e “sem chifres”.

Como resposta à questão 82: ... *o boi sem _____(cf. item 79)?*, para o objeto/conceito “boi sem chifres”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: **mocho, sem chifres e sem guampas.** As variantes mais usadas pelos falantes da região foram as lexias: “mocho” e “sem chifres”.

Em resposta à questão 83: ... *a parte da vaca onde fica o leite?*, para o objeto/conceito “úbere”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: **ubre, ubere, ubra, ubro e tetas.** As variantes mais usadas pelos falantes da região foram as lexias: “ubre”, “úbere” e “ubra”.

Na questão 84: ... *a parte com que o boi espanta as moscas?*, para o objeto/conceito “rabo”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: **rabo, cauda, cola, rabada e cabo**. As variantes, com maior frequência, as mais usadas pelos falantes da região foram as lexias: “rabo” e “cola”.

Em resposta à questão 85: ... *o animal que tem uma perna mais curta e que puxa uma perna?*, para o objeto/conceito “manco”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: **manco, espaduado, coxo, coxoló, rengo, mancolo, nafu, alejado e manquetola**. As variantes, com maior frequência, as mais usadas pelos falantes da região foram as lexias: “manco”, “coxo” e “rengo”.

Como resposta à questão 86: ... *um tipo de mosca grande, esverdeada, que faz um barulhão quando voa?*, para o objeto/conceito “mosca varejeira”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: **mosca varejeira, bironha, mosca bicheira, mosca berneira, mosca varejenta, musquitona, mutucão e varejeirão**. As variantes mais usadas pelos falantes da região foram as lexias “mosca varejeira” e “bironha”.

Na questão 87: ... *um bichinho que se gruda nas pernas das pessoas quando elas entram num banhado ou córrego (cf. item 1)?*, para o objeto/conceito “sanguessuga”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: **sanguessuga, chamichuga, chamichunga, sambichuga, suga sangue, verme da água e samessunga**. As variantes, com maior frequência, as mais usadas pelos falantes da região foram as lexias “sanguessuga” e “chamichuga”.

Como resposta à questão 88: ... *o inseto de corpo comprido e fino, com quatro asas bem transparentes, que voa e a parte traseira na água?*, para o objeto/conceito “libélula”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: **libélula/libela/libel, vence água, lava bunda, cambito, cavalo de asa, bituca, cigarra, lava cú, catirina, helicóptero e macaquinho**. As variantes mais usadas pelos falantes da região foram as lexias “libélula”, “lava bunda” e “cambito”..

Na questão 89: ... *aquele bichinho branco, enroladinho, que dá em goiaba, em coco?*, para o objeto/conceito “bicho da fruta”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: **bicho/bichinho, bigolô, bongo, coruncho, ruga/ruguinha, bigato, coró, congo e broca**. As variantes com maior frequência, as mais usadas pelos falantes da região foram as lexias “bicho/bichinho” e “bigato”.

Em resposta à questão 90: ... *aquele bicho que dá em esterco, em pau podre?*, para o objeto/conceito “coró”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: **bicho, besouro/bizorro, goró, coró, mandorová, bigato, tapuru, gongolo, bicho de pau podre e**

minhocão. As variantes com maior frequência, as mais usadas pelos falantes da região foram as lexias “bicho” e “coró”.

Como resposta à questão 91: ... *aquele inseto pequeno, de perninhas compridas, que canta no ouvido das pessoas, de noite? (Imitar o zumbido)*, para o objeto/conceito “pernilongo”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: **muriçoca**, **pernilongo**, **mosquito**, **pernilongo e carapanã**. As variantes, com maior frequência, as mais usadas pelos falantes da região foram as lexias “pernilongo” e “muriçoca”.

6.1.7 Descrição do campo semântico corpo humano

O campo semântico *corpo humano* é composto por 32 perguntas/questões (92 a 123), sendo que cada uma tem um objeto/conceito (*pálpebras, nuca, pomo-de-adão, clavícula, seios, útero, calcanhar, tornozelo, rótula, cócegas, dentes caninos, dentes do siso, dentes molares, desdentado, fanhoso, cisco, cego de um olho, vesgo, míope, terçol, conjuntivite, catarata, soluço, meleca, corcunda, canhoto, perneta, manco, pessoas de pernas arqueadas, axila, cheiro nas axilas e vomitar*).

QUADRO 019 – Objeto, questões, respostas, frequência absoluta e frequência relativa.

Campo semântico: corpo humano.

N.	OBJETO	QUESTÕES	RESPOSTAS	FR. ABS	FR/REL %	FR/REL
92	PÁLPEBRAS	Como se chama essa parte que cobre o olho?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>pálpebras</i> • <i>capa do olho</i> • <i>pestanas</i> • <i>capela do olho/zóio/oio</i> • <i>membrana</i> • <i>pálpelas</i> 	72 40 72 64 08 04	28 15 28 64 03 01	0,28 0,15 0,28 0,64 0,03 0,01
93	NUCA	Como se chama esta parte atrás da cabeça?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>nuca</i> • <i>cuca</i> • <i>cabeça</i> • <i>cachaço</i> • <i>cangote</i> • <i>coco</i> • <i>cuia</i> 	72 72 72 08 24 12 12	26 26 26 02 08 04 04	0,26 0,26 0,26 0,02 0,08 0,04 0,04

94	POMO- DE-ADÃO	Como se chama essa parte alta no pescoço do homem?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>nó/nó do homem</i> • <i>gogó</i> • <i>pomo de adão</i> • <i>goela</i> • <i>gregório</i> • <i>papo</i> • <i>maçã</i> • <i>adão</i> • <i>garganta</i> • <i>papinha</i> • <i>papada</i> 	40 72 44 44 20 08 12 12 44 02 02	13 24 14 14 06 02 04 04 14 - -	0,13 0,24 0,14 0,14 0,06 0,02 0,04 0,04 0,14 - -
95	CLAVÍCULA	Como se chama este osso que vai do pescoço até o ombro?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>cantareira</i> • <i>alcatra</i> • <i>clavícula/cravícula</i> • <i>osso do ombro</i> • <i>cacunda</i> 	08 08 72 08 02	08 08 75 08 02	0,08 0,08 0,75 0,08 0,02
96	SEIOS	Como se chama a parte do corpo da mulher com que ela amamenta o filho?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>seios</i> • <i>peito</i> • <i>mamas</i> • <i>tetas</i> • <i>maminha</i> 	72 72 64 44 02	28 28 25 17 -	0,28 0,28 0,25 0,17 -
97	ÚTERO	Como se chama a parte do corpo da mulher onde fica o nenê / bebê antes de nascer?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>barriga</i> • <i>bucho</i> • <i>útero</i> • <i>utro</i> • <i>mãe do corpo</i> • <i>utre</i> 	40 08 72 72 08 03	20 04 36 36 04 01	0,20 0,04 0,36 0,36 0,04 0,01
98	CALCANHAR	Como se chama esta parte atrás do pé?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>calcanhar/caucanhar</i> • <i>garrão</i> • <i>carganho</i> 	72 44 20	52 32 14	0,52 0,32 0,14
99	TORNOZELO	Como se chama esses dois carocinhos, um de cada lado do pé?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>tornozelo/tonozelo</i> • <i>osso gostoso</i> • <i>mocotó</i> • <i>junta</i> 	72 08 08 32	60 06 06 26	0,60 0,06 0,06 0,26
100	RÓTULA	Como se chama o osso redondo que fica na frente do joelho?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>pataca/patacão</i> • <i>bolacha do joelho</i> • <i>rótula</i> • <i>chapinha</i> • <i>chapeleta</i> • <i>corpeta</i> • <i>joelho</i> • <i>tampa</i> • <i>osso da saudade</i> 	52 52 44 12 12 12 32 12 04	23 23 17 05 05 05 14 05 01	0,23 0,23 0,17 0,05 0,05 0,05 0,14 0,05 0,01
101	CÓCEGAS	Que sente uma criança quando se passa o dedo na sola do pé?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>cósca</i> • <i>cócegas</i> 	72 72	50 50	0,50 0,50
102	DENTES CANINOS	Como se chama esses dentes pontudos que temos em cada lado da boca, tanto na parte superior quanto na parte inferior?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>presas</i> • <i>caninos</i> • <i>dentes da frente</i> 	72 32 04	69 30 01	0,69 0,30 0,01
103	DENTES DO SISO	Como se chamam os últimos dentes, que nascem quando a pessoa já é adulta?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>dente quero</i> • <i>dente siso</i> • <i>dente do juízo</i> • <i>dente de trás</i> 	08 72 64 08	05 48 42 05	0,05 0,48 0,42 0,05
104	DENTES MOLARES	Como se chamam esses dentes grandes no fundo da boca, vizinhos aos dentes do siso?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>dente queixal</i> • <i>dente queixado</i> • <i>dente chato</i> • <i>dentes molares</i> • <i>dente pilão</i> • <i>dente maxilar</i> 	72 40 40 64 20 12	29 16 16 25 08 04	0,29 0,16 0,16 0,25 0,08 0,04

105	DESDENTADO	Como se chama a pessoa que não tem dentes?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>boca murcha</i> • <i>banguela/o</i> • <i>desdentado</i> 	08 72 72	05 47 47	0,05 0,47 0,47
106	FANHOSO	Como se chama a pessoa que parece falar pelo nariz?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>foem</i> • <i>fonhem</i> • <i>fanhoso</i> • <i>fala fanho</i> • <i>fanho</i> • <i>gago</i> 	08 08 72 20 72 12	04 04 37 10 36 06	0,04 0,04 0,37 0,10 0,36 0,06
107	CISCO	Como se chama alguma coisinha que cai no olho e fica incomodando?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>cisco</i> • <i>basculho</i> • <i>sujeira</i> • <i>arqueiro</i> 	72 08 12 12	68 07 11 11	0,68 0,07 0,11 0,11
108	CEGO DE UM OLHO	Como se chama a pessoa que tem só um olho?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>piloto</i> • <i>caolho/caoio</i> • <i>cego de uma vista</i> • <i>cego de um olho</i> • <i>zarolho/zaroio</i> • <i>meio cego</i> 	08 64 24 72 52 12	03 27 10 31 22 05	0,03 0,27 0,10 0,31 0,22 0,05
109	VESGO	Como se chama a pessoa que tem os olhos olhando em direções diferentes?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>zarolho/zaroio</i> • <i>zanoi</i> • <i>caolho</i> • <i>vesgo</i> • <i>olho torto</i> 	40 08 12 64 04	32 06 09 51 02	0,32 0,06 0,09 0,51 0,02
110	MÍOPE	Como se chama a pessoa que não enxerga longe e tem que usar óculos?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>míope</i> • <i>vista curta</i> • <i>fraco das vista</i> • <i>vista fraca</i> • <i>pouca visão</i> • <i>curto da vista</i> • <i>problema de vista</i> 	12 28 32 40 12 12 12	08 18 21 27 08 08 08	0,08 0,18 0,21 0,27 0,08 0,08 0,08
111	TERÇOL	Como se chama aquela bolinha que nasce na pálpebra, fica vermelha e incha?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>terçol</i> • <i>treçol</i> • <i>três sol</i> • <i>entre sol</i> • <i>viúva/viuvinha</i> • <i>viúvo</i> • <i>verruga/berruga</i> 	72 40 48 24 44 12 04	30 16 20 10 18 05 01	0,30 0,16 0,20 0,10 0,18 0,05 0,01
112	CONJUNTIVITE	Como se chama a inflamação no olho que faz com que o olho fique vermelho e amanheça inchado?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>conjuntivite</i> • <i>dor d'olho/ dordolho</i> • <i>sapatão</i> • <i>dor d'ói</i> • <i>dor de vista</i> • <i>bonitinha</i> • <i>remela</i> 	64 56 08 40 32 08 08	29 25 03 18 14 03 03	0,29 0,25 0,03 0,18 0,14 0,03 0,03
113	CATARATA	Como se chama aquela pele branca no olho que dá em gente velha?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>catarata</i> 	72	100	1,00
114	SOLUÇO	Como se chama aquele barulhinho que faz quando se toma algo gelado ou come algo seco?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>saluçõ</i> • <i>soluçõ</i> • <i>xoxoque</i> • <i>tremedeira</i> 	48 72 20 04	34 51 14 02	0,34 0,51 0,14 0,02
115	MELECA	Como se chama a sujeirinha dura que se tira do nariz com o dedo?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>meleca</i> • <i>catarata</i> • <i>tatu</i> • <i>remela</i> • <i>catarro</i> • <i>ranho</i> • <i>caca</i> • <i>caraca</i> 	56 08 56 20 32 32 08 08	20 02 20 07 11 11 02 02	0,20 0,02 0,20 0,07 0,11 0,11 0,02 0,02

116	CORCUNDA	Como se chama a pessoa que tem um calombo grande nas costas?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>cacundo</i> • <i>curvado</i> • <i>corcundo</i> • <i>arcado</i> 	72 08 72 12	43 04 43 07	0,43 0,04 0,43 0,07
117	CANHOTO	Como se chama a pessoa que come com a mão esquerda, faz tudo com essa mão?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>canhoto</i> • <i>esquerdo</i> • <i>contra deus</i> • <i>canhoteiro</i> 	72 52 12 40	40 29 06 22	0,40 0,29 0,06 0,22
118	PERNETA	Como se chama a pessoa que não tem uma perna?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>aleijado</i> • <i>coxo</i> • <i>coxoló</i> • <i>perнета</i> • <i>manco</i> • <i>deficiente</i> • <i>mancola</i> 	72 20 08 36 20 44 08	34 09 03 17 09 21 03	0,34 0,09 0,03 0,17 0,09 0,21 0,03
119	MANCO	Como se chama a pessoa que puxa de uma perna?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>aleijado</i> • <i>manco</i> • <i>puxa de uma perna</i> • <i>rengo</i> • <i>manquetola</i> • <i>coxo</i> • <i>capenga</i> 	27 72 20 44 32 40 12	10 29 08 17 12 16 04	0,10 0,29 0,08 0,17 0,12 0,16 0,04
120	PESSOAS DE PERNAS ARQUEADAS	Como se chama a pessoa de pernas curvas para os lados?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>cambota</i> • <i>zambeta</i> • <i>curvado</i> • <i>perna torta</i> • <i>cambaia</i> • <i>garrincha</i> • <i>gravem</i> • <i>gambota</i> • <i>pernas arqueadas</i> • <i>pernas arcadas</i> • <i>cambalhota</i> 	64 08 08 64 28 12 08 12 12 04 02	29 03 03 29 12 05 03 05 05 01 -	0,29 0,03 0,03 0,29 0,12 0,05 0,03 0,05 0,05 0,01 -
121	AXILA	Como se chama essa parte embaixo do braço?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>axila</i> • <i>sovaco</i> • <i>asa</i> • <i>sobaco</i> 	72 64 20 52	34 30 09 25	0,34 0,30 0,09 0,25
122	CHEIRO NAS AXILAS	Como se chama o mau cheiro embaixo dos braços?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>sovaqueira/subaqueira</i> • <i>gambá</i> • <i>asa forte</i> • <i>suor forte</i> • <i>cece</i> • <i>catínga</i> • <i>odor</i> • <i>fedor</i> • <i>sovaco</i> 	20 08 44 20 64 28 12 12 72	07 02 15 07 22 10 04 04 25	0,07 0,02 0,15 0,07 0,22 0,10 0,04 0,04 0,25
123	VOMITAR	Se uma pessoa come muito e se sente que vai pôr ou botar tudo para fora o que comeu, se diz que vai o quê?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>vomitar</i> • <i>gomitar</i> • <i>lançar</i> • <i>baldiar</i> • <i>revirar</i> • <i>botar para fora</i> 	72 42 40 08 12 12	38 22 21 04 06 06	0,38 0,22 0,21 0,04 0,06 0,06

Na questão 92: ... *esta parte que cobre o olho?* (*Apontar*), para o objeto/conceito “pálpebras”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: *pálpebras, capa do olho, pestanas, capela do olho/zóio/oio, membrana e pálpelas*. As variantes mais usadas pelos falantes da região foram as lexias “pálpebras”, “pestanas” e “capela do olho”.

Como resposta à questão 93: ... *isto?* (*Apontar*), para o objeto/conceito “nuca”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: ***nuca, cuca, cabeça, cachaço, cangote, coco e cuia***. As variantes mais usadas pelos falantes da região foram as lexias “nuca”, “cuca” e “cabeça”.

Em resposta à questão 94: ... *esta parte alta do pescoço do homem?*, para o objeto/conceito “pomo-de-adão”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: ***nó/nó do homem, gogó, pomo de adão, golea, gregório, papo, maçã, adão, garganta, papinha e papada***. As variantes mais usadas pelos falantes da região foram as lexias “gogó”, “pomo-de-adão” e “goela”.

Na questão 95: ... *o osso que vai do pescoço até o ombro?* (*Apontar*), para o objeto/conceito “clavícula”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: ***cantareira, alcatra, clavícula/cravícula, osso do ombro e cacunda***. As variantes mais usadas pelos falantes da região foram as lexias: “clavícula” e “cantareira”.

Como resposta à questão 96: ... *a parte do corpo da mulher com que ela amamenta os filhos?*, para o objeto/conceito “seios”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: ***seios, peito, mamas, tetas e maminha***. As variantes mais usadas pelos falantes da região foram as lexias “seios”, “peito” e “mamas”.

Na questão 97: ... *parte do corpo da mãe onde fica o nenê/bebê antes de nascer?*, para o objeto/conceito “útero”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: ***barriga, bucho, útero, utro, mãe do corpo e utre***. As variantes mais usadas pelos falantes da região foram as lexias “útero”, “utro” e “barriga”.

Em resposta à questão 98: ... *isto?* (*apontar*), para o objeto/conceito “calcanhar”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: ***calcanhar/caucanhar, garrão e carginho***. As variantes mais usadas pelos falantes da região foram as lexias “calcanhar” e “garrão”.

Como resposta à questão 99: ... *isto?* (*Apontar*), para o objeto/conceito “tornozelo”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: ***tornozelo/tonozelo, osso gostoso, mocotó e junta***. As variantes mais usadas pelos falantes da região foram as lexias “tornozelo/tonozelo” e “junta”.

Em resposta à questão 100: ... *o osso redondo que fica na frente do joelho?*, para o objeto/conceito “rótula”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: ***pataca/patacão, bolacha do joelho, rótula, chapinha, chapeleta, corpeta, joelho, tampa e osso da saudade***. As variantes mais usadas pelos falantes da região foram as lexias “pataca”, “bolacha” e “rótula”.

Como resposta à questão 101: *Que sente uma criança quando se passa o dedo na sola do pé? (Mímica)*, para o objeto/conceito “cócegas”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: **cósca e cócegas**. As variantes mais usadas pelos falantes da região foram as lexias “cócegas” e “cósca”.

Na questão 102: ... *esses dois dentes pontudos? (Apontar)*, para o objeto/conceito “dentes caninos”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: **presas, caninos, dentes da frente**. As variantes mais usadas pelos falantes da região foram as lexias “presas” e “caninos”.

Em resposta à questão 103: ... *os últimos dentes, que nascem quando a pessoa já é adulta?*, para o objeto/conceito “dentes do siso”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: **dente quero, dente siso, dente do juízo e dente de trás**. As variantes mais usadas pelos falantes da região foram as lexias “dente siso” e “dente do juízo”.

Como resposta à questão 104: ... *esses dentes grandes no fundo da boca, vizinhos dos _____ (cf. item 103)? (Apontar)*, para o objeto/conceito “dentes molares”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: **dente queixal, dente queixado, dente chato, dentes molares, dente pilão e dente maxilar**. As variantes mais usadas pelos falantes da região foram as lexias “dente queixal” e “dentes molares”.

Na questão 105: ... *a pessoa que não tem dentes?*, para o objeto/conceito “desdentado”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: **boca murcha, banguela/o e desdentado**. As variantes com maior frequência, as mais usadas pelos falantes da região foram as lexias “desdentado” e “banguelo”.

Em resposta à questão 106: ... *a pessoa que parece falar pelo nariz? (Imitar)*, para o objeto/conceito “fanhoso”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: **foem, fonhem, fanhoso, fala fanho, fanho e gago**. As variantes mais usadas pelos falantes da região foram as lexias “fanhoso” e “fanho”.

Como resposta à questão 107: ... *alguma coisinha que cai no olho e fica incomodando?*, para o objeto/conceito “cisco”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: **cisco, basculho, sujeira e arqueiro**. As variantes mais usadas pelos falantes da região foram as lexias “cisco” e “sujeira”.

Na questão 108: ... *a pessoa que tem só um olho?*, para o objeto/conceito “cego de um olho”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: **piloto, caolho/caoio, cego de uma vista, cego de um olho, zarolho/zaroio e meio cego**. As variantes mais usadas pelos falantes da região foram as lexias “cego de um olho”, “caolho/caoio” e “zarolho/zaroio”.

Em resposta à questão 109: ... *a pessoa que tem os olhos olhando em direções diferentes? (Completar com um gesto dos dedos)*, para o objeto/conceito “vesgo”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: **zarolho/zaroio, zanoio, caolho, vesgo e olho torto**. As variantes com maior frequência, as mais usadas pelos falantes da região foram as lexias “vesgo” e “zarolho/zaroio”.

Como resposta à questão 110: ... *a pessoa que não enxerga longe, e tem que usar óculos?*, para o objeto/conceito “míope”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: **míope, vista curta, fraco das vista, vista fraca, pouca visão, curto da vista e problema de vista**. As variantes com maior frequência, as mais usadas pelos falantes da região foram as lexias “vista fraca”, “fraco das vistas” e “vista curta”.

Na questão 111: ... *a bolinha que nasce na _____ (cf. item 92), fica vermelha e incha?*, para o objeto/conceito “terçol”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: **terçol, treçol, três sol, entre sol, viúva/viuvinha, viúvo e verruga/berruga**. As variantes mais usadas pelos falantes da região foram as lexias “terçol”, “três sol” e “viúva/viuvinha”.

Em resposta à questão 112: ... *a inflamação no olho que faz com que o olho fique vermelho e amanheça grudado?*, para o objeto/conceito “conjuntivite”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: **conjuntivite, dor d’olho/ dordolho, sapatão, dor d’ói, dor de vista, bonitinha e remela**. As variantes mais usadas pelos falantes da região foram as lexias “conjuntivite”, “dord’olho” e “dord’ói”.

Como resposta à questão 113: ... *aquela pele branca no olho que dá em gente velha?*, para o objeto/conceito “catarata”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: **catarata**. Apenas uma variante foi usada pelos falantes da região foi a lexia “catarata”.

Na questão 114: ... *este barulhinho que se faz? (Soluçar)*, para o objeto/conceito “solução”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: **saluço, soluço, xoxoque e tremedeira**. As variantes mais usadas pelos falantes da região foram as lexias “solução” e “saluço”.

Em resposta à questão 115: ... *a sujeirinha dura que se tira do nariz com o dedo?*, para o objeto/conceito “meleca”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: **meleca, catarata, tatu, remela, catarro, ranho, caca e caraca**. As variantes com maior frequência, as mais usadas pelos falantes da região foram as lexias “meleca” e “tatu”.

Como resposta à questão 116: ... *a pessoa que tem um calombo grande nas costas e fica assim? (Mímica)*, para o objeto/conceito “corcunda”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: **cacundo, curvado, corcundo e arcado**. As variantes com maior frequência, as mais usadas pelos falantes da região foram as lexias “coecundo” e “cacundo”.

Em resposta à questão 117: ... *a pessoa que come com a mão esquerda, faz tudo com essa mão?* (*Completar com o gesto*), para o objeto/conceito “canhoto”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: **canhoto, esquerdo, contra deus e canhotoiro**. As variantes como maior frequência, as mais usadas pelos falantes da região foram as lexias “canhoto”, “esquerdo” e “canhotoiro”.

Na questão 118: ... *a pessoa que não tem uma perna?*, para o objeto/conceito “perneta”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: **aleijado, coxo, coxoló, perneta, manco, deficiente e mancola**. As variantes mais usadas pelos falantes da região foram as lexias “aleijado”, “deficiente” e “perneta”.

Como resposta à questão 119: ... *a pessoa que puxa de uma perna?*, para o objeto/conceito “manco”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: **aleijado, manco, puxa de uma perna, rengo, manquetola, coxo e capenga**. As variantes mais usadas pelos falantes da região foram as lexias “manco”, “rengo” e “coxo”.

Na questão 120: ... *a pessoa de pernas curvas para os lados?* (*Mímica*), para o objeto/conceito “pessoas de pernas arqueadas”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: **cambota, zambeta, curvado, perna torta, cambaia, garrincha, gravem, gambota, pernas arqueadas, pernas arcadas e cambalhota**. As variantes com maior frequência, as mais usadas pelos falantes da região foram as lexias “cambota” e “perna torta”.

Em resposta à questão 121: ... *esta parte aqui?* (*Apontar*), para o objeto/conceito “axilas”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: **axila, sovaco, asa e sobaco**. As variantes com maior frequência, as mais usadas pelos falantes da região foram as lexias “axila” e “sovaco”.

Como resposta à questão 122: ... *o mau cheiro embaixo dos braços?*, para o objeto/conceito “cheiro nas axilas”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: **sovaqueira/subaqueira, gambá, asa forte, suor forte, cece, catinga, odor, fedor e sovaco**. As variantes com maior frequência, as mais usadas pelos falantes da região foram as lexias “sovaco”, “cece” e “asa forte”.

Na questão 123: *Se uma pessoa come muito e sente que vai pôr/botar para fora o que comeu, se diz que vai o quê?*, para o objeto/conceito “vomitar”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: **vomitar, gomitar, lançar, baldiar, revirar e botar para fora**. As variantes com maior frequência, as mais usadas pelos falantes da região foram as lexias “vomitar”, “gomitar” e “lançar”.

6.1.8 Descrição do campo semântico cultura e convívio

O campo semântico *cultura e convívio* é composto por 06 perguntas/questões (124 a 129), sendo que cada uma tem um objeto/conceito (*pessoa tagarela, pessoa pouco inteligente, pessoa sovina, mau pagador, assassino pago e posseiro*).

QUADRO 020 – Objeto, questões, respostas, frequência absoluta e frequência relativa.

Campo semântico: cultura e convívio.

N.	OBJETO	QUESTÕES	RESPOSTAS	FR. ABS	FR/REL %	FR/REL
124	PESSOA TAGARELA	Como se chama a pessoa que fala demais?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>conversador</i> • <i>fluxiqueira</i> • <i>linguaruda</i> • <i>fofoqueira</i> • <i>tagarela</i> • <i>faladeira</i> • <i>matraca</i> • <i>boca sem trava</i> • <i>papuda</i> • <i>boca sem tramela</i> • <i>língua de fiapo</i> • <i>comadre</i> • <i>folgadeira</i> • <i>fala demais</i> 	28 08 56 32 72 52 12 12 24 04 04 04 04 04	09 02 18 10 24 17 04 04 08 01 01 01 01 01	0,09 0,02 0,18 0,10 0,24 0,17 0,04 0,04 0,08 0,01 0,01 0,01 0,01 0,01
125	PESSOA POUCO INTELIGENTE	Como se chama a pessoa que tem dificuldade de aprender as coisas?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>cabeçudo</i> • <i>rudo</i> • <i>burro</i> • <i>abestado</i> • <i>retardado</i> • <i>atrasado</i> • <i>tongo</i> • <i>bobo</i> • <i>ideia fraca</i> • <i>fraco de memória</i> • <i>fraqueza mental</i> • <i>falta de memória</i> • <i>ideia ruim</i> • <i>sem ideia</i> • <i>nervo duro</i> • <i>atoa</i> 	20 08 72 08 40 44 20 24 02 02 02 02 02 02 02 02 02	10 02 26 02 14 16 07 08 - - - - - - - -	0,10 0,02 0,26 0,02 0,14 0,16 0,07 0,08 - - - - - - - -
126	PESSOA SOVINA	Como se chama a pessoa que não gosta de gastar o seu dinheiro, às vezes, até passa dificuldades para não gastar?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>econômico</i> • <i>miserável</i> • <i>mão de vaca</i> • <i>mão fechada</i> • <i>canhenga</i> • <i>cainha</i> • <i>pão duro</i> • <i>muquirana</i> • <i>rídico</i> • <i>seguro</i> • <i>mão de burro</i> 	72 32 72 24 08 12 72 20 20 40 04	24 10 24 08 02 04 24 06 06 13 01	0,24 0,10 0,24 0,08 0,02 0,04 0,24 0,06 0,06 0,13 0,01

127	MAU PAGADOR	Como se chama as pessoas que deixa as suas contas penduradas?	<ul style="list-style-type: none"> • <i> pessoa enrolada</i> • <i> velhaco/veiacó</i> • <i> caloteiro</i> • <i> nó cego</i> • <i> mau pagador</i> • <i> ligeiro</i> • <i> negador de conta</i> • <i> ruim para pagar</i> 	08 72 28 64 32 12 12 08	03 30 11 27 13 05 05 03	0,03 0,30 0,11 0,27 0,13 0,05 0,05 0,03
128	ASSASSINO PAGO	Como se chama a pessoa que é paga para matar a outra?	<ul style="list-style-type: none"> • <i> jagunço</i> • <i> pistoleiro</i> • <i> matador</i> • <i> bandido</i> • <i> capanga</i> • <i> empreiteiro</i> • <i> criminoso</i> • <i> assassino</i> 	40 72 60 32 24 20 20 12	14 25 21 11 08 07 07 04	0,14 0,25 0,21 0,11 0,08 0,07 0,07 0,04
129	POSSEIRO	Como se chama a pessoa que mora e trabalha para si nas terras de outra pessoa?	<ul style="list-style-type: none"> • <i> agregado</i> • <i> parceiro</i> • <i> invasor</i> • <i> bóia fria</i> • <i> arrendatário</i> • <i> caseiro</i> • <i> meeiro</i> • <i> posseiro</i> • <i> grileiro</i> • <i> morador</i> • <i> porcentageiro</i> • <i> sem terra</i> 	32 20 44 12 52 32 20 48 40 04 04 04	10 06 14 04 17 10 06 16 13 01 01 01	0,10 0,06 0,14 0,04 0,17 0,10 0,06 0,16 0,13 0,01 0,01 0,01

Como resposta à questão 124: ... *a pessoa que fala demais?*, para o objeto/conceito “pessoa tagarela”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: *conversador, fuxiqueira, linguaruda, fofoqueira, tagarela, faladeira, matraca, boca sem trava, papuda, boca sem tramela, língua de fiapo, comadre, folgadeira e fala demais*. As variantes com maior frequência, as mais usadas pelos falantes da região foram as lexias “tagarela”, “linguaruda” e “faladeira”.

Na questão 125: ... *a pessoa que tem dificuldade de aprender as coisas?*, para o objeto/conceito “pessoa pouco inteligente”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: *cabeçudo, rudo, burro, abestado, retardado, atrasado, tongo, bobo, ideia fraca, fraco de memória, fraqueza mental, falta de memória, ideia ruim, sem ideia, nervo duro e atoa*. As variantes mais usadas pelos falantes da região foram as lexias “burro”, “atrasado” e “retardado”.

Em resposta à questão 126: ... *a pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro, às vezes, até passa dificuldades para não gastar?*, para o objeto/conceito “pessoa sovina”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: *econômico, miserável, mão de vaca, mão fechada, canhenga, cainha, pão duro, muquirana, rídico, seguro e mão de burro*. As variantes mais usadas pelos falantes da região foram as lexias “pão duro”, “mão-de-vaca” e “econômico”.

Como resposta à questão 127: ... *a pessoa que deixa suas contas penduradas?* ... *a pessoa que deixa suas contas penduradas?*, para o objeto/conceito “mau pagador”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: *pessoa enrolada, velhaco/veiaco, caloteiro, nó cego, mau pagador, ligeiro, negador de conta e ruim para pagar*. As variantes com maior frequência, as mais usadas pelos falantes da região foram as lexias “velhaco/veiaco” e “nó geco”.

Na questão 128: ... *a pessoa que é paga para matar alguém?*, para o objeto/conceito “assassino pago”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: ***jagunço, pistoleiro, matador, bandido, capanga, empreiteiro, criminoso e assassino***. As variantes com maior frequência, as mais usadas pelos falantes da região foram as lexias “pistoleiro”, “matador” e “jagunço”.

Como resposta à questão 129: ... *a pessoa que mora e trabalha para si nas terras de outra pessoa?*, para o objeto/conceito “posseiro”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: ***agregado, parceleiro, invasor, bóia fria, arrendatário, caseiro, meeiro, posseiro, grileiro, morador, porcentageiro e sem terra***. As variantes, com maior frequência, as mais usadas pelos falantes da região foram as lexias “arrendatário” e “posseiro”.

6.1.9 Descrição do campo semântico ciclos da vida

O campo semântico *ciclos da vida* é composto por 19 perguntas/questões (130 a 148), sendo que cada uma tem um objeto/conceito (*menstruação, entrar na menopausa, parteira, dar à luz, gêmeos, aborto, abortar, ama-de-leite, irmão de leite, filho adotivo, filho mais moço, menino, menina, acompanhante dos namorados, marido enganado, prostituta, defunto, madrasta e xará*).

QUADRO 021 – Objeto, questões, respostas, frequência absoluta e frequência relativa.

Campo semântico: ciclos da vida.

N.	OBJETO	QUESTÕES	RESPOSTAS	FR. ABS	FR/REL %	FR/REL
130	MESTRUAÇÃO	As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>menstruação</i> • <i>tá de bode</i> • <i>tá de chico/com o chico</i> • <i>paquete</i> • <i>tá de boi</i> • <i>bandeira vermelha</i> • <i>hemorragia</i> • <i>regra</i> • <i>desmasia</i> 	72 20 56 32 44 12 08 08 02	28 07 22 12 17 04 03 03 -	0,28 0,07 0,22 0,12 0,17 0,04 0,03 0,03 -

131	ENTRAR NA MENOPAUSA	Numa certa idade acaba a fertilidade da mulher. Quando isso acontece se diz que a mulher?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>entraou na menopausa</i> • <i>amarrou o facão</i> • <i>entrou na idade crítica</i> 	72 08 44	58 06 35	0,58 0,06 0,35
132	PARTEIRA	Como se chama a mulher que ajuda a criança a nascer?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>parteira</i> • <i>entendida</i> • <i>cegonha</i> 	72 20 20	64 17 17	0,64 0,17 0,17
133	DAR À LUZ	Chama-se a parteira quando a mulher está para?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>dar à luz</i> • <i>ganhar o bebê</i> • <i>ter bebê/nenê</i> • <i>ter o filho</i> • <i>parir</i> • <i>ter família</i> • <i>dar família</i> • <i>ganhar a criança</i> 	72 28 08 24 72 44 12 12	26 10 02 08 26 16 04 04	0,26 0,10 0,02 0,08 0,26 0,16 0,04 0,04
134	GÊMEOS	Como se chamam duas crianças que nasceram no mesmo parto?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>gêmeos</i> • <i>felipe</i> 	72 20	78 22	0,78 0,22
135	ABORTO	Quando a mulher grávida perde o filho, se diz que ela teve?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>aborto</i> • <i>perda do filho</i> 	72 40	64 36	0,64 0,36
136	ABORTAR	Quando a mulher fica grávida, mas não quer ter a criança, ela toma remédio para quê?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>abortar</i> • <i>tirar a criança</i> • <i>jogar fora o filho</i> • <i>perder o filho</i> • <i>matar o filho</i> • <i>evitar o filho</i> 	72 24 08 12 08 20	50 16 05 08 05 13	0,50 0,16 0,05 0,08 0,05 0,13
137	AMA-DE-LEITE	Quando a mãe não tem leite e outra mulher amamenta a criança, como chamam essa mulher?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>mãe de leite</i> • <i>ama de leite</i> • <i>segunda mãe</i> • <i>mãe de aluguel</i> • <i>mãe adotiva</i> 	72 08 56 12 12	45 05 33 07 07	0,45 0,05 0,33 0,07 0,07
138	IRMÃO DE LEITE	O próprio filho da mãe de leite e a criança que ela amamentou são o que um do outro?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>irmão da parte de leite</i> • <i>irmão de leite</i> • <i>malungo</i> • <i>segundo irmão</i> • <i>irmão de criação</i> • <i>meio irmão</i> 	28 72 08 08 12 02	21 72 06 06 09 01	0,21 0,72 0,06 0,06 0,09 0,01
139	FILHO ADOTIVO	Como se chama a criança que não é filho verdadeiro do casal, mas que é criado por ele como se fosse?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>filho de criação</i> • <i>filho adotivo</i> • <i>criado</i> • <i>adotado</i> • <i>enteado</i> • <i>órfão</i> 	40 72 44 44 12 02	18 33 20 20 05 -	0,18 0,33 0,20 0,20 0,05 -
140	FILHO MAIS MOÇO	Como se chama o filho que nasceu por último?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>caçula</i> • <i>mais novo</i> • <i>mais moço</i> • <i>nenê da casa</i> • <i>indez</i> • <i>rapa do tacho</i> 	72 32 64 44 12 12	30 13 27 18 05 05	0,30 0,13 0,27 0,18 0,05 0,05
141	MENINO	Como se chama a criança de 5 a 10 anos do sexo masculino?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>menino</i> • <i>garoto</i> • <i>guri</i> • <i>piá</i> • <i>moleque</i> • <i>pivete</i> 	72 72 52 44 48 12	24 24 17 14 16 04	0,24 0,24 0,17 0,14 0,16 0,04

142	MENINA	Como se chama a criança de 5 a 10 anos do sexo feminino?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>menina</i> • <i>garota</i> • <i>guria</i> • <i>piazinha</i> • <i>mocinha</i> • <i>moleca</i> • <i>mulher</i> 	72 40 44 12 08 20 04	36 20 22 06 04 10 02	0,36 0,20 0,22 0,06 0,04 0,10 0,02
143	ACOMPANHANTE DOS NAMORADOS	Como se chama a pessoa que acompanha uma moça quando ela sai com o namorado?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>companhia</i> • <i>acompanhante</i> • <i>vela/segura vela</i> • <i>vigia/guarda</i> • <i>capanga</i> • <i>chá de pera</i> • <i>fazer cera</i> • <i>come cocada</i> 	72 64 64 52 20 12 04 04	25 22 22 18 07 04 01 01	0,25 0,22 0,22 0,18 0,07 0,04 0,01 0,01
144	MARIDO ENGANADO	Como se chama o marido que a mulher passa para trás com outro homem?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>corno</i> • <i>traído</i> • <i>chifruado</i> • <i>enganado</i> • <i>guampudo</i> • <i>manso</i> 	72 72 72 20 12 04	29 29 29 08 04 01	0,29 0,29 0,29 0,08 0,04 0,01
145	PROSTITUTA	Como se chama a mulher que se vende para qualquer homem?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>prostituta</i> • <i>puta</i> • <i>rapariga</i> • <i>quenga</i> • <i>mulher da vida</i> • <i>piranha</i> • <i>biscate</i> • <i>meretriz</i> • <i>vagabunda</i> • <i>vadia</i> • <i>tia</i> • <i>mulher sem vergonha</i> 	72 72 32 32 44 24 12 20 44 04 02 02	20 20 09 09 12 06 03 05 12 01 - -	0,20 0,20 0,09 0,09 0,12 0,06 0,03 0,05 0,12 0,01 - -
146	DEFUNTO	Numa conversa, para falar de uma pessoa que já morreu, geralmente as pessoas não a tratam pelo nome que tinha em vida. Como é que se referem a ela?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>finado</i> • <i>falecido</i> • <i>defunto</i> • <i>presunto</i> • <i>morto</i> 	72 64 32 08 56	31 27 13 03 24	0,31 0,27 0,13 0,03 0,24
147	MADRATA	Quando um homem fica viúvo e casa de novo, o que a segunda mulher é dos filhos que ele já tinha?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>madrata</i> • <i>segunda mãe</i> • <i>mãe adotiva</i> • <i>mãe emprestada</i> 	72 36 08 12	56 28 06 09	0,56 0,28 0,06 0,09
148	XARÁ	Como se chama a pessoa que tem o mesmo nome da gente?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>xará</i> • <i>xarapim</i> • <i>tocaio</i> • <i>mesmo nome</i> 	72 08 44 28	47 05 28 18	0,47 0,05 0,28 0,18

Como resposta à questão 130: *As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?*, para o objeto/conceito “menstruação”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: *menstruação, tá de bode, tá de chico/com o chico, pacote, tá de boi, bandeira vermelha, hemorragia, regra e desmasia*. As variantes com maior frequência, as mais usadas pelos falantes da região foram as lexias “menstruação” e “tá de chico”.

Na questão 131: *Numa certa idade acaba a/o ____ (cf. item 130). Quando isso acontece, se diz que a mulher ____.* para o objeto/conceito “entrar na menopausa”, os

informantes deram como resposta as seguintes lexias: ***entraou na menopausa, amarrou o facão e entrou na idade crítica***. As variantes mais usadas pelos falantes da região foram as lexias “entrou na menopausa” e “entrou na idade crítica”.

Em resposta à questão 132: ... *a mulher que ajuda a criança a nascer?*, para o objeto/conceito “parteira”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: ***parteira, entendida e cegonha***. As variantes mais usadas pelos falantes da região foram as lexias “parteira” e “entendida”.

Como resposta à questão 133: *Chama-se a _____ (cf. Item 132) quando a mulher está para _____*, para o objeto/conceito “dar à luz”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: ***dar à luz, ganhar o bebê, ter bebê/nenê, ter o filho, parir, ter família, dar família e ganhar a criança***. As variantes com maior frequência, as mais usadas pelos falantes da região foram as lexias: “dar à luz” e “parir”.

Na questão 134: ... *duas crianças que nasceram no mesmo parto?*, para o objeto/conceito “gêmeos”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: ***gêmeos e felipe***. As variantes mais usadas pelos falantes da região foram as lexias “gêmeos” e “felipe”.

Em resposta à questão 135: *Quando a mulher grávida perde o filho, se diz que ela teve _____*, para o objeto/conceito “aborto”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: ***aborto e perda do filho***. As variantes mais usadas pelos falantes da região foram as lexias “aborto” e “perda do filho”.

Como resposta à questão 136: *Quando a mulher fica grávida, mas não quer ter a criança, ela toma remédio para quê?*, para o objeto/conceito “abortar”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: ***abortar, tirar a criança, jogar fora o filho, perder o filho, matar o filho e evitar o filho***. As variantes com maior frequência, as mais usadas pelos falantes da região foram as lexias “abortar” e “tirar a criança”.

Na questão 137: *Quando a mãe não tem leite e outra mulher amamenta a criança, como chamam essa mulher?*, para o objeto/conceito “ama-de-leite”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: ***mãe de leite, ama de leite, segunda mãe, mãe de aluguel e mãe adotiva***. As variantes com maior frequência, as com maior frequência, as mais usadas pelos falantes da região foram as lexias: “mãe de leite” e “segunda mãe”.

Em resposta à questão 138: *O próprio filho da _____ (cf. item 137) e a criança que ela amamenta são o quê um do outro?*, para o objeto/conceito “irmão de leite”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: ***irmão da parte de leite, irmão de leite, malungo, segundo irmão, irmão de criação e meio irmão***. As variantes com maior frequência, as mais usadas pelos falantes da região foram as lexias “irmão de leite” e “irmão da parte de leite”.

Como resposta à questão 139: *O próprio filho da ____ (cf. item 137) e a criança que ela amamenta são o quê um do outro?*, para o objeto/conceito “filho adotivo”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: **filho de criação, filho adotivo, criado, adotado, enteado e órfão**. As variantes com maior frequência, as mais usadas pelos falantes da região foram as lexias “filho adotivo”, “criado” e “adotado”.

Na questão 140: *... o filho que nasceu por último?*, para o objeto/conceito “filho mais moço”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: **caçula, mais novo, mais moço, nenê da casa, indez e rapa do tacho**. As variantes mais usadas pelos falantes da região foram as lexias “caçula”, “mais moço” e “nenê da casa”.

Em resposta à questão 141: *... a criança de 5 a 10 anos, do sexo masculino?*, para o objeto/conceito “menino”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: **menino, garoto, guri, piá, moleque e pivete**. As variantes com maior frequência, as mais usadas pelos falantes da região foram as lexias “menino”, “garoto” e “guri”.

Como resposta à questão 142: *E se for do sexo feminino, como se chama?*, para o objeto/conceito “menina”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: **menina, garota, guria, piazinha, mocinha, moleca e mulher**. As variantes mais usadas pelos falantes da região foram as lexias: “menina”, “guria” e “garota”.

Na questão 143: *... a pessoa que acompanha uma moça quando ela sai com o namorado?*, para o objeto/conceito “acompanhante dos namorados”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: **companhia, acompanhante, vela/segura vela, vigia/guarda, capanga, chá de pera, fazer cera e come cocada**. As variantes mais usadas pelos falantes da região foram as lexias “companhia”, “acompanhante” e “vela/segura vela”.

Em resposta à questão 144: *... o marido que a mulher passa para trás com outro homem?*, para o objeto/conceito “marido enganado”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: **cornio, traído, chifrudo, enganado, guampudo e manso**. As variantes mais usadas pelos falantes da região foram as lexias “cornio”, “traído” e “chifrudo”.

Como resposta à questão 145: *... a mulher que se vende para qualquer homem?*, para o objeto/conceito “prostituta”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: **prostituta, puta, rapariga, quenga, mulher da vida, piranha, biscate, meretriz, vagabunda, vadia, tia e mulher sem vergonha**. As variantes com maior frequência, as mais usadas pelos falantes da região foram as lexias “prostituta” e “puta”.

Na questão 146: *Numa conversa, para falar de uma pessoa que já morreu, geralmente as pessoas não a tratam pelo nome que tinha em vida. Como é que se referem a ela?*, para o objeto/conceito “defunto”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: **finado**,

falecido, defunto, presunto e morto. As variantes mais usadas pelos falantes da região foram as lexias “finado” e “falecido”.

Em resposta à questão 147: *Quando um homem fica viúvo e casa de novo, o que a segunda mulher é dos filhos que ele já tinha?*, para o objeto/conceito “madrasta”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: *madrasta, segunda mãe, mãe adotiva e mãe emprestada*. As variantes com maior frequência, as mais usadas pelos falantes da região foram as lexias “madrasta” e “segunda mãe”.

Como resposta à questão 148: *... a pessoa que tem o mesmo nome da gente?*, para o objeto/conceito “xará”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: *xará, xarapim, tocaio e mesmo nome*. As variantes com maior frequência, as mais usadas pelos falantes da região foram as lexias “xará” e “tocaio”.

6.1.10 Descrição do campo semântico religião e crenças

O campo semântico *religião e crenças* é composto por 09 perguntas/questões (149 a 157), sendo que cada uma tem um objeto/conceito (*diabo, fantasma, feitiço, amuleto, benzedeira, benzedor, curandeiro, medalha e presépio*).

QUADRO 022 – Objeto, questões, respostas, frequência absoluta e frequência relativa.

Campo semântico: religião e crenças.

N.	OBJETO	QUESTÕES	RESPOSTAS	FR. ABS	FR/REL %	FR/REL
149	DIABO	Deus está no céu e no inferno está o?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>demônio</i> • <i>diabo</i> • <i>capeta</i> • <i>satanás</i> • <i>maligno</i> • <i>coisa ruim</i> • <i>lúcifer</i> • <i>inimigo</i> • <i>tinioso</i> 	44 72 64 44 28 12 20 28 04	14 23 20 14 08 03 06 08 01	0,14 0,23 0,20 0,14 0,08 0,03 0,06 0,08 0,01
150	FANTASMA	O que algumas pessoas dizem já ter visto, á noite, em cemitérios ou em casas, que se diz que é de outro mundo?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>alma/alma penada</i> • <i>visagem</i> • <i>visão</i> • <i>assombração</i> • <i>fantasma</i> • <i>assombro</i> • <i>alma de outro mundo</i> 	32 40 40 64 64 20 04	12 15 15 24 24 07 01	0,12 0,15 0,15 0,24 0,24 0,07 0,01

151	FEITIÇO	O que certas pessoas fazem, botam, por exemplo em encruzilhadas, para prejudicar alguém?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>despacho</i> • <i>bruxaria</i> • <i>macumba</i> • <i>saravá</i> • <i>feitiço</i> • <i>trabalho</i> • <i>feitiçaria</i> • <i>mandraca</i> 	60 08 44 52 72 12 20 12	21 02 15 18 25 04 07 04	0,21 0,02 0,15 0,18 0,25 0,04 0,07 0,04
152	AMULETO	Como se chama o objeto que algumas pessoas usam para dar sorte ou afastar males?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>reliquia</i> • <i>amuleto</i> • <i>superstição</i> • <i>patuás</i> • <i>talismã</i> 	20 72 20 28 08	13 48 13 18 05	0,13 0,48 0,13 0,18 0,05
153	BENZEDEIRA	Como se chama a mulher que cura, tira o mau olhado através de rezas e simpatias?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>bruxa</i> • <i>feiticeira</i> • <i>rezadeira</i> • <i>curandeira</i> • <i>benzedeira</i> • <i>benzadora</i> 	08 20 08 28 64 24	05 13 05 18 42 15	0,05 0,13 0,05 0,18 0,42 0,15
154	BENZEDOR	Como se chama um homem que cura, tira o mau olhado através de rezas e simpatias?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>bruxo</i> • <i>feiticeiro</i> • <i>rezador</i> • <i>curador</i> • <i>curandor</i> • <i>benzedor</i> • <i>curandeiro</i> • <i>benzedeiro</i> 	08 08 08 52 32 64 52 12	03 03 03 22 13 27 22 05	0,03 0,03 0,03 0,22 0,13 0,27 0,22 0,05
155	CURANDEIRO	Como se chama a pessoa que trata de doenças através de ervas e plantas?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>raizeiro</i> • <i>curandeiro</i> • <i>naturalista</i> • <i>curandor</i> • <i>curador</i> • <i>remedieiro</i> • <i>homeopata</i> • <i>benzedor</i> 	36 72 20 32 32 12 12 12	15 31 08 14 14 05 05 05	0,15 0,31 0,08 0,14 0,14 0,05 0,05 0,05
156	MEDALHA	Como se chama a chapinha de metal com um desenho de santo que as pessoas usam, geralmente no pescoço, presa numa corrente?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>medalha</i> • <i>cordão</i> • <i>rosário</i> • <i>verônica</i> • <i>santinha</i> • <i>pingente</i> • <i>chapinha</i> • <i>escapulário</i> 	72 08 08 20 32 12 20 24	36 04 04 10 16 06 10 12	0,36 0,04 0,04 0,10 0,16 0,06 0,10 0,12
157	PRESÉPIO	No Natal, monta-se um grupo de figuras representando a Maria, o José, o menino Jesus, etc. Como chamam isso?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>presépio</i> 	72	100	1,00

Na questão 149: *Deus está no céu e no inferno está _____*, para o objeto/conceito “diabo”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: *demônio, diabo, capeta, satanás, maligno, coisa ruim, Lúcifer, inimigo e tihoso*. As variantes mais usadas pelos falantes da região foram as lexias “diabo”, “capeta”, “satanás” e “demônio”.

Como resposta à questão 150: *O que algumas pessoas dizem já ter visto, à noite, em cemitérios ou em casas, que se diz que é do outro mundo?*, para o objeto/conceito “fantasma”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: *alma/alma penada,*

visagem, visão, assombração, fantasma, assombro e alma de outro mundo. As variantes mais usadas pelos falantes da região foram as lexias “assombração” e “fantasma”.

Em resposta à questão 151: *O que certas pessoas fazem, botam, por exemplo, nas encruzilhadas, para prejudicar alguém?*, para o objeto/conceito “feitiço”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: **despacho, bruxaria, macumba, sarava, feitiço, trabalho, feitiçaria e mandraca**. As variantes mais usadas pelos falantes da região foram as lexias “feitiço”, “despacho” e “sarava”.

Na questão 152: *... o objeto que algumas pessoas usam para dar sorte ou afastar males?*, para o objeto/conceito “amuleto”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: **reliquia, amuleto, superstição, patuás e talismã**. As variantes mais usadas pelos falantes da região foram as lexias “amuleto” e “patuás”.

Como resposta à questão 153: *... uma mulher que cura, tira o mau olhado através de rezas e simpatias?*, para o objeto/conceito “benzedeira”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: **bruxa, feitiçeira, rezadeira, curandeira, benzedeira e benzedora**. As variantes mais usadas pelos falantes da região foram as lexias “benzedeira” e “curandeira”.

Em resposta à questão 154: *E se for homem?*, para o objeto/conceito “benzedor” os informantes deram como resposta as seguintes lexias: **bruxo, feitiçeiro, rezador, curador, curandor, benzedor, curandeiro e benzedeiro**. As variantes mais usadas pelos falantes da região foram as lexias “benzedor”, “curandor” e “curandeiro”.

Na questão 155: *... a pessoa que trata de doenças através de ervas e plantas?*, para o objeto/conceito “curandeiro”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: **raizeiro, curandeiro, naturalista, curandor, curador, remedieiro, homeopata e benzedor**. As variantes mais usadas pelos falantes da região foram as lexias “curandeiro” e “raizeiro”.

Como resposta à questão 156: *... a chapinha de metal com um desenho de santo que as pessoas usam, geralmente no pescoço, presa numa corrente?*, para o objeto/conceito “medalha”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: **medalha, cordão, rosário, verônica, santinha, pingente, chapinha e escapulário**. As variantes mais usadas pelos falantes da região foram as lexias “medalha” e “santinha”.

Na questão 157: *No Natal, monta-se um grupo de figuras representando a Virgem Maria, São José, o Menino Jesus etc. Como chamam isso?*, para o objeto/conceito “cambalhota”, os informantes deram como resposta a lexia **presépio**. A única variante usada pelos falantes da região foi a lexia “presépio”.

6.1.11 Descrição do campo semântico festas e divertimentos

O campo semântico *festas e divertimentos* é composto por 19 perguntas/questões (158 a 176), sendo que cada uma tem um objeto/conceito (*cambalhota, bolinha de gude, estilingue, papagaio de papel, pipa, esconde-esconde, cabra-cega, pega-pega, ferrolho, chicote queimado, gangorra, balanço, amarelinha, pessoa que age com desonestidade no jogo, pessoa que tem sorte no jogo, pessoa sem sorte no jogo, bom jogador, mau jogador e pessoa que dança muito bem*).

QUADRO 023 – Objeto, questões, respostas, frequência absoluta e frequência relativa.

Campo semântico: festas e divertimentos.

N.	OBJETO	QUESTÕES	RESPOSTAS	FR. ABS	FR/REL %	FR/REL
158	CAMBALHOTA	Como se chama a brincadeira em que se gira o corpo sobre a cabeça e acaba sentado?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>cambota</i> • <i>cambalhota</i> • <i>piruleta</i> • <i>pirueta</i> • <i>carambela</i> • <i>carambola</i> • <i>carambete</i> • <i>caramba</i> • <i>estrelinha</i> • <i>rodar</i> 	52 64 36 36 08 08 08 08 12 04	22 27 15 15 03 03 03 03 05 01	0,22 0,27 0,15 0,15 0,03 0,03 0,03 0,03 0,05 0,01
159	BOLINHA DA GUDE	Como se chama uma tábua, pendurada por meio de cordas, onde uma criança senta e se move para frente e para trás?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>peteca</i> • <i>burca/burquinha</i> • <i>bola de gude</i> • <i>nica</i> • <i>bolita</i> • <i>bolica</i> • <i>bilosca</i> • <i>bolinha de vidro</i> 	08 40 56 12 72 32 08 28	03 15 12 04 28 12 03 10	0,03 0,15 0,12 0,04 0,28 0,12 0,03 0,10
160	ESTILINGUE	Como se chama o brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha, que os meninos usam para matar passarinho?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>baladeira</i> • <i>bodoque</i> • <i>estilingue</i> • <i>funda</i> • <i>setra</i> 	08 52 72 40 44	03 24 33 18 20	0,03 0,24 0,33 0,18 0,20
161	PAPAGAIO DE PAPEL	Como se chama o brinquedo feito de varetas cobertas de papel que se empina no vento por meio de uma linha?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>curica</i> • <i>pipa</i> • <i>papagaio</i> • <i>pandorga</i> • <i>raia</i> 	08 72 48 44 12	04 39 26 23 06	0,04 0,39 0,26 0,23 0,06
162	PIPA	Como se chama o brinquedo de papel sem varetas que se empina no vento por meio de uma linha?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>curica</i> • <i>pipa</i> • <i>papagaio</i> • <i>pandorga</i> • <i>capuxeta</i> • <i>balão</i> 	08 72 32 32 12 12	04 42 19 19 07 07	0,04 0,42 0,19 0,19 0,07 0,07

163	ESCONDE-ESCONDE	Como se chama a brincadeira em que uma criança fecha os olhos, enquanto as outras se escondem em algum lugar e depois vai procura-la?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>verita</i> • <i>valeu</i> • <i>esconde-esconde</i> • <i>se esconder/esconder</i> • <i>trinta e um</i> • <i>escondido</i> • <i>bater a cara</i> 	08 08 72 44 20 02 02	05 05 47 28 13 01 01	0,05 0,05 0,47 0,28 0,13 0,01 0,01
164	CABRA-CEGA	Como se chama a brincadeira em que uma criança, com os olhos vendados, tenta pegar as outras?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>cabra-cega</i> • <i>pata-cega</i> • <i>ceguinho</i> • <i>gata-cega</i> • <i>cobra-cega</i> 	40 12 28 44 72	20 06 14 22 36	0,20 0,06 0,14 0,22 0,36
165	PEGA-PEGA	Como se chama uma brincadeira em que uma criança corre atrás das outras para tocar numa delas antes que alcancem um ponto combinado?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>barra</i> • <i>pega</i> • <i>pega-pega</i> • <i>bila</i> • <i>salva</i> • <i>barata</i> • <i>pegador</i> • <i>bicho</i> • <i>pique-pique</i> 	08 32 72 20 20 52 12 24 12	03 12 28 07 07 20 04 09 04	0,03 0,12 0,28 0,07 0,07 0,20 0,04 0,09 0,04
166	FERROLHO	Como se chama o ponto combinado nas brincadeiras de pega-pega?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>pique</i> • <i>salva</i> • <i>mancha</i> • <i>raia</i> • <i>bando</i> • <i>barra</i> • <i>ponto</i> 	72 32 08 44 24 12 12	35 15 03 21 11 05 05	0,35 0,15 0,03 0,21 0,11 0,05 0,05
167	CHICOTE-QUEIMADO	Como se chama uma brincadeira em que as crianças ficam em círculo, enquanto uma outra vai passando com um objeto que deixa cair atrás de uma delas e esta pega o objeto e sai correndo?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>chicote queimado</i> • <i>ovo choco</i> • <i>lencinho branco</i> • <i>lenço atrás</i> • <i>galinha choca</i> • <i>lá-cuchia</i> • <i>passar o cipó</i> 	20 56 12 40 12 08 08	10 28 06 20 06 04 04	0,10 0,28 0,06 0,20 0,06 0,04 0,04
168	GANGORRA	Como se chama uma tábua apoiada no meio, em cuja as pontas sentam duas crianças e quando uma sobe, a outra desce?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>gangorra</i> • <i>balanço</i> • <i>balança</i> • <i>pinhé</i> • <i>rola-rola</i> 	72 44 24 32 08	40 24 13 17 04	0,40 0,24 0,13 0,17 0,04
169	BALANÇO	Como se chama uma tábua, pendurada por meio de cordas, onde uma criança senta e se move para frente e para trás?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>balançador</i> • <i>balanço</i> • <i>balango</i> • <i>balança</i> • <i>gangorra</i> 	08 72 28 12 12	06 54 21 09 09	0,06 0,54 0,21 0,09 0,09
170	AMARELINHA	Como se chama a brincadeira em que as crianças riscam uma figura no chão, formada por quadrados numerados, jogam uma pedrinha e vão pulando com uma perna só?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>cancão</i> • <i>amarelinha</i> • <i>sapata</i> 	08 72 24	07 69 23	0,07 0,69 0,23
171	PESSOA QUE AGE COM DESONESTIDA DE NO JOGO	Como se chama uma pessoa que rouba no jogo?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>ladrão</i> • <i>trapaceiro</i> • <i>liso</i> • <i>bagre</i> • <i>rato</i> • <i>gato</i> • <i>ligeiro</i> • <i>trambiqueiro</i> • <i>enrolado/enrolão</i> 	72 12 12 12 32 24 12 12 08	36 06 06 06 16 12 06 06 04	0,36 0,06 0,06 0,06 0,16 0,12 0,06 0,06 0,04

172	PESSOA QUE TEM SORTE NO JOGO	Como se chama uma pessoa que tem sorte no jogo?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>sortudo</i> • <i>largo</i> • <i>pé quente</i> • <i>sortista</i> • <i>rabudo</i> • <i>pessoa de sorte</i> 	72 36 28 08 24 20	38 19 14 04 12 10	0,38 0,19 0,14 0,04 0,12 0,10
173	PESSOA SEM SORTE NO JOGO	Como se chama uma pessoa que não tem sorte no jogo?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>azarado</i> • <i>sem sorte</i> • <i>perdedor</i> • <i>pé frio</i> 	72 20 28 40	45 12 17 28	0,45 0,12 0,17 0,28
174	BOM JOGADOR	Como se chama a pessoa que joga bem?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>craque</i> • <i>perito</i> • <i>jogador</i> • <i>fera</i> • <i>ídolo</i> • <i>bom de jogo</i> • <i>bom jogador</i> 	72 08 72 24 12 04 02	38 04 38 12 06 02 01	0,38 0,04 0,38 0,12 0,06 0,02 0,01
175	MAU JOGADOR	Como se chama para a pessoa que joga mal?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>ruindade</i> • <i>mau jogador</i> • <i>perna de pau</i> • <i>marreco</i> • <i>pato</i> • <i>joga ruim</i> • <i>não presta</i> • <i>não joga nada</i> • <i>péssimo jogador</i> 	12 72 72 12 56 02 02 02 02	05 32 32 05 25 - - - -	0,05 0,32 0,32 0,05 0,25 - - - -
176	PESSOA QUE DANÇA MUITO BEM	Como se chama para a pessoa que dança muito bem?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>bom de dança</i> • <i>dançador</i> • <i>dançarino</i> • <i>bailarino</i> • <i>pé de valsa</i> • <i>bom dançador</i> • <i>bom dançarino</i> 	20 60 48 36 24 02 02	10 31 25 19 12 01 01	0,10 0,31 0,25 0,19 0,12 0,01 0,01

Na questão 158: ... *a brincadeira em que se gira o corpo sobre a cabeça e acaba sentado? (Mímica)*, para o objeto/conceito “cambalhota”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: *cambota, cambalhota, piruleta, pirueta, carambela, carambola, carambete, caramba, estrelinha e rodar*. As variantes mais usadas pelos falantes da região foram as lexias “cambota”, “cambalhota”, “piruleta” e “pirueta”.

Como resposta à questão 159: ... *as coisinhas redondas de vidro com que os meninos gostam de brincar?*, para o objeto/conceito “bolinha de gude”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: *peteca, burca/burquinha, bola de gude, nica, bolita, bolica, bilosca e bolinha de vidro*. As variantes com maior frequência, as mais usadas pelos falantes da região foram as lexias “bolita” e “bola de gude”.

Em resposta à questão 160: ... *o brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha (mímica), que os meninos usam para matar passarinho?*, para o objeto/conceito “estilingue”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: *baladeira, bodoque, estilingue, funda e setra*. As variantes com maior frequência, as mais usadas pelos falantes da região foram as lexias “estilingue” e “bodoque”.

Na questão 161: ... *o brinquedo feito de varetas cobertas de papel que se empina no vento por meio de uma linha?*, para o objeto/conceito “papagaio de papel”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: **curica, pipa, papagaio, pandorga e raia**. As variantes com maior frequência, as mais usadas pelos falantes da região foram as lexias “pipa” e “papagaio”.

Em resposta à questão 162: ... *o brinquedo de papel sem varetas que se empina no vento por meio de uma linha?*, para o objeto/conceito “pipa”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: **curica, pipa, papagaio, pandorga, capuxeta e balão**. As variantes mais usadas pelos falantes da região foram as lexias “pipa”, “papagaio” e “pandorga”.

Em resposta à questão 163: ... *a brincadeira em que uma criança fecha os olhos, enquanto as outras se escondem em algum lugar, e depois vai procurá-las?*, para o objeto/conceito “esconde-esconde”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: **verita, valeu, esconde-esconde, se esconder, esconder, trinta e um, escondido e bater a cara**. As variantes com maior frequência, as com maior frequência, as mais usadas pelos falantes da região foram as lexias “esconde-esconde”, “se esconder/esconder”.

Em resposta à questão 164: ... *a brincadeira em que uma criança, com os olhos vendados, tenta pegar as outras?*, para o objeto/conceito “cabra-cega”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: **cabra-cega, pata-cega, ceguinho, gata-cega e cobra-cega**. As variantes com maior frequência, as mais usadas pelos falantes da região foram as lexias “cobra-cega”, “cabra-cega” e “gata-cega”.

Como resposta à questão 165: ... *uma brincadeira em que uma criança corre atrás das outras para tocar numa delas antes que alcance um ponto combinado?*, para o objeto/conceito “pega-pega”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: **barra, pega, pega-pega, bila, salva, barata, pegador, bicho e pique-pique**. As variantes mais usadas pelos falantes da região foram as lexias “pega-pega” e “barata”.

Na questão 166: ... *esse ponto combinado?*, para o objeto/conceito “ferrolho”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: **pique, salva, mancha, raia, bando, barra e ponto**. As variantes com maior frequência, as mais usadas pelos falantes da região foram as lexias “pique”, “raia” e “salva”.

Em resposta à questão 167: ... *uma brincadeira em que as crianças ficam em círculo, enquanto uma outra vai passando com um objeto que deixa cair atrás de uma delas e esta pega o objeto e sai correndo?*, para o objeto/conceito “chicote queimado”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: **chicote queimado, ovo choco, lencinho branco,**

lenço atrás, galinha choca, lá-cuchia e passar o cipó. As variantes com maior frequência, as mais usadas pelos falantes da região foram as lexias: “ovo choco” e “lenço atrás”. É interessante observar que a hipótese levantada como objeto não se confirmou no uso linguístico dos falantes.

Como resposta à questão 168: ... *uma tábua apoiada no meio, em cujas pontas sentam duas crianças e quando uma sobe, a outra desce? (Mímica)*, para o objeto/conceito “gangorra”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: **gangorra, balanço, balança, pinhé e rola-rola.** As variantes com maior frequência, as mais usadas pelos falantes da região foram as lexias “gangorra”, “balanço” e “pinhé”.

Em resposta à questão 169: ... *uma tábua, pendurada por meio de cordas, onde uma criança senta e se move para frente e para trás? (Mímica)*, para o objeto/conceito “balanço”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: **balançador, balanço, balango, balança e gangorra.** As variantes com maior frequência, as mais usadas pelos falantes da região foram as lexias “balanço” e “balango”.

Na questão 170: ... *a brincadeira em que as crianças riscam uma figura no chão, formada por quadrados numerados, jogam uma pedrinha (mímica) e vão pulando com uma perna só? solicitar a descrição.*, para o objeto/conceito “amarelinha”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: **cancão, amarelinha e sapata.** As variantes, com maior frequência de uso, as mais usadas pelos falantes da região foram as lexias “amarelinha” e “sapata”.

Em resposta à questão 171: ... *a pessoa que rouba no jogo?*, para o objeto/conceito “pessoa que age com desonestidade no jogo”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: **ladrão, trapaceiro, liso, bagre, rato, gato, ligeiro, trambiqueiro e enrolado/enrolão.** As variantes mais usadas pelos falantes da região foram as lexias “ladrão” e “rato”. É interessante observar que a hipótese levantada como objeto não se confirmou no uso linguístico dos falantes.

Como resposta à questão 172: ... *a pessoa que tem sorte no jogo?*, para o objeto/conceito “pessoa sem sorte no jogo”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: **sortudo, largo, pé quente, sortista, rabudo e pessoa de sorte.** As variantes mais usadas pelos falantes da região foram as lexias “sortudo” e “largo”. É interessante observar que a hipótese levantada como objeto não se confirmou no uso linguístico dos falantes.

Na questão 173: ... *a pessoa que não tem sorte no jogo?*, para o objeto/conceito “pessoa sem sorte no jogo”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: **azarado, sem sorte, perdedor e pé frio.** As variantes com maior frequência, as mais usadas pelos

falantes da região foram as lexias “azarado” e “pé frio”. É interessante observar que a hipótese levantada como objeto não se confirmou no uso linguístico dos falantes.

Em resposta à questão 174: ... *a pessoa que joga bem?*[*Pelé foi o quê?*], para o objeto/conceito “bom jogador”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: *craque, perito, jogador, fera, ídolo, bom de jogo e bom jogador*. As variantes com maior frequência, as mais usadas pelos falantes da região foram as lexias “craque” e “jogador”.

Como resposta à questão 175: ... *a pessoa que joga mal?*, para o objeto/conceito “mau jogador”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: *ruindade, mau jogador, perna de pau, marreco, pato, joga ruim, não presta, não joga nada e péssimo jogador*. As variantes com maior frequência, as mais usadas pelos falantes da região foram as lexias “mau jogador”, “perna de pau” e “pato”.

Na questão 176: ... *a pessoa que dança muito bem?*, para o objeto/conceito “pessoa que dança muito bem”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: *bom de dança, dançador, dançarino, bailarino, pé de valsa, bom dançador e bom dançarino*. As variantes com maior frequência, as mais usadas pelos falantes da região foram as lexias “dançador”, “dançarino” e “bailarino”.

6.1.12 Descrição do campo semântico habitação

O campo semântico habitação é composto por 06 perguntas/questões (177 a 182), sendo que cada uma tem um objeto/conceito (*tramela, veneziana/tampo, fuligem, isqueiro, lanterna e borralho*).

QUADRO 024 – Objeto, questões, respostas, frequência absoluta e frequência relativa.

Campo semântico: habitação.

N.	OBJETO	QUESTÕES	RESPOSTAS	FR. ABS	FR/REL %	FR/REL
177	TRAMELA	Como se chama aquela pecinha de madeira, que gira ao redor de um prego, para fechar a porta, a janela?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>tramela</i> • <i>tranca</i> • <i>trava</i> 	72 24 04	72 24 04	0,72 0,24 0,04
178	VENEZIANA/ TAMPO	Quando uma janela tem duas partes, como se chama a parte de fora que é formada de tirinhas horizontais que permitem a ventilação e a claridade?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>folhas de janela</i> • <i>veneziana</i> • <i>tampos</i> 	08 72 32	07 64 28	0,07 0,64 0,28

179	FULIGEM	Como se chama aquilo, preto, que se forma na chaminé, na parede ou teto da cozinha, acima do fogão à lenha?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>pocomã</i> • <i>tirna</i> • <i>picumã</i> • <i>fuligem</i> • <i>carvão</i> • <i>borrão</i> • <i>tucumã</i> 	08 08 64 72 28 12 12	03 03 31 35 13 05 05	0,03 0,03 0,31 0,35 0,13 0,05 0,05
180	ISQUEIRO	Para acender um cigarro eu uso o fósforo ou?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>isqueiro</i> • <i>bingo/binga</i> • <i>bingue</i> • <i>aviu</i> 	72 48 52 24	36 24 28 12	0,36 0,24 0,28 0,12
181	LANTERNA	Como se chama aquele objeto a pilha que se usa para clarear no escuro e se leva na mão?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>lanterna</i> • <i>farolete</i> • <i>foco</i> • <i>foque</i> • <i>farol</i> • <i>lamparina</i> 	72 72 12 20 20 04	36 36 06 10 10 02	0,36 0,36 0,06 0,10 0,10 0,02
182	BORRALHO	Como se chama a cinza quente que fica dentro do fogão a lenha?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>borralho</i> • <i>cinza quente</i> • <i>carvão</i> • <i>brasa</i> 	72 72 28 32	35 35 13 15	0,35 0,35 0,13 0,15

Na questão 177: ... *aquela pecinha de madeira, que gira ao redor de um prego, para fechar porta, janela...?*, para o objeto/conceito “tramela”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: **tramela, tranca e trava**. As variantes mais usadas pelos falantes da região foram as lexias: “tramela” e “tranca”.

Como resposta à questão 178: *Quando uma janela tem duas partes, como se chama a parte de fora que é formada de tirinhas horizontais que permitem a ventilação e a claridade? (Mostrar gravuras)*, para o objeto/conceito “veneziana/tampo”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: **folhas de janela, veneziana e tampos**. As variantes com maior frequência, as mais usadas pelos falantes da região foram as lexias “veneziana” e “tampos/tampos da janela”.

Na questão 179: ... *aquilo, preto, que se forma na chaminé, na parede ou no teto da cozinha, acima do fogão a lenha?*, para o objeto/conceito “fuligem”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: **pocomã, tirna, picumã, fuligem, carvão, borrão e tucumã**. As variantes com maior frequência, as mais usadas pelos falantes da região foram as lexias “fuligem” e “picumã”.

Em resposta à questão 180: ... *aquilo, preto, que se forma na chaminé, na parede ou no teto da cozinha, acima do fogão a lenha?*, para o objeto/conceito “isqueiro”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: **isqueiro, bingó/binga, bingue e aviu**. As variantes com maior frequência, as mais usadas pelos falantes da região foram as lexias “isqueiro” e “bingue”.

Na questão 181: ... *aquele objeto que se usa para clarear no escuro e se leva na mão assim?* (*Apontar*), para o objeto/conceito “lanterna”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: *lanterna, farolete, foco, foque, farol e lamparina*. As variantes com maior frequência, as mais usadas pelos falantes da região foram as lexias: “lanterna” e “farolete”.

Como resposta à questão 182: ... *a cinza quente que fica dentro do fogão a lenha?*, para o objeto/conceito “borralho”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: *borralho, cinza quente, carvão e brasa*. As variantes com maior frequência, as mais usadas pelos falantes da região foram as lexias “borralho” e “cinza quente”.

6.1.13 Descrição do campo semântico alimentação e cozinha

O campo semântico *alimentação e cozinha* é composto por 06 perguntas/questões (183 a 190), sendo que cada uma tem um objeto/conceito (*carne moída, empanturrado, glutão, bêbado, cigarro de palha, toco de cigarro, aguardente e bodega*).

QUADRO 025 – Objeto, questões, respostas, frequência absoluta e frequência relativa.

Campo semântico: alimentação e cozinha.

N.	OBJETO	QUESTÕES	RESPOSTAS	FR. ABS	FR/REL %	FR/REL
183	CARNE MOÍDA	Como se chama a carne depois de passada na máquina?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>carne moída</i> • <i>guisado</i> • <i>boi ralado</i> 	72 24 20	62 20 17	0,62 0,20 0,17
184	EMPANTURRADO	Quando uma pessoa acha que comeu demais, ela diz que: Comi tanto que estou?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>cheio/barriga cheia</i> • <i>empanturrado</i> • <i>empachado</i> • <i>ansiado</i> • <i>empapuçado</i> • <i>estufado</i> • <i>fadigado</i> • <i>passando mal</i> • <i>esganado</i> • <i>arfando</i> 	40 24 08 20 20 44 28 44 04 02	17 10 03 08 08 19 12 19 01 -	0,17 0,10 0,03 0,08 0,08 0,19 0,12 0,19 0,01 -
185	GLUTÃO	Como se chama para uma pessoa que normalmente come demais?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>guloso</i> • <i>comilão</i> • <i>esfomeado</i> • <i>esganado</i> • <i>brocado</i> • <i>comedor</i> • <i>goloso</i> 	72 72 24 20 08 20 04	33 33 11 09 03 09 01	0,33 0,33 0,11 0,09 0,03 0,09 0,01

186	BÊBADO	Que nomes dão para as pessoas que bebem demais?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>bêbado</i> • <i>cachaceiro</i> • <i>pinguço</i> • <i>pé inchado</i> • <i>beberrão</i> • <i>pau d'água</i> • <i>borracho</i> • <i>alcoólatra</i> • <i>bebum</i> • <i>pingachado</i> 	72 28 24 20 52 28 12 32 28 04	24 09 08 06 17 09 04 10 09 01	0,24 0,09 0,08 0,06 0,17 0,09 0,04 0,10 0,09 0,01
187	CIGARRO DE PALHA	Que nomes dão ao cigarro feito pela própria pessoa, enrolado a mão?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>cigarro de fumo</i> • <i>porranco</i> • <i>cigarro de palha</i> • <i>palheiro/paieiro</i> • <i>pito</i> • <i>criolo</i> • <i>baiano</i> • <i>charuto</i> • <i>cigarro comum</i> 	20 16 56 72 40 20 24 02 02	08 06 22 29 16 08 09 - -	0,08 0,06 0,22 0,29 0,16 0,08 0,09 - -
188	TOCO DE CIGARRO	Como se chama o resto do cigarro que se joga fora?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>toco</i> • <i>guimba/quimba</i> • <i>bituca</i> • <i>ponta</i> • <i>xepa</i> • <i>bagana</i> • <i>piola</i> • <i>baga</i> 	44 40 72 24 20 12 20 04	18 17 31 10 08 05 08 01	0,18 0,17 0,31 0,10 0,08 0,05 0,08 0,01
189	AGUARDENTE	Que nomes dão aqui para a bebida alcoólica feita de cana-de-açúcar?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>cachaça</i> • <i>pinga</i> • <i>caninha/cana</i> • <i>canha</i> • <i>aguardente</i> 	72 72 44 12 20	32 32 20 05 09	0,32 0,32 0,20 0,05 0,09
190	BODEGA	Como se chama um lugar pequeno, com um balcão, onde os homens costumam ir beber cachaça e onde também se pode comprar alguma outra coisa?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>bodega</i> • <i>bar</i> • <i>boteco</i> • <i>bolicho</i> • <i>venda</i> • <i>butiquim</i> • <i>comércio</i> • <i>mercearia</i> • <i>armazém</i> • <i>mercadinho</i> 	72 72 72 24 20 16 08 20 04 02	23 23 23 07 06 05 02 06 01 -	0,23 0,23 0,23 0,07 0,06 0,05 0,02 0,06 0,01 -

Na questão 183: ... *a carne depois de passada na máquina?*, para o objeto/conceito “carne moída”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: *carne moída, guisado e boi ralado*. As variantes mais usadas pelos falantes da região foram as lexias “carne moída” e “guisado”.

Na questão 184: *Quando uma pessoa acha que comeu demais, ela diz: Comi tanto que estou _____*, para o objeto/conceito “empanturrado”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: *cheio/barriga cheia, empanturrado, empachado, ansiado, empapuçado, estufado, fadigado, passando mal, esganado, arfando*. As variantes com maior frequência, as mais usadas pelos falantes da região foram as lexias “cheio/barriga cheia”, “estufado” e

“passando mal”. É interessante observar que a hipótese levantada como objeto não se confirmou no uso linguístico dos falantes.

Na questão 185: ... *uma pessoa que normalmente come demais?*, para o objeto/conceito “glutão”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: **guloso, comilão, esfomeado, esganado, brocado, comedor e goloso**. As variantes mais usadas pelos falantes da região foram as lexias: . As variantes mais usadas pelos falantes da região foram as lexias “guloso” e “comilão”. É interessante observar que a hipótese levantada como objeto não se confirmou no uso linguístico dos falantes.

Na questão 186: *Que nomes dão ao cigarro feito pela própria pessoa, enrolado à mão?*, para o objeto/conceito “bêbado”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: **bêbado, cachaceiro, pinguço, pé inchado, beberrão, pau d’água, borracho, alcoólatra, bebum e pingachado**. As variantes mais usadas pelos falantes da região foram as lexias “bêbado”, “beberrão” e “alcoólatra”.

Na questão 187: *Que nomes dão ao cigarro feito pela própria pessoa, enrolado à mão?*, para o objeto/conceito “cigarro de palha”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: **cigarro de fumo, porranco, cigarro de palha, palheiro/paieiro, pito, crioulo, baiano, charuto e cigarro comum**. As variantes mais usadas pelos falantes da região foram as lexias “palheiro/paieiro”, “cigarro de palha” e “pito”.

Na questão 188: ... *o resto do cigarro que se joga fora?*, para o objeto/conceito “toco de cigarro”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: **toco, guimba/quimba, bituca, ponta, xepa, bagana, piola e бага**. As variantes mais usadas pelos falantes da região foram as lexias “bituca”, “toco” e “guimba/quimba”.

Na questão 189: *Que nomes dão aqui para a bebida alcoólica feita de cana-de-açúcar?*, para o objeto/conceito “aguardente”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: **cachaça, pinga, caninha/cana, canha e aguardente**. As variantes com maior frequência, as mais usadas pelos falantes da região foram as lexias “cachaça”, “pinga” e “caninha/cana”.

Na questão 190: ... *um lugar pequeno, com um balcão, onde os homens costumam ir beber_____ (cf. item 189) e onde também se pode comprar alguma outra coisa?*, para o objeto/conceito “bodega”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: **bodega, bar, boteco, bolicho, venda, butiquim, comércio, mercearia, armazém e mercadinho**. As variantes com maior frequência, as mais usadas pelos falantes da região foram as lexias “bodega”, “bar” e “boteco”.

6.1.14 Descrição do campo semântico vestuário

O *campo semântico vestuário* é composto por 06 perguntas/questões (191 a 196), sendo que cada uma tem um objeto/conceito (*sutiã, cueca, calcinha, ruje, grampo com pressão e grampo sem pressão*).

QUADRO 026 – Objeto, questões, respostas, frequência absoluta e frequência relativa.

Campo semântico: vestuário.

N.	OBJETO	QUESTÕES	RESPOSTAS	FR. ABS	FR/REL %	FR/REL
191	SUTIÃ	Que peça do vestuário serve para segurar os seios?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>sutiã</i> • <i>corpete</i> • <i>sutiem</i> • <i>corpinho</i> 	72 08 64 12	46 05 41 07	0,46 0,05 0,41 0,07
192	CUECA	Que roupa o homem usa debaixo da calça?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>cueca</i> • <i>zorba</i> • <i>calção</i> • <i>ciroula</i> 	72 72 12 24	40 40 06 13	0,40 0,40 0,06 0,13
193	CALCINHA	Que roupa a mulher usa debaixo da saia?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>calcinha</i> • <i>biquíni</i> 	72 12	85 15	0,85 0,15
194	ROUGE	Como se chama aquilo que as mulheres passam no rosto, nas bochechas, para ficarem mais rosadas?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>ruje</i> • <i>pó de arroz/pó</i> • <i>creme</i> • <i>pó roso</i> • <i>blache</i> 	72 56 24 08 32	37 29 12 04 16	0,37 0,29 0,12 0,04 0,16
195	GRAMPO (com pressão)	Como se chama um objeto fino de metal para prender o cabelo?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>presilha</i> • <i>grampo</i> • <i>ramona</i> • <i>pregador</i> 	52 64 72 28	24 29 33 12	0,24 0,29 0,33 0,12
196	GRAMPO (sem pressão)	Como se chama um objeto fino, de metal, sem pressão, para prender o cabelo?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>presilha</i> • <i>prendedor</i> • <i>passadeira</i> • <i>arquinho</i> • <i>xuxa</i> • <i>ramona</i> • <i>grampo de cabelo</i> • <i>diadema</i> • <i>bico de pato</i> • <i>passador</i> • <i>cocó</i> • <i>fivela</i> 	44 56 40 16 08 20 12 12 02 02 02 02	21 26 19 07 03 09 05 05 - - - -	0,21 0,26 0,19 0,07 0,03 0,09 0,05 0,05 - - - -

Na questão 191: *Que peça do vestuário serve para segurar os seios?*, para o objeto/conceito “sutiã”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: *sutiã, corpete, sutiem e corpinho*. As variantes com maior frequência, as mais usadas pelos falantes da região foram as lexias “sutiã” e “sutiem”.

Na questão 192: *Que roupa o homem usa debaixo da calça?*, para o objeto/conceito “cueca”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: *cueca, zorba, calção e*

ciroula. As variantes com maior frequência, as mais usadas pelos falantes da região foram as lexias “cueca” e “zorba”.

Na questão 193: *Que roupa a mulher usa debaixo da saia?*, para o objeto/conceito “calcinha”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: *calcinha e biquíni*. As variantes mais usadas pelos falantes da região foram as lexias: “calcinha” e “biquíni”.

Na questão 194: ... *aquilo que as mulheres passam no rosto, nas bochechas, para ficarem mais rosadas?*, para o objeto/conceito “ruje”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: *ruje, pó de arroz/pó, creme, pó roso e blache*. As variantes com maior frequência, as mais usadas pelos falantes da região foram as lexias “ruje/rouge” e “pó de arroz/pó”.

Na questão 195: ... *um objeto fino de metal, para prender o cabelo? (Mostrar)*, para o objeto/conceito “grampo com pressão”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: *presilha, grampo, ramona e pregador*. As variantes mais usadas pelos falantes da região foram as lexias “ramona” e “grampo”.

Na questão 196: ... *um objeto fino de metal, para prender o cabelo? (Mostrar)*, para o objeto/conceito “grampo sem pressão”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: *presilha, prendedor, passadeira, arquinho, xuxa, ramona, grampo de cabelo, diadema, bico de pato, passador, cocó e fivela*. As variantes com maior frequência, as mais usadas pelos falantes da região foram as lexias “prendedor”, “presilha” e “passadeira”. É interessante observar que a hipótese levantada como objeto não se confirmou no uso linguístico dos falantes.

6.1.15 Descrição do campo semântico vida urbana

O campo semântico *vida urbana* é composto por 06 perguntas/questões (197 a 208), sendo que cada uma tem um objeto/conceito (*sinaleiro, lombada, calçada/passeio, meio-fio, rotatória, lote/terreno/data, bala/confeito/bombom, pão francês, pão bengala, ônibus urbano, ônibus interurbano e ponto/parada*).

QUADRO 027 – Objeto, questões, respostas, frequência absoluta e frequência relativa.

Campo semântico: vida urbana.

N.	OBJETO	QUESTÕES	RESPOSTAS	FR. ABS	FR/REL %	FR/REL
----	--------	----------	-----------	---------	----------	--------

197	SINALEIRO	Na cidade, o que costuma ter em cruzamentos movimentados, com luz vermelha, verde e amarela?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>sinal/sinal de trânsito</i> • <i>semáforo</i> • <i>sinaleiro</i> • <i>farol</i> 	32 72 24 24	21 47 15 15	0,21 0,47 0,15 0,15
198	LOMBADA	Como se chama aquele morrinho atravessado no asfalto para os carros diminuírem a velocidade?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>lombada</i> • <i>quebra-molas</i> • <i>tartaruga</i> 	72 72 08	47 47 05	0,47 0,47 0,05
199	CALÇADA/ PASSEIO	Na cidade, os automóveis andam no meio da rua e as pessoas nos dois lados, num caminho revestido de Lages ou ladrilhos. Como chamam aqui este caminho?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>calçada</i> • <i>pedestre</i> • <i>calçamento</i> • <i>passeio</i> • <i>via do pedestre</i> • <i>calçada do pedestre</i> 	72 39 12 12 04 02	53 28 08 08 02 01	0,53 0,28 0,08 0,08 0,02 0,01
200	MEIO-FIO	Como se chama aquela parte, um pouco mais alta que a rua, que separa a rua da calçada?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>meio-fio</i> • <i>sarjeta</i> • <i>cordão</i> • <i>guia</i> 	72 12 24 04	66 11 22 03	0,66 0,11 0,22 0,03
201	ROTATÓRIA	Como se chama um desvio redondo em cruzamentos movimentados, para facilitar o trânsito?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>retorno</i> • <i>balão</i> • <i>redondo</i> • <i>contorno</i> • <i>rotatória</i> • <i>trevo</i> 	40 28 44 12 72 12	19 13 21 05 34 05	0,19 0,13 0,21 0,05 0,34 0,05
202	LOTE/ TERRENO/ DATA	Como se chama aquela área que é preciso ter ou comprar para se fazer uma casa na cidade?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>terreno</i> • <i>chão</i> • <i>lote</i> • <i>data</i> 	72 08 72 40	37 04 37 20	0,37 0,04 0,37 0,20
203	BALA/ CONFEITO/ BOMBOM	Como se chama aquilo embrulhado em papel colorido que se chupa?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>bombom</i> • <i>bala</i> • <i>balinha</i> • <i>doce</i> • <i>caramelo</i> 	08 72 28 44 24	04 40 15 25 13	0,04 0,40 0,15 0,25 0,13
204	PÃO (francês)	Como se chama aquele pão pequeno muito comum nas padarias e mercados?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>pão</i> • <i>pão francês</i> • <i>pãozinho</i> • <i>cacetinho</i> 	28 64 72 23	14 34 38 12	0,14 0,34 0,38 0,12
205	PÃO (bengala)	Como se chama aquele pão comum, maior que o pãozinho?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>bisnaga</i> • <i>pão</i> • <i>bengala</i> • <i>broa</i> • <i>caseiro</i> 	08 72 72 12 02	04 43 43 07 01	0,04 0,43 0,43 0,07 0,01
206	ÔNIBUS (urbano)	Como se chama a condução que leva mais ou menos 40 passageiros que faz o percurso dentro da cidade?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>coletivo</i> • <i>expresso</i> • <i>condução</i> • <i>ônibus</i> • <i>circular</i> • <i>lotação</i> • <i>cata louco</i> 	20 08 08 32 72 24 12	11 04 04 18 40 13 06	0,11 0,04 0,04 0,18 0,40 0,13 0,06
207	ÔNIBUS (interurbano)	Como se chama a condução de mais ou menos 40 lugares e que faz o percurso de uma cidade a outra?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>ônibus</i> • <i>condução</i> • <i>expresso</i> • <i>jardineira</i> • <i>busão</i> 	72 20 08 08 12	60 16 06 06 10	0,60 0,16 0,06 0,06 0,10
208	PONTO/ PARADA	Como se chama o local de embarque e desembarque de passageiros de ônibus urbanos?	<ul style="list-style-type: none"> • <i>parada</i> • <i>ponto</i> 	72 20	78 22	0,78 0,22

Na questão 197: *Na cidade, o que costuma ter em cruzamentos movimentados, com luz vermelha, verde e amarela? [Onde os carros devem parar para as pessoas ou outros carros passarem?]*, para o objeto/conceito “sinaleiro”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: ***sinal/sinal de trânsito, semáforo, sinaleiro e farol***. As variantes com maior frequência, as mais usadas pelos falantes da região foram as lexias “semáforo” e “sinal”.

Para a questão 198: *... aquele morrinho atravessado no asfalto para os carros diminuir a velocidade?*, para o objeto/conceito “lombada”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: ***lombada, quebra-molas e tartaruga***. As variantes com maior frequência, as mais usadas pelos falantes da região foram as lexias “lombada” e “quebra-molas”.

Em resposta a questão 199: *Na cidade, os automóveis andam no meio da rua e as pessoas nos dois lados, num caminho revestido de lajes ou ladrilhos. Como chamam aqui este caminho?*, para o objeto/conceito “calçada/passeio”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: ***calçada, pedestre, calçamento, passeio, via do pedestre e calçada do pedestre***. As variantes mais usadas pelos falantes da região foram as lexias “calçada” e “(via)pedestre”.

Respondendo a questão 200: *... o que separa o ____ (cf. item 199) da rua?*, para o objeto/conceito “meio-fio”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: ***meio-fio, sarjeta, cordão e guia***. As variantes mais usadas pelos falantes da região foram as lexias “meio-fio” e “cordão”.

Na questão 201: *... um desvio redondo em cruzamentos movimentados, para facilitar o trânsito?*, para o objeto/conceito “rotatória”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: ***retorno, balão, redondo, contorno, rotatória e trevo***. As variantes com maior frequência, as mais usadas pelos falantes da região foram as lexias “rotatória” e “redondo”.

Como resposta para a questão 202: *... a área que é preciso ter ou comprar para se fazer uma casa na cidade?*, para o objeto/conceito “lote/terreno/data”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: ***terreno, chão, lote e data***. As variantes mais usadas pelos falantes da região foram as lexias “terreno”, “lote” e “data”.

Na questão 203: *... aquilo embrulhado em papel colorido que se chupa? (Mostrar) PEDIR PARA DESCREVER.*, para o objeto/conceito “bala/confeito/bombom”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: ***bombom, bala, balinha, doce e caramelo***. As variantes mais usadas pelos falantes da região foram as lexias “bala” e “doce”.

Ao responder a questão 204: *... isto? (Mostrar)*, para o objeto/conceito “pão francês”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: ***pão, pão francês, pãozinho e***

cacetinho. As variantes com maior frequência, as mais usadas pelos falantes da região foram as lexias “pão francês” e “paõzinho”.

Na questão 205: ... *isto?* (*Mostrar*), para o objeto/conceito “pão bengala”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: *bisnaga, pão, bengala, broa e caseiro*. As variantes mais usadas pelos falantes da região foram as lexias “pão” e “bengala”.

Em resposta a questão 206: ... *a condução que leva mais ou menos quarenta passageiro que faz o percurso dentro cidade ?*, para o objeto/conceito “ônibus urbano”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: *coletivo, expresso, condução, ônibus, circular, lotação e cata louco*. As variantes com maior frequência, as mais usadas pelos falantes da região foram as lexias “circular” e “ônibus”.

Já na questão 207: ... *a condução que leva mais ou menos quarenta passageiro que faz o percurso de uma cidade a outra ?*, para o objeto/conceito “ônibus interurbano”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: *ônibus, condução, expresso, jardineira e busão*. As variantes com maior frequência, as mais usadas pelos falantes da região foram as lexias “ônibus” e “condução”

Na questão 208: ... *local de embarque e desembarque de passageiro dos ônibus urbanos?*, para o objeto/conceito “ponto/parada”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: *parada e ponto*. As variantes com maior frequência, as mais usadas pelos falantes da região foram as lexias “parada” e “ponto”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao escrever as considerações finais deste trabalho, as lembranças dos colaboradores, que muito além de responderem um questionário, compartilhavam parte de suas histórias de vida, suas experiências, suas memórias e seus sonhos reacende o desejo de continuar e aprofundar os estudos. Como diz Santiago-Almeida (2012), ao ressaltar o testemunho de Cintra datado de 1962, quanto ao sabor de se estudar a linguagem através da Dialetologia:

[...] Isso é fato. Porque quem experimenta fazer pesquisa nessa área, por pouco tempo que seja, percebe logo que, além do interesse científico dos falares regionais e/ou locais, desperta outro muito nobre: é o interesse pelo humano ou pela gente que são agentes desses falares (SANTIAGO-ALMEIDA, p.23, 2012).

Os inquéritos do Atlas Semântico-Lexical do Norte de Mato Grosso têm mostrado grande variação lexical nos usos linguísticos dos falantes do PB dessa região. As manifestações linguísticas dos migrantes, oriundos de diversas regiões do país, deu-se através de suas falas que revelaram mais que uma grande diversidade linguística, suas culturas, seus valores, suas histórias e suas experiências de vida.

Um dos resultados alcançados foi a junção, a reunião de um significativo número de lexias que pode-se denominar de ‘inventário linguístico’ do PB falado no norte do Estado de Mato Grosso. Inventário obtido com a aplicação do QSL/ALiB, a partir da combinação de alguns parâmetros e dimensões em cada um dos pontos de inquérito da pesquisa, selecionados a partir de uma análise sociológica detalhada feita antes do levantamento de dados linguísticos, através de perfil sociológico traçado da localidade e dos informantes, antes de iniciar o trabalho de coleta dos dados linguísticos.

Ao sistematizar os dados optamos por agrupá-los em um grande quadro, autoexplicativo, o quadro das variações semântico-lexicais, explicitando o máximo possível da diversidade linguística dessa região. Neste quadro, as frequências absolutas e relativas contribuem para a explicitação dos aspectos topostáticos e topodinâmicos. Por ser resultado da aplicação de um questionário semântico-lexical, o produto gerado pode ser considerado um ‘inventário lexical’, constituente do léxico de diferentes grupos de migrantes que a partir das últimas décadas passaram a constituir parte do ‘território incaracterístico’, no Norte de Mato Grosso.

Outro aspecto que essa pesquisa revela, como vantagem, é a possibilidade de seus resultados dialogarem com outros projetos, tanto o nacional, como o ALiB, quanto os regionais, estaduais devido ao emprego do Questionário Semântico-Lexical (QSL) elaborado pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB).

Dizer que para a realização desta pesquisa seguiu-se os pressupostos teórico-metodológicos da Dialetoologia Pluridimensional e Contatual (RADTKE; THUN, 1996; 2005), foi uma atitude muito audaciosa. Fazer uma defesa da aproximação, ou melhor, de uma intersecção maior da Dialetoologia com a Sociolinguística exige-se uma disposição de trilhar por um percurso pouco trilhado. Mas a cada passo desse processo, à medida que se encontravam algumas respostas para as questões outras tantas se formulavam. A Geolinguística, que surgiu com a obrigação de dar nova roupagem à tradicional Geografia Linguística se firma e caminha para tornar-se uma verdadeira ciência da variação, incorporando cada vez mais os avanços da Sociolinguística, deixando de ser monodimensional (diatópica, espacial), mas pluridimensional, com novos parâmetros, dimensões e critérios.

Reconhecem-se as contribuições de Harald Thun para a evolução dos estudos dialetológicos e a geolinguísticos que passaram a ser denominados de Dialetoologia Pluridimensional, porque o estudo da variação passou a acontecer no espaço antropogeográfico. Isto é, o linguista que antes estudava a variação linguística em um espaço geográfico passou a incluir outros fatores, parâmetros e dimensões e o espaço se torna tridimensional em que as relações se tornam possíveis. Por isso se chama também Geolinguística Pluridimensional.

Outro aspecto desta pesquisa diz respeito aos limites geográficos. Mesmo em se tratando de uma pesquisa regional é impossível limitar-se apenas à zona de pesquisa. As variedades ultrapassam as fronteiras políticas, a língua e suas variedades viajam com os falantes, no bojo de suas memórias e estes migram constantemente. Como ocorre e ocorreu no Nortão de Mato Grosso, cada falar veio com sua gente.

Depois de uma pequena caminhada nas trilhas da Geolinguística, percebe-se que ainda ficaram sem respostas algumas perguntas centrais, feitas ao pesquisador, como as que Altenhofen, (2013) apontara e as retomo aqui: a) Que questões teórico metodológicas nos permitem abordar a complexidade da variação linguística em situações de migração intensa e recente? b) Do ponto de vista macro linguístico brasileiro, os processos migratórios ocorridos no Norte de Mato Grosso são relevantes? Considerando o *corpus* da pesquisa como um dado empírico? e c) O que caracteriza o comportamento linguístico de

populações migrantes, considerando a difusão, territorialização e reconfiguração de “modos de falar” em contato e em movimento numa determinada espacialidade e temporalidade?

A partir destes dados, torna-se indispensável a realização de novos estudos, ou de novas etapas de um grande trabalho científico, a elaboração do Atlas Linguístico do Norte de Mato Grosso, que por razões de tempo e quantidade de informação, apenas parte desta dissertação o constitui. Acreditamos que a partir deste trabalho abrem-se caminhos para um Atlas Linguístico do Norte de Mato Grosso, pluridimensional, que tenha como foco a questão da variação e mudança linguística – de ordem topodinâmica, segundo THUN (1996).

Nos cartogramas focou-se na representação dos parâmetros topostático e topodinâmico, enquanto subdivisões do parâmetro diatópico. O topostático é o modelo tradicional, aquele que aborda os grupos de falantes fixos à localidade, enquanto que o topodinâmico aborda um grupo de falantes móveis, que considera a migração uma nova territorialização dos grupos linguísticos. Com esta subdivisão, a Geolinguística considera os falantes brasileiros que não moram mais nas localidades onde nasceram. Essa é a realidade do estado de Mato Grosso que foi povoado ou ocupado por sucessivos processos de migração e muitos de seus habitantes não nasceram aqui, porém o que interessa saber é como podemos fazer pesquisa geolinguística nesse espaço.

Como elaborar um estudo dialetológico, no caso específico do estado de Mato Grosso que existem mais de 30 línguas indígenas e faz divisa com um país de língua espanhola, sem considerar o contato linguístico? Ao focar para essa região, mais especificamente ainda para o Norte do Estado de Mato Grosso, que além das línguas indígenas recebeu e está recebendo migrantes de todas as regiões do país, o aprofundamento desse estudo, não por um único pesquisador, mas por um grupo de pesquisadores, deverá ser tarefa prioritária de nossa universidade.

A inclusão do parâmetro contatual significa, ao mesmo tempo, a abertura de um novo campo de trabalho para a Geolinguística, que passa a poder documentar cartograficamente a descrição das minorias, sendo necessário um constante aprender fazer sociolinguístico (Altenhofen, 2013).

Alguns atlas vêm tentando aumentar a representatividade dos dados por meio da consideração de vários informantes por ponto de inquérito. Essa representatividade pode ocorrer de duas maneiras: a pluralidade de várias vias que consiste em aplicar o questionário para vários informantes, porém entrevistando cada um separadamente e pluralidade

simultânea que consiste em aplicar os questionários para dois ou mais informantes pertencentes a parâmetros idênticos. No presente trabalho experimentamos esses dois modelos ou técnicas. O que mais produziu resultados foi a aplicação dos questionários levando em conta a pluralidade simultânea, quando, no mínimo, dois sujeitos de perfis similares respondiam ao questionário, concomitantemente. Era nítido o aumento de interação entre os sujeitos da pesquisa.

Com o desenvolvimento da pesquisa, através da passagem por cada etapa, o complexo contexto pluridialetoal, ou multidialetoal existente no Norte do Estado de Mato Grosso, se revelava num emaranhado de fenômenos, que em muitas situações dava vontade de recomeçar tudo para incluir outros parâmetros na tentativa de explicar aquela realidade. Mas, por conseguinte, chegamos ao final deste trabalho (dissertação), convicto da necessidade de continuação.

REFERÊNCIAS

- AGUILERA, Vanderci de Andrade (Org.). **A geolinguística no Brasil** – caminhos e perspectivas. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 1998.
- _____. **Diversidade fonética no Brasil**. Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina, 1997.
- _____. **Aspectos linguísticos da fala londrinense** - esboço de um atlas linguístico de Londrina. Assis, 1987. Dissertação de Mestrado.
- _____. **Atlas Linguístico do Paraná (ALPR)**. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 1994.
- _____. **Atlas Linguístico do Paraná: apresentação**. Londrina: UEL, 1996.
- _____. Atlas Linguístico do Paraná: veredas. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (Org.). **A geolinguística no Brasil** – caminhos e perspectivas. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 1998, p. 99-135.
- _____. Informações sobre outros Atlas em andamento. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (Org.). **A geolinguística no Brasil** – caminhos e perspectivas. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 1998, p. 197-203.
- ALTENHOFEN, Cléo Vilson e KLASSMANN, Silfredo. (Org.) **ALERS – Atlas Linguístico-etnográfico da Região Sul do Brasil** – Cartas Semântico-Lexicais. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Florianópolis: Editora da UFSC, 2011.
- _____. **ALERS – Atlas Linguístico-etnográfico da Região Sul do Brasil** – Cartas Fonéticas e morfosintáticas. –2. ed., Porto Alegre: Editora da UFRGS; Florianópolis: Editora da UFSC, 2011.
- ALTINO, Fabiane Cristina (Org.). **Múltiplos olhares sobre a diversidade linguística: uma homenagem à Vanderci de Andrade Aguilera**. Londrina: Midiograf, 2012.
- ALVAR, Miguel. **Los Conceptos de Lengua, Dialecto e Habla**. Nueva Revista de Filología Hispánica. Madrid, 1961.
- _____. **Estruturalismo, Geografia Linguística e Dialectologia Atual**. Madrid: Gredos, 1973.
- _____. **Estudios Sociolingüísticos**. Universidad Autonoma del México, México, 1974.
- _____. **Estudios de Geografía Linguística**. Colección Filológica. Madrid: Editora Paraninfo, 1991
- AMARAL, Amadeu. **O dialeto caipira**. 2. ed. São Paulo: HUICITEC/Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976.
- ANDRADE, Nadja Maria Cruz de. **Atlas Linguístico de Sergipe**. Universidade Federal da Bahia. Salvador: Bahia, 1990.
- _____. A situação da geografia linguística no Brasil. In: GÄRTNER, Ebehrard (Ed.).

Pesquisas linguísticas em Portugal e no Brasil. Frankfurt am Main: Vervuet; Madrid: Iberoamericana, 1997, p. 79-97.

_____. Atlas Linguístico da Paraíba. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (Org.). **A geolinguística no Brasil – caminhos e perspectivas.** Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 1998, p. 55-77.

_____. **Aspectos léxicos do Atlas Linguístico da Paraíba.** Estudos: linguísticos e literários, Salvador, Mestrado em Letras/UFBA, n. 5, p. 129-150, 1986.

_____. **Atlas Linguístico da Paraíba (ALPB), I-II.** Brasília: Universidade Federal da Paraíba/CNPq, 1984.

ANDREAZZA, Maria Luiza; NADALIN, Sérgio O. História da ocupação do Brasil. IN; MELLO, H.; ALTENHOFEN, C.; RASO, T. (org.) **Os contatos linguísticos no Brasil.** Belo Horizonte, Editora da UFMG, 2011.

BASÍLIO, Margarida. **Estruturas lexicais do português.** Petrópolis: Vozes, 1980.

BIDERMAN, Maria Tereza. **A estruturação do léxico e a organização do conhecimento.** Letras de hoje, Porto Alegre, PUC - Rio Grande do Sul, n. 70, p. 81-96, dez. 1987.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Do campo para a cidade: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais.** São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

_____. **Manual de Sociolinguística.** São Paulo: Contexto, 2014.

_____. **Nós chegamos na escola, e agora?** Coleção: sociolinguística e educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BRANDÃO, Silvia Figueiredo et al. **A linguagem do pescador fluminense.** In: I Congresso Internacional da Faculdade de Letras da UFRJ. Anais... Revista Letra, n.3, p. 99-102, out. 1989.

_____. **A geolinguística no Brasil: resultados e perspectivas.** Terceira margem: Revista da Pós-Graduação em Letras, Rio de Janeiro, UFRJ, v. 3, n. 3, 1995.

_____. **A geografia linguística no Brasil.** São Paulo: Ática, 1991.

CALLADO, Anamaria. **Dimensões do bilinguismo nas comunidades de origem germânica no Estado de Santa Catarina.** Rio de Janeiro, Universidade Gama Filho, 1984. Dissertação de Mestrado.

CALLOU, Dinah, MARQUES, Maria Helena Duarte. **Os estudos dialectológicos no Brasil e o Projeto da norma linguística culta.** Littera, Rio de Janeiro, n. 8, p. 100-111, 1973.

_____. Caminhos e perspectivas da Dialectologia e da Sociolinguística no Brasil: variação e ensino. In: CARDOSO, Suzana (Org.). **Diversidade linguística e ensino.** Salvador: EDUFBA, 1996, p. 99-104.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica.** São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

CAMACHO, Roberto Gomes. **Conflito entre norma e diversidade dialetal no ensino da língua portuguesa**. Araraquara, 1984. Tese de Doutorado.

_____. **Da linguística formal à linguística social**. São Paulo: Parábola, 2013.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 1970.

_____. **História e estrutura da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão, 1977.

CAMPOS, Ari Santos de. **Variedades dialetais de Santa Catarina**. Teias, Revista Lítero-Cultural, Florianópolis, n. 2, p. 59-75, dez. 1989.

CAMPOS, Custódio F. de. **Falares catarinenses**. Boletim da Comissão Catarinense de Folclore. v. 3, n. 11, p. 5-14, 1952.

CARDOSO, Carolina Rodrigues, SCHERE, Maria Marta Pereira, LIMA-SALLES, Heloisa Maria Moreira e PACHECO, Cíntia (Orgs.) **Varição Linguística: contato de línguas e educação**. Coleção: Linguagem e Sociedade – Vol. 05. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013.

CARDOSO, Suzana (Org.). **Diversidade linguística e ensino**. Salvador: EDUFBA, 1996.

_____, Suzana Alice Marcelino da Silva. **Processos de “negação” no dialeto de Gararu (Sergipe)**. Salvador, UFBA, 1979. Dissertação de Mestrado.

_____. **Documentos 4: Projeto Atlas Linguístico do Brasil**. Salvador: Vento Leste, 2013.

_____. **Documentos 3: Projeto Atlas Linguístico do Brasil - Vozes do X Workalib: amostras do Português Brasileiro**. Salvador: Vento Leste, 2013.

_____. **Geolinguística: tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

_____. **A dialectologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.

_____. **Dois estudos sobre o léxico dos ‘falares baianos’**. Salvador: Centro de Estudos Baianos, 1985.

_____. A vitalidade de sarolha nos falares baianos. In: FERREIRA, Carlota et al. **Diversidade do português do Brasil**. Estudos de dialectologia rural e outros. 2. ed. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1994, p. 43-52.

_____. O Atlas Linguístico do Brasil: um projeto nacional. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (Org.). **A geolinguística no Brasil – caminhos e perspectivas**. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 1998, p. 165-176.

_____. Perspectivas para a Dialectologia no Brasil. In: CARDOSO, Suzana (Org.). **Diversidade linguística e ensino**. Salvador: EDUFBA, 1996, p. 105-112.

CARUSO, Pedro. **Amostra de um inquérito linguístico prévio para o Estado de São Paulo**. ALFA, São Paulo, n. 26, p. 69-77, 1982.

_____. Metodologia da pesquisa dialectológica. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (Org.). **A geolinguística no Brasil – caminhos e perspectivas**. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 1998, p. 189-195.

CARVALHO, Félix de. **Falares Crioulos do Brasil (um tema em debate)**. Rio de Janeiro, 1977. Dissertação de Mestrado.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de (Org.). **Português culto falado no Brasil**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1989.

_____. O português no Brasil. In: ILARI, R. **Linguística românica**. São Paulo: Ática, 1992, p. 237-269.

CASTRO, S. P. e Outros. **A Colonização Oficial em Mato Grosso: a nata e a borra da sociedade**. Cuiabá: Edufmat, 1994.

CHAMBERS, J.K. y TRUDGILL, P. (1994) **La Dialectología**. Trad. Carmen M. Gonzalez. Visor Libros, Madrid.

CINTRA, L. F. Lindley. **Estudos de dialectologia portuguesa**. Lisboa: Sá da Costa, 1983.

COMITÊ CIENTÍFICO DO PROJETO ALIB. (1998) **Atlas Linguístico do Brasil: Questionário**. Londrina: Ed. UEL.

CONSEJO SUPERIOR DE INVESTIGACIONES CIENTÍFICAS. **Atlas Linguístico de la Península Ibérica (ALPI)**, I, Fonética. Madrid: CSIC, 1962.

CONTINI, Michel, TUAILLON, Gaston et al. **Atlas Linguistique Roman (ALIR)**, I. Roma: Istituto Poligrafico e Zecca dello Stato, 1956.

COSERIU, Eugênio. **El Hombre e Su Lenguaje: Estudios de la Teoria y Metodologia Linguística**. Madrid, Gredos, 1987.

_____. **La Geografía Linguística**. 2. Ed. Madrid: Visor Libros, 1990.

_____. **O homem e sua linguagem**. Rio de Janeiro/São Paulo: Presença/USP, 1982.

COX, Maria Inês Palharin. Quanto vale o falar cuiabano no mercado linguístico matogrossense. In: Maria Inês Pagliarini Cox. (Org.). **Que português é esse? Vozes em conflito**. 1 ed. São Carlos e Cuiabá: Pedro & João e EdUFMT, 2005.

CROCI, Frederico. A imigração no Brasil. IN; MELLO, H.; ALTENHOFEN, C.; RASO, T. (org.) **Os contatos linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte, Editora da UFMG, 2011.

CUNHA, Celso. **Língua portuguesa e realidade brasileira**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1970.

_____. **Língua, nação e alienação**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

DALLA PRIA, Albano, MORALIS. Edileusa Gimenes, CARDOSO-CARVALHO, Valéria Faria e CARVALHO, Gislaine Aparecida de.(Orgs). **Linguagem e Línguas: invariância e variação**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2014.

ELIA, Sílvio. **Unidade Linguística do Brasil: Condicionamento Socio-Econômico**. Rio de Janeiro, Padrão.

ELIZAINCÍN, A. **Dialectología de los contactos: un ensayo metodológico**. Anuario de

Letras, México, v. 26, 1988.

FAUSTO, Carlos. **Inimigos Fiéis. História, Guerra e Xamanismo na Amazônia.** São Paulo: EDUSP, 2001.

FERRAZ, A. P. Produtividade lexical no Português Brasileiro: O que pode informar um observatório de neologismos?. In: PERNAMBUCO, J; FIGUEIREDO, F. M; CÂMARA, S. N. (org.). **Textos e Contextos**; Coleção Mestrado em Linguística, v.07, Franca: Editora Unifran, 2011, p. 13- 36.

FERREIRA, Carlota et al. **Diversidade do português do Brasil.** Estudos de dialetologia rural e outros. 2. ed. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1994.

_____. **Atlas Linguístico de Sergipe (ALS).** Salvador: UFBA-FUNDESC, 1987.

_____. **A Geografia Linguística no Brasil.** D.E.L.T.A., São Paulo, PUC-SP, v. 11, n. 2, p. 255-277, 1995.

_____. Polimorfismo e léxico. In: FERREIRA, Carlota et al. **Diversidade do português do Brasil.** Estudos de dialetologia rural e outros. 2. ed. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1994, p. 101-106.

FERREIRA, João Carlos Vicente. (1997) **Mato Grosso e seus Municípios.** Secretaria de Estado de Educação. Cuiabá - MT.

_____. **Cidades de Mato Grosso: Origem e Significado de seus Nomes.** Cuiabá: Ed. Buriti, 1989.

FIGUEIREDO, Mara Eliane. **A negação no português: considerações sobre suas variedades dialetais.** Campinas, 1976. Dissertação de Mestrado.

FIORIN, José Luiz (Org.) **Linguística? Que é Isso?** São Paulo: Contexto, 2013.

FONSECA, Maria Angélica Nogueira Pimentel. **Em torno do vocabulário da mandioca.** Subsídios para o estudo de um campo semântico conceitual. ALFA - Revista de Linguística, São Paulo, n. 27, p. 31-38, 1983.

FONSECA, Maria Stella V., NEVES, Moema F. (Orgs.). **Sociolinguística.** Rio de Janeiro: Eldorado Tijuca, 1974.

FURLAN, Oswaldo Antônio. **Atlas linguístico da Região Sul do Brasil permite corrigir verbetes de Açorianismos nos dicionários.** Insula, Ponta Delgada, v. 50, n. 2, p. 431-441, 1994.

_____. **Influência açoriana no português do Brasil em Santa Catarina.** Florianópolis: UFSC, 1989.

GAIO, Antônio Pereira. **Palavras e coisas: o carro de boi na zona da mata mineira.** Rio de Janeiro, 1978. Dissertação de Mestrado.

GARCÍA, Constantino, SANTAMARINA, Antón (Direts.). **Atlas Linguístico Galego (ALGA), I, 1-2 (Morfología Verbal).** A Coruña: Fundación Pedro Barrié de la Maza, 1990.

GILLIÉRON, Jules. **Atlas Linguistique de la France (ALF)**, 35 fasc.. Paris: Honoré Champion, 1902-1910.

GUY, Gregori Riordan, ZILLES, Ana. **Sociolinguística quantitativa**: instrumental de análise. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HEAD, Brian F. Os parâmetros da variação dialectal no português do Brasil. In: DUARTE, Inês, LEIRIA, Isabel (Orgs.). **Congresso Internacional sobre o Português**. Actas... Lisboa: A. P. L./Colibri, junho 1996. p.141-165.

HOUAISS, Antônio. **O português no Brasil**. Rio de Janeiro: UNIBRADE/UNESCO, 1985.

HUDSON, Richard Anthony. **Sociolinguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.

ILARI, Rodolfo e BASSO, Renato. **O português da gente**: a língua que estudamos a língua que falamos. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2011.

_____. **Gramática do Português Falado**. Níveis de Análise Linguística. 2º edição. Unicamp: São Paulo, 1989.

ISENSEE, Dinah Maria Montenegro. **O falar de Mato Grosso (Bahia)**. Fonêmica: aspectos da morfo-sintaxe e do léxico. Brasília, UnB, 1964. Dissertação de Mestrado.

ISQUERDO, Aparecida N. “Marcas” do popular rural no nível lexical: um estudo no campo do entretenimento infantil. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (Org.). **A geolinguística no Brasil** – caminhos e perspectivas. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 1998, p. 225-233.

_____. **Léxico regional e conservadorismo linguístico**. In: XI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística. Actas... Lisboa: Colibri Artes Gráficas, set. 1996. p. 191-206.

_____. **Manifestações de valores mágico-religiosos num léxico regional**. Estudos Linguísticos XXVI, Campinas, Setor de Publicações/IEL/UNICAMP, p. 575-580, 1997.

_____. Vocabulário do seringueiro: campo léxico da seringa. In: ISQUERDO, Aparecida N., OLIVEIRA, Ana Maria P. Pires de (Orgs.). **As ciências do léxico** – lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande: UFMS, 1998, p. 89-98.

_____. **As ciências do léxico** – lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande: UFMS, 1998.

_____. **As Ciências do Léxico**: Lexicografia, Lexicologia e Terminologia. Vol. III. Campo Grande: Ed. UFMS; São Paulo, Humanitas, 2007.

_____. **As Ciências do Léxico**: Lexicografia, Lexicologia e Terminologia. Vol. V. Campo Grande: Ed. UFMS, 2010.

_____. **As Ciências do Léxico**: Lexicografia, Lexicologia e Terminologia. Vol. VII. Campo Grande: Ed. UFMS, 2014.

_____. **As Ciências do Léxico: Lexicografia, Lexicologia e Terminologia.** Vol. IV. Campo Grande: Ed. UFMS, 2010.

_____. **As Ciências do Léxico: Lexicografia, Lexicologia e Terminologia.** Vol. II. Campo Grande: Ed. UFMS, 2004.

KLASSMANN, Mário Silfredo. Notas Etnolinguístico à margem do Atlas Linguístico-Etnográfico do Brasil-Sul (ALERS). In: **Congresso Internacional da ABRALIN**, I, 1994, Salvador. Atas... v. II. Salvador: UFBA, 1997. Ed. informatizada.

KOCH, Walter. Contribuição do Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS) ao estudo da fronteira linguística entre o Brasil e o Uruguai. In: **Simpósio Internacional de Cooperação em Áreas de Fronteira.** Anais... Porto Alegre: 1995. p. 192-207.

_____. Mapeamento de áreas bilíngues no Rio Grande do Sul. In: **I Simpósio sobre Diversidade Linguística no Brasil.** Anais... Salvador: UFBA, 1986. p. 99-107.

KRIEGER, Maria da Graça. **Alguns problemas de definição lexicográfica.** Letras de Hoje, Porto Alegre, n. 54, p. 64-79, dez. 1983.

LABOV, Wamilli. **Modelos Sociolinguísticos.** Ediciones Cátedra, S.A. Madrid, 1983.

LIMA, José Leonildo. **A variação na concordância do gênero gramatical no falar cuiabano.** 2007. Tese (doutorado). Instituto de Estudos da Linguagem. Universidade de Campinas. Campinas 2007.

LINDLEY CINTRA, L.F. **Estudos de Dialectologia Portuguesa.** Coleção Nova Universidade, Sá da Costa Editora: Lisboa, 1987.

LOPE BLANCH, M. La sociolinguística y la dialectología hispánica. In: ALVAR, M., LOPE BLANCH, M. **En torno a la sociolinguística.** México: UNAM, 1978, p.33-58.

LÓPEZ MORALES, Humberto. **Sociolinguística.** Editorial Gredos: Madrid, 1989.

MACEDO, Alzira Tavares de, RONCARATI, Cláudia, MOLLICA, Maria Cecília (Orgs.). **Variação e discurso.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

MARROQUIM, Mário. **A língua do Nordeste.** 3. ed. Curitiba: HD Livros, 1996.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. **Mudança Linguística: uma abordagem baseada no uso.** Coleção: Leituras introdutórias em linguagem. São Paulo: Cortez, 2011.

MARTINS, Marco Antonio, VIEIRA, Sílvia Rodrigues e TAVARES, Maria Alice (Orgs.). **Ensino de Português e Sociolinguística.** São Paulo: Contexto, 2014.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **A formação de uma área dialetal do português.** Ciência e Cultura, SBPC, n. 35/36, p. 735-742, 1983.

_____. **A sócio-histórica do Brasil e a heterogeneidade do português brasileiro: algumas reflexões.** Boletim ABRALIN, Salvador, ABRALIN, n.17, p. 73-86, 1995.

MELLO, Heliana, ALTENHOFEN, Cléo Vilson e RASO, Tommaso (Orgs.). **Os contatos linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

MELO, Gladstone Chaves de. **A língua do Brasil**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1971. (Série Universidade n. 6).

MOLLICA, Maria Cecília e BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). 4ª edição, 2ª reimpressão. **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2013.

_____. **Redes sociais em grandes cidades**. Revista Internacional de Língua Portuguesa, Lisboa, Associação das Universidades de Língua Portuguesa, n. 12, p. 29-36, dez. 1994.

MONTES GIRALDO, J.J.. **Dialetologia e Geografia Linguística: Notas de Orientação**. Publicaciones del Instituto Caro e Cuervo: Bogotá, 1970.

MOTA, Jacyra, ROLLEMBERG, Vera, SILVA, Myrian Barbosa da. Dialeto e idioleto: variação e método. In: CARDOSO, Suzana (Org.). **Diversidade Linguística e ensino**. Salvador: EDUFBA, 1996, p. 149-158.

_____. **A geolinguística no Brasil – caminhos e perspectivas**. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 1998, p. 79-98.

_____. **Diversidade do português: estudos de dialetologia rural e outros**. 2. ed. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1994, p. 141-146.

MOTA, Maria Antónia. Línguas em contacto. In: FARIA, Isabel Hub, PEDRO, Emília Ribeiro, DUARTE, Inês, GOUVEIA, Carlos A. M. **Introdução à linguística geral e portuguesa**. Lisboa: Editorial Caminho, S.A., 1996, p.505-533.

MOURA, Maria Denilda (Org.). **Contribuição de Mário Marroquim à pesquisa sociolinguística no Brasil**. Maceió: EDUFAC, 1997.

MOUTON, Pilar Garcia (Ed.). **Geolinguística. Trabajos europeos**. Biblioteca de Filología Hispánica. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1994.

MUSSA, A. (1991). **O papel das línguas africanas na história do português do Brasil**. Rio de Janeiro: UFRJ. Dissertação de Mestrado.

NARO, J. Anthony, BRAGA, Maria Luiza. **A questão do tamanho da amostra**. Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, n. 117:5/6, p. 61-66, abr./jun. 1994.

_____. **Variação e mudança linguística: fluxos e contrafluxos na comunidade de fala**. Cadernos de Estudos Linguísticos, Campinas, UNICAMP/IEL, n. 20, p. 9-16, jan./jun. 1991.

_____. **Sobre as origens do português popular do Brasil**. D.E.L.T.A, n. 9 (nº especial), p. 437-455, 1993.

NASCENTES, Antenor. **Bases para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil**. Rio de Janeiro: MEC, Casa de Rui Barbosa, vol. I, 1958, vol. II. 1961.

_____. **O linguajar carioca**. 2. ed. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.

NEGRÃO, Esmeralda Vailati. **Utilização do léxico: estudo dos adjetivos**. Cadernos de Pesquisa, n. 23, p. 9-125, 1977.

NOGUEIRA, Albana Xavier. **Notícias de um Atlas em andamento: Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul – ALMS**. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (Org.). A geolinguística no Brasil – caminhos e perspectivas. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 1998, p. 143-154.

NORMAND, Claudine. **Convite à Linguística**. Tradução de Valdir do Nascimento Flores e Leci Borges Barbisan. São Paulo: Contexto, 2009.

OLIVEIRA, Alzir de. **O léxico da rapadura**. Rio de Janeiro, 1978. Dissertação de Mestrado.

OLIVEIRA, Ana Maria P. Pires de. **Léxico da música sul-mato-grossense: “marcas” de ruralidade**. Estudos Linguísticos XXIV, Campinas, Setor de Publicações/IEL/UNICAMP, p. 117-121, 1995.

_____. **O léxico do homem pantaneiro: considerações no campo da alimentação**. In: Congresso Internacional da ABRALIN, I, 1994, Salvador. Atas...v. II. Salvador: UFBA, 1997. Ed. informatizada.

_____. Regionalismos brasileiros: a questão da distribuição geográfica. In: ISQUERDO, Aparecida N., OLIVEIRA, Ana Maria P. Pires de (Orgs.). **As ciências do léxico – lexicologia, lexicografia, terminologia**. Campo Grande: UFMS, 1998, p. 107-113.

_____. **As Ciências do Léxico: Lexicografia, Lexicologia e Terminologia**. Campo Grande: Ed. UFMS, 2001.

OLIVEIRA, Dercir Pedro de. **O estudo dialetológico no Brasil: a volta ou a sedimentação de uma metodologia de trabalho?** In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (Org.). A geolinguística no Brasil – caminhos e perspectivas. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 1998, p. 235-241.

OLIVEIRA, D. P. (Org.). **ALMS - Atlas linguístico do Mato Grosso do Sul**. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2007.

OLIVEIRA, Marco Antônio de. **Aspectos da difusão lexical**. Revista de Estudos da Linguagem, Belo Horizonte, ano I, v. 1, p. 31-41, 1992.

OLIVEIRA, Maria Manuela. **Processos de intensificação no português contemporâneo**. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos, 1962.

PHILIPPSEN, Neusa Inês. **A constituição do léxico norte mato-grossense na perspectiva Geolinguística: abordagens sócio-semântico-lexicais**. 2013 Tese (doutorado) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. São Paulo, 2010. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. São Paulo, 2010.

PIAIA, I. I. **Geografia de Mato Grosso**. Cuiabá: Edunic, 1997.

PICOLI, Fiorelo. **O capital e a devastação da Amazônia**. 1.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

PISCIOTTA, Harumi. O lexical nos eixos horizontal e vertical. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (Org.). **A geolinguística no Brasil** – caminhos e perspectivas. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 1998, p. 243-252.

PONTES, Antônio Luciano. A sinonímia na terminologia do caju. In: ISQUERDO, Aparecida N., OLIVEIRA, Ana Maria P. Pires de (Orgs.). **As ciências do léxico** – lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande: UFMS, 1998, p. 257-263.

PONTES, Ismael. Regra variável e estrutura sociolinguística: um caminho para sistematização da variação linguística. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (Org.). **A geolinguística no Brasil** – caminhos e perspectivas. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 1998, p. 253-273.

POTTIER, Bernard. **Linguística geral: teoria e descrição**. Tradução e adaptação portuguesa de Walmírio Macedo. Rio de Janeiro: Presença: Universidade Santa Úrsula, 1978. p. 268-276.

_____. **Estruturas linguísticas do português**. São Paulo: Difusão européia do livro, 1972. p. 26-29.

PRETTI, Dino. **Sociolinguística: Os Níveis da Fala**. 6. Edição, Cia. Editora Nacional. São Paulo, 1987.

RADTKE, Edgar; THUN, Harald. **Nuevos caminos de la geolinguística románica**. Un balance. In: RADTKE, Edgar; THUN, Harald. *Neue Wege der Romanischen Geolinguistik*. Kiel: Westensee-Verlag, 1996. p. 25-49.

RASKI, Abdelhak, FERNANDES DE LIMA, Alcides, BARROS DE OLIVEIRA, Marilucia e OLIVEIRA DA COSTA, Eliane (Orgs.). **Estudos sociodialetais do Português Brasileiro**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2014.

_____. O Atlas Geo-Sociolinguístico do Pará: abordagem metodológica. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (Org.). **A geolinguística no Brasil** – caminhos e perspectivas. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 1998, p. 155-164.

RIBEIRO, J. (Et alii). **Esboço de Um Atlas Linguístico de Minas Gerais**. Mec/Casa Rui Barbosa: Rio de Janeiro, 1977.

ROBERTS, I., KATO, M. (Orgs.). **Português brasileiro: uma viagem diacrônica: homenagem a Fernando Tarallo**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993.

RODRIGUES, Ada Natal. **O dialeto caipira na região de Piracicaba**. São Paulo: Ática, 1974. (Ensaio, 5).

RODRIGUES, Aryon Dall' Igna. Levantamento e documentação da realidade linguística do Nordeste urbano e rural. In: **Segundo Seminário de Estudos sobre o Nordeste**. Salvador, 1975.

ROJO, Guilherme. **El Lenguaje, la Lengua y la Linguística**. Colección Filológica. Editora. Paraninfo: Madrid, 1989.

ROLLEMBERG, Vera Lúcia Sampaio. **A nasalidade no dialeto rural sergipano**. Salvador, 1980. Dissertação de Mestrado.

_____. Nasalidade e empréstimo. In: FERREIRA, Carlota et al. **Diversidade do português: estudos de dialectologia rural e outros**. 2. ed. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1994, p. 147-151.

RONA, José Pedro. **Aspectos metodológicos de la dialectología hispanoamericana**. Montevideo: Universidade de la República, 1958.

ROSSI, Nelson, FERREIRA, Carlota, ISENSEE, Dinah. **Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB)**. Rio de Janeiro: INL-MEC, 1963.

_____. **A Dialectologia**. Revista ALFA, Marília, FFCL de Marília, n. 11, p. 89-128, 1967.

_____. **Variação diatópica e sociolinguística**. In: II Congresso de Sócio-Etnolinguística, 1980, Niterói. Atas... Niterói: UFF/Instituto de Letras, 1984.

ROTAETXE, K. (1990) **Sociolinguística**. Coleccion: Linguística. Editorial Sintesis: Madrid.

SALVADOR, Gregório. **Estudios Sociolingüísticos**. Coleccion Filológica. Paraninfo. Madrid, 1987.

SANTANA, Paulo Manuel. **Vocabulário popular das ferramentas e máquinas**. Curitiba, 1983. Dissertação de Mestrado.

SANTIAGO-ALMEIDA, Manoel Mourivaldo. Para a história do português brasileiro: lote cuiabano. In: Cox, M. I. P. & SantiagoAlmeida, M. M. (orgs.). **Vozes cuiabanas: estudos linguísticos em Mato Grosso**. Cuiabá: Cathedral, 2005, p. 21-28.

_____. **Sobre o Falar Cuiabano e o Dialeto Caipira**. In: ALTINO, Fabiane Cristina (ORG.) Múltiplos Olhares sobre a diversidade linguística: uma homenagem a Vanderci de Andrade Aguilera. Londrina: Midiograf, 2012.

SANTOS, Irenilde Pereira dos. A fala da comunidade do Jardim São Francisco: análise de alguns aspectos linguísticos. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (Org.). **A geolinguística no Brasil – caminhos e perspectivas**. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 1998, p. 177-187.

_____. Considerações sobre um Atlas Linguístico da cidade de São Paulo. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (Org.). **Diversidade Fonética no Brasil**. Londrina: UEL, 1997, p.107-118.

SANTOS, Luis F. Erardi. **Raízes da História de Sinop**. Sinop – MT: Arte Design, 2011.

SELLA, Aparecida Feola, CORBARI, Clarice Cristina e BIDARRA, Jorge (Orgs.) **Pesquisas sobre Léxico**: reflexões teóricas e aplicação. Campinas, SP: Editora Pontes, 2012.

SEPLAN (Secretaria de Estado de Planejamento) (2002). **Histórico de Ocupação do Estado de Mato Grosso**. Disponível em <http://www.qmdmt.cnpm.embrapa.br>. Acesso em: 05 jan. 2015.

SILVA NETO, S. da. **Língua, cultura e civilização**. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1960.

_____. **Guia para estudos dialectológicos**. 2. ed., Belém, Conselho Nacional de Pesquisa, Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, 1957.

SILVA-CORVALÁN, C. **Sociolingüística: teoría y analisis**. Espanha: Alhambra, 1989.

SPINA, S. **História da língua portuguesa**. São Paulo: Ática, 1989.

TARALLO, Ferando. **A pesquisa Sociolingüística**. 2 Edição. São Paulo, Ática, 1988.

_____. **Línguas em Contato: Falares Crioulos**. Série Fundamentos, Editora Ática: São Paulo, 1987.

_____. **Fotografias sociolingüísticas**. São Paulo: Pontes, 1989.

THUN, Harald et al. **El atlas lingüístico diatópico y diastrático del Uruguay (ADDU)** - Presentación de un proyecto. Iberoromânia, Tübingen, n. 3, p. 26-62, 1989.

_____. **Atlas Lingüístico Guaraní-Románico: Sociología, Tomo 1, Comentarios, Tomo 2, Mapas**, con la colaboración de María Gloria Pereira Jacquet, Andreas Harder, Martín Ramírez Machuca y Johanne Peemöller. Kiel, Westensee-Verlag (Dialectologia Pluridimensionalis Romanica 2), 2002.

_____. A geolingüística pluridimensional, a história social e a história das línguas. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (org.). **Para uma história do português brasileiro, volume VII: vozes, veredas, voragens**. Londrina: EDUEL, 2009. Tomo II, p. 531-558.

_____. **Movilidad demográfica y dimensión topodinámica**. Los montevidianos en Rivera. In: RADTKE, Edgar & THUN, Harald [orgs.]. *Neue Wege der romanischen Geolinguistik: Akten des Symposiums zur empirischen Dialektologie*. Kiel : Westensee-Verl., 1996. p. 210-269.

_____. O comportamento lingüístico dos brasiguaios no Paraguai visto a partir do material do Atlas Lingüístico Guaraní-Románico (ALGR). In: DIETRICH, Wolf / NOLL, Volker (org.). **O português do Brasil: perspectivas da pesquisa atual**. Madri / Frankfurt a.M.: Iberoamericana; Vervuert, 2004. p. 169-191.

_____. Pluridimensional cartography. In: LAMELI, Alfred; KEHREIN, Roland & RABANUS, Christian (eds.). **Language mapping**. Berlin: de Gruyter Mouton, 2010a. p. 506-523.

TRUDGILL, Peter. **Sociolinguistics: an introduction**. Great Britain: Penguin Books, 1974.

VIEIRA, Hilda G. Fundamentos para organizar, implementar e manter um banco de dados geolingüísticos. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (Org.). **A geolingüística no Brasil – caminhos e perspectivas**. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 1998, p. 207-226.

_____. Sistema de transcrição de dados e elaboração de cartas lingüísticas. In: **Caminhos e Perspectivas para a Geolingüística no Brasil** - Salvador, Universidade Federal da Bahia, nov. 1996. p. 97-107.

VIOLA, Wanderléia Silva Carvalho. **O léxico guiratinguense na perspectiva dialetológica: aspectos semânticos-lexicais**. 2010. Dissertação (mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. São Paulo, 2010.

VOLPATO, Luiza. **Entradas e Bandeiras**. 2a edição, São Paulo, Global, 1986. (Coleção História Popular - 2).

ZÁGARI, Mário Roberto L. Os falares mineiros: esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (Org.). **A geolinguística no Brasil** – caminhos e perspectivas. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 1998, p. 31-54.

_____. **Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais (EALMG)**, I. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, Universidade Federal de Juiz de Fora, 1977.

ZAMBONIN, Devino João. **Léxico específico e cultura regional** - um exemplo amazônico. São Paulo, 1987. Tese de Doutorado.